

Justiça Divina X Justiça dos Homens



Descubra as Conseqüências Cármicas dos seus Atos

Sérgio Nogueira Reis



1. A EVOLUÇÃO
2. A REENCARNAÇÃO
3. O CARMA
4. A COSMOÉTICA
5. PROVAS CIENTÍFICAS DA IMORTALIDADE
6. EXPERIÊNCIAS DE QUASE-MORTE
7. PROJEÇÕES DA CONSCIÊNCIA
8. TERAPIA DE VIDAS PASSADAS
9. MEDIUNIDADE
10. JULGAMENTOS DIVINOS
11. GESTAÇÃO E ESPIRITUALIDADE
12. UMA VISÃO ESPIRITUAL DA BIOÉTICA
13. NASCIMENTOS ESPIRITUAIS
14. ABORTO: DIREITO OU CRIME
15. PAIS E FILHOS - RELAÇÕES CÁRMICAS
16. QUESTÕES DE FAMÍLIA
17. SEXUALIDADE EM FOCO
18. DIREITOS HUMANOS E ESPIRITUALIDADE
19. O PODER DA CURA ESPIRITUAL
20. AS FORÇAS OCULTAS
21. DOAÇÃO DE ÓRGÃOS
22. EUTANÁSIA: DELITO OU DIREITO
23. SEPULTAMENTO, CREMAÇÃO OU CONGELAMENTO?
24. PENA DE MORTE
25. CONCLUSÃO

“Deveis também aprender que o vencedor não é o mais forte – esse é um violador – e sim quem segue, conscientemente, o curso das leis e, sem violência, equilibra-se no seio das forças da vida. As religiões já o revelaram, entretanto, não acreditastes; a ciência o demonstrará, todavia não desejareis ver. O momento está maduro ... Novos homens divulgarão a verdade; não mais serão mártires cobertos de sangue, nem se assemelharão aos anacoretas de outrora, porém homens de inteligência e de fé, que difundirão seus pensamentos utilizando-se de moderníssimos recursos, homens que servirão de exemplo no meio do turbilhão de vossa vida ... Até lá, guardai a fé! A vossa crise, se é profunda e dolorosa, fará, no entanto, nascer o homem novo do terceiro milênio”. (1)

Pietro Ubaldi

Dedico este livro ao despertar da justiça divina, que habita no íntimo da sua consciência

O Autor

REFLEXÕES PARA O TERCEIRO MILÊNIO

“614. Que se deve entender por lei natural?

A lei natural é a lei de Deus. É a única e verdadeira para a felicidade do homem. Indica-lhe o que deve fazer ou deixar de fazer e ele só é infeliz quando dela se afasta.

615. É eterna a lei de Deus?

Eterna e imutável como o próprio Deus.

630. Como se pode distinguir o bem do mal?

O bem é tudo o que é conforme à lei de Deus; o mal, tudo o que lhe é contrário. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a lei de Deus. Fazer o mal é infringi-la”. (2)

Allan Kardec

Por estarmos no alvorecer de um novo milênio, naturalmente, existe uma abertura maior de entendimento e minimização de preconceitos, que foram sendo absorvidos ao longo do tempo, muitas vezes, de forma inconsciente.

Logo, entendo ser o momento mais oportuno para o lançamento desta obra, que é fruto de muita análise e reflexão sobre a essência do bem e do mal, bem como da Justiça Divina; abrangendo 15 anos de pesquisas espirituais, desde a minha formatura em Direito, pela Universidade Católica de Salvador, em 1984; incluindo muitos relatos de viagens iniciáticas ao Himalaia, Machu-Picchu, Jerusalém, Índia e Egito; além de 5 anos atuando como focalizador de terapias alternativas e de tratamentos espirituais, no Santuário Luz e Vida - Instituto Holístico para Auto-Cura, em Salvador-Bahia.

O meu primeiro livro, “Uma Visão Holística do Direito”, tem por objetivo resgatar a ética e a sensibilidade dos operadores da Justiça, investindo na celeridade dos julgamentos e na busca de alternativas mais conciliadoras de solução de conflitos; através da adoção e prática de um programa de “Qualidade Total”, destinado à elevação dos níveis de saúde do corpo físico, energético, emocional, mental e espiritual.

Já, a força deste livro baseia-se no apelo claro e direto à razão e bom senso do

leitor, na análise da principal mensagem desta obra; de que, cada um de nós, somos responsáveis por nossas ações, palavras e pensamentos; tendo que colher suas consequências, positivas ou negativas, de forma inexorável, no curso desta vida ou nas seguintes.

Infelizmente, na área da justiça humana, temos testemunhado uma situação, cada vez mais ampla de impunidade, pela demora e burocracia excessiva dos processos judiciais, além da ineficiência e despreparo da polícia. De forma que é imprescindível, despertar a atenção do leitor para as graves consequências cármicas dos seus atos, que terão sérias repercussões em sua vida espiritual, com a aplicação da Justiça Divina; como será demonstrado, minuciosamente, neste livro, analisando fatos marcantes ocorridos desde o momento do nascimento até depois do desencarne.

Vale salientar, que estes estudos estão fundamentados, além da minha vivência pessoal, em centenas de relatos científicos, experiências transcendentais e nos resultados de um questionário, elaborado por mim, para o Plano Espiritual, transcritos no final deste livro, colhidos por renomados escritores espiritualistas de linhas filosóficas diferentes, como os professores Divaldo Pereira Franco, Wagner Borges, Roberto Silva e sua esposa, Ilza Silva, além das respostas dos mentores espirituais do “Santuário Luz e Vida”; que ratificam, de modo incontestado, as teses constantes nesta obra.

Uma grande parcela das pessoas, principalmente aquelas que detêm alguma riqueza ou poder, estão acostumadas a tentar iludir as leis humanas; esquecendo-se que é impossível escapar das leis divinas, porquanto elas vigem no interior de nossas consciências.

O ilustre escritor Pietro Ubaldi, na sua famosa obra “A Grande Síntese”, leciona que:

“Em períodos de decadência espiritual, aparece uma degradação dos institutos jurídicos que os reconduz às origens; rebaixa-se o mínimo ético, reforça-se o elemento violência. Hoje, em direito, os dois elementos procuram equilibrar-se: justiça e sanção. A balança não sabe ser equânime sem a espada. Força e justiça dosarão, diferentemente, suas proporções e o direito conterà mais ou menos uma ou outra, de acordo com o seu grau de evolução”. (3)

Por outro lado, gostaria, também, de lembrar ao leitor a necessidade de estarmos cumprindo a nossa missão de vida ou programação encarnatória, sem máculas, pois, a qualquer momento, em decorrência do desencarne repentino, poderemos ser convidados a prestar contas dos nossos atos. A rigor, o que vivenciamos, no presente, já é uma prestação de contas dos atos pregressos; bem como o futuro será consequência de como estamos agindo agora. Portanto, mantenha sua consciência desperta, pois tudo estará conectado pela mesma frequência vibratória, que você emite a cada minuto.

Sabemos que a nossa sociedade exalta a mocidade, a vida, educando-nos para a negação da morte; sendo que esta reflexão nos leva a analisar o sentido mais profundo da nossa existência, pois assim, poderemos planejar e executar melhor nossas prioridades, respeitando os principais valores da nossa vida.

É importante lembrar que, no início deste milênio, as sagradas escrituras e a espiritualidade, começaram a perder seu lugar para as descobertas científicas, que foram muito importantes para a evolução da humanidade, naquele momento histórico, culminando com a Revolução Industrial, que promoveu a substituição dos valores religiosos pelos materiais.

Assim, da mesma forma que a espiritualidade pode resgatar a essência da justiça na consciência dos homens, devemos acender a centelha divina de nossos corações para iniciar um novo milênio, repleto de paz, luz e fraternidade, em todas as áreas da atividade humana; sendo oportuna a citação da escritora Cinira Riedel de Figueiredo:

“Não diz também o Bhagavad Gita, com cinco milênios de existência, que “um só pensamento de espiritualidade pode varrer kalpas (milênios) de Karma”? E não nos ensinou finalmente Cristo: “Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível”? Tudo isso é uma alegoria ao fato de quanto podem os princípios superiores sobre os inferiores; uma fração atômica daqueles pode fulminar uma tonelada destes”. (4)

CULTURA

Com as revoluções culturais e a liberação sexual, as normas morais, gradativamente, foram perdendo a sua antiga rigidez; entretanto os apelos comerciais e a mídia televisiva, vem ganhando muita influência na formação dos comportamentos e modelos impostos à sociedade, causando a proliferação de uma doença denominada de “normose”, nome criado pelo Reitor da UNIPAZ, Prof. Pierre Weil, para determinar comportamentos nocivos, que são aceitos como normais pela sociedade, tais como: comerciais exuberantes que estimulam os consumidores a fumar ou a beber; filmes violentos que induzem a população a se armar em prol da sua auto-defesa; programas musicais com danças e músicas eróticas e de duplo sentido, que levam ao despertar de uma sexualidade precoce em nossas crianças; e telenovelas que fazem as cenas de incestos, estupros, traições, adultérios e outras condutas reprováveis, no seio da família, parecerem normais e corriqueiras.

Assim, torna-se imprescindível a criação de um Código de Ética, que possa impedir a mídia de extrapolar, em busca da audiência, a qualquer preço, a veiculação de cenas apelativas, sem que para isso tenha de se restaurar o arcaico instituto da “Censura”.

Prêmio Nobel de Literatura de 1990, o poeta mexicano Octavio Paz, defende uma ética universal e o encontro cultural Ocidente-Oriente, para o próximo milênio:

“Agora temos que construir não só uma estética e uma poética do momento convergente, mas uma ética e uma política que acompanhem essa percepção de tempo e realidade. Nessa nova civilização o presente não seria sacrificado pelo futuro ou pela eternidade. Nem o presente seria vivido, como fazem as sociedades de consumo, na negação da morte. Pelo contrário, viveríamos em plena liberdade de nossa diversidade e sensualidade, no conhecimento da morte certa. Os fundamentos éticos da nova civilização exaltariam sem ilusões a liberdade e a criatividade; e procurariam preservar a pluralidade do presente – a pluralidade de tempos diferentes e a presença do “outro”. A política seria um diálogo de culturas. Vias plurais, e não um Caminho. No imaginário religioso, o politeísmo, e não o monoteísmo. A convergência de tempos, e não a causalidade linear. Sincronicidade. A ausência de

utopias. A estética do momento. São essas as novas condições que o Ocidente vem discutindo. Parece que, no “fim da história”, o Ocidente se encontra com o Oriente”. (5)

ECONOMIA

Da mesma forma, para que os recursos naturais do planeta não sejam totalmente exauridos, por uma industrialização predatória, deveremos criar um novo modelo de desenvolvimento sustentável, preservando a natureza e o meio ambiente para as gerações futuras.

Faz-se mister introduzir a espiritualidade e a compaixão no pensamento econômico vigente, porquanto a enorme desigualdade econômica, principalmente a que existe entre as nações desenvolvidas, as que estão em desenvolvimento e as pobres, é a maior fonte de sofrimento neste planeta. O aumento do consumismo das nações mais ricas ao custo da exploração desenfreada das riquezas naturais das mais pobres, levará o mundo a uma instabilidade política e social desastrosa, sendo oportuna a lembrança das previsões do renomado escritor Alvin Tofler a este respeito:

“O que veremos nas próximas décadas é uma triseção gradual do sistema mundial em Estados na Primeira Onda, ainda dependentes da agricultura, Estados na Segunda Onda, à sombra das chaminés das indústrias, e Estados na Terceira Onda, cada um com seus próprios interesses vitais, suas elites feudais, suas crises e programas. É nesse contexto que testemunhamos a ascensão de formas de guerra da Terceira Onda, totalmente sem precedentes, tais como a explosão do World Trade Center em Nova York, ou o último ataque com gás venenoso ao metrô de Tóquio. Esses incidentes deixam claro que o Estado perdeu o monopólio da violência para pequenos grupos de atores, geralmente independentes, que possuem conhecimento letal. No período de extrema turbulência e perigo do porvir, a sobrevivência dependerá de se fazer alguma coisa que ninguém faz há pelo menos dois séculos. Assim como inventamos uma nova forma de guerra, teremos que inventar uma nova “forma de paz” que utilize a descentralização do poder e do conhecimento para combater as formas de violência da Terceira Onda”. (5)

O conceito de “responsabilidade social” vem se espalhando, rapidamente, entre empresas de todo o mundo, levando-as a contribuírem cada vez mais, utilizando seus lucros excedentes, com as comunidades onde estão inseridas, através de programas de auxílio social, gerenciamento ambiental, doação a instituições de caridade, trabalho voluntário, dentre outras iniciativas de sucesso citadas por Michael Ray, no seu livro “O Novo Paradigma nos Negócios”. (6)

O Prof. Pierre Weil, também estudou os novos modelos econômicos para uma organização mais racional da utilização das riquezas materiais do planeta:

”A questão que nos parece essencial, diante do fato de os recursos materiais e vitais do planeta estarem limitados, é saber em que ponto se encontrarão o conforto essencial necessário para as regiões carentes do globo e a volta, também indispensável, a menos consumo e maior simplicidade das regiões desenvolvidas do Planeta.” (7)

Vale exemplificar, com o apelo veemente ao “compromisso social” em favor daqueles menos favorecidos (população pobre) de todos os países, em recente palestra proferida em Montreal - Canadá, pelo renomado economista John Kenneth Galbraith, de 90 anos, que desqualifica o sistema de mercado, adotado inclusive pelo Brasil na sua versão neoliberal, responsável pela globalização da miséria e do desconforto social.

Do mesmo modo, o ex-presidente francês François Mitterrand, ao participar de um simpósio na UNESCO, condenou o processo de “Globalização Selvagem”, que vem prejudicando o desenvolvimento das economias emergentes:

“Como podemos aceitar que milhões de homens, mulheres e crianças nos países pobres do Sul continuem a morrer diante das câmeras de televisão? Se esses terríveis lamentos nos levarem à compaixão, está muito bem. Mas ultimamente nossas reações têm sido apenas fruto de caprichos. Receio que nos últimos anos, nós, nos países ricos do Norte, passamos da indiferença envergonhada a uma indiferença complacente. Ao que parece, cada país só se preocupa com seu próprio quintal. Todo o interesse no desenvolvimento se esvaiu. Alguns governos chegam a dizer que, se os países pobres não conseguem superar as crises, o problema é deles e a culpa é provavelmente deles, porque

não estão tentando. É uma tragédia. A verdade é que o planeta se tornará inabitável se admitirmos a ilusão de que precisamos mantê-lo habitável apenas para uns poucos eleitos. É tolice pensar de outro modo. Em primeiro lugar faz sentido, do ponto de vista da expansão comercial, a incorporação de todos na economia global. E se criamos uma classe periférica global, excluindo do crescimento grandes regiões do globo, o recrudescimento de doenças como a AIDS, o fluxo de drogas, a destruição ambiental forjada pela pobreza maciça, cobrarão devidamente o preço da complacência nos tempos que virão. Por essas razões, precisamos garantir que os países pobres não fiquem nas bordas. Apesar da crença de que o mercado global é panacéia para todos os males, as desigualdades continuam a crescer. Contar somente com a assistência humanitária e as normas de mercado não basta para lidar com uma situação em que um quinto da humanidade vive abaixo da linha de pobreza. Em vez disso, precisamos de um “contrato de desenvolvimento” entre o Norte e o Sul. É preciso uma única visão global do desenvolvimento, assim como se chegou a uma única visão global do ambiente resultante da Eco-92, no Rio de Janeiro. Esse contrato deve se basear em um novo código ético-moral internacional.” (5)

Com efeito, é indispensável que a luz da espiritualidade possa nortear o pensamento econômico dos governantes, que terão suas responsabilidades cármicas cobradas no futuro, pela dor e sofrimento causados aos seus povos, sendo esta recomendação também direcionada aos líderes empresariais da “Nova Consciência”, pelo escritor Stephen R. Covey, em seu famoso livro, “Os Sete Hábitos das Pessoas Muito Eficazes”:

“Renovar a dimensão espiritual acrescenta liderança a sua vida. A dimensão espiritual é o seu centro, seu íntimo, seu comprometimento com o sistema de valores. Trata-se de uma área muito pessoal da vida, de importância suprema. Ela se nutre das fontes que o inspiram e elevam, vinculando-o às verdades de toda a humanidade. Cada pessoa faz isso de forma muito, muito diferente. Eu encontro consolo e renovação nas operações meditativas das sagradas escrituras, porque elas refletem o meu sistema de valores. Conforme leio e medito, eu me sinto renovado, equilibrado e pronto para ajudar os outros... A renovação espiritual exige tempo. Mas é uma atividade Quadrante II, e não podemos

recusar o tempo necessário a ela.” (8)

Esta mesma busca da bússola espiritual, tive a oportunidade de testemunhar, numa indústria do Pólo Petroquímico de Camaçari-Ba., ao conviver, profissionalmente, com o seu Diretor Financeiro à época, Roberto Cunha, que estava vivenciando uma crise de valores e problemas de saúde, enquanto tinha como “...lema o material, a fama, a marca do carro, o saldo bancário, a grife de roupa e o poder”.

Assim, depois de passar por um grande susto com a sua saúde, começou a investir na sua qualidade de vida e no seu auto-conhecimento; substituindo o seu modelo de negociação perde-ganha, pelo do ganha-ganha; realizando uma verdadeira “reengenharia mental” e o “upsizing”, com base no crescimento da receita, valorizando também a alma e culminando com sua viagem iniciática de peregrinação através do “Caminho de Santiago de Compostela”, tão bem narrada no seu livro “Um Homem em Movimento”. (9)

POLÍTICA

Constantemente, acompanhamos, pela imprensa, denúncias de suborno e corrupção envolvendo a classe política, em diversos países do mundo; demonstrando a falta de ética e de fidelidade às suas promessas de campanha e aos compromissos assumidos com seus eleitores.

Buscam-se políticos que sejam dedicados, verdadeiramente, à causa pública, honestos e vinculados aos programas dos seus partidos.

Após a queda do muro de Berlim, em decorrência do enfraquecimento do comunismo, a velha dicotomia entre a Esquerda e a Direita vem perdendo espaço para o que se convencionou chamar de “Terceira Via”, sendo abaixo conceituada pelo Prof. Norberto Bobbio.

“Em termos práticos uma política de Terceira Via é uma política de centro, mas idealmente ela se apresenta não como uma forma de compromisso entre dois extremos, mas como uma superação simultânea de um e de outro, e portanto como uma simultânea

aceitação e supressão deles... Destas Terceiras Vias o pensamento político, ou talvez seja melhor dizer o imaginário político, nos oferece uma miríade de exemplos. Creio ter insistido sobre isso mais do que o necessário, pois nestes últimos anos passou a fazer certo sucesso na esquerda em crise o ideal do socialismo liberal ou do liberal-socialismo, que é uma típica expressão de um pensamento terceiro-inclusivo. A combinação triádica nasce sempre no meio de uma crise, como reação ao temido esgotamento da vitalidade histórica de uma antítese”. (10)

Como exemplo prático do governo de “Terceira Via”, podemos citar o do primeiro ministro britânico Tony Blair, originário do Partido Trabalhista. Já o ex-presidente da antiga União Soviética é um legítimo representante da “Nova Consciência”, Mikhail Gorbachev, que em recente discurso na sede das Nações Unidas afirmou: “O uso ou ameaça de força já não pode nem deve ser um instrumento de política exterior. Este é o primeiro e mais importante componente de um mundo – não violento como um ideal ... Estamos falando de cooperação, que poderia ser mais exatamente chamada de co-criação e co-desenvolvimento... Devemos construir um novo mundo e devemos fazê-lo juntos”.

Outro renomado estadista, que lutou por décadas contra o “apartheid”, o presidente da África do Sul, Nelson Mandela, também clama por uma nova ordem política mundial:

“Para usar uma frase famosa de outra transição histórica, estamos presentes na criação. Sendo assim, há necessidade de desenvolver um senso de ordem no mundo. Para isso, é preciso estabelecer um vínculo direto entre os membros responsáveis da comunidade das nações, e a estabilidade e o progresso em termos globais. A recíproca é verdadeira: se os países querem usufruir os direitos da comunidade, precisam agir com responsabilidade. Os filósofos ensinam que os direitos de cidadania resultam da partilha de valores entre a causa comum. Nos preparativos para o novo século, cada país deve se constituir a partir de um conjunto de propriedades comuns, com o objetivo de ancorá-las no âmbito de uma nova ordem mundial legítima... Os governos devem zelar pelos altos ideais dos direitos humanos e, ao mesmo tempo, estar conscientes do realismo democrático que circunda essa questão. A negligência

dos direitos humanos é a receita correta para o desastre nacional e internacional. Os fortes movimentos separatistas encontrados em todo o mundo são alimentados pela negligência ... Hoje, os países ricos estão vivendo em um círculo glorioso de permanente luz econômica. Em torno dessa margem iluminada encontra-se um grupo secundário de países, vivendo numa espécie de penumbra econômica. Mais afastados, além do círculo de luz e da penumbra, o grande número de países e povos do mundo vivem em trevas econômicas. Embora cruas, essas imagens não bastam para captar a miséria que essas categorizações significam para os bilhões de pobres do planeta. A comunidade internacional não pode ver essa situação com equanimidade. Um mundo em que grande parte da população está fadada à exclusão, ocultos nas sombras porque são pobres, jamais poderá ter paz. Para que o mundo viva em paz, é preciso alargar o anel de luz". (5)

RELIGIÃO

Outrossim, diante do raiar de um novo milênio, não existe mais espaço para discriminação ou fanatismo religioso; vez que busca-se uma visão ecumênica, de princípios e valores comuns nas diversas tradições espirituais, principalmente baseadas no amor a Deus e ao próximo.

Do mesmo modo, o Prof. Pierre Weil prega a necessidade de uma “transreligiosidade”, através da multiplicação de encontros inter-religiosos pela busca de valores universais, onde são descobertos mais pontos comuns do que divergentes e citando o Dalai Lama:

“O objetivo da religião não é construir belas igrejas e templos, e sim cultivar as qualidades humanas positivas, como tolerância, generosidade e amor. Todas as religiões do mundo, não importa qual a sua visão filosófica, fundamentam-se primeiro e principalmente no preceito de que devemos reduzir nosso egoísmo e servir a outros. Infelizmente, às vezes a religião causa mais dissensões do que soluções. Os praticantes das diversas fés devem compreender que cada tradição religiosa tem imenso valor intrínseco e meios de proporcionar saúde mental e espiritual. Uma única religião, como um único tipo de alimento, não pode satisfazer a todos. De acordo com suas variadas disposições mentais, algumas pessoas se beneficiam de um tipo de ensinamento e outras, de outro tipo. Cada fé tem a capacidade de produzir pessoas excelentes e generosas,

e todas as religiões tiveram êxito nisso, apesar de seguirem frequentemente filosofias contraditórias. Assim, não há motivo para nos engajarmos em fanatismos religiosos e intolerâncias que causam divisões; há, sim, todos os motivos para acalentar e respeitar todas as formas de prática espiritual". (11)

Para concluir esta introdução, gostaria de adiantar que muitos desses novos conceitos estão sendo colocados em prática com sucesso, em diversas "Comunidades Alternativas" ao redor do mundo, verdadeiros "Embriões Conscienciais"; como tive a oportunidade de vivenciar em abril/99, em Findhorn, norte da Escócia, onde participei, como palestrante, do Congresso Holístico Internacional pela Paz Mundial, com cerca de 500 participantes de todas as partes do mundo. Findhorn é uma comunidade com ênfase no desenvolvimento de projetos pioneiros de gerenciamento ambiental, a exemplo de um sistema de tratamento biológico de esgoto, baseado em plantas, denominado de "Máquina Viva", que ganhou um prêmio de financiamento internacional; assim como na sua fundação, pelo casal Peter e Eileen Caddy, organização e deliberações obedecem às orientações espirituais, recebidas, em meditação, pelos seus principais líderes .

Do mesmo modo que Findhorn, outras comunidades estão desenvolvendo, na prática, novos processos para se viver bem consigo mesmo, com os outros e com a natureza, dentro do paradigma de auto-desenvolvimento sustentável; como a comunidade de Esalem, na Califórnia-EUA; Auroville, fundada por Sri Aurobindo, na Índia; e Taizé, na França, como lembra meu estimado Prof. Pierre Weil, são verdadeiras "Sementes para uma Nova Era". (12)

METODOLOGIA

Para um melhor entendimento do leitor, este livro foi escrito numa linguagem jornalística, ou seja, simples e objetiva, estimulando o uso do raciocínio e lógica na assimilação dos conceitos aqui apresentados, que deverão ser questionados no íntimo de cada leitor , sem discriminação ou preconceito, a fim de aferir a consonância com sua verdade interior.

Por ter esta finalidade é que utilizamos inúmeras citações, exemplos e vivências reais, retiradas de passagens de minha vida, que auxiliarão ao leitor a captar melhor a minha história existencial e o meu processo de produção intelectual, como um meio de incentivar no leitor

o prazer de pensar criticamente, através da técnica construtivista do conhecimento, que é um meio de educação multifocal destinada à formação de pensadores, engenheiros de idéias e não meros retransmissores ou repetidores do conhecimento.

Outra vantagem, que irá alavancar a compreensão do leitor, é que apresento o resultado das minhas pesquisas espirituais de forma muito didática, eliminando as barreiras que igualmente são colocadas por alguns místicos ou certos mestres espirituais, que utilizam um vocabulário específico, só compreendido pelos iniciados nas suas seitas ou religiões respectivas.

Outrossim, como fiz no meu primeiro livro, ao introduzir o paradigma holístico no mundo jurídico, não tenho receio de expor as minhas opiniões ou teses, a respeito de todos os assuntos abordados, dentro de uma metodologia científica; ou seja, buscando a sua prova, mediante a construção de um arcaboço lógico, baseado em fontes diversificadas, como as tradições espirituais, as experiências médicas, psicológicas, coletadas em vasta pesquisa bibliográfica. Aos meus 37 anos, também contribuo com as minhas próprias vivências espirituais e profissionais, no campo da Justiça e do Direito, atuando como advogado e consultor jurídico, há mais de 15 anos.

Para ratificar a eficácia desta metodologia, é oportuno transcrever a opinião do psiquiatra Dr. Augusto Jorge Cury, do seu festejado livro “Inteligência Multifocal”:

“Por isso, a transmissão do conhecimento não deve ser seca, a-histórica, despersonalizada, mas acompanhada dos processos de produção do conhecimento... Cada cientista possui uma identidade, um rosto intelectual, uma história existencial. Não pouco deles, tiveram que romper os paradigmas intelectuais da época, e, por isso, foram incompreendidos, rejeitados, discriminados. Como pensadores, eles possuem uma rica história, que é tanto importante quanto o conhecimento que produziram. Suas histórias são capazes de estimular o prazer e a expansão do mundo das idéias”. (13)

Sinto-me privilegiado por ser ainda jovem e me sentir como uma alma antiga, ao pesquisar, vivenciar e resgatar os conhecimentos espirituais, que hoje possuo. Percebo-me dando continuidade a um trabalho de esclarecimento, que já havia iniciado em uma outra época e que, nesta vida, venho ainda mais capacitado para retomá-lo.

Assim, finalizo esta introdução, convidando você, caro leitor, a permitir-se trilhar comigo este caminho iniciático, que o levará a desbravar as fronteiras da Justiça Divina.

PARTE I

AS LEIS DIVINAS

“A verdadeira lei é a inflexível razão, conforme à natureza, difundida em todos, constante, sempiterna, que, ordenando, exorta ao cumprimento do dever; proibindo, afasta do mal e do crime. Que, no entanto, nem aos homens probos em vão ordena ou proíbe, nem aos improbos, ordenando ou proibindo, move, e, não será uma hoje, outra amanhã, mas a todos e em todos os tempos essa mesma lei, eterna e imutável, resguardará, e dela será o único mestre comum e senhor de todos, DEUS: Ele, na verdade, é seu autor, juiz e proponente às consciências de cada um”.

III Livro da “República”, de Cícero

“Com o estudo das diversas tradições religiosas, fácil é concluir-se que a essência das coisas é a mesma em todas as religiões e consciências, não importa o tempo, nem o espaço, variando apenas a forma e os caminhos do percurso, convocando o pensamento de que Deus é um, ou a pluralidade na unidade, essa energia infinita e desconhecida, mas presente em tudo”.

Leon Frejda Szklarowsky

*“A alma do homem é como a água.
Do céu vem, ao céu sobe,
e de novo tem de descer à Terra.
Em mudança eterna”.*

Goethe

CAPÍTULO I

A EVOLUÇÃO

“Uma mudança de consciência é o fato principal da próxima transformação evolucionária e a consciência, por sua própria mutação, vai impor e efetuar qualquer mutação do corpo que foi necessária”. (14)

Sri Aurobindo

Para podermos entender como funciona o mecanismo de aplicação da Justiça Divina, preliminarmente, teremos de estudar e compreender, minuciosamente, o conjunto de princípios imutáveis que governam o Universo, de forma automática; sendo designadas como Leis Divinas, expressando o pensamento e a vontade de Deus.

As Leis Divinas têm como objetivo conduzir o espírito imortal do ser humano até a perfeição, conforme enunciou o Mestre Jesus, no Evangelho. Porém na vida cotidiana é imprescindível que o homem tenha ciência desses princípios universais, para que não seja prejudicado por sua própria falta de conhecimento mediante a aplicação da justiça divina nesta ou na próxima encarnação.

A nossa responsabilidade para com as gerações futuras é imensa, não poderemos deixar que, na virada para o 3º Milênio, após o advento de Jesus Cristo, o homem continue fomentando o egoísmo, a injustiça e os desequilíbrios econômico-sociais, dentre outros; principalmente por desconhecer os mecanismos cármicos, pois terá de colher os frutos, maléficos ou benéficos, da árvore que plantou.

O grande advogado e humanista indiano, Mahatma Gandhi, defendia a existência de uma lei imutável que ordena o Universo e comanda a tudo e a todos os seus seres:

“Essa Lei que comanda toda forma de vida é Deus. A Lei e o Legislador são unos. Eu não posso negar a Lei ou o Legislador porque ... a negação de Deus e sua lei também não me livrará

de sua execução. Por outro lado, a aceitação humilde e muda da autoridade divina facilita a jornada da vida, da mesma forma que a aceitação da lei terrena torna a vida na terra mais amena”. (15)

O Mestre Hindu Paramahansa Yogananda nos lembra na sua “Autobiografia de um logue” (16), que nas escrituras religiosas indianas o nome “Íswara”, nos remete ao aspecto que Deus assume como Legislador Cósmico; ainda revelando que todos os seres têm natureza divina:

“A lei da vida se refere ao impulso básico, que está por trás de todos os desejos, para Satchidananda (existência - consciência - bem-aventurança). Todo ser vivo é governado por esse impulso”. (17)

Estas Leis Divinas precisam ser lembradas pelos homens, a fim de restaurar a necessidade de praticar a solidariedade, de amar ao próximo e à natureza, sendo oportuna a transcrição do filósofo baiano Manoel Joaquim de Carvalho Jr.:

“O Ocidente está prestes a ruir, por lhe ter escapado das mãos aquele desejo ardente de Deus, aquela esperança em Deus, aquela caridade em nome de Deus... Abolir Deus por quê? para entregar-se à vontade de viver na pura irresponsabilidade, implicatória de destruição dos ideais que nos regiam a vida, incluídos os valores, hoje, condenados e derrelíctos, de equidade e de justiça. Menoscabada e vilipendiada a Justiça, morre o homem”. (18)

Também na Bíblia podemos encontrar diversas passagens, que vinculam a felicidade humana à restrita obediência a Deus:

“Feliz o homem que não vai ao conselho dos ímpios, não para no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos zombadores. Pelo contrário: seu prazer está na lei de Iahweh, e medita sua lei, dia e noite”. (19)

Salmo 1, 1-3

“Meus filhos, sede fortes e apegai-vos firmemente à Lei, porque é na Lei que sereis glorificados”.

1 Macabeus 2, 64.

“Convertei-vos de vossa má conduta e observai meus mandamentos e meus estatutos, conforme toda a Lei que prescrevi a vossos pais e

que lhes comuniquéis por intermédio de meus servos, os profetas”.

2-Reis 17, 13

Quase todas as religiões entendem o homem como uma criação divina, com o pressuposto de imutabilidade do seu espírito imaterial, decorrente da sua geração à imagem do Criador (Gênesis, I, 26 e 27), também o Islamismo acompanha este entendimento (Corão; Surata II, 21; Surata XVI, 4) podendo concluir que as três grandes religiões monoteístas, Cristianismo, Judaísmo e Islamismo adotam esta visão; salientando que ainda a religião Bramânica, acredita que os homens provêm de Bramã, mas de diversas partes do seu corpo divino, originando assim os sistemas de castas na Índia.

As Leis Divinas também são analisadas pelo Doutor em Direito e Sociologia pela UFBA, Prof. Machado Neto:

“As legislações antigas, muitas vezes apresentadas pelos seus autores como presente dos deuses, trazem no seu bojo ainda um fardo manancial de rituais, preceitos e proibições de ordem religiosa, compartilhados pelo grupo como crença e reforçados pelo legislador como evidente apelo do direito antigo com suas fontes religiosas, que aí é difícil, se não impossível, separar legislador e profeta, jurista e sacerdote, código e livro sagrado, crime e pecado, lei e tabu, pena e purgação de pecados, processo e ritual, ostracismo e excomunhão, direito e religião” (20).

Até as Constituições de inúmeros países citam expressamente que foram redigidas sob a inspiração e proteção de Deus, como é a Brasileira de 1988: “Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte ... promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL”. Salientando, assim, a vasta pesquisa jurídica do douto Subprocurador Geral da República, Dr. Francisco Adalberto Nóbrega, que constatou nos países muçulmanos a existência dos princípios de que “só Deus possui, só Deus legisla, só Deus ordena”, além de exemplificar alguns países:

“O Direito Constitucional comparado registra, entre outros, os seguintes países que contemplam o Ser Supremo em seus

documentos constitucionais: Alemanha, Argentina, Arábia Saudita, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Grécia, Guatemala, Honduras, Irã, Iraque, Irlanda, Kuwait, Líbia, Panamá, Paraguai, Suíça, Tunísia e Venezuela”. (21)

Antes de iniciarmos a análise minuciosa da Lei da Evolução; que faz do movimento a essência da vida, pois tudo está em constante renovação, devendo o homem buscar além do seu aperfeiçoamento, a colaboração com este processo no reino animal e vegetal; gostaria de tecer alguns comentários sobre o início dos meus estudos espirituais e mudança de valores, que alavancaram o meu processo evolutivo.

MINHA BUSCA ESPIRITUAL

Minha família, como a maioria das famílias brasileiras, sempre seguiu a religião católica. Logo, fui batizado e fiz minha “Primeira Comunhão”, de acordo com os seus rituais, embora não frequentássemos, habitualmente, as missas dominicais. Na adolescência, li a história da Bíblia (em quadrinhos) e, também fixava suas partes mais importantes ao assistir a filmes, na televisão, principalmente, sobre a vida de Jesus Cristo.

Naquela época, não tinha acesso a muitas tradições espirituais diferentes, nem estava preocupado com isto, mas lia diversos livros de ficção científica, preferindo Isaac Asimov e Arthur Clarke; além de acompanhar as séries televisivas “Perdidos no Espaço”, “Viagem ao Fundo do Mar” e, mais tarde, a imbatível “Jornada nas Estrelas”. Entendo, hoje, que esta afinidade me ajudava a transpor as fronteiras da vida cotidiana, conhecendo outros mundos e capacidades sobre-humanas, como a telepatia, telecinésia, as premonições etc..., que era a única forma disponível de acessar este tipo de conhecimento.

Sempre gostei de ler e estudar assuntos variados e sem muito esforço conseguia

tirar as melhores notas nas salas de aula, especialmente em História, Geografia, Biologia e Química, o que me levou, aos 17 anos, a passar no vestibular para Direito na UCSAL (Universidade Católica de Salvador) e Medicina na UFBA, (Universidade Federal da Bahia) pois, ainda não tinha certeza da minha melhor opção profissional. Somente após cursar o primeiro semestre de ambas, senti maior afinidade com a carreira jurídica, mantendo minha excelente média de notas, o que me levou a nunca fazer prova final durante o curso da faculdade; pelo contrário, ser um dos melhores da turma, tendo feito um estágio de 2 anos no Departamento Jurídico do BANEBA (Banco do Estado da Bahia).

A partir da minha formatura, aos 21 anos, passei a trabalhar no escritório do meu pai, que é especializado em Direito Tributário, tendo mais tempo para pensar nos meus objetivos de vida.

Até aquele momento, percebi que era um produto derivado dos valores praticados e valorizados pela minha família e sociedade, fazia e vestia o que estava na moda, frequentava discotecas, tomava bebidas alcoólicas, felizmente nunca fumei, tentando até praticar o “ surf “. Hoje, compreendo que, naquela época, buscava ser aceito por aqueles grupos sociais e para isso pensava ter que assimilar os seus hábitos.

Conclui que queria bem mais do que ser aceito pelas pessoas com quem convivia e, assim, passei a questionar os meus comportamentos e valores, assumindo, naquele momento, as rédeas do meu destino, lendo livros e participando de palestras envolvendo assuntos ligados à espiritualidade, parapsicologia e autoconhecimento; inclusive, obtive a certeza de estar no caminho evolutivo correto, após praticar um exercício de limpeza da aura - através da visualização de um sol que jogava luz pelo topo da minha cabeça, purificando as minhas energias, e descendo pela coluna vertebral - tendo sentido uma forte repercussão física, como se fosse uma descarga elétrica, envolvendo, de forma sutil, minha cabeça.

Como sempre tive uma mente racional e científica, considerei provada a eficácia do poder da mente na manipulação positiva das nossas vidas e a responsabilidade social que advinha deste conhecimento, no sentido de diminuir o sofrimentos das pessoas menos favorecidas.

Transformei minha prática da advocacia, antes direcionada para a obtenção do maior número de clientes possível, para um atendimento mais personalizado, com ênfase na qualidade do relacionamento, onde buscava ajudar o meu cliente, muito além do mero aconselhamento jurídico, mas resguardando sua saúde psicossomática das doenças advindas dos sentimentos de vingança, raiva e mágoa, dentro de uma perspectiva holística do direito.

Naturalmente, toda esta mudança de comportamento foi percebida e criticada, de forma bem humorada; pela família, que estranhava o cheiro de incenso a exalar do meu quarto, os sons de mantras que praticava, a música “new age” para meditação, a minha recusa em aceitar qualquer bebida alcoólica e comer carne vermelha etc...

Lendo o livro psicografado de Zíbia Gasparetto, “O Advogado de Deus”, consegui lembrar uma cena bem familiar a mim, que acontecia naquela época e pode bem ilustrar este relato:

“Seu pai era um vencedor, respeitado, rico, bem-visto na sociedade, mas ele não concordava com suas idéias. Desde muito jovem observava a vida familiar e embora se relacionasse bem com o resto da família, respeitando seus pontos de vista, sentia que seus valores eram diferentes.

Quando os comentários em casa corriam soltos sobre as últimas fofocas sociais, quem aparecera mais em sociedade, quem estava decadente ou quem liderava neste ou naquele setor, Daniel entediava-se. Não sentia nenhum interesse por essas futilidades. Não dava nenhuma importância aos sobrenomes, à posições ou aos poderes das pessoas.

Gostava da espontaneidade, olhava as pessoas apreciando seus aspectos de personalidade, valorizando-as pelas qualidades que descobria ou pelo brilho de sua inteligência.

Quando seus pais reclamavam porque ele não participava das conversas familiares, ele explicava:

- Vocês criticam todo mundo! Enxergam somente os defeitos. E as

qualidades?

Antonio não concordava:

- Isso é loucura. Você é ingênuo. Se continuar pensando assim, vai se dar mal. As pessoas são cheias de defeitos e fraquezas. Pobre de quem confiar no ser humano! Ninguém é perfeito, você sabe disso”.

Daniel sorria e não argumentava. De que adiantaria? Ele não era ingênuo como seu pai dizia. Tinha perspicácia para perceber as fraquezas e os limites de cada um, mas por causa disso não era insensível a ponto de ignorar suas qualidades. Pensava que era mais produtivo incentivar essas qualidades do que ficar criticando e mostrando as falhas”. (22)

Felizmente, minha família percebeu a seriedade das minhas convicções e os resultados favoráveis, que vinha colhendo, tanto na minha vida pessoal como na profissional; passando, assim, a respeitar e apoiar minhas posições.

Após este breve resumo do meu despertar para a evolução espiritual, convido o leitor a um mergulho nesta jornada evolutiva.

DESBRAVANDO A JORNADA EVOLUTIVA

Com o desenvolvimento da ciência, a idéia de um universo estático foi substituído pela comprovação da existência de movimento em todos os reinos da natureza. Por essa Lei Divina da Evolução, o ser humano caminha para a frente, sempre em busca de seu Criador (“Religare” ou “Yoga”), da qual sempre foi uma centelha divina. É a volta do filho pródigo ao seio do Pai.

No processo de descida do espírito à matéria, é encontrada uma natural resistência nas limitações da forma, passando pelos reinos mineral, vegetal animal e humano, propiciando o despertar da consciência da sua vida individualizada e dos seus objetivos evolutivos.

No capítulo da Bíblia, relativo à “Gênese”, temos uma descrição de como Deus,

no princípio dos tempos, criou a terra-matéria penetrada pela luz-energia, que interagindo na água originou o nascimento dos primeiros organismos unicelulares, germes da vida, em sua forma primordial de vegetais, depois se alastrando para a terra, ascendendo às formas animais, até este impulso evolutivo, despertar a consciência hominal.

Por outro lado, a “Gênese”, é analisada por Allan Kardec, o codificador da doutrina espírita, enfatizando o princípio vital:

“Dizendo que as plantas e os animais são formados dos mesmos princípios constituintes dos minerais, falamos em sentido exclusivamente material, pois que aqui apenas do corpo se trata”.
(23)

Da mesma forma entendia o grande filósofo Pietro Ubaldi, ao analisar a Lei da Evolução:

“Dessa forma o ser é impelido pelo terror da morte e pelo anseio de viver, ou seja, por sua instintiva repulsa ao Anti-Sistema e por sua atração ao Sistema, o ser é impelido a evoluir. Assim, a sua primeira conquista dos poderes sensórios tende a completar-se, mais tarde, com a conquista dos poderes intelectuais. Não apenas sobreviver, mas desenvolver-se cada vez mais. Querem crescer as plantas, os animais, as crianças, querem crescer os homens com a conquista das riquezas, do poder, da glória, querem crescer os povos com o progresso da sua civilização”. (24)

Analisando os estudos desenvolvidos por Humberto Maturana e Francisco Varela na criação da “Teoria da Autopoiese”, ou seja, o padrão de organização dos seres vivos; bem como as pesquisas de Tomas Lovelock e Lynn Margulis na definição da “Teoria de Gaia”, referindo-se à Terra como um planeta vivo, o renomado físico Fritjof Capra tece sua “Teia da Vida”:

“O Sistema de Gaia é também claramente autogerador. O metabolismo planetário converte substâncias inorgânicas em matéria orgânica viva, e novamente em solos, oceanos e ar. Uma característica fundamental de Gaia é o complexo entrelaçamento de sistemas vivos e não-vivos dentro de uma única teia. Isso resulta em laços de realimentação que operam ao longo de escalas imensamente diferentes”. (25)

Como vimos, a ciência já prova que o planeta Terra tem a capacidade de auto-regulação, mantendo seu metabolismo e temperatura corretos, como condições necessárias à vida, inclusive regulando a composição química da sua atmosfera e a salinidade de seus oceanos, dentro de uma visão sistêmica.

Estudando a história da evolução, calcada em numerosos trabalhos científicos, experiências e fatos, é difícil encontrar quem a conteste.

HISTÓRIA DO EVOLUCIONISMO

Na Idade Média, existia uma teoria fantasiosa da “Geração Espontânea”, com suas absurdas explicações de que do estrume das vacas nasceriam as vespas e abelhas, das matérias em putrefação apareceriam as larvas e assim por diante.

Entretanto, em 1809, João Batista Lamarck lança a idéia do “Evolucionismo”, estribado nas mutações, em suas progressivas transformações com a herança dos caracteres adquiridos, nas oscilações dos “habitat” e na adaptação, através da criação e desenvolvimento de novos órgãos, a depender da necessidade do seu uso.

Charles Darwin, cerca de 50 anos depois, alicerçado também nos estudos de Ernst Haeckel, Saint-Hilaire e Alfred Wallace, lança sua famosa “Teoria da Origem das Espécies” e, logo depois, as “Variações dos Animais e Plantas” e a “Descendência do Homem”.

A vida de Darwin era uma pesquisa constante, arriscada, por mares e terra, com os problemas das doenças, tempestades, animais nocivos, plantas venenosas; como narradas no seu livro “Viagem de um Naturalista ao Redor do Mundo”, transcrevendo abaixo suas conclusões relativas ao arquipélago de Galápagos:

“Temos assim, o fato verdadeiramente surpreendente de que, na ilha de James, das trinta e oito plantas de Galápagos, ou daquelas que se não encontram em parte alguma outra do mundo, trinta são exclusivas dessa ilha única... Passando-se em revista os fatos

aqui aduzidos, admira-se da quantidade de força criadora, se for permitido o termo, dispendida nessas ilhotas rochosas e áridas; muito mais ainda, da diversidade, a par da analogia de ação, em plantas tão vizinhas uma das outras. (26)

No seu estudo sobre a matéria, o médico e pesquisador espírita, Dr. Jorge Andréa dos Santos, contesta alguns aspectos da teoria darwiniana:

“A evolução não se dá em linha reta, como foi vista por Darwin e muitos outros, e sim sucessão de círculos, onde seus vórtices internos estariam na dependência das idas e vindas (reencarnações), na mesma espécie, até eficiente maturação e plasmagem nos respectivos cromossomos, para que se observem os saltos das formas físicas - evolução é sinônimo de palingênese.” (27)

Vale ainda ressaltar na história do Evolucionismo, o grande cientista Gregório Mendel, considerado o “Pai da Genética”, em decorrência das suas pesquisas sobre a hereditariedade e a transmissão dos caracteres, utilizando plantas. Através dos cruzamentos de unidades da mesma espécie, porém de raças diversas, obtinha híbridos, nos quais estudava os próprios caracteres e das gerações seguintes; método ainda utilizado pela genética nos seus experimentos, de forma mais ampliada.

Por fim, o filósofo Pierre Teilhard de Chardin fez uma excelente ponte entre o pensamento científico e as razões espirituais inerentes aos mecanismos de evolução, utilizando bons conceitos de geosfera, biosfera e noosfera:

“Estou convencido de que a interpretação leal das últimas conquistas da ciência e do pensamento conduz legitimamente não a um Evolucionismo materialista, mas a um Evolucionismo espiritualista. O mundo que conhecemos não se desenvolve ao acaso, mas é estruturalmente dominado por um Centro Pessoal de convergência universal”. (28)

Ainda dentro desta visão espiritualista da evolução, é relevante a contribuição do “Idealismo Filosófico”, de autoria de Gustave Geley, onde a evolução estaria resumida a um

processo de aquisição de consciência, tanto no macrocosmo como no microcosmo, transformando o dínamo-psiquismo, que habita a tudo e a todos os seres vivos, de um estado inconsciente ou subconsciente para o consciente:

“Consideremos ahora al consciente: En el estudio analítico de sus elementos constitutivos, hallamos elementos adquiridos, que conocemos perfectamente, y elementos innatos, que son más oscuros. Estos elementos son primero subconscientes; luego pasan del campo de la subconsciencia al de la consciencia: de criptospsíquicos se convierten en psíquicos. EL DINAMOPSIQUISMO INCONSCIENTE O SUBCONSCIENTE TIENDE A CONVERTIRSE EN DINAMOPSIQUISMO CONSCIENTE” (29)

Tentando resumir, didaticamente, o que já foi exposto e comprovado pela Lei da Evolução, temos que o princípio vital passa pelo reino mineral, vegetal e animal, despertando a sua consciência, gradativamente, deixando de pertencer a uma alma grupal, para assumir o seu EU individualizado; como ser humano, no início utilizando mais sua natureza instintiva até chegar à razão; sendo oportuna a análise desta síntese, através da visão do Dr. Jorge Andréa:

“É claro que a passagem do princípio inteligente da estrutura mineral para as unidades fitológicas, exigiria uma ponte onde estariam em jogo as estruturas iniciais da molécula orgânica (carbono, hidrogênio, oxigênio e nitrogênio), em formas inseguras e bastante instáveis, antes de sua verdadeira fixação no futuro reino vegetal. As moléculas albuminóides, a pouco e pouco, foram coordenadas no sentido de obedecerem a um centro de vitalização que, com os milhões de milênios, pôde consubstanciar o futuro núcleo de organização celular. Nesta fase, de formas físicas tão vacilantes e tão primárias, a energética espiritual já seria uma grande força coordenadora e orientadora para lançar as condições estruturais ideais de formação das células na superfície planetária.

A alma-grupo-animal, toda ela estaria cravejada de pequenos vórtices desenvolvidos desde o nascimento do princípio inteligente, e que, pelo processo evolutivo, caminhariam para ampliação e respectiva libertação. Todos esses núcleos vorticosos, fazendo parte de uma colônia dinâmica, tenderiam à emancipação, e representariam futuras individualidades, quando novos fatores do psiquismo assim o exigissem. Para que desponte o livre arbítrio, como conquista espiritual, necessário se faz que o núcleo vorticoso se torne independente da colônia a que pertence, a fim de que o

fator-responsabilidade possa ter um sentido mais individualizado”.
(30) (Sublinhamos)

INÍCIO DA CONSCIÊNCIA NAS PLANTAS E ANIMAIS

Com certeza, o leitor já viu ou ouviu alguma matéria jornalística comprovando a sensibilidade das plantas, que se desenvolvem melhor ouvindo música clássica, que são capazes de sentir emoções básicas, como o medo de ser queimada; fatos estes catalogados pelo notável escritor e pesquisador espírita Carlos Bernardo Loureiro:

“Cleve Backster, pioneiro da moderna pesquisa sobre o comportamento dos vegetais, admite que eles possuem, ainda que em nível primário, uma espécie de percepção, que seria, a grosso modo, um sistema sensorial ... Finalmente, tudo mudou, quando Backster decidiu queimar a folha. Mas, antes de ir buscar os fósforos, o filodendro reagiu súbita e violentamente, manifestando os mesmos sinais do pânico humano”. (31)

Da mesma forma, a depender do animal, existe um comprovado nível emocional e mental, ratificado em inúmeras experiências científicas, feitas principalmente, em cachorros, gatos e cavalos, que demonstraram sua inteligência; ou em fatos amplamente narrados por seus donos que vivenciam, diariamente, a comprovação dessa inteligência, sendo este também o pensamento do escritor espírita Carlos Imbassahy:

“Em o nosso modo de ver, quanto mais se eleva o Espírito, mais se purifica o seu invólucro: podemos, pois, em sentido inverso, dizer quanto mais grosseiro é esse invólucro, menos adiantado é o Espírito. Daí a conclusão de que a Alma, antes de animar um organismo tão perfeito como o corpo do Homem, deve ter passado pela fieira animal”. (32)

Através da vidência, temos muitos relatos de animais que foram vistos no plano astral, mas para isso eles teriam de ter uma alma já individualizada, com um estágio inicial de

emoção e inteligência, notadamente mais comum nos animais domésticos. Portanto cumpre-nos destacar a importância dos “donos” na vida do seu animal de estimação, pois a eles cabe, também, a responsabilidade da evolução daquele ser, através do amor, do ensino e do bem querer ou, a sua involução quando são agredidos ou estimulados a serem violentos. Lembro de algumas palestras, quando o Prof. Wagner Borges, excelente escritor universalista, ofereceu aos alunos seu depoimento de que muitas vezes os animais são utilizados como verdadeiros “guardiões” de espaços de assistência ou de estudo espiritualistas, para evitar a entrada de entidades espirituais perturbadoras.

O escritor teosofista Arthur E. Powell, utilizando sua clarividência, também relata inúmeros casos:

“A grande maioria de animais ainda não se individualizou permanentemente, e quando um deles morre, a essência monádica que se esteve manifestando através dele flui de retorno à alma-grupo de onde veio, levando consigo o avanço ou experiência que obteve durante a vida terrena... Os relativamente poucos animais domésticos que já atingiram a individualização e portanto não tornarão a nascer como animais, neste mundo, têm no plano astral vida mais longa e mais animada do que seus companheiros menos adiantados” . (33)

Também no capítulo XI, do “Livro dos Espíritos”, Allan Kardec recebe a comprovação dos espíritos codificadores de que os animais têm inteligência e sobrevivem à morte do corpo físico; do mesmo modo o grande pesquisador italiano Ernesto Bozzano, publicou em 1905, numerosas narrativas nos “Anais das Ciências Psíquicas”, de “aparições de animais defuntos a pessoas vivas, provando, destarte, a sobrevivência da alma animal”.

Ademais, o escritor Carlos Bernardo Loureiro, dedicou todo um livro, analisando os “Fenômenos Espíritos no Mundo Animal”:

“A Light (Revue Scientifique et Morale du Spiritisme), sempre uma fonte notável de pesquisa, insere estas judiciosas palavras de um pesquisador psíquico:

“No que toca à sobrevivência da alma animal, observei um fato curioso. Eu estava doente e recebia sempre a visita de um gato,

que pertencia à minha proprietária. Toda tarde, antes de escurecer, vinha o animal em meu quarto, dava uma volta por ele, com ar solene, e se retirava. Disseram-me, um dia, que haviam matado o gato, mas o fato se me apagou do espírito e, todas as tardes, o gato aparecia, como de hábito. Entretanto lembrei-me de que o gato estava morto. Como nessa época não sabia nada dos fatos psíquicos e via, contudo, o gato distintamente; pensei que os sofrimentos me tivessem tornado maluco, mas ao fim de algum tempo deixei de receber a visita do felino”.

Essas aparições têm um caráter objetivo porque muitas vezes são vistas simultaneamente por várias pessoas. Disto resulta que a sobrevivência da alma animal se apóia sobre bases admissíveis”.

(34)

IMPULSO ESPIRITUAL E OS EXILADOS DE CAPELA

Através de suas experiências terrenas, o ser humano continua sentindo a realidade da Lei da Evolução, ultrapassando os obstáculos, sabe que está no caminho em busca do seu verdadeiro EU.

O notável médium e escritor espírita, Divaldo Pereira Franco, recebeu as “Leis Morais da Vida”, do espírito Joanna de Ângelis, destacando:

“O progresso para ser legítimo, não pode prescindir da elevação moral dos homens, que se haure no evangelho, sempre atual... Inexoravelmente o homem avança e sem apelação crescem as sociedades na direção da felicidade, porque é da Lei que o espírito jamais retrocede, progredindo sempre e com ele a sociedade humana, representada pelas nações, evoluindo sem cessar”. (35)

De forma semelhante leciona a escritora Cinira Riedel de Figueiredo, ao analisar o “Grande Plano da Evolução”, traçado por Deus, à medida que as almas vão se tornando conscientes e responsáveis do seu papel:

“O conhecimento da lei da evolução movimenta o homem e o espiritualiza. Movimenta-o, porque ele sabe que está vivendo sob o impulso do que realmente é; espiritualiza-o, porque se torna consciente de que esta personalidade perecível obedece aos ditames de uma consciência superior que, se desperta, poderá levá-lo ao cume da montanha com a mesma suavidade com que um barco se desliza em lago azul, manso e sereno”. (4)

O médico gaúcho, Ivan Hervé, analisa as bases e conexões da ciência moderna com a espiritualidade, no seu livro “A Origem da Vida”: “Ao que tudo indica, a expansão física dos seres vivos é acompanhada pelo crescimento e pela diversificação das manifestações da vida, iniciando pela sensibilidade nos vegetais, instinto nos animais e inteligência nos homens... Daí em diante, não mais resta dúvida de que a evolução se fez”. (36)

A escritora teosofista Alice A. Bailey, também entende ser fundamental ao progresso do ser humano o despertar da sua consciência evolutiva:

“Nada no céu ou no inferno, na terra ou em qualquer outro lugar pode impedir o progresso do homem que despertou da ilusão, que percebeu a realidade além do deslumbramento do plano astral, e que ouviu, ainda que somente uma vez, o toque de clarim de sua própria alma”. (37)

Antes da conclusão deste capítulo, faz-se imprescindível narrar a história dos espíritos que foram exilados do Sistema de Capela, estrela de primeira grandeza distante 42 anos-luz da Terra; repetida em diversos livros espíritas, como atesta o relato de Emmanuel em “A Caminho da Luz”, Capítulo III; descrevendo o processo de reencarnação desses espíritos evoluídos na Atlântida e Lemúria, sendo muitas vezes confundidos com deuses; dando origem a diversas lendas mitológicas e às grandes civilizações do Egito, Mesopotâmia, Grécia e Roma.

Os hebreus, os egípcios, os indianos, os gregos, os romanos e outros povos se constituíram assim; enquanto o espírito surgido na Terra aqui animava o homem das cavernas, os exilados de Capela ao nascer no corpo humano, passaram a construir cidades, dominaram a agricultura, formaram rebanhos e criaram as primeiras indústrias.

Esta informação também foi ratificada pelo mestre espiritual “Sana Khan” ao seu discípulo Luis Roberto Mattos, durante suas viagens ao plano astral, tão bem relatadas no seu ótimo livro:

“A humanidade seria impulsionada para o progresso, através da infiltração de inteligências superiores, que éramos nós, e ao mesmo tempo recebíamos nova oportunidade de aprendizado e trabalho redentor. Cresceríamos, construiríamos na Terra e depois voltaríamos redimidos e regenerados a nosso lar em Capela... A lenda dos anjos caídos do céu vem da chegada dos capelinos. Não éramos anjos, mas Espíritos que caíram das alturas de um planeta civilizado para um planeta primitivo. Porém, quando os corpos dos terrícolas começaram a melhorar de aspecto, tendo as fêmeas já perdido bastante pelo, os capelinos se animaram mais e começaram a aceitar a reencarnação, casando-se com as terrícolas, gerando descendentes cada vez mais depurados, sem pelo e de inteligência mais viva. A humanidade se desenvolvia, descobrindo instrumentos e criando artefatos. Logo aprendeu a dominar o fogo e a produzi-lo, cozinhando ou assando a carne nele. Vestiu-se de pele, protegendo-se do frio e aqueceu-se com o fogo nas frias noites de inverno. Construiu cabanas de palha, de pele, de pedra e logo principiou a levantar cidades.

- Mestre, houve direcionamento na evolução do animal para o homem?

- Claro! os Espíritos que para cá vieram a fim de cooperar na obra da construção evolutiva, técnicos versados nos conhecimentos de química e biologia, além de outras áreas do saber, trabalhavam no plano espiritual produzindo alterações nos corpos astrais ou perispiríticos dos símios, e depois dos hominóides, imprimindo-lhes caminho a seguir na evolução celular e fisiológica. E isso se dava quando os seres dormiam, retirando-os de seus corpos e levando-os a colônias espirituais, onde havia laboratórios.

- Parece com as experiências genéticas que hoje a ciência faz! - disse eu.

- Exatamente, Deco. Tendo sido a forma humana escolhida ao menos nesta Galáxia para o ponto de abertura de consciência a que chamamos de autoconsciência, importante passo na evolução do Ser, em todos os planetas direciona-se a evolução dos seres para o atingimento dessa forma. E isso se dá por meio da mutação genética impulsionada por manipulação da fôrma da forma que

é o corpo astral ou perispírito, ou então por meio da encarnação de Espíritos mais adiantados em corpos primitivos, para a devida modelagem e alteração da forma. Ambos aconteceram na Terra. O Espírito, pelo corpo astral, modela e dá forma ao corpo físico”. (38)

O pesquisador Albert Paul Dahoui, após 10 anos de estudo escreveu “A Saga dos Capelinos”, confirmando a tese já exposta da evolução espiritual:

“Os governadores espirituais do planeta, espíritos que tinham alcançado um grau extraordinário de evolução, constataram que Ahtilante (quinto planeta da estrela de Capela), teria que passar por um extenso expurgo espiritual. Deveriam ser retiradas do planeta, espiritualmente, as almas que não tivessem alcançado um determinado grau de evolução. Elas seriam levadas para outro orbe, deslocando-se através do mundo astral, onde continuariam sua evolução espiritual, através do processo natural dos renascimentos. No decorrer desse longo processo, que iria durar cerca de oitenta e quatro anos, seriam dadas oportunidades de evolução aos espíritos...

Os capelinos foram trazidos em levas que variavam de vinte mil a pouco mais de duzentas mil almas. A Terra, naquele tempo tempo, era ocupada por uma plêiade de espíritos primitivos, os quais serão sempre denominados terrestres nestes escritos, para diferenciá-los dos capelinos que vieram degredados para cá, a fim de evoluir e fazer com que outros evoluíssem. Uma das funções dos capelinos, aqui na Terra, era ser aceleradores evolutivos, especialmente no terreno social e técnico”. (116)

Assim, estamos vivenciando um momento muito importante de transição para o 3º milênio e é fundamental que a consciência humana possa despertar sua centelha divina, a fim de dar um novo salto quântico no seu processo evolutivo, para que venha a construir uma nova sociedade, mais justa e fraterna, cujos tijolos serão constituídos do mais puro amor incondicional.

Numa visão semelhante o profético escritor Pietro Ubaldi lançava as fundações para “A Nova Civilização do Terceiro Milênio”:

“Sem dúvida alguma, a luta do futuro se travará entre o involuído e o evoluído, porque é esta a mais substancial diferença entre os homens: o tipo biológico. Não esperemos, porém, que o evoluído

empunhe armas. Sua estratégia consiste precisamente na mudança radical dos métodos humanos. Seu campeão é Cristo, Ele vence com a bondade, a justiça, o sacrifício e se impõe por merecimento intrínseco e não pela força das armas. A economia do evoluído não é a economia da posse ou do domínio, mas da renúncia, da providência divina. Se seu sistema não fosse completamente diverso dos sistemas terrenos, não representaria nenhuma vitória sobre eles. O evoluído quando é agredido por um inferior, não responde humanamente, com violência, mas angelicamente, com bondade. Distingue-se do involuído precisamente por não usar arma alguma. Sua força é a lei, isto é, Deus. Esta se encarregará de fazê-lo triunfar e protegê-lo. A evolução é fatal. Está no plano da criação e é vontade expressa de Deus". (39)

E para fechar, com chave de ouro, este primeiro capítulo da nossa jornada, nada melhor do que transcrever uma poesia sobre a evolução, da lavra do inesquecível Augusto dos Anjos, psicografada pelo renomado médium Francisco Cândido Xavier, no seu famoso livro "Parnaso de Além - Túmulo":

*"Se devassássemos os labirintos
Dos eternos princípios embrionários,
A cadeia de impulsos e de instintos,
Rudimentos dos seres planetários;*

*Tudo o que a poeira cósmica elabora
Em sua atividade interminável,
O anseio da vida, a onda sonora,
Que percorrem o espaço imensurável;*

*Veríamos o evolver dos elementos,
Das origens às súbitas ascenses,
Transformando-se em luz, em sentimentos,
No assombroso prodígio das esteses;*

*No profundo silêncio dos inermes,
Inferiores e rudimentares,
Nos rochedos, nas plantas e nos vermes,
A mesma luz dos corpos estelares!*

*É que, dos invisíveis microcosmos,
Ao monólito enorme das idades,*

*Tudo é clarão da evolução do cosmos,
Imensidade nas imensidades!*

*Nós já fomos os germes doutras eras,
Enjaulados no cárcere das lutas;
Viemos do princípio das moneras,
Buscando as perfeições absolutas". (40)*

CAPÍTULO II

A REENCARNAÇÃO

“Não há doutrina filosófica que tenha atrás de si passado tão magnífico, tão repassado de intelectualidade, como a doutrina da reencarnação. Não as há, que tenha por si, como ela, o peso da opinião dos homens mais sábios; não há nenhuma, como declara Max Muller, acerca da qual tão completamente tenham concordado os maiores filósofos da humanidade”.

Annie Besant

Antes de continuar nosso mergulho vivencial nas Leis Divinas, gostaria de lembrar ao leitor que não tenho a intenção de impor minhas crenças ou de converter ninguém, convidando-o também a expurgar seus preconceitos, ou seja, suas idéias preconcebidas, deixando que seu pensamento crítico possa aflorar.

No estudo da Reencarnação, dentro de uma ótica racional e científica, reuni, neste minucioso trabalho de pesquisa, definições, hipóteses, teorias, relatos em geral e livros passíveis de consulta, visando a constituição de um banco de dados; que possa ser entendido de forma clara, objetiva e sistematizada, a fim de que você, amigo leitor, possa chegar às suas próprias conclusões, no final deste capítulo.

Estamos vivenciando um fantástico movimento de abertura para novos valores de pensamento e outras visões da realidade, com o deslumbre de uma outra dimensão do ser humano, mais expandida em direção à sua espiritualidade.

A reencarnação é simplesmente, o ato de encarnar novamente, palavra derivada do latim “re-in-carno” (de novo na carne), ou seja, o espírito imortal vai utilizando, em cada uma de suas vidas terrenas, um corpo físico diferente e esse acúmulo de aprendizado e experiências vai conduzindo-o, paulatinamente, à evolução.

Atualmente, mais da metade da população mundial acredita na reencarnação, pois além de ser uma crença ensinada, em geral, por todas as grandes tradições orientais; temos

acompanhado, por exemplo, o extraordinário sucesso obtido, em todo mundo, pelos livros da atriz americana Shirley Maclaine; do sensitivo americano Edgar Cayce e do psicólogo, especializado em vidas passadas, Brian Weiss.

O pesquisador brasileiro de TVP (Terapia de Vidas Passadas), Prof. Augusto Gomes de Matos, Presidente do Instituto Brasileiro de Pesquisas Parapsicológicas, utilizando a técnica da hipnose, consegue conduzir seus pacientes a regredirem para muitos anos antes de sua concepção física, atual, e descobre, nos mínimos detalhes e através da própria narração do paciente de suas vidas anteriores, muitas vezes em outros idiomas que ele atualmente não domina, dados, posteriormente comprovados por sua pesquisa (como registro, nome, endereço, túmulo, parentes etc.); demonstrando, através das suas experiências, a hipótese da reencarnação em 98% dos casos, como ele mesmo reporta:

“Já vi pessoas descreverem, em estado de hipnose, outras vidas em seus mínimos detalhes, falando de coisas que depois puderam ser comprovadas. Essa é a maior prova concreta da teoria da reencarnação”. (41)

Patrick Drouot, físico francês, é um dos mais importantes pesquisadores dos fenômenos da reencarnação em todo o mundo, já tendo realizado em seu consultório de Paris mais de 3.000 TVP, ratificando sua crença na reencarnação no seu livro “Reencarnação e Imortalidade”:

“Entretanto, em 1982, uma pesquisa do Instituto Gallup revelou que um americano entre quatro admitia a reencarnação. Por outro lado, no mesmo ano, o muito conservador Sunday Telegraph anunciava que 28% dos britânicos participavam desta crença contra 18% dez anos antes... os pesquisadores e os terapeutas, tanto nos Estados Unidos como na Europa, já acumularam em seus arquivos milhares de depoimentos sobre vidas anteriores. Desde setembro de 1986, um médico psicanalista que trabalhou durante vinte anos no fenômeno da reencarnação, Dr. Winnifred Lucas, ministra na faculdade de medicina da UCLA um curso de terapia através das vidas passadas”. (42)

O número 2.378, em recente edição da revista semanal francesa “L’Express”, trazia uma reportagem de capa impressionante “A Moda da Reencarnação”, atestando que um em

cada quatro franceses acredita nela; lembrando que este mesmo percentual de 25%, atinge os povos mais cultos do mundo ocidental como os ingleses, alemães, americanos e italianos.

Também no teatro, cinema e vídeo podemos encontrar algumas histórias interessantes sobre este tema, como a peça “Luxúria, Soberba e Ira”, estrelada por Isabela Garcia, no Teatro Vanucci - R.J. e a magnífica peça intitulada “Laços Eternos”, de Zíbia Gasparetto, ditada pelo espírito Lúcius, que tive o prazer de assistir em São Paulo; bem assim, posso indicar o excelente filme “Manika”, com o ator Julian Sands, baseado num caso verídico de reencarnação, de uma menina de 10 anos, que em 1968, começa a se lembrar de sua última vida no Nepal, quando havia prometido ao seu marido que voltaria para ele, tendo este jurado que não se casaria novamente. E por incrível que pareça, com a ajuda do padre da aldeia de pescadores de Kundu-Índia, conseguiu localizá-lo e provar, através de fatos, que somente como sua esposa falecida ela poderia saber, atestando, assim, a veracidade da sua reencarnação. O que foi um choque para o marido e seus familiares, tal constatação, mesmo porque ele já havia contraído novas núpcias, ou seja, quebrado um pacto feito em vida.

Podemos, ainda, citar outros filmes com esta temática reencarnacionista como: “O Céu se Enganou”, romance com Cybill Shephard e Robert Downey Jr e “O Céu Pode Esperar”, comédia com Warren Beatty e Julie Christie.

Milhares de psicólogos e psiquiatras de todo o mundo analisam, hodiernamente, este assunto, pois estão lidando com a reencarnação, diariamente no contato com a TVP aplicada aos seus pacientes.

A reencarnação também pode ser denominada de Palingênese, palavra derivada do grego “*Palin*” (de novo) e “*Gênesis*” (geração), para significar um novo nascimento; bem como “Metempsicose” ou “Metensomatose”, palavra de origem grega “*Metempsychosis*”; sendo interpretada como a transmigração de almas, de forma mais genérica e abrangente, pois inclui a idéia de que a alma poderia nascer no corpo de um animal; involução esta que seria, totalmente, inaceitável.

Uma das questões mais exploradas pelos opositores desta crença é de que não

se explicaria o rápido aumento da população mundial, vez que não haveriam espíritos suficientes para reencarnarem; entretanto não é verdade; porquanto os seres humanos atuais resultaram da evolução de um grande número de almas, que transcenderam o mundo animal há muitos anos e, segundo a tradição esotérica, totalizariam cerca de 60 bilhões, ou seja, apenas 10% estariam encarnadas, atualmente, no plano físico terreno, enquanto 90% ainda estaria no plano astral.

Ademais, existe a Teoria da “Transmigração Interplanetária”, ou seja, outros espíritos com as mesmas características humanóides, vindas de outros planetas mais adiantados da Via Láctea poderiam, também, estar encarnando em nosso planeta; ao passo que espíritos mais densos e embrutecidos não teriam mais a oportunidade de voltar à Terra, sendo banidos para outras esferas mais atrasadas, que funcionam como verdadeiras escolas, responsáveis pela evolução da alma.

Filosoficamente, a tese da reencarnação também se impõe, pois ficaria muito difícil explicar a Justiça Divina, em face das enormes desigualdades sociais, físicas, intelectuais e econômicas, beneficiando uns e prejudicando outros, caso não admitamos que estamos todos em processo evolutivo, em múltiplas existências, cada um de nós passando por experiências compatíveis com as nossas necessidades de aprendizado.

HISTÓRICO

Quando pesquisamos este assunto, constatamos que desde a pré-história encontram-se traços significativos da imortalidade da alma; tendo até sido encontrada a mais antiga “sepultura”, contendo oito esqueletos de homens de Neanderthal, em Shanidar, no Iraque, perto da fronteira turca, com idade estimada de 50.000 a.C. No período Paleolítico (35.000 a 10.000 a.C), os mortos passaram a ser levados para grutas ou abrigos naturais, sendo o cadáver recoberto com ocre vermelho, simbolizando o sangue da “nova vida” no outro mundo. Já no Neolítico (10.000 a.C) era assegurada ao morto uma existência mais protegida no além, pois leva seus objetos de uso pessoal, armas, alimento, sendo construídos os primeiros monumentos funerários, dolmens, túmulos e cemitérios (palavra derivada do grego *Koimêterion* = lugar onde se dorme).

A reencarnação está presente em várias culturas antigas como a dos Druídas

da Inglaterra antiga; a dos Celtas, que levaram em suas tumbas até armas e carros de guerra (conduzindo seu espírito belicoso até o além); a dos Cátaros da França e a dos Vikings, germanos guerreiros que teriam como lendária morada para os heróis mortos o “Walhalla”, onde combateriam o mal, ao lado do Deus Odim.

O Xamanismo, muito difundido pelos índios das duas Américas, Alasca, Austrália, Indonésia, África, engloba rituais mágicos de cura, condução das almas ao país dos mortos, evocação da alma, reencarnação etc.

A pesquisadora H elene Renard, no seu livro “Depois da Vida”, relata que os defuntos recentes não se dão conta do que lhes ocorreu, ou seja, da sua “morte”, e que os vivos devem insistir em conscientizá-los do seu estado atual:

“Sendo a morte considerada uma partida da alma, o xamã tem o dever de conduzi-la o mais rápido possível, a fim de que ela não fique à deriva sob a influência de forças maléficas. Presa do êxtase, o xamã desdobra-se e circula nos outros mundos, o céu ou o inferno.

Somente ele é capaz de encontrar a alma que vagueia e fazê-la reintegrar um corpo. Graças à sua capacidade de êxtase, ele é por excelência psicopompo, ou seja, condutor da alma. Para empreender com ela a perigosa viagem, utiliza a montaria e as provisões deixadas no túmulo do defunto”. (43)

Outrossim, o escritor espírita Adenauer Novaes, comprovou a crença na reencarn o em diversas culturas xamânicas:

“Na África, entre os aborígenes, essa crença é generalizada. As tribos vizinhas ao rio Congo crêem no renascimento. Os Bagongos sabem que as crianças podem recordar-se de suas prévias existências.

Os Bassongos, crêem que, após a morte, a alma dirige-se a Deus no centro da terra. Após um período entre 2 meses a 2 anos, a alma sente saudades e solicita permissão para retornar à vida terrena. Então se reencarna. Se a criança nascer com uma cicatriz ou marca semelhante   do parente falecido - o que pode ocorrer

- tal fato implica no reconhecimento imediato da reencarnação. Quando a parturiente sofre dores muito intensas, significa que o renascido teve morte dolorosa. Eles admitem, também, a troca de sexo de uma para outra reencarnação.

No Alasca, entre os índios da tribo Tlingit, é crença geral que os sinais e cicatrizes podem reaparecer no corpo do renascido. Entre os Esquimós, há inúmeros casos de pessoas que se recordam de suas vidas pregressas.

Diversas tribos de Peles-Vermelhas aceitam a reencarnação. Os Winnibagos crêem na reencarnação Crença idêntica existe entre os índios Chippeway". (44)

Ainda a escritora Hélène Renard, tem provas contundentes da crença reencarnacionista entre os Maias:

"O que muito pouca gente sabe é que existe um Livro dos Mortos Maia, na mesma linha dos tibetano e egípcio. Devemos sua tradução ao erudito Paul Arnold. Nele ficamos sabendo que os Maias não somente criam na reencarnação, como também possuíam uma clara consciência dos diferentes planos de existência. Ao psiquismo do morto devia ser guiado em sua "viagem" por um sacerdote-mago _ o Chilán-Balam _ que, em transe, procurava segui-lo, influenciá-lo e conduzi-lo no bom caminho.

Ainda hoje os habitantes do Yucatán acreditam que o defunto só tem consciência do seu estado imaterial no terceiro dia e desde que as preces dos seus o ajudem.

É assim que os sacrifícios de animais ou de seres humanos serviam para reconduzir o morto a um modo de existência carnal, ou seja, um mundo de sangue.

As fontes de informação sobre a religião dos astecas datam da época da conquista espanhola e deixam muitas zonas de sombra. As idéias dos Astecas sobre o além coincidem em grande parte com as dos Maias. A posição social e as circunstâncias da morte determinavam as condições do pós-vida". (43)

O Dr. Inácio Ferreira, também publicou suas pesquisas a respeito desta temática:
"O princípio da reencarnação - representa a bússola que há de guiar a Psiquiatria e a Psicologia pelo mar tormentoso da dúvida, encaminhando o seu barco para o porto seguro do entendimento..."

além de ser o mais lógico, justo e consolador para amparo da Humanidade, ainda não tem sido elevado ao lugar que lhe compete, apesar de ser o princípio mais velho existente. Os povos antigos nele se baseavam. Os filósofos de todos os tempos o ensinaram. A própria ciência e a própria religião de todos os povos e de todos os tempos nele têm tido a chave para a explicação de tudo aquilo que procuram relegar para os mistérios ou para os fatos sem explicação.

Os Incas admitiam a existência de dois seres em um só, um de carne, pesado, propenso à fadiga e à dor; o outro, semelhante ao carnal em suas formas, mas que não se fatigava, não sofria e se transportava facilmente - era a alma e essa seria a sua vida definitiva.

Os egípcios, há 40.000 anos, com os ensinamentos de Hermes Trimegistro, ainda vívidos nos nossos dias, atestam essa verdade, através da história e dos monumentos que nos legaram, mormente com as suas múmias que procuravam conservar à espera do seu renascimento". (45)

Ainda sobre a cultura egípcia o escritor Philip Kapleau esclarece:

"Os antigos egípcios não questionavam a realidade da vida após a morte e providenciavam para que nada faltasse aos mortos, fornecendo-lhes uma prodigiosa parafernália para a jornada e o eventual encontro com Osíris. Em certo sentido, os mortos estavam tão vivos, senão porque outro motivo seriam realizados tais rituais religiosos solenes, como sacrifícios de animais e oferendas de alimento e vinho?". (46)

No "Livro Egípcio dos Mortos", atribuído ao mestre espiritual Hermes Trimegisto, nome grego do Deus Tot, existem várias referências ao renascimento da alma, como ratifica o ocultista "Papus":

"Vamos falar somente, a partir de agora, da reencarnação na terra, pois que a lei se reproduzirá em todo envolvimento de carne, em qualquer planeta. A Tábua de Esmeralda de Hermes nos ensina que o que está em cima é como o que está em baixo e, reciprocamente, para realizar os milagres da Unidade". (47)

No Islamismo, o destino do pós-vida é fixado bem antes da morte, sendo que os muçulmanos recitam junto ao ouvido do morto a surata de abertura de O Corão:

“Como ousais negar a Deus, uma vez que éreis inertes e Ele vos deu a vida, depois vos fará morrer, depois vos ressuscitará e então retornareis a Ele? (O Corão, surata II, 28).

Algumas escolas esotéricas, dentro do Islamismo, defendem, enfaticamente, a reencarnação, como os Drusos e os Sufis. Conta o Sufismo, a tradição mística do Islã, que certo dia um estudioso desses temas procurou a ajuda de um mestre espiritual. O mestre, aliás, era conhecido por suas respostas irreverentes: “Tenho estudado e pesquisado incansavelmente durante muitos anos. Nunca encontrei uma resposta para minha pergunta. Diga-me, mestre, o que acontece após a morte?”

“Não sei, eu sou mortal”, respondeu o instrutor. “Faça esta pergunta a alguém que vá morrer”.

Com efeito, religiões importantes da Pérsia, principalmente o Zoroastrismo (século VII A.C.), na sua forma mais popular, embutiam doutrinas contendo a reencarnação, com a concepção de uma espécie de justiça cósmica (Karma), de que as almas eram premiadas ou castigadas nas suas próximas vidas, inclusive existem registros de que, da Pérsia, a crença da reencarnação foi conduzida à Grécia.

Os gregos, encabeçados por Platão, imaginaram o eterno retorno: as almas reencarnavam e repetiam indefinidamente suas sinas, boas ou más.

No décimo livro de “A República”, Platão relata o mito de Er, um guerreiro que fora, aparentemente, morto em combate e, ao recuperar a sua lucidez, contou o que tinha visto no outro mundo; sendo claro para ele que a alma escolhe sua próxima vida baseada nas experiências da anterior; além disso, a alma só viajaria ao “Plano do Esquecimento”, pela margem do “Rio da Indiferença”, depois que a próxima vida fosse escolhida. Após beber destas águas, diz Platão, tudo referente à existência anterior é esquecido.

A escritora e terapeuta Denise Linn afirma que além de Platão, o filósofo Pitágoras também era reencarnacionista:

“O filósofo grego Pitágoras, que viveu aproximadamente cinco séculos antes de Cristo, não somente falou em reencarnação em seus escritos, mas também descreveu suas recordações pessoais das várias encarnações que já tivera. Seu colega filósofo Platão

também acreditava na reencarnação”. (48)

Ainda na Grécia, os filósofos Plutarco e Platino acompanhavam a crença nas vidas sucessivas:

“Se Plutarco leva em conta os fatos, o mesmo não acontece com os neoplatônicos, excessivamente idealistas, espíritos abstratos que confundem as idéias com a realidade, de que zombam às gargalhadas. Tudo o que diz respeito à experiência e ao vivido não lhes interessa; recusam-no deliberadamente. Alternadamente, Plotino, Porfírio e Proclo realizaram uma síntese dos mitos gregos e das tradições reencarnacionistas do mundo indo-europeu.

Plotino (205-270 d.C.) explicava a lei fatal que leva a alma de origem divina a descer na carne pelo desejo que ela sente de possuir mais, ao individualizar-se num corpo; mas, como o Buda, ele desaprovava tal desejo. Escrevia: somente uma vida ascética e purificadora permite-lhe [à alma] escapar do ciclo dos renascimentos. Através do êxtase, ela pode juntar-se ao Único, que a atrai e absorve, formando com ele um único ser, perdendo a noção de individualidade, que é o princípio de sua condição inferior”. (49)

Segundo o Rabino Yonassan Gershom, no seu livro “Além das Cinzas”, o Judaísmo teria ensinado a reencarnação, dentre suas crenças no pós-vida, tendo absorvido esta doutrina devido à interação com outras civilizações, como a dos babilônios.

Segundo T.W. Daane, em sua obra clássica, “Bible Myths”, a histórias da Escada de Jacó (Gênesis-28); que foi colocada na terra, com o topo atingindo os céus e os anjos de Deus subindo e descendo por ela; simboliza a passagem das almas de encarnação a encarnação, ainda assinalando o seguinte:

“Deve-se observar que em ambas as religiões (i.e., judaica e cristã) existem pontos em comum com os tempos antigo e moderno. Entre os judeus, a doutrina da transmigração - o Gilgul Neshamoth - foi ensinada no sistema místico da cabala.

Todas as almas, diz o código espiritual do sistema, estão sujeitas aos julgamentos da transmigração e os homens não sabem quais os caminhos do Altíssimo a seu respeito. O princípio, resumindo, da cabala é o mesmo do bramanismo.

Nos fundamentos desta doutrina, da qual participaram rabinos do mais elevado prestígio, considera-se, por exemplo, que a alma de Adão migrou para Davi e virá no Messias, a de Jafé é a mesma de Simeão e a de Terah migrou para Jó”. (50)

FIGURA 1 - A ESCADA DE JACÓ, por Willian Blake (181)

A tradição mística judaica, a Cabala, contém referências de casos específicos de reencarnação e de uma doutrina geral. Tal doutrina, presente no clássico Zohar (80 d.C.), inclui um princípio que governa a reencarnação, que é designada pelo termo hebreu “Gilgul”:

“Todas as almas estão sujeitas às experiências da transmigração; e os homens não sabem os desígnios do altíssimo a respeito deles; eles não sabem como são julgados a todo instante, tanto antes de virem a este mundo quanto quando o deixam. Eles não sabem por quantas transformações e provações misteriosas terão que passar; quantas almas e espíritos vêm a este mundo e não regressam ao palácio do rei divino.

As almas precisam retornar à substância divina de onde emergiram, mas para o conseguirem devem desenvolver todas as perfeições, cujo germe está implantado nelas. Se não o conseguirem durante uma vida, terão de começar outra, uma terceira e assim por diante, até que atinjam a condição adequada à reunião com Deus”. (50)

Outrossim, no Taoísmo, o pensamento ou ação generosa desinteressada, facilita o retorno à realidade básica, como veremos esta religião não possui um embasamento

tão fundamentado como o Hinduísmo ou Budismo, mas defende objetivos reencarnacionistas semelhantes para a evolução espiritual.

Entretanto, a generalização das idéias sobre reencarnação somente ocorreu após a fundação da Sociedade Teosófica, em 1875, por Madame H.P. Blavatsky, Col. H. S. Olcott e William Q. Judge.

A Teosofia, do grego “theos” (deus) e “sophia” (sabedoria) tinha como objetivo o estabelecimento da Irmandade Universal da Humanidade, que sua enigmática fundadora, Madame Blavatsky, organizou a partir dos fundamentos do neoplatonismo, budismo, bramanismo e da cabala.

Friederich Max Muller, o renomado orientalista alemão, definiu a teosofia como “a expressão do mais elevado conceito de Deus até onde a mente humana podia alcançar, e a percepção da unidade eterna das naturezas humana e divina”.

Vale, por fim, lembrar, que na Europa do final do século XIX, o surgimento do Espiritismo de Allan Kardec, a formação da Sociedade de Pesquisas Psíquicas na Inglaterra e a descoberta do método experimental denominado “Regressão de Memória”, pelo espanhol Fernando Colavida, em 1887, e o seu aprofundamento, desenvolvido a partir de 1894 pelo francês Albert de Rochas, muito ajudaram, direta e indiretamente, na divulgação das idéias reencarnacionistas.

UMBANDA

Como culto afro-brasileiro, a Umbanda trouxe da África sua base xamanista e ritualista, com fortes raízes na Nigéria; sendo oportuna a divulgação dos estudos desenvolvidos pelo pesquisador do “Nagô-Yorubá”, o Prof. José Beniste, que assim trata da reencarnação no seu livro “Órum Aiyé”:

“Há diferentes caminhos para os antepassados voltarem à Terra, e um dos mais comuns é que a alma seja reencarnada e nascida como um neto, bisneto, bisneta etc. de um filho ou filha dos antigos pais. Ou seja, o processo de ida e vinda se dá entre o meio familiar do qual era oriundo. A isto é dado o nome de Àtúnwa, aquele ou aquela que volta novamente.

O mundo, segundo os yorubá, é o melhor lugar onde vivemos. Isso é contrário ao ponto de vista de algumas tradições religiosas, que consideram o mundo um lugar de sofrimento e dor. Existe um forte desejo por parte do ser vivo, em ver reencarnados seus pais, logo depois da morte deles”. (51)

Ademais, o espírito de um antepassado pode ser invocado, a fim de assumir a sua forma material, aparecendo sozinho e falando, trazendo bênçãos e orientações aos que assim desejam, recebendo a denominação de “Egúngun”.

O ilustre pesquisador francês, o africanista Pierre Verger também relata sua visão da crença iorubá:

“A religião dos iorubá torna-se gradualmente homogênea, e sua atual uniformidade é o resultado de uma longa evolução e da confluência de muitas correntes provindas de muitas fontes. Seu sistema religioso se baseia na concepção de que cada ser humano é um representante do deus ancestral. A descendência é através da linha masculina. Todos os membros da mesma família são a posteridade do mesmo deus. Assim que eles morrem, retornam a esta divindade e cada criança recém-nascida representa o novo nascimento de um membro falecido da mesma família. O orixá é o agente da procriação que decide sobre a aparição de toda criança”. (51)

Seguindo as lições do escritor umbandista W.W. da Mata e Silva, na “Doutrina Secreta da Umbanda”, são admitidos três tipos de reencarnação, a espontânea, a disciplinar e a sacrificial, distinguindo-as:

“Então, situemo-las: na condição espontânea estão incluídos todos os seres que têm “passe-livre” sujeitos apenas ao critério das vagas, dentro de uma certa seleção ou coordenação de fatores morais, pelo mérito e o demérito, na linha de ignorância que rege os

simples de espírito - dos que não têm alcance mental, intelectual, etc.

Nessa condição cármica está uma maioria que encarna e reencarna, nasce e morre tantas vezes quantas possa, impulsionada, via de regra, apenas pelo seu mundo de desejos, que conserva e anseia por expandir no plano material...

Como condição disciplinar podemos situar aqueles seres, altamente endividados, conscientes e repetentes das mesmas infrações, como sejam: os velhacos e tripudiadores sobre a condição humana e mesmo astral de seus semelhantes; os hipócritas e fariseus de todos os tempos, como políticos corruptos e falsos religiosos, falsos profetas e falsos mentores: homens da indústria, das letras e da justiça terrena que, conscientemente, usaram do intelecto, do poder econômico, com arrogância, orgulho, vaidade, como instrumento de opressão física e moral...

Esses não têm a ignorância dos simples de espírito a pautar-lhes o direito cármico, pelo mérito e demérito de suas ações...

Esses entram no âmbito de uma coordenação disciplinar especial, não têm “passe-livre” para a reencarnação, nas condições relativas e desejadas...

E, finalmente, como a condição sacrificial podemos situar essa minoria, já evoluída, já isenta da provação individual pela vida humana, isto é, livre das reencarnações... Dentro dessa minoria, se fossem identificados, na certa que os veríamos como os missionários de todos os tempos, como os mentores e reformadores morais e religiosos e ainda em duras tarefas, escolhidas livremente, dentro da tônica fraternal elevada que lhes é própria...Enfim, podem reencarnar sem injunções do Tribunal Astral competente, obedecendo tão-somente à linha de amor e caridade que trilham...”.

(52) (Sublinhamos)

Já outra corrente da Umbanda, a chamada “Proto-Síntese Cósmica”, segundo o escritor F. Rivas Neto, possui conceitos semelhantes para denominações diferentes:

“Ah! Filhos de Fé, os bastidores do Astral de “terreiro” têm seus dramas, cenários e ajustes. Um dia, quem sabe, retornaremos mais acuradamente ao assunto... Para encerrar, afirmamos que, para nosso regozijo, muitos dos Filhos de Fé, esses mesmos que estão em reencarnação probatória, após várias reencarnações, pois não é em apenas uma ou duas que se consegue sair das correntes reencarnatórias probatórias, alcançam eles novos níveis conscienciais, que os habilitam a entrar em correntes reencarnatórias evolutivas. Logo que demonstrem essa condição,

é dado, com o aval do Tribunal do Astral de Instância Superior, o “passe” para o reencarne em reencarnações evolutivas.

O “passe reencarnatório” é a autorização do Astral, ou melhor, dos Tribunais competentes, ao Ser Espiritual que se encontra no plano astral e necessita descer ou se internar no plano físico denso através da reencarnação. Essa autorização sempre obedece um estudo prévio do tribunal competente, o qual veta ou viabiliza o pedido do “passe reencarnatório”, às vezes vetando por achar melhor outro momento, ou viabilizando por achar mais proveitoso o momento atual. Enfim, é de competência de “Seres Espirituais” legisladores do Astral”. (53) (Destacamos)

HINDUÍSMO

A fase inicial da religião indiana é lembrada em um grupo de textos seculares conhecidos como os “Vedas”, termo que significa “conhecimento sagrado”, sendo o Universo retratado como um vasto cosmos, generoso e unificado.

A religião Védica emite sua orientação de forma prática, através dos seus rituais, hinos e preces; sempre demonstrando alegria e bondade, que impregnaria mais tarde os Upanishads.

“Depois, segue-se imediatamente a apresentação de duas doutrinas que, em tempo, se tornaram a idéia mais central do pensamento hindu, isto é: a doutrina da reencarnação como consequência de ações passadas.

Tal como a lagarta, ao derrubar uma folha de grama, ao dar o próximo passo, recolhe-se em si mesma (para fazer a transição). Como um ourives, ao tomar um pedaço de ouro o transforma em outra forma, mais nova e mais bela, assim o faz esse: deixando cair esse corpo e dissolvendo sua ignorância, faz para si mesmo outra mais nova e mais bela forma como a dos ancestrais ou dos músicos celestiais, dos deuses de Prajapati, de Brama, ou de outras criaturas. (Bhadāranyaka IV, 4.3-4)

Existe uma relação causal não só entre as ações de alguém em determinado período de vida e os resultados dessas ações realizadas durante o mesmo período de tempo, como também os resultados provindos da próxima existência e, talvez, da que se segue - até que se hajam exaurido completamente os efeitos

dessas ações”. (54)

Da mesma forma o Código de Manu (Manava - Dharma - Sastra, 1.300 a.C.), que teria sido uma das fontes fundamentais das primitivas crenças religiosas da humanidade, e que é tão antigo que já era citado no “Rig-Veda”, já ensinava a reencarnação no Hino dos Apriis:

“Após a morte, as almas dos homens que cometeram más ações tomam um outro corpo, para a formação do qual concorreram os cinco elementos sutis, que é destinado a ser submetido às torturas das zonas inferiores”.

Entretanto, foi o “Bhagavad Gita”, que veio simbolizar o espírito do Hinduísmo, mais que qualquer outro texto religioso hindu, pois reconcilia o “Caminho de Palavras dos Vedas” com o “Caminho de Conhecimento dos Upanishads”, os integrando para formar uma senda para a salvação, que a tudo abraça; transcrevendo abaixo as palavras do Mestre Krishna ao seu discípulo Arjuna:

“Muitas foram minhas vidas no passado, e também as tuas, ó Arjuna. Eu posso me recordar de todas elas, mas tu ainda não podes. Embora eu não tenha tido uma origem, embora eu seja imperecível em minha auto-existência, embora eu seja o Senhor de toda a existência, ainda assim eu nasço, encarnado pelo meu próprio poder. Sempre que a humanidade declina em verdade e justiça, sempre que o vício e o mal predominam, eu volto a encarnar entre os homens. Para salvar o bem e destruir o mal, para restaurar o direito, confirmar a virtude e a divina ordem do universo, de tempos em tempos eu encarno no seio da humanidade. Quem conhece este mistério e me reconhece, em meu divino nascimento e minha divina missão, este, quando abandona seu corpo, não volta a renascer, mas vem diretamente a mim, ó Arjuna. Livres do apego, do medo e da ira, plenos de mim, refugiando-se em mim, purificados pelo conhecimento e pelo amor, muitos já vieram até meu Divino Ser, integrando-se à minha natureza transcendente”. (55)

Para alcançar o “Nirvana”, é preciso evoluir nosso espírito, vida após vida, sendo imprescindível um corpo humano para vivenciarmos as experiências necessárias no plano terreno. Portanto, a reencarnação é a casa a meio caminho do verdadeiro lar divino e explicando como alcançar o objetivo da não-violência ou “ahimsa”, o nobre advogado hindu Marahatma Gandhi lecionou:

“Não posso pensar em inimizade permanente entre um homem e outro homem, e acreditando como acredito na teoria do renascimento, vivo na esperança de que, se não neste nascimento, em algum outro serei capaz de envolver toda a humanidade em um abraço amigável”. (46)

Também analisando o caminho para se chegar à iluminação, a escritora teosofista Alice A. Bailey afirma:

“Quando a vida da alma, em conformidade com a Lei do Renascimento, houver conduzido a personalidade até o ponto em que ela seja uma unidade integrada e coordenada, então haverá entre as duas uma ação recíproca mais intensa. Esta interação é ocasionada pela aplicação de processos de autodisciplina, por uma vontade ativa voltada para a Existência Espiritual, pelo serviço altruísta (porque é o modo pelo qual a alma consciência-grupal se manifesta) e pela meditação. A consumação do trabalho é a realização consciente da união que a terminologia cristã chama: unificação”. (56)

Um dos mais importantes mestres do Hinduísmo, Paramahansa Yogananda, examina conceitos reencarnacionistas, ao expor sua interpretação espiritual do “Rubaiyat” do escritor Sufi, Omar Khayyan:

“Alma, desperta! Abre a mais recôndita porta do silêncio, a de onde está a consciência de Deus. Quão pouco é o tempo que temos para estar na terra! Se durante esse curto período pudermos colher a rica safra da sabedoria de Deus, não precisaremos mais reencarnar, ser arrastados para cá pelos desejos que amarram à terra.

Os desejos terrenos são a causa da reencarnação. As almas têm de voltar, vida após vida, em novas formas corporais, para porem

em prática seus anseios irrealizados. Porém, quando todos os anelos estiverem satisfeitos ou sublimados espiritualmente, já não haverá necessidade de voltar a esta terra de sofrimento e restrição.

Quando o primeiro chamado da sabedoria vier a despertá-lo do sono da ilusão, utilize o curto período da vida terrena para cultivar a liberdade da alma na consciência de Deus, que aniquila a infelicidade e destrói a reencarnação.

Todos deveriam fazer o melhor na vida atual, porque ela só vem uma vez a cada alma. Mesmo que você tenha que reencarnar, não poderá vir uma segunda vez como o mesmo indivíduo. Thomas Edison jamais poderá reencarnar no mesmo corpo, com as mesmas características pessoais que teve durante sua vida específica. Isto é verdade para todas as almas. Partindo da taverna desta encarnação no corpo, não podemos vir e estar de novo na mesma taverna carnal. Assim, é da maior sabedoria fazer o máximo na atual oportunidade. Siga os ditames da sabedoria. Escute a voz do senso comum que o incita para as metas válidas da vida. Abra e revitalize as faculdades entorpecidas da alma. Faça o melhor que puder para ser útil a si próprio e aos outros, antes que reflua esta vida efêmera.

À luz da introspecção, mantenha-se acordado para os mais elevados deveres da vida e evite o sonambulismo da ilusão e das ações mecânicas e inúteis. Permeie a vida com atividades meritórias durante o verão das oportunidades. Desse modo, você e seus entes queridos poderão fruir até o fim um doce contentamento. E, se pela meditação profunda, você alcançar a liberdade da alma na consciência de Deus, a bem-aventurança Dele será sua por toda a eternidade". (57)

BUDISMO

O Budismo compreende, precipuamente, duas principais divisões: Budismo Hinayâna e Budismo Mahâyana. Seu criador chamava-se Sidarta Gautama, o "Buda"(560 - 480 a.C.). O Budismo ensina que aquilo que reencarna é uma energia psicofísica que passa de uma

para outra encarnação. Em lugar da alma, existe Anatta (não eu).

As noções básicas do Budismo incluem o conceito da Lei Cármica, originada da palavra sanscrita “Karma”, que significa ação, no sentido “do que o homem plantar, isso ele colherá”, ou seja, a cada atitude corresponde uma reação ou efeito inevitável, do qual não se foge.

O carma também pode ser entendido como um fardo de que devemos nos livrar, pois é ele que nos aprisiona na matéria e nos sujeita aos “Ciclos das Reencarnações” ou “Samsara”; sendo oportuna a transcrição do momento de iluminação do fundador do Budismo:

“Foi então que Mara, o deus da morte, apareceu diante dele. Mara, com efeito, é o deus que preside ao mundo do samsara e fica sempre alerta para que ninguém escape ao ciclo das mortes e dos nascimentos. Percebendo que aquele homem, sentado à sombra da árvore, estava a ponto de atingir a libertação, reuniu todas as forças de seus demônios em um derradeiro esforço para distraí-lo de seu alvo. Siddartha viu-se então submetido, sozinho, aos incessantes ataques de todos os demônios. Mas saiu vitorioso. O deus da morte foi derrotado e Siddartha conseguiu apreender a verdade que lhe permitiu a seguir resolver todos os problemas que o tinham preocupado tantos anos. Compreendeu todo o mistério da morte e do renascimento e também o da supressão do sofrimento no mundo do samsara. Adquiriu igualmente a tríplice sabedoria: a lembrança de suas antigas existências, o conhecimento da morte e do renascimento dos seres e a certeza de ter destruído dentro de si todos os desejos que constituem a própria base dos renascimentos sucessivos neste mundo. A partir desse instante, Siddartha despertou perfeitamente para a verdade de todas as coisas - finalmente tornou-se o Buda”. (58)

Um aspecto essencial para uma boa compreensão da doutrina búdica é a de “samsara” que literalmente quer dizer “fluxo ou escoamento em círculos”. Conforme essa idéia, todos os seres vivos, inclusive os deuses, se acham envolvidos num incessante ciclo de nascimentos e mortes. Nesse encadeamento sem princípio nem fim, o ser vivo, conforme a qualidade dos atos realizados durante uma certa existência, renasce em uma situação mais ou menos feliz no decurso de suas vidas ulteriores. Poderá renascer como um deus, como homem, como animal, como espírito maligno ou até nos infernos aterrorizadores. Mas a extensão da vida em todos esses estados,

apesar de muito variável, é sempre limitada e, cedo ou tarde, cada ser vivo morre para renascer novamente, em outras circunstâncias.

O filósofo Murillo Nunes Azevedo analisa o conceito de “Samsara” absorvido do “Viveka Chudamani” (A Jóia Suprema da Sabedoria):

“Verifiquemos o versículo 42: Como cruzarei o oceano do nascimento e renascimento? Qual é o meu destino, o que significa existir, oh, Senhor, eu não sei. Oh, Senhor, bondosamente me protegei, aliviai as dores procedentes do nascer e renascer.

Comentário: a grande maioria dos seres humanos vive impelida pelos acontecimentos, sem saber como sair do processo do vir-a-ser (samsara) e nem tem a menor idéia de qual seja o objetivo último desse processo ou o que significa existir. No instante em que temos consciência plena do problema, é indispensável a entrega à ação de algo que está acima, dentro de nós. O tom de súplica deste versículo é pungente, uma súplica nascida de um coração que sinceramente deseja uma saída que nunca será encontrada pelo intelecto”. (59)

O psicólogo suíço Carl G. Jung lecionava que a sensação da unicidade com Deus, é uma experiência comum em todas as formas de “misticismo” e se desenvolve quando o consciente se ofusca:

“Por intermédio da função transcendente, nós não apenas temos acesso à “Mente Única” como também passamos a compreender porque o Oriente acredita na possibilidade da autoliberação. Se, através da introspecção e da percepção do inconsciente, é possível transformar a condição mental de alguém e chegar assim a uma solução dos conflitos dolorosos, poderia parecer-nos permitir falar de autoliberação”. (60)

Outrossim, o psicólogo americano Ken Wilber analisa a questão da busca da libertação do “Samsara”, de acordo com os ensinamentos perenes:

“Quando a alma desperta, ou se dissolve no espírito, ela não mais transmigra; ela está “libertada”, ou compreende que, enquanto espírito, está reencarnada em toda a parte, como todas as coisas. Mas se a alma não desperta para o espírito, se não é iluminada, ela reencarna, levando consigo o acúmulo de sua virtude e de sua sabedoria, em vez de recordações específicas de sua mente. E essa cadeia de renascimentos prossegue até que esses dois acúmulos - virtude e sabedoria - atinjam finalmente um ponto crítico, quando a alma se torna iluminada, ou se dissolve e se liberta no espírito, fazendo assim com que termine a transmigração individual”. (61)

O Tibet merece uma atenção especial, porque a forma de Budismo ali praticada é diferente das do Japão, da China e do Sri Lanka. É exatamente por isso que às vezes se emprega o termo Lamaísmo para designar a religião tibetana.

Os tibetanos insistem sobre o instante da morte. Trata-se da última oportunidade oferecida ao indivíduo para realizar sua verdadeira natureza e para “despertar”. Uma passagem e um instante incomparáveis que a vida inteira leva para preparar. Há um livro que poderá ajudá-lo: O Livro Tibetano dos Mortos, o “Bardo Thodol”.

A expressão “bardo thodol”, como observa a escritora Alexandra David Néel, significa “texto cuja audição deriva do bardo”. O bardo é o estado intermediário no qual reside a entidade desencarnada desde o momento da morte até a reencarnação. O bardo é o “meio-termo” entre a morte e o renascimento. Notemos de passagem que a palavra “morte” não aparece no Bardo Thodol. A tradução “livro dos mortos” é portanto genérica, aproximativa. Seria antes o livro da libertação ou o livro da grande liberação pela escuta.

O Bardo Thodol é recitado por monges na cabeceira do moribundo ou do defunto, que se supõe estar ainda ouvindo. A boca deverá ser colocada muito próxima do ouvido do moribundo, no momento em que cessa a respiração exterior, mas neste instante o alento interior de vida ainda não desapareceu.

Durante a recitação, os parentes e os amigos ficam proibidos de chorar, pois isso seria uma fonte de distração ruim para o morto, que deve ter sua atenção voltada para o estado

intermediário em que está ingressando e não para aquilo que já constitui passado para ele.

A leitura do texto tem por objetivo esclarecê-lo sobre o que o aguarda. É uma viagem “mental” lúcida, que ele deve fazer a fim de se liberar da cadeia das reencarnações ou, na pior hipótese, de conseguir um renascimento agradável, vejamos um dos seus trechos:

“... o leitor colocará os lábios próximos ao ouvido (do moribundo ou falecido) e repeti-lo-á de forma nítida, incutindo-o, com clareza, no moribundo, de modo a impedir que sua mente divague por um momento sequer”. (62)

Para um melhor entendimento do processo do “Bardo”, nada melhor do que um Lama Tibetano para explicá-lo, no caso o Lama radicado no Brasil, Chagdud Tulku Rinpoche, palestrante que tive o prazer de assistir em diversos seminários da UNIPAZ, em Salvador-BA:

“Você cai no desfalecimento da morte, um estado semelhante a um coma, do qual não há retorno. A essa altura, todos os pensamentos impelidos pelos venenos mentais cessam e a mente abre-se para a experiência da clara luz; essa é a primeira fase do bardo chhonyid, o bardo da verdadeira natureza da realidade.

Se estivermos treinados em repousar na consciência primordial que percebe a natureza da nossa mente, poderemos conseguir liberação no bardo chhonyid, reconhecendo a clara luz como sendo a nossa própria natureza intrínseca. Essa fusão da consciência com a clara luz produz a liberação do darmakaia.

A seguir, os reflexos da mente começam a aparecer como uma manifestação pura de cores e deidades; essa é a segunda fase do bardo chhonyid. Se reconhecemos esses fenômenos como sendo nada mais do que a irradiação da nossa consciência intrínseca, essa transição se torna uma oportunidade para alcançarmos liberação, denominada liberação do sambogakaia.

Nós entramos no bardo sidpa ou bardo do vir-a-ser, a transição de quarenta e nove dias que leva ao próximo renascimento. Nessa ocasião, nossa consciência, não aprisionada em um corpo

físico, é jogada de um lado para o outro, encontrando visões aterrorizantes e sons assustadores. Qualquer pensamento que surge, instantaneamente nos impele em direção ao seu objeto. Se em vida adquirimos um hábito forte de rezar quando as coisas pareciam sem esperança, iremos nos lembrar de rezar nesse momento. No instante em que pensarmos em nossa fonte de refúgio, iremos renascer no reino puro desse ser de sabedoria. Isso se chama a liberação do nirmanakaia. Caso isso não aconteça, a mente passará para um outro sonho, renascendo em um dos seis reinos, tendo sido perdidas todas as oportunidades de despertar, de encontrar renascimento além do sofrimento”. (63)

O escritor Glenn H. Mullin, descreve com clareza os 6 reinos passíveis de reencarnação, consoante o Budismo Tibetano:

“O Budismo fala em seis reinos: do inferno, dos fantasmas, dos animais, dos humanos, dos semi-deuses e dos deuses. Cada um deles, no seu aspecto negativo, corresponde a uma das seis ilusões originais, e aquela que predominar no momento da morte determinará seu reino correspondente. Por exemplo, a natureza do reino do inferno é a violência, que corresponde ao aspecto negativo da raiva. Assim, morrer neste estado significa renascer no inferno. A natureza do reino dos fantasmas é a insatisfação, que corresponde ao apego. Morrer cheio de apego significa entrar no reino dos fantasmas. O reino animal sofre pela falta de inteligência, e morrer neste estado de estupidez, de ignorância e falta de clareza mental significa renascer como animal, como inseto, etc. O egoísmo, a inveja e o orgulho são responsáveis pelo renascimento negativo nos reinos mais evoluídos. Quando tais tendências camuflam o carma positivo de um reino mais evoluído, o auspicioso fica direcionado em vão, sem direção significativa. Estas três ilusões geram renascimentos no reino humano, dos semideuses e deuses. O carma positivo conduz o ser a um reino auspicioso, mas estas três tendências desvirtuam ou impedem sua felicidade nesse reino”. (64)

E como proceder, no momento da morte, seguindo a tradição tibetana, para evitar ou direcionar nosso próximo renascimento? Entendo que o Mestre Budista Sogyal Rinpoche pode nos orientar:

“Os ensinamentos do bardo dão dois tipos específicos de instruções: métodos para prevenir o renascimento ou, falhando estes, para escolher um bom nascimento.

Primeiro, as diretrizes para fechar a entrada para outro nascimento. O melhor método é abandonar as emoções como desejo, ódio ou ciúme, reconhecendo que nenhuma dessas experiências do bardo tem qualquer realidade última. Se você pode perceber isso e repousar a mente na sua natureza verdadeira e vazia, evitará o renascimento. O segundo melhor método para evitar o renascimento é ver seus pais em potencial como o Buda, ou seu mestre, ou a deidade yidam. Na ocasião, deve tentar gerar um sentimento de renúncia à atração que tem pelo desejo, pensando nos reinos puros dos budas. Isso evitará o renascimento e poderá fazer com que você renasça num dos reinos búdicos”. (65)

OS TULKUS E O DALAI LAMA

Ressalte-se que, em alguns casos, a reencarnação se faz acompanhar da encarnação de um elemento divino. Já não se trata somente do renascimento de um ser, de uma personalidade, mas da perpetuação de uma santidade; ou seja, o “TULKU” é a manifestação num corpo de qualidades espirituais e intelectuais, uma emanção do seu pensamento, de suas virtudes, de suas obras, perpetuam-se, reaparecendo no mundo depois de sua morte, na forma física de uma criança. O exemplo mais célebre é o do Dalai Lama, que manifesta a presença terrestre de Chenresi, o bodhisattva da Compaixão, (cujo mantra é “Om Mani Padme Hum”) protetor do Tibet. Para um tibetano, um lama plenamente realizado é capaz de escolher as circunstâncias de sua futura encarnação e predizer com exatidão onde ela se produzirá.

A escritora Penny Thornton, descreve com exatidão o processo de localização da encarnação atual do 14º Dalai Lama:

“Desde 1417, quando da morte do grande reformador e avatar de Buda, Tsong-kha-pa, a escolha de cada Dalai-Lama depende da reencarnação. Quando morre um Dalai-Lama, organiza-se a procura de seu sucessor que, como a reencarnação de Dalai-Lama anteriores, encarna Chenresi, o deus budista da graça. O

atual Dalai-Lama, Tenzin Gyatso, foi encontrado, depois de longa procura, cerca de quatro anos depois da morte do 13º Dalai-Lama. Algum tempo antes de sua morte, em 1933, o 13º Dalai-Lama fizera sugestões relativas à forma de seu renascimento... Finalmente, após longa peregrinação, encontraram um mosteiro de três andares com tetos dourados... lembraram-se da visão do regente e depararam com a casinha com frontões entalhados. Cheios de entusiasmo, vestiram-se com as roupas de seus criados... Estes, usando as roupas de seus senhores, foram levados para o melhor cômodo, enquanto os monges disfarçados foram para a cozinha, onde provavelmente encontrariam as crianças da casa. Logo que entraram na casa, tiveram a certeza de que ali encontrariam a Criança Sagrada e esperaram tensos para ver o que aconteceria. E, de fato, um garotinho de dois anos veio correndo ao seu encontro e agarrou-se às vestes do lama, que trazia no pescoço o rosário do 13º Dalai-Lama. Sem se perturbar, a criança exclamou: “Sera Lama, Sera Lama!” Já era surpreendente o fato de a criança reconhecer um lama nas vestes de um criado e dizer que ele vinha do Claustro de Sera, o que era verdade. Depois, o menino pegou o rosário e puxou-o até que o lama lho deu; então, colocou-o no próprio pescoço. Foi difícil para os nobres monges não se atirarem no chão diante da criança, pois já não tinham mais nenhuma dúvida. Havia encontrado a Encarnação. Apesar de o primeiro encontro com Gyatso, de dois anos, parecer confirmar todas as suas esperanças, os monges sujeitaram-no a muitos outros testes antes de acharem que tinham provas suficientes de que era de fato a reencarnação de Chenrezi; alguns desses testes envolviam a identificação de objetos pertencentes ao 13º Dalai-Lama, que o menino foi capaz de reconhecer sem dificuldade. Gyatso também apresentava certas características físicas - lunares de formas estranhas e orelhas grandes - consideradas marcas essenciais de uma encarnação de Chenrezi. A descoberta do atual Dalai-Lama e o estabelecimento de suas “credenciais” não são um mito, mas uma questão de fato histórico... a prova da reencarnação aqui parece no mínimo convincente”. (66)

Vale lembrar que, no cinema, parte desta estória foi contada no filme “Sete Anos no Tibet”, com o ator americano Brad Pitt.

Com efeito, é muito importante esclarecer o caráter voluntário e consciente do processo de encarnação de um “Tulku”, pois ele decide vir ao mundo para trabalhar para o bem de

todos os seres e como todo “Bodhissattva”, a sua meta era eliminar do universo a maior energia negativa possível.

O Prof. Pierre Weil, Reitor da UNIPAZ, fez uma pesquisa científica sobre o assunto, concluindo uma estatística com a reencarnação de 16 Karmapas, que faleceram entre 24 e 83 anos, com média de vida de 52 anos, logo, inferior à de outros Tulkus, acrescentando ainda:

“Quanto ao intervalo entre a morte de um Tulku e seu renascimento, vemos que geralmente é de um ano, mas havendo exceções de dois, três, sem falar do primeiro Karmapa que levou treze anos para renascer. Como já abordou Sitou Rinpoché, na entrevista referida anteriormente, o princípio consciente pode ser transferido para a nova matriz de imediato, ou num intervalo de 49 dias, um ano ou mais.

Quanto à idade de reconhecimento do Tulku, a partir do qual ele vai então para um mosteiro receber os ensinamentos, é muito variável. como podemos ver no quadro, varia entre zero e oito anos. Em oito casos, sobre dezesseis reencarnações, o reconhecimento não passa dos cinco anos, dependendo de certas condições divinatórias e de rigoroso controle da autenticidade do Tulku”. (67)

Aconselho o leitor a assistir o filme “O Pequeno Buda”, do diretor Bernardo Bertolucci, que mostra, claramente, este processo de confirmação de encarnação, com a presença do ator Keanu Reeves; lembro-me que em 29.10.95, estive no local da filmagem, “Templo de Lakshimi”, Baktapur, no Nepal, fazendo minhas pesquisas e visitando templos; constatando “in loco” que, ainda hoje, os monges continuam pintando caveiras do Senhor da Morte, nas portas de entrada dos templos, não com a intenção de assustar os turistas, mas para induzir pensamentos de morte e impermanência nas pessoas.

Para concluir este estudo de reencarnações programadas, não poderia deixar de mencionar a famosa figura do mestre indiano Sathya Sai Baba, cujos milagres foram narrados na tradução da sua biografia pelo Prof. José Hermógenes, mestre em Hathayoga:

“Quando em janeiro de 1975 visitei a Índia pela primeira vez, pude observar uma devoção fanática em inúmeras pessoas que era dirigida a Sai Baba. Em todos os lugares, residenciais e estabelecimentos comerciais se via a foto do Santo Homem, que

os devotos tinham como o próprio Deus encarnado”. (68)

A série de ensinamentos do mestre Sathya Sai Baba tiveram continuidade com a tradução de “Sadhana: O Caminho Interior” (69), também por Hermógenes. Entretanto vamos aos fatos, a partir do desencarne, em 1918, de um homem santo chamado Sai Baba de Shirdi, que informou aos seus discípulos que reencarnaria em 8 anos, nascendo em uma pequena aldeia no sul da Índia. Em 1926, nascia Sathya Sai Baba, que desde pequeno realizava prodígios medianímicos e, ao atingir 12, anos começou a dizer quem foi na última encarnação, dando inclusive provas desta afirmação, reconhecendo e identificando pessoas que estavam vivas à época de sua encarnação anterior, muito recente. Atualmente, ele diz que viverá até a idade de 95 anos (alguns autores dizem 96, pois na Índia conta-se a idade desde o momento da ciência da gravidez). Ele diz, para posteriores confirmações, que não só viverá nesta encarnação até os 95 anos de idade, como ficará novamente oito anos na erraticidade. Completados estes oito anos reencarnará para dar sequência à sua missão. Chamar-se-á Premma Sai (Premma=Amor). Ficará durante um tempo incógnito e começará a atuar por volta dos 20 anos de idade. Disse, há pouco tempo, que seus futuros pais já nasceram e que seu nascimento será no Distrito de Mandaya, ao sul da Índia, mais precisamente, na cidade de Guanapartli.

REENCARNAÇÃO NA BÍBLIA

Apesar do esforço da Igreja Católica em apagar as idéias reencarnacionistas originais do Mestre Jesus Cristo, após o Concílio de Constantinopla (553 d. C.), algumas passagens ainda podem ser encontradas; como no Capítulo 3, do Evangelho de João, relatando um encontro de Jesus com Nicodemos:

“Rabi, sabemos que tu és um mestre que vem da parte de Deus, pois ninguém pode realizar os sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele”. Jesus lhe respondeu: “Em verdade, em verdade eu te digo: a menos que nasça de novo, ninguém pode ver o reino de Deus”. Nicodemos lhe disse:” Como um homem poderia nascer, sendo velho? Poderia ele entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e nascer?” (70).

Analisando a sequência do diálogo entendemos que Jesus explicou que o

espírito precisa nascer e renascer muitas vezes na carne, até que fique em condições de pureza e sabedoria que lhe permita “entrar no reino de Deus”.

O pesquisador Prof. Hermínio Miranda também estudou, minuciosamente, estas narrativas:

“Mesmo assim, Nicodemos não se recuperara da sua perplexidade ante aquela estranha afirmativa de que era preciso nascer de novo, ou seja, renascer. E volta a perguntar:

- Como se pode fazer isso?

Jesus responde com outra pergunta, muito mais profunda do que parece, nas suas implicações:

- És mestre em Israel e não entendes estas coisas?

Só há uma explicação lógica para a pergunta-resposta: todo aquele que houvesse estudado bem os textos sagrados de Israel, especialmente os Doutores da Lei, como Nicodemos, deveria conhecer o mecanismo dos renascimentos ou seja, a reencarnação. Em outras palavras: referências inequívocas à vidas sucessivas constam do Antigo Testamento, no qual estudavam os Doutores. Mais do que isso, porém. Como lembra Allan Kardec em O Evangelho Segundo o Espiritismo (Capítulo 4º, itens 6 a 9), se a crença fosse um erro, Jesus não deixaria de combatê-la como o fez a tantas outras”. (71)

Vale analisar, de volta ao Novo Testamento, outros pontos em que a doutrina das vidas sucessivas, ainda que não explicitamente mencionada, é logicamente inferida e sem ela pouco ou nenhum sentido teria o texto, a exemplo, de João 9:1-14:

“Jesus, ao passar, viu um homem cego de nascença. Perguntaram-lhe seus discípulos: - Mestre quem pecou para que este homem nascesse cego, ele ou seus pais? Respondeu Jesus: - Nem ele pecou nem seus pais, mas isto se deu para que as obras de Deus nele sejam manifestas”.

Novamente, constatamos que a doutrina das vidas sucessivas era perfeitamente familiar aos seus discípulos, sendo, inclusive, evidente na própria maneira de formular a pergunta “Foi ele quem pecou ou foram seus pais?”. Caso não acreditassem numa responsabilidade preexistente, como poderiam perguntar por que um cego de nascença estava sendo castigado?

“Manifestava-se no episódio daquela cegueira aparentemente inexplicável em termos humanos, o mecanismo inexorável das leis divinas. Aquele espírito cometera anteriormente àquela existência, numa vida anterior e não na presente, como cego, algum erro gravíssimo que a lei divina lhe cobrava agora, a fim de levá-lo ao entendimento de que as consequências do pecado se voltam implacavelmente sobre nós mesmos, como está dito alhures no Antigo e no Novo Testamento. E não nos libertamos dos nossos erros enquanto não estiver pago o último centavo, como ficou dito em Lucas 12:59.” (71)

Outrossim, após participarem do belíssimo episódio denominado de “transfiguração”, no qual Jesus, resplandecente de luz, conversa com os espíritos de Moisés e de Elias, os discípulos que, naturalmente, conheciam a profecia de Malaquias, perguntam a Jesus (em Mateus. 17:10-13): - “Por que dizem os escribas que Elias deve vir primeiro?”

A cristalina resposta de Jesus Cristo não deixa margem a contestação ou dúvida, pela sua clareza estelar; primeiramente ele confirma a profecia: é verdade, sim, que Elias tinha que vir, como foi anunciado; informando que ele viera de fato, mas não fora reconhecido. Ao contrário, “fizeram dele quanto quiseram” e acabaram por executá-lo, como, aliás, o fariam com ele próprio, Jesus; tendo Mateus encerrado sua narrativa com esta frase inquestionável: “Os discípulos compreenderam, então, que ele lhes falava de João Batista”.

ORÍGENES E O V CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA

Orígenes (185-254 d.C), como seu mestre Clemente apaixonou-se pela metafísica dos pitagóricos e neoplatônicos, cujas idéias adotou, assimilando perfeitamente a teoria da preexistência das almas.

Como leciona a escritora Manuela Pompas, no seu livro “Reencarnação - A descoberta das vidas passadas”:

“Os primeiros padres da Igreja, entre os quais Agostinho, Clemente e Orígenes, sustentaram em sua obra a doutrina do renascimento, retomando a tradição hermética (isto é, de Hermes Trismegisto, a quem foi atribuído o Livro dos Mortos), que citaram em abundância em seu trabalho. Orígenes (184-254), definido na Enciclopédia Britânica como “o mais distinto e influente entre todos os teólogos da antiga Igreja”, ensinou a preexistência da alma, segundo a idéia platônica: A alma não tem princípio nem fim. Cada alma entra neste mundo fortificada pelas vitórias ou então enfraquecida pelo defeitos da vida anterior. Seu lugar neste mundo, quase como uma morada destinada à honra ou à desonra, é determinado pelo seus méritos precedentes. Sua obra neste mundo determina o lugar que ela terá no mundo seguinte...

Não será talvez mais de acordo com a razão que cada alma, por certas misteriosas razões, seja introduzida em um corpo e que isto ocorra segundo seus méritos e suas ações anteriores?” (72)

Orígenes tinha a admiração do povo, cuja maioria era reencarnacionista, mas as forças dominantes ficaram irritadas e como não conseguiram debater com ele, mandaram queimar todos os seus livros.

Mediante o estudo de fragmentos remanescentes dos seus ensinamentos principais, conseguiram trazer à tona princípios, que nos levam à compreensão da reencarnação e da inevitável lei do carma, objeto do próximo capítulo. Ele falou que se você acredita que Deus é justo (algo de que não podiam discordar), então cada pessoa “quer do céu, da terra ou mesmo de debaixo da terra, tem dentro de si as causas das adversidades antes de seu nascimento no corpo.”

Tendo Orígenes afirmado, depois desse episódio, algo que os incitou ainda mais. Que esta preexistência da alma era a explicação para a desigualdade das circunstâncias: “Eis em sua totalidade o princípio da imparcialidade, quando a desigualdade das circunstâncias mantém a igualdade de prêmio por mérito.” Sendo oportuno destacar ainda, segundo os escritores Mark e Elizabeth Prophet:

“Este princípio da lei de recompensas ou lei do carma foi a base das provas de Orígenes sobre a imparcialidade de Deus diante

das iniquidades dos homens. Depois que concordaram com seu argumento, seus críticos foram obrigados a admitir sua conclusão, que o próprio homem é o responsável pelo que é e por quem é. Se eles quiseram ou não concordar é outro assunto.” (73)

Com efeito, a Igreja teve alguns concílios tumultuados, entretanto, o V Concílio de Constantinopla (553 d.C.) bateu o recorde em matéria de desordem e mesmo de desrespeito aos bispos e ao próprio Papa Virgílio; por sua vez o imperador Justiniano era um teólogo que queria saber mais teologia do que o papa. Sua mulher, a imperatriz Teodora, foi uma cortesã e se imiscuía nos assuntos do governo do seu marido, e até nos de Teologia; sendo valiosa a narrativa do teósofo cristão José Reis Chaves:

“Contam alguns autores que, por ter sido ela uma prostituta, isso era motivo de muito orgulho por parte das suas ex-colegas. Ela sentia, por sua vez, uma grande revolta contra o fato de suas ex-colegas ficarem decantando tal honra, que para Teodora, se constituía em desonra.

Para acabar com esta história, mandou eliminar todas as prostitutas da região de Constantinopla - cerca de quinhentas.

Como o povo naquela época era reencarnacionista, apesar de ser em sua maioria cristão, passou a chamá-la de assassina, e a dizer que deveria ser assassinada, em vidas futuras, quinhentas vezes; que era seu carma por ter mandado assassinar as suas ex-colegas prostitutas.

O certo é que Teodora passou a odiar a doutrina da reencarnação. Como mandava e desmandava em meio mundo através de seu marido, resolveu partir para uma perseguição, sem tréguas contra essa doutrina e contra o seu maior defensor entre os cristãos, Orígenes, cuja fama de sábio era motivo de orgulho dos seguidores do cristianismo.” (74)

Portanto, no século VI, o imperador Justiniano, chefe do Império do Oriente, declarou guerra aos discípulos de Orígenes. Em primeiro lugar seus ensinamentos foram condenados no Sínodo de 543, em Constantinopla; depois, em 553, foram publicados os anátemas contra Orígenes e a doutrina da preexistência da alma. Em tudo isso não houve nenhuma intervenção eclesiástica. O V Concílio foi promovido por Justiniano e conduzido por bispos orientais manobrados pelo próprio imperador; nenhum representante de Roma estava presente.

Ademais, foram feitas diversas ameaças ao Papa Virgílio que, no entanto, resistiu, não comparecendo ao Concílio. E se foram feitas pressões contra o Papa, certamente, com bem mais facilidade, foram feitas também contra os bispos participantes do Concílio.

Somente depois de longas e terríveis angústias, o Papa Virgílio ratificou os decretos do Concílio, em 554, só retornando para Roma em 555; ficando constatado que Justiniano era um fanático, chegando a dar um ultimato aos seus súditos, para que escolhessem entre o batismo e a morte. Depois desse Concílio, determinou uma perseguição em massa contra os reencarnacionistas. E, só no Oriente Médio, foram mortas mais de um milhão de pessoas adeptas da reencarnação; como confirmou o escritor Paul Brunton, no seu “Idéias em Perspectiva”, pág. 118. (75)

JESUS E OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO

O mestre Jesus de Nazaré, pregou com eloquência, em defesa dos pobres e oprimidos, proclamando a necessidade de amar o próximo, como a si mesmo, bem como a imortalidade da alma, a reencarnação, a condenação da hipocrisia e da cobiça; este também é o pensamento da escritora Elisabeth Clare Prophet:

“O manuscrito nos diz que Jesus passou doze anos estudando o Hinduísmo e o Budismo, e sugere que aprendeu a fazer milagres com os sábios hindus. Se isto é verdade, ele estava sem dúvida alguma, familiarizado com a reencarnação, que faz parte da essência das duas religiões.

O manuscrito de Himis não se refere à reencarnação. Mas Nicholas Roerich, o antropólogo russo que publicou um texto incrivelmente semelhante ao manuscrito de Himis, também acrescenta citações de um outro manuscrito. Uma passagem deste texto diz que Jesus ensinou a reencarnação.” (76)

Em 1947, na margem ocidental do Mar Morto, nas Grutas de Qumrâm, em Israel, foram descobertos documentos que contam as tradições espirituais que originaram o Cristianismo;

inclusive, comprovando que Jesus Cristo adotara os ensinamentos e costumes dos “Essênios”:

“...são judeus pela raça mas, além disso estão unidos entre si por uma afeição mútua maior que a dos outros.., mas tem como causa o zelo da virtude e o ardente amor pelos homens..., estudam para curar as doenças, as raízes que protegem contra elas... são modelos de lealdade, artesãos da paz, terapeutas do deserto... entregavam a alma de bom grado, convencidos de que a recuperariam novamente... as almas são imortais e permanecem para sempre.” (77)

Em outubro de 1993, tive a oportunidade de visitar o Egito e Israel, participando de uma viagem iniciática coordenada pela “Ordem Rosa Cruz”, quando pude conhecer o Mar Morto e subir, de teleférico, até a Fortaleza de Herodes, onde os judeus resistiram até a morte, em Massadas, ao ataque dos romanos; tendo depois visitado a região das Grutas de Qumrâm e visto no museu seus famosos manuscritos. O nome essênio provinha do termo sírio “Asaya”, que em grego significa médico, terapeutas, como atesta Fílon de Alexandria. Ademais, o escritor e renomado pesquisador Edouard Schuré, também pode nos transmitir suas lições:

“Acrescentamos que os essênios professavam o dogma essencial da doutrina órfica e pitagórica, o da preexistência da alma, consequência e razão da sua imortalidade... Jesus passou vários anos com os essênios, submeteu-se a sua disciplina, estudou com eles os segredos da natureza e exercitou-se na terapêutica oculta”.
(78)

Assim sendo, caso o leitor esteja acompanhando de perto estas descobertas, constatará que Jesus Cristo era reencarnacionista e que a Bíblia teve vários dispositivos subtraídos, de forma a concentrar o poder da Igreja, como única intermediária para que o povo possa acessar a Deus.

CARL JUNG ERA REENCARNACIONISTA?

A literatura atual sobre reencarnação, frequentemente inclui o nome do renomado psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), criador da Psicologia Analítica, podendo ser extraído diversos textos escritos por ele, que comprovam esta idéia; principalmente no seu livro autobiográfico, que só foi liberado para publicação após a sua morte, a pedido dos seus familiares, vez que pelos seus comentários, temiam que Jung fosse considerado senil:

“No fundo sentia-me ‘dois’: o primeiro, filho de meus pais, que frequentava o colégio, era menos inteligente, atento, aplicado, decente e asseado do que os demais; o outro, pelo contrário, era um adulto, velho, céptico, desconfiado e distante do mundo dos homens (...) O jogo alternado das personalidades nº 1 e nº 2, que persistiu no decorrer da minha vida, não tem nada em comum com a ‘dissociação’ no sentido habitual. Pelo contrário, tal dinâmica se desenrola em todo o indivíduo...Minha vida, tal como a vivi, muitas vezes pareceu-me uma história sem princípio nem fim. Tinha a impressão de ser um fragmento histórico, um excerto do qual o texto precedente e subsequente estavam faltando. Podia bem imaginar que tinha vivido em séculos anteriores e ali deparado com questões que ainda não era capaz de resolver. E que renascera por não ter cumprido a tarefa que me fora dada. Quando eu morrer, minhas ações irão comigo, isso é o que eu imagino. Levarei comigo o que fiz. No entretanto, é importante garantir que não chegue ao fim com as mãos vazias.

A significação da minha existência tem uma pergunta que me é endereçada. Ou, ao contrário, eu próprio sou uma pergunta dirigida ao mundo, e devo comunicar a resposta, porque, de outra maneira, fico dependente da resposta do mundo. Esta é uma tarefa de vida superpessoal, que cumpro somente com esforço e dificuldade. Minha forma de fazer a pergunta bem como a minha resposta podem ser insatisfatória. Sendo assim, alguém que tem o meu Karma - ou eu próprio - tinha de renascer, a fim de dar uma resposta mais completa.

Pode acontecer que eu não torne a nascer, se o mundo não precisar dessa resposta, e que não sejam outorgadas várias centenas de ano de paz, até que alguém que se interesse por esses assuntos, e possa, proveitosamente, realizar a tarefa, seja necessário.” (79)
(Sublinhamos)

Por outro lado, o analista junguiano John Sanford entendia que Jung não estaria interessado neste tema, ao analisar uma de suas cartas:

“Todos são livres para acreditar em qualquer coisa que pareça apropriada a respeito de coisas sobre as quais nada sabemos. Ninguém pode afirmar que a reencarnação existe, e, igualmente, ninguém pode afirmar que ela não existe. O próprio Buda estava convencido da existência da reencarnação, mas, ao ser interrogado duas vezes a respeito do assunto por seus discípulos, deixou em aberto o fato de a personalidade continuar ou não a existir. Certamente não sabemos de onde viemos, nem para onde vamos, ou porque estamos aqui neste momento. Acho que é correto acreditar que, ao termos feito o melhor possível aqui, também estaremos preparados da melhor maneira possível para o que nos espera.” (80)

Jung também foi conhecido como o sensitivo da psicanálise e segundo a revista britânica “Psychic News” (publicada no “SEI” - R.J., 06.11.76), com 21 anos já dirigia sessões espíritas na sua casa, com parentes e amigos, onde teria recebido mensagens do seu avô Samuel; tendo Jung inclusive confirmado que era sensitivo, pois via, com naturalidade, seu pai já desencarnado; além de ter dito ao seu amigo Martin Ebon, poucos dias antes de desencarnar, suas experiências de viagem astral ou projeção da consciência: “toda gente pensa que sofro muito, mas, em verdade o que sinto é algo muito agradável... sinto-me flutuando fora do meu corpo.”

Segundo Osvaldo Magro Filho, em artigo da RIE, nº 11, de dezembro/87, o psiquiatra alemão, Carl Gustav Jung, “foi além de tudo, um médium com potencial para a psicografia, efeitos físicos, audiência, premonição e desdobramento.”

E, certa vez, em 1944, após sofrer um enfarte ele passou por uma experiência de desdobramento espiritual e pôde ver a Terra de muito alto no espaço cósmico. O que Jung viu, fica bem caracterizado nessa sua frase: “O espetáculo de ver a Terra dessa altura foi a experiência mais feérica e maravilhosa da minha vida.” O curioso ainda é que ele, entre outras coisas mais, informa que durante a visão teve a atenção atraída para um fato e o expõe assim:

“- Vi o meu médico envolto por um halo luminoso cor de ouro e tive o pensamento

de que ele iria morrer. Após recobrar a vigília procurei alertá-lo quanto a sua saúde, foi em vão; fui seu último paciente. Ele morreu a 4 de abril de 1944”.

PERÍODO INTERMISSIVO

Também conhecido como período pré-encarnatório é o tempo de vida extrafísica que o espírito desencarnado experimenta no plano astral, entre as encarnações terrenas, no qual o espírito faz a sua reciclagem consciencial.

O momento de uma nova encarnação é cuidadosamente observado pelos Senhores do Carma e pelo Conselho dos Espíritos, pois é preciso que se reünam várias situações, condições e grande número de espíritos que necessitam realizar um novo encontro. Portanto, o planejamento não diz respeito somente a alguns, mas muitos são envolvidos neste próximo momento de vida. Às vezes, centenas de anos espaçam uma encarnação da outra, para um determinado espírito, pois o momento certo para uma encarnação leva em conta vários aspectos, como o grau de evolução atingido numa encarnação anterior, as pendências a serem sanadas, os pontos substanciais que necessitam de aprimoramento, além do próprio desejo ou não de o espírito voltar a encarnar. De uma forma genérica, baseados em relatos devidamente registrados como verdadeiros, de pessoas e cientistas que, por meio de vários métodos, fizeram o registro de encarnações anteriores, podemos dizer que o tempo (terreno) médio entre uma encarnação e outra é de 100 anos.

Segundo Mona Rolfe, no período pré-encarnatório o espírito tem condições de fazer uma melhor preparação para uma próxima vida, com a ajuda do seu orientador evolutivo ou amparador:

“O período de encarnação será utilizado para saldar os débitos cármicos da alma assumidos em vidas anteriores. A alma será chamada a fazer certos contatos no corpo físico entre aquelas pessoas que amou, ajudou, prejudicou e às vezes odiou. Esses contatos serão verdadeiramente muito bem preparados, de modo que a alma possa seguir passo a passo as recomendações feitas.

Onde amou e ajudou, as almas encarnadas serão convocadas a ajudá-la e a amá-la nessa vida seguinte. Onde ofendeu e odiou, terá de sofrer ela própria o poder da ofensa que fez, até que seja capaz de estender sua mão à alma ofendida e se tornarem amigas. A finalidade da reencarnação da alma é, por conseguinte a limpeza e a purificação de si mesma, dos débitos cármicos do passado, e com o amor e a gratidão de seus amigos edificar a base sólida do Templo do Futuro, de modo que lhe seja concedido o poder para a manifestação da lei de Deus e assim dissipará as trevas apagando seus próprios erros.

Isto não se faz ao acaso. Durante o período que a alma esteve no mundo do espírito, lhe terá sido mostrado tudo com relação à sua vida e ela, por sua própria vontade, entrega-se à aprendizagem de como pôr em seu devido lugar os assuntos que devem ser conciliados.” (81)

Na realidade, não existe um tempo de período intermissivo pré-definido, isto depende mais da necessidade evolutiva de cada espírito; podendo citar que os teosofistas afirmam que vai de 500 a 1.500 anos (Blavatski e Leadbeater); o pesquisador Karl Muller conseguiu uma média de 70 anos em algumas reencarnações comprovadas; o pesquisador espírita Hermínio C. Miranda supõe ser de 250 anos no seu livro “Nossos Filhos são Espíritos”, mas a média atual no Ocidente, comprovada pelas terapias de vidas passadas - TVP, estaria em torno de 100 anos.

Assim é como pensa também, o renomado Daskalos, mais conhecido como o “Mago de Strovalos”, que tive o prazer de conhecer, pessoalmente, por sincronicidade, numa palestra em São Paulo, em 28.05.94, quando esteve pela primeira vez no Brasil e eu tinha viajado para fazer uma audiência naquela metrópole:

“ - Quanto tempo um ser humano fica nos mundos psíquicos antes de reencarnar? perguntei.

- Os rosa-cruzes afirmam que é por cento e quarenta e quatro anos. Outros dizem cinquenta anos, outros quinhentos. Ainda outros insistem que leva mil anos até um novo nascimento. Eu digo que isto é bobagem. Não há tempo fixo. Trata-se de um assunto pessoal. Sei de um místico, por exemplo, que permaneceu no mundo psíquico por apenas dez meses antes de reencarnar.” (82)

E, consoante o pesquisador Roque Jacinto, quantas encarnações seriam

necessárias para atingirmos um excelente nível evolutivo?

“A reencarnação representa um reingresso à Escola Terrena, onde somos chamados a desenvolver as nossas qualidades latentes. O estágio espiritual, porém, não decorre tanto da quantidade de reencarnações que já tivemos, assim como o conhecimento do aluno numa escola não será mera consequência do número de aulas frequentadas.

Estágio maior decorre de maior aproveitamento. Aquele que se empenha em superar-se a si próprio, avança mais. Por isso é que repetiremos: valerá mais a qualidade de aproveitamento consciente das oportunidades que a Vida nos oferece, que nos fiarmos na simples expressão do número de reencarnações que teremos para atingir estágios mais avançados.” (83)

Para concluir esta abordagem, trazemos a confirmação do mais famoso médium americano da atualidade, James Van Praagh:

“É a alma quem decide a que velocidade deseja avançar. Alguns espíritos preferem permanecer do outro lado até que se sintam inteiramente prontos para voltar e enfrentar uma tarefa difícil em sua jornada na Terra. Outros ficam entusiasmados e querem lançar-se logo nesse compromisso espiritual, porque sabem que isto irá acelerar seu crescimento espiritual. Há também aqueles que acham que podem realizar mais em uma época determinada do tempo na Terra. O Conselho Etéreo ajuda a planejar todos os aspectos da vida futura do espírito e garante que as decisões não sejam tomadas com base em desejos emocionais ao invés de necessidades espirituais.” (89)

MECANISMOS DA ENCARNAÇÃO

Quando o espírito está pronto para iniciar uma nova vida no plano físico, começa o seu processo de mergulho no carne; que mesmo no caso de espíritos mais evoluídos, constitui sempre uma forma de limitação; pois o perispírito (também denominado corpo astral ou psicossoma) sofre uma diminuição de sua estrutura, ou seja, uma condensação de seu corpo dinâmico, com a absorção de todas as aptidões e experiências vivenciadas, para os departamentos mais íntimos do

espírito, seus “átomos permanentes.”

Assim, o novo corpo físico apresentará as características genéticas dos seus pais, combinada com a influência orientadora dinâmica do nosso perispírito, o que lhe valeu a denominação de “campo organizador da forma”; sendo adequado a transcrição de relato do escritor Patrick Drouot sobre este tema:

“No momento da encarnação a alma se veste com diferentes invólucros energéticos. Quando de sua descida, reencontra o corpo astral, que é o veículo das emoções e dos desejos, o veículo dos desejos não apaziguados, depois as substâncias necessárias se reúnem para formar o próximo corpo de manifestação, o corpo físico, impregnado das características adquiridas nas existências anteriores. A substância do corpo vital é disposta no plano etéreo de maneira que os sete chakras tomem lugar e possam tornar-se os receptores das forças interiores. Finalmente, o espírito escolhe sua família humana e espera o momento de encarnar-se.” (84)

A terapeuta e escritora Chris Griscom também tem uma visão semelhante do processo reencarnatório:

“A alma radiante cria exatamente o formato e o estilo do corpo que precisamos para que a essência se manifeste na forma. Cada detalhe de sua herança é arranjado para cumprir esse propósito... Esse processo de fusão entre o óvulo e o espermatozoide por uma espécie é precedido por uma espécie de “derretimento”, em que o material da essência concentra-se no receptáculo do corpo.” (85)

Segundo o filósofo Léon Denis (1846-1927), o processo de reencarnação é submetido às leis de atração e afinidade:

“Chegada a hora da reencarnação, o espírito sente-se atraído por uma força irresistível, por uma misteriosa afinidade, para o ambiente que lhe é próprio, e esta é para ele uma hora de angústia mais aterradora do que aquela da morte. Na realidade, a morte é apenas o desligamento dos liames carnis e entrada em uma vida livre e mais intensa; a encarnação, ao contrário, é a perda desta vida livre,

uma diminuição de si mesmo, a passagem dos espaços luminosos para uma prisão escura... Por isso mais doloroso é o renascer que o morrer: o desgosto, o espanto, a prostração profunda do espírito do limiar deste mundo tenebroso são coisas fáceis de se imaginar. A reencarnação faz-se por meio de uma aproximação gradual, pela assimilação das moléculas materiais ao perispírito, que se reduz, se condensa, se torna progressivamente mais pesado, até que, apropriando-se da matéria suficiente, se forma um invólucro carnal - o corpo humano.” (86)

Para facilitar a visualização desses mecanismos de atração do espírito à matéria, incluímos a figura a baixo, que poderia ser melhor ilustrada pelo belo poema de Thomas Traherne.

*“Como um anjo descí!
Como tudo brilha aqui!
Quando pela primeira vez surgi entre suas obras,
Sua glória me coroou.
O mundo falava de sua eternidade,
Na qual minha alma caminhou;
E todas as coisas que vi
Falaram comigo.”*

FIGURA 2 - DESCIDA DO ESPÍRITO À MATÉRIA (112)

Ainda sobre os mecanismos motivadores da volta do espírito ao plano terreno, sempre é bom termos a visão de quem está do “outro lado da vida”, no caso o espírito André Luiz, canalizado pelos médiuns Chico Xavier e Waldo Vieira na ótima obra “Evolução em Dois Mundos.”

“A esmagadora maioria jaz ainda ligada às ideologias e raças, pátrias e realizações, famílias e lares do mundo.

É por isso que artistas eméritos, ao notarem o curso diferente das escolas que deixaram no planeta, sentem-se irresistivelmente atraídos para a reencarnação, a fim de preservá-lhes ou enriquecê-lhes os patrimônios.

Cientistas eminentes, interessados na continuidade dos empreendimentos redentores que largaram em mãos alheias, voltam ao trabalho e à experimentação entre os homens, e, no mesmo espírito missionário, religiosos e filósofos, professores e condutores, homens e mulheres que se distinguem por nobres aspirações retornam, voluntariamente, à esfera física, em sagradas ações de auxílio que lhes valem honrosos degraus de sublimação na escalada para a Divina Luz.” (87)

Até no campo de pesquisas da psicologia mais moderna, a “Transpessoal,” criada há cerca de 25 anos pelos estudos de Maslow e Stanislav Grof, temos um embasamento seguro para a reencarnação; ou “corporificação” seguindo a linha difundida pela “Dinâmica Energética do Psiquismo”, lecionada no Brasil, pelas maravilhosas psicólogas Aída Pulstilnik e Theda Bassos, que tive o prazer de assisti-las em diversas palestras e seminários da UNIPAZ - Universidade Holística Internacional, tanto em Salvador-BA e em Águas de Lindóia-SP, como em Findhorn-Escócia.

Esta abordagem sofreu grande influência das descobertas da Física Quântica, pois entende a alma como um núcleo de energia individualizada e o espírito como o “self transpessoal” e nesse contexto o carma da pessoa causaria uma interferência no seu padrão energético-vibratório, a fim de impulsionar as novas experiências e aprendizados, necessários ao seu processo evolutivo.

Nesta mesma ótica de pesquisa, o médico e escritor Jorge Andrea tece suas esclarecedoras considerações:

“Dessa maneira, o fustigar da matéria pelas correntes dinâmicas

vinda do Espírito se dariam de tal modo que a zona consciente (psiquismo de superfície) pudesse perceber as sugestões. É como se a corrente espiritual, à medida que se fosse afastando do centro do psiquismo, fosse devidamente adaptada para que as células físicas bem suportassem o seu impacto e traduzissem as suas ordens. Essas sugestões, sob forma de tendências, procurariam alcançar os setores dos centros nervosos mais necessários e carentes, a fim de desenvolverem experiências e ampliarem potencialidades, obrigatoriamente absorvidas pelo dinamismo interno do Espírito, sempre a reclamar, na sua ânsia evolutiva, experiências e aquisições variadas. As janelas da alma jamais estariam escancaradas a revelar o passado, quase sempre carregado de erros, incongruências e instintos primários, por isso carentes e necessitados de construção. Para se construírem e neutralizarem as potencialidades negativas do Espírito, será necessário o esquecimento do fardo atormentador das vidas pregressas. Somente o processo reencarnatório, das renovações periódicas da personalidade ou corpo físico, com o apagamento temporário do pretérito, poderá oferecer os meios que concorrem para um velamento maior da alma quando no mergulho da condensação física a que está submetida. Nesta situação, há necessidade da alma ocultar-se e apagar-se por intermédio de seu bloco dinâmico perispiritual. Com este velamento temporário e limitada em seus interesses e necessidades, a alma procura, nos atritos do meio, as experiências, o trabalho variável e multiface, quase sempre cercado pelas dores com todos os seus matizes, a ensinar e ampliar as condições reais de evolução.” (88)

MAPA ASTRAL

Os conceitos astrológicos, relativos ao momento e local de nascimento do espírito reencarnante, sintetizados no “Mapa Astral ou Natal”, são de extrema validade como instrumento de alavancagem evolutiva, como atesta a sabedoria milenar de diversas filosofias e tradições espirituais:

“Entre as nações orientais, a ciência da astrologia e a doutrina da reencarnação ainda estão juntas na filosofia da vida. Antigos livros hindus sobre astrologia, atribuídos aos santos e rishis,

contêm sugestões e referências ao método para a determinação de estados passados e futuros de existência a partir de um mapa astral.” Manly Palmer Hall, “Astrology and Reincarnation”

Com efeito o mapa astral ou natal, sob a perspectiva da astrologia cármica, delinea o comportamento instintivo e as expectativas transportadas do passado e as possibilidades para o futuro, já que é representado pela interação entre as energias dos planetas e os signos. Outrossim, reitera e reforça os principais padrões, bloqueios e potenciais, construídos durante muitas vidas. As áreas de desequilíbrio e conflito são mapeadas, e aquelas para crescimento e nova aprendizagem são esboçadas. O padrão de causa e efeito estabelecido nas encarnações anteriores reflete-se nos céus no momento do nascimento, e a alma encarnada escolhe um momento de entrar que oferecerá as condições mais apropriadas para a sua evolução.

O escritor espiritualista James Van Praagh também ratifica a importância do mapeamento astrológico:

“O momento do nascimento é muito importante para uma nova alma. Várias forças combinam-se em perfeita sinconicidade. As energias planetárias, psíquicas, físicas e espirituais interagem de modo totalmente ritmado. É por isso que a hora e o local de nascimento são da maior importância, pois essa combinação astrológica ajuda a determinar a raça, a família e o status na Terra.” (89) (Destacamos)

A astrologia exerceu grande influência na vida de todos os sábios orientais, inclusive no principal codificador do Budismo Tibetano, Padma-Sambhava, que permaneceram fieis à sua herança ancestral da sabedoria do nascimento. (60)

O escritor Jean Yves Leloup, sacerdote ortodoxo e PhD em psicologia, também adere a corrente que valoriza o mapa astral:

“Ainda com outro exemplo, a propósito do condicionamento no qual nós podemos nascer, do ponto de vista astrológico. Neste corpo não temos nenhuma responsabilidade. Santo Tomás de Aquino dizia: “Certamente a astrologia é importante, porque fazemos parte do Universo. E o momento do nosso nascimento

está ligado a todos os acontecimentos que ocorrem no Universo nesse mesmo momento... Não se trata de estar submisso a sua carta astrológica, mas trata-se de fazer dela um ponto de partida para sua evolução. Neste momento o seu carma torna-se um dom, torna-se uma ocasião de desenvolvimento de sua consciência. No nosso nascimento recebemos mármore ou argila, nós não podemos mudar nada. O que depende de nós é fazermos deste mármore ou desta argila um penico ou uma Vênus de Milo.” (90)

Eu, pessoalmente, acredito na importância de fazermos nosso mapa astral, para impulsionar nossos dons e potencialidades e nos precaver contra certas tendências à doenças específicas, como dores de estômago ou garganta; o que era o meu caso, na qualidade de taurino, com ascendente em virgem, nascido em Salvador-BA, em 10.05.63. Inclusive, para comprovar a eficácia científica desta metodologia, eu fiz dois mapas astrais com especialistas renomados de Salvador; o primeiro com o astro-analista Leon Freire, o segundo com a excelente psicóloga Gicele Alakija; tendo ambos acertado, cerca de 90% dos seus diagnósticos.

Faz-se mister e é preciso entender que quando dizemos “Astrologia” e “horóscopo”, estamos nos referindo unicamente a um mapa calculado com precisão segundo: a hora do nascimento de alguém, o lugar (cidade, estado e país, expressos em latitude e longitude), a data e o ano de nascimento. Isto não tem nada a ver com os horóscopos diários que aparecem nos jornais, porquanto estes são apenas divertidos, mas não têm relação com nosso destino; ressaltando que é absolutamente essencial verificar a hora de nascimento, tão exata quanto possível, pois os dados empregados pelos astrólogos baseiam-se em intervalos de quatro minutos.

Conforme os ensinamentos dos místicos de todo o mundo, inclusive o americano Edgar Cayce, nós realmente “escolhemos” a hora e o modo de nascer e morrer em cada encarnação sucessiva; não importando se o nascimento ocorreu por parto normal ou cesáreo, vez que, astrologicamente, qualquer um dos casos estava escrito nas estrelas.

O ilustre astrólogo Zolar, no seu “Livro da Reencarnação”, oferece elementos importantes para nossa pesquisa:

“Após estudar astrologia durante aproximadamente quatro décadas, preciso lhes dizer que não acredito que as estrelas “causem”

alguma coisa. Podem impulsionar, mas nunca submeter, opinião também adotada por Cayce, que acreditava que “o construtor é sempre a Mente”:

“A força mais intensa no destino de um homem é primeiro o Sol, depois os planetas mais perto da Terra, ou os prestes a ascenderem na época do nascimento do indivíduo, mas compreendam que nenhuma ação de planetas, ou influências do Sol, da Lua ou qualquer outro corpo celeste supera a regra do livre-arbítrio do homem”. Assim como Carl G. Jung, acredito que o mapa natal reflete, de certa maneira, o intercâmbio entre o mundo interior e exterior obedecendo a algum tipo de sincronia. Sempre é no silêncio do “agora” que o deus dos nossos corações se manifesta. Quando consideramos o mapa astrológico do nosso nascimento nesta encarnação como um simples quadro ou foto do que na verdade é uma série de vidas, nosso conceito sobre sua importância muda logo. Subitamente todo ele, com seus aspectos fáceis e difíceis, transforma-se numa espécie de mapa rodoviário, um guia para a jornada da alma, nossa alma.” (50)

Para concluir esta temática, gostaria de trazer a teoria mais importante da biologia atual, analisando a “Ressonância Mórfica” do cientista Rupert Sheldrake, sobre a ótica da astrologia, segundo Judy Hall:

“Eu postularia um gene “etérico” em vez de “físico”: uma célula de memória - um Registro Akáshico pessoal - localizada na entidade espiritual que sobrevive à morte física e forma o projeto do próximo corpo. Esta entidade encarna novamente, apenas no sentido de que é assimilada, e podemos ter acesso por intermédio do Self, onde é armazenada. Tal “célula etérica da memória” pode ser o “elo perdido” na teoria de Rupert Sheldrake, da “Ressonância Mórfica”:

“A idéia central dos campos morfogenéticos é que existem campos invisíveis criando e moldando organismos em desenvolvimento, dando-lhes forma e estrutura... Se organismos vivos são moldados por este novo tipo de campo, os próprios campos devem ter uma estrutura ou organização... a estrutura desses campos é derivada da estrutura física verdadeira de organismos similares do passado. É derivada de conexões através do tempo e do espaço. Deste modo, os campos representam um tipo de memória cumulativa das espécies - o processo de ressonância mórfica”.

Em um artigo no Astrological Journal, Alan Jewsbury descreve

a ressonância mórfica como: “um excitante conceito que, se verdadeiro, faz com que a astrologia seja mais compreensível; e a aparente sobrenaturalidade de um mapa natal, que continua ativo pela vida, enquanto interage com os planetas transitantes não é mais tão estranha.” (91)

PESQUISAS CIENTÍFICAS ATUAIS

Em todo o mundo, a Lei da Reencarnação vem sendo confirmada pelos mais diversos cientistas, sendo imprescindível a coleta dos resultados das suas investigações, como nos informa o pesquisador Ricardo Di Bernardi:

“Apesar de sermos francamente adeptos da reencarnação por uma série de razões, temos de admitir que o termo memória extracerebral se adequa muito melhor à imparcialidade e frieza técnica da nomenclatura psi. A designação reencarnações sugestivas tem um cheiro filosófico tendencioso que deve ser evitado na pesquisa científica verdadeira. O termo paramemória também é isento de qualquer suspeita, embora não seja tão claro e expressivo como memória extracerebral.

Há, no momento, três escolas diferentes na área de pesquisa da MEC. A primeira é a do grupo ocidental, integrado pelos investigadores norte-americanos e europeu: de outro lado encontramos o grupo oriental pelos pesquisadores indianos e demais asiáticos: por fim o grupo soviético (C.E.I.), onde a personalidade do Professor Wladimir Raikow, da idônea Universidade de Moscou se destaca sobremaneira. As importantes pesquisas realizadas no Brasil pelo Professor Hernani Guimarães Andrade e outros investigadores, bem como as da vizinha Argentina, são incluídas evidentemente no grupo ocidental.

Deve-se citar, pelo pioneirismo no meio universitário, pelo que se tem notícia, o trabalho do professor Dr. Hamendras Nat Banerjee, da Universidade de Jaipur, província de Rajastan, na Índia. Tendo iniciado em 1954, conforme informou a Herculano Pires, no Brasil, vem gradativamente aprofundando seus estudos. Possui imenso fichário de casos que excedem ao milhar. Seus trabalhos e livros são editados em inglês pela própria universidade. Nos Estados Unidos o professor Ian Stevenson, catedrático de neurologia e psiquiatria da Universidade da Virgínia, também possui ampla

experiência em MEC. Na Inglaterra, pesquisou-se a paranormal Rosemary que, falando egípcio faraônico, revelava recordações de uma vida longínqua sua, relatada no livro This Egyptian Miracle, do Dr. F. H. Mood. Seu colega, Dr. Alexandre Canon, médico da corte, publica na mesma época, Reencarnação e Psiquiatria. Na França, Albert de Rochas foi o primeiro a pesquisar oficialmente a reencarnação por hipnose. Na Rússia, o Dr. Raikow, que utilizou muito a denominação Reencarnações Sugestivas, ao invés de MEC, também serviu-se de técnica hipnótica nas suas pesquisas.”
(92)

O escritor Gustave Geley, da mesma forma científica, comprova a eficácia da teoria reencarnacionista porque:

“1º - está de acordo com todos os nossos conhecimentos científicos atuais, sem estar em contradição com nenhum; 2º - dá a chave de uma imensidade de enigmas de ordem psicológica.

1º - A filosofia palingenésica está de acordo com todos os nossos conhecimentos científicos atuais. Não insistirei neste ponto. Já demonstrei o acordo desta filosofia com a astronomia, a história natural, a geologia, a paleontologia, a anatomia e fisiologia comparadas, etc. Procurar-se-ia, em vão, na massa de nossos conhecimentos um argumento sério para se lhe opor. Mas o que há de mais estupendo nesta verificação é o acordo da palingenesia com o evolucionismo.

2º - A filosofia palingenésica dá a chave de uma multidão de enigmas de ordem psicológica.

Os enigmas principais são: a inanidade das principais faculdades e capacidades; o talento e o gênio; as desigualdades psíquicas consideráveis entre parentes, irmãos, até mesmo gêmeos, nascidos e educados em condições idênticas”. (93)

Em seu estudo, “Reencarnação em Face da Biologia”, o pesquisador Carlos Toledo Rizzini, também apresenta suas provas:

“1. Lembranças infantis - Muitas crianças recordam fragmentos da vida anterior, podendo reconhecer pessoas e sítios com os quais estiveram em contato outrora, incluindo os respectivos nomes. Ver, por exemplo, I. Stevenson, K. Muller e A. A. Valente.

2. Regressão de memória - Mediante a indução de sono hipnótico

ou de sono magnético (ou mesmo espontaneamente), uma pessoa consegue facilmente - recebendo sugestões do seu operador - descrever esta e outras vidas com pasmosas minudências...

3. Revelação mediúnica - *Ocasionalmente, obsessores fazem referência a vidas passadas, em que estiveram envolvidos com as suas vítimas atuais. Acontece, por outro lado, certos espíritos anunciarem aos futuros pais sua volta à carne; vez por outra, é um filho morto há alguns anos que regressa ao lar, sendo reconhecido pelos pais. Cf. A.A. Valente, Muller e Delanne, por exemplo. Denota maior valor evidencial para as pessoas copartícipes das situações, sobretudo pais e mães.*

4. Xenoglossia espontânea - *Uma jovem inculta, bem nova, pode discorrer em inglês castiço (que nunca ouviu no presente); um rapaz modesto pode versejar esplendidamente em latim, língua que desconhece. Outras aptidões, como o gênio musical e matemático precoce, são, da mesma sorte, sugestivas de uma vida anterior (ou mais de uma) na qual tais pessoas eram instruídas e mesmo eruditas “. (94)*

Alguns tentam opor-se à reencarnação, alegando que a lembrança de existências anteriores, seria objeto de transmissão genética de nossos antepassados; verificando-se, de imediato, a fragilidade desta argumentação e sua impossível comprovação, diante dos contundentes e inegáveis fatos reencarnacionistas, elencados por Alfredo Miguel:

“Excogitando da questão hereditária, no seu portentoso livro “A Evolução Anímica”, observa Gabriel Delanne que, se é fácil demonstrar que o organismo material nem sempre é transmissível, mais fácil é admitir que a hereditariedade intelectual venha a falhar muitíssimas vezes. E falha mesmo. Desta verdade nos apresenta a História copiosos exemplos, porém somente alguns citaremos. O sábio e virtuoso Marco Aurélio gerou o miserável Cómodo. Péricles, que legou o nome ao século em que viveu, pelo florescimento da cultura ateniense no período do seu governo, produziu dois patetas, que a história menciona sob os nomes de Paralos e Xântipas.

“Se a hereditariedade psíquica existisse - objeta Isodoro Duarte Santos no seu livro “Pierino Gamba” - haveria muitos gênios e Rousseau não seria filho de um relojoeiro”. Nem Shakespeare de um açougueiro; nem Edison de um chaveiro do caminho de ferro; nem Voltaire de um notário; nem Joana d’Arc de camponeses; nem o cardeal Aquiles Ratti, mais tarde Papa com o nome de Pio XI,

teria nascido de um casal modesto empregado em pequena fábrica de tecelagem.”(95)

Ainda contra a teoria da memória genética, o pesquisador Hernane G. Andrade, comprovou diversos casos de reencarnação ocorridos no Brasil (96), podendo ser resumido o de Patrícia.

Patrícia contava apenas com dois anos e meio de idade, quando relatou ter sido, em existência precedente, Alex Amadado Barralouf, filha de Jean Paris Barralouf e Ângela Barralouf. Teria morado no Havre (cidade portuária francesa) e sido morta aos quinze anos, por um tiro disparado contra seu tórax, por um soldado que batera à porta de sua casa. Lembra-se que, após o disparo, sentiu muita sede e pediu água, tendo morrido logo após. Relatou, também, que se lembrava, logo após sua morte, de ter viajado sobre o oceano em um veículo branco e trazida até o lar onde nasceu na atual existência.

Os pesquisadores envolvidos com o caso em questão, demonstraram em Patrícia as marcas reencarnatórias: duas cicatrizes, uma em cada lado do tórax, correspondentes, em suas características, a orifícios de entrada e de saída de projétil de arma de fogo.

O argumento de que Patrícia é a reencarnação de Alex é válido, pois é capaz de responder a todas as perguntas que emergem da análise dos fatos. A tese da transmissão genética carece de fundamentação lógica no caso em questão, pois todos os ascendentes de Patrícia são italianos, paternos e maternos, nenhum viveu ou viajou à França.

PERSONALIDADES REENCARNACIONISTAS

Após comprovar o total respaldo científico da reencarnação, gostaria de convidar o amigo leitor a dar um passeio pela lista de personalidades de renome mundial, visando desmentir uma corrente preconceituosa de pensamento, que tentou restringir a temática reencarnacionista a “uma mera crença de orientais”; como se eles fossem pessoas atrasadas, de inteligência limitada. Com esta finalidade, coletamos os nomes mais significativos, citados em vasta pesquisa bibliográfica

nos livros “A Reencarnação através dos Séculos” (97), de Nair Lacerda; “Reencarnação” (98), de John Van Auken; “Reencarnação em Foco” (99), de Alberto de Souza Rocha e, principalmente, “A Reencarnação segundo a Bíblia e a Ciência” (74), do teósofo cristão José Reis Chaves, senão vejamos.

Iniciando pelo célebre filósofo e sacerdote italiano, Giordano Bruno, que não está esquecido, pois pagou com a vida o direito de discordar, em 1600, passando do Catolicismo para o Calvinismo e depois para o Luteranismo e de boa-fé deixou-se emaranhar na rede preparada para levá-lo à fogueira como apóstata. Conseguiu, contudo, deixar registrado na História que a vida é eterna, infinita, inexaurível, que nada se destrói. De uma conferência que pronunciou extraíram-lhe as seguintes afirmações. “A alma do homem é o verdadeiro Espírito, para o qual são formados os diferentes corpos, que devem passar por diferentes tipos de existência, nomes e destinos”.

Entretanto, melhor sorte teve outro italiano, Pietro Ubaldi, cuja obra-prima, “A Grande Síntese” (3), abre longos capítulos ao encontro da tese, reencarnacionista onde transparece por implicar o próprio sistema por ele montado, sendo difícil verificar onde não está ela implícita no contexto. Destaquemos um conceito dessa ordem bem interessante: “A gênese de uma vida não pode ser efeito do egoísmo de dois, agindo em dano de um terceiro, impossibilitado de consentir”. Seguindo-se Calderone, de Milão, por volta dos anos 30 deste século, Léon Denis, Gabriel Delanne, Lancellin, Albert De Rochas, Dr. Gelly, André Pezzani, Charles Bonnet, Bodierre e Allan Kardec (codificador do Espiritismo); salientando, assim, que naquela época, França e Itália lideravam o Mundo Ocidental na veiculação dessas idéias.

Edgar Cayce (1877 - 1945), curador e clarividente norte-americano, cujos trabalhos tiveram grande repercussão, respondeu, certa vez, a alguém que lhe pedia esclarecimentos: “Sim, temos o corpo, aqui, e isso já tivemos antes. Conforme vemos, houve melhoramentos físicos no corpo. Ainda assim, há muito a desejar. Como já dissemos, esta é uma condição cármica, e medidas devem ser tomadas pela entidade para mudar sua atitude em relação às coisas, às condições e a seu próximo”.

Herman Hess (1877 - 1962), prêmio Nobel de Literatura em 1946, romancista,

poeta e ensaísta alemão, filho e neto de missionários na Índia, seus livros tiveram grande projeção mundial, traduzidos que foram para muitas línguas. **Sidarta**, conforme os críticos, tem muito de autobiográfico, pois relata a luta de um jovem contra os pontos de vista religiosos de seu pai, e seu interesse crescente pelo misticismo hindu. De **Sidarta** citamos o trecho que se segue: “Muitas vezes Sidarta e o barqueiro Vasudeva sentavam-se juntos, à noite, sobre o tronco de árvore que ficava à beira do rio. Ambos ouviam, silenciosamente, o som da água, que para eles não era apenas água, mas a voz da vida, a voz do ser, do perpétuo vir-a-ser,...revisei a minha vida e ela também era um rio... As vidas anteriores de Sidarta também não estavam no passado e sua morte e sua volta para Bramã não estão no futuro”. (100)

Gibran Khalil Gibran (1883 - 1931), ensaísta filosófico, romancista, poeta e artista libanês, que escreveu tanto em árabe como em inglês, tornando-se famoso. Estudou pintura em Paris e, de volta aos Estados Unidos, para onde sua família havia imigrado logo depois que ele recebera a instrução primária no Líbano, dedicou-se à literatura e à pintura. A natureza profundamente religiosa de Gibran se manifesta em todos os seus trabalhos. Entre os seus livros escritos em inglês os que tiveram maior repercussão foram: **Jesus, o Filho do Homem e o Profeta**. Deste último livro, transcrevemos a seguir uma seleção: “Breves foram meus dias entre vós, e mais breves, ainda, as palavras que disse. Mas se minha voz se apagar em vossos ouvidos e meu amor desaparecer da vossa memória, eu voltarei, e, com o coração mais rico e o lábio mais obediente ao espírito, falarei. Sim, eu voltarei com a maré, e embora a morte possa ocultar-me e o silêncio maior envolver-me, eu tornarei a procurar vosso entendimento. Sabei, portanto, que do silêncio maior eu retornarei. Não vos esqueçais de que retornarei para vós. Um pequeno espaço, um momento de repouso sobre o vento, e outra mulher me dará à luz”. (101)

Masaharo Taniguchi, japonês, fundador do “Movimento de Libertação da Humanidade da SEICHO-NO-IE”, filosofia de vida, movimento de conciliação universal. O Dr. Taniguchi é autor de numerosos livros e tem feito viagens através do mundo para expor os princípios da sua filosofia, que já conta com milhões de adeptos e tem tido grande receptividade no Brasil, não só entre a colônia nipônica como entre as demais nacionalidades. Assim define um dos princípios básicos da SEICHO-NO-IE: “A morte do corpo não pode significar a morte do homem. Ele apenas muda de nível, perdendo sua condição carnal, e passa a viver numa dimensão espiritual. Depois

de determinado período nesse plano espiritual, retorna ao mundo terreno, para realizar, numa segunda condição corporal, o que deixou de realizar na primeira e essas passagens sucessivas pelo universo terreno vão permitindo atingir um estado de perfeição que dispensará, finalmente, o regresso a um corpo material, porque, então, já estará plenamente realizado na esfera puramente espiritual”. (102)

Por isso mesmo, ainda citamos expressões de personalidades notáveis que apoiaram a reencarnação. Honoré de Balzac dizia que “as virtudes que adquirimos e as que se desenvolvem em nós, lentamente, são elos invisíveis que ligam cada uma das nossas existências à outras das quais apenas o Espírito tem lembranças”. Gustave Flaubert, seguindo a mesma linha de raciocínio: “Eu não tenho esse sentimento de uma vida que está começando, a estupefação de uma existência iniciada. Parece-me pelo contrário, que já vivi! E tenho lembranças que recuam ao tempo dos faraós”. Figuiier dizia que “a alma do homem permanece sempre a mesma, apesar de suas inúmeras peregrinações”. Victor Hugo, entre outras afirmações do mesmo teor, dizia:” Quando eu descer à sepultura poderei dizer: meu dia de trabalho acabou. Mas não posso dizer: Minha vida acabou. Meu novo dia de trabalho se iniciará na manhã seguinte. Fecha-se ao crepúsculo e a aurora vem abri-lo novamente”. Albert Schweitzer foi colher a doutrina diretamente na fonte indiana e presta homenagem à sabedoria hindu. Romain Rolland, escritor de Arte, exclama, comovido, considerando a vida um caminho que percorreu: “Nada do que vi era região desconhecida. Conhecia tudo muito bem, mas não sabia onde tinha visto. Repetia de memória a lição que aprendi em algum tempo anterior ...” Flammarion, astrônomo que popularizou o conhecimento da Astronomia, é autor de inúmeras obras em que focaliza, em romances poéticos de grande beleza e riqueza de imaginação, os mundos estelares. Proclama a vida universal. Evocando os sábios e os santos, exclama: “A vida eterna vós a conquistastes, almas ilustres, não pelos trabalhos de uma só existência, mas pelos de muitas vidas, continuando-se umas às outras”.

O inventor Benjamim Franklin, francamente, sem trocadilho, reencarnacionista, mandou que se inscrevesse em sua lápide: “Aqui jaz o corpo de Benjamim Franklin, livreiro, como a capa de um livro velho, despedaçado e despido de seu título e de seus dourados, entregue aos vermes. Mas a obra não está perdida, pois aparecerá mais uma vez, em nova e elegante edição, revista e corrigida pelo autor”.

Henri Ford escreveu: “O trabalho é fútil se não podemos utilizar a experiência que reunimos numa vida para usá-la na próxima. Quando descobri a Reencarnação, foi como se tivesse encontrado um plano universal. Compreendi que havia uma oportunidade para por em jogo as minhas idéias. Gênio é experiência. Algumas pessoas parecem pensar que se trata de um dom ou de um talento, mas é fruto de longa experiência em outras vidas”.

A escritora norte-americana Louise May Alcott escreveu: “Penso que a imortalidade é a passagem da alma por muitas vidas e experiências; conforme cada uma delas seja vivida, ajuda a próxima”. Romancista, sua patrícia Edna Ferber narra um caso pessoal de “déjà-vu” e admite: “...Eu seria uma pequena escrava judia em terras do Nilo”. Edgard Cayce teria sido um sacerdote egípcio; e, ainda antes, um médico na Pérsia. Joseph Ricard Myers, dos EUA, sugere que se verifique um dado curioso: as impressões digitais poderiam ser bastante similares. Uma suposição que indica a sua preocupação com o assunto.

Recentemente, a estrela do cinema americano Shirley MacLaine, autora do ótimo “Dançando na Luz”(103) declara: “Sei que fui filha de minha filha durante reencarnação que tivemos na França”. E ainda: “Nunca havia antes visitado a Índia, mas (ao fazê-lo, em 1960) tive absoluta certeza de haver estado ali antes”. Tudo lhe era familiar. E, por citar a Índia, vamos ouvir o advogado e pacifista, Mahatma Gandhi: “Faz parte da bondade da Natureza isso de não recordarmos os nascimento passados. Que haveria de bom no conhecimento pormenorizado dos numerosos nascimento pelos quais tenhamos passado? A vida seria uma carga se carregássemos tão tremendo acúmulo de lembranças “.

De Ouspensky, psicólogo e discípulo de Gurdjieff, temos uma frase interessante sobre a preexistência do espírito: “Pelo fato de duas pessoas terem essências diferentes, sabemos de nossa preexistência, porque a essência não pode nascer do nada”. (104)

Maurice Meterlink, belga, escreveu: “Nunca houve crença mais bela, mais justa, mais pura, mais moral, mais fecunda, mais consoladora e até certo ponto mais verossímil que a reencarnação. Só ela, com sua doutrina das expiações e das purificações sucessivas, dá conta de todas as desigualdades físicas e intelectuais, de todas as iniquidades sociais, de todas as injustiças

abomináveis do destino. É a única que não é odiosa e a menos absurda de todas”.

Richard D. Bach, escreveu o ótimo “Ilusões” (105) e o “Best Seller” “Fernão Capelo Gaivota”, com claras referências à pluralidade de vidas, possibilitada pela reencarnação:

“Quase todos nós percorremos um longo caminho. Fomos de um mundo para outro, que era praticamente igual ao primeiro, esquecendo logo de onde viéramos, não nos preocupando para onde íamos, vivendo o momento presente. Tem alguma idéia de por quantas vidas tivemos de passar até chegarmos a ter a primeira intuição de que há na vida algo mais do que comer, ou lutar, ou ter uma posição importante dentro do bando? Mil vidas, Fernão, dez mil! E depois mais cem vidas até começarmos a aprender que há alguma coisa chamada perfeição, e ainda outras cem para nos convenceremos de que o nosso objetivo na vida é encontrar essa perfeição e levá-la ao extremo. (...) Escolheremos o nosso próximo mundo através daquilo que aprendermos neste”.

Platão (582-507 a.C.), A República - eminente filósofo grego: “Saiba que, se te tornares pior, irá para as piores almas e, se melhor, para as melhores almas; e, em cada sucessão de vida e morte, fará e sofrerás o que semelhantes devem, apropriadamente, sofrer em mãos de semelhantes”.

São Francisco de Assis - fundador da Ordem Monástica dos Franciscanos, chamava seu corpo de “meu burrinho”, demonstrando que apenas transportava seu espírito: “É morrendo que se nasce para a vida eterna”.

Orígenes, (185-254 d.C.) - Um dos principais pensadores do Cristianismo original: “Cada alma...vem para este mundo fortificada pelas vitórias ou enfraquecida pelas derrotas de sua vida anterior. Seu lugar neste mundo, como um vaso destinado à honra ou à desonra, é determinado por seus prévios méritos ou deméritos. Seu trabalho neste mundo determina seu lugar no mundo que se seguirá a este”.

São Clemente de Alexandria (150-220 d.C.) - Mentor de Orígenes: “Possuíamos existência muito antes da fundação do mundo; existíamos no olho de Deus, porque é nosso destino viver Nele. Somos criaturas racionais da Palavra Divina; portanto, temos existido desde o começo,

porque no começo era a Palavra”.

São Gregório de Nissa (257-332 d.C.) - Irmão de São Basílio e bispo de Nissa: “... é absolutamente necessário que a alma seja curada e purificada mas, se isso não acontecer durante sua vida na terra, deve ser cumprido em vidas futuras”.

Santo Agostinho (325-4430 d.C.) - filósofo, autor de “Confissões”: A mensagem de Platão, a mais pura e mais luminosa de toda a filosofia, pelo menos dispersou as trevas do erro, e agora acentua seu brilho principalmente em Plotino, um platonista tão semelhante a seu mestre que se julgaria terem ambos vivido juntos, ou antes - já que tão longo período de tempo os separa - que Platão nasceu novamente em Plotino”.

Também podemos citar como defensores da teoria reencarnacionista, outras figuras marcantes da história da humanidade, apenas para exemplificar:

Hermes Trismegistro (três vezes grande), Krishna (oitava encarnação de Vishnu); Lao-Tsé, autor do Tao Te Ching (O Caminho Perfeito); Sidarta Gautama (Buda); Pitágoras; Confúcio; Sócrates; Juliano Apóstata, que se lembrava de ter sido Alexandre da Macedônia; Patânjali, o fundador da Yoga; Júlio César; São Justino, mártir, autor de Apologia da Religião Cristã; Antônio Sacca, fundador do Neoplatonismo e da Teosofia antiga, Plotino, Ario, fundador do Arianismo; Rufino, São Jerônimo, São Cirilo e Santo Atanásio, Patriarcas de Alexandria; Mestre Eckhart, grande sábio alemão dominicano do século XIII, influenciado pelo Budismo; São Boaventura, cardeal e Superior da Ordem dos Franciscanos; Paracelso, respeitado sábio suíço e alquimista do séc. XVI; Leibnitz, conhecido sábio alemão dos séculos XVII e XVIII, especialista em monadologia, sendo famosa a sua “Teodicéia”. Deixou-nos uma célebre frase: “Tudo vai pelo melhor dos mundos possíveis”; Jacob Boehme, teósofo e místico dos séculos XVI e XVII, da Alemanha; Shakespeare, o maior poeta inglês. Deixou-nos uma frase célebre: “O herético não é aquele que é queimado numa fogueira, mas sim aquele que acende uma fogueira”; Dante Alighieri, maior poeta italiano, autor da “Divina Comédia”, deixou nesta obra, de um modo truncado, a idéia da reencarnação, e, agiu assim, provavelmente, para evitar problemas com a Inquisição, séculos XIII e XIV; Goethe, filósofo e maior poeta alemão (Para mim é tão certo quanto você me ver aqui, que já existi mil vezes antes e espero retornar mil vezes mais); Hegel, com seu pensamento básico de “tese, antítese e síntese”; Emanuel Kant, que justamente parte da dúvida para reconstituir a certeza, por meio da

razão prática; Nietzsche, autor de “Assim falou Zaratustra”, “célebre filósofo pessimista, alemão, baseava a sua moral na cultura da energia vital e da vontade de poder, que é capaz de fazer o homem evoluir até chegar ao super-homem; Max Muller, o célebre cientista inglês, falecido em 1900, de origem alemã; Schelling, o notável poeta de Wurttemberg, e um idealista subjetivo; Lamartine, “o primeiro poeta romântico da França”, autor de “Viagem ao Oriente”, Van Der Leeuw, ocultista australiano, autor de “A Dramática História da Fé Cristã”; William Crookes, descobridor da matéria radiante; Swedenborg, teósofo sueco, falecido em 1872, canalizador e possuidor de um conhecimento intuitivo; Charles W. Leadbeater, teósofo, vidente, sacerdote anglicano que passou muitos anos na Índia, sendo um dos expoentes da literatura da Sociedade Teosófica; Carlos B.G. Pecotche - Raumsol - sábio, filósofo e escritor argentino, fundador da Logosofia; Éliphas Lévi, célebre ocultista do século XIX, francês que foi um dos maiores conhecedores da Cabala; Papus, grande sábio francês, discípulo de Éliphas Lévi, grande conhecedor do Martinismo e da Cabala; François Voltaire, o famoso filósofo irônico francês, poeta e prosador, é o escritor por excelência da França, sobre a reencarnação disse: “Afinal não é mais surpreendente nascer duas vezes, do que uma só vez”; Gurdjieff, renomado ocultista e mago russo, poliglota e autor de “Encontro com Homens Notáveis”; Joel Goldsmith, grande teólogo americano, apesar de ter sido simples comerciante. Dele disse Huberto Rohden: “Ele foi muito feliz em ter entrado no campo da teologia”. É autor de “A Arte de Curar pelo Espírito”; Meishu-Sama, fundador da Igreja Messiânica; Ian Stevenson, cientista americano, diretor do Departamento de Psiquiatria da Universidade de Virgínia, com mais de 2 mil casos de reencarnação pesquisados em várias partes do mundo e é autor de “Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação”; Dr. Rozier, respeitado sábio francês do século passado, pesquisador da reencarnação; Huxley, o grande vulto do transformismo, autor de “Evolução Ética” e que disse com referência ao nosso corpo: “O que começa no tempo, termina nele”; Vasiliev, o mais importante parapsicólogo russo, deixou-nos esta frase: “No dia em que a humanidade descobrir a força que o homem tem na mente, terá sido feita uma descoberta tão importante como a da bomba atômica”; Dom Mercier, cardeal belga que declarou a respeito de a alma vir várias vezes à Terra, mantendo a consciência de sua personalidade: “Não vemos qualquer razão em si mesma que possa afirmar ser isto impossível ou indubitavelmente falso” (Revista Evolução Editorial, nº 2, pág. 5, São Paulo, SP); sobre a reencarnação, Dom Passavalli, arcebispo italiano, disse “Tal crença não conflita com o dogma da Igreja” (Revista Evolução Editorial nº 2, pág. 5, São Paulo, SP); Pandit Chaterjee, que afirma: “A alma é nutrida por sua história inteira, mas precisamos examinar determinados detalhes só quando um problema persiste de vida em vida”; Dr^a Helen Wambach, psicóloga, que fez regredir

mais de mil pacientes a vidas passadas, autora de “Recordando Vidas Passadas”, uma obra cujo conteúdo corresponde aos paradigmas da ciência histórica, em se tratando de estatística, fato que tem muito impressionado os cientistas. Paulo Coelho, mago, católico, autor de várias obras, com cerca de 15 milhões de exemplares vendidos em vários países, entre as quais se destacam “O Diário de um Mago” (100), “Manual do Guerreiro da Luz” (107) e Breda (108), destacando uma passagem onde a bruxa Wicca leva Breda a uma vida passada: “Tenho que vir mais aqui, deixar isto limpo. O passado estava sujo e abandonado... Como já vivi, pensou”; Joel Whitton, catedrático da Universidade de Toronto, Canadá, juntamente com Joe Fisher, é autor de “Vida - Transição - Vida”; Trigueirinho, grande autor de esoterismo, com cerca de 60 obras já publicadas, com traduções para várias línguas; Dr. Bruce Golberg, com mestrado em Psicologia, no Loyola College, Estados Unidos, e autor de “Vidas Passadas - Vidas Futuras”; William Walker Atkinson, autor de “A Reencarnação e a Lei do Carma”, um sério pesquisador americano de religiões; Mona Rolf, mística irlandesa e autora de “Os Ciclos da Reencarnação”; Brian Weiss, autor de “Muitas Vidas Muitos Mestres” e “Só o Amor é Real”, atualmente, um dos mais importantes terapeutas de vidas passadas e conferencista internacional; Roger Wooger, um americano e psicólogo junguiano que se tornou reencarnacionista, através de suas experiências como terapeuta de regressão, apesar de antes ter sido sempre cético, citando “As Várias Vidas da Alma” como uma obra de grande valor científico de sua autoria, com sucesso em vários países. Patrick Drouot, francês, residente nos Estados Unidos, físico e parapsicólogo, autor de várias obras, entre elas “Reencarnação e Imortalidade”; Thorwald Dethlefsen, da Universidade de Munique, Alemanha, autor de várias obras, entre elas “O Desafio do Destino” e “A Regressão a Vidas Passadas Como Método de Cura”; Jean Prieur, escritor francês, pesquisador de religiões, autor do livro “O Mistério do Eterno Retorno”, traduzido em várias línguas, pesquisador de fenômenos paranormais, desde a década de 40; Alice A. Bailey, inglesa, autora de várias obras ocultistas, entre elas “O Reaparecimento de Cristo” e “Do Intelecto à Intuição”; John Algeo, teósofo americano, autor de “Investigando a Reencarnação”; John Van Auken, americano, pesquisador de ensinamentos secretos, profundo conhecedor dos conceitos de Edgar Caice, autor de “Reencarnação”; Hermínio C. Miranda, destacado pesquisador e autor espírita. Entre outras obras de sua autoria, citamos “Reencarnação e Imortalidade”; Frederico, o Grande, que declarou: “Talvez eu não seja rei em minha vida futura, mas tanto melhor: continuarei a viver uma vida ativa e, ainda por cima, colherei menos ingratidão”. Cícero, o notável gênio da literatura latina, disse entre outras coisas sobre a reencarnação: “Outro forte indício de que os homens sabem a maioria das coisas antes do nascimento é que, quando crianças, aprendem fatos

com enorme rapidez, o que demonstra que não os estão aprendendo pela primeira vez, e sim, lembrando-os...”; Walt Whitman, que nos deixou este texto: “Sei que sou imortal. Sem dúvida, já morri antes mil vezes. Rio-me daquilo que chamam de dissolução, e conheço a amplitude do tempo”. Ralph W. Emerson, o famoso filósofo americano, fundador do transcendentalismo, disse: “O segredo do mundo é que tudo subsiste; nada morre, apenas desaparece da vista durante algum tempo, para surgir outra vez...”; John Milton, o célebre poeta inglês do século XVII, que, às vezes, misturava poesia com misticismo, disse em uma de suas poesias: “Foste tu aquela donzela que, certa vez, abandonou a Terra que detestavas, e agora voltas para visitar-nos novamente?”; Ovídio, outro gênio da literatura latina, autor de “Metamorfoses”, disse: “Nada perece, embora tudo se mude cá na terra; as almas vêm e vão incessantemente em formas visíveis”. Virgílio, mais um grande vulto das letras latinas, amigo de Ovídio e Horácio, escreveu este bonito pensamento reencarnacionista: “Depois da morte, as almas entram nos Campos Elísios, ou no Tártaro, e ali encontram o prêmio ou o castigo de suas ações, praticadas durante a vida. Mais tarde, depois de terem bebido das águas do Letes, que lhes tiram toda recordação do passado, voltam à Terra”; Henry David Thoreau, de quem temos este pensamento: “Durante toda a minha vida, referi-me subconscientemente a experiências que tive em existências anteriores... As estrelas que eu via no céu quando era pastor na Assíria, são as mesmas que hoje vejo como nativo da Nova Inglaterra”. Einstein disse que Deus não se envolve com os nossos pecados castigando-nos, e que seu Deus não era judeu nem cristão, nos moldes do pensamento ocidental. Seria seu deus o do pensamento oriental reencarnacionista? O certo é que muitos cientistas reencarnacionistas, tendo em vista o grande preconceito que havia no Ocidente contra a reencarnação, não declaravam em público sua crença, como Jung, por exemplo; Leonardo da Vinci, outro gênio que dispensa comentários, deixou-nos esta frase: “Lê-me, leitor, se encontras prazer em ler-me, porque muito raramente eu voltarei a este mundo”; Schopenhauer, o grande filósofo alemão, que estudou a filosofia hindu, principalmente através dos Upanishades. Helmont, cientista belga, médico, químico, descobridor do suco gástrico, judeu, falecido em 1644, autor de “De Revolutione Animarum”, em que apresenta nada menos de 200 argumentos a favor da reencarnação; Helena Petrovna Blavatsky, fundadora da Sociedade Teosófica, canalizadora, provavelmente a maior conhecedora do ocultismo de todos os tempos, autora de a “A Doutrina Secreta”; Bannerjee, parapsicólogo, escritor, catedrático da Universidade de Nova Delhi, Índia, e pesquisador de fama internacional da reencarnação; Paul Brunton, considerado o maior sábio inglês deste século, ocultista e pesquisador de religiões, viveu por muitos anos na Índia, autor de “A Índia Secreta” e “O Egito Secreto”; Annie Besant, autora de vários livros

de ocultismo, foi presidente internacional da Sociedade Teosófica, e a maior oradora feminina da primeira metade deste século XX, deixando o seguinte pensamento reencarnacionista:

“Com a reencarnação, o homem é um ser digno imortal evoluindo para um fim glorioso. Sem ela, o homem é uma palha agitando no fluxo das circunstâncias, irresponsável por sua personalidade, suas ações, seu destino”.

Dostoievsky, o famoso escritor, filósofo e teólogo russo, conhecido universalmente; Tolstoi, mais um russo da literatura universal, filósofo, moralista, adepto do cristianismo primitivo e autor de várias obras, entre elas, “Ressurreição “; Pasternak, outro escritor russo famoso, Prêmio Nobel de Literatura Henry Ford, o criador da indústria automobilística, segundo ele; “os gênios são almas mais velhas”; Carl G. Jung, este gênio da Psicologia também dispensa comentários, discreto em sua posição reencarnacionista, mas deixou este posicionamento mais claro em sua obra póstuma, “Memórias, Sonhos e Reflexões”; J.G. Bennet, filósofo, matemático e físico inglês, autor de “O Eneagrama”, uma obra que explica as complexas oitavas de Gurdijeff; George Harrison, ex-beatle; Napoleão Bonaparte, que acreditava ser reencarnação de Carlos Magno; Ken Wilber, outro americano “peso pesado mundial” da psicologia moderna, autor de “Um Deus Social” (109) e “O Paradigma Holográfico” (110), destacando o seguinte: “O novo paradigma científico se encaixa no esquema das coisas. A filosofia perene sempre ofereceu este esquema... Atravessando o domínio causal, a consciência desperta mais uma vez, agora em sua morada absoluta”;. Isac Bashevis Singer, Prêmio Nobel; John Adams, que foi presidente dos Estados Unidos; Stanislav Grof, destacada autoridade moderna sobre a mente, conferencista internacional e autor de várias obras, entre elas “Emergência Espiritual” (111) e “Além do Cérebro” (112), transcrevendo a passagem abaixo: “Mas isto não reflete de modo seguro a realidade clínica, uma vez que o processo morte-renascimento engloba muito mais do que apenas um reviver do nascimento biológico”.

Para concluir esta lista de renomes reencarnacionistas, nada melhor do que lembrarmos o nome do mestre espiritual mais amado no Mundo Ocidental, Jesus Cristo; como comprovam alguns de seus ensinamentos transcritos na Bíblia, a sua provável origem dos essênios ou da grande influência doutrinária que este povo exerceu na sua vida, conforme atestam os eminentes escritores e pesquisadores Pierre Weil, Jean-Yves Leloup e o Frei Leonardo Boff.

Já foi explicado neste livro que, dentre o povo judeu, existia a raça dos essênios,

também conhecida como os “Terapeutas do Deserto” com características específicas (dentre elas a crença na reencarnação), que muito lembram a forma de atuar do mestre Jesus, principalmente suas curas com a imposição das mãos.

No seu livro “Cuidar do Ser”, Jean-Yves Leloup nos transmite suas principais idéias:

“Eusébio queria que esses Terapeutas tão virtuosos fossem uma igreja de primeiros cristãos (História da Igreja, II, todo o cap. 17); hoje se procuram aí os essênios, porque Qumram nos foi revelado... O modo de vida dos terapeutas, como o dos essênios, é sobrio e exigente, todo dedicado ao estudo das Escrituras... A cura proposta pelos Terapeutas passa pelo coração, não sem ter feito antes tudo para compreender ou tranquilizar o espírito”. (113)

Na obra “O Espírito na Saúde”, o Prof. Pierre Weil tece outras considerações sobre o tema:

“Segundo Filon de Alexandria, a maior escola (dos Terapeutas) situava-se no Egito, embora existissem outras em várias partes do mundo... Para se refugiar das perseguições do governador romano, Jesus foi levado ao Egito. Porque não teria sido levado para a escola de Alexandria?... O segundo aspecto mostra Jesus como Terapeuta. Jesus foi um dos grandes curadores e curava como os Terapeutas faziam. Curava através da força presente no espírito das pessoas. Ele dizia: “É você que está se curando. É a fé que lhe está curando”. (114)

O “Teólogo da Libertação”, Leonardo Boff, na mesma obra citada, confirma nosso entendimento:

“... se sugere que Jesus também tenha estado com os essênios. Analisemos o período de 40 dias que Ele passou no deserto após o seu batismo e foi tentado. Ir ao deserto. Na expressão da época, equivalia a dizer: “Vou passar 40 dias entre os essênios”. Nestes dias ele fez uma experiência religiosa, deu um mergulho em sua missão, descobriu a consciência messiânica”. (114)

Por fim, novamente, Jean-Yves Leloup, agora, no seu “Terapeutas do Deserto”, analisa esta temática através do Evangelho de São Tomé:

“Mas qual é a resposta de Jesus? Se o Espírito vem do corpo

é uma maravilha! Se a matéria vem do Espírito, também é uma maravilha! Mas a minha questão é saber como a matéria está nesta luz e como a luz está na matéria”. A resposta de Jesus não é nem materialista, nem espiritualista. Ele quer manter juntos, na surpresa diante daquele que é, a dimensão material e espiritual do ser humano. O que é a maravilha das maravilhas são as bodas do corpo com o Espírito divino. E os Terapeutas de Alexandria estavam próximos desta visão”. (115)

Após 10 anos de pesquisa, o escritor Albert Paul Dahoui conseguiu compor um rico e inovador quadro de Jesus Cristo ou “Yeshua”, quando este ainda era discípulo dos “Terapeutas”, na sua comunidade de Alexandria, confirmando que a crença reencarnacionista era dominante neste povo:

“Yozheph encontrou, num grupo de judeus, os terapeutas, aquilo que tanto almejava a vida inteira. Eles eram um agrupamento com características idênticas aos essênios, com rituais muito parecidos, acreditando nos mesmos valores, e eram profundos estudiosos de tudo o que se passava no mundo. Eles tinham uma origem comum com os essênios, porquanto ambos descendiam do movimento inicial, os hassidim. Eles se dedicavam ao estudo do corpo, suas doenças e suas curas. Eles usavam diversos métodos, desde infusões, pequenas intervenções e a imposição de mãos. Eles acreditavam que era possível transmitir fluidos regeneradores aos doentes, levando-os à cura.

Os terapeutas, no entanto, haviam recebido uma forte influência posterior dos neopitagóricos, acreditando, portanto, em múltiplas existências do espírito...

Realmente, a doutrina da reencarnação é intimamente associada às leis de causa e efeito, o que o indiano chama de carma... Isto immobilizava as pessoas na crença de que o carma era um determinante absoluto, quando, na realidade, esta lei de causa e efeito é dinâmica, permitindo que as pessoas possam se aprimorar e superarem com mais velocidade suas culpas passadas, e se dedicarem à mudança interior... Quando Yeshua completou oito anos, foi introduzido no círculo de curas...Ele observou que Yeshua era capaz de dirigir o fluxo luminoso para certas áreas doentes dos pacientes, obtendo, com isto, um efeito curador bem acima dos demais terapeutas. Ele relatou tudo ao seu superior que, cada vez

mais se convencia de que Yeshua era um profeta ou anjo renascido na Terra. Quem poderia ser? Enoch, Elias, Mykael, Metatron ou Gabriel?” (116)

Outros pesquisadores justificam a crença reencarnacionista de Jesus Cristo, também no período em que sua vida foi omitida na Bíblia, dos 13 aos 30 anos; pois teria sido iniciado em diversos ensinamentos e práticas orientais; porquanto existem diversos livros sagrados, nos templos do Himalaia, que atestam os milagres realizados por um grande profeta chamado Issa, nascido em Israel, de acordo com as pesquisas publicadas pelos historiadores russos Nicholas Notovitch, Nicholas Roerich e do Mestre Abhedananda pensamento este ratificado por Holger Kersten no seu livro “Jesus Viveu na Índia”:

“Sou israelita - responde Issa. - No dia de meu nascimento, vi as muralhas de Jerusalém, ouvi os gemidos de meus irmãos escravizados e o pranto de minhas irmãs, condenadas a viver entre os gentios. Senti profunda dor ao saber que meus irmãos tinham se esquecido do Deus verdadeiro. Ainda criança, deixei o lar paterno para viver entre outros povos, mas, ao ter notícia do sofrimento de minha gente, retornei à casa de meus pais, para reconduzi-la à fé de nossos antepassados, uma fé que nos convida a sermos pacientes na terra para alcançarmos a mais completa e sublime felicidade no além... O antigo Testamento traz trechos que evidenciam a fé na metempsicose. A famosa enciclopédia alemã Konversationslexikon, de Meyer, datada de 1907, continha a seguinte passagem sobre o tema “A Reencarnação no Talmud Judeu”: “Os judeus, no tempo de Cristo, acreditavam na transmigração da alma. Os talmudistas pensavam que Deus havia criado um número limitado de almas judias, que renasceriam enquanto houvesse judeus, com ocasionais reencarnações punitivas, sob a forma animal. Todas apresentarse-iam purificadas no dia da ressurreição e viveriam no corpo dos justos na terra prometida”. (Vol. 18, pág. 263)”. (117)

Até mesmo Fritjof Capra, nos seus famosos diálogos, em Big Sur - Califórnia, com David Steindl-Rast (PhD em Psicologia, Viena) e o monge beneditino Thomas Matus, expostos em “Pertencendo ao Universo”, analisa os paralelismos históricos no surgimento de Jesus Cristo e Buda:

“A situação com a qual Jesus se defrontou foi, em certos aspectos,

semelhante à situação histórica da qual Buda emergiu ou que teve de enfrentar - o problema do formalismo religioso e o da manipulação das necessidades religiosas das pessoas comuns por parte de uma casta sacerdotal dominante. Como Buda, Jesus não veio “para destruir, mas para cumprir”, e para proclamar que o caminho para a iluminação e para a libertação estava aberto a todas as pessoas. Buda entendia a iluminação como a “percepção” daquilo que eternamente é. De maneira semelhante, nas palavras de São Paulo, o paradoxo cristão é: “Torne-se o que você é! Você cresceu com Cristo, ascendeu ao céu com Cristo, subiu ao trono com ele”. (118)

Nesta mesma linha de raciocínio os pesquisadores alemães Holger Kersten e Elmar Gruber, focalizam o cristianismo como recheado de preceitos budistas, na sua obra “O Buda Jesus”:

“Para pessoas que conhecem o budismo, a versão condensada do pensamento de Jesus na forma originalmente apresentada no Sermão da Montanha traz de imediato à mente os ensinamentos de Buda. As correspondências eram tão surpreendentes que um número cada vez maior de pessoas acabou se convencendo de que o cristianismo foi diretamente influenciado pelo budismo”. (119)

A JUSTIÇA DA REENCARNAÇÃO

Segundo o filósofo e teólogo Paul Siwek, o mecanismo básico da reencarnação é a justiça, conforme citação transcrita e traduzida da sua obra “La Réincarnation Des Esprits”:

“Só a reencarnação, de acordo com seus adeptos, nos dá a chave para o enigma da “injustiça”, que nos choca a cada passo. A idéia da reencarnação explica porque somos desiguais, do ponto de vista físico, intelectual, moral, espiritual; porque alguns têm o corpo sadio e forte, e outros, fraco e doente; porque uns possuem cultura e encanto pessoal, enquanto outros exibem um exterior grosseiro e repulsivo; porque a inteligência de uns é aberta e viva, enquanto a de outros é obtusa e lenta; porque, enfim, as circunstâncias externas criam tantas desigualdades revoltantes e parecem ser

a manifestação de uma espécie de favoritismo ...Gustave Geley afirma, em sua obra já citada: “Nós somos apenas aquilo que fizemos de nós próprios, com os nossos esforços, em existências sucessivas; preparando inconscientemente, em cada encarnação, a encarnação seguinte; gozando atualmente de progressos anteriormente adquiridos”. (120)

Efetivamente, a idéia de tornar a teoria da reencarnação uma filosofia pessoal viável predomina hoje nas culturas ocidentais. Muitas pessoas acham, nos dias de hoje, que suas necessidades espirituais não estão sendo satisfeitas pelas religiões ou filosofias atuais, e estão voltando-se para a aceitação da reencarnação, a qual responde, de forma lógica e racional, a perguntas como estas: Por que continuamos repetindo os mesmos padrões negativos muitas e muitas vezes? De onde procedem nossos medos e fobias recorrentes? Por que sentimos uma atração instantânea por certas pessoas e certos lugares? e, o que é mais importante, qual é o nosso propósito aqui na Terra? A crença na reencarnação nos faz compreender, a justiça divina e a maneira com que cada um de nós tece o seu destino.

O escritor John Algeo exprime, com rara felicidade, a necessidade lógica da aceitação desta teoria:

“Para muitos, o maior apelo da reencarnação talvez seja a efetividade com que ela explica o propósito e o objetivo da vida. Uma só existência não é suficiente para aprendermos tudo o que a Terra tem para nos ensinar. Uma única existência não é suficiente para experimentarmos toda a gama de alegria e de amarga tristeza que a vida tem para oferecer. As sucessivas vidas na Terra nos dão a chance de obter na próxima existência aquilo que não tivemos nesta. São a promessa de que eventualmente teremos a oportunidade de experimentar o espectro completo de possibilidades da vida, e por esse meio desenvolver todo o nosso potencial.

A doutrina da existência única para cada indivíduo deixa-nos como pequenos seres perdidos em meio a um Universo imenso e radicalmente estranho, até mesmo antagônico. Sob este ponto de vista, somos breves lampejos de luz na escuridão, faíscas momentâneas soltas nas profundezas do espaço sem fim. O ensinamento da reencarnação garante que nós fazemos parte de um grande plano ordenado de evolução física-intelectual-espiritual,

que retrocede até os primórdios das coisas e se estende à frente até o estágio final de perfeição.” (121)

O escritor Ricardo Di Bernardi resume assim seu ponto de vista:

“A essência espiritual dos seres, originada de uma força criadora perfeita, é fator impulsionador do progresso infinito e inexorável a todas as criaturas... O enigma da vida, da evolução, da justiça divina e da compatibilidade da ciência com a espiritualidade, somente poderá ser compreendido através da lei das vidas sucessivas.” (122)

Os principais pontos de defesa da reencarnação por William W. Atkinson:

“Além da consideração da Justiça, há muitas outras vantagens afirmadas pelos adeptos da Reencarnação, as quais merecem ser examinadas atentamente pelos estudantes do problema da alma... Já mostramos que as reencarnações são a lei para o homem, porque elas são as condições do seu progresso, que também é uma lei, mas o homem pode amoldá-las, melhorá-las e diminuir o seu número...

Alega-se mais que a Reencarnação se harmoniza com o conhecido princípio científico da conservação da energia, - isto é, que nenhuma energia foi criada nem se perde, mas que toda a energia é apenas uma forma da energia universal, que flui duma forma a outra, dum manifestação a outra manifestação, sendo sempre a mesma energia, porém manifestando-se em miríades de formas - nunca nascendo, nunca morrendo, mas sempre em movimento, passando continuamente a novas e novas manifestações.” (123)

O pesquisador Luis Postiglioni também enfoca, como cerne da reencarnação, a justiça imanente e a evolução eterna:

“A moral reencarnacionista faz sobressair a justiça imanente no ser e na evolução eterna, como o meio natural biológico e espiritual. Esta justiça é pessoal e coletiva de cada vez e a marcha (a

ascensão) produto de nosso próprio esforço para as realizações... É uma evidência moral, religiosa e filosófica da justiça imanente e das leis naturais que o ser, sabendo-o ou não, desencadeia. Livre-arbítrio e determinismo, ação e reação, luz e sombra, mas o tradicional materialismo (que agora, como fisicalismo, não se atreve a dar o seu nome) já não tem razões científicas para enfrentar a noção de sobrevivência, tão querida pelos nossos mestres Myers, Lodge, Crookes, Lancelin, Richet, Akasakof e outros.” (124)

Com efeito, na visão reencarnacionista, nada se perde; os efeitos do bem e do mal registram-se em nós mesmos e germinam também em nós próprios no momento adequado; bem como as influências ambientais ativam ou retardam as consequências do pretérito; entretanto estas consequências sempre se farão mostrar mais cedo ou mais tarde.

Outrossim, nossos atos do cotidiano implementam novos elementos, que se juntam ao nosso patrimônio energético, pois os arquivos que criamos são sempre a nível de vórtice de energia, influenciando intensamente, atenuando ou agravando, as desarmonias energéticas estabelecidas pelas nossas vidas passadas. Sendo que neste mesmo diapasão leciona Rudolf Steiner:

“Este é o conteúdo da lei do carma, que assim se expressa: Tudo quanto me é possível fazer e faço em minha vida presente, não acontece por si, isoladamente, como que por si isoladamente, como por si logre, mas está, como efeito, relacionado, com as existências anteriores de minha alma e, como causa, com as posteriores.” (125)

A antiga redatora da ótima “Revista Planeta”, Elsie Dubugras, explica o porque da sua conversão à teoria da reencarnação:

“Como já disse em outras ocasiões, fui criada e educada no seio do protestantismo. Assim como minhas colegas de escola, lia um trecho da Bíblia todas as manhãs e ia à igreja aos domingos. Em certa ocasião, quando eu estava orando, senti-me sendo transportada para outra dimensão, que depois percebi ser uma outra existência do meu próprio passado...”

O contato com esses estudos, assim como o conhecimento que adquiri através de livros e das minha próprias experiências, me convenceu de que a reencarnação é de fato uma realidade, a qual, em vez de ser negada, como fazem alguns, imbuídos de profundo preconceito, deve ser pesquisada a fundo, tanto pelas religiões como pela ciência.” (126)

Por fim, gostaria de trazer ao amigo leitor, do mesmo modo que fiz com a Biologia, a visão mais moderna da Física Quântica, consubstanciada nos estudos do Prof. Amit Goswami, PhD em Física pela Universidade de Calcutá, ensinando atualmente, na Universidade de Oregon-E.U.A.; que tive a satisfação de assistir num seminário específico sobre este tema vinculado à espiritualidade, no Campus da UNIPAZ-Salvador, baseado no seu último livro “O Universo Auto Consciente”:

“O vital e o mental sobrevivem ao corpo físico, e as experiências de reencarnação são a prova direta disso. Com base num conceito chamado de “memória quântica”, criou-se um modelo que “toma” para si mesmo os padrões de carma de um corpo encarnado para um corpo que vai ser encarnado no futuro. Alguns aspectos da consciência são imperecíveis e a consciência precisa existir, pois sem ela a natureza quântica simplesmente não seria o que é. Nós estamos finalmente desenvolvendo uma física da alma. Chegou a hora.” (127)

Espero que o caro leitor tenha me acompanhado neste mergulho profundo na reencarnação, para que possa ter elementos suficientes, a fim de tirar suas próprias conclusões; assim como fez o escritor Ricardo Di Bernardi, através de questionamentos:

“Porque pessoas justas às vezes sofrem tanto, e concomitantemente outros egoístas que se comprazem no sofrimento do próximo prosperam tanto?

Há quem viva semanas, meses ou poucos anos, enquanto outros vivem quase um século! Por quê?

Que são ou quem são os gênios precoces? Como podem crianças de tenra idade, sem jamais terem frequentado escola, filhos de muitas gerações absolutamente sem qualquer escolaridade, serem hábeis matemáticos ou artistas? Como é possível certas tendências inatas serem tão contrastantes com o meio onde surgem? De onde vêm?

Não há como responder a estas questões conciliando com a crença em uma Lei Universal justa e sábia se consideramos uma

vida única para cada criatura. Diversidades tão flagrantes não se coadunam com a concepção de um Deus equitativo. O sofrimento torna-se ininteligível à luz de qualquer filosofia religiosa que não admita a pluralidade das existências. Não é de se admirar que o homem moderno venham gradativa e claramente se afastando das religiões, à medida que passa a pensar mais seriamente sobre o assunto. Naturalmente, aqueles que não se dão ao trabalho de pensar, continuam maquinalmente presos a uma tradição religiosa que cumprem como um reflexo automático superficial.” (192)

Concluindo este capítulo, constatamos que é um fato a reencarnação estar ganhando um número cada vez maior de adeptos no Ocidente; exemplificando, atualmente, existem cerca de dez vezes mais reencarnacionistas entre os cristãos ocidentais (vide o depoimento da escritora Elsie Dubugras), do que havia na década de 40; sendo mais uma vez convocado o testemunho de um poeta, diretamente do plano espiritual, no caso Constâncio Alves, pela sensibilidade de Chico Xavier:

*“Reencarnação!... Descer de mansão doce e flórea, Ninho tecido
aos sóis qual fúlgida escumilha,
Onde a vida pompeia excelsa maravilha,
E afunda-se na sombra em lodacenta escória!
Ante o ser livre e belo - ave aos cimos da glória -
Recorda o corpo escravo ascorosa armadilha;
O berço - irmão do esquite - é a furna em que
se humilha.
Todo sonho ideal de ventura incorpórea.
Reencarnação, porém, é a Justiça Perfeita,
A Lei que esmonda, ampara, aprimora e endireita,
Por mais o coração inquirir, chore ou trema!...
Alma, entre a lama e a dor da luta em que te abrasas,
Cria teu próprio mundo e as tuas próprias asas
Para galgar, um dia, a vastidão suprema!...” (128)*

CAPÍTULO III

O CARMA

“A cada causa está atrelado um efeito, a toda ação seu fruto, e o desejo é o cordão que os une, o fio que corre no meio. Se este pudesse ser queimado, a conexão cessaria. Quando todas as amarras do coração são rompidas a alma está livre. O karma não pode mais segurá-la; o karma não consegue mais prendê-lo; a roda de causa e efeito pode continuar girando, mas a alma tornou-se a Vida liberta”.

Annie Besant

Inicialmente, gostaria de lembrar ao amigo leitor a necessidade de manter seu senso crítico em alerta, visando analisar todas as informações aqui expostas, sob a ótica da lógica, da razão, da sensibilidade e de como utilizá-las de forma prática em sua vida. Por outro lado, devemos ficar atentos para não levantarmos barreiras ou preconceitos, antes de procedermos a um exame imparcial das idéias que serão apresentadas, pois somente assim poderemos “compreender a verdade do que é”, e o que acrescentará de positivo e novo nesta jornada, aproveitando o convite formulado pelo teósofo hindu Jiddu Krishnamurti, a uma viagem de descobrimento na sua “Arte da Libertação”.

“O que desejo tentar é chamar a vossa atenção para certas coisas; e enquanto o faço, não fiquéis como simples observadores. Porque vamos empreender uma jornada com o fim de descobrir todo o desenrolar da moderna civilização”. (129)

Como já estamos estudando as leis divinas, podemos afirmar que das três leis básicas que regem o destino do homem e do universo: evolução, reencarnação e carma, a terceira é a reguladora das outras duas. Isto porque, somente quando se eximir do seu carma, é que o homem se libertará das reencarnações, porque terá atingido a sua evolução final.

O carma é, palavra derivada do sânscrito, “karma” significando: Kar=fazer, agir; Ma=efeito, ação. Equivale a dizer que toda causa moral, espiritual ou comportamental gera um

efeito proporcional à sua intensidade. Carma, portanto, traduz a Lei de Causa e Efeito que, como todas as demais, revela-se absolutamente inviolável.

Na medida que o homem conhecer e interiorizar esta lei, sua atitude na sociedade, deixa de ser egoísta, passando para um paradigma comportamental de cooperação com o próximo, visando contribuir para o fluxo evolutivo daquela comunidade em que vive..

Com efeito, em decorrência do carma, o homem colhe o que semeia, de modo que toda boa ação, pensamento ou sentimento, produz frutos benéficos, assim como os maus redundam em consequências maléficas, seguindo sempre a mesma vibração (positiva ou negativa), daquele impulso inicial.

O nosso espírito precisa passar por incontáveis experiências antes de concluir seu aprendizado. Impossível, contudo, proporcionar, em uma só vida, a imensa variedade de circunstâncias e situações que permitam a colheita de milhares de sementeiras e todas as implicações delas decorrentes. Pois as obrigações assumidas ao longo da evolução, o relacionamento criado no pretérito, a diversificação de lições aprendidas e por aprender, os novos raciocínios e sentimentos despertados, diferentes dos anteriores, impedem que as oportunidades sejam fornecidas numa única encarnação.

Quando desperta, sua consciência procura identificar seus pontos fortes e fracos, as aptidões e deficiências para, melhorando umas e corrigindo outras, construir uma vida venturosa que alavanque sua evolução; porquanto, sabe que seu cabedal atual resulta do passado, e do acervo futuro depende o presente, procurando reparar a má sementeira de outrora e plantar boas sementes para, mais tarde, usufruir com prazer a colheita que, certamente, será gratificante. Assim torne-se, senhor de si e programe a rota a percorrer, resignado aos resgates a que se obrigou. Isto entretanto, não representa passividade e aceitação tormentosa, antes, serve como incentivo para corrigir as falhas, de maneira hábil e criativa, a fim de libertar-se do carma, ao cumpri-lo de forma digna e sábia.

O filósofo fundador da Antroposofia, Rudolf Steiner, formula seus estudos tentando identificar “Como Atua o Carma”:

“A alma guarda os efeitos de minhas ações das vidas passadas; faz com que o espírito apareça, na nova encarnação, como aquilo que a vida anterior fez dele. Assim se ligam o corpo, a alma e o espírito. Eterno é o espírito; nascimentos e morte vigoram na corporalidade segundo as leis do mundo físico; a alma os une sempre de novo, tecendo o destino a partir das ações.”(130)

A pesquisadora Herter Mundis, de forma bem humorada, transmite o seu entendimento do carma:

“Se há um princípio da Nova Era que você precisa absolutamente compreender é o carma: a lei cósmica fundamental de causa e efeito, segundo a qual todos os atos, bons ou maus, recebem a devida retribuição. E se você não for um bom semeador, vai mais chorar que colher nesta vida, na próxima e na próxima, até acertar e finalmente poder parar de semear e relaxar no plano astral como uma entidade iluminada para todo o sempre. Nunca é demais enfatizar que isso é essencial para atingir a libertação do interminável rodízio de nascimento e morte. O carma ainda é a causa número um de reencarnações no mundo - e as pessoas continuam a atraí-lo para si mesmas !” (131)

Muitas vezes a lei cármica é mal compreendida, é vista sob o ângulo da passividade, ou seja, a pessoa entrega-se ao sofrimento, sem nenhum espírito crítico ou discernimento, apenas, numa atitude negativa, recitando: “É o meu carma”.

Este tipo de posicionamento omissivo pode levar o ser humano, toda uma coletividade ou a nação a “marcar passo”, renegando a lei propulsora da evolução; porquanto, não é só a má sementeira que produz frutos estragados; a inércia também os gera e, até piores.

Vale lembrar que, quando o indivíduo age bem, além de criar um bom carma futuro, pode anular os carmas negativos do passado; pois tendo aprendido a distinguir as causas, partindo dos efeitos atuais, serve-se dela, para provocar a correta interferência de atos e pensamentos, a fim de anular o ímpeto do movimento inicial, gerado por prática negativa anterior. Deste modo, utiliza as forças adequadas para contrabalançar as que, outrora, foram postas em ação.

Quando conhecemos a lei, somos capazes de acelerar ou retardar o carma, de cumpri-lo em suaves etapas ou mais rapidamente, diminuindo ou ampliando os resgates à nossa vontade. O menor ou maior esforço a ser empregado depende unicamente de nossa opção, de

sentirmos estimulados a enfrentar os sacrifícios exigidos para o progresso almejado. Como as leis divinas não visam a punição, mas sim a correção, tendo sido reparada a falha, não mais existe motivo para a continuidade de uma lição já aprendida.

Na sua forma simples, podemos imaginar o carma como uma balança espiritual cósmica, em que todas as nossas ações boas e más são registradas, para serem pagas um dia com os juros devidos. Portanto, devemos sempre imprimir nas nossas ações, vibrações positivas, para que o universo nos retribua da mesma maneira.

Entretanto, numa perspectiva mais ponderada, carma é o princípio geral da ordem moral e espiritual do Universo. No que se relaciona a nós, pessoalmente, não se constitui em prêmio e castigo, mas sim em desafio e oportunidade. Ratificando que as circunstâncias de nossa vida presente são aquelas que criamos ou escolhemos por nossas ações em vidas passadas ou momentos passados ainda nesta existência. E a maneira como reagimos aos fatos desta vida vai determinar o tipo de circunstâncias que nos esperam na próxima existência; logo não é um destino que nos foi imposto a partir do nada; mas, sim a condição por meio da qual exercitamos o livre-arbítrio para desenvolvermos as nossas vidas; efetivamente, é a oportunidade que temos, agora, de escolher o nosso futuro.

No Budismo, qualquer ação intencional, seja ela corporal, verbal ou mental gera carma, sendo oportuno transcrevermos a lição do mestre Geshe Kelsang Gyatso:

“Qualquer ação que façamos deixa uma marca gravada na nossa mente muito sutil e cada marca finalmente dá origem ao seu próprio efeito. Nossa mente é como um campo e a execução de ações assemelha-se ao plantio de sementes neste campo. Ações virtuosas semeiam sementes de futura felicidade e ações não virtuosas semeiam sementes de futuro sofrimento. Estas sementes permanecem adormecidas nas nossas mentes até que as condições para seu amadurecimento ocorram e, então, elas produzem seu efeito. Em alguns casos isto pode acontecer muitas vidas depois que a ação original tenha sido feita”. (132)

Na América do Norte, o conceito de carma era um pouco diferente da visão oriental, pois os atos conscientes na vida eram praticados pelos nativos americanos com a compreensão do modo como eles afetariam toda a tribo e as sete gerações seguintes. Se você quisesse cortar uma árvore, portanto, teria de pensar em como o corte da árvore afetaria as sete

gerações que viriam depois de você. Em algumas tribos, os atos inadequados não eram punidos fisicamente; contudo, o transgressor participava de numerosos debates com anciãos da tribo até que todas as consequências do seu ato fossem compreendidas.

O escritor David Sainá também elenca sua fórmula para “queimar” um carma:

“Muitos atribuem ao Carma os bons e os maus acontecimento dessa vida. Certamente os aspectos cármicos que cada um criou para si, em vidas pregressas, também podem influir, e influem, na realidade atual que vivemos. Contudo, uma vez conscientes da possibilidade de acionarmos esta “alavanca transmutadora” _ que representa a nossa ação no sentido contrário às falhas anteriormente cometidas, as consequências de tais aspectos podem ser minimizadas, ou até mesmo neutralizadas. Ou seja, o carma pode ser transcendido, se conscientemente agirmos para isso. Como se pode transcender um carma? Teoricamente originando pensamentos, palavras e ações positivas, de maneira a compensar o que, em outras existências, fizemos de errado. Cada um deve sentir interiormente quais erros foram estes, e trabalhar sobre eles. Geralmente, as áreas de nossa vida atual em que encontramos maiores dificuldades e bloqueios, podem representar possíveis ações negativas antes realizadas. Como esse trabalho é essencialmente pessoal, cabe a cada um adotar a conduta adequada para transcender quaisquer prováveis fatores negativos”. (133)

Outrossim, o pesquisador espírita Ricardo Di Bernardi, relata como funcionam os mecanismos cármicos:

“O carma não prevê o envio do indivíduo faltoso às penas eternas (como o inferno por ex.), mas, através do ciclo das existências, oportuniza-lhe a possibilidade de anular ou atenuar pela ação construtiva, o mau carma que criou para si próprio. Frente as adversidades da vida e das injustiças aprende o homem a ser generoso e justo. Vida após vida, o trabalho regenerador, o burilamento, por assim dizer, do espírito, vai-se efetuando paulatinamente e na dependência única e exclusiva do esforço da própria pessoa. Segundo o bramanismo cabe ao homem encurtar ou prolongar seu período de evolução. É a lei atuando dentro do mais rígido espírito de justiça”. (134)

Com efeito, o melhor meio de compreendermos a lei de carma é estudá-la sob três aspectos distintos: o carma acumulado, o maduro e o em formação. O acumulado representa a sua imensa quantidade, boa ou má, à espera de extinção em qualquer tempo. Maduro é o que o homem traz como seu destino e é forçado a resgatar na presente encarnação. Em formação é o carma que ele está engendrando a todo o momento, por seu livre arbítrio.

A teosofista Annie Besant, também nos ensina como ser mais flexíveis para lidar com o carma:

“As pessoas com frequência falam do karma como se ele fosse uma grande carga jogada sobre a cabeça do homem ao nascer, contra a qual ele nada pode fazer. Algumas vezes isso ocorre, mas na vasta maioria dos casos o karma que vocês estão criando todos os dias está modificando todos os resultados do karma do passado. É uma criação contínua, e não algo parado esperando por nós; não é uma espada pendendo sobre nós, a qual pode cair a qualquer momento. Uma maneira de considerar isso praticamente é relembrar as leis kármicas: o pensamento cria o caráter; o desejo, a oportunidade; a atividade, o meio ambiente. Vocês podem algumas vezes enganar o destino, quando não podem enfrentá-lo face a face. Quando navegando com ventos contrários, o navegante não pode mudar o vento, mas ele pode mudar a direção das velas. A direção do navio depende da relação das velas com o vento, e, por meio de um bordejo cuidadoso, pode-se quase que navegar contra um vento adverso, e com um pequeno trabalho a mais chegar ao porto desejado. Isto é uma parábola a respeito do karma. Se você não pode mudar sua sorte, mude a si mesmo, e encontrando-a num ângulo diferente, você irá deslizando com sucesso onde o fracasso parecia inevitável”. (135)

O sábio hindu Sankara resgata a “Jóia Suprema da Sabedoria”, no seu “Viveka-Chudamani”:

“Após abandonarem todo o karma com a finalidade de remover os liames da existência condicionada, esses homens sábios com mentes resolutas podem tentar alcançar o conhecimento de seu próprio Atman. Comentário - Atman é a centelha, a mônada, o centro mais sutil em torno do qual tudo o mais se congrega. Atman é idêntico ao Absoluto (Brahman) onde tudo está enraizado... São

muitos os “mortos” em vida. Verdadeiros zumbis da tradição do Haiti, que perdem a grande oportunidade oferecida por uma encarnação humana na busca ilusória de prazeres fugazes. Reflitam sobre isso profundamente”. (136)

Ainda no “Sermão da Montanha”, encontramos referências à Lei da Causa e Efeito, comentada pelo filósofo Huberto Rohden:

“Não Julgueis - e não sereis Julgados - não condeneis - e não sereis condenados!”...

com estas duas frases lapidares enuncia o divino Mestre a lei universal e infalível de causa e efeito, ou, como diz a filosofia oriental, a lei do “Karma”. Se os homens compreendessem praticamente essa lei, não haveria malfeitores sobre a face da terra, porque o homem compreenderia que fazer mal a seu semelhante é fazer mal a si mesmo”. (137)

Nesta mesma sintonia com a sábia e inigualável mensagem de Jesus Cristo, transcrevemos abaixo os comentários de “Miguel”:

“Vers. 17 - Não penseis que EU vim revogar a Lei ou os Profetas. Vim dar-lhes cumprimento...”

A Lei da Vida manifesta-se como Ação e Reação, Atração e Repulsão. Há Causas que podem ser removidas a tempo; por isto nos foi dado o livre-arbítrio. Outras não podem, porém os seus efeitos podem ser suavizados. O homem sábio e bom pode escapar deles pelo conhecimento e pelo merecimento; não podem, porém, impedi-los. O Espírito da Lei não castiga; Ele equilibra e faz justiça. O homem pode interferir e incluir vingança ou misericórdia na justiça”. (138)

O endocrinologista de origem indiana, Deepak Chopra, no seu “best seller” intitulado “As Sete Leis Espirituais do Sucesso”, elenca a lei de causa e efeito, como uma delas:

“Portanto a melhor maneira de entender e utilizar ao máximo a lei do carma é estar conscientemente alerta para as escolhas que

fazemos a todo momento... Ao se transformar em um escolhedor consciente, você passa a gerar ações transformadoras para si e para os que estão ao seu redor... seu fruto será a felicidade e o sucesso". (139)

Caso o leitor deseje assistir um filme com esta temática, recomendo "Voltar a Morrer", com os atores ingleses Kenneth Branagh e Emma Thompson, na história um detetive ajuda moça e, graças a consultas com um sensitivo, descobrem que foram casados numa vida passada e terão que acertar seus laços cármicos. Podendo, ainda, sugerir a comédia "Switch-Trocaram Meu Sexo", com Ellen Barkin, quando um rapaz volta à terra encarnando como mulher, para quitar suas dívidas cármicas com o sexo oposto.

Para concluir esta introdução e conceituação de Carma, nada melhor do que beber na fonte cristalina da sabedoria hindu do Swami Vivekananda:

"Carma é a eterna afirmação da liberdade humana... Nossos pensamentos, nossas palavras, nossos atos, são fios de uma rede que tecemos ao redor de nós mesmos".

DOENÇAS CÁRMICAS

A função das doenças cármicas visa à reeducação do espírito encarnado num corpo físico, que necessita conviver com os problemas físicos e morais que ela causa; ou seja, são aquelas doenças que não sabemos como adquirimos, podendo afetar até nossa capacidade de trabalho e convívio familiar e social.

O filósofo Rudolf Steiner, analisa, minuciosamente, as implicações médicas de se considerar as doenças como cármicas, no seu livro "The Manifestations of Karma":

"Quando consideramos karma, devemos falar da conexão de eventos que chegaram à vida em épocas anteriores e como eles se manifestam posteriormente como efeitos secundários no mesmo ser humano. Se falarmos sobre saúde e doença do ponto de vista

kármico, devemos perguntar: Podemos interligar as condições saudáveis e doentia com as ações e experiências anteriores desta pessoa? Como esta condição atual de saúde ou doença reagirá mais tarde sobre ela? Se acompanharmos o curso de uma doença na vida humana e como ela se desenvolve, as forças de cura virão do próprio organismo; se fizermos uma análise imparcial de todo o processo - principalmente se refletirmos como a cura ocorre em determinados casos, embora falhe em outros - deveremos procurar uma lei mais profunda que reja estes fatos. Seria esta lei encontrada em uma vida terrena anterior? Não temos como responder a isso com segurança. Será válido considerar que uma pessoa traga certas predisposições que, em determinado caso, façam aflorar os poderes curativos de seu organismo, mas que em outro, a despeito de todos os esforços, retenham-nos atuar com menos eficiência”?

Quando o homem transgredir as leis divinas, através de más ações, vícios, desvios de comportamento, atentados morais, tudo isto gera uma necessidade de reparação; tendo por consequência o nascimento de uma obrigação do tipo expição (um impositivo compulsório do resgate) ou de provação (quando existe a aceitação consciente pelo devedor, que tem ciência da sua culpa e pretende repará-la).

A fixação da doença se dá no perispírito ou psicossoma da pessoa em débito cármico, ou seja, no envoltório astral do seu corpo físico, produzindo degenerescência energética, além de plasmar nos futuros corpos os danos correspondentes aos desequilíbrios realizados. Saliente-se que, do mesmo modo que o perispírito programa o nascimento da dor, também pode promover as conquistas morais do indivíduo; pois sendo ele o “órgão modelador da forma”, atua como um centro atrativo das necessidades de reeducação daquele ser.

Uma doença típica de natureza cármica é a lepra ou hanseníase, lembrando diversas passagens bíblicas, em que os doentes eram expulsos das cidades, sendo deslocados para os “vales dos imundos”.

Assim, o portador desta doença terá que conviver, por toda a existência, com os problemas físicos e morais que ela causa. Deformações nas mãos, pés e vistas, o impedem de participar do mercado de trabalho, tornando-o dependente do Estado ou da família e, às vezes, nem com ela conta, porque esta também o rejeita. Estará, portanto, confinado aos pequenos

limites de uma residência ou da área de um hospital, pois, além das sequelas consequentes da doença, seu portador se depara com uma desumana rejeição da sociedade, que, geralmente, não aceita conviver com aquele que tem hanseníase. Saliente-se que esta doença é de baixo índice de contágio, pois é preciso uma convivência íntima e prolongada (meses) com o portador da forma contagante, para adquirir e desenvolver a doença. Além disso, mais de 80% das pessoas não a desenvolvem, nascem como que vacinadas e somente 20% desenvolvem a mesma, o que só é explicado pela sua natureza cármica.

Lembramos que o ser humano não recebe um fardo maior do que sua capacidade de suportá-lo e, comumente, estes problemas podem se caracterizar como verdadeiras oportunidades de crescimento. E mais, muitas vezes foi escolhido para cumprir este carma, pelo próprio portador da doença no plano espiritual, antes de reencarnar.

O sensitivo Robson Pinheiro, através da canalização do cientista Joseph Gleber, explica como as células astrais do perispírito modelam o DNA espiritual:

“O DNA, descoberto nos estudos de meus irmãos cientistas, veio, a bom tempo, confirmar as Leis que regem a vida e descortinadas pela grandeza da Doutrina Espírita.

Tratando-se de um ácido desoxidado com bases de nitrogênio, em modalidades que se manifestam como adenina, guanina, timina e citosina, contém, igualmente, fósforo, sob a forma de ácido fosfórico. Essa base de nitrogênio se encontra, não somente na formação íntima das células orgânicas, mas, igualmente, na composição, por assim dizer, mais materializada das células astrais, que, nesse caso, podemos identificar nas moléculas do DNA e que funcionam como um “programa” cármico-biológico na execução dos registros da vida do espírito, que, no momento adequado, se revelam no corpo físico através da reencarnação.

Na estrutura do DNA, vai-se gravando as atividades do Eu Profundo, ou do espírito imortal, naquilo que se destina a externar, em futuro veículo somático, sendo que esses registros são a determinante das etapas necessárias da saúde ou das enfermidades genéticas, conforme as conquistas ou deficiências adquiridas ao longo da caminhada evolutiva.

As experiências “gravadas” diariamente nas estruturas sensíveis do DNA, se manifestam, mais tarde, em novas encarnações, conforme a intensidade e a constância dos desejos, emoções e pensamentos

que aí são registrados pela Lei do Carma, que através do DNA, se revela de forma inevitável e inflexível.

Pelo estudo e compreensão da bioquímica e especificamente das pesquisas levadas a efeito, a respeito do DNA, meus irmãos poderão entender melhor o “funcionamento” da Lei de Ação e Reação nos mecanismos da vida, pois cada ser humano plasma, diariamente, por efeito de suas vibrações de harmonia ou desarmonia, o código cifrado de todas as experiências de seu psiquismo, no corpo físico de que se utilizará em próxima reencarnação. Dessa forma, pode-se entender como os conceitos do evangelho são uma fórmula científica de imprimir, nesses “núcleos genéticos”, um programa mais equilibrado para as nossas experiências reencarnatórias. O evangelho torna-se, assim, uma ciência de genética-molecular-espiritual, que nos favorece com formas de interferir na futura programação de nossas vidas”. (140)

Provavelmente, o fato de alguém adquirir AIDS pode ser um bom exemplo de funcionamento das leis do carma, até mesmo porque em muitos portadores do vírus, chamados de soro-positivos, a doença não se manifesta.

Quando, em alguma parte do universo, algo foge aos padrões eternos do bem e da ordem, a lei do carma entra em ação, para promover o retorno da parte afetada ao equilíbrio do conjunto; sendo que o reajuste dessa parte, ao sofrer a interferência da lei, poderá vir a sentir os incômodos naturais devido à situação crítica em que se encontra, gerando dor e sofrimento. Essa dor, que algumas vezes poderá se traduzir em doenças cármicas, só cessará quando o espírito estiver reajustado aos ditames sublimes da Lei Cósmica, atenuando assim seu egocarma.

Pude observar e acompanhar vários casos desta natureza, em pacientes do Santuário Luz e Vida, que precisaram de esclarecimento espiritual para entender seu processo cármico e trabalhar suas dificuldades ou faltas, para voltarem ao equilíbrio energético (saúde) do corpo físico.

CARMA GRUPAL

O carma grupal é o mesmo que “Grupocarma”, ou seja, é aquele relacionado, diretamente, com o grupo ao qual a pessoa está ligada, a exemplo, da família, amigos, colegas de

trabalho, etc...

Ademais, para o resgate dos débitos cármicos, a pessoa vai encontrando diversos espíritos, agora reencarnados, os quais prejudicou, no passado, que aceitaram voltar como membros da sua própria família, como forma de induzi-lo a semear o amor e evitar a possível vingança futura.

Quantas pessoas convivem ao nosso lado mandadas pelo nosso carma, e disto não nos apercebemos, não só prorrogando as nossas “dívidas”, como criando dificuldades para esta ou outras encarnações; não havendo exagero em dizer que a maioria dos sofrimentos do homem não provém de um passado longínquo, mas são produtos de insensatez da nossa vida atual.

O carma familiar é uma espécie de carma coletivo mais restrito, pois promove o renascimento, em uma mesma família, de pessoas vinculadas por laços íntimos do passado. Por vezes, encontram-se em existências consecutivas; outras vezes, após várias encarnações.

A família deve possuir hereditariedade física, que permita a feitura de um organismo condizente com o desempenho das funções a serem executadas, salientando que, a hereditariedade ou a tendência para a reprodução de uma doença, é ocasionada pelo carma familiar.

A exemplo de uma família que foi atendida por nós, colaboradores do Santuário Luz e Vida, entidade sem fins lucrativos que presta assistência social, da qual sou um dos fundadores e vice-presidente há 5 anos. Nesta família, todos tinham uma grave doença (pai, mãe e dois filhos) de pele, variante do “vitiligo”, e já haviam se submetido a diversos tratamentos médicos sem sucesso. Eram placas escuras que cobriam todo o corpo, cuja causa era cármica. Porquanto, em reuniões mediúnicas alguns espíritos desencarnados, informaram através dos sensitivos da casa, que numa vida passada esta mesma família teria punido um grupo de escravos, queimando-os até a morte; e agora eles estavam resgatando esta “dívida cármica”, causando marcas na pele,

semelhantes as queimaduras. Felizmente, após algumas sessões, conseguimos sanar as sequelas nos perispíritos dos escravos obsessores, que após serem doutrinados, desistiram da vingança e foram conduzidos a um hospital espiritual. Assim, após o tratamento no Santuário, a citada família conseguiu uma considerável melhoria no seu problema de saúde.

Logo a alma que precisa das experiências proporcionadas por determinada enfermidade é encaminhada a um núcleo com características genéticas apropriadas ao surgimento e continuidade daquela moléstia. Estas características instalam-se na família, oferecendo um plasma contínuo favorável à reprodução dos genes que o originam e como o grupo familiar é formado por egos afins, com iguais necessidades e metas, os transtornos, aflições e dores do doente ensinam ensinamentos aos demais.

Podemos diferenciar o egocarma do grupocarma, pois no primeiro você tem uma conta corrente nominativa, que especifica os elementos do seu patrimônio evolutivo; enquanto que no segundo você tem aberta uma conta cármica conjunta, com os titulares do seu grupocarma, dando direito, a cada um deles, de sacar contra você certas reivindicações e atitudes.

Em virtude dos longos períodos de interação dos membros de uma família, é natural a existência de uma grande quantidade de débitos e créditos no “livro-caixa” cármico, gerando inclusive a inversão de papéis, de pais e filhos, por exemplo, em vidas sucessivas, como forma de amortizar o montante dos equívocos passados. Certamente, numa época oportuna, o seu grupocarma levantará o “balanço de lucros e perdas”, podendo até gerar saldos a serem transferidos aos seus fundos de reencarnações futuras.

Podemos sugerir algumas atitudes para alavancar o seu investimento cármico; como prestar serviços voluntários aos seus colegas de evolução; estimular a compaixão, a misericórdia, exercendo a maxifraternidade, de forma antiegoísta e prestimosa; além de respeitar a cosmoética, na condução de todos os seus relacionamentos.

POLICARMA E DESASTRES COLETIVOS

O policarma está relacionado com a comunidade à qual a pessoa está ligada, como associações, cidades, países ou planetas.

A formação de cidade, país, nação ou mesmo de um planeta, não se efetua ao acaso, mas obedecendo a um planejamento sábio e justo à cargo da consciência; que visa reunir, em um mesmo espaço, entidades com objetivos semelhantes, similitude de anseios, sentimentos e pensamentos.

A nível planetário, o espírito reencarnante é destinado para aquele planeta cujo nível evolutivo seja compatível com o seu e onde possua, de preferência, vinculações de vidas anteriores. Assim, nele voltará a renascer até esgotar todas as experiências e ensinamentos necessários à sua evolução, inclusive desligando-se dos laços cármicos, passionais e afetivos; estando, depois, apto à reencarnar em outra esfera que o possibilite um aprendizado superior, mais adequado à seu novo patamar consciencial.

O reencarnante é enviado para a raça e o país que proporcionem condições religiosas, sociais e culturais, capazes de atender à sua personalidade, e onde surjam ocorrências e situações adequadas às metas programadas, pelos “Senhores do Carma”, que destinam, para uma mesma comunidade, seres com iguais necessidades, aspirações e sentimentos que, emitindo pensamentos similares, criam, a grande massa de uma energia denominada de “egrégora”.

A egrégora que atua numa região, fortalece as formas-pensamentos individuais, edificando um consenso geral que, revigorando as emissões mentais de cada habitante, acarretam o nascimento de um ciclo de impulsões benéficas ou maléficas; se o fluxo de energia é positiva, provoca eclosões geniais e sublimes na arte, literatura e ciência, momento em que surge toda a gama de artistas, intelectuais, cientistas e idealistas que marcaram uma nação ou uma fase da humanidade, como o foi no período “Renascentista”.

Em contrapartida, a massa de formas-pensamento e energia negativa, ao se projetar no plano físico, provoca a manifestação de doenças, hecatombes, crimes hediondos, e toda

a sorte de ocorrências nocivas, pois os que recebem estes efeitos são os mesmos que ajudaram a formá-las, pela similaridade de pensamentos, sentimentos e frequências que emitem.

Para um melhor entendimento desta intrincada teia de interações dentro do policarma, colhemos a lição do renomado Prof. Waldo Vieira, criador da neociência chamada “Conscienciologia”, ao propor as 5 faces evolutivas do espírito encarnado (conscin = consciência intrafísica), visando a sua libertação dos seus algozes:

“1. Interprisação. *A conscin, na fase da interprisação grupocármica. Assenta-se gostosamente, em seu elemento vital, entre companheiros anti-sociais. Só tem certezas absolutas sobre o que faz. Sente-se com direito a tudo aquilo que demanda. Não aceita heterocríticas. Essa postura gera: os grupos de extermínio; as máfias; as inquisições; os técnicos em torturas humanas; as guerras, terrorismos e genocídios.*

2. Vitimização. *A consciência começa a duvidar do acerto de suas escolhas. Decaem seus esforços. É a fase da vitimização. De líder, passa a ser vítima da própria máquina anti-social que ajudou a montar. Este longo período do revertério exige várias seriéxis (vidas consecutivas) plenas, imoladas a favor dos próprios colegas, a fim de se ver livre deles.*

3. Recomposição. *A consciência deixa de ser vítima direta para atender às suas antigas vítimas. Pouco a pouco recompõe os destroços de seus desmandos. É a fase da recomposição onde tudo dá para trás. Neste período de sísifo procura desensinar o que ensinou errado. Exige da consciência imensa paciência e persistência.*

4. Libertação. *A consciência já consegue discernir luz no fim do túnel. Vive trechos de maior alívio das pressões assediadoras, conscienciais e seculares. É a fase da libertação do egocentrismo. Adquire melhor espírito de Humanidade. É a reta final.*

5. Policarmalidade. *A consciência já não pede mais para si. A chamada dor deixa de ter razão para ela. Quer cooperar acima de tudo na fase da policarmalidade. A Terra se transforma em uma escola evolutiva: não apenas deseja aprender, mas ensinar o que pode. Descobre o universalismo, (tarefa de esclarecimento) a tares, o discernimento, a holomaturidade, a cosmoética, a condição da desperticidade e, por fim, o policarma vivido”. (141)*

Um bom exemplo de policarma aplicado às nações, pode ser encontrado no panorama econômico brasileiro, objeto de notável matéria escrita por Carlos Cardoso Aveline, na

“Quem busca lucro sem assumir qualquer responsabilidade, hoje, são os donos de capitais especulativos (entre outros exemplos). O padrão vibratório da economia de pilhagem trocou a caravela pela tela de computador, mas continua o mesmo. Este padrão antigo de circulação das energias vitais precisa ser compreendido com lucidez implacável para que não sejamos mais obrigados a repetir as mesmas experiências do passado sob formas aparentemente “modernas”.

Quando um processo econômico destrói o ambiente natural e usa pessoas humanas como meros objetos de um enriquecimento material sem preocupações éticas, cria-se mau carma, isto é, uma sintonia interior dos membros da sociedade com processos de sofrimento, de conflito e de desarmonia que podem assumir diversas formas externas. Quando um processo econômico se desenvolve em harmonia com o meio ambiente e com justiça social, cria-se um bom carma coletivo, ou seja, aumenta a sintonia espontânea dos cidadãos com os padrões vibratórios e níveis de consciência em que há felicidade. Deste modo, a economia é decisiva para a felicidade de um povo, mas não só através da produção de bens materiais - como muitos pensam - e sim porque o processo econômico serve para estruturar os fluxos vibratórios da energia vital entre todos os habitantes e também dos habitantes com os animais, com a natureza e com Deus. Uma sociedade pode ter relativamente poucas riquezas materiais e sua população ser ao mesmo tempo feliz, se as relações de produção e de consumo forem justas e livres, espontâneas e solidárias, e se esse sentimento positivo incluir animais, vegetais, céu e terra”. (142)

Cumpre-nos ressaltar a enorme responsabilidade policármica do presidente de um país, que deve estar sempre atento ao “clamor das ruas”, possibilitando que o fluxo de riqueza possa atender às necessidades coletivas de todo um povo, angariando para si uma condição cármica positiva ou negativa, a depender da sua ação, a ser resgatada nesta e nas suas vidas futuras.

Basta que imaginemos um governante que tenha em suas mãos o destino de uma nação com milhões de indivíduos, e esteja ligado internacionalmente a outros povos e nações com poderes muitas vezes de influir em seus destinos. Caso soubesse e tivesse consciência de

que a morte é uma ilusão e de que à terra voltaria, nascendo nesse ou naquele país, nesta ou naquela raça, jamais seria, como têm sido muitos deles, tiranos, ditadores, perseguidor de povos e de raças. Pois sentiria na sua carne, antecipadamente, o efeito de sua ação, e mudaria naturalmente de atitude.

Ainda dentro do conceito de carma coletivo, porque será que tantas pessoas morrem juntas em desastre?

Quando um avião cai, matando centenas de pessoas, ou ocorre um terremoto ou enchente, ceifando várias vidas, muitas vezes dirigimos nossa atenção àqueles que sobreviveram a tais desastres, considerando-os como sorteados ou abençoados.

O que dizer dos que não sobreviveram? Porque certo “grupo cósmico” reserva um voo em “determinado” avião? E as pessoas que cancelam o voo no último minuto, intuitivamente ou a pedido de um ente querido, evitando o desastre iminente?

Coletamos um exemplo prático analisado por Rudolf Steiner, relativo ao policarma de quinhentas pessoas mortas num incêndio de teatro, tendo como possíveis as seguintes consequências:

“1. As concatenações cármicas de nenhuma das quinhentas pessoas precisam necessariamente ter alguma coisa a ver com as das outras pessoas acidentadas. A desgraça conjunta está então, para o carma da pessoas em si, mais ou menos com a sombra de cinquenta pessoas numa parede está para o mundo dos pensamentos e das sensações dessas pessoas. Uma hora antes, talvez essas pessoas nada tivessem em comum; talvez em uma hora novamente nada tenham em conjunto. O que vivenciaram em seu encontro no mesmo espaço terá para cada uma sua consequência especial; mas seu encontro é expresso no chamado perfil comum. Porém quem quisesse tirar desse perfil alguma conclusão, no que respeita a um aspecto comum a essas pessoas, estaria bem equivocado.

2. É possível que a vivência das quinhentas pessoas nada tenha a ver com seu passado cármico, e justamente por causa dessa

vivência se prepare algo que no futuro as unirá carmicamente. Talvez essas quinhentas pessoas ponham em funcionamento, numa época longínqua, um empreendimento comum, e o desastre as tenha reunido para os mundos superiores. Ao místico experiente é bastante conhecido, por exemplo, que agremiações formadas na atualidade devem sua origem ao fato de as pessoas que se unem terem vivenciado, num passado longínquo, um desastre em conjunto.

3. Pode, realmente, um tal caso ser o efeito de uma culpa conjunta de tais pessoas. Nisto ainda existem inúmeras outras possibilidades. Todas as três possibilidades indicadas podem, por exemplo, estar combinadas entre si, e assim por diante". (130)

Entretanto, o Carma Individual jamais é onerado, pois as oportunidades comuns a todos, como as catástrofes, desastres e convulsões civis, propiciam a realização de metas afins, mas não atingem aquele que prescinde da lição fornecida por elas; nesta hipótese, a pessoa nessas circunstâncias será poupada pela tragédia. Por maior que seja a desgraça a assolar a comunidade, ela será uma das poucas a escapar ilesa do sofrimento e dano, que se abatem sobre os demais, como foi o caso do cantor Martinho da Vila, que perdeu o vôo de um avião que caiu, noticiado, amplamente, no jornal.

Os atingidos pelas consequências boas ou más, não o serão por favoritismo ou castigo divinos, mas por se enquadrarem no mesmo tipo de carma ou por estarem aptos a manifestar faculdades conquistadas e por necessitarem aprender pela dor, única maneira de acordá-los para o reconhecimento de erros passados.

Como exemplo de desastres coletivos recentes, podemos citar o do carnaval de 1998, a morte chegou de repente para 11 jovens da Legião da Boa Vontade, numa viagem de fé, na BR-153, próximo a Hidrolândia, em Goiás; da mesma forma, no meio do ano, desabou o teto num templo repleto de adeptos da Igreja Universal do Reino de Deus, em Osasco, interior paulista. As avaliações iniciais revelaram 500 feridos, 50 dos quais gravemente, 24 mortos, entre aqueles que trocavam o sono pela oração na madrugada; sendo que na terça-feira seguinte, dois ônibus lotados de fiéis católicos de Anápolis - Goiás, que foram assistir à missa na Basílica de Aparecida do Norte bateram, causando 55 mortos.

E assim, questionamos o porquê de tantas pessoas, muitas delas sem se conhecerem sequer, morrerem juntas, em idênticas e tão penosas condições? Trazendo à luz os límpidos esclarecimentos de Annie Besant:

“A reunião de almas em grupos, formando famílias, castas, nações e raças, introduz um novo elemento de perplexidade nos resultados kármicos, e é aqui que encontramos espaço para os chamados “acidentes”, bem como para os ajustes que continuamente são feitos pelos Senhores do Karma. Parece que, embora nada “que não esteja em seu karma” possa suceder a um homem como indivíduo, ele pode tirar proveito de, digamos, uma catástrofe sísmica nacional para eliminar uma parte do mau karma, que em condições normais não seria considerado neste período de vida pelo qual está passando ... não importa em que turbilhão de catástrofes ele fosse lançado, seria o que é considerado “miraculosamente poupado” da morte e ruínas que levaram seus vizinhos, e emergir ileso da tempestade ou da erupção do fogo”. (50)

OS SENHORES DO KARMA

E A PROGRAMAÇÃO REENCARNATÓRIA

Todas as religiões e escolas espiritualistas ensinam que existem entidades celestiais encarregadas da direção dos planetas, acompanhando sua evolução e dos seus habitantes; podendo ter diversas nomenclaturas como Diretores ou Senhores do Karma, também conhecidos como orientadores evolutivos; Mahârajas ou Devarâjas para os budistas, verdadeiros “deuses kármicos” e Lipikas ou “Escrivães Celestes”, pois registram cada palavra e ação do homem na terra.

Logo, os Senhores do Karma são espíritos muito elevados que se dedicam ao planejamento das novas encarnações de cada alma; trabalhando na análise dos registros akáshicos e, baseados em suas informações, escrevem, o roteiro completo para a nova encarnação.

As fichas kármicas astrais ou arquivos akáshicos registram todas as nossas boas ou más ações, em cada encarnação, sendo uma espécie de tela fluídica, de consistência astromagnética, onde está anotado o nome original de cada ser espiritual, desde a sua primeira descida ao plano físico.

Com efeito, os registros akáshicos são compêndios que contêm o histórico de todas as encarnações de cada alma, onde são assinaladas todas as circunstâncias, tempo, duração e local de cada uma das vidas passadas, suas peculiaridades, relacionamentos, débitos e créditos. Os salões onde estão guardados esses registros podem ser comparados a fantásticas bibliotecas, onde cada um de nós tem toda a sua história devidamente documentada como num grande arquivo; com todos os detalhes, situações, méritos e deméritos, que estão anotados para serem consultados no momento propício do planejamento de uma nova encarnação. Portanto, nenhuma vida é casual ou acidental, mas cuidadosamente arquitetada.

A título de curiosidade, podemos tentar imaginar como funcionariam, hierarquicamente estes “Tribunais dos Senhores do Carma”, segundo o médium umbandista F. Rivas Neto (Arapiaga):

“Os TRIBUNAIS, no Reino Natural, iniciam-se pelos TRIBUNAIS KÁRMICOS GALÁCTICOS, os quais supervisionam os TRIBUNAIS SOLARES (de cada sistema solar).

Cumpra salientar que os TRIBUNAIS GALÁCTICOS são regidos pelo SUPREMO TRIBUNAL KÁRMICO, sob a égide do Glorioso ARCANJO MIKAEL, o qual é o REGENTE KÁRMICO de TODO o sistema de Leis que regulam os Seres Espirituais em evolução no Reino Natural ou Universo Astral. No astral do planeta Terra, quem o representa são as SANTAS ALMAS GUARDIÃES DO CRUZEIRO DIVINO, as quais têm ORDENS E DIREITOS DE AÇÃO E EXECUÇÃO sobre nossa humanidade terrena.

Como dizíamos, os TRIBUNAIS GALÁCTICOS estendem sua jurisdição sobre os TRIBUNAIS SOLARES; esses TRIBUNAIS SOLARES, por sua vez, estendem sua poderosa vibração aos TRIBUNAIS KÁRMICOS PLANETÁRIOS, e esses aos TRIBUNAIS KÁRMICOS SUPERIORES e INFERIORES”. (53)

O sensitivo americano James Van Praagh tem opinião semelhante, sobre a programação reencarnatória ou existencial (Proéxis):

“Para ajudar uma alma a preparar-se para sua próxima passagem, há seres altamente evoluídos em espírito que compõem aquilo que é conhecido como Conselho Etéreo. Estes seres já completaram as

encarnações terrenas e fazem recomendações para ajudar outros espíritos a desenvolver seu “plano de vida”, que são os objetivos espirituais que uma alma quer atingir em sua próxima vida. Este plano delinea a encarnação como uma espécie de projeto das oportunidades necessárias para o progresso da alma. Cabe ao espírito decidir os detalhes exatos do plano. É aqui que entra o livre-arbítrio...

Quando nascemos, tudo de que precisamos para cumprir o plano da alma está registrado no corpo etéreo. Em outras palavras, todas as respostas para nossos problemas estão dentro de nós. Qualquer prova ou aflição é apenas um teste para ver se conseguimos descobrir a solução espiritual. A alma recebe muitas oportunidades para desenvolver-se e expandir-se através da superação das adversidades. Crescer nunca é fácil, e só pode ser feito através da vivência de todos os aspectos de uma situação e de sua compreensão total”. (89)

O casal de pesquisadores espiritualistas Sérgio Prancvitch e Walkíria Palmieri, analisou, com profundidade, esta temática na sua excelente obra “Karma e Destino”:

“Como vimos, na reencarnação compulsória o ser não tem acesso à formulação da sua programação. Já na reencarnação voluntária participa desta formulação, embora a grande maioria dos seres que vão reencarnar tragam uma programação reencarnatória mista, ou seja, alguns itens desta programação são formuladas ou escolhidas pela própria conscientização, outros itens são pré-estabelecidos pelos mentores ou seres espirituais que estão auxiliando o processo da reencarnação”. (143)

A programação reencarnatória fica arquivada na “matriz cármica” do espírito, contendo toda a ficha existencial do ser, projetando suas influências mediante a ativação dos “Sistemas Reorganizadores Cármicos”, que atuam nos campos biológico, energético, emocional, mental e espiritual.

Neste mesmo diapasão se dirigem as conclusões da escritora Luanda Kaly:

“Quando já temos suficiente ou razoável grau de evolução, participamos do planejamento de nossa própria encarnação junto com os Senhores do Carma, ou seja, somos consultados a respeito da mesma, se estamos de acordo com isto ou aquilo, com este fato ou com encarnar junto a determinada pessoa, etc. Quando eles, os

Senhores, nos julgam competentes e com discernimento suficiente, mostram-nos toda a arquitetura da nova vida e algumas vezes até opinamos escolhendo maior carga, fardos mais difíceis, situações complicadas de resgate. Em outras palavras, cada encarnação é passada em seus mínimos detalhes e muitas vezes somos co-participantes dessa elaboração. Então, o que não funciona? Por que todas as perguntas anteriores?

Porque temos o livre arbítrio, nossa livre escolha e decisão. Saímos fora, e muitas vezes infinitamente fora, daquele que seria nosso abençoado “destino”. Somos rebeldes, teimosos, obstinados, levados à compulsão e obsessão de fatos e situações erradas, reincidimos em erros anteriores, damos ouvido à voz dos instintos não refletidos. Não cumprimos as promessa que fizemos, não aos Senhores do Carma, pois ele não pedem nenhuma promessa ou compromisso (são inteligentes arquitetos das encarnações e imparciais, não nos obrigando absolutamente a nada, tampouco pedindo-nos fidelidade, ou algo que o valha), mas não cumprimos as promessas ou os compromissos que assumimos diante de nós mesmos. Encarnamos e voltamos a falhar não somente com os outros (fatos, situações, pessoas), porém especialmente com nosso próprio e pessoal eu espiritual e material. Os que se atrasam nos estudos, na escola, podem culpar a própria escola, os professores, o tipo de ensino, etc., mas sabemos que são meras desculpas, pois quem se atrasa ou repete de ano, salvo raríssimas e excepcionais exceções, o faz por sua própria culpa, de mais ninguém. Aqueles que querem progredir, mesmo quando as situações são completamente adversas, progridem; existem aqueles que se esforçam e muito, mas não conseguem superar as situações adversas __ estes já obtêm méritos com certeza; e existem aqueles que não dão a menor importância a progredir e muitas vezes são cercados das melhores chances e oportunidades __ estes certamente acumulam mais carma e, ao invés de quitarem suas dívidas, as adquirem _ estes são dignos de piedade”. (144)

Ainda sobre programação reencarnatória, transcrevemos abaixo um exemplo citado pelo famoso psiquiatra americano Brian Weiss, no seu livro mais recente “A Divina Sabedoria dos Mestres”:

“A maneira mais segura de reencarnar numa raça ou religião em particular é manifestar preconceito contra aquele grupo. O ódio é um trem expresso, carregando você para aquele grupo. O carma

é o nascimento de um bebê negro, num gueto de negros, quando a alma daquele bebê encarnara anteriormente num dono de plantação do tempo da Guerra Civil, no Sul dos Estados Unidos, que maltratava os escravos”. (145)

Em “Luz no Caminho”, uma obra mística de Mabel Collins, há um pequeno ensaio sobre o carma atribuído a um grande sábio, tendo ele comparado a vida individual a uma corda constituída de inumeráveis filamentos tênues e ocasionalmente, alguns desses filamentos ficam presos ou vinculados a algo, criando um emaranhado e desordem no todo. Às vezes um ou mais dos filamentos ficam manchados, e esta mancha se espalha e desbota outros filamentos; mas, com o correr do tempo, os filamentos passam da sombra para a luz, tornando-se dourados, ficando justos e lisos. Finalmente, a harmonia é estabelecida, ilustrando a natureza holística do carma.

O escritor Patrick Drouot também concorda com este conceito de programação para uma nova vida:

“O karma age com maior sutileza sob a forma de uma programação, tomando um termo informático, geral do indivíduo; poder-se-ia também falar em “código genético da alma”, anterior ao nascimento. Os tibetanos e os yogues nos ensinam que o karma determina as circunstâncias do nascimento, a personalidade dos pais, o meio social etc. Os resíduos kármicos - é assim que são chamados os traços deixados em nós pelas vidas passadas - vão, igualmente, determinar nossos dotes e talentos (ou, pelo contrário, nossas insuficiências neste ou naquele domínio) mas também os elementos maiores da nossa existência”. (42)

Ainda analisando as correlações dos mecanismos do carma, na nossa jornada evolutiva, o mestre hindu Paramahansa Yogananda nos ensina:

“A lei kármica é exata. Não há, além do mais, sofrimento no inferno eternidade afora. (De que modo poderiam as iniquidades de alguns anos na terra merecerem o castigo eterno? Poderia uma causa finita ter um efeito infinito?)

Para entender o karma, você tem de compreender que os pensamentos são coisas. O próprio universo, em última análise, não se compõe da matéria, mas da consciência. A matéria reage ao poder do pensamento muito mais do que a maioria das pessoas

compreende. Pois a força de vontade dirige a energia, e a energia, por sua vez, age sobre a matéria. Na verdade, matéria é energia. Toda ação sempre solicita do Universo uma reação que corresponda exatamente ao tipo de energia que está por trás do ato. A ação se origina na vontade e, por sua vez, dirige a energia para o seu fim desejado. Essa é, pois, a definição de força de vontade: desejo mais energia, dirigidos para a satisfação.

A energia, assim como a eletricidade, produz um campo magnético. E esse campo magnético atrai para si as consequências da ação”.

(17)

O juiz trabalhista e escritor espiritualista, Luiz Roberto Mattos, através da viagem astral ou desdobramento, testemunhou, no plano espiritual, um caso prático de programação pré-encarnatória de um espírito desencarnado de um advogado, aparentando 35 anos:

“Estou nesta cidade há cinco anos, estudando e trabalhando na Escola de Direito. Vivi antes alguns anos na Terra, apegado que era à minha família, e depois fui levado por um grupo de espíritos para uma região escura e sombria, fria, horrível, da qual nem gosto de lembrar. Mas já me conscientizei das causas do meu sofrimento. Eu era advogado, e bom, segundo diziam. Só que me perdi na vaidade e no apego ao luxo que o dinheiro comprava, esquecendo-me por completo das lições de ética que aprendi na faculdade, como acontece com muitos advogados que começam a ganhar dinheiro. Perdi os escrúpulos e os limites morais. Nunca quis saber de religião ou filosofia que colocavam os bens materiais em segundo plano. O meu conforto vinha sempre em primeiro lugar. Assim, corrompi juízes e servidores da justiça, que já estavam sedentos de corruptores. Sei que lhes fiz um favor, porque também eles já haviam perdido o pudor moral e a ética. Mas sei hoje o quanto me comprometi com a justiça, e com as leis divinas, principalmente a de causa e efeito. E por isso agora quero voltar e trabalhar para levar novos valores para dentro da mesma justiça que um dia ajudei a corromper e falsificar.

- O irmão quer ser advogado novamente? __ quis saber Paulo.

- Não. Quero estudar Direito novamente, mas dessa vez quero ser juiz, e um juiz incorruptível, para manter integro o ideal de justiça verdadeira. Não serei corrompido, e com isso estarei ajudando a mudar a realidade de uma justiça onde infelizmente há vários corruptos. Quero viver de forma mais modesta, com o salário que me for pago, sem esnobar nem luxar, e sem ostentar um padrão de

vida elevado. Quero colocar a verdade e a justiça acima de tudo, mesmo que para isso tenha que me sacrificar, seja de que forma for, até mesmo com a própria vida, pois hoje sei que a vida sem ética e sem moral não vale a pena, e vender a alma é comprar um lugar na lama do mundo espiritual. Se todos os advogados e juizes sem escrúpulos soubessem realmente o que os espera do lado de cá, tenho certeza de que muitos mudariam de conduta rapidamente...

— Depois de cuidadosamente analisados, os coordenadores de reencarnação encaminharão o projeto para o setor de execução, que cuidará do contato com os futuros pais, planejarão o mapa genético do novo corpo, cuidarão da ligação do espírito ao óvulo em fecundação, e escolherão o futuro mentor ou protetor espiritual, que todos têm na Terra. Tudo é bem pensado e programado, em cada detalhe, para evitar falhas de programação, que podem pôr a perder uma oportunidade reencarnatória.” (146)

Para concluir esta etapa, leia atentamente o que vamos trazer do sábio pensamento do Dr. Stylianos Atteshlis, mais conhecido como Daskalos, “O Mago de Strovolos”, que com muita clareza e simplicidade desmistifica este tema tão controverso para alguns:

“Assim o karma não constitui o sadismo de um Deus punitivo. Caracterizar dessa maneira o Ser Absoluto é trazer o Incomensurável às nossas dimensões e fraquezas. Em sânscrito, karma é definido simplesmente como “ação”. Podemos compará-lo à Lei da Gravidade, que é necessária à manutenção da ordem no cosmo. Ninguém pode se queixar se, ao atirar uma pedra para cima, ela cair em sua própria cabeça. A Lei de Causa e Efeito é ordem, Inteligência Absoluta e Amor expresso.” (147)

OS GUARDIÕES

Como vimos, nos planos astrais superiores, os Senhores do Carma são os responsáveis pela coordenação do processo reencarnatório, ao passo que a missão dos “Guardiões”, por sua força, maturidade e ancestralidade é fazer cumprir a lei do carma, controlando os portais interdimensionais, para que a ordem e a organização não possam fugir ao controle superior; atuando com mais intensidade nas zonas astrais inferiores ou colônias espirituais mais densas do umbral. No livro o “Abismo”, o escritor Ranieri narra a sua aventura desbravando as zonas infernais sob a orientação do espírito André Luiz; assim como fez Dante Alighieri, em seu livro “A Divina Comédia”

sendo acompanhado do seu guia espiritual Orcus e do Guardião dos Abismos, Atafon;

*“Atafon pareceu compreender porque sorriu satisfeito e acrescentou:
___ Terei prazer em facultar a descida sob proteção aos **Grandes Abismos**. Até certo ponto, eu mesmo os acompanharei. Contudo, de longe os “Guardas Abismais” vigiarão. Creio que o último mortal que esteve em nossos domínios, tendo entrado pela região de leste foi Dante. Ninguém mais veio...”*

*___ A humanidade já foi informada do que existe ___ esclareceu Orcus ___, o que ela acredita porém é que isso constitui um inferno eterno. Não há eternidade no Mal. A Lei de Deus não fez o inferno eterno. O que existe são zonas infernais onde as consciências culpadas se reúnem atraídas por imposição inexorável da Lei de Afinidade. O espírito sob o impulso da Lei de Evolução aperfeiçoa-se, adquire leveza e **sobe**. Da mesma forma, se estaciona no mal, embrutece-se, torna-se **pesado e desce**. Essa é uma lei ainda desconhecida dos homens mas que funciona rigorosamente nos planos espirituais e tanto atinge o espírito encarnado quanto o desencarnado. É o que poderíamos chamar **peso específico do perispírito**. O responsável, no entanto, por isso é a mente...”*

*___ Não obstante ___ aduziu Atafon que ainda mantinha a mão estendida em direção ao pássaro ___ **esses grandes seres do mal** expedem instruções para a superfície através de outras criaturas que lá em cima lhes cumprem as ordens rigorosamente acreditando-se instrumentos da **Grande Justiça**. Interferem na vida humana e de certa forma justificam a teoria de que o diabo disputa a alma do homem. De resto, em quase todas as religiões antigas encontramos referências à luta entre o Bem e o Mal, desde a Babilônia até a Índia. Atafon silenciou e nós, assombrados, notamos que de súbito o bicho abriu o bico de maneira diferente e uma voz cavernosa pareceu sair-lhe em pleno peito.*

___ Que desejais em nossos domínios, Anjo do Abismo?

___ Como filhos do Cordeiro e Guardião dos Abismos, fazemos uma viagem de estudos e aprendizados. Compete-nos informar às esferas mais altas de que maneira está sendo aplicada a justiça nestes rincões. Nosso dever nos impõe o trabalho. Se vós aplicais a justiça, cabe a mim e a outros guardiães fiscalizá-la. Representamos, também, de alguma forma a Vontade de Deus nestas profundidades.

___ Compreendo e acato as ordens de cima, das Esferas que governam o Orbe e os Abismos, respeito-o como guarda-abismal, mas e essas criaturas que o acompanham? Que direito têm de

penetrar em nossos domínios? Já venceram elas o bem e o mal, já alcançaram possibilidades superiores?...

Atafon empalideceu àquela exortação.

— Perdoa-me, amigo dos Dragões! - respondeu nosso Guia. Não o fiz por querer. Envolvido em forte emoção distraí-me um pouco. Sabes que nunca disputei o Governo dos abismos que o direito pertence aos Dragões até o dia em que o bem sobrepujar o mal nestas regiões. Enquanto isso, funcionará por aqui apenas a Justiça, visto que o amor não encontra ainda guarida nestas almas endurecidas. Perdoa-me e esquece.” (148)

Da narrativa acima, podemos constatar que nos planos mais densos vige a “Lei de Talião” (olhos por olho, dente por dente), pois o código do amor dos planos astrais superiores ainda não foi sancionado por lá; bem como a importância dos Guardiões, responsáveis pela manutenção da ordem e controle interdimensional.

O escritor Rubens Saraceni, no seu livro “O Guardião da Meia- Noite”, nos revela a história de um rico Barão, que tinha tudo para ser feliz, mas pelas suas ações negativas, provocou o seu tormento, mesmo depois da morte do seu corpo físico; transformando-se, assim num dos melhores guerreiros da luz, atuando nos planos astrais densos:

“Ninguém fica impune quando desafia a Lei e, em consequência, enquanto não purgar todo o vício que o conduziu na afronta a Ela, não receberá outra coisa senão o tormento da fúria divina, que o perseguirá por quanto tempo for necessário, até que desperte do pesadelo em que está adormecido o seu ser imortal...

- Gosto do jeito que sou, Guardião da Meia-Noite (habita o 7º plano descendente). Sou muito mais útil à Lei assim. Eu poderia ter mudado minha forma e conquistado a Luz, mas achei melhor continuar como um guardião dos caminhos, pois a Lei precisa de mim para colocar um freio naqueles que ousam ultrapassar os seus limites. Aproximei-me de outros guardiões das Trevas. Envolvi-me com todos os tipos de rituais negros. Agia com minha falange por todo o astral inferior. Atendia pedidos de mestres chineses, monges tibetanos, gurus indiano, mulás islâmicos, rabinos iniciados nas magias, magos orientais, padres adeptos dos rituais negros, feiticeiros, africanos, chefes de Estado, reis e príncipes, grandes mestres da maçonaria, e todos os que me invocavam. Eu era o senhor do ponto da meia-noite. Em pouco tempo, só minha presença já resolvia muitas lutas astrais...

Mas, como eu dizia, nós fazíamos apenas trabalhos que estivessem de acordo com a lei do carma, e isso nos livrou de choques com a Lei. Eu, pessoalmente, nunca tive problemas com a Lei, o que me trouxe prestígio entre os guardiães dos outros pontos. Alguns até vinham se aconselhar comigo...

Ele tornou a bater o pé e as mulheres se foram. “Como era poderoso o Guardiã dos Sete Portais das Trevas!”, que leu o meu pensamento.

Não pense que consegui meu poder sendo um tolo. Sempre dormi com os olhos abertos. Nunca deixei uma ofensa sem resposta, nem um inimigo mais fraco sem conhecer meu poder. Nunca deixei de respeitar um igual ou de temer um mais forte. Foi assim que consegui tanto poder.

Também nunca saí da lei do carma. Não derrubo quem não merece, nem elevo quem não fizer por merecer. Não traio ninguém, mas também não deixo de castigar um traidor. Leve o tempo que for necessário, eu o castigo.

Não faço chorar o inocente, mas também não deixo sorrir o culpado. Não liberto o condenado, mas não aprisiono o inocente. Não revelo o oculto, mas não oculto o que pode ser revelado. Não infrinjo a Lei e pela Lei não sou incomodado. Agora sabe de onde vem meu poder, senhor da Meia-Noite. Sou um dos sete guardiães da Lei nas Trevas”. (149)

Para encerrar esta temática, nada mais profíquo do que entrevistar os próprios Guardiões, o que consegui, através da mediunidade de um casal de amigos espiritualistas Sérgio Prancvitch e Walkíria Palmieri, já citados anteriormente, que canalizaram o texto que se segue:

“Guardião ou Guardiã é uma entidade espiritual que tem uma missão definida pelo plano espiritual maior, para auxiliar a evolução humana rumo à luz. Estas entidades ajudam a humanidade terrena, a manter sua continuidade no plano terrestre e movimentar-se no plano espiritual, tanto inferior quanto no astral superior, após o desencarne ou em projeção astral, qualquer experiência fora do corpo físico, ou seja em corpo astral.

Há no plano espiritual trabalhadores que possuem a missão e a força para serem guardiões. Entende-se por força, a potência que o ser adquiriu por experimentação, maturidade e ancestralidade, ou seja conhecimentos e vivências adquiridas através das sucessivas reencarnações, e também experiências nos períodos intermissivos, que são os períodos entre encarnações. Daí se conclui que

guardião é uma força adquirida e também uma missão espiritual. Há guardiões que estão encarnados, são seres que já trabalhavam no plano espiritual como guardião antes de reencarnar, e que trouxeram a missão de continuar seu trabalho como guardião mesmo reencarnado, auxiliando o plano espiritual no controle e equilíbrio da lei kármica na terra (processo da transformação). É muito importante você entender também a questão da ancestralidade como força guardiã. Esta ancestralidade está baseada além dos profundos conhecimentos adquiridos e das experiências afins, na capacidade energética de desagregação, que é a capacidade de transmutar energias, por exemplo, uma larva energética com densidade negativa, constituída de elementos de raiva, pensamentos variados como idéias de morte, vingança, doenças, etc. pode ser desagregada e transmutada pelos guardiões em energia de cura e aproveitada quase que instantaneamente, para o ambiente ou para a própria pessoa, caso tenha merecimento para tal. Esta capacidade inerente ao verdadeiro guardião ou guardiã da luz, vem de extensos conhecimentos e vivências práticas com alquimia e magia, tanto no plano físico quanto no plano espiritual. O guardião ou guardiã é um profundo conhecedor da alma humana, das experiências reencarnatórias e das experiências no mundo espiritual, e está capacitado a executar as leis kármicas, tanto em relação ao plano terra quanto no plano espiritual. Há guardiões que não reencarnam mais, são os que já romperam com a roda kármica, venceram seu Karma residual negativo individual e há os que ainda estão no processo reencarnatório, trabalhando incessantemente e com grande consciência para vencerem o Karma constituído ou as rondas reencarnatórias.

No que diz respeito ao trabalho dos Guardiões no umbral ou planos inferiores, como as trevas, os covados, os reinos do pó (cemitérios) temos que primeiro entender que os Guardiões possuem ordens e direitos ordenados pelo poder maior, (que são os Guardiões dos Tribunais Kármicos superiores, seres de intensa luz equivalentes por exemplo ao anjo Miguel, ou Mikael) para poderem agir nestas dimensões e para poderem realizar este trabalho possuem uma equipe hierárquica que funciona como um grande sistema legal de intervenção jurídica, onde a lei e o direito Kármico é executado para fins de controle e evolução naquelas dimensões inferiores.

Estes guardiões atuam da luz para as trevas. São eles que controlam as passagens entre dimensões do nível inferior. Sabemos por informações dos Guardiões que nos assistem, que é importante e

totalmente necessário o controle destas passagens entre planos para que possa haver controle da movimentação dos seres habitantes destes níveis, para que a ordem e a organização não fuja ao controle superior. Estas passagens são portais dimensionais, que também podem ser chamados de campos egóicos, ou seja, onde duas vibrações se cruzam, no encontro das duas se forma uma energia diferente da energia primária, forma um campo de energia neutra, ou campo egóico. Estes campos de passagens ou portas dimensionais, existem tanto nos planos inferiores quanto nos planos superiores. Os guardiões também fazem este controle nos níveis superiores com o mesmo objetivo. Porém como o interesse é o trabalho dos guardiões no baixo nível astral, nos manteremos nele.

Os Senhores da Luz do governo oculto, comandam os Guardiões Cósmicos, que comandam a cúpula dos Guardiões da Lei do Karma e Guardiões do Tribunal Kármico Oculto, que tratam do equilíbrio da lei kármica universal e também relacionado ao plano terra, tanto físico quanto astral. Podemos dividir este Tribunal Kármico em superior, cósmico, universal e inferior, no sentido planetário, terra, plano astral e sub-nível astral.

Nos níveis mais densos, ou seja no baixo nível astral, há os subcomandos, ou sub-falanges, que são ordenadas e coordenadas pelos guardiões da ação kármica, ou seja aqueles que podem fazer a lei funcionar em qualquer plano. Estas sub-falanges são constituídas de seres que ainda estão vinculados àqueles níveis por ações kármicas ainda não totalmente resolvidas ou melhor transformadas. Estes guardiões-menores, não podem fazer a ação da lei kármica no baixo astral sem terem uma autorização dos guardiões superiores.

Como já dissemos, é uma imensa equipe hierárquica sempre comandada pela luz espiritual e pelos guardiões que a guardam, incansavelmente.

A lei no baixo astral é a lei de Talião, ou seja, “quem com ferro fere, com ferro será ferido”, a lei do “olho por olho, dente por dente”, a lei do “mais forte”, a lei do “faça justiça com suas próprias mãos”, a lei da “escravização”, lei do “quem faz, paga”, etc. Entendemos assim, que o sistema judiciário no baixo astral é totalmente fora da lei maior, pois a lei é interpretada de acordo com seu juiz, e de acordo com o plano dimensional em questão. Sabemos que nas trevas

ainda existem sistemas arcaicos de julgamento de seres onde o julgado não tem o direito de se defender, nem tem quem o faça por ele, ficando a mercê de seres que ainda estão presos à uma falsa idéia de poder e de lei. Os guardiões que nos assistem nos passam que nos níveis densos do astral inferior, existem arquivos kármicos clandestinos, dos seres que lá estão presos, de seres que eles querem perseguir por terem algum tipo de ligação kármica, de centros espiritualistas, igrejas de várias religiões, ou seja de muitas pessoas e locais que eles por ventura achem estar contra a lei deles. Os guardiões nos informam ainda que estes arquivos kármicos clandestinos são conseguidos por uma rede muito bem formada de entidades negativas que se prestam a fazer este tipo investigação e passam a ser informantes do baixo astral. São entidades muito perigosas, possuidoras de grande conhecimento da lei kármica, mas que infelizmente usam-na de forma arbitrária e como infra-lei.

Ainda há tribunais formados por juízes da “santa inquisição” que ainda perseguem pessoas encarnadas e desencarnadas que de alguma forma estiveram no passado cúmplices com estes seres. Tivemos muitos casos de obsessão espiritual, onde trazidas as entidades em questão, se apresentaram como juízes do clero, defendendo os direitos da santa madre igreja católica, cumprindo assim o que eles consideravam “seus direitos, por lei”. Questionados sobre estes direitos legais, afirmavam a todo instante que eram os representantes legais e legítimos de Deus no plano físico e astral, onde a lei e seu sistema de julgamento jamais poderiam ser questionados, já que expressavam a palavra pura de Deus.

Nada é oculto aos Guardiões. Tudo o que ocorre no baixo-astral é rapidamente visível a eles, pois existem guardiões menores infiltrados nas cidades do baixo-astral, nas falanges de magos negros, entre os seres que comandam as trevas, além de que estes guardiões menores possuem conhecimentos e inteligência para se infiltrarem sem serem reconhecidos e conseguem desativar redes imensas de infratores da lei.

Se não fosse o trabalho de controle das trevas pelos guardiões, há muito nossa evolução na terra já estaria nas mãos destes seres.

Embora aparentemente a injustiça ocorra no baixo astral, sabemos que nada ocorre por acaso. Infelizmente o baixo-astral ainda se encontra como um grande executor da lei, para aqueles que de

alguma forma entraram em afinidade com aquela dimensão, por erros e por violarem de alguma forma as leis kármicas. O controle está totalmente nas mãos da luz, que através do trabalhos dos guardiões, consegue se infiltrar nos níveis mais escuros e perigosos, fazendo o resgate dos seres que já estão em condições de serem auxiliados.

Comparando com nossos sistemas, as trevas são sociedades organizadas, com seus dirigentes, governadores, reis, príncipes, com seus tronos e riquezas, plasmadas por suas mentes doentias e iludidas pelo poder. Seus corpos astrais, são plasmados de acordo com suas necessidades de poder; plasmam cetros, capas, coroas, jóias, livros e apetrechos da lei a qual querem fazer reinante. O sistema de escravidão é utilizado por todas as dimensões do baixo-astral.

Os Guardiões nos informam, que o trabalho de libertação dos seres escravizados é moroso e requer sobretudo uma pesquisa prévia nos arquivos kármicos, onde será revisto todo o processo evolutivo dos seres em questão, suas pendências kármicas, todas as suas vidas passadas e períodos intermissivos, para poder se elaborar a estratégia de libertação.

Existe também aqueles seres que não desejam sair do baixo-astral, aqueles que se sentem bem como estão, mesmo sendo, um escravo ou empregado de seres líderes de falanges negativas. São os espíritos mandados para fazerem qualquer tipo de “serviço”. As vezes estes seres são localizados e presos pelos guardiões, que os tiram de circulação para enfraquecerem a falange, e conseguirem atrair seu líder, que muitas vezes vem em socorro ao seu empregado ou escravo, mediante seu grau de importância para a falange.

Toda a evolução dos seres do baixo-astral é estudada e avaliada mediante os arquivos kármicos dos seres. Quanto mais perigoso o ser é, mais controle kármico de ação os guardiões tem sobre este ser. Todas as suas estratégias são previstas e avaliadas até mesmo antes de ocorrer, embora os guardiões respeitem a lei do livre-arbítrio, muitas vezes agem de forma dura e incisiva, abortando toda a ação deste ser, antes dela ocorrer na sua totalidade. Com o controle e acesso aos arquivos kármicos de todos os seres que estão nos níveis densos, os guardiões conseguem ter uma condição de avaliar a evolução daquele nível, e podem agir dentro do previsto

e autorizado pelos guardiões maiores do controle kármico. Para tudo há o momento exato da ação, e os guardiões só agem quando existe a lei garantindo a ação, até mesmo para poder auxiliar a passagem para níveis superiores dos seres ainda confinados às trevas. O guardião quanto mais evoluído mais conhecimento e mais capacidade e direito ao acesso aos arquivos kármicos individuais dos seres ele possui. Estes arquivos estão situados nas colônias espirituais, onde os guardiões superiores tem acesso livre e onde pode se encontrar com os mentores individuais de cada ser que se encontra no baixo-astral. Um guardião menor só terá acesso a estas informações mediante suas ordens e direitos passados a ele por um guardião superior.

Para se ter uma noção exata do que é justo, do que está dentro da lei ou não está, é necessário o acesso às informações kármicas dos seres, de uma comunidade, de uma situação, etc.

Em qualquer nível a lei será sempre a mesma, só existe uma única lei, a Lei Kármica, a lei que implica que toda a ação produzida por um ser volta a ele mesmo. A lei de controle evolutivo no plano astral inferior é a lei de causa e efeito, ou lei do Karma. Os guardiões são os que velam por sua justiça, por sua aplicação em todos os níveis de evolução. Os seres das trevas por terem a ilusão ou a falsa lei como justiça, acreditam que são eles que dominam os seus reinos negativos; porém por trás de tudo existe a causa e efeito das ações de todos os seres envolvidos com a falta de consciência, com a falta de luz interior, que obrigatoriamente faz com que a roda kármica seja acionada, dando cumprimento a execução da lei superior, justa e única.

Informações passadas pelo: Guardiã dos Sete Caminhos Evolutivos (Kórius), pelo Guardiã das Sete Rondas Reencarnatórias e pela Guardiã Senhora dos Sete Caminhos de Evolução (Sinhá).

Eles lhe saúdam pelo seu trabalho, e se colocam a sua disposição para auxiliá-lo respondendo às suas perguntas e iluminando esta obra, que irá ajudar à muitas consciências comprometidas com a Lei, onde antes de reencarnarem fizeram juramento de fidelidade ao cumprimento da Lei no seu sentido mais superior, assim transformando resíduos kármicos negativos de práticas de infra-lei no baixo-astral e de práticas de mau uso do poder e da lei em vidas passadas. Que esta obra possa levar a luz da lembrança ao que mais ficou no esquecimento: a Justiça”.

ANOMALIAS CONGÊNITAS

As anomalias congênicas são singularidades que desafiam a compreensão humana acerca da justiça divina; somente sendo explicáveis à luz do carma e da reencarnação.

Para mim, é evidente que a reencarnação de seres portando lesões teratológicas de grande magnitude se deve porque eles mesmos desgastaram sua própria matéria-prima, ou seja, lesaram-se pelo mau uso dos seus corpos físicos, emocional e mental, em outra vida.

Como justificar o nascimento de criança sem os globos oculares? sem os braços ou pernas?

O caso de gêmeos unidos chamados, genericamente, xifópagos, constitui-se num tipo raro de anomalia congênita, decorrente de falha no processo de desenvolvimento embriológico, ocorrendo na proporção de um caso para cada 100.000 a 200.000 gestações.

Do ponto de vista cármico, este fenômeno pode ser um recurso extremo para promover a reaproximação entre espíritos muito antagônicos entre si.

Podendo até se falar em reencarnações expiatórias, originárias de ódios seculares; onde a simbiose orgânica, cuidará de harmonizar as vibrações dos dois espíritos, sob pena de perecerem ou de se autodestruírem.

O “Livro dos Espíritos” de Allan Kardec, nas suas questões nº 211 a 213, elucida o problema atestando que a gemelaridade é aproveitada pelos espíritos muito afins, ou, ao contrário, para reaproximar espíritos antagônicos.

O teosofista George Linton também acredita que as anomalias congênicas têm uma origem cármica:

“A crueldade deliberada, seja ela praticada ao homem ou ao

animal, diz-se resultar, numa encarnação posterior, em dano físico de algum tipo apropriado. Uma pessoa que sofre de alguma desvantagem congênita ou defeito físico pode desejar saber por que o destino a puniu com semelhante desgraça, uma vez que ela, em sua própria mente - isto é, em sua atual consciência cerebral - não possui nenhuma explicação para tamanha desgraça. Todavia, se ela pudesse ver por trás do véu e obter uma visão mais ampla das coisas, veria que está apenas pagando um justo débito por algo que fez em alguma encarnação passada. Ao nível de consciência do eu espiritual, o indivíduo se encontra, indubitavelmente, ciente das razões da atual situação existente". (150)

Outrossim, como poderia se explicar o nascimento dos meninos-lobos mexicanos, Larri e Danni, uma anomalia de pele incurável, completamente coberta com pelos escuros; doença conhecida como "hipertricrose", atingindo no máximo doze crianças, em todo o mundo.

Chico Xavier teria declarado numa revista espírita, que a causa seria o abuso da beleza numa vida anterior, talvez utilizando seu belo rosto ou corpo para desencaminhar e seduzir, desestabilizando famílias e destruindo lares.

Concluindo esta análise com um pensamento do escritor Francisco de Carvalho, no seu "Inverno Cármico":

"Os nossos atuais acertos de contas cármicas, além de temporários, são extremamente benéficos e úteis para nós porque são os indispensáveis "passaportes" para os nossos iminentes vãos evolutivos e, conseqüentemente, para a nossa felicidade". (151)

O CARMA NA BÍBLIA

No Antigo Testamento existem muitas passagens de Deus punindo, severamente, as pessoas por crimes, que não parecem muito graves; somente podendo ser explicados tais sanções sob a ótica cármica e reencarnacionista, adotadas pelos judeus do século I d. C., os gnósticos do século II e os cabalistas da Idade Média.

Não é possível encontrar uma afirmação mais clara sobre o carma, do que aquela registrada na “Gênesis”, quando Deus diz: “Quem derramar sangue de homem, pelo homem o seu sangue será derramado”; em Êxodo: “Quem ferir alguém que morra, ele também, certamente, morrerá ... Mas, se houver morte, então darás vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe”.

Também, no Livro de Obadias, é reafirmado o princípio do retorno cármico: “Como tu fizeste, assim se fará contigo: a tua maldade cairá sobre a tua cabeça”. E, no Novo Testamento, Jesus reforça esta idéia: “Por que todos os que lançarem mão da espada à espada morrerão”.

O carma é apresentado no Novo Testamento tão claramente como no Antigo. No Sermão da Montanha, Jesus diz: “Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim abrogar, mas cumprir”. Conforme compreendo, quando ele fala da lei, está incluindo a lei do carma, que sustenta todas as outras leis do Antigo Testamento.

Com efeito, Jesus disse que nem um “jota ou um til” se omitirá da lei, isto é, nenhuma letra ou parte da letra até que “tudo seja cumprido”. Este jota ou til que todos devemos pagar é o nosso carma. A lei do carma é a lei da relação causal entre as ações de um homem e a reação do universo que retorna à sua porta. Este retorno de energia positiva e negativa é contínuo, até que a alma se aperfeiçoe e escape da roda da reencarnação.

Ainda, no Sermão da Montanha, Jesus enuncia a lei do carma com grande precisão: “Porque, com o juízo com que julgardes, sereis julgados e, com a medida com que tiverdes medido, vos não de medir a vós”. Apresenta em seguida a regra de Ouro: “Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas”. O sermão refere-se às consequências dos nossos pensamentos, sentimentos, palavras e ações.

Outrossim, em “Mateus” sugere, que todas as pessoas acumulam bom e mau carma e Jesus diz: “O homem bom tira boas coisas do seu bom tesouro e o homem mau, do mau tesouro tira coisas más (más obras, mau carma)”. Acredito que isto significa que as pessoas

tendem a agir de acordo com os padrões de comportamento que estão gravados no seu ser, e que receberão coisas boas ou más de acordo com a frequência vibratória em que se encontram ou que propagaram.

Assim, Jesus continua: “Portanto, o homem que infringir até mesmo um dos menores destes mandamentos e ensinar os outros a fazerem o mesmo será considerado mínimo no reino dos céus; o homem, porém, que os observar e ensinar será considerado grande no reino dos céus. Porque vos digo que, se a vossa virtude não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus” (Mateus 5:19 e ss., Bíblia de Jerusalém). Essas palavras, proferidas por Aquele que os cristãos reconhecem como filho de Deus e proclamam como Salvador e Redentor, não deixam a menor dúvida de que nenhum cristão pode pretender, de alguma maneira, evitar a lei moral que Jesus descreve exatamente quase nos mesmos termos nos quais poder-se-ia descrever a lei do carma.

O texto cabalista “Bahir”, considera o termo bíblico gerações como “encarnações”; entretanto, no século II, o professor cristão gnóstico Basilides, de Alexandria, já usava esta palavra para explicar a ameaça feita por Deus de punir os filhos pelos pecados de seus pais “até a terceira e quarta geração”. Segundo Basilides, Deus não disse que puniria filhos inocentes, mas que os pecados das pessoas as acompanhariam até a terceira e quarta encarnações, consoante citação abaixo:

“Eu, o SENHOR, teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais sobre os filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem”.

Deuteronômio 5:9

O apóstolo Paulo, nas suas epístolas, ratificou as declarações de Jesus de que tudo que enviamos retorna a nós: “O qual recompensará cada um segundo as suas obras... Tribulação e angústia sobre toda a alma do homem que obra o mal... Glória, porém, e honra e paz a qualquer que obra o bem ... Porque, para com Deus, não há distinção de pessoas”.

Na sua epístola, aos Gálatas, Paulo afirma claramente a lei do carma: “Porque cada qual levará a sua própria carga... Não erreis; Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso, também, ceifará. Porque o que semeia na sua carne, da carne ceifará

a corrupção; mas o que semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna”.

Ainda nas suas epístolas à Igreja de Corinto, Paulo fala sobre a prova de fogo, dizendo: “Mas cada um receberá o seu galardão, segundo o seu trabalho”. O trabalho do homem é o seu carma. Paulo afirma: “E o fogo provará qual seja a obra de cada um”, isto é, de que tipo de espírito e emoção foi imbuído aquilo que o homem criou.

Ainda na Bíblia, a lei do carma ou da ação e reação ocupa lugar de destaque. Provérbios, o livro judeu, ensina que o homem espiritualmente ignorante “pensa desatinos, planeja maldades e está sempre semeando discórdias. Porém, de repente, lhe virá a perdição, que o quebrará de improviso, sem remédio” (6:14-15). E Jó afirma: “Aqueles que cultivam a injustiça e plantam a miséria são também os que as colherão. Ao sopro de Deus perecem, são consumidos pelo fogo da sua ira”(4:8-9). E novamente Provérbios: “A preguiça faz cair no torpor; o ocioso passará fome. Quem guarda o mandamento guarda a vida, quem despreza os seus caminhos morrerá. Quem faz caridade para com o pobre empresta a Deus, e Ele dará sua recompensa”(19:15-17).

Em resposta, o livro sagrado islâmico, o “Corão” afirma, concluindo este tema:

“Aqueles que praticam o mal e se deixam envolver nos seus pecados serão herdeiros do fogo, e nele permanecerão para todo o sempre. E aqueles que crêem e praticam o bem terão o paraíso por herança e nele permanecerão para todo o sempre”.

ASTROLOGIA CÁRMICA

Muitos sábios do Oriente como do Ocidente, comprovaram a eficácia da Astrologia na determinação de tendências marcantes na personalidade do espírito reencarnado. Esta característica é muito destacada no “Livro Tibetano da Grande Libertação”:

“A Astrologia percebe o homem não apenas como um microcosmo mas, também, como todas as coisas sangsáricas, um produto de uma imensidão de influências astrais e cósmicas, pois nele elas encontram um ponto de convergência e conformam o seu meio físico, mental e psíquico. A Astrologia, no entanto, não implica fatalismo, pois o mestre de ioga é também o mestre das influências astrológicas e, com o seu conhecimento, é cientificamente capaz de cartografar o curso da sua Nave da Salvação pelo Mar da Existência, de tal modo que pode evitar os recifes ocultos, os

baixios, e estar preparado para as tempestades e correntes contrárias e, por fim, alcançar a salvação da Outra Margem. Embora o seu corpo, as suas tendências mentais e o seu meio sejam moldados por influências astrológicas, o Sábio permanece o mestre do seu próprio destino, apesar deles. Da mesma forma que um navio em alto-mar é o produto do trabalho do homem e da sua habilidade inventiva e, não importa que fraqueza inerente ou que imperfeições ele possa ter, assim como não importa a forma que tenha, se grande ou pequeno, o capitão tem livre-arbítrio para dirigir o seu curso para qualquer direção e conduzi-lo através de todos os perigos até o porto desejado”. (60)

Transcrevemos, abaixo, o conceito de Astrologia Cármica pela especialista da área e escritora Judy Hall:

“A astrologia é uma referência de tempo espacial que nos permite ter um sentido de nossa experiência na realidade presente. A astrologia cármica acrescenta outra dimensão à nossa compreensão dos processos interiores da vida, aumentando nossa percepção espiritual e nos ligando à realidade maior de nosso expandido, holístico e totalmente consciente “Self” que é nosso Ser real, e que simplesmente É”. (91)

Outrossim, o astrólogo Zolar ratifica a eficácia desta ciência, até na prevenção de doenças:

“Como astrólogo e médico homeopata há muito tempo fico perturbado com os padrões de doenças que aparecem no mapa natal e que se manifestam fisicamente através dos planetas em trânsito e em progressão.

Se, como veremos no capítulo seis, o mapa natal pode ser considerado como a radiografia espiritual de uma vida anterior e do karma, então nele também existe o prognóstico do “karma da saúde e doença”.

Embora pareça difícil detectar o trabalho do karma nas circunstâncias, na carreira e família de uma pessoa, é fácil observar-lhes os padrões quando estes se referem a doenças, principalmente quando significam perigo de vida.

Se uma doença com probabilidades de se tornar terminal estiver prognosticada no mapa e seu possuidor for levado a um médico

que realiza uma cura aparentemente miraculosa, esta recuperação estaria ou não prevista”? (50)

Vale lembrar que a utilização dos conhecimentos astrológicos, com a finalidade de descobrir as possibilidades de doenças encontra em Hipócrates, o pai da Medicina, a referência de que “um médico sem o conhecimento da astrologia não tem o direito de proclamar-se médico”. Até mesmo antes de Hipócrates, constatou-se conhecimentos astrológicos sendo utilizados no reinado de Ramsés II, faraó do Egito entre 1301 e 1235 a.C., para a previsão das possíveis epidemias, pestes e mortes em guerras.

Também na Psicologia, a Astrologia Cármica é bem considerada como atesta o suíço Carl Jung:

“A astrologia é seguramente reconhecida pela psicologia, sem qualquer restrição, porque a astrologia representa a somatória de todo o conhecimento psicológico da antiguidade”.

Nesta mesma sintonia de pensamento se expressa o astrólogo, já falecido, Rodney Collin:

“... cada vida que termina deixa um resíduo de efeitos - sobre a natureza, o ambiente, outros homens e mulheres - que se tornam as causas automáticas de uma vida futura. A impressão deixada pelas ações deste corpo é o molde exato da forma do corpo seguinte... Ser e efeitos são um só. No momento da morte, o padrão desses efeitos, transformado por este relâmpago cósmico em um sinal único, é lançado através do tempo sobre o embrião que espera. Este é o segredo do que acontece com a essência do homem na morte. Faz que o mesmo corpo renasça, no mesmo lugar, dos mesmos pais, no mesmo tempo. Essa possibilidade não pode pertencer ao tempo comum, ou seja, à quarta dimensão do homem. Só pode pertencer à sua quinta dimensão, à sua repetição, à sua eternidade”. (66)

Já a escritora Penny Thornton ressalta a importância do planeta Saturno, no mapa natal, na determinação do nosso “calcanhar-de-aquiles” ou dos nossos talentos:

“Este conceito de escuridão não reconhecida, indesejada, dentro das nossas psiques é uma maneira de entender Saturno; outra, é através do seu papel como Senhor do Carma. Jeanne Avery acredita que Saturno está relacionado com certas decisões tomadas numa outra vida e “gravadas na personalidade”. Refere-se a Saturno como uma chave para a compreensão do carma ou lição importante a ser resolvida na existência atual... a colocação de Saturno no mapa natal é uma importante indicação de como essa lição deve ser explicada e através de que área da vida podemos esperar o maior nível de responsabilidade e o maior nível de stress... Pode ser comparado a um nó no fio da consciência que deve ser desfeito em certo momento, a fim de evitar uma repetição contínua dos mesmos velhos erros...”. (66)

A astróloga Judy Hall nos dá alguns exemplos práticos:

“O presidente John F. Kennedy tinha Saturno em Câncer em conjunção com Netuno em Leão na nona casa. Em sua vida pública, tentou colocar a força de Saturno e o idealismo de Netuno em prática, embora reservadamente pareça ter refletido outros aspectos do conflito Netuno-Saturno através das atividades extramatrimoniais. Seu irmão Robert teve em Netuno fixo em Leão em quadratura com Saturno em Escorpião. É interessante meditar sobre quantos dos ideais de seu irmão ele poderia ter compartilhado e colocado em prática se tivesse vivido, e também considerar o karma que cortou duas tão promissoras vidas.” (91)

O americano Ry Reed utiliza as “leituras da vida”, feitas pelo famoso clarividente americano Edgar Cayce, na tentativa de comprovar a importância da Astrologia Cármica e do estudo das vidas passadas para o aperfeiçoamento do espírito e a conquista de uma vida melhor no presente. Com base na citação de Cayce (em transe) de que “os signos do zodíaco são padrões cármicos; os planetas são os teares; a vontade é o tecelão”, Reed diz que “os signos do zodíaco são cronômetros cíclicos para a alma encontrar-se na Terra, (...) padrões reguladores de tempo que tornam acessíveis a realização dos seus próprios carmas numa dada existência. Para concluir este

mergulho na Astrologia Cármica, gostaria de transcrever parte de uma palestra da minha consultora astrológica, a excelente psicóloga e profissional Gicele Alakija:

“A Astrologia Cármica e humanística ajuda nesse autoconhecimento. Dizem que um homem prevenido vale por dois. Se você se conhece melhor você pode também entender qual é a questão da sua alma, qual é o propósito da alma, mesmo que no momento você não saiba a resposta. Tudo tem seu tempo, lembrem de novo da espiral, mas se você presta atenção a determinadas questões dentro do seu livre arbítrio num momento mais cedo da vida, na hora que chegar o tempo externo, digamos, você também já está pronto internamente. Você tem mais condição de trazer esse crescimento para dentro e não mais se sentir à mercê dos acontecimentos externos. Eu vou colocar aqui um mapa - não quero nem cair na besteira de analisar este mapa agora - é só para vocês conhecerem o mapa desse cidadão: Francisco Assis Pereira. Quem é Francisco Assis Pereira? (Público: o maníaco do parque?) Esse mapa é de fonte confiável, porque o astrólogo que levantou os dados - Marcelo Borges - é uma pessoa que pesquisa mesmo. Então, é o mapa do “moto-boy”. Um mapa como tantos outros, vamos dizer assim, porque quando você olha um mapa, isso é uma outra questão muito importante, quando você olha um mapa do ponto de vista cármico e do progresso espiritual, você não tem como saber qual é a escolha, qual é o grau de evolução daquela alma. Você tem como dizer quais são as questões básicas que ela traz, quais são os desafios, quais são os pontos que você tem que ficar em alerta porque podem se desenvolver negativamente, mas você não pode dizer é! Você pode dizer trouxe! É a bagagem que ela trouxe no momento do nascimento. Não dá pra dizer que ela é assim! Pode ter muitas pessoas com o mapa parecido e com escolhas diferentes. Isso é muito importante que se saiba, porque o mapa do médico muitas vezes é o mapa do assassino. Não tem médico e o monstro, o psiquiatra e o louco? Tem, que é o nosso lado sombra. Então o mapa em si não diz que a pessoa vai matar, que vai fazer isso ou aquilo, mas mostra as tendências de desenvolvimento da alma. Só para finalizar, porque eu disse que não queria mexer nisso, mas vou só falar: ele é de Sagitário, signo ascendente Touro e a Lua passava no signo de Escorpião. O que mostra de forte no mapa dele é uma visão negativa do feminino, das mulheres. Uma dificuldade, uma dualidade de lidar com isso. Então eu vou deixar para voltar a esse mapa se tiver questões, porque eu já falei muito.”

O CARMA NO SEU NOME

Pode parecer meio estranho, mais confirmei a validade desta pesquisa, fazendo meu próprio psicograma, ou seja, o diagrama do meu nome “SERGIO”; atestando que cada letra agrega determinada energia, característica, que são reforçadas quando repetidas.

Este estudo está fundamentado na “Cabalística Kármica” criada pela pesquisadora Angelika Hoepler, para, através do seu nome, identificar o sentido e o caminho para a sua vida atual, seus dons, tarefas, deveres, provações e vocação; resumindo abaixo algumas dessas características, para que o leitor possa testar o seu próprio nome:

“À tradição milenar devemos o conhecimento de que em cada letra do nosso alfabeto existe uma energia com um ritmo de vibrações específico (frequência), e, assim, uma ressonância específica. Quando pensamos afirmativamente numa letra ou a pronunciamos, entramos em contato com essa energia, como aquele “interlocutor cósmico” que combina em si mesmo determinadas características essenciais;

- A, Ä. Afirmação da vontade, energia, força, ação, iniciativa, autoridade...
- B. Sabedoria, inteligência, intelecto, talento, estudos...
- C. Espiritualidade, esoterismo, parapsicologia, sabedoria limítrofe, sensibilidade, intuição, mediunidade...
- CH. Ordem cósmica, direito, justiça, lei ordem, honestidade, precisão...
- D. Trabalho, ação, atividade, espontaneidade, impulsividade, esforço, sistemática, visão clara...
- E. Religião (ões), prestação de serviços, ajudar/ ajuda, agentes de cura, influência cósmica, sensibilidade, nobreza, amor...

- F. Verdade/ veracidade/ honestidade, crença, esperança, idealismo, calor humano, carinho, solidariedade...
- G. Vida em comum, comunicação, entendimento, disposição de ajudar, amizade, paz, juízo, comprometimento social...
- H. Ordem cósmica, direito, justiça, lei, ordem, honestidade, equilíbrio interior, saúde...
- I,J. Modificação, revolução, inovação, reforma, flexibilidade, instabilidade, viagens, independência...
- K. Espiritualidade, esoterismo, parapsicologia, sensibilidade, intuição, conhecimento...
- L. Missão Kármica, doação, dedicação, humildade, sacrifício, responsabilidade, fidelidade...
- M. Conhecimento superior, transformação da personalidade, despedida, morte, crise, destruição...
- N. Disciplina, compreensão, luta, espírito pioneiro/ trabalho de vanguarda...
- O, Ö. Dificuldades, problemas, processos de aprendizado, ensinamentos, aconselhamento...
- P, PH. Verdade/ veracidade/ honestidade, fé, esperança, idealismo, solidariedade...
- Q. Harmonia, satisfação, felicidade, alegria...
- R. Reencontro Kármicos, experiências-chave, orientação espiritual...
- S. Chances, ascensão, carreira, sucesso, popularidade, honra...
- SCH. Incorreção, mentira, calúnia, injustiça...
- SH. Egoísmo, niilismo, criminalidade, vício, perseguição...

- T. Psicologia, filosofia, formação do coração, sabedoria de vida, diplomacia...
- TH. Efeito astral, etérico, sonho, visões, genialidade...

Provas, crítica, análise, curiosidade, esclarecimento, sexualidade...
- X. Influência, força de atração/ magnetismo pessoal, poder...
- Y. Modificação, troca, eclosão, transformação, revolução, viagens, independência...
- Z. Superação, domínio, tenacidade, soberania, raciocínio, elogio, vitória." (152)

DETERMINISMO E LIVRE-ARBÍTRIO

O “determinismo” é a doutrina que afirma serem todos os acontecimentos, englobando as vontades e escolhas humanas, causados por fatos anteriores. Logo, o ser humano seria destituído de liberdade de decidir e de influir nos fenômenos em que toma parte. Assim, o indivíduo faz exatamente aquilo que tinha de fazer e não poderia fazer outra coisa; a determinação de seus atos pertence à força de certas causas, externas e internas.

Na opinião de Carl Jung: a força do destino exerce grande influência na vida do indivíduo:

“O que acontece com uma pessoa é característico dessa pessoa. Ela apresenta um padrão e todas as peças se encaixam. Uma a uma, na medida em que decorre sua vida, elas ocupam seu lugar de acordo com um plano predestinado”.

Já a doutrina oposta é a do livre-arbítrio, que declara a vontade humana livre para tomar decisões e determinar suas ações; pois, teríamos várias opções oferecidas por uma situação real, poderíamos escolher uma delas e agir livremente de acordo com a escolha feita (ou não agir, se assim quisesse). Exige, portanto, uma boa capacidade de discernimento.

Cada um de nós é responsável por nossa vida. Formamos nossas experiências pelo poder da ação e do pensamento, e, portanto, assumimos as consequências da conduta das nossas almas. Nós não podemos culpar forças externas na forma de “destino” ou “nêmesis”, podemos somente observar a fim de perceber a causa e o efeito manifestados. Quando compreendermos que as dificuldades são oportunidades de crescimento, pois enrijecem a fibra a partir da qual nossa força interna é construída, então encararemos os problemas com serenidade e confiança.

A teosofista russa e sensitiva Helena Blavatsky em sua obra clássica “Doutrina Secreta” explica como estas duas forças interagem; pois, ao seu ver, o carma não é um sistema mecânico, no qual a atuação de uma engrenagem move um eixo e, por sua vez, eventualmente, move uma roda em uma maneira linear, pré-estabelecida, de causa e efeito. Este tipo de causalidade implica um determinismo rígido, uma sequência inalterável de eventos, que não está em conformidade com a filosofia teosófica. Em vez disto, o carma é fluido e flexível, já que os resultados são continuamente moldados pelo ingresso de novos fatores. Ele opera num sistema interconectado, no qual tudo afeta tudo mais.

O escritor Charrir Sales também define o livre-arbítrio:

“O LIVRE ARBÍTRIO, só existe sob forma de LIVRE AÇÃO, para aqueles, que ainda não têm a CONSCIÊNCIA de SER PARTE DE DEUS, E SER UNO COM ELE”. (153)

A escritora Earlyne Chaney, também tece suas considerações sobre esta temática:

Muitas vezes nos perguntamos: “Somos vítimas do destino e da lei kármica, ou somos seres livres com o poder de escolher nosso próprio destino?” Há muito tempo esse enigma deixa confuso aquele que busca. A resposta encontra-se no conhecimento desses três átomos primordiais. O átomo primordial do coração, contendo o registro permanente do seu passado, liga você ao seu destino kármico, ao passo que os átomos primordiais mental e astral,

contendo capacidades ou fraquezas características, lhe permite controlar seu futuro, seu próprio destino. Por conseguinte, você conta com dois átomos primordiais sujeitos à sua livre vontade e com um destino de sua própria escolha, e tem, por outro lado, um átomo primordial que o prende firmemente a seus atos e “destino” kármicos passados.

É possível superar o karma do passado no átomo primordial do coração? É claro que sim, se você assim decidir. Essa superação, no entanto, exige enorme coragem espiritual, muito além do grau de evolução atual da maioria das pessoas. Você teria que viver no auge da pureza se quisesse compensar a influência das imagens mentais do karma passado, esvaziando os fluidos vibratórios na corrente sanguínea”. (154)

Como alguém tem a coragem de dizer que somos criados para fazer nossa própria vontade, desafiando a de Deus, porque temos livre-arbítrio? O fato de podermos fazer nossas próprias escolhas não significa que estamos autorizados a usá-lo, indiscriminadamente, contra o fluxo do propósito universal. O livre-arbítrio funciona de modo a nos permitir usar a dádiva de uma individualidade maior, fazendo nossas próprias escolhas, sendo elas certas ou erradas e assumindo as suas consequências.

Como poderia o livre-arbítrio coexistir com a sina? Entendo que cada pessoa tem a sua sina ou destino, como um conjunto de possibilidades, mas utilizando o livre-arbítrio poderemos mudar de rumo, aumentar ou diminuir a velocidade da nossa vida, ou seja, acredito que podemos modelar o nosso destino.

O famoso astrólogo Ry Reed, já citado anteriormente, tem um modo de pensar semelhante:

“Também podemos sempre aplicar nossa vontade para escolher entre o arquétipo do sábio ou do guerreiro-herói, entre a sabedoria, a unidade e a paz, ou a competição, a separação e a guerra. “Olha que ponho diante de ti a vida com o bem, e a morte com o mal (...) escolhe, pois, a vida” (Deuteronômio 30:15). A absoluta supremacia da livre vontade e o poder de escolha significa que

nada é inteiramente fadado ou predestinado, seja pela astrologia ou pela profecia”. (55)

O escritor Djalma Motta Argolo assim sintetiza sua análise:

“Nessa rápida análise verificamos que não pode existir liberdade absoluta de ação por parte de um ser que se encontra em transformação permanente. Existe sim, uma constante conquista de espaços de liberdade, subordinada sempre à responsabilidade crescente, que é sua função inseparável. Plena liberdade de escolha e ação só pode possuir o Espírito que tenha atingido o equilíbrio absoluto, franqueando níveis evolucionários além da matéria densa”. (156)

Cumpre-nos ressaltar que, no plano espiritual, o livre-arbítrio ainda é utilizado, pois o desencarnado continua produzindo suas ações e pensamentos, ou seja, a lei cármica continua em vigor no plano astral.

Consoante o ocultista Papus o destino é maleável:

“O destino atual é modificável por três elementos:

1º Pela coragem física;

2º Pela submissão à provas morais;

3º Pela prece e a assistência divina.

O destino domina sobre o passado, a vontade humana sobre o presente, a providência divina sobre o futuro”. (47)

O casal espiritualista, anteriormente mencionado, Sérgio e Walkiria, consegue explicar, com facilidade, as interações entre o “Karma e Destino”:

“Você nasce e o caminho está aí, o caminho é um conjunto de programações, que é o seu destino, mas você pode andar devagar, correr ou desviar do caminho, parar e até girar em círculos. Isto é o teu livre arbítrio, a tua força de modelar o teu caminho da forma e da maneira que você quer percorrê-lo. Isto poderá ser usado por você de forma positiva ou negativa, de forma a construir ou a desequilibrar, de forma a unificar ou a desassociar. O destino

assim observado, passa a ser compreendido como um conjunto de escolhas feitas a partir do próprio ser e o karma, como a força que faz as ações negativas voltarem para serem transformadas. Esta conscientização leva o ser à realização, pois ela passa a entender este retorno como algo positivo e indicativo de um foco de ação a ser transformado através de novas ações positivas. Quando uma ação negativa é transformada a partir de uma nova ação positiva, produz um efeito de queima dos resíduos kármicos, isto é a lei real do karma. Observamos então que só se transforma o karma negativo com liberdade e conscientização. Então não entenda o karma de uma forma fatalista, sim como uma oportunidade de realização evolutiva”. (143)

Outrossim, o escritor Richard Simonetti analisa o tema:

“Quanto à fatalidade na vida terrestre, pode-se dizer que está estreitamente vinculada ao exercício do livre-arbítrio. Diz o apóstolo Paulo: “Não vos enganéis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará”. (Gálatas, 6:7). A sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória. Temos liberdade para exercer nossa vontade e efetuar opções, mas a Vida estará realizando, sem cessar, no íntimo de nossa consciência, um levantamento de bens e males cultivados, premiando-nos com a paz ou corrigindo-nos com a dor, a fim de que não nos percamos nem estacionemos nos caminhos da evolução. O nosso presente é, inelutavelmente, fruto do que fizemos no passado, da mesma forma que o nosso futuro será sempre uma projeção de nosso comportamento atual”. (157)

Rudolf Steiner, criador da Antroposofia, do mesmo modo, não aceita a doutrina determinista:

“O carma não exige resignação à sorte inalterável - ao contrário: traz a certeza de que nenhuma ação, nenhuma vivência do homem fica sem consequência ou se desenrola sem lei no mundo, mas se encaixa em lei justa, compensadora. É justamente se não houvesse carma que reinaria arbitrariedade no mundo. Mas assim eu posso saber que cada uma de minhas ações, cada uma de minhas vivências se encaixa num contexto regular. Minha ação é

livre, estando seu efeito absolutamente de acordo com as leis”.
(130)

O renomado Prof. Wagner Borges, com a simplicidade que lhe é característica, consegue elucidar esta questão com muita clareza:

“Nosso livre arbítrio não é absoluto, é relativo. Por exemplo, tente trocar de corpo, ou de planeta, ou tente deixar de ser imortal (nem o suicida consegue morrer, só perde o corpo). Você não conseguirá. Sabe porque? Porque estamos submetidos a ciclos evolutivos correspondentes à nossa necessidade de aprimoramento e crescimento consciencial. Há leis maiores interagindo com nossas vidas, num sentido coletivo. Contudo, num sentido individual, somos responsáveis por nossos atos e escolhas relativas nesse mundo onde vivemos...”

“Outro exemplo: O universo é uma escola. A Terra é uma de suas salas de aula para uma determinada série de aprendizados. O corpo é uniforme. E uma vida corresponde a uma série. Ao longo do ano-vida letivo, na categoria de aluno, você será submetido a uma série de provas e testes valendo notas. O currículo daquela série e as provas correspondentes serão impostos a você pelos mestres da raça-turma. Não serão de sua escolha pessoal. Mas, a maneira como você viverá esse ano-vida letivo e como você se sairá em relação a sala-planeta, as provas-experiências e os relacionamentos com seus colegas de raça-turma serão de seu exclusivo livre-arbítrio. Você poderá ser um péssimo ou ótimo aluno. Poderá quebrar a carteira escolar, rasgar o caderno, ser inimigo dos professores, matar aulas importantes, não gostar de estudar e bater nos alunos do lado. Ou, poderá ser um aluno brilhante, amigo dos outros alunos e preservador das condições sadias da sala-planeta. A vida foi imposta a você, não é livre-arbítrio, é obrigatória! Mas, como você leva a vida, é por sua conta! Atos cósmicos são de competência da natureza. Atos pessoais são de competência humana”.

O escritor espírita Carlos Toledo Rizzini nos traz suas ponderações sobre este assunto tão instigante:

“Todos gozamos, em graus diversos, de livre vontade e estamos presos ao determinismo. A liberdade reside no presente; podemos agir com independência por meio da faixa de consciente atual, que atende às necessidades da vida presente. A determinação promana do passado culposo. As causas que geramos no passado pelas próprias ações constituem a área de determinismo, conservada em estado inconsciente. Temos de reabsorver as consequência das más ações, o que a liberdade do presente garante porque, com ela, podemos emitir novos impulsos que venham corrigir os precedentes. Originando novas causas com o bem, hoje, é possível neutralizar as causas pretéritas do mal e reconquistar e equilíbrio. Muitas situações são armadas contra a nossa vontade: as ações passadas constituem a faixa determinada do destino, da qual não há fuga. Mesmo nas piores condições, esclarece André Luiz (Ação e Reação), como numa prisão em cela, ainda vigora certa dose de liberdade de decidir, que poderá ser empregada para melhorar ou piorar a própria situação conforme o comportamento adotado; podemos sempre, na expiação, agravar ou atenuar nossa posição perante a Lei”. (158)

A famosa médium e escritora Zíbia Gasparetto, nos seus romances psicografados, sempre utiliza esta teia cármica entre seus personagens, exemplificando:

“- Até agora, você falou só de nós, mas, e quando existe um agente causador? E a obsessão? E o carma?

- Não importa de onde ele venha nem quem o manipule. Ele só o atinge se você permitir. Ninguém é vítima a não ser de si mesmo. Ninguém é prejudicado a não ser por si mesmo, ninguém fecha a porta à felicidade ou abre ao sofrimento a não ser por si mesmo. Até aí eu vou, posso entender que somos responsáveis por nosso destino”. (159)

“Legítima testemunha das Leis Divinas, a vida se encarregaria de cumprir todas as suas finalidades. Baseados nessa justiça impoluta e imperecível, nós podemos compreender penalizados que a dor para ela seria inevitável”. (160)

O filósofo Torkom Saraydarian explica que, mediante o nosso livre-arbítrio, podemos até compartilhar o carma dos amigos:

“Os homens também compartilham o karma de outros se eles fazem escolhas erradas em amizades ou sociedades. Uma escolha errada é uma ação insensatamente feita ou incitada por baixo impulsos. Por exemplo, um jovem rapaz foi visitar seu amigo que estava dando uma festa. Ele sabia que estavam usando drogas, mas ele foi à festa apesar disso. Tarde da noite, a casa foi cercada pela polícia, que descobriu os narcóticos e levou todos da festa para a prisão, inclusive o jovem rapaz que nunca usara nenhuma droga. Custou a ele \$600 para sair da prisão, mais pagamentos adicionais para advogados.

Assim, ele compartilhou o karma de outros, mas seu pagamento foi menor do que os outros. Ele aprendeu sua lição para ser mais discriminativo com suas amizades. E talvez isso até salvou-o de complicações mais pesadas no futuro”. (161)

Concluindo este estudo, podemos resumir que, a cada instante, o poder de nossa vontade tem sempre um peso maior do que o determinismo do nosso destino.

Logo, não somos meras marionetes nas mãos de nosso passado, mas artificies do nosso próprio futuro. A experiência cármica é sempre um exercício de crescimento íntimo, oferecimento de novas oportunidades; salientando que a face determinista da mesma foi sempre resultante de um livre arbítrio prévio, além disso o carma não é absoluto ou estático. A cada momento é possível redimensionar as situações, gerando por atitudes nobres condições mais favoráveis de vida, pelo esforço contínuo, ou seja, pelo livre arbítrio, temos não só a possibilidade mas o dever de interferir no nosso destino.

COMPREENDENDO O DARMA

A palavra darma vem do sânscrito “dharma” e significa propósito, dever, retidão, misericórdia, etc., a ser utilizada através dos talentos e dons singulares, cumprindo o propósito do espírito encarnado, em cada vida respectiva.

O darma também pode ser interpretado como lei, ordem e justiça, na verdade é

como se fosse um mapa que nos indica o caminho da realização, através do cultivo da bondade, amor e compaixão.

O pesquisador Christopher Isherwood, analisando os “Vedas”, escrituras sagradas dos hindus, conceituou darma:

“Estas constituem o que é chamado dharma, em sânscrito, ou seja, “o dever da natureza”. E é somente seguindo o impulso desse dever pessoal que cada ser poderá crescer espiritualmente. O homem deve seguir a partir do lugar onde se encontra. Ele não pode simplesmente saltar para o Absoluto; ele deve evoluir até ele. Ele não pode assumir arbitrariamente os encargos que pertencem a um outro tipo. Se o fizer, toda a sua escala de valores será distorcida, sua consciência não mais o guiará, podendo se extraviar pelos caminhos do orgulho, da dúvida ou da confusão mental. “É preferível morrer cumprindo sua própria missão”, Krishna diz a Arjuna; “pois cumprir o dever de um outro poderá acarretar-lhe grande dano espiritual”. Cada um de nós poderá alcançar a perfeição espiritual, se cumprir o dever de sua natureza: essa é a mensagem de Krishna”. (162)

O darma e o carma, na verdade, são os dois lados da moeda da existência individual, exemplificando: o carma é constituído pelas possibilidades de realização que o recém-nascido traz, em virtude de suas experiências vivenciadas, nas suas vidas passadas. Já o darma se define pelo seu caráter preciso (dons, talentos, vocação) e pela necessidade da nova situação existencial na qual se deu o seu nascimento, (família, país, posses) ou seja, o darma necessita de um ser humano cujo carma específico fará com que lhe seja factível executá-lo.

Segundo o escritor e antropólogo Arthur Shaker:

“Caminhasse o mundo para cima e para o alto, não haveria razão para o Cristo e para o Buddha enfrentarem o vexame de lidar de modo compassivo com a cegueira e violência dos homens. Só existem dois caminhos: dhármico ou adhármico. O primeiro é o concordante com as leis do Dharma, a Verdade, o Correto, o Justo, nossa natureza imortal e profunda” (163).

A ocultista Vera Gomes relaciona o darma ao desabrochar dos talentos inatos em busca da evolução:

“O Dharma caracteriza a fase de evolução do homem. Tanto revela o que foi aprendido, como o que ainda inexistente nele, ou seja, as qualidades não assimiladas.

Os Mestres orientais ensinam a importância de cada um conhecer o próprio Dharma, isto é, saber quais suas conquistas e quais as lacunas, para evitar buscas inúteis, pretensões acima de sua capacidade. Este conhecimento acorda a obediência aos limites impostos pelo acervo adquirido.

O ideal, dizem eles, é cumprir corretamente o Dharma e improdutivo, tentar ultrapassá-lo. Ao restringir o trabalho de aperfeiçoamento apenas ao potencial já desabrochado, o indivíduo obtém maior rendimento e não se frustra pela incapacidade de atingir metas além de suas fronteiras”. (164)

AUTOCONHECIMENTO - RUMO AO DESPERTAR

Este é um momento especial da nossa jornada, pois desejo compartilhar com o amigo leitor como aprofundar o seu processo de autoconhecimento, rumo ao despertar do seu verdadeiro eu interior. Inicialmente, você precisa começar olhando para dentro, para quem você é e o porque de estar aqui, neste país, cidade, família; ao invés de continuar com sua atenção fixada, unicamente, no mundo exterior ou das ilusões (“maya”), segundo os orientais. É chegada a hora de você rasgar o véu de Ísis, em vez de olhar para fora, sempre, observando o mundo físico e as coisas contidas nele; vamos descobrir o nosso Eu sagrado, essa força espiritual interior que nos impulsiona na realização de nosso darma, ou seja, o objetivo das nossas vidas.

Nesta busca sagrada, da razão da nossa existência, devemos iniciar primeiro uma jornada de esclarecimento interior rumo ao conhecimento da nossa verdadeira essência.

Vamos aproveitar um roteiro deste caminho interior, traçado pelo médico francês Jean Vaysse, com base nos ensinamentos do seu mestre Gurdjieff:

“O homem está inteiramente absorvido pelos acontecimentos exteriores, perdendo de vista o todo e, em especial, perdendo de vista, nesse todo, a si mesmo. Na verdade, o homem, em tais casos, pode muitas vezes fazer um bom trabalho automático, “com grande rendimento”, mas nada pode fazer que esteja realmente de acordo consigo mesmo e com a “sua” vida. Talvez seja um bom robô social, não, porém, um homem, uma “individualmente humana”...

Quando um homem percebe a sua verdadeira situação, num lampejo de verdade ou sob o efeito de um choque imprevisto, que impede a ação dos seus mecanismos protetores, tal como um duro fracasso ou um grave perigo, é dada a ele, por um instante, a oportunidade de compreender duas coisas: primeiro, que ele não possui, de modo algum, as qualidades de que se vangloria; e a segunda, que ele é duplo, tem duas naturezas, e que, por trás do homem comum, dormita um Eu real, que tem a possibilidade de possuir essas qualidades, acabadas de despertar, por um momento, por esse choque; por um instante, vê que um personagem superficial, uma “personalidade” artificial, ocupa o seu lugar e, ornada de poderes ilusórios, responde por ele a tudo na vida. Nesse lampejo, pode compreender que precisa tornar-se realmente ele mesmo e que, se “quiser” de fato chegar a isso, uma coisa apenas importa a partir daí: despertar, chegar ao despertar de si mesmo, o despertar e o crescimento do ser; e pode ver que essa personalidade, esse personagem em que tanto crê e que ocupa todo o lugar e sob cuja aparência vive é o maior obstáculo a esse despertar do Eu.

Em cada um desses momentos em que vê que está adormecido e que, para tornar-se ele mesmo, precisa despertar a qualquer preço, o homem, se for honesto, encontrará em si a necessidade de desapossar essa personalidade que lhe serve de obstáculo e empreender uma luta contra ela. Desse momento em diante, e em relação a si, surge uma nova escala de valores: para ele, tudo o que pode ajudar a despertar torna-se o bem e tudo que o impede é o mal. O único “pecado” real para ele é o que impede o seu ser interior de despertar”. (165)

Muitas vezes não conseguimos atingir este despertar por nós mesmos, simplesmente, lendo um livro, assistindo um filme ou palestra; pois quando se está muito adormecido, condicionado pelas regras impostas pela sociedade de consumo, é como se estivesse anestesiado; sendo indispensável um grande choque para acordá-lo. Faz-se oportuna a transcrição

do pensamento de W.H. Auden:

“A chamada experiência traumática não é um acidente, mas sim a oportunidade que a criança esteve pacientemente aguardando - se não ocorresse, ela haveria de encontrar outra, igualmente trivial - a fim de encontrar uma necessidade e uma direção para sua existência, a fim de que sua vida pudesse se tornar uma questão séria”.

Aposto que alguma vez na sua vida você escutou a expressão: “se você não desejar aprender pelo amor, então será pela dor”; ora, este mecanismo mais agudo é a única forma da vida lhe lembrar dos seus compromissos assumidos, antes de reencarnar, ou da sua verdadeira essência espiritual.

Assim, a partir de sua livre escolha e de sua própria iniciativa, terá que corresponder à presença divina oculta em sua mente e até mesmo em seu corpo, bem como crescer e amadurecer interiormente, como já o fez fisicamente. Aqui, neste momento, você se separa da sua mera existência instintiva, animal e inicia seu despertar.

A escritora Angela Maria La Sala Batá poderá nos ajudar a mapear este caminho, através da leitura “Do Eu Inferior ao Eu Superior”:

“Devemos procurar utilizar nossas tendências naturais, mobilizar nossas capacidades manifestas e latentes, e não devemos tentar ser diferentes daquilo que somos, ou sufocar a nossa natureza para sobrepor a ela uma natureza diferente e não espontânea. Então nós devemos utilizar as nossas tendências naturais e viver no mundo sem abandonar a luta, sem procurar uma evasão, mas, ao mesmo tempo, sem jamais perder de vista a meta interior e utilizar tudo para a sua realização. É importante que procuremos realizar, com todos os nossos esforços, a “vida dúplice”: viver no mundo, mas não ser do mundo. Como podemos realizar isso? Primeiramente, devemos evitar a criação de dois compartimentos separados entre a nossa vida pessoal, social, profissional e a nossa vida interior, espiritual, dando à primeira uma utilidade prática e concreta, e transformando a segunda num meio para desenvolver nossas qualidades latentes e para fazer experiências úteis à nossa formação”. (166)

Destarte, Annie Besant constrói um sistema, através do qual podemos compatibilizar as atividades cotidianas com o mergulho interior no seu “Caminho do Discipulado”:

“Para atingir este ideal no decorrer dos séculos, ensinou-se-lhes o caminho da ação - Carma loga. É a forma de loga que convém aos homens do mundo, assediados pelas atividades da vida; e mediante estas atividades, graças à sua ação disciplinar, damos os primeiros passos que conduzem à união. Vemos assim que Carma loga serve para disciplinar os homens.

Notemos a justaposição dos termos “ação” e “união”. Significa o Carma loga que a ação se executa de modo que seu resultado seja a união. Convém recordar que é precisamente a atividade, as ações, os múltiplos afazeres que separam e distanciam os homens uns dos outros. Por isso parece paradoxal falar de união por meio da ação, como se fosse possível unir valendo-se do que divide e separa”. (167)

O Dalai Lama comentando as dificuldades desta trilha para o autoconhecimento, legou-nos o seu “Caminho para a Liberdade”:

“Existe um perigo de perder a esperança e ficar desencorajado. Em tais situações, é bastante útil não comparar dias ou semanas, mas, ao contrário, tentar comparar o nosso estado de espírito atual com aquele de cinco ou dez anos atrás; então veremos que houve alguma mudança. Podemos observar alguma mudança na nossa perspectiva, na nossa compreensão, na nossa espontaneidade, na nossa reação a estas práticas. Aquilo, em si, é uma fonte de grande encorajamento; realmente nos dá esperança, porque mostra que, se fizermos o esforço, existe o potencial para o progresso futuro. Ficarmos desencorajados e decidirmos adiar a nossa prática para um momento mais favorável é realmente muito perigoso”. (168)

Com efeito, quando a sua busca espiritual virar a força orientadora em sua vida, você passará a ter outro modo de encarar a realidade, intelectual e fisicamente, pois os limites da sua percepção se expandirão; e terá consciência que os limites ocorrem quando a ordem social

define nossas vidas. Lembra quando expliquei a “normose”?

Somente assim você descobrirá que é ilimitado e não mais acreditará sequer nos pressupostos, aparentemente, mais sólidos sobre si próprio e seu meio circundante. Compreenderá que todos os “poderes” que foram atribuídos a líderes espirituais encontram-se dentro da sua capacidade de manifestação. Lembra-se que Jesus disse: “Vós sois Deuses”; logo, seu nível de consciência dará uma virada tão radical, que você não mais se sentirá limitado, pela definição restrita da realidade compreendida pela maioria das outras pessoas.

O filósofo e pesquisador da verdade, Paul Brunton, explora, com muita habilidade, esta temática na sua “Busca”:

“A Busca não é para os que estão tão satisfeitos consigo mesmos que querem preservar seus egos exatamente como são. É para os que sentem a necessidade de auto-aperfeiçoamento, e sentem-na de modo tão agudo que estão dispostos a trabalhar arduamente por esse objetivo e reservar tempo para isso. A Busca é para os que olharam seus próprios defeitos e desviaram o rosto, com os olhos baixos, dessa visão desconcertante e pouco atraente. Mas, apesar de no passado suas fraquezas terem-se agarrado a eles como cracas, a filosofia fá-los ter esperança e assumir a Busca, que pode liberá-los e fortalecê-los no futuro. Acreditar que essa busca é apenas para pessoas religiosas ou para sonhadores pouco práticos, e não para pessoas de bom senso ou para homens ativos no mundo, é acreditar em algo que não é verdade”. (169)

Ainda Paul Brunton, por ser um ocidental, consegue traduzir com perfeição o processo de autoconhecimento do “Quem sou eu?”, técnica que lhe foi ensinada, pessoalmente, pelo grande mestre indiano Ramana Maharichi:

*“Começo a olhar para dentro de mim mesmo.
- Quem sou? Sou um corpo feito de carne, ossos e sangue? Será o espírito, a mente, os pensamentos, este complexo de sensações que formam minha personalidade que me distingue dos outros? Temos por hábito responder afirmativamente a cada uma dessas perguntas: o Maharichi, porém, me fez observar a necessidade de olhar mais além, sem todavia forçar seu ensinamento, tornando-o um sistema. Aqui está o essencial: “Sem se dar tréguas, faça esta*

pergunta: quem sou? Analise seu eu até o âmago, procure seguir seu pensamento até onde começa a raiz do eu, mantendo nele sua atenção introvertida. Um dia virá em que os pensamentos caóticos que, como uma roda, giram incessantemente, acabarão parando, levando-o ao ponto onde a intuição direta surge espontaneamente das profundezas do seu ser; continue a segui-la, abandone todo pensamento; entregue-se. Se for bem sucedido, alcançará a nossa meta suprema". (170)

Esta primeira técnica de auto-exame, explanada na sua obra "A Índia Secreta", foi mais aprofundada e exemplificada, didaticamente, por Paul Brunton na sua "Busca do Eu Superior":

Que sou eu? Esta é uma pergunta que deve penetrar fundo na nossa consciência. Ela deve ser formulada em silêncio e feita com reverência, com seriedade e, mais tarde, até mesmo num espírito de quase-prece.

Este caminho do auto-adestramento está dividido em dois estágios e contém diferentes exercícios. O primeiro estágio é intelectual e consiste de análises que propiciam compreensão; o segundo é místico e fomenta a compreensão. No primeiro estágio formamos uma corrente mental de auto-indagação, tentando descobrir aquilo que realmente somos e localizar o ser vivo que pensa e sente dentro do corpo; ao passo que no segundo a mente racional é desligada, o assim chamado consciente é posto em recesso e o erroneamente chamado subconsciente pode assim aparecer... Na verdade, não devemos ler apenas, mas meditar enquanto lemos, recolhendo de palavras e frases esparsas indicações para a nossa própria orientação pessoal. Através dessa reflexão imparcial e dessa confiança depositada nessas observações e concepções formadas a partir de experiências incomuns, combinadas com o preenchimento das demais condições recomendadas, o leitor poderá extrair experiências espirituais insuspeitadas, pois irá liberar forças até aqui ocultas que residem sob o limiar da sua própria personalidade. A auto-análise, quando praticada segundo as indicações aqui expostas, proverá o treinamento intelectual essencial que aprofunda o conhecimento interior. A leitura não deve ser feita de maneira preguiçosa e superficial como nos jornais; isto seria apenas inútil; deve ela ser feita com toda a força da nossa atenção girando em torno do ponto focalizado. Por esta razão, o estudante irá sem dúvida achar necessário reler várias vezes determinados trechos antes de lhes captar o conteúdo, e só quando o fizer poderá progredir realmente no caminho... É

necessária até que a achemos tão fácil, espontânea e agradável que ansiamos por aquela meia hora diária e nos apressamos a fazer o nosso exercício diário; é necessária até que possamos abandonar todos os tipos de pensamento digressivo e sentir uma crescente luminosidade no cérebro, de maneira que todas as idéias verdadeiras apareçam como imagens de espantosa clareza ou como certezas inspiradas a essa luz deslumbrante. Os exercícios devem ser continuados até que possamos superar o clamor constante das impressões externas, das sensações físicas e dos pensamentos inquietos em favor de uma vigilância interior que, embora intensa, dispensa na aparência qualquer esforço. O estado induzido deve ser reiteradamente reproduzido até tornar-se habitual; só então poderá ser deixado de lado”. (171)

Todos os grandes mestres e sábios da humanidade, iniciaram a sua iluminação, através do processo de autoconhecimento ou auto-exame, recomendado expressamente por Santo Agostinho e até mesmo por Daskalos, o “Mago de Strovolos”, podendo sugerir ao leitor um exercício prático diário: toda noite, ao deitar na sua cama para dormir, tire cinco minutos, para revisar o que aconteceu no seu dia, verificando suas boas ou más ações, quando você perdeu o seu equilíbrio emocional? qual o tipo de emoção que estava sentindo? Se falou mal dos outros? Assim, a cada dia, você poderá descobrir que tipo de emoção destrutiva está sabotando o seu crescimento e podendo gerar no futuro, alguma somatização de doença. Outrossim, poderá identificar com clareza, quais são os seus dons e talentos únicos que poderão alavancar o seu processo evolutivo.

Esta sugestão é ratificada por Sua Santidade Tenzin Gyatso, Décimo Quarto Dalai Lama Tibetano:

“O único controle verdadeiro é interno - um sentido de interesse e de responsabilidade pelo próprio futuro e uma preocupação altruísta pelo bem-estar do próximo. Falando de modo prático, o melhor controle da criminalidade é o autocontrole. Por meio da mudança interior, pode-se suprimir o crime e trazer paz à sociedade. O auto-exame é extremamente importante; assim sendo, a teoria budista da auto-responsabilidade é proveitosa, e conduz não só ao auto-exame como ao autodomínio, objetivando tanto nosso próprio interesse quanto o do outro”. (172)

O pensamento libertador e crítico de Krishnamurti, somente foi atingido por sua disciplina no autoconhecimento:

“Antes de agir, precisamos saber pensar. A maioria de nós, porém, age sem pensar, e o agir sem pensar nos trouxe a esta confusão. Ora, como começar a pensar corretamente? Para pensar corretamente, precisais conhecer-vos a vós mesmos, não achais? Nessas condições, nosso interesse principal não é a mera salvação pessoal, mas saber pensar corretamente, mercê do auto-conhecimento”. (129)

Neste processo de autoconhecimento, cumpre-nos enfatizar que, muitas vezes projetamos no outro os nossos defeitos, que na Psicologia se chama “sombra”; lembrando ser uma das formas de aprendizado perceber o próximo como nosso espelho; porquanto as qualidades que amo nos outros, “Eu Sou”, ao passo que aquilo criticado nos outros, geralmente são defeitos que eu tenho, mas não aceito.

“O comportamento dos outros serve à minha experiência. O meu comportamento serve de experiência para eles. Eu vejo você e você me vê. Eu ‘sinto’ você e você me ‘sente’ . Eu observo suas atitudes e você observa as minhas. Mas eu não vejo o que você sente por mim, da mesma forma que você também não sabe o que sinto por você”, escreveu o médico escocês, psiquiatra e psicólogo Ronald D. Laing.

Na realidade, o verdadeiro inimigo nunca é uma outra pessoa, mas sim a nossa ignorância ou falta de percepção da verdade.

O filósofo Sam Keen escreveu que as pessoas imaginam inimigos lançando sobre seus adversários o ódio, a negligência e outras mazelas que não ousam assumir como seus. E descreveu como é projetado um pensamento falso, distorcido, para justificar conflitos políticos e até guerras:

“Nós somos inocentes. Eles são culpados. Nós dizemos a verdade, informamos; eles mentem, usam propaganda. Nós apenas nos defendemos; eles são agressores. Nós temos um ministério da defesa; eles têm um ministério da guerra. Nossos mísseis são para evitar uma guerra; as armas deles são para atacar primeiro”.

O Dr. Ken Wilber, um dos mais renomados psicólogos americanos da atualidade, também apelidado de “O cérebro”, explica-nos com extrema clareza este mecanismo de projeção dos nossos defeitos no outro:

“Odiamos as pessoas “porque”, como dizemos são sujas, burras, pervertidas, imorais. Elas podem ser exatamente aquilo que dizemos que são. Ou podem não ser. Contudo, isso é totalmente irrelevante, porque só as odiamos quando possuímos sem saber as características desprezadas que lhes atribuímos. Nós as odiamos porque são uma lembrança constante dos nossos aspectos que detestamos admitir...

Começamos pelo ponto em que a maior parte das pessoas se encontra - presa na armadilha da persona. A persona é uma auto-imagem mais ou menos imprecisa e empobrecida. É criada quando o indivíduo tenta negar para si mesmo a existência de determinadas tendências suas, tais como a raiva, a agressividade, os impulsos eróticos, a alegria, a hostilidade, a coragem, o impulso, o interesse e assim por diante. Mas, por mais que ele tente negar essas tendências, nem por isso elas desaparecem. Como pertencem ao indivíduo, tudo o que ele pode fazer é fingir que elas pertencem a outra pessoa. Qualquer outra pessoa, de fato, mas não ele. Ele não consegue realmente negar essas tendências, a não ser negando possuí-las. Assim, passa a acreditar que elas são o não-eu, o estrangeiro, o lado de fora. Estreita seus limites de modo a excluir as tendências indesejáveis, que acabam sendo projetadas na forma de sombra. O indivíduo, portanto, identifica-se apenas com o que restou: uma auto-imagem imprecisa, estreita, empobrecida, a persona. Um novo limite é construído e inicia-se outra batalha de opostos: a persona versus sua própria sombra.

A essência da projeção da sombra é simples de compreender mas difícil de representar porque sufoca algumas de nossas ilusões mais caras. Não obstante, podemos ver como o próprio processo é descomplicado pelo seguinte exemplo:

Muitos homens e mulheres comentam como os homossexuais são asquerosos. Embora tentem se comportar de maneira decente e racional em relação a outras coisas, são tomados de ódio por qualquer homossexual e, nos seus excessos emocionais, advogam causas como a suspensão dos direitos civis dos gays (ou pior). Mas por que tais indivíduos odeiam os homossexuais tão intensamente? Por estranho que pareça, não os odeiam por serem homossexuais; odeiam-nos porque vêem neles aquilo que secretamente eles próprios poderiam vir a ser. Não se sentem à

vontade com suas próprias tendências homossexuais naturais, inevitáveis porém secundárias, e portanto projetam-nas. Assim, chegam a odiar as inclinações homossexuais em outras pessoas - mas apenas porque as odeiam primeiramente em si mesmos". (173)

Da mesma forma, Sogyal Rinpoche no seu "Livro Tibetano do Viver e do Morrer", ratifica a necessidade desse esclarecimento interior, de encontrarmos nossa divina luz imortal:

"No mundo moderno, há poucos exemplos de seres humanos a encarnarem as qualidades que provêm da compreensão da natureza da mente. Por isso fica difícil para nós imaginar sequer o esclarecimento ou a percepção de um ser esclarecido, e ainda mais difícil começar a pensar que nós próprios poderíamos tornar-nos esclarecidos. ... Ainda que nos dispuséssemos a pensar na possibilidade de esclarecimento, uma olhada no que compõe a nossa mente habitual - ira, cobiça, ciúme, maldade, crueldade, luxúria, medo, ansiedade e revolta - iria solapar definitivamente qualquer esperança de alcançá-lo. ... O esclarecimento ... é real; e cada um de nós, quem quer que seja, pode nas circunstâncias certas e com o preparo adequado compreender a natureza da mente e assim reconhecer em nós o que é imortal e eternamente puro. Esta é a promessa de todas as tradições místicas do mundo, e tem se realizado e está a realizar-se em milhares e milhares de vidas humanas". (65)

O Dr. Wayne Dyer, que já tinha presenteado seus leitores com "O Céu é o Limite" e "Seus Pontos Fracos" consegue se superar no seu último livro, "Seu Eu Sagrado":

"Esse assunto todo de uma busca sagrada é real, e você pode conhecê-la, amá-la e cultuá-la. Quando o fizer, nunca mais vai querer voltar a um modo de vida, qualquer que seja, inconsistente com o seu eu divino, embora invisível. Você não é esse nome, essa profissão, esse número de identidade, esse corpo. Você é eternamente luminoso e divino apesar do que tiver feito ou deixado de fazer. Apesar da família à qual pertenceu, ou de como tiver sido rotulado. Na inteligência de Deus você é sagrado, e tem um propósito para estar aqui". (174)

Portanto, após despertar, iniciamos nossa busca espiritual, de nossa verdadeira natureza, do motivo de estar aqui; através das técnicas já analisadas do autoconhecimento até atingir e identificar nossa meta divina, que é o tema que iremos abordar a seguir.

DESCUBRA A SUA VOCAÇÃO

Acredito, firmemente, que cada pessoa já encarna no plano humano com uma singularidade, ou seja, um conjunto de dons e talentos necessários ao cumprimento de sua programação reencarnatória; a fim de “queimar” carmas passados e executar sua vocação divina.

Como poderia juntar as peças da minha vida para compor um quadro coerente da minha missão? Como encontrar a trama básica da minha história?

A maravilhosa escritora e terapeuta americana Chris Griscom, a quem tive o prazer de conhecer, pessoalmente, em novembro/97, no seu “Instituto da Luz”, em Galisteo-Novo México-E.U.A., poderá nos ajudar nesta busca:

“Você pode perguntar: Qual o objetivo de minha vida? Se explorar suas experiências através da lente dos temas, será capaz de ver que quaisquer que sejam as ações em que estiver empenhado e isso deve estar associado ao domínio desses temas. Provavelmente, há certos tipos de trabalho ou atividades que o atraem sobremaneira e de um modo geral são memórias de habilidades ou temas com os quais lidou em outras encarnações”. (85)

Vamos deixar de fazer as coisas de forma quase automática? Por que não colocar mais consciência e sentimento nas nossas ações? Que tal se coloríssemos mais nossas vidas?

A maioria de nós, transforma a aventura deslumbrante da vida, num filme ou enredo monótono; como se fôssemos uma mera engrenagem no funcionamento de um enorme maquinário, como aquela imagem do ator Charles Chaplin, sendo sugado pelos rolamentos de uma máquina, no filme “Tempos Modernos”.

Se não vamos atrás dos nossos sonhos, nossa vida é desperdiçada; por isso nada melhor do que colocar mais tempero neste romance, otimizando nossa biografia, através do cumprimento do nosso mito pessoal.

O renomado psicólogo suíço Carl G. Jung já dizia:

“Na análise final, só contamos para alguma coisa por causa do essencial que encarnamos, e se não encarnamos isso, a vida é desperdiçada”.

A antropóloga Jennifer James enfatiza alguns pontos principais, que poderão auxiliar o leitor a esclarecer sua missão:

“Identificar a vida que você realmente quer.

Imagine-se realizando esse desejo. Como é essa vida e como você se sente?

Feche os olhos e visualize-se dentro de cinco anos.

Qual é sua aparência, que roupas está usando, onde você se encontra, quem está com você, como você se sente?

Pense no que teria de fazer para conseguir o que deseja.

Identifique e faça uma lista dos obstáculos.

Qual é o menor passo que você poderia dar na direção desse objetivo?

O que você quer dar à sua comunidade ou ao mundo? “(175)

Você deve prestar mais atenção nas perguntas que lhe cause um impacto maior, que tocam em algo profundo, dentro de você; porquanto estas devem estar, intimamente, relacionadas com a sua vocação.

O Secretário-Geral da União Espírita Francesa, o escritor Georges Gonzalez, esclarece o sentido da nossa missão divina:

*“Uma missão parece ser o exercício de um labor considerável na escala dos seres e dada por Deus mesmo a um indivíduo que torna assim um missionário, personagem muito em relevo entre os vivos... Não se sabe, quando se está na Terra, para que se foi destinado. É a lei do **karma** que nos guia e na Terra há seres excepcionais, muitas vezes sem saber que o Céu os mantém em reserva para uma tarefa importante a cumprir na época precisa. Na realidade, as possibilidades de um indivíduo são às vezes apontadas por alguns traços marcantes, mas elas não se descobrirão senão no momento em que o destino tiver que agir, no instante em que ele*

se vai realizar... Todos os grandes inovadores hão procedido pelo fornecimento de fatos novos em um domínio que lhes tinha sido algo interdito e onde eles era novatos, o que tornou original a sua participação e o seu sucesso. Foi justamente porque souberam escapar a esse classicismo rotineiro que se guindaram por cima das cabeças dos seus conterrâneos”. (176)

Nossa missão também pode ser entendida como um carma maduro “prarabdha”, que é definido como o carma que devemos, em condições normais, enfrentar ou aproveitar na encarnação atual. Logo, uma alma que decida alavancar sua evolução, pode fazer muito mais do que isso. “Prarabdha”, portanto, está relacionado com o plano de ação da alma imortal para a vida atual, aquilo que o escritor Paulo Coelho chama de “lenda pessoal”.

Ainda, lembramos que o universo conspira a favor da materialização dos nossos sonhos; consubstanciados na nossa evolução, como espíritos imortais.

Na sua famosa série de livros que tratam das “Profecias Celestinas”, o escritor americano James Redfield, dedica sua última obra “A Décima Profecia”, justamente a explicar a necessidade do ser humano “despertar” para sua natureza divina, cumprindo a sua programação encarnatória, que ele denomina de “Visão de Nascimento”, no sentido de facilitar a transição suave da antiga visão de mundo materialista para a espiritual:

“Quando entendemos melhor a Sexta Visão, analisamos onde saímos dos trilhos ou deixamos de aproveitar as oportunidades, então podemos imediatamente voltar a um caminho mais alinhado com o porquê de estarmos aqui. Em outras palavras, estamos nos conscientizando mais do processo no dia-a-dia. Antigamente, precisávamos morrer para passar nossa vida em revista, mas agora podemos despertar mais cedo e ainda poderemos tornar a morte obsoleta, como prediz a Nona Visão.

Então foi isso que os seres humanos vieram fazer na Terra, lembrar-se sistematicamente, despertar aos poucos.

Isso mesmo. Finalmente estamos nos dando conta de um processo que foi inconsciente desde que começou a experiência humana. A princípio, os seres humanos vêem uma Visão de Nascimento, mas depois que nascem, ficam inconscientes, percebendo apenas as intuições mais vagas.

Bem, é assim que a coisa funciona para todo mundo. Se passamos a vida mergulhados em nossa dramatização de controle e em nossa rotina para não pensar no mistério e na insegurança da vida a tal ponto que nem conseguimos despertar após a morte, aí então criamos essas ilusões ou transe para poder continuar com aquela mesma sensação de segurança, mesmo depois que entramos na Outra Vida". (177)

Como o caro leitor deve ter percebido, James Redfield, ainda nos alerta do perigo de passarmos toda nossa existência terrena fixado à ilusão da matéria; pois assim, no momento do desencarne, ao invés de ascendermos aos planos espirituais superiores, poderíamos correr o risco de ficar perambulando pelos mesmos ambientes que visitávamos em vida, sem nos aperceber, que não tínhamos mais nosso corpo físico.

Aliás não foram poucos os espíritos desencarnados, que tive de atender com este mesmo problema no "Santuário Luz e Vida", trabalhando no seu esclarecimento, quando incorporado num médium ou sensitivo.

Voltando à nossa temática da missão divina, seria muito elucidativo trazer um resumo dos estudos de James Hillman, expostos no seu "O Código do Ser":

"Para começar, precisamos deixar claro que atualmente o principal paradigma para se entender uma vida humana, a interrelação da genética com o ambiente, omite algo essencial - a particularidade que você sente que é você. Ao aceitar a idéia de que sou o efeito de um choque sutil entre a hereditariedade e as forças da sociedade, reduzo-me a um resultado. Quanto mais minha vida for explicada pelo que já ocorreu em meus cromossomos, pelo que meus pais fizeram ou deixaram de fazer e pelos anos remotos de minha infância, tanto mais minha biografia será a história de uma vítima. Estou vivendo uma trama escrita por um código genético, uma ascendência, por acontecimentos traumáticos, pela inconsciência de meus pais, por acidentes da sociedade...

Portanto, este livro deseja consertar um pouco desse estrago, mostrando o que mais havia, o que mais há, em sua natureza. Deseja ressuscitar as inexplicáveis reviravoltas que desviaram seu barco nos rodamos e baixios da ausência de significado,

levando você de volta aos sentimentos do destino. Por isso é o que se perde em tantas vidas, e o que precisa ser recuperado: um sentido de vocação pessoal, de que existe uma razão para eu estar vivo.

Não a razão de viver; não o sentido da vida em geral nem uma filosofia de fé religiosa - este livro não pretende dar estas respostas. Mas ele fala aos sentimentos que existe uma razão por que minha singular pessoa está aqui e que há coisas de que preciso cuidar além da rotina diária, e isso deve dar uma razão de ser a essa rotina, sentimentos de que o mundo, de certa forma, deseja que eu esteja aqui, que responda a uma imagem inata que estou preenchendo em minha biografia". (178)

O renomado escritor Deepak Chopra, elenca o darma ou o "propósito de vida" como uma das "Sete Leis Espirituais do Sucesso"; porque a partir do momento que você descobre seus dons e talentos únicos, "surge a fagulha que cria a riqueza"; tendo inclusive estimulado seus filhos desde pequenos neste despertar para colocar à serviço da evolução da humanidade e elaborado um roteiro para os leitores nas "Sete Leis Espirituais para os Pais":

"Ele mostrará a qualquer pessoa que queira adotar as leis espirituais para crianças como fazê-lo, de uma maneira que a criança consiga compreender e aplicá-las". (179)

Para concluir este estudo gostaria de ensinar ao leitor uma oração, criada pelo Mahatma Gandhi, para gerar um bom carma coletivo:

*"Om, que Deus nos proteja,
que ele nos apóie,
Que nosso trabalho altruísta frutifique,
Que nunca tenhamos má vontade uns contra os outros.
Om, shanti, shanti".*

EXECUTANDO MINHA MISSÃO

Depois de analisarmos todos os aspectos concernentes à Lei do Carma, entendo

ser didático, exemplificar ao amigo leitor como identificar a sua missão, através da minha própria experiência de vida.

Como já relatei, a partir da minha formatura em Direito, pela UCSAL - Universidade Católica de Salvador, aos 21 anos; comecei a despertar as minhas verdadeiras motivações e valores, tomando as rédeas do meu destino.

Por ter nascido numa família que pôde me proporcionar uma boa formação universitária, sendo minha mãe sensitiva e meu pai um renomado advogado tributarista; além de poder desabrochar conhecimentos espirituais adquiridos em vidas anteriores, tudo isto aumentou a minha responsabilidade em melhorar a solidariedade em nossa sociedade; pois bem disse Jesus: “A quem muito foi dado, muito lhe será pedido” e assim venho trabalhando pela humanização da justiça e dando consultoria gratuita na criação de ONGs, comprometidas com a melhoria da sociedade.

Mediante o autoconhecimento fui identificando meus pontos positivos e negativos ou na linguagem conscienciológica do Prof. Waldo Vieira, meus “Trafores” (traço-força da personalidade) e “Trafares” (traço-fardo); visando descobrir qual a minha programação reencarnatória.

Depois de 15 anos de inúmeros cursos, palestras, práticas, tendo passado por diversas escolas iniciáticas como a “Ordem Rosa Cruz” e a “Self Realization Fellowship”, criada por Paramahansa Yogananda; além das viagens de pesquisas aos principais centros energéticos e místicos do planeta, como Himalaia (Budismo Tibetano), Machu-Picchu (Xamanismo Inca), Egito (Ocultismo), Índia (Hinduísmo), China (Taoísmo), Grécia (Filosofia), Turquia (Sufismo), México (Cultos Maias) e Jerusalém (Cristianismo e Judaísmo); pude constatar que já estava preparado para integrar estes conhecimentos e experiências, visando facilitar o processo de auto-conhecimento e evolução do maior número de pessoas que pudesse alcançar.

Inicialmente, com minha esposa e alguns amigos evolutivos, fundamos há cinco anos o “Santuário Luz e Vida - Instituto Holístico para Auto-Cura”, uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, que através de terapias alternativas e espirituais, atende, gratuitamente, todas as

noites, cerca de cinquenta pacientes por mês, na sua sede no bairro da Saúde - Salvador-Ba.

Pessoalmente, no Santuário, já exerci o serviço voluntário como enfermeiro de cirurgias espirituais superficiais (sem corte) e acupuntura; canal Reiki; assistente magnético; focalizador de meditações coletivas; palestrante; e doutrinador de centenas de espíritos desencarnados, tarefa esta que foi um excelente aprendizado das consequências cármicas das nossas ações cotidianas, que serão abordadas numa parte específica deste livro.

Após um curso de três anos de “Formação Holística de Base” da Universidade Holística Internacional, fui convidado a assumir a Diretoria Jurídica do “Campus” da UNIPAZ em Salvador, tendo apresentado como tese de graduação meu primeiro livro “Uma Visão Holística do Direito”, já traduzido para o inglês e espanhol.

Nesta obra, apresento uma vasta pesquisa científica, com dez exercícios práticos destinados ao leitor, para otimizar o seu autoconhecimento, a nível físico, energético, emocional, mental e espiritual; sendo cerca de um terço do livro destinado ao resgate da ética e humanização da justiça no Brasil, tratando dos problemas inerentes aos direitos humanos e ambientais, inclusive das tendências do “Direito do Futuro”. Além de representar, no Brasil, a “Aliança Internacional de Juristas Holísticos”, com sede em Vermont-EUA, cujos membros estão espalhados por mais de vinte países.

Deste modo, vou utilizando todo o meu poder de síntese para traduzir, da forma mais fácil para o leitor, tudo de mais importante que precisa saber, para ativar sua centelha divina e transbordar toda a sua felicidade e amor, contaminando a todos ao seu redor, para a construção de uma sociedade mais fraterna.

Para encerrar este capítulo sobre a Lei do Carma; transcrevo abaixo uma poesia psicografada de Félix de Bulhões, constante no livro “Antologia dos Imortais”, de Waldo Vieira e Chico Xavier:

*...”E estou preso à memória - horrendo pelourinho...
É o passado a bramir ... Emoções e lugares...
Ódio, aflição, amor ... Insano torvelinho ...
Casam-se riso e pranto em sonhos e avatares.*

*O tempo - velho tempo -, o lúgubre adivinho,
Revolve-me no ser as ânsias e os pesares ...
Acusa-me feroz e fere-me, escarninho,
Atando-me aos grilhões de angústias invulgares.
Se guardo além da morte a máscara serena,
Trago no coração a dor que me condena,
Ante a sombra que fui, tangendo a vida a esmo.*

*A consciência exuma as transgressões remotas
E o clarim do dever repete em largas notas:
- Ninguém foge do mal que plantou por si mesmo". (120)*

CAPÍTULO IV

A COSMOÉTICA

“A ignorância das leis espirituais é a servidão; o conhecimento das leis espirituais é a liberdade; a aplicação das leis espirituais é a sabedoria”.

Evelyn Underhill

Para finalizar a primeira parte deste livro, convido meu amigo leitor a uma reflexão sobre seus valores mais queridos, que jazem fulgurantes dentro do seu coração e lhes ajudam a nortear sua existência.

Certamente, você já sentiu que, em determinadas ocasiões, foi impelido a agir segundo valores que obedecem a uma ética superior, pois se põem além do plano de nossa existência. Nestes casos, temos a consciência de que o valor determinante da ação é transcendental ou divino, porquanto ultrapassa a média valorativa do homem e da sociedade.

A essa ética superior ou cósmica, podemos denominar de “Cosmoética”, sendo a última e mais abrangente das leis divinas, vez que é condição “sine qua non”, ou seja, indispensável para nossa evolução espiritual; bem como para a “liquidação” de carmas negativos do passado.

Lembrando a lição do pensador e escritor Baird Spalding, sobre a importância da obediência às leis divinas:

“As leis de Deus são imutáveis, como sempre o foram. Ao mesmo tempo que são imutáveis, são benéficas, porque boas. Quando vivemos em conformidade com elas, tornam-se as verdadeiras pedras fundamentais sobre as quais construímos a nossa saúde, a nossa felicidade, a nossa paz e o nosso equilíbrio, o nosso sucesso e a nossa consecução. Se nos pautarmos rigorosamente pela lei de Deus, nenhum mal poderá atingir-nos. Não precisamos ser curados. Somos inteiros em cada partícula”. (182)

A cosmoética é o conjunto de valores superiores que regulam a conduta da consciência, entendida como espírito imortal, em qualquer dimensão em que esteja se

manifestando. Por exemplo, esta moral cósmica tanto se aplica ao espírito encarnado, vivenciando suas experiências no plano físico; como ao espírito desencarnado que esteja habitando um plano mais sutil, que chamamos comumente de céu, purgatório, colônias espirituais, etc.; bem assim quando estamos dormindo e nos projetamos, ou desdobramos nosso psicossoma (perispírito) numa viagem astral e nos relacionamos com outros espíritos já desencarnados.

Na verdade, a cosmoética é uma espécie de base fundamental de um Direito Multidimensional ou Consciencial, pois aplicável como uma lei divina, em qualquer dimensão ou planeta do universo, regula a convivência harmoniosa entre os seres.

O Prof. Waldo Vieira, criador da neociência denominada “Conscienciologia”, estudou com profundidade a cosmoética:

“A cosmoética é ética que vigora como padrão de comportamento evolutivo universal, multidimensional, além dos princípios da moral social, humana ou intrafísica. Eis as perguntas técnicas, clássicas, que se fazem quando da abordagem inicial a qualquer assunto científico original, sob análise, aqui respondidas, de maneira sucinta, quanto à cosmoética:

1. **Agente.** Quem precisa da cosmoética? Todas as consciências ao atingir determinado patamar evolutivo, a fim de progredir mais intensamente.
2. **Existência.** O que é cosmoética? A unidade de medida da auto-incorruptão, a mais inteligente norma de discernimento para a consciência aplicar em sua conduta, dinamizando a própria evolução. A equanimidade abre a consciência para a maxifraternidade.
3. **Espaço.** Onde deve atuar a cosmoética? Em todas dimensões conscienciais, porque ela é cósmica e deve manter a democracia cosmoética.
4. **Tempo.** Quando deve atuar a cosmoética? A todo instante, em qualquer manifestação evolutiva da consciência, criando pensenes cosmoéticos ou ortopensenes.
5. **Comparação.** Com o que se compara a cosmoética? Com a ética humana, sendo, contudo, superior a esta em todas as suas normas para as consciências.
6. **Causa-efeito.** Por que é necessária a cosmoética? Pelas próprias exigências das sofisticações evolutivas da consciência, depois de determinado nível de lucidez, segundo a lei dos direitos

conscienciais multidimensionais.

7. **Recursos.** Com que se deve vivenciar a cosmoética? Com a aplicação inteligente de todos os atributos - consciencialidade - que a consciência possui, a partir do mentalsoma, e um código pessoal de conduta libertária.

8. **Modo.** Como atua a cosmoética? Através da lei de causa e efeito do holocarma individual de cada consciência. Isso a conduz ao policarma lúcido.

9. **Meta.** Qual a finalidade de se acatar e vivenciar a cosmoética? Acertar mais e errar menos no caminho para a conquista da holomaturidade, evitando, assim, até os pecadilhos mentais inconfessados. A verdade, a rigor, não precisa de defesa.

10. **Fim.** Para que vale de se viver cosmoeticamente? A fim de a consciência se sentir mais feliz e serena consigo própria, com imunidade ante as energias e conflitos interconscienciais doentios e milenares”. (141)

Por estes valores superiores da cosmoética, quando nós atingirmos um patamar evolutivo, com mais lucidez e autoconhecimento, poderemos nos julgar melhor, pois conquistaremos um discernimento consciencial eficaz.

E à medida que esta cosmoética possa ser conhecida e aplicada por um número maior de pessoas, atingindo uma massa crítica, daremos um salto quântico, instalando uma nova sociedade globalizada, baseada na honestidade, altruísmo e maxifraternidade.

A psicopedagoga Sonia Cerato, pesquisou com eficiência a cosmoética, podendo detalhar algumas das suas principais características, transcritas do seu livro “A Ciência Conscienciologia e as Ciências Convencionais”:

“Auto-incorruptibilidade. Honestidade para com você mesmo, com o assediador, com o amparador, com todas as Consciências. Tem relação direta com o livre arbítrio e a cosmoética. Quanto mais incorruptível é a Consciência, maior é a liberdade de escolhas e maior o nível cosmoético alcançado. A falta de sinceridade, faz com que a Consciência seja antifraterna, impede a aprendizagem, bloqueia a comunicabilidade...

Maxifraternidade. Prestimosidade fraterna na atenção e catálise evolutiva da aprendizagem de qualquer Consciência em todos os momentos e dimensões. Princípio imposto e descoberto, pouco a pouco, pela Consciência, através da própria evolução. Segundo Waldo Vieira, eis algumas posturas conscienciais que evidenciam

a maxifraternidade:

- ☐ manutenção de clima interconsciencial antiegoicêntrico, com percepções e parapercepções essenciais do ego;
- ☐ fortalecimento, na prática, da Democracia Cosmoética;
- ☐ contribuição efetiva para o efeito da Tarefa do Esclarecimento (Tares) e policarmalidade universalista;
- ☐ adoção da incorruptibilidade como unidade de medida da cosmoética individual;
- ☐ convivência com todos os colegas de jornada evolutiva, sem excluir ninguém;
- ☐ manter autenticidade máxima no intra e extrafísico;
- ☐ respeitar os direitos e diferenças conscienciais; buscar a intercessão positiva sem interferir;
- ☐ conviver com autocrítica coerente e constante;
- ☐ consciência positiva, melhorando a sua sensibilidade evolutiva à medida que evolui.

Policarmalidade. A Consciência que alcança a fase da policarmalidade tem como fundamento básico a cooperação acima de tudo, a intencionalidade consciencial de ajudar a todos e de não pedir mais para si, descobrindo as verdades relativas de ponta.

Emprega, no dia-a-dia, a maxifraternidade e pauta suas ações no código de ética universal. Cultiva a amizade segura e lúcida do Orientador Evolutivo (Mega-amparador). Tem como objetivo essencial o amor sincero a todos”. (183)

A LEI NATURAL

A cosmoética, como uma ética divina, tem característica de “Lei Natural”, ou seja, como uma lei divina que rege todo o universo no plano moral, sendo o verdadeiro e eficaz caminho condutor à felicidade.

Como uma lei natural imanente, a cosmoética é um valor amoroso e auto-aplicável, descrita, inclusive, há milhares de anos pelo mestre chinês Lao-Tsé, no seu “Tao Te King”:

“Antigamente, os que viviam em Tao

Evitavam erudição intelectual...

Abençoado aquele que evita

Esse conhecimento superficial

*E educa o povo segundo
As leis imanentes no coração.
Orientação assim modelar
Nunca desvia do caminho certo,
Porque o sábio conhece o poder misterioso
Das leis auto-atuantes do mundo,
Que as massas ignaras ignoram.
A obediência a essas leis imanentes,
Que atuam de dentro de si mesmas,
Garante a ordem do cosmos". (184)*

A lei natural, como criação do Divino Legislador, é uma projeção da sua suprema sabedoria, que preconstituiu uma ordem universal na vida moral de todas as criaturas do cosmos.

O escritor José Serpa de Santa Maria, na sua obra "A Justiça Natural e a Evolução", tece comentários valiosos sobre este tema:

"Podemos defini-lo como o conjunto mínimo de certas regras normativas e fundamentais de caráter social e ético, estabelecendo direitos e deveres, visando a regularização do Ideal de Justiça para o bem comum e o progresso de todas as criaturas. Sobrepõe muito além das ordens humanas, como um paradigma a inspirar os legisladores na formulação de suas normas, como perceptível ordenamento ideal. Uma espécie de super legalidade, muito distante de ser alcançada, revelando-se contudo, como uma bússola superior, norteando as legislações humanas. Do próprio conceito enunciado, podemos extrair certas características do Direito Natural, como a infalibilidade, a imutabilidade, a perenidade, a auto-exequibilidade e finalmente a adaptabilidade aos diversos planos evolutivos da vida cósmica". (185)

Este conceito acima, também ratifica a cosmoética como uma lei divina, aplicável a todas as dimensões do espaço-tempo.

Também, desde a Grécia clássica, o filósofo Aristóteles (384-322 a.C) pesquisou e escreveu sobre a importância de viver eticamente, na sua obra "Ética à Nicomano":

"O justo na ética não difere do certo na matemática; significa correto, adequado, o que melhor atua para a consecução do melhor resultado. A excelência é uma arte adquirida com o exercício e

o hábito; nós não procedemos retamente por termos virtude ou excelência, e sim temos virtude ou excelência por procedermos retamente; estas virtudes formam-se no homem com a prática dos seus atos; somos aquilo que fazemos repetidas vezes. A excelência não é, então, um ato e sim um hábito: o bem do homem consiste em fazer a alma esforçar-se no caminho da excelência toda a vida;... pois como uma andorinha ou um belo dia não fazem a primavera, também não é um dia ou curto lapso de tempo que faz a felicidade". (186)

O renomado codificador do espiritismo, Allan Kardec, nas questões nº 619 e 621 do seu consagrado "Livro dos Espíritos", asseverou que Deus facultou os meios para que todos os homens tivessem conhecimento da sua lei natural, mas, infelizmente, nem todos puderam compreendê-la; inclusive, salientando que esta lei está escrita na própria consciência dos homens, porém esquecida e desprezada.

Entendo que já é tempo de resgatar esta cosmoética essencial e revelá-la, a fim de aproveitar as energias salutares de um novo ciclo milenar, que ora se inicia, para a reconstrução moral e ética da função social dos Governos, colocando o bem comum e a transparência como um valor real e indissociável da política, acabando de vez com a impunidade e a corrupção.

O escritor Paul Brunton nos lembra a afirmação do mestre Jesus Cristo de que o "Reino dos Céus" está dentro de nós, ou seja, ao cumprir a cosmoética, registrada em nossas consciências, poderemos alcançar a paz e a serenidade:

"Para adorar a esse Criador, o homem deve compreender a Natureza de Deus e a sua relação com Ele. Toda conduta moral, cada pensamento racional, é uma adoração correta para com esse Deus". (187)

Esta cosmoética ou moral divina serviu sempre como um símbolo, com o papel de dar significação à vida do homem, tendo esta função sido ratificada por Carl G. Jung:

"O homem realmente necessita de idéias gerais e convicções que lhe dêem um sentido à vida e lhe permitam encontrar seu próprio lugar no mundo. Pode suportar as mais incríveis provações se estiver convencido de que elas têm um sentido". (188)

A natureza perene e incontestável da cosmoética, como lei natural ou divina, tem

sido focalizada pelos filósofos e teólogos como um meio de revalidação da própria ética, segundo o biólogo americano e escritor da “Unidade do Conhecimento - Consiliência”, Edward O. Wilson:

“Eles buscam o Graal da lei natural, que compreende princípios independentes de conduta moral imune à dúvida e à contemporização. Os teólogos cristãos, seguindo o raciocínio de São Tomás de Aquino na Suma teológica, em geral consideram a lei natural como a expressão da vontade de Deus. Os seres humanos, nesse aspecto, têm a obrigação de descobrir a lei por raciocínio diligente a integrá-la à rotina de suas vidas diárias... Eles tendem a ver a lei natural como um conjunto de princípios tão poderosos que são auto-evidentes para qualquer pessoa racional, qualquer que seja a derradeira origem. Em suma, o transcendentalismo é fundamentalmente o mesmo que Deus seja ou não invocado. Por exemplo, quando Thomas Jefferson, seguindo John Locke, derivou a doutrina dos direitos naturais da lei natural, estava mais preocupado com o poder dos enunciados transcendentais do que com sua origem divina ou secular. Na Declaração da Independência norte-americana, mesclou os pressupostos secular e religioso em uma sentença transcendentalista, cobrindo assim habilmente todas as apostas: “Consideramos tais Verdades evidentes por si mesmas, que todos os Homens são criados iguais, são dotados por seu Criador de certos Direitos inalienáveis, entre os quais estão a Vida, a Liberdade e a Busca da Felicidade.” Essa asserção tornou-se a premissa cardeal da religião civil norte-americana, a espada justiceira brandida por Lincoln e Martin Luther King, e perdura como a ética central que une os diferentes povos dos Estados Unidos.”
(189)

Como vimos a cosmoética, como um princípio divino, deveria ser a base de toda a justiça, como é defendido pelo filósofo pré-socrático Anaximandro, cujo pensamento de uma “ordem de justiça imanente” foi resgatado pelo notável pesquisador espírita, Carlos Bernardo Loureiro:

“O filósofo de Mileto conseguiu esboçar uma prodigiosa idéia sobre uma legalidade universal da natureza. Não se trata, evidentemente, de uma simples uniformidade do fluxo causal, no sentido abstrato da ciência atual. “O que Anaximandro formula”, acrescenta W. Jaeger, “com suas palavras”, é mais uma norma universal do que uma lei da natureza no sentido moderno. O conhecimento

desta norma do acontecer da natureza tem um sentido espiritual imediato. Não é simples descrição de fatos, mas uma justificativa de natureza do mundo. O mundo revela-se como um cosmos, isto é, como uma comunidade jurídica das coisas.” (190)

A moral e a ética superiores são princípios indissociáveis da verdadeira justiça, sendo oportuno ratificar este entendimento trazendo a lição do filósofo Olinto Pegoraro:

“Viver eticamente é viver conforme a justiça... Em outras palavras, a ética propõe um estilo de vida visando a realização de si, juntamente com os outros no âmbito da história de uma comunidade sócio-político e de uma civilização. Mal comparando, a ética é uma bússola que aponta o rumo de nossa navegação no mar da história”. (191)

Na filosofia “zen” também é recomendada a atenção a certos princípios éticos, como não levantar a voz durante uma discussão; aproveitar-se da riqueza, da influência ou da força física para passar por cima dos legítimos interesses dos outros; tudo isto considerado “muri”, segundo o escritor Kenneth Kushner:

“Em qualquer atividade, existem maneiras naturalmente corretas de fazer as coisas e outras que são muri. É como se houvesse vincos invisíveis no Universo. Eles correspondem ao “ri”, aos princípios. Fazer algo de acordo com os princípios significa fazer cuidadosamente as dobras ao longo desses vincos. Fazer algo que é muri equivale a forçar uma dobra contra as linhas dos vincos naturais.” (192)

Ainda enfocando a relevância da cosmoética, vale citar o estudo organizado pelo famoso psicólogo americano Daniel Goleman, com a participação do Dalai Lama e do cientista Francisco Varela; tendo o primeiro afirmado:

*“Vossa Santidade levantou a questão de que 3 a 4 bilhões de pessoas no planeta não têm nenhuma crença religiosa. A questão é: que tipo de ética pode atrair essas 4 bilhões de pessoas? O que vou mostrar é que o sistema ético do corpo, o “dharma do corpo”, se aproxima de um aspecto do Buddhadharma, no sentido de que as emoções perturbadoras tendem a nos fazer ficar doentes e os estados mentais saudáveis tendem a estimular a saúde...
FRANCISCO VARELA: Não concordo com a idéia de que a ciência*

seja desprovida de valores. Ela não está separada da vida social de um país ou do mundo. As decisões sobre se uma arma vem a ser construída ou se um dispositivo tecnológico particular vem a ser instalado, destruindo depois o ambiente, são sempre decisões políticas, morais, históricas e econômicas que envolvem toda a sociedade. Os valores da ciência aplicada são os valores da sociedade na qual a aplicação tem lugar. Você não pode centrifugar a ciência como um componente separado. Quando um médico em uma clínica decide ou não desligar os aparelhos que sustentam a vida de um paciente, a decisão dele é tecnológica, mas se baseia em um grande número de decisões que são inseparavelmente sociais. A ética sobre a qual estamos falando aqui aplica-se a tudo, inclusive à ciência, e tentar separá-la como se ela estivesse no porão, em vez de na cozinha junto com todo mundo, parece distorcer toda a natureza do processo.

LEE YEARLEY: Mas considerando o fato de que recompensamos os cientistas de várias maneiras, e que deve haver pelo menos uma ética da profissão, creio que temos o direito de pedir a eles que se abstenham de fazer algo quando acreditarem que os resultados provavelmente serão maus.” (193)

Destarte, a cosmoética como lei divina ou natural, engloba vários princípios universais, que deverão nortear o ser humano no seu processo evolutivo, como a maxifraternidade, o altruísmo, a liberdade, a igualdade, e, principalmente, o amor, que será objeto do próximo tópico.

A TERAPIA DO AMOR

A terapia do amor é componente básico da cosmoética, sendo o verdadeiro combustível das nossas vidas, pois é indispensável nos relacionamentos com todas as criaturas.

A lei de Deus é amorosa e se cumprirmos o mandamento do Cristo; “amai ao próximo como a si mesmo”, nunca erraremos.

O amor incondicional não tem apego, nem tampouco reclama a recompensa, este amor espiritual, nos traz felicidade e nos liberta de qualquer dor.

Devemos sempre lembrar que somos todos irmãos, originados do mesmo “Deus Pai Celestial-Mãe Divina”, assim é natural que nosso amor seja universal e incondicional.

Ademais, se amamos realmente nosso próximo como a nós mesmos, não poderemos ser verdadeiramente felizes enquanto houver dor e sofrimento na sociedade; por isso

devemos, sempre, fazer a nossa parte, por menor que pareça, para minorar a dor e a fome de quem necessita. Lembrando a “Doutrina do Coração”, de Annie Besant, temos preciosos tesouros a compartilhar:

“A vida espiritual e o amor não se exaurem pelo uso. O gasto apenas faz com que o estoque aumente, tornando-o mais rico e intenso. Tente e seja tão feliz quanto possa... A verdadeira força não consiste de disputas e oposições, mas reside com toda a sua potência no amor e na paz interior.” (135)

Outrossim, para Teilhard de Chardin o amor é a energia fundamental que move o universo; em lição resgatada por Frei Betto:

“Para Teilhard, a unificação da humanidade só chegaria à plena harmonia sob influência de uma energia afetiva que colocaria os seres humanos perante a necessidade de se aperfeiçoarem mutuamente, amando-se uns aos outros. Essa energia de atração seria uma força amorosa cuja fonte estaria no que ele chamou de Super Amor Absoluto...

O Amor foi sempre cuidadosamente afastado das construções realistas e positivas do mundo. Um dia - prossegue Teilhard - terá que se decidir em reconhecer no amor a energia fundamental da vida ou, se quiser, o único ambiente natural no qual se possa prolongar o movimento ascendente da evolução. Sem o amor, coloca-se na nossa frente o espectro do nivelamento e da servidão: o destino da térmita e da formiga. Com o Amor e no Amor é o aprofundamento do nosso eu mais íntimo na vivificante aproximação humana. Para Teilhard, o amor é a expressão suprema da energia humana. É a energia fundamental que move o Universo.” (194)

O Teólogo e escritor Jean-Yves Leloup, também ressalta a necessidade do amor para a evolução humana, ao analisar o momento que Moisés, no deserto do Sinai, ouviu o “Sopro de Deus” e seus mandamentos:

“Alguns vão declarar caduca a lei de Moisés, substituída pela lei de Cristo, que é uma lei do amor. Ao “Obedece e serás feliz” é preferível dizer: “Ama e faze o que quiseres!” (Santo Agostinho)...

Obedecer à lei sem consciência é o mesmo que renunciar a ser livre, e a prática do amor sem consciência não passa de ruína da alma.

Ser consciente - instante após instante - e fazer o que se pode (não aquilo que se quer). Eis aqui uma espécie de saudável realismo, capaz de nos libertar das nossas esquizofrenias e paranóias contemporâneas ...

Tratar-se-ia, agora, de desenvolver os meios e os métodos pelos quais é possível exercer essa consciência... mas o cotidiano continua sendo, tanto no terreno da consciência como no do amor, o maior de todos os exercícios. Não há um só instante a perder".
(195)

Ademais, não poderia deixar de ressaltar a importância, de cultivarmos o amor, como base da cosmoética, citando a escritora Kathleen Keating e a sua "Terapia do Amor":

"A terapia do amor é uma oportunidade para a cura e o crescimento mútuos. O amor é paradoxal porque seu poder de cura é ao mesmo tempo simples e complicado, fácil e difícil. A decisão de abrir-se para o amor pode ser difícil, mas as técnicas da terapia do amor são fáceis de utilizar. Qualquer um pode ser terapeuta do amor".
(196)

O psicoterapeuta americano Jack Kornfield também defende a tese que a abertura do coração pelo amor é o melhor remédio, no seu livro "Um Caminho com o Coração":

"O coração e os sentimentos passam por um processo semelhante de cura, através da dedicação da nossa atenção aos seus ritmos, à sua natureza e às suas necessidades. Com muita frequência, o ato de abrir o coração começa pela receptividade ao sofrimento que acumulamos ao longo da vida e que nunca admitimos tanto os nossos sofrimentos pessoais quanto os sofrimentos universais da guerra, da fome, da velhice, da doença e da morte. Às vezes, podemos experimentar esse sofrimento, fisicamente, sob a forma de contrações e barreiras em volta do coração; mas, em geral, sentimos a profundidade das nossas feridas, do nosso abandono e da nossa dor sob a forma de lágrimas não-derramadas. Ao ouvir, verdadeiramente, as nossas mais dolorosas canções, podemos aprender a divina arte do perdão. Essa dor universal é também parte da nossa conexão uns com os outros e, diante dela, não podemos continuar a recusar nosso amor". (197)

Vale transcrever, ainda, algumas lições sobre o amor, do bellissimo livro “O Amor como Escolha”, dos terapeutas da Fundação Findhorn, Eileen Caddy e David Platts:

“A lição primeira da vida é aprender a amar. É a razão porque estamos aqui na terra e, por isso, deve ter prioridade máxima em nosso tempo e nossa atenção. Nenhuma outra lição é tão necessária de ser aprendida quanto esta. Precisamos amar primeiro a nós mesmos para depois amar aos outros. Muitos de nós não sabemos amar com liberdade, plenamente, sem receios.

Uma das razões básicas por não amarmos a nós mesmos é que temos dúvidas sobre nosso próprio valor: muito cedo na vida formamos conceitos negativos sobre nós mesmos, como “eu não sou suficientemente bom”, “eu não faço nada certo”, “eu sou um fracasso”, “eu sou inadequado” ou “eu não mereço amor”.

Nós podemos escolher aceitar e respeitar a nós mesmos e aos outros. Podemos escolher mudar nossas crenças e comportamentos. Podemos escolher derrubar nossas barreiras e sentir o fluir natural do amor em nós.

Trazer mais amor para sua vida é o resultado de você fazer essas escolhas e colocá-las em prática. Escolher exige uma intenção de mudança e uma disposição para agir. Fazer escolhas traz aumento de poder pessoal e maior sensação de liberdade.

Para nos ajudar a escolher e a agir, temos um amoroso, puro e permanente centro interior de autoconsciência, que anima e direciona nossa vida”. (198)

Outrossim, o psicólogo e escritor Roberto Shinyashiki enfoca o amor, como condição fundamental para a felicidade, em sua obra “Amar Pode Dar Certo”:

“Cada dia mais, nós vemos pessoas aceitando passivamente a solidão como sua inevitável companheira, seja vivendo isoladas ou estando casadas sem amor e perdendo a esperança de ser felizes com alguém.

É importante que, ao invés de nos decepcionarmos com o Amor, nos questionemos a respeito da nossa forma de amar, sobre as estruturas das relações amorosas e sobre os objetivos que se tem quando se vive com alguém.

Nosso objetivo é ajudá-lo a voltar a acreditar profundamente em coisas simples, tais como: amar, namorar, casar, conversar, acariciar e, principalmente, acreditar em si mesmo. Chega de

pessimismo ! Amar pode dar certo !” (199)

O famoso escritor e, agora, Senador, Artur da Távola, também dedicou seu livro “Do Amor, Ensaio de Enigma”, para analisar este imprescindível sentimento na vida humana:

“O amor é a forma perfeita de liberdade, consciência e participação. Ele será mais necessário do que nunca, para compreender os espasmos de uma era em agonia e de um homem atônito e aflito ao ver ruir o sistema no qual investiu o melhor dos seus ideais e esforços.

Uma pessoa preparada para o amor é muito mais perigosa para qualquer status quo repressivo do que uma pessoa preparada para o ódio, a guerra ou o combate. Esta é mais fácil de combater. Amar é transformar a intenção em gesto moral, ou seja, em ato que possa ser universalizado sem dano, perda ou sofrimento” (200).

Assim sendo, gostaria de fazer uma colocação pessoal sobre o amor na minha vida, pois reguei sempre esta semente, dentro do meu processo de autoconhecimento até atingir a transmutação de vários sentimentos menos nobres em amor; pois, o amor é o passaporte para a felicidade, para a cura das emoções negativas e males físicos como o câncer. Lembrando da recomendação da terapeuta americana Louise Hay, aos seus pacientes, pois só quem ama perdoa e o perdão é a liberdade para a alma daquele que o pratica. E mais, felizmente, o amor e o perdão são formas de contratos unilaterais, porquanto nós não precisamos do consentimento do outro para praticá-lo.

Vamos seguir amando e perdando, para que nossa vida tenha mais sentido, riqueza e leveza.

Para concluir esta exaltação do amor, como sustentáculo da cosmoética, transcreveremos a seguir um trecho de “O Dom Supremo”, onde o Pastor Henry Drummond, comenta a carta que São Paulo escreveu aos Coríntios:

“A Busca do Ser Humano para responder sua principal pergunta - a que devo a minha existência? não é uma coisa estranha ou imposta. Ela esta presente em todas as civilizações, mesmo que estas não se comuniquem... O amor será sempre a única moeda corrente aceita no Universo, quando todas as nações, tiverem perdido seu uso e valor. Se vocês querem se entregar a muitas coisas, entreguem-se primeiro ao Amor - e tudo o mais lhe será

acrescentado. Dê a cada coisa o seu devido valor”. (201)

A ÉTICA CÓSMICA DE GANDHI

Um dos homens que mais personificou a ética cósmica na face da Terra, foi o ilustre advogado Mohandas Karanchand Gandhi, mais conhecido pelo povo como Mahatma (Grande Alma) Gandhi (1869-1948), notoriamente conhecido pela sua liderança, na independência da Índia do domínio inglês, mediante a utilização da “ahimsa”, não violência.

Com efeito, o processo de libertação da Índia do império britânico constituiu uma das maiores lições de espiritualidade que a humanidade já viu, porquanto seu líder não era um general montado em armas, muito menos um político populista capaz de hipnotizar as massas; mas um homem de apenas 1,60 metro, vestido com roupas sumárias de algodão, pequenos óculos arredondados na face e um primitivo bastão, para conduzir cerca de 700 milhões de pessoas a uma nova era. Tudo sem disparar nenhum tiro ou utilizar qualquer retórica demagógica, capaz de iludir e criar fantasias na mente do povo; pois o arsenal do seu movimento revolucionário foi uma cosmoética, fundamentada na liberdade consciencial e na “ahimsa”.

Transcrevemos abaixo algumas de suas máximas, para que nos sirvam de inspiração:

“Para ver-se face a face com o espírito da verdade universal que a tudo permeia, deve-se amar a mais insignificante das criaturas como a si próprio.

Mantenho-me incapaz de odiar qualquer ser vivo na Terra. Graças a um longo curso de disciplina religiosa, faz quarenta anos deixei de odiar quem quer que seja. Sei que esta é uma afirmação e tanto. Não obstante, faço-a com toda a humildade”. (202)

Albert Szent-Gyorgyi, prêmio Nobel de Medicina de 1937, assim analisa a importância de Gandhi, para a humanidade:

“Entre as duas guerras mundiais, no apogeu do colonialismo, a força reinava suprema. Tinha um poder persuasivo, e era natural que o mais fraco se submetesse ao mais forte. Aí, veio Gandhi, expulsando de seu país, praticamente sozinho, a maior força militar da Terra. Ele ensinou ao mundo que havia coisas mais poderosas

até que a própria vida; provou que a força perdera seu poder de persuasão”. (202)

O romancista francês Romain Rolland, escreveu sobre Gandhi, denominando-o como “O homem que se tornou uma coisa só com o Ser Universal”, definindo, ainda, a concepção gandhiana da não-violência:

“A concepção gandhiana da não-violência se organiza em níveis diversos: daí as confusões e equívocos sem fim que podem surgir. No nível mais baixo, a ahimsa era uma tática política. Àqueles que não podiam praticar a não-violência, apoiada numa convicção moral, pedia-se para fazê-lo por ser uma tática que dava ótimos resultados. Num segundo aspecto, a não-violência era um método moral, um método melhor do que a força física, para alcançar um fim moralmente justo. Em terceiro lugar, ao nível mais alto do pensamento de Gandhi, a não-violência era um princípio espiritual: a súplica de uma alma para outra alma”. (203)

Uma curiosidade sobre Gandhi, foi descobrir como ele se iniciou na técnica da não-violência:

“Foi minha mulher que me ensinou a não-violência, quando tentei dobrá-la à minha vontade. A sua resistência obstinada, de um lado, e, de outro, a tranquila submissão no sofrimento que padecia por causa da minha estupidez, agiu de tal modo em mim que comecei a envergonhar-me e deixei de acreditar que tinha por natureza o direito de dominá-la. Destarte, ela tornou-se o meu mestre da não-violência. Sobre ele disse Kasturbai: Eu te agradeço pelo privilégio de ter sido, pela vida inteira, tua companheira e auxiliar. Eu te agradeço por me teres considerado igual a ti, em tua obra pela Índia. Eu te agradeço por não seres daqueles maridos que empregam o seu tempo para se tornarem ricos, explorando o trabalho alheio”. (204)

O Mahatma Gandhi, símbolo da cosmoética aplicada na prática, confiava sua vida a Deus e suas leis divinas, proclamando-o como puro amor:

“Há uma ordem, no Universo; há uma lei inalterável, que governa todas as coisas e todos os seres que existem ou vivem. Não se trata de uma lei cega, pois nenhuma lei cega pode governar a

conduta dos seres humanos... Esta lei, pois, que governa a vida toda, é Deus... Percebo longinquamente que, ao passo que tudo ao meu redor está sempre mudando, sempre morrendo, existe, na base de toda essa mudança, uma Força viva, que não se modifica, que sustenta o conjunto inteiro, que cria, que dissolve e que torna a criar. Esta Força normativa, ou espírito, é Deus... Em meio à morte, a vida persiste; em meio às inverdades, a verdade persiste; em meio às trevas, a luz persiste. Daí eu deduzo que Deus é Vida, Verdade e Amor. Ele é Amor. Ele é o supremo Deus". (205)

Para concluir este estudo da cosmoética, trancrevemos a seguir um resumo dos seus postulados, escritos há exatamente 40 anos pelo eminente filósofo Pietro Ubaldi; que também em seguida, ratificará a força inexorável das leis divinas:

"1) Trata-se de uma ética universal, que diz respeito à vida e permanece verdadeira em todas as suas formas chegadas a um dado nível de evolução, em qualquer corpo celeste do universo. Por isso, ficando acima de todos os pontos de vista particulares e relativos...

2) Trata-se de uma ética positiva, como é a ciência, baseada em fatos, de uma ética que não é senão um capítulo da Lei que tudo rege e que a ciência estuda em outros seus aspectos...

3) Trata-se de uma ética praticamente utilitária, concorde com o princípio fundamental da Lei, que é a justiça e também o desejo do ser; justiça que exige que o sacrifício da obediência à Lei e o esforço para evoluir encontrem a sua recompensa. Ética correspondente ao instinto fundamental do ser, que é o de fugir do sofrimento e de chegar à felicidade. Por isso, vem a ser uma ética capaz de ser entendida e aceita, porque satisfaz à forma mental do homem moderno.

4) Trata-se de uma ética racional, logicamente demonstrada, que não se baseia na fé cega, no princípio de autoridade ou no terror de castigos arbitrários e obscuros, mas que convence quem saiba pensar. Uma ética que não admite enganos, porque nela se pode ver tudo claro: a perfeição e a bondade das regras, às quais devemos obedecer até as últimas consequências de cada ato nosso.

5) Esta ética resulta de um sistema filosófico-científico universal que tudo abrange e explica desde o princípio até o fim...

Com o abrir-se da inteligência e o aumento do conhecimento, vai aparecer também no terreno da ciência positiva, a verdadeira concepção de Deus e da Sua Lei. Ela sairá, então, das formas

das religiões particulares em lutas entre si, da clausura das igrejas, do exclusivismo dos seus representantes. Então, o homem, mais consciente, perceberá a grande realidade que é Deus e, finalmente, para o seu bem, se colocará, obediente, na ordem da Lei.

O homem está acostumado a iludir as leis humanas, e julga possível e vantajoso fazer o mesmo com a Lei de Deus. Como se pode evadir, se ela está dentro de nós, representando a nossa própria vida, e se nosso afastamento dela conduz à morte? é possível burlar as leis humanas, mas não é possível enganar a Lei de Deus. Essa Lei está em todos os lugares e em todos os tempos, dirigindo a vida em todos os seus níveis. Ela existe para todos. Ninguém lhe escapa, qualquer que seja a sua filosofia ou religião. A Lei de Deus é verdadeira e funciona tanto para os católicos, os protestantes, os espíritas, os budistas, os maometanos etc., como para os ateus que tudo negam. Um avião, se violar as leis que regem os seus movimentos, cai da mesma forma, qualquer que seja a religião dos seus comandantes ou mesmo que sejam descrentes. Assim também, o organismo humano tem saúde ou adocece independente da religião ou filosofia do indivíduo. A Lei de Deus é a lei universal da vida, como universais são as leis do mundo físico e dinâmico que dela fazem parte. Neste caso, trata-se de leis morais e espirituais, positivas como as outras, e que um dia a ciência descobrirá e demonstrará para o homem do futuro. Esta é a Lei que estamos estudando e explicando para os homens de boa vontade que tenham ouvidos para ouvir, e desejem, para o seu bem, ser orientados na vida". (206)

PARTE II

VIDA DEPOIS DA VIDA

*“Senhor,
faze de mim um instrumento de tua paz!
onde houver ódio, que eu leve o amor,
onde houver ofensa, que eu leve o perdão;*

*onde houver discórdia, que eu leve a união;
onde houver dúvidas, que eu leve a fé;
onde houver erros, que eu leve a verdade;
onde houver desespero, que eu leve a esperança;
onde houver tristeza, que eu leve a alegria;
onde houver trevas, que eu leve a luz!*

*Mestre,
faze com que eu procure menos
ser consolado que consolar,
ser compreendido que compreender,
ser amado do que amar...*

*Pois
é dando que se recebe,
é perdoando que se é perdoado,
é morrendo que se vive para a vida eterna!”
São Francisco de Assis (207)*

*“A alma do homem, é como a água.
Do céu vem, ao céu sobe.
E de novo tem, que descer à Terra.
Em mudança eterna”.*

Goethe (208)

CAPÍTULO V

PROVAS CIENTÍFICAS DA IMORTALIDADE

*“Se destruíssemos na
humanidade a crença na
imortalidade, não só o amor,
mas também as forças que
mantém a vida no mundo
secariam na mesma hora”.*

Dostoiévsky (209)

Após analisarmos, minuciosamente, as leis universais que fundamentam a aplicação da “Justiça Divina”, no decorrer da nossa própria vida atual ou nas futuras, cumpramos adentrarmos num tema palpitante, que é a imortalidade do espírito, refletindo, juntos, sobre a existência da vida após esta vida.

Este enfoque é bastante relevante ao desenvolvimento do raciocínio lógico do leitor, pois a justiça divina, caso não seja aplicada de forma imediata, pela ação do carma gerado por um indivíduo, logo em sua vida hodierna; ele terá outras vidas, onde o carma atuará, tanto no plano espiritual quanto no material, após o desencarne do seu corpo físico ou dessoma.

Imagino que você nunca tenha lido ou ouvido falar, de algum livro de caráter científico, que provasse ser o homem apenas o corpo físico, não existindo mais nada após a sua morte; em contra partida, existem milhares de livros abordando a imortalidade do espírito humano.

Assim, continuaremos nossa jornada, estudando as pesquisas científicas e relatos fantásticos, que atestam a existência de uma pós-vida, que ajudarão o meu amigo leitor a perder o medo da morte, ou seja, a tanatofobia; porquanto, na Grécia antiga, a morte era denominada de “Thanatos” e considerada filha de “Nux” (sonho) e irmã gêmea de “Hypnos” (sono).

O cientista e renomado escritor, Dr. Raymond Moody Jr., autor do livro “Vida

Depois da Vida” é considerado um dos maiores peritos em Experiências de Quase-Morte (EQM) e após décadas de pesquisas, constatou:

“Depois de conversar com milhares de pessoas que passaram por experiência de quase-morte, e em especial após meu encontro com minha falecida avó, acredito que é chegada a hora de atualizar nossa semântica. Dessa maneira, posso afirmar que existe vida após a morte, porém ela se parece mais com uma informação tecnológica ou uma educação espiritual e um meio de entretenimento. Para aqueles que ainda não perceberam que existe vida após a morte, que nunca tiveram uma experiência de quase-morte, que nunca fizeram uma visita ao vovô após sua morte ou seja lá o que for, calma; vocês descobrirão. No momento, provavelmente existem coisas mais importantes com o que se preocupar”. (210)

Na verdade, as pessoas em geral, não gostam de abordar o assunto morte, por entenderem desagradável e crerem na possibilidade de atrair fatos negativos; entretanto, entendo que existe uma necessidade imediata de pensar na questão que a grande maioria vive protelando, porquanto ela é inevitável e imprevisível.

Afinal quando é chegada a nossa hora da “passagem”, não dá para negociar, programar-se melhor e muito menos protelar. Sendo, assim, indispensável o conhecimento de alguns dos seus mecanismos, para garantirmos uma suave transição para o plano espiritual.

Como exemplo, posso citar o ótimo e recente filme passado no cinema, “O Sexto Sentido”, com o ator Bruce Willis, em que ele era um psicólogo, especializado em tratar de crianças, tomando um tiro e morrendo, logo no início da história. Só que nem ele nem os espectadores sabiam disto, pois ele continua conectado com o plano terreno, imaginando ainda estar vivo e sofre por não conseguir se relacionar com sua adorada esposa; somente percebendo a sua real situação de espírito desencarnado, com a ajuda de um menino sensitivo, ao final da projeção. Da mesma forma, já atendi, na tarefa de esclarecimento, centenas de espíritos desencarnados, através de sensitivos do “Santuário Luz e Vida”, que não tinham consciência da morte do seu corpo físico e continuavam conectados mentalmente às suas casas, obsediando seus entes queridos e trazendo muito sofrimento para todos.

O que acontece quando as pessoas morrem? esta pergunta será respondida de forma conclusiva, no final deste capítulo, mas, antes, gostaria de convidar o leitor a uma rápida passagem histórica, vislumbrando algumas fases importantes, dos estudos sobre esta temática.

TRANSCENDENTALISMO

É uma forma de idealismo, que teve suas origens na literatura, filosofia e religião, principalmente, em meados da década de 1830, tendo por base a visão de um universo orgânico permeado por um Deus imanente, que inspirava as idéias humanas, no sentido da sua evolução moral.

Com efeito, a idéia da imortalidade da alma, em particular, é necessária para o aperfeiçoamento moral. Assim como a humanidade tem a tendência de voltar-se contra os ditames morais da razão pura, o aperfeiçoamento moral somente poderia ser alcançado, mediante a transformação dessa tendência em obediência à lei moral; pois este processo requer um período de tempo infinito e o aperfeiçoamento moral apenas poderá ser atingido, se o espírito continuar a viver após a morte de seu corpo físico.

É oportuno salientar que, na Filosofia moderna este termo foi adotado por Emmanuel Kant (1724-1804), na tentativa de estabelecer uma base filosófica para as verdades necessárias e universais, porquanto Kant aceitou a premissa, apresentada tanto em sua “Crítica da Razão Pura” como em sua “Crítica da Razão Prática”, de que o pensamento humano é incapaz de entender assuntos que transcendem à percepção humana, somente acessível à razão prática, através da fé. Entre esses temas estão a existência de Deus, o livre-arbítrio e a imortalidade da alma, matérias que sempre foram analisadas em suas obras:

“Se há a possibilidade de desenvolvimento de outras dimensões do espaço, é também muito provável tê-las Deus desenvolvido em algum lugar, porquanto as suas obras têm toda a majestade e variedades concebíveis.

Pelo que fica dito, mostrei que diversos mundos, debaixo do ponto de vista metafísico, podem existir simultaneamente e justamente é esta circunstância a única que, segundo a minha convicção, nos autoriza a crer que, de fato, tais mundos existem...

Eu confesso que me acho muito inclinado a admitir a existência de seres imateriais no mundo e a classificar a minha própria alma nesta categoria de seres. Nós podemos admitir a existência de seres imateriais sem receio de sermos contestados, não obstante, ao mesmo tempo sem a possibilidade de provarmos a sua existência pela razão”. (211)

PESQUISAS PSÍQUICAS

O conhecido psicólogo e filósofo americano William James (1842-1910), foi um dos percussores da pesquisa científica na área espiritualista, tendo utilizado seu notável conhecimento médico, vez que se formara na Universidade de Harvard, aos 27 anos, no estudo de vários sensitivos ou paranormais, como a médium Leonara Piper, de Boston, cuja seriedade e veracidade ele atestou, durante vários ensaios escritos sobre a sobrevivência da alma após a morte do corpo físico, dentre eles “Varieties of Religious Experience”, comprovando seu talento de cientista e investigador espiritual.

Estas pesquisas psíquicas tiveram grande desenvolvimento nos Estados Unidos, como no caso das irmãs Margaretta e Kate Fox, então com 15 e 12 anos, respectivamente, que moravam com os pais, John, um fazendeiro metodista, e Margaret, em uma casa de madeira em Hydesville, perto de Rochester, New York. Desde que a família se mudara para lá, em fins de 1847, os Fox tinham sido perturbados e mantidos acordados à noite por barulhos inexplicáveis, como batidas e estouros, atribuídos à presença de espíritos dentro da casa. Tendo esta crença, inclusive recebido mais apoio quando, na noite de 31 de março de 1848, Maggie e Kate começaram a bater palmas e obtiveram uma resposta através de batidas, que imitavam o padrão de suas palmas. Estas batidas, mais tarde testemunhadas por vizinhos, foram decodificadas em mensagens alfabéticas, que provinham supostamente de Charles Rosa, um andarilho que alegava ter sido assassinado pelo seu dinheiro, por um antigo morador da casa e ter sido enterrado no celeiro. Alguns restos humanos foram de fato encontrados lá, conforme John Fox sustentou posteriormente.

Outro marco histórico na pesquisa científica da sobrevivência do espírito depois da morte do corpo, foram os experimentos desenvolvidos pelo professor Johann Zollner, titular da cadeira de física da Universidade de Leipzig, relatados no seu excelente livro “Provas Científicas da

Sobrevivência”, onde mostra-nos os motivos anti-científicos porque a morte foi rejeitada e asfixiada no inconsciente do século atual, produzindo o “trauma psíquico do materialismo”, que nos leva à angústia e ao desespero das concepções sem perspectivas, como resultado da alienação espiritual do homem moderno; valendo citar algumas das suas conclusões básicas:

“Devo observar que os principais fenômenos por mim obtidos em companhia de Slade (e desses justamente os mais notáveis), já foram reproduzidos em presença de outros indivíduos com o dom da mediunidade e nas mais severas condições...

O característico dos fenômenos naturais, é poder provar-se que ocorreram em diferentes épocas e locais. Deste modo, fica provado que há certas condições gerais das quais dependem estes fenômenos. Não discutamos se as causas são desconhecidas ou não e se podemos de algum modo concorrer para elas. A tarefa do investigador científico consiste justamente na descoberta e enumeração das condições sob as quais devem estes fenômenos naturais ocorrer...

A história dos diversos sistemas inventados para amarrar e torturar os médiuns encheria um grosso volume. “O Martirológico dos Médiuns” é um livro do futuro! O professor Virchow só precisa abrir o livro do coronel Olcott: “Pessoas do Outro Mundo”, pág. 39, para ver uma reprodução pitoresca do modo como os médiuns tem sido tratados e torturados em nome da ciência (1). Lá se acha o médium Eddy, com todos os dedos das mãos amarrados por cordões, pregados no chão. Os dedos de Eddy, em virtude das ligaduras a que tem sido submetido durante anos, se acham completamente deformados. E por acaso as ligaduras convenceram alguém? (2)

(2) - que fizeram com Marthe Béraud? Até exame gínorretal! Aqui entre nós, que fizeram com Carmine Mirabelli? Quase que o punham a nu, amarravam-no, cerceavam-lhe todos os movimentos, internaram-no até no Hospício do Juquerí. Enquanto isto faziam os pesquisadores da Ciência Psíquica, até certo ponto com razão, porque a cautela contra a fraude é um direito, e um direito de todos - energúmenos, como muito bem lhes chama o Dr. Eurico Góis, apedrejavam a casa de Mirabelli, os quais, não satisfeito com a vilania, chegaram, em despeito religioso, a espancar o próprio médium! Em matéria de calúnia, pelo que não passou Francisco Cândido Xavier? sim, o martirológico dos médiuns, a que se refere Zollner, daria realmente um grosso volume!”. (211) (comentários de João Teixeira da Paula)

Outro grande pesquisador dos fenômenos espirituais, foi o famoso escritor inglês, Arthur Conan Doyle, criador do personagem Sherlock Holmes, tendo sido Presidente do Colégio Britânico de Ciência Psíquica e da Federação Espírita Internacional, relatou, com profundidade, na sua obra “História do Espiritualismo”, a constatação científica da sobrevivência do espírito, através das suas comunicações e materializações; como exemplificamos abaixo, o caso da médium Madame d’Esperance, que foi ratificado pelo cientista Alexander Aksakof, renomado pesquisador do psiquismo, de São Petesburgo na Rússia:

“Escrevendo sobre “Como um médium se sente numa materialização”, Madame d’Esperance lança alguma luz sobre a curiosa simpatia que constantemente se nota entre o médium e a forma espiritual. Descrevendo uma sessão na qual estava sentada fora da cabine diz ela:

“E agora aparece outra pequena forma delicada, com os bracinhos estendidos. Alguém colocado do outro lado do grupo levanta-se, aproximam-se e abraçam-se. Ouço sons inarticulados: “Anna, oh! Anna, minha filha, querida filhinha!” Então outra pessoa se ergue e cerca o Espírito com os braços; nessa ocasião ouço soluços e exclamações, de mistura com bênçãos. Sinto meu corpo mover-se de um para outro lado; tudo se torna escuro aos meus olhos. Sinto o braço de alguém em torno aos meus ombros; o coração de alguém bate contra o meu peito. Parece que algo acontece. Ninguém está junto a mim; ninguém me presta a menor atenção. Todos os olhares estão fixados naquela figurinha branca e esguia, nos braços das duas mulheres em pranto.

Deve ser o meu coração que ouço batendo tão distintamente e, certamente, o braço de alguém ainda em meu redor. Jamais senti mais completamente um abraço. Começo a pensar. Quem sou eu? Sou aquela branca aparição, ou sou eu quem permanece sentada na poltrona? Aqueles são os meus braços em torno do pescoço da senhora mais idosa? Ou os meus são os que estão em minha frente, em meu vestido? Sou eu o fantasma? Se sou, como chamarei o ser que jaz na poltrona?

“Certo é que meus lábios são beijados; minhas faces estão orvalhadas de pranto, derramado abundantemente pelas duas senhoras. Mas como pode ser isto? Essa sensação de dúvida relativamente à nossa própria identidade é horrível. Desejo estender uma das mãos que se acham no vestido, mas não posso. Desejo tocar alguém para ter absoluta certeza de que eu sou a mesma ou se isto é apenas um sonho; se Anna sou eu ou se eu estou, de

certo modo, nela dissolvida”.

Enquanto a médium se acha nesse estado de dúvida, outro pequenino Espírito de criança, que se havia materializado, vem e põe as mãozinhas nas de Madame d’Esperance.

“Como me sinto feliz ao sentir esse toque, ainda que de uma criancinha! Minhas dúvidas a respeito de quem sou eu e onde me acho se vão. E enquanto experimento tudo isto, a branca forma de Anna desaparece na cabine e as duas senhoras voltam aos seus lugares, chorosas, sacudidas de emoção, mas intensamente felizes”. (212)

Neste relato pode ser constatada a imortalidade do espírito de Anna, que conseguiu através da médium, utilizando seu ectoplasma, materializar-se ao seu lado e confortar a sua mãe e, ao mesmo tempo, a forte identificação da Madame d’Esperance com o espírito da criança incorporada.

Estas pesquisas científicas levadas a efeito por matemáticos, médicos, psicólogos e filósofos de renome internacional, serviram de fundamento para o surgimento do “Espiritismo”, que será abordado a seguir.

ESPIRITISMO

O médico francês, natural de Lyon, Hippolyte Leon Denisard Rivail (1804-1869) foi o fundador do espiritismo, também chamado de “Kardecismo”, sendo um misto de ciência e religião, originada do estudo metodológico de Kardec, das sessões espíritas que frequentava em Paris.

O Espiritismo teve seu “nascimento” a 18 de abril de 1857. Nessa data foi lançado em Paris, “O Livro dos Espíritos”, contendo em forma resumida, os ensinamentos dos Espíritos, reunidos e sistematizados por Allan Kardec. Este nome era um pseudônimo que nasceu de uma revelação do espírito Zéfiro, na casa da família Baudin, o qual lhe disse terem os dois vividos nas Gálias ao tempo dos Druidas quando, então, se chamara Allan Kardec. Humilde e prudente, não utilizou o seu próprio nome para assinar a publicação; não só pelo fato de considerar o trabalho como obra dos espíritos, reduzindo-se a sua participação à organização sequencial e formação

dos textos, o Kardecismo, na opinião abalizada do escritor J. Herculano Pires, bem como resultou numa aferição da validade do movimento que se iniciava, pois, se verdadeiro, venceria por si mesmo, sem precisar do auxílio do seu nome e do seu prestígio de autor consagrado e respeitado.

Muitos dos escritos de Kardec, produzidos em transe, exigiam reencarnação compulsória e, além do Livro dos Espíritos, que tornou-se o manual para a filosofia espírita, publicou ainda dentre outros: “O Livro dos Médiuns” (1864), “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (1864), “O Céu e o Inferno” (1866) e “A Gênese” (1867), que tiveram muita influência no movimento inicial do Espiritismo, no Brasil, como será demonstrado a seguir.

Consoante a codificação de Kardec, a reencarnação através de várias vidas é necessárias para se obter progresso espiritual; além disso, a interferência do carma de encarnações passadas pode ser a causa de doenças como a epilepsia, esquizofrenia e desordens de múltiplas personalidades, de modo que a compreensão das vidas passadas poderá ajudar a resolver esses problemas. Vale ressaltar que esta é a premissa básica da “terapia de vidas passadas”, que Kardec antecipou em um século.

O Espiritismo, no Brasil, iniciou-se a partir de 1840, ano em que chegaram ao Brasil os homeopatas João Vicente Martins, português, mais tarde naturalizado brasileiro, médium psicógrafo e Benoit Jules Mure (Bento Mure, como ficou conhecido), francês, médium clarividente. Baseados na máxima “Deus, Cristo e Caridade”, aplicavam aos doentes os passes como um ato religioso, uma vez que Hahnemann (pai da homeopatia) recomendava como processo auxiliar daquele tratamento. Foram os homeopatas que lançaram os passes, não os espíritas. Estes continuaram a tradição, afirma o Dr. Canuto Abreu.

Ressalte-se que, embora ainda nem sequer houvessem ocorridos os fenômenos das irmãs Fox de Hydesville (já relatados), aqui no Brasil, destacava-se a figura do Marquês de Maricá, Ministro de Estado da Fazenda e Senador; antecipando um corpo doutrinário, transmitido pelos espíritos, que seria mais tarde, organizado de forma didática por Kardec, através da codificação do espiritismo.

Nos anos de 1853 a 1954, apareceram notícias no “Jornal do Comércio” do Rio de Janeiro, no “Diário de Pernambuco”, no “Cearense”, dando conta das mesas girantes, do

magnetismo, da homeopatia, bem como relatos de experiências que eram realizadas com sucesso por homens eruditos como Dr. Sabino Olegário, Dr. Cesário e outros.

Apesar das primeiras obras escritas em português só virem a lume em 1860, pessoas cultas já liam Kardec no original em francês, desde o lançamento de “O Livro dos Espíritos”, na sua 1ª edição (18.04.1857). Os dois primeiros livros espíritas publicados, talvez na América do Sul, foram: “Os Tempos são Chegados” do professor Casimir Lietaud e “Espiritismo na sua Expressão Mais Simples”, tradução do também professor Alexandre Canu.

Aconteceu um fato marcante da história espírita no Brasil, em 28.09.1863, quando o jornalista baiano, Dr. Luis Olímpio Teles de Menezes, rebate um artigo do Dr. Déchambre, publicado na “Gazette Médicale”, criticando o Espiritismo; tendo Kardec, publicado na Revista Espírita de novembro/1865 (RE-11/1865), sua satisfação pela iniciativa. Assim, o citado jornalista, funda em 17.09.1865, o primeiro grupo espírita organizado nos moldes previstos por Kardec, na Revista Espírita de 1864. É o “Grupo Familiar do Espiritismo”, sendo as obras de Kardec praticadas e estudadas, até serem iniciados os contatos com o mundo espiritual. Logo, a Bahia é o berço do Espiritismo no Brasil.

Da mesma forma, que na Bahia foi celebrada a primeira missa campal do Catolicismo, na cidade de Porto Seguro; bem como, aqui na Bahia, iniciou-se o Candomblé e a Umbanda, originárias dos escravos africanos, que proporcionavam um grande sincretismo religioso ao se mesclarem entre si e, também, com o Xamanismo, típico dos nossos índios nativos, salientando que todas estas linhas espirituais, acreditam na vida após a morte do corpo físico.

SURGE A PARAPSIKOLOGIA

“Parapsicologia” é um termo criado em 1889, pelo psicólogo alemão Max Dessoir e refere-se ao estudo científico de fenômenos paranormais e mediúnicos. Tais como: telepatia, clarividência, precognição, psicocinese dentre outros; entretanto, um dos assuntos mais enfocados é a pesquisa da sobrevivência do espírito, a continuação da personalidade após a morte, tendo grandes esforços sido feitos nessa área, que, durante a primeira metade da história da parapsicologia, recebeu mais atenção dos investigadores do que qualquer outra questão.

O interesse na comunicação com os espíritos sempre fez parte da cultura popular e, desde o século XIX, a prática do “Mesmerismo” popularizou o estado de transe, fomentando a idéia de uma habilidade psíquica para comunicação com os espíritos durante tais estados alterados; inclusive a transferência de pensamento, hipnose e experimentos em telepatia, proporcionaram o primeiro suporte científico para uma importante premissa de que a mente funciona independentemente do cérebro.

Cumpre-nos destacar que a maioria dos primeiros pesquisadores da sobrevivência do espírito após a morte, como o já citado William James, além de Oliver Lodge e F.W.H. Myrs, pertenciam à “Society for Psychical Research” (Sociedade para a Pesquisa Psíquica), fundada na Grã-Bretanha para investigar o mesmerismo, os fenômenos psíquicos e espiritualistas. Ademais, estes pesquisadores estavam convencidos de que as afirmações de muitos médiuns eram corretas e de que estes ofereciam informações precisas, que não poderiam ser obtidas por qualquer outra forma sensorial; a exemplo das comunicações através de transe, tais como as recebidas por uma certa Sr^a Piper, e correspondências cruzadas, muitas vezes consideradas provas de que os comunicadores sobreviveram à morte.

Estes estudos científicos também foram desenvolvidos na antiga União Soviética, no Instituto Pavlov, de Moscou, tendo sido pesquisada a influência dos campos magnéticos de alta frequência sobre a telepatia, ainda sob o regime de Stalin; tendo se destacado como pioneiros neste campo de investigação psíquica os Drs. Bernardo Kajinsky e Leonid Vassiliev, transcrevendo abaixo, uma das experiências investigadas no livro “Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro”:

“Uma mensagem igualmente ambígua ocorreu em relação ao tempestuoso pianista e compositor russo Anton Rubinstein. Numa noite horrível e borrascosa, Rubinstein jantava com seu aluno, Guilherme Nichia. Era uma noite medonha, contou Nichia, até para Leningrado, a cidade das tormentas. Rubinstein perguntou ao discípulo o que lhe recordavam os ventos contínuos e uivantes. “Os lamentos das almas perdidas”, respondeu Nichia. Seguiu-se uma discussão sobre a possibilidade da vida futura. “Tenho a certeza de que existe uma vida futura”, exclamou Nichia, “e se eu morrer primeiro, voltarei à sua procura, para prová-lo!” Rubinstein encarou o discípulo. Finalmente declarou, com grande solenidade.

“Está feito. Se eu for primeiro, tentarei fazer o mesmo.”

Seis anos depois, em 1894, Nichia, vivendo em Paris, foi violentamente despertado do sono por um grito horrendo. O rosto de Rubistein, grotescamente contorcido, pairava acima dele. Trêmulo, Nichia sentou-se na cama, acendeu todas as luzes e procurou convencer-se de que o pesadelo acabara. Não se lembrava do pacto com Rubinstein até que, na tarde seguinte, viu as manchetes: RUBINSTEIN MORRE DE REPENTE. Um amigo de ambos, que estivera à cabeceira do músico em Leningrado, finalmente contou a Nichia que Rubinstein, sufocado por um insulto cardíaco, morrera com o grito mais horrível, mais raivoso, mais agônico que ele ouvira em toda a sua vida. Nichia concluiu: “Até na morte, como sempre o fizera em vida, Rubistein cumpriu a palavra.” (213)

Outros estudos experimentais importantes sobre a mediunidade e a telepatia foram realizados, durante os primeiros 25 anos deste século, em vários departamentos de psicologia de universidades, particularmente nas Universidades de Stanford e Harvard, nos Estados Unidos, e na Universidade de Groningen, na Holanda. A pesquisa de laboratório em Parapsicologia foi lançada em 1927, na Duke University, sendo estabelecida como um campo digno de estudos científicos com a publicação do relatório “Extrasensory Perception” (Percepção Extrasensorial), de J. B. Rhine (1934), considerando o pai da Parapsicologia moderna. Com efeito, os fenômenos estudados em Parapsicologia são classificados como percepção extrasensorial (PES) e psicocinésia. Os três tipos de PES (clarividência, precognição e telepatia) e a psicocinésia, são as principais divisões da “psi.” Na maioria dos experimentos em parapsicologia, fica determinada, exatamente, a área envolvida, porque os experimentos estão destinados a testar a capacidade do paciente em uma dessas quatro áreas especificamente; tendo o Dr. J. B. Rhine relatado suas últimas pesquisas no livro “Parapsicologia Atual”, destacando uma entrevista com alguns parapsicólogos, que ressaltam ser indispensável o estudo sério dos médiuns e das sociedades espiritualistas:

“Pergunta 2: Ao moço, ou moça, que esteja planejando uma carreira ativa na pesquisa em Parapsicologia (tempo integral ou parte do tempo) que conselho daria, em relação à preparação, primeiro em áreas à parte da Parapsicologia, depois dentro do próprio campo? Dr. Soal: Na Inglaterra, se ele tem meios, sugiro que se inscreva na Sociedade de Pesquisas Psíquicas, estude seus panfletos para principiantes; que se inscreva numa sociedade idônea espiritualista e frequente demonstrações públicas de “clarividência”, feitas por médiuns... e receba, possivelmente, informações verídicas em

relação aos mortos. Depois, que consiga sessões particulares - e talvez assim se convença de que há, pelo menos, alguma coisa em telepatia. Essa conexão pode ser importante como formadora de ambiente para a adivinhação com as cartas. Poderia, então, ler um livro elementar sobre métodos estatísticos, ou frequentar aulas noturnas, de modo a aprender como aplicar fórmulas elementares em desvios-padrão etc... e em que condições elas podem ser válidas.

Dr. Tenhaeff: Pela altura de 1920 comecei a ler de tudo e visitei toda espécie de médiuns". (214)

No Brasil, o pioneiro nos estudos da Parapsicologia e fundador do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas, foi o renomado escritor espírita Dr. Hernani Guimarães Andrade, tendo até sugerido à Universidade de São Paulo a inclusão desta disciplina, como consta no Vol. III da "Enciclopédia de Parapsicologia":

"É fato bastante notório que a Parapsicologia haja ocupado uma posição toda especial em relação às demais disciplinas científicas. Enquanto a Física, a Química, a Biologia, a Psicologia e demais ciências tiveram seu objeto perfeitamente definido, a "ciência dos fenômenos paranormais" precisou, inicialmente, demonstrar a existência de uma ordem de atos que justificasse sua pretensão de colocar-se entre as disciplinas tidas como realmente científicas. Essa particularidade contribuiu decisivamente para a marginalização dos conhecimentos relacionados com os fenômenos chamados paranormais. Daí a sua lenta penetração nos círculos universitários e sua ainda pequena incidência nos cursos regulares de alguns países, em particular do Brasil.

Não obstante, é altamente significativo a inclusão da Parapsicologia nos currículos universitários das nações desenvolvidas. Até o ano de 1967 já se contavam, no mundo, 128 universidades que possuíam a cadeira de Parapsicologia em seus cursos regulares. Dessas universidades, 47 situam-se nos Estados Unidos e 10 na União Soviética e demais países da área marxista". (215)

Hoje, a Física Quântica já começa a demonstrar a imortalidade do espírito, este

considerado como uma “frequência de energia / consciência”:

“Não há morte: Somente uma mudança de percepção, uma mudança de endereço cósmico, o “EU” real está além do espaço-tempo”. (216)

A MORTE É O FIM DE TUDO?

Por tudo aquilo que meu amigo leitor já leu e assimilou, tenho convicção que já está em condições de responder, enfaticamente, com um sonoro “NÃO”, pois a morte é a mera mudança de corpo (veículo de manifestação dimensional) e de cenário; antes mesmo do corpo físico baixar à sepultura, o espírito penetra no plano espiritual, onde continua sua existência, mantendo sua memória das experiências, num outro corpo mais sutil denominado de perispírito, psicossoma ou corpo astral.

A título de uma melhor didática, usarei os sinônimos empregados pelas diversas tradições espiritualistas, que estudam este assunto, iniciando pelo relato do ilustre pesquisador espírita, Prof. Carlos Bernardo Loureiro:

“Quando a pessoa morre e começa o desprendimento do Espírito, forma-se outra cabeça, a princípio luminosa e fluídica que, depois, condensa-se. Aos poucos, apaga-se essa luminosidade e outras partes do corpo se vão formando e, afinal, um fantasma completo eleva-se acima do cadáver em posição horizontal. Tudo que era vida passa para o fantasma e o anima. Ele se acha ligado ao corpo por um laço fluídico, mas, enquanto este não se rompe, o indivíduo não morre. A decomposição será mais ou menos lenta conforme a duração do tempo para o laço se romper...

A morte corresponde, destarte, a um nascimento no Além, a que nem mesmo falta o “cordão umbilical”, constituído por um laço luminoso, unindo o corpo fluídico à carcaça abandonada, cujo rompimento marca a separação definitiva do Espírito e a morte real do organismo.

Segundo observações dignas de crédito, na altura em que aquele cordão se rompe, parte do fluido vital volta ao corpo e se espalha por todos os órgãos, impedindo, assim, a sua rápida decomposição. Em virtude de o cordão fluídico se conservar, por vezes, ligado ao cadáver durante bastante tempo, é prudente não proceder ao sepultamento antes dos sinais característicos da dissolução; do contrário, pode suceder darem-se à sepultura criaturas cuja desencarnação é aparente (problemática que será devidamente analisada neste livro), como em certos casos de letargia, catalepsia, etc.

Uma vez desembaraçado do corpo, mediante a ruptura daquele cordão, e nada mais o retendo a este mundo, o perispírito, contendo

em si a centelha divina, faz o seu ingresso em um ambiente que lhe é próprio, porque a vida não cessa, mas antes se desdobra numa variedade infinita de dimensões”. (217)

Segundo as pesquisas do Prof. Waldo Vieira e dos seus colegas do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia, destacando-se o Prof. Wagner Alegretti:

“Dessoma é definida como a desativação de um determinado veículo de manifestação. A consciência em si não morre, porém abandona um ou mais de seus corpos, causando a desagregação ou dissipação dos mesmos. Assim, se temos vários corpos, podemos esperar por alguns tipos de dessomas ou mortes.

1ª dessoma - *É a morte comum, observável, do soma. É também a morte legal, que estabelece o fim da pessoa física ou do cidadão. Corresponde ao desprendimento do psicossoma com o mentalsoma dentro, concomitantemente à desconexão das energias do cordão de prata, as quais mantinham, até aquele momento, o corpo físico vivo. Resumindo, é quando ocorre a desativação do soma e do cordão de prata. Em geral, os amparadores do dessomando o auxiliam durante esta transição.*

2ª dessoma - *Processo de dissipação dos vestígios de energias holochacrais ainda presentes na estrutura do psicossoma após a primeira dessoma...*

3ª dessoma - *Conhecida no oriente como moksha (a liberação), é a saída definitiva do mentalsoma com a desativação do psicossoma. Em certas situações, se supõe que a 3ª ocorra juntamente com a 1ª e 2ª dessomas, condição na qual a consciência desmaterializa todos seus outros veículos. Após a 3ª dessoma, a consciência está livre dos compromissos intrafísicos e do longo ciclo de ressomas, seriéxis, ou vidas físicas. Neste estado é chamada, na Conscienciologia de Consciência Livre, quando a individualidade inicia outra fase ou curso evolutivo na dimensão mental, etapa esta que ainda mal compreendemos”. (218)*

Para um entendimento mais prático, opino pela corrente do Prof. Wagner Borges, ou seja, pela inexistência da “2ª dessoma”, vez que no processo de dissipação das energias do duplo etérico, na qualidade apenas de envoltório energético, não existiria mais nenhum espírito ou mentalsoma (na linguagem conscienciológica), a sofrer uma segunda morte, não merecendo esta denominação. Logo, ocorre a passagem da alma para o plano espiritual, com a morte do corpo físico e o corte do cordão de prata ou fluídico, como bem descrito pelo Prof. Bernardo. Lá, quando este espírito atinge um nível evolutivo superior no plano espiritual, não precisando mais reencarnar,

ocorre a “2ª morte”, ou seja, ele descarta o perispírito ou psicossoma (corpo astral) e rompe o cordão de ouro, projetando seu espírito ou mentalsoma, sem um formato corporal, apenas como uma consciência-luz, que mantém ainda a memória de todas as suas experiências e aprendizados.

Para uma melhor compreensão deste processo de desencarne, nada melhor que um exemplo prático, pois têm havido numerosos testemunhos de visões ocorridas no leito da morte e experimentadas por pessoas que dizem ter visto esse afrouxamento, ou corte, do cordão magnético de prata. O Dr. Kenneth Ring, no seu livro “Life at Death”, cita vários casos e reproduz a seguinte e notável descrição dada por um médico, o Dr. R.B. Hout, que testemunhou a morte da sua tia. Durante a experiência, ele não só viu o cordão de prata, mas também o que a teosofista Madame Blavatsky chama de ruptura do “último cordão elétrico”. O médico conta a sua visão:

“Minha atenção foi chamada para algo logo acima do corpo físico, suspenso no ar cerca de sessenta centímetros acima da cama. No primeiro instante não podia distinguir nada mais do que o vago esboço de uma substância enevoadada, parecida como uma neblina. Parecia haver apenas uma névoa suspensa lá, imóvel. Mas, à medida que eu olhava, muito gradualmente, surgiu diante dos meus olhos algo mais denso, mais sólido, uma condensação daquele inexplicável vapor. Então, fiquei atônito ao ver que estavam-se apresentando contornos definidos, e em seguida percebi que aquela substância enevoadada estava assumindo uma forma humana. Pouco depois, notei que o corpo que estava vendo, assemelhava-se com o corpo físico da minha tia; o corpo astral estava pairando suspenso horizontalmente a menos de um metro acima da sua contraparte física. Continuei a observar, e o Corpo de Espírito pareceu ficar completo diante dos meus olhos. Vi as feições do rosto perfeitamente. Eram semelhantes às do rosto físico, mas nelas havia um brilho de paz e força em vez de velhice e dor. Os olhos estavam fechados, como se num sono tranquilo, e parecia irradiar-se uma luminosidade do Corpo de Espírito. Enquanto eu observava o Corpo de Espírito suspenso, a minha atenção foi chamada para uma substância semelhante à prata, que passava da cabeça do corpo físico para a cabeça do “duplo” espiritual. Então vi o cordão que conectava os dois corpos. Ao mesmo tempo que eu observava, um pensamento: “O cordão de prata!” - não parava de passar pela minha mente. Eu sabia, pela primeira vez, o significado

desta expressão. Aquele “cordão de prata” era a ligação entre o corpo físico e o espiritual, da mesma forma que o cordão umbilical une a criança à sua mãe.

O cordão estava ligado à protuberância occipital, na base do crânio. Exatamente onde se encontrava com o corpo físico, ele se abria como um leque, e numerosas e pequenas ramificações se diversificavam e ligavam-se separadamente à base do crânio. Exceto no ponto em que ocorriam as ligações, o cordão era circular e tinha, talvez, dois centímetros e meio de diâmetro. Ele era de uma luminosidade prateada e translúcida. O cordão parecia estar cheio de uma energia vibrante. Eu podia ver, ao longo do seu curso, as pulsações do jorro de luz do corpo físico para o “duplo” espiritual. Com cada pulsação, o Corpo do Espírito tornava-se mais vivo e mais denso, enquanto o corpo físico se tornava mais quieto e já quase sem vida. Então as feições ficaram mais nítidas. A vida estava toda no corpo astral; as pulsações do cordão haviam parado. Olhei para a grande quantidade de ramificações do cordão na base do crânio. Uma ramificação após a outra se rompia. A separação final era iminente. Um processo duplo de nascimento estava por acontecer. O último elo de conexão do cordão de prata tinha sido cortado, e o Corpo do Espírito estava livre. Então veio o momento, dramático, em que o corpo luminoso se levantou da sua posição de repouso. Os olhos se abriram e um sorriso nasceu das suas feições radiantes. Ela me deu um sorriso de despedida, e desapareceu da minha vista”.

Também a indústria cinematográfica está cada vez mais investindo nesta temática, como aconteceu com “Além da Eternidade” (1989), a refilmagem feita por Steven Spielberg do filme “A Guy Named Joe: Eternity” (1943), no qual os protagonistas precisam resolver um romance em uma vida passada a fim de encontrar a felicidade no presente; e “Ghost, Do Outro Lado da Vida” (1990), no qual o espírito do protagonista (Patrick Swayze) volta para salvar sua esposa do perigo, interpretada por Demi Moore.

Para finalizar este capítulo, nada melhor do que deixar nosso coração vibrar a sua verdade mais latente, confirmando a veracidade da “vida depois da vida”, ao sentir no seu âmago o relato de um espírito recém-desencarnado, através da psicografia do renomado sensitivo, Prof. Wagner Borges:

*“Mãe e Pai,
Estou partindo, pois chegou a minha hora.
O céu me chama e meus amigos astrais me esperam contentes.
Flutuo imersa na luz pura da alma.
Escuto músicas muito lindas.
Estou voltando para casa e sei que já vivi antes.
Lembro-me vagamente de outras vidas e meus amigos astrais
dizem-me que me lembrarei de tudo em breve.
Mãe querida, você é uma pessoa valorosa e muito determinada.
Pai querido, você é um amigo e admiro-o muito.
Agradeço a vocês o amor que me dedicaram.
Sei que fariam tudo por mim, mas meu verdadeiro Pai me quer de
volta nos reinos espirituais.
Vocês são espiritualistas e entendem bem essas coisas.
Fiquei aí o tempo que tinha que ficar.
Eu me lembrarei sempre de vocês com muito carinho, pois, além
de pais, vocês são meus irmãos espirituais.
Vou embora na luz que me guia.
Dormirei um pouco e quando acordar, serei “EU MESMO”
novamente, sem o condicionamento humano.
Pertencço a uma “linha espiritual” de hindus que trabalha nas
“fronteiras espirituais “ do Ocidente.
Podemos reencarnar em vários lugares, mas sempre que saímos
do corpo transitório, voltamos à convivência espiritual.
Mãe e Pai, desculpem-me por dizer as coisas deste jeito, mas não
pertencço a vocês.
Os poucos anos que passei por aí, “vestido de corpo infantil*

feminino”, foram-me muito úteis e também para vocês, pois aumentou o brilho do nosso amor. Vamos nos reencontrar na hora certa que o Pai determinar.

Continuem firmes no trabalho espiritual, pois agora, além de filha, também sou “amparador” de vocês”.

CAPÍTULO VI

EXPERIÊNCIAS DE QUASE-MORTE

“Para os bons cidadãos comuns, a morte é uma continuação do processo de vida em sua consciência e um prosseguimento dos interesses e tendências da vida. Sua consciência e seu sentido de percepção são os mesmos e inalterados”. (219)

Alice Bailey

Todos aqueles que já passaram por uma EQM, certamente, perderam o medo da morte. Experiência que, meu amigo leitor, você já deve ter ouvido falar de casos deste tipo de algum amigo, parente ou conhecido próximo.

Uma EQM-Experiência de Quase-Morte (NDE- Near-Death Experience), às vezes chamada de experiência de pseudomorte, é aparentemente, uma experiência sobrenatural por que passaram os indivíduos que sofreram morte aparente e depois foram resgatados à vida. O estudo científico e sistemático das EQMs é recente, embora relatos possam ser encontrados na literatura e nos documentos históricos, datados de centenas de anos, tais como dos de antigos filósofos como Platão, e de escritores modernos como Melville e Tolstói. Um pequeno número de casos foi coletado por investigadores interessados, inicialmente, no século XIX, especializados e pioneiros em pesquisa psíquica como Edmund Gurney, Sir William Barrett e James H. Hyslop, que também estudaram visões no leito de morte, elementos comuns das EQMs. Entretanto, foi apenas após o advento de técnicas médicas de ressuscitação, como o moderno método cardiopulmonar, que as EQMs se tornaram em fenômeno bastante popular.

O principal impulso para os estudos atuais das EQMs foi a publicação, em 1975, do livro “Vida Depois da Vida” pelo psiquiatra Raymond A. Moody, que retomou pesquisas anteriores sobre o assunto, feitas por médicos como Elisabeth Kubler-Ross e Russell Noyes.

Este tipo de experiência, é vivenciado muito por doentes terminais, pacientes acidentados, ou aqueles que sofreram choques cirúrgicos; pois é quando acontece do paciente

entrar em coma e o seu espírito ser projetado para fora do seu corpo físico e ficar “flutuando”, observando as tentativas para reanimá-lo, às vezes vai em direção a um túnel de luz e encontra parentes ou amigos desencarnados, que lhe dizem não ser ainda o momento oportuno para seu desencarne, orientando o paciente a retornar à vida no corpo físico. Ao despertar, reconectando o seu espírito ao seu corpo físico, o paciente, geralmente, relata com detalhes, a experiência vivida e comunica, com precisão, o que aconteceu com ele, enquanto estava “desacordado”.

O escritor Ernesto Bozzano no seu livro “A Crise da Morte”, relata algumas das características desta experiência:

“Finalmente, afirmam em uníssono que algumas vezes, quando se encontram sós e tomados de incertezas e perplexidades de toda sorte, percebem uma voz que lhes chega de longe e os aconselha sobre o que devem fazer. É uma voz vinda de Espíritos amigos que, tendo-lhes percebido de modo telepático os pensamentos, se apressam em lhes transmitir seus conselhos”. (220)

A ciência denominada de Tanatologia estuda este fenômeno natural conhecido como morte, que ainda é envolvida por muitos tabus, medos e preconceitos e, no entanto, não passa de um fato inerente ao ser humano.

O estudo da morte, tratado de uma forma mais científica e humana, por estudiosos com a mente aberta, certamente, facilitará o momento de transição, de passagem para o plano espiritual.

Uma prova da popularidade e aceitação das EQM, foi uma reportagem de capa da Revista “ISTO É”, de 15.07.98, com o título “Eu Vi a Cara da Morte”, escrita por Valéria Propato.

Os relatos transcritos na revista abordam sentimentos de “amor indescritível num local celestial”, registros de “estar voando”, atravessando portas e janelas, ou ainda, “estar flutuando” sobre o seu corpo físico na sala da UTI, e, em alguns casos, uma grande “sensação de vazio”, num verdadeiro caleidoscópio de opções que, ao nosso ver, variam conforme: o conceito e sentimento individual sobre a vida e a morte; sua filosofia de vida, com maior ou menor apego ao próprio corpo físico e aos bens materiais; sentimento quanto às relações sociais, familiares, afetivas, etc.; além das convicções religiosas e sensibilidade psíquica, que todos naturalmente

trazemos.

Assim como na matéria citada, é interessante notar que boa parte dos pesquisados pelo Dr. Moody, bem como pela Dr^a Elizabeth Kubler Ross, na sua obra “Sobre a Morte e o Morrer”, ou ainda pelo Dr. George Ritchie, no seu livro “Voltar do Amanhã”, demonstram que pacientes detentores de tais vivências, passaram a ter uma atitude mais séria, ética e responsável diante da humanidade e de si próprios, muitas vezes buscando atividades espiritualizantes, a fim de melhor agradecer a oportunidade de continuar vivendo (no mundo físico), o que levou a radialista Maria Aparecida Cavalcante a afirmar, após uma dessas experiências: “Sou uma pessoa mais tranquila e muito mais ética. Isso aqui (vida física) é apenas um laboratório. Temos que fazer o bem”.

Tais relatos servem para comprovar, que a alma ou espírito é o verdadeiro receptáculo da nossa vida, sendo o corpo físico um mero veículo de manifestação nesta dimensão mais densa; sendo oportuno lembrarmos a lição de Camille Flammarion, no seu livro “A Morte e o seu Mistério”:

“Para resolver o mistério da morte, para estabelecer a sobrevivência da alma, é preciso convencer-nos, primeiro, de que a alma existe, individualmente, existência demonstrada por faculdades especiais, extra-corpóreas, que não podem ser assimiladas a propriedades do cérebro material, a reações químicas ou mecânicas; faculdades essencialmente espirituais, como a vontade atuando sem a palavra, a auto-sugestão produzindo efeitos físicos, os pressentimentos, a telepatia, as transmissões intelectuais, a leitura num livro fechado, a vista pelo espírito dum região longínqua, uma cena ou uma ocorrência futura, todos os fenômenos fora da esfera de ação do nosso organismo fisiológico, sem medida comum com as nossas sensações orgânicas e provando que a alma é uma substância que existe por si mesma”. (221)

Podemos, facilmente, constatar que a morte é apenas uma mudança de estado de consciência e do plano de manifestação; porquanto o espírito é o verdadeiro brilho da estrela, que se vai, restando o corpo como revestimento denso, que voltará à terra e será reciclado, conforme a lei de Lavoisier que diz: “Na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”.

O psiquiatra tcheco Stanislav Grof, com mais de 30 anos de pesquisas nesta área e sua esposa, a psicoterapeuta Christina Grof, tecem suas conclusões a respeito das EQM,

no livro “A Tempestuosa Busca do Ser”:

“Embora haja variações individuais, as experiências das pessoas que chegaram próximas à morte parecem seguir um padrão geral: a vida toda de alguém até esse ponto, pode ser revista de forma condensada, pitoresca e inacreditável, em poucos segundos. A consciência pode se separar do corpo e se movimentar com grande liberdade e independência. Às vezes pode flutuar acima da cena do acidente e o observa com curiosidade e com um divertimento descomprometido; outras vezes, viaja para lugares distantes.

Muitas pessoas passam através de um túnel escuro ou um funil para uma fonte de luz, cuja radiação e brilho estão além da imaginação humana. Essa luz tem uma beleza extraordinária e sobrenatural, e é dotada de características pessoais precisas. Irradia amor, perdão e aceitação total e infinita. Moody usa o termo “ser de luz” para descrever a natureza dessa experiência; muitas pessoas se referem a isso bem explicitamente como Deus. Esse encontro tem, em geral, a forma de uma troca íntima e pessoal que envolve profundas lições sobre a vida e as leis universais; isto proporciona um contexto para olhar para o próprio passado e avaliá-lo por esses padrões cósmicos. À luz dessa nova informação, a pessoa toma a decisão de resistir em voltar à realidade comum. Quem já passou por essa experiência e volta à vida, geralmente retorna com uma profunda determinação de viver de um modo que seja compatível com os princípios que aprendeu.

As experiências próximas à morte podem assim ser poderosos catalisadores do despertar espiritual e da evolução da consciência. Um encontro com a fonte transpessoal na forma de um “ser de luz” leva a mudanças profundas da personalidade, que são muito semelhantes aos efeitos colaterais das experiências espontâneas de pico descritas por Maslow: um aumento do amor-próprio, da autoconfiança e uma diminuição do interesse pelo status, pelo poder e pelas atividades materiais. Tais mudanças estão associadas a uma maior valorização da natureza e da vida, a uma grande preocupação com a ecologia e ao amor pelos seres humanos. No entanto, sua consequência mais notável é o despertar de uma espiritualidade que tem uma qualidade universal. Transcende os interesses divisórios do sectarismo religioso e assemelha-se às melhores tradições místicas e às grandes filosofias espirituais do Oriente, em sua qualidade abrangente e em sua transcendência dos limites comuns.” (222)

CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS

Hoje, a medicina moderna oferece técnicas de ressurreição que, frequentemente, têm trazido, de volta à vida, pessoas que morreram súbita e inesperadamente, por ataque do coração, afogamento ou em acidentes automobilísticos. Posteriormente, essas pessoas teriam descrito estranhas experiências ocorridas durante suas viagens temporárias para o “reino dos mortos”: muitas diziam terem sido ‘recebidas’ por amigos e parentes falecidos, por ‘auxiliares espirituais’ ou por ‘um ser de luz’. Mas, na verdade, muitos, conseguiram entrar naquele reino ainda vivos enquanto padeciam no plano físico. Aqueles que entram gradualmente no “reino dos mortos”, em decorrência de câncer, de uma doença séria ou da degeneração do corpo, relatam terem chegado lá antes da hora! E, antes da morte, propriamente dita, descrevem uma alegria intensa, serenidade e a visualização de um mundo de beleza estonteante, tal como aqueles que ressuscitaram de uma morte súbita; sendo estas experiências, aparentemente universais entre os seres humanos e conhecidas como “visões no leito de morte”.

Podemos reunir as principais características das EQM, segundo o pioneiro no seu estudo Dr. Raymond Moody Jr:

“1. Inefabilidade: as sensações são inexprimíveis em linguagem corrente.

2. Ouvir a notícias: o paciente geralmente ouve a notícia de que está morto, dada pelo médico ou pelas pessoas que o estão socorrendo.

3. Sentimento de paz e quietude: uma sensação de alívio, relaxação e paz é o que a maioria dos moribundos percebe no transe final.

4. O ruído: sensações auditivas estranhas, algumas desagradáveis, ocorrem na maioria dos casos; são descritas como semelhantes a toques da campainha, zumbido, assobio de vento, etc.; em alguns casos, há menção de música agradável.

5. O túnel escuro: a experiência de estar atravessando ao longo de um túnel é muito comum; nem todas as pessoas usam a mesma imagem descritiva, algumas referem-se a caverna, poço, buraco, funil, vácuo, vale, cilindro, etc.

6. Fora do corpo: esta é uma das experiências mais frequentes relatadas pelos pacientes; a pessoa sente-se flutuando livremente no espaço e, algumas vezes, pode avistar o próprio corpo no leito

(autoscopia), bem como as pessoas ao seu redor.

7. *Encontrando outros: o moribundo passa a ver outras pessoas conhecidas e mesmo desconhecidas, em seu ambiente; tais aparições são predominantes de pessoas já falecidas; as pesquisas do Dr. Karlis Osis dão grande relevo a esta fase, pois é um dos aspectos mais frequentes e marcantes revelados em seus levantamentos feitos nos EUA e na Índia; geralmente tais aparições vêm para buscar o paciente que está à morte.*

8. *O “Ser de Luz”: diz o Dr. Moody Jr. que o que lhe pareceu o mais incrível elemento comum dos relatos por ele estudados, e é certamente o evento cujo efeito sobre o paciente se mostra o mais profundo, é o encontro com uma “luz muito brilhante”; segundo o Dr. Moody, apesar da manifestação inusitada da luz, ninguém expressou qualquer dúvida de que se tratasse de um ser, um “Ser de Luz”; embora a descrição do “Ser de Luz” seja invariável para todos os indivíduos, a sua identificação varia conforme os antecedentes religiosos, a educação ou crença de cada pessoa.*

9. *A recapitulação: após a aparição do “ser de Luz”, sobrevem a recapitulação panorâmica da vida do moribundo; esta recapitulação pode ocorrer também independentemente da visão do “Ser de Luz”.*

10. *Voltando: o ser de luz às vezes diz aos moribundos que eles precisam voltar para a vida. Outras vezes, é dada a opção de ficar ou voltar. Em ambos os casos, ficam relutantes em voltar. As pessoas que escolhem voltar o fazem somente por amor aos entes queridos que não querem deixar para trás”. (223)*

FIGURA 3 - ATRAVESSANDO O TÚNEL DE LUZ,
por Hieronymus Bosch (296)

O fenômeno da recapitulação ou evocação da memória panorâmica, foi objeto de estudo específico do famoso psicólogo americano, Dr. Stanley Krippner, Diretor do “Saybrook Institute”, San Francisco-EUA, que tive a oportunidade de assistir em algumas conferências na UNIPAZ-BA.:

“Algumas pessoas relatam, ocasionalmente, uma sensação de consciência plural, quando parecem estar presentes em cada uma das cenas de sua vida enquanto, simultaneamente, observam esses eventos, como se o fizessem a partir da perspectiva de uma terceira pessoa.

As pessoas relatam que durante essa visão panorâmica sua atividade

mental fica extraordinariamente acelerada. Os pensamentos se processam num ritmo indescritivelmente veloz, tão veloz que é inconcebível por pessoas que não tenham experimentado diretamente esse estado de consciência. Contrastando com essa aceleração mental e, num certo sentido, numa aparente correlação com ela, as pessoas relatam impressões de que o tempo exterior ou ambiental transcorre mais lentamente: nesses casos, parece que o tempo vai se alargando ou se expandindo enquanto os acontecimentos da vida que estão sendo examinados minuciosamente parecem estar ocorrendo continuamente num ritmo mais lento. À medida que a visão vai se desenvolvendo, a capacidade pessoal de ver e compreender as coisas é sensivelmente ampliada. Em consequência dessa compreensão ampliada, as pessoas se julgam capazes de apreender e digerir intelectualmente, de imediato, a totalidade de suas vidas, que emerge numa visão panorâmica.

Outro aspecto surpreendente da revisão da vida é a avaliação que, com frequência, as pessoas fazem de seu comportamento na vida, enquanto testemunham a visão. Acreditam, muitas vezes, que estão de certa forma julgando a si mesmas, examinando se viveram bem e quanto aprenderam no decorrer de sua vida. Outras relatam uma sensação de estarem sendo julgadas ou responsabilizadas por suas vidas, pelo menos algumas vezes por uma aparente presença espiritual superior. Embora, em sua maioria, as pessoas que passam por uma EQM sintam-se atemorizadas, enquanto assistem à revisão de sua vida e se lembram da visão sob uma luz positiva ou até mesmo estática, pelo menos uma delas chegou a acreditar que estava condenada ao inferno depois de testemunhar a visão". (61)

Outrossim, o Dr. Scott Rogo relacionou os principais componentes repetidos nas suas pesquisas sobre as EQMs:

"A EQM pode começar quando o moribundo ouve um barulho estranho no ouvido, tal como um zumbido ou o som de um movimento violento; em seguida, o indivíduo é tomado por uma profunda sensação de calma e paz interior; o moribundo deixa seu corpo ou repentinamente se vê olhando o próprio corpo de cima para baixo, a partir de uma perspectiva extracorpórea; uma vez que os sentidos do paciente ainda estejam funcionando, ele poderá ouvir o que está acontecendo em volta de seu corpo. Ele poderá, por exemplo, ver e ouvir médicos e enfermeiras tentando

ressuscitar seu corpo; o paciente poderá perceber que a “alma” está envolta em seu corpo espiritual, o qual pode se mover impulsionado pela simples vontade; o paciente ou indivíduo, em seguida, experimenta uma revisão paranormal de toda a sua vida; tendo concluído a revisão, o sujeito entra em um vácuo escuro (porém, não assustador) ou flutua através de um túnel; no final do túnel ou durante a jornada, o moribundo percebe a presença de uma luz intensa e confortadora; a luz poderá envolver a pessoa, ou poderá conduzi-la a um reino de beleza incomparável, este reino é frequentemente comparado ao paraíso da Bíblia; o moribundo poderá em seguida, encontrar um ser espiritual, que pode ser um amigo ou parente falecido, ou poderá ser Deus ou uma figura semelhante a Deus; os seres poderão ordenar que o indivíduo volte para seu corpo físico ou perguntar se deseja ficar ou não; algumas vezes, a pessoa sente que decidiram por ela e volta para seu corpo físico contrariada”. (224)

O pesquisador P.M.H. Atwater passou por 3 EQMs no ano de 1977 e desde então têm devotado sua vida na análise deste fenômeno, através de milhares de entrevistas, concluindo sobre as reações mais comuns:

“As Reações Negativas:

Raiva, por terem sido revividos e forçados a sair de onde quer que estivessem.

Culpa, por não sentirem falta nem se preocuparem com as pessoas que lhes são caras.

Desapontamento, pela descoberta de que estão novamente revestidos pelos seus corpos físicos e que terão novamente de respirar, comer e ir ao banheiro.

Horror, se suas experiências foram assustadoras ou infernais ou desagradáveis.

Embaraço, quando querem falar mas não conseguem ou têm medo.

Depressão, quando percebem que agora devem retomar suas vidas anteriores, que têm de encontrar um meio de levar adiante suas vidas comuns, independentemente do que aconteceu com eles.

As Reações Positivas:

Êxtase, devido ao milagre, beleza e glória de tudo isso.
Excitação, porque se sentem muito privilegiados por terem experimentado um tal milagre.
Gratidão, que algo tão incrível pudesse ter acontecido com eles.
Admiração, possivelmente porque se sentem impossibilitados de falar ou de achar as palavras para se expressar.
Evangelização, um desejo imediato de contar aos outros as boas novas sobre a morte, Deus e o poder do amor.
Humildade, pela grandeza do episódio e do que ele pode acarretar”.
(225)

EQM - ATRAVÉS DOS TEMPOS

Já que as Experiências de Quase Morte representam encontros humanos comuns, não é de se surpreender que tenham sido relatadas desde tempos imemoriais; formando um corpo de literatura importante, porque, ao examiná-los, o estudante da pesquisa sobre o limiar da morte pode determinar se tais experiências tendem a ser relatadas diferentemente em sociedades distintas ou permanecem constantes de uma cultura e outra.

Provavelmente, o caso mais antigo e o mais celebrado de EQM foi reportado pelo famoso filósofo grego Platão (427-347 a.C.) no seu livro “A República”, no qual ele cita o caso de Er, um soldado tido como “morto” durante uma batalha. Enquanto o corpo do soldado jazia sobre o campo, sua alma realizou um vôo. Acompanhada pelas almas de vários soldados companheiros, a alma de Er experimentou uma viagem ao outro mundo, chegando a uma terra estranha, onde foram todas julgadas; tendo visto outras almas escolhendo suas encarnações subsequentes e, depois, bebendo do “Rio do Esquecimento”, visando obliterar as memórias passadas. A Er foi proibido beber desse rio e, posteriormente, desmaiou e somente acordou a tempo na sua pira funerária; valendo salientar, que os estudantes da experiência do limiar da morte gostam de mencionar a história de Platão, sugerindo que é uma prova incontestada da universalidade dos relatos de EQM.

O historiador Ioan-P. Couliano, especialista em Antiguidade, recorda o mito de Arideu, que resume em parte a doutrina de Plutarco (filósofo grego). Arideu era desonesto, e o

oráculo previu-lhe que ele seria mais feliz depois da morte. “Um dia, ele caiu de uma certa altura, bateu com a nuca e morreu, mas não de algum ferimento, somente da pancada na cabeça. No terceiro dia, quando se preparavam para enterrá-lo, ele recuperou suas forças e, voltando à vida, teve uma incrível mudança de comportamento. Os cilícios não conheciam homem mais justo, mais poderoso, mais íntegro”. Inclusive, esta modificação de sua condição exterior e interior foi marcada pela mudança do próprio nome, passando a chamar-se Tespésio, nome que faz alusão “as coisas divinas e estranhas”. É fato notório que os indivíduos, ao se depararem com a morte ou que foram declarados clinicamente mortos, retiram dessa experiência novas perspectivas sobre a morte. Perdem-lhe o medo e passam a considerá-la de maneira positiva (que não chega, evidentemente, ao ponto de desejá-la...). E, mais importante, não duvidam mais da possibilidade de pós-vida depois da morte do corpo físico. A continuação da consciência para além da destruição física torna-se para eles um fato empírico, uma certeza.

Fato semelhante aconteceu com o apóstolo Paulo, que relatou sua experiência pessoal na segunda Epístola aos Coríntios, capítulo 12, da Bíblia; enfatizando que um cristão foi levado para o terceiro céu, “se no corpo não sei, se fora do corpo, não sei, Deus o sabe. Eu sei que esse homem foi arrebatado ao paraíso - se foi com seu corpo ou não, eu não sei, mas Deus o sabe”. A essa altura da história, a experiência daquele indivíduo (ou a visão de São Paulo), combina ainda mais intimamente com muitos relatos contemporâneos de EQM.

Também, São Gregório (540-604 d.C) relata no seu livro de milagres, “Diálogos”, alguns casos, que ele teria testemunhado; sendo o primeiro deles a história de um eremita que reviveu após a morte, e relata sua experiência aos seus amigos. A viagem ao outro mundo feita por este homem pobre é verdadeiramente assustadora, uma vez que ele vê vários homens poderosos atormentados pelo fogo. A cena é, finalmente, interrompida por um anjo brilhante, ao ordenar que ele volte para a terra, sugerindo, naturalmente, que ele fizesse bom uso de suas observações privilegiadas! A segunda história do papa Gregório concentra-se em temas semelhantes, onde um comerciante de nome Estéfano passa pelos tormentos do inferno, durante um contato íntimo com a morte. São Gregório afirmou que ele, pessoalmente, tinha investigado a história e entrevistado o comerciante. Quando se encontraram, afirmou o Papa, o homem contou que havia sobrevivido à EQM porque não estava na sua hora de morrer.

CASOS PRÁTICOS ATUAIS

Temos milhares de casos catalogados, em centenas de livros e estudos científicos, envolvendo esta temática tão palpitante, sendo bastante elucidativa a transcrição e análise de alguns destes fenômenos, que comprovam a imortalidade do espírito.

Inicialmente, tomaremos como exemplo um caso fornecido pela especialista em Tanatologia, a Dr^a Elisabeth Kubler-Ross, analisado pelo Dr. Hernani Guimarães Andrade.

“Em fevereiro de 1979, Catherine foi diagnosticada como tendo uma moléstia fatal: a Doença de Hodgkin. Após ter permanecido em remissão por quatro anos, a moléstia voltou à fase ativa novamente.

Conforme a própria paciente contou à Dr^a Kubler-Ross, ela estava intimamente satisfeita com a perspectiva de vir a morrer devido à doença, quando os médicos advertiram-na da reincidência do mal. Ela sofrera tanto, que a morte não lhe causava mais temor. Depois de haver encaminhado os filhos à tutela do ex-marido, e ter-se preparado convenientemente, seguiu para o hospital em companhia de uma amiga, Ana, dia 30 de junho de 1974. Catherine passava então muito mal:

- “A última coisa de que me lembro era estar caminhando dentro da Sala de Emergência. Quando acordei, achava-me na Unidade de Terapia Intensiva, com tubos e fios ligados em mim. Ouvi um alarme e vi uma enfermeira caminhar em direção à minha cama. Então, repentinamente, achei-me flutuando sobre meu leito, observando a atividade ao redor do corpo de baixo - meu corpo.”

Esta fase é frequentemente assinalada nos casos de moribundos em vias de falecer, e mesmo em certos casos de anestesia geral. É a projeção do corpo astral - desdobramento - que precede o desligamento definitivo do espírito. Vamos acompanhar a descrição, do episódio que estamos focalizando aqui:

- “Enquanto observava o médico reclinado sobre aquela forma, senti-me muito leve e livre. Era um alívio achar-me solta daquela gaiola em derrocada. Então pareceu-me passar rapidamente através de uma espécie de túnel em direção a uma luz. Pude ver diante de mim uma forma que eu sabia ser Deus. Atirei-me em seus braços, sentindo-me finalmente segura e feliz”.

Esta característica dos últimos momentos - o túnel, a luz, o ser que é tomado por Deus, a sensação de segurança e felicidade

- é também muito comum. Alguns viajores astrais - pessoas que experimentaram a projeção da consciência - também já relataram ocorrências semelhantes.

Mas nem sempre o moribundo pode ficar. Há casos em que ele é concitado a voltar, como foi o caso de Catherine Hayward. Esta ouviu as seguintes palavras:

- “Você precisa voltar. Precisa aprender a ser uma criança. Isto é algo que Você não experimentou. É tempo de Você ter aceito sua missão”.

Logo a seguir, Catherine notou que estava sendo empurrada para trás e sentiu intenso sofrimento. Ela gritou ao lutar para não ter de retornar àquela forma inanimada no leito. Os médicos conseguiram ressuscitá-la. Ela voltou à vida, mas sentiu-se muito infeliz e deprimida. Daí ocorreu, mais tarde, uma grave recaída e ela entrou novamente em estado de choque:

- “O que eu percebi a seguir é que estava sendo transportada pelo corredor, de volta à Emergência. Então, mais uma vez ainda, encontrei-me fora do meu corpo, viajando através daquele túnel em direção à luz onde Ele esperava por mim. Assim que eu olhei para seus olhos, senti-me envergonhada e triste sem entender por quê. Afinal de contas, eu conseguira o que desejava - estar com Ele. Fitou-me tristemente e disse, ‘Minha compaixão trouxe Você novamente até Mim. Sei que Você deseja ficar comigo, mas há uma tarefa que Você deve cumprir primeiro. Se Você fizer como Eu peço, não lhe abandonarei e Você ficará sempre comigo’. Quando inclinei minha cabeça, ‘sim’, Ele sorriu, e daí foi embora”.

Depois disso, comecei a respirar outra vez e cada respiração era fácil, sem sofrimento. Percebi que estava curada e que isto era o começo de uma nova vida. Logo depois deixei o hospital para a alegria dos demais e da minha própria”.

Catherine recuperou-se totalmente, embora a sua moléstia houvesse sido considerada fatal. Sua vida também sofreu uma grande transformação em todos os sentidos. Atualmente ela é uma mulher sadia e feliz”. (226)

O escritor Patrick Drouot relata um caso de EQM, ocorrido com uma das maiores especialistas neste tema, a Dr^a Hélène Wamback:

“De fato, uma pesquisa realizada em 1982 pelo Instituto Gallup revelou que oito milhões de americanos já haviam passado pela experiência da “morte aproximada”, após a morte clínica ou o coma profundo. Muitos contaram, então, como na primeira etapa, se

viram flutuando fora do corpo. A Dr^a Hélène Wambach, psicóloga clínica, que também foi uma das pioneiras nas pesquisas sobre vidas anteriores, contou, a mim e a minha mulher, uma experiência similar, quando a visitamos em seu domicílio de Pinole, no outro lado da baía de San Francisco, em 1984. Hospitalizada devido a graves problemas cardíacos, ela sentiu-se deslizar para fora do corpo. Entretanto, pôde observar a equipe médica ao seu redor. Lembrava-se muito bem o cirurgião dando ordens rápidas às enfermeiras que se inclinavam sobre seu corpo. Ela mesma sentia um bem-estar idêntico ao descrito por Marcel. Alguns instantes depois - embora tenha perdido totalmente a noção de tempo - ouviu uma voz que a intimou: “Não é o momento; é preciso que você torne a descer”. Ela, então, novamente desceu para aquele corpo torturado (foi o segundo coma profundo numa mesa de operação), que ela deixou definitivamente, nas mesmas circunstâncias, em agosto de 1985”.

(4 2)

O escritor e sociólogo canadense Ian Currie, no seu livro “A Morte Não Existe”, relata dezenas de EQMs, estando abaixo transcrita uma muito interessante sobre congelamento;

“Estava sentindo uma dor insuportável à medida que o frio penetrava em meu corpo. A dor interrompeu todos os pensamentos, porém logo a seguir deu lugar a um calor brilhante que aos poucos foi me envolvendo. A dor foi então substituída por uma sensação de indescritível bem-estar e calor que brotava do âmago do meu ser. Comecei a ouvir uma música majestosa - que não parecia vir deste mundo, mas do firmamento, criando uma harmonia de tamanha beleza que parecia estar me elevando de forma transcendente. Até hoje permanece em meus ouvidos aquele som de intensa harmonia e graça, mesmo depois de passados 47 anos. Ao mesmo tempo, vi o brilho de uma luz que vinha do horizonte. Por um instante, me senti unida ao universo. O tempo, o espaço e eu éramos uma coisa só. Vivenciei o êxtase da unicidade e da beleza do universo. Quando acordei no hospital, vi que lutava contra aqueles que estavam tentando me salvar. Eu não queria voltar. Entretanto, logo a seguir meu corpo começou a sentir as picadas das agulhas e me percebi lutando pela vida novamente. O processo de morte por congelamento consistiu de dores atrozes e agonia intensa, mas a ‘morte’ propriamente dita foi tão linda que a palavra ‘agradável’ fica quase sem sentido”. (227)

Entendo ser oportuno contar um fato verídico acontecido com um grande amigo da minha família, Fernando D’Almeida, médico baiano e ex-presidente da FIEBA (Federação das Indústrias do Estado da Bahia), que relatou para mim sua EQM, ocorrida no Hospital da Beneficência Portuguesa de São Paulo, durante uma operação de “ponte de safena”, quando tinha 66 anos. No momento em que houve uma parada cardíaca, senti meu espírito projetado para fora do corpo físico e ficou flutuando, “em câmera lenta” sobre a mesa de cirurgia, observando, com serenidade, as tentativas dos médicos para reanimá-lo. Observou estar bastante relaxado, indo em direção a uma luz brilhante, quando se lembrou que talvez tivesse morrido, então, para testar esta hipótese, resolveu morder o seu braço; sendo, neste momento, puxado de volta para seu corpo físico e despertado.

Outrossim, a Dr^a Elisabeth Kubler-Ross, médica suíça pioneira no estudo das EQMs, relata outro caso importante do seu encontro com uma ex-paciente, já desencarnada, no seu livro mais recente “A Roda da Vida”:

“O pastor N., que provavelmente já estava planejando como escapar daquela situação, pulou para dentro do elevador como se fosse uma rede de segurança. Quando ele se foi, a mulher, a aparição, aquela visão, aproximou-se de mim.

- Doutora Ross, eu tinha de voltar - disse - Importa-se se formos para seu consultório? Só preciso de alguns minutos.

A distância dali até meu consultório era pequena. Mas foi o percurso mais estranho e arrepiante que jamais fiz. Será que eu estava tendo um surto psicótico? Estava realmente um pouco estressada, mas não a ponto de ver fantasmas. Especialmente fantasmas que paravam diante da porta de meu consultório, abriam a porta e deixavam-me entrar primeiro como se eu fosse a visitante. Assim que ela fechou a porta, porém, a reconheci.

- Senhora Schwartz!

O que eu estava dizendo? A senhora Schwartz morrera dez meses antes. E fora enterrada. No entanto, lá estava ela em meu consultório, de pé a meu lado, sua aparência era a mesma de sempre, agradável mas preocupada. Eu, decididamente, não me sentia da mesma maneira, portanto, sentei-me antes que desmaiasse.

- Doutora Ross, tive de voltar por duas razões - disse, claramente - Primeiro, para agradecer tudo o que a senhora e o reverendo Gaines fizeram por mim.

Toquei com a ponta dos dedos minha caneta, meus papéis e minha xícara de café para ter certeza de que eram reais. Eram tão reais quanto o som da voz dela.

- A segunda razão por que voltei, entretanto, foi para dizer-lhe que não desista de seu trabalho sobre a morte e o morrer... ainda não. A senhora Schwartz veio para o lado de minha escrivaninha e lançou-me um sorriso radiante. Tive um momento para pensar. Aquilo estava realmente acontecendo? Como ela sabia que eu estava planejando parar?

- Está me ouvindo? Seu trabalho apenas começou - disse. - Vamos ajudá-la.

Embora fosse difícil até para mim acreditar no que estava acontecendo, não pude deixar de dizer:

- Sim, estou ouvindo.

Subitamente, percebi que a senhora Schwartz já sabia o que eu estava pensando e tudo o que ia dizer. Decidi ter uma prova de que ela estava mesmo ali dando-lhe uma caneta e uma folha de papel e pedindo-lhe para redigir um bilhete para o reverendo Gaines. Ela rabiscou um rápido agradecimento.

-Agora está satisfeita? perguntou.

Para ser franca, eu não sabia bem o que estava sentindo. Um instante depois, a senhora Schwartz desapareceu. Procurei-a por toda parte, não encontrei, voltei correndo para meu consultório e examinei o bilhete dela, apalpando a folha de papel, analisando a caligrafia e assim por diante. Então me contive. Por que duvidar? Por que continuar questionando?

Como aprendi desde então, se não estivermos prontos para experiências místicas, nunca acreditaremos nelas. Se estivermos abertos, porém, essas experiências virão a nós, acreditaremos nelas e, ainda por cima, mesmo que o nosso destino dependa disso naquele instante, saberemos que são absolutamente reais". (228)

Por fim, vamos trazer a contribuição de Dr^a Cherie Sutherland, pesquisadora australiana, que já passou por uma EQM, narrada no seu livro "Dentro da Luz":

"Pessoas que passaram por experiências próximas à morte, sempre foram muito firmes em seu ponto de vista, de que nunca acabariam com suas próprias vidas e, sobretudo os que tentaram o suicídio, frequentemente expressaram gratidão por não terem tido sucesso em se matar. Descobriu-se que essa atitude não se devia tanto ao alívio de terem escapado de um destino abrasador, mas sim da compreensão de que os problemas dos quais tivessem tentando escapar, com a morte prematura, não iriam desaparecer". (229)

ESTUDOS CIENTÍFICOS E ESTATÍSTICAS

Por causa do sucesso inacreditável do livro “Vida Depois da Vida”, do Dr. Moody, diversos pesquisadores começaram a estudar a EQM por conta própria, usando métodos e padrões de comprovação de amostragem mais críticos. Especialmente importante é a pesquisa pioneira de dois pesquisadores: Dr. Kenneth Ring e Dr. Michael Sabom.

O Dr. Kenneth Ring era um psicólogo social respeitado da Universidade de Connecticut-EUA, quando leu pela primeira vez “Vida depois da Vida”, em 1977 e como era um cientista social por treinamento, sua primeira reação ao trabalho de Moody foi criticar sua metodologia.

Lembramos ter o Dr. Raymond Moody escrito que “qualquer pesquisador que entrasse nesse tipo de estudo, diligentemente, encontraria amplo material para estudo de caso”. O Dr. Ring acabou concordando com essa afirmação, uma vez que 48 por cento de seus informantes diziam ter passado por EQMs, muito parecidas com as anteriormente publicadas por seu antecessor.

O pesquisador Dr. Scott Rogo, também acompanhou a pesquisa do Dr. Kenneth Ring, tendo este segundo cientista concluído:

“As características da EQM não parecem ocorrer aleatoriamente. A EQM tende a se desdobrar em vários estágios sequenciais. Quanto mais profundamente o paciente penetra na EQM, mais estágios ele experimenta.

Por exemplo, embora 37 por cento dos informantes do psicólogo tenham relatado experiência extracorpórea, de alguma forma uma quantidade menor deles passou pelo efeito túnel ao entrar na escuridão. Apenas relativamente poucas pessoas experimentaram a luz clara ou seguiram viagem escatológica. Baseado na tabela do Dr. Ring dos estágios sequenciais de EQM, adotei livremente a Tabela IV que ilustra o fenômeno”. (224)

**Percentual de informantes de
EQM relatando as características**

1. Experimentou sensações de satisfação	60%
2. Deixou o corpo	37%
3. Entrou em um túnel ou na escuridão	23%
4. Percebeu uma luz intensa	16%
5. Penetrou na luz	10%

Já o Dr. Michael Sabom começou a pesquisar casos semelhantes, na esperança de encontrar maiores evidências da realidade objetiva da EQM, durante os anos entre 1977 e 1982, tendo encontrado seis casos, nos quais os pacientes descreveram corretamente suas operações; que foram, posteriormente, incluídos em seu livro intitulado “Recordações da Morte”, publicado em 1982.

No Brasil, o Reitor da UNIPAZ, Prof. Pierre Weil desenvolveu diversas pesquisas sobre o assunto na Universidade Federal de Minas Gerais, com a ajuda de estudantes da cadeira de Psicologia Transpessoal, tendo constatado, que no caso específico das EQMs, a característica mais frequente foi o encontro com seres em outra dimensão, como parentes falecidos, amigos, amparadores, que corresponde a 67,44% dos relatos. Inclusive, 62,79% dos casos descreveram a visão de uma luz indescritível; 53,48% experimentaram a experiência de saída do corpo físico; 30,23% comunicaram-se com um ser em outra dimensão e 25,58% perderam totalmente o medo da morte; ressaltando, ainda, o que se segue:

“Acontece que o mesmo fenômeno é descrito por inúmeras pessoas que tiveram morte clínica e foram reanimadas por processos médicos. O fenômeno tem sido objeto ultimamente de investigações sistemáticas (Moody, R.A., 1975; Kubler Ross, E., 1976).

Na Universidade Federal de Minas Gerais, com nossos estudantes de psicologia transpessoal, realizamos uma investigação... Havia também um grupo de relatos de experiência pré-morte: oito colhidos no Brasil e trinta e cinco na literatura estrangeira (Weil, 1977 b). Foram examinadas mais de seis mil frases e classificadas em mais de cem categorias diferentes”. (230)

O médico neurocirurgião, Dr. Francisco Di Biase, que já tinha brindado os leitores com sua obra “O Homem Holístico”, também adentra na pesquisa da EQM; no seu último livro “Caminhos da Cura”, em parceria com Mário Sérgio da Rocha:

“Destas pesquisas resultaram a publicação de vários livros, a divulgação de estudos em prestigiosos periódicos científicos como o “Journal of Psychiatry” e o “Journal of Nervous and Mental Disease;” a fundação da Associação Internacional para o Estudo de Experiências Próximas da Morte (endereço para contato: Department of Psychiatry, University of Connecticut. Health Center, Farmington, CT 06032), e o aparecimento do periódico científico “Anabiosis”, específico para a publicação de estudos relativos às EPMs. O Instituto de Pesquisas Gallup divulgou, em 1982, que oito milhões de norte-americanos passaram por uma experiência próxima da morte. Eis alguns dos impressionantes relatos de EPM obtidos pelo Dr. Raymond A. Moody Jr.:

1. *“Sofri um ataque cardíaco e me encontrei em um vácuo negro, e aí soube que tinha deixado para trás o meu corpo físico. Sabia que estava morrendo e pensei: ‘Ó Deus, fiz o melhor que eu sabia fazer na ocasião. Por favor, me ajude’. Imediatamente fui sendo movido para fora daquela treva, através de um cinzento pálido, e fui indo, flutuando e movendo-me rapidamente, e bem em frente, ao longe, via uma névoa cinza, e eu estava indo aceleradamente para lá. Não estava chegando tão rápido quanto queria e, à medida que ia me aproximando, dava para ver através dela. Além da névoa, podia ver bem as pessoas, e as suas formas eram as mesmas que tinham tido na Terra, e dava para ver também coisas que pareciam construções. Toda a cena estava permeada da mais encantadora luz - uma luz vívida, de brilho amarelo-ouro, de cor pálida, e não como o dourado berrante que conhecemos na Terra. Quando eu me aproximei mais, tive certeza de que ia passar através da névoa. Era uma sensação tão alegre e maravilhosa que não há palavras que possam descrevê-la. No entanto, ainda não tinha chegado a minha vez de ultrapassar a névoa, e isso porque vindo do outro lado instantaneamente apareceu na minha frente meu tio Carl, que tinha morrido muitos anos antes. Ele bloqueou minha passagem dizendo: ‘Volte. Seu trabalho na Terra ainda não acabou. Agora volte’. Eu não queria voltar, mas não tinha escolha e imediatamente estava de volta ao meu corpo. Senti aquela dor horrível no peito e ouvi meu filhinho chorando: ‘Deus, traga a minha mãe de volta’ “.*

(231)

A ARTE DE MORRER

Portanto, num certo sentido, a experiência do morrer e a EQM são, na verdade, muito prazerosos; pois relata-se universalmente que, uma vez superado o pavor de morrer, o processo passa a ser pleno de felicidade, de paz e de momentos extraordinários. Sendo estes estágios relatados no “Livro Tibetano dos Mortos”, ou Bardo Thodol e ao chegar neste ponto, todas as nossas inclinações cármicas, todos os nossos apegos, desejos e medos aparecem realmente bem diante de nossos olhos, por assim dizer, como num sonho, pois o bardo é uma dimensão puramente mental ou sutil, semelhante a um sonho, na qual tudo o que pensamos surge imediatamente como uma realidade. Entretanto, nos casos de EQM estudados, seus testemunhos constituem, não obstante, uma poderosa evidência de que esse processo realmente ocorre. Tudo neles se ajusta com notável e inconfundível precisão. Além disso, não é possível explicar seu testemunho alegando que todos eles estudaram o budismo tibetano; na realidade, a maioria dessas pessoas jamais ouvira falar nele. Mas suas experiências são essencialmente semelhantes às dos tibetanos, pois elas refletem uma realidade universal.

Este “Livro Tibetano dos Mortos”, tenta mapear os passos para uma “passagem” mais suave para o plano espiritual e segundo o Dr. Raimond Moody:

“O livro descreve também a sensação de imensa paz e contentamento que o moribundo experimenta, e ainda uma espécie de “espelho” no qual toda a sua vida, todos os seus feitos, bons ou maus, são refletidos vividamente para serem vistos tanto por ele como pelos seres que o estão julgando. Nessa situação, não pode haver distorções; mentir sobre a própria vida é impossível. Em resumo, ainda que o Livro Tibetano dos Mortos inclua muitos estágios posteriores da morte, que nenhum dos meus pacientes foi tão longe para experimentar, é mesmo óbvio que há uma similaridade extraordinária entre o relato desse velho manuscrito e os eventos que me foram narrados por americanos do século XX”.
(223)

O estado moral do espírito é fundamental no processo de desprendimento por morte natural, porquanto a afinidade entre o corpo e o perispírito decorre do apego que a pessoa

tem à vida material, sentindo que ela lhe escapa e quer retê-la; resistindo ao desencarne, gerando sofrimento e dor. Ao passo que a aceitação e o desapego conduzem a uma suave mudança, do plano físico para o espiritual. Assim sendo, o apego só traz sofrimento, seja em que momento for da vida ou da morte. A aceitação da impermanência em nossas vidas é fundamental para nossa paz de espírito.

Já na morte violenta, a vida orgânica é abruptamente rompida, com o desprendimento do perispírito, que só começa depois da morte; pois o espírito, colhido de surpresa, sente-se como perplexo, mas, ao perceber que pensa, ainda acredita estar vivo. Essa ilusão dura até que ele possa tomar conhecimento de sua nova situação, que varia de acordo com o caráter, os conhecimentos e o seu grau de evolução espiritual. Isto é o que pude observar, tendo tido a oportunidade de ajudar centenas de espíritos nesta situação, de desconhecimento da sua própria morte, nos últimos 5 anos, no “Santuário Luz e Vida”, durante nosso trabalho de esclarecimento e aconselhamento, daqueles espíritos que ainda se encontravam vagando entre os dois planos.

A renomada psicoterapeuta americana Chris Griscom, elenca conselhos importantes para facilitar o processo de desencarne:

“Você conhece a oração “Agora que vou deitar peço a Deus minha alma velar. Se morrer enquanto dormir, peço a Deus minha alma conduzir”?

O medo mental de morrer causa muitas sensações de dor, que normalmente atormentam as pessoas antes do estágio final da morte. A ansiedade causa a contração, o que resulta no aumento da dor.

No momento em que nos desprendemos do corpo há uma grande explosão de luz; é quando o corpo transcende a forma física e retorna às energias do Corpo de Luz. Somos feitos de luz. O DNA transmite seu código perfeito ao nosso Corpo Imutável, passando-o de célula em célula, com uma transmissão rodeada de luz ultravioleta no meio fluido de seu condutor. A morte, da mesma forma, é cercada de luzes infinitas. Em todas as histórias dos grandes livros, nas várias religiões e até mesmo nos relatos sobre outras dimensões que passamos à humanidade, a mensagem sempre se refere ao Corpo de Luz...

Há uma expressão americana que diz: “Há um bom dia para morrer!” Fala de uma filosofia na qual o corpo rende-se ao Grande Espírito,

faz o que tem a fazer com dignidade, sem resistência. Não significa render-se à depressão ou desistir de seus propósitos”. (232)

Ainda a Dr^a Elisabeth nos relata o momento de praticar o “silêncio que vai além das palavras”:

“Há um momento na vida do paciente em que a dor cessa, em que a mente entra num estado de torpor, em que a necessidade de alimentação torna-se mínima, em que a consciência do meio ambiente quase que desaparece na escuridão. É o período em que os parentes andam para lá e para cá nos corredores dos hospitais, atormentados pela expectativa, sem saber se podem sair para cuidar da vida ou se devem ficar por ali esperando o instante da morte. É o momento em que é tarde demais para palavras, em que os parentes gritam mais alto por socorro, com ou sem palavras. É tarde demais para intervenções médicas (que são duras demais quando acontecem, apesar da boa intenção), mas é também cedo demais para uma separação final do agonizante. É o momento mais difícil para um parente próximo, pois ele também deseja que tudo passe, que tudo termine; ou agarra-se desesperadamente a alguma coisa que está prestes a perder para sempre. É o momento da terapia do silêncio para com o paciente, e de disponibilidade para com os parentes.

O médico, a enfermeira, a assistente social ou o capelão podem ser de grande valia nestes momentos finais, se souberem entender os conflitos da família nesta hora e ajudar a escolher uma pessoa mais tranquila para ficar ao lado do agonizante, pessoa que se torna de fato o terapeuta do paciente.

Os que se sentem abatidos demais podem receber assistência sendo aliviados de sua culpa ou assegurados de que alguém ficará com o moribundo até o desenlace. Podem, então, voltar para casa sabendo que o paciente não morrerá sozinho, sem se sentirem culpados ou envergonhados por se terem esquivado deste momento, para muitos tão difícil de enfrentar.

Aqueles que tiverem a força e o amor para ficar ao lado de um paciente moribundo, com o silêncio que vai além das palavras, saberão que tal momento não é assustador nem doloroso, mas um cessar em paz do funcionamento do corpo.

Observar a morte em paz de um ser humano faz-nos lembrar uma estrela cadente. É uma entre milhões de luzes do céu imenso, que cintila ainda por um breve momento para desaparecer para sempre na noite sem fim”. (233)

Para finalizar este capítulo, traz o interessante relato de uma EQM, vivenciada pelo ilustre psicoterapeuta e escritor, Jean-Yves Leloup, no seu mais novo livro “A Arte de Morrer”:

“Nos testemunhos de experiências de morte clínica, a maior parte das pessoas dizem “voltar” com uma renovada confiança, um real sentimento de segurança. De fato, já não têm medo... Será que a experiência de morte iminente constitui uma abertura, entre outras coisas, para um campo de percepções completamente novo?

Marie de Hennezel - com certeza, porque afinal é uma experiência. Não se trata de um pensamento ou de um dogma; além disso, as pessoas que a relatam fizeram, realmente, a “experiência” dela. Seja qual for a maneira como é interpretado seu sentido, terá um valor em si mesma porque foi sentida profundamente. As pessoas “voltam” apaziguadas, transformadas, e ficam muito mais perto de si mesmas, do essencial, como tivessem descoberto, finalmente, o que importa na vida. Justamente, perceberam que não se identificam com o corpo físico; afinal de contas, este não passa de um invólucro. A metáfora da lagarta e da borboleta, que devemos a Elizabeth Kubler-Ross, aponta exatamente nesse sentido. Portanto, a verdadeira dimensão do ser não está ligada ao corpo físico, uma vez que, muitas vezes, durante essas experiências, as pessoas vêem seu corpo à distância e, no entanto, sentem que continuam inteiras, intatas, fora do corpo. De fato, elas conseguem ter uma verdadeira percepção sensorial de seu “corpo pneumático”.

Jean Y. L. - quanto a mim, a experiência de morte clínica foi um retorno a uma confiança perdida há muito tempo, sem dúvida, desde o meu nascimento. É por isso que, às vezes, eu digo, sob forma de brincadeira, que afinal é importante morrer uma vez na vida... Por exemplo, “desde que eu morri”, já não tenho vontade de suicidar-me! Continuo da mesma forma desesperado, mas já não tenho vontade de suicidar-me. Agora, aconteça o que acontecer, haja o que houver, a Vida está aí, e essa Vida não sou eu. Meu “eu” continua vivendo diferentes experiências, mas desta vez animado de uma confiança reencontrada, sem expectativas. De seres humanos fixados em nossos projetos ou remorsos, podemos tornar-nos seres humanos abertos aos nossos segredos.

É verdade também (e falamos disso muito mais raramente) que as experiências de morte iminente nem sempre são positivas. Podem até mesmo ser negativas. Já ouvi vários testemunhos... Nesse caso, o que me impressiona é que as experiências contemporâneas identificam-se com as experiências relatadas nos antigos “Ars

moriendi” (arte de morrer), quer se trate do Bardo Thodol tibetano ou dos Ars moriendi cristãos”. (234)

CAPÍTULO VII

PROJEÇÕES DA CONSCIÊNCIA

“Soltei a alma nas ondas sutilíssimas da meditação, e subi, subi tanto que além do véu azul do firmamento repousei os pensamentos. O todo era um oceano infinito de amor e alegria. Eu, um lótus bailando no espelho de águas cristalinas. Além, muito além, o mistério de céus que a imaginação humana não pode conceber.” (235)

Rabindranath Tagore

No capítulo anterior, constatamos que um dos estágios iniciais da EQM, seria a projeção da consciência ou do espírito, para fora do corpo físico debilitado, quando o espírito ficaria flutuando na própria sala de cirurgia ou sairia para regiões mais distantes, às vezes atravessando um túnel de luz, até encontrar amigos e parentes já falecidos ou outros seres de luz.

Na transcrição acima, o poeta místico indiano Rabindranath Tagore (1861-1941), narra uma das suas experiências de viagem astral, constante no seu livro -"Gitanjali", que proporcionou-lhe o prêmio Nobel de Literatura de 1913. Existem diversos termos utilizados por várias filosofias ou religiões, para descrever o mesmo fenômeno da saída temporária do espírito do corpo físico, tais como: projeção da consciência (Projeciologia), projeção astral (Teosofia), viagem astral (Esoterismo), emancipação da alma ou desdobramento (Espiritismo), exosomatose (Daskalos, Mago Grego), "Out of the Body Experience" (cientistas americanos), viagem da alma (Eckancar), Experiências Fora do Corpo - EFC (Parapsicologia), etc.,. Em termos mais práticos, a viagem astral é a mera saída da consciência do corpo físico; ou seja, é a projeção do próprio ego ou da personalidade, também podendo ser denominada de alma ou espírito, não importa. O que realmente interessa é que essa consciência deixa o corpo físico, pelo menos uma vez a cada noite e age na dimensão extrafísica. E o nosso objetivo neste capítulo, além de explicar este fenômeno natural, é de ensinar ao leitor as técnicas para se conseguir projeções lúcidas, conscientes, ou seja, que o projetor saiba que esta fora da dimensão física e do estado de onirismo (sonhos), inclusive podendo exercer diversas atividades, como ajudar outras pessoas, adquirir conhecimentos e perder o medo da morte.

Na projeção involuntária, a pessoa ejeta sua consciência do corpo sem querer, pois vai dormir na cama e desperta flutuando fora do corpo físico e, geralmente, fica assustada, imaginando que desencarnou e com o susto, sai do estado de relaxamento, voltando assim a “mergulhar” em direção ao seu corpo físico, deitado na cama, quando encaixa, novamente. Na projeção voluntária, o projetor comanda a saída do seu perispírito ou psicossoma (réplica mais sutil do corpo físico), estando completamente lúcido e consciente, no âmbito do seu quarto de dormir, podendo voar e atravessar suas paredes, encontrando com outros projetores, ou pessoas desencarnadas, no plano espiritual e retornando ao seu corpo físico ou soma, na hora que desejar. Vale salientar, que não existe perigo nesta experiência, uma vez que nosso psicossoma permanece ligado ao corpo físico pelo cordão de prata, que é um fio energético inquebrável enquanto temos vida; somente se rompendo no processo de desencarne do corpo físico, já analisado, minuciosamente, no capítulo anterior; cujas referências também se encontram na Bíblia, Eclesiastes: cap. 12, versículos 6, 7 e 8:

-“Antes que se rompa o fio de prata e se parta a taça dourada, e o cântaro quebre na fonte e a roldana arrebente o poço; - antes que o pó volte a terra, como era, e que o sopro volte a Deus que o concedeu”. (70)

Segundo o professor Wagner Borges, autor de um dos melhores e mais didáticos livros que já li sobre esta temática, na língua portuguesa, intitulado “Viagem Espiritual II - A Projeção da Consciência” (236), onde o autor demonstra que existem etapas e sintomas bem definidos no desenrolar da projeção lúcida; que podem ser melhor entendidos, observando-se as figuras abaixo, retiradas do livro clássico de Sylvan Muldoon, “Projeção do Corpo Astral” (237):

“Além da catalepsia projetiva, (sensação de imobilidade do corpo físico) podem ocorrer pequenas repercussões físicas no início da projeção, principalmente nos membros. Muitas pessoas, quando estão começando a adormecer, têm a sensação de estar “escorregando” ou caindo por um buraco e despertam sobressaltadas. Isso acontece devido a uma pequena movimentação do psicossoma no interior do corpo físico.

ESTADO VIBRACIONAL - São vibrações intensas que percorrem o psicossoma e o corpo físico antes da projeção. Algumas vezes, essas vibrações se intensificam e formam anéis energéticos que envolvem os dois corpos. Ocasionalmente, o estado vibracional pode produzir uma espécie de zumbido ou ruído estridente que incomoda o projetor. Na verdade, essas vibrações são causadas pela aceleração das partículas energéticas do psicossoma, criando assim um circuito fechado de energias. Essas energias são totalmente inofensivas e têm como finalidade a separação dos dois corpos.

BALLONNEMENT - É a expansão das energias do psicossoma para fora do corpo físico. Quando isso acontece, a pessoa tem a sensação de que seu corpo está inflado como um balão. É uma sensação gostosa e ocorre geralmente antes da projeção.

OSCILAÇÃO ASTRAL - É quando o psicossoma flutua acima do corpo físico, oscilando sem controle de um lado para outro.

RUÍDOS INTRACRANIANOS - São ruídos produzidos no interior do crânio, antes ou após a projeção. Podem ser percebidos pelo projetor como estalidos, como zumbido estridente ou como uma espécie de “click” energético bem no centro da cabeça (provavelmente na glândula pineal).” (236)

FIGURA 4 - ETAPAS DA PROJEÇÃO (237)

Define-se o corpo astral ou psicossoma como um composto de elementos sutis, etéreos por natureza, correspondendo ao que os iogues consideram como os centros vitais do corpo físico, mais ligados à força vital do que à matéria, sendo o veículo da consciência e o corpo das emoções, dos desejos e dos sentimentos.

O Dr. Stylianos Atteshlis, também conhecido como Daskalos, o Mago de Strovolos, explica as dificuldades da projeção lúcida:

“A expansão da consciência e a exosomatose são difíceis quando 95% da consciência de um indivíduo encontram-se ligados às coisas materiais e aos desejos básicos. “O que é da terra, é da

terra” (João 3:31). Por mais ansiosa que a pessoa esteja pela exosomatose, enquanto a sua personalidade estiver ligada ao mundo material o seu sucesso será limitado, pois ela estará presa ao seu mundo material.” (238)

Para o mestre yogue Swami Sivananda, não existem mistérios na projeção da consciência:

“Pela simples manifestação de vontade você pode viajar para qualquer lugar que quiser com o corpo astral (viagem astral, jornada astral) e lá se materializar tirando os materiais necessários, ou de Asmita (Ahamkara), ou do armazém universal - o oceano de Tanmatras. O processo é muito simples para os ocultistas e loguins que conhecem a técnica racional e detalhada das várias operações, conquanto pareça extraordinário para as pobres criaturas mundanas com suas diversas emoções, paixões e apegos. A leitura de pensamentos e a telepatia também podem ser facilmente executadas por essas pessoas que podem agir com o corpo astral. Os raios mentais concentrados podem penetrar paredes opacas, da mesma forma que os raios-X atravessam os ossos. Em primeiro lugar, separe-se do corpo físico. Em seguida, identifique-se com a mente e, depois, passe a agir com o seu corpo sutil no plano mental, como o faz no plano desta Terra. Através da concentração você se eleva além da mente; finalmente, através de Samadhi, você se integra ao Brahman. Essas são as três Sadhanas Antaranga importantes (meios internos), na obtenção da beatitude final.” (239)

O escritor espírita e parapsicólogo, Prof. Hernani Guimarães Andrade, também pesquisou as EFC - Experiências Fora do Corpo:

“Algumas pessoas, em certas ocasiões - por exemplo, durante o sono - sentem-se sair fora do corpo. Neste peculiar estado podem avistar o seu próprio corpo físico inanimado. A consciência parece acompanhar a parte que se libertou do soma. Em algumas oportunidades, o indivíduo assim “desdobrado” sente-se ocupando um segundo corpo muito semelhante ao seu corpo carnal. Seria como que um “duplo” do seu organismo. Daí ser muito usada a mesma expressão - “duplo” - para designá-lo.” (240)

O filósofo antroposofista Rudolf Steiner também ensina, como transformar o sonho em projeção lúcida:

“Seus sonhos vão perdendo o caráter insignificante, irregular e desconexo, vindo mais e mais a ser um mundo regulamentado e coerente. No decurso do progresso desse desenvolvimento, esse novo mundo, gerado a partir do mundo onírico, não só em nada fica devendo à exterior realidade sensorial com relação à verdade interior, como também nele se revelam fatos que, no mais amplo sentido da palavra representam uma realidade superior. Eis que aí surgirá, no discípulo, por meio da força do mundo espiritual - uma vez tendo ele aí penetrado - e mediante a prática dos correspondentes exercícios, uma crescente dilatação da consciência no sono profundo. Mais e mais vivências emanarão da inconsciência, e espaços cada vez menores da vida de sono serão inconscientes.. Convive-se, então, enquanto o corpo repousa, com uma realidade do mesmo modo como ocorre no estado de vigília.” (241)

Uma das vantagens práticas de vivenciar esta experiência é a perda imediata do medo da morte, pois você sentirá que sua existência, sentimentos e pensamentos, independem do corpo físico e esta certeza está ao alcance de todos, basta desejar, com uma boa dose de força de vontade e aplicar as técnicas projetivas, ensinadas ao final deste capítulo; salientando que esta também é a conclusão, que o pesquisador americano Rick Stack alcançou:

“Um novo sistema de crenças a respeito da morte pode exercer um efeito verdadeiramente poderoso sobre o modo como vivemos as nossas vidas. Para mim, foi somente depois que tive experiências fora-do-corpo que comecei, de fato, a compreender que esta realidade física é apenas uma etapa no caminho de nossa maior existência. Muitas pessoas passam pela vida temendo a morte ou pensando que a morte não as preocupa agora e, por conseguinte, deixam escapar a oportunidade de adquirir grande sabedoria e as mais vastas perspectivas decorrentes do uso da morte como mestra.

A percepção corrente de que a morte não é o fim pode afetar todo nosso modo de agir. Quando realmente compreendemos que

iremos viver para sempre, talvez descubramos estar propensos a corrigir o rumo de alguns dos nossos objetivos e aspirações. Se o jogo vai realmente continuar ad infinitum, compreender o propósito maior da nossa participação nele torna-se uma questão ainda mais importante.

Repetimos: não estamos falando aqui acerca do entendimento intelectual apenas, mas sobre uma compreensão emocional e profunda de que nossa identidade sobreviverá à morte. A experiência fora-do-corpo pode transmitir essa compreensão emocional, de um modo que, dificilmente, será comparável a qualquer experiência exclusivamente física.” (242)

A jornalista Nice Ribeiro investigou vários assuntos espiritualistas no seu livro “Perfume do Invisível”, destacando a sua entrevista com o Prof. Waldo Vieira, criador da neociência denominada Projeciologia; onde ele atesta que o ser humano dorme um terço da sua vida:

“Ou seja, ela dorme um terço de vida. Dos 60 anos na Terra, 20 ela passa dormindo. Vivemos então num sono patético da inconsciência. E, se fazemos parte desses 89%, passamos 20 anos de nossas vidas como zumbis.

Outros 9,8% têm projeções semiconscientes. Ou seja, acordam flutuando no próprio quarto e saem sobrevoando a cidade. Ao perceberem as sensações do não-limite por estar fora do corpo, acabam sendo puxadas de volta à base física devido à euforia de estar vivenciando uma projeção.

A porcentagem restante de 1,2 pratica a projeção cem por cento lúcida. Waldo, que se inclui nessa minoria, explica que é como se não dormisse, pois o projetor lúcido se deita e sente a saída do corpo. Fora dele, sabe o que fazer e onde ir. Domina o processo de retorno ao corpo e, no dia seguinte, se lembra de tudo. Podendo assim utilizar o aprendizado noturno, aplicando-o em sua vida diária.

Como sonâmbulos, nós, a grande maioria da humanidade, entramos no plano extrafísico e nada percebemos, porque estamos presos as nossas ‘formas pensamentos’ egoístas.”(243)

Outrossim, lembramos que o conceito de bilocação está associado ao conceito de projeção astral, pois significa a habilidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo, e como uma pessoa não pode estar em dois lugares simultaneamente, a explicação seria que o corpo físico está em um lugar, enquanto o corpo astral está em outro. O corpo astral de um moribundo é muitas

vezes projetado para a presença de entes queridos, momentos antes da morte física. Acredita-se que esse fenômeno se deva, a um forte desejo do moribundo em ver e ser visto. Há vários relatos na história sobre esse fenômeno, que inclusive foi pesquisado em laboratórios.

HISTÓRICO E PESQUISAS LABORATORIAIS

A projeção da consciência é um fenômeno natural que qualquer pessoa pode praticar, sem perigo. Entretanto, algumas já nascem com uma predisposição ou facilidade maior para desenvolvê-lo. Tanto é um fato geral e comum, que na história humana, temos inúmeros exemplos e pesquisas comprovando a sua veracidade.

Consoante lição do pesquisador Anthony Martin, no seu livro “Teoria e Prática da Projeção Astral”:

“Antigos ensinamentos chineses revelam uma teoria bem desenvolvida acerca do corpo astral, ou corpo vital. De acordo com textos taoístas, a energia radiante (“a Luz”) do universo estava concentrada no corpo físico, em forma de uma essência espiritual. Essa energia normalmente se mantinha inerte, porém através de exercícios especiais e de técnicas meditativas poder-se-ia ativá-la e fazê-la exteriorizar-se numa forma espacial. Respiração rítmica, meditação e técnicas como a de concentrar-se na extremidade do nariz eram utilizadas para se consegui-lo. O corpo vital, assim energizado, deixa o corpo físico através da cabeça, enquanto este permanece num estado de transe.

A filosofia hindu postulava uma anatomia oculta constituída do corpo físico, do corpo sutil e do corpo causal, ou alma. O intermediário, o corpo sutil, abrigava coisas tais como a percepção sensorial e o mecanismo mental, pelo qual somos capazes de nos reconhecer como indivíduos.

Ensinamentos tibetanos do oculto, obviamente, têm muito a dizer sobre o tema. Segundo eles, todas as coisas - vivas ou não vivas - possuem um duplo, uma realidade fantasma que penetra a nossa. Assim sendo, o duplo humano habita dois mundos simultaneamente. O duplo é normalmente invisível, mas pode ser visto por aqueles que são treinados na segunda visão. Ele sai da situação de consciência com o corpo físico durante o sono e durante certos tipos de meditação. Quando o corpo físico morre, o duplo por fim se desintegra.

Os antigos textos iogues falam dos oito siddhis, ou poderes

supranormais, que podem ser adquiridos através da prática de um determinado tipo de ioga. Um deles é conhecido como “voar no céu”, e aparentemente se refere ao que hoje chamaríamos de viagem astral”. (244)

O psicólogo americano Stanley Krippner, também abordou esta temática, na sua obra “Sonhos Exóticos”:

“Os antigos egípcios estavam convencidos de que durante o sono, a Ba, ou alma, destacava-se do corpo e misturava-se ao cosmo. Durante estes momentos, aos sonhadores era dada permissão para entrar em comunicação com as divindades, os mortos, e até mesmo com os demônios, além de adquirir informações sobre seu próprio destino. Tutmés IV, cerca de 1450 a.C., sonhou que tinha conversado com um deus durante esse estado, e aquele lhe prometera um grande reino. O deus também disse a Tutmés que se este presente fosse dado, ele teria de limpar a areia que havia acumulado em frente a esfinge, em Gizé. Tutmés se tornou o mais poderoso monarca de seu tempo, santificou a área em frente à esfinge de Gizé e ergueu um monólito no qual este sonho foi gravado”. (245)

Numa pesquisa conduzida pela psicóloga britânica Susan Blackmore, mais de 80% de seus respondentes disseram que haviam tido uma experiência fora do corpo, enquanto estavam descansando, dormindo ou sonhando, tendo registrado alguns casos históricos:

“Outra idéia que pode derivar dos gregos é a de que temos um segundo corpo. Mead, um estudioso dos clássicos, reconstituiu, em seu texto de 1919, “a doutrina do corpo sutil”, que percorre a tradição ocidental. Outros corpos manifestam-se sob muitas formas diferentes e há versões que falam da existência de até sete ou mais corpos diferentes. Se não é o corpo físico, mas o espírito ou algum corpo sutil que vê, conclui-se, então, que o espírito seria capaz de ver melhor sem seu corpo. Aristóteles ensinava que o espírito podia abandonar o corpo e era capaz de se comunicar com outros espíritos, enquanto Plotino sustentava a idéia de que todas as almas eram separáveis de seus corpos físicos.

Aristóteles contou a história de um homem chamado Antiferon, que um dia estava dando um passeio, quando se viu frente a frente com um reflexo de si mesmo, vindo em sua direção. Dostoievski

escreve, em 'O sósia', sobre um homem que certo dia encontrou seu próprio duplo sentado e trabalhando em sua escrivaninha. O fato de que quase todo mundo é capaz de perceber o terror de uma tal experiência indica o vigor da história.

Conta-se que, na quinta-feira santa, do ano de 1226, Santo Antonio de Pádua ajoelhou-se para rezar na igreja de St. Pierre du Queyrrix, em Limoges, cobriu a cabeça com o capuz e, no mesmo instante, ele apareceu do outro lado da cidade, em outra cerimônia religiosa. Outra célebre lenda é a de Alfonso Liguori, que perdeu a consciência quando se preparava para celebrar uma missa em 1774. Ao recobrar os sentidos, disse aos presentes que estivera no leito de morte do papa Clemente XIV, em Roma, que ficava a quatro dias de viagem. Posteriormente, chegaram notícias não só de que o papa havia morrido, como também de que, os que o assistiam em seu leito de morte, tinham visto e conversado com o santo e participado das orações que ele conduzira". (246)

Antigamente, analisado de maneira mística e simbólica e, hoje, o fenômeno da projeção da consciência é pesquisado de maneira científica; com efeito, desde o final do século XIX, com o advento da "Society for Psychical Research" - S.P.R. - (Sociedade Para Pesquisas Psíquicas), alguns pesquisadores dedicados vêm realizando esforços na tentativa de desmistificar o fenômeno, analisando-o de forma mais racional.

A S.P.R. foi fundada em Londres, Inglaterra, no dia 20 de fevereiro de 1882, por um grupo de cientistas interessados em pesquisar de maneira séria os fenômenos parapsíquicos. Em 1886 a S.P.R. publicou uma obra de 1420 páginas, dividida em dois volumes, que tornou-se um marco na pesquisa psíquica. Essa obra é de autoria de três grandes pesquisadores: Edmund Gurney (1847-1888), Frederic William Henry Myers (1843-1901) e August Frank Podmore (1856-1910) e se chama "Phantasms of the Living" (Fantasmas dos Vivos). Pelo título, o leitor já deve ter observado que se trata de um estudo sobre os fenômenos parapsíquicos, produzidos pelos "encarnados", dentre os quais se destaca a projeção da consciência, que recebeu grande realce dos autores, sendo analisada minuciosamente em diversas páginas. Ao que consta, essa obra, que contém uma relação de 702 casos numerados de fenômenos parapsíquicos e projeciográficos, foi o resultado da primeira pesquisa científica efetuada sobre a paranormalidade humana.

A S.P.R. possui registrados, nos seus arquivos de fenômenos parapsíquicos, centenas de casos de projeção da consciência coletados e analisados, minuciosamente, pelos seus pesquisadores.

No início do século XX, alguns pesquisadores independentes efetuaram experiências, que visavam induzir a exteriorização da sensibilidade e a projeção da consciência para fora do corpo humano, por meio do magnetismo animal. Essas experiências foram realizadas com pessoas magnetizadas, que haviam sido induzidas a entrar em transe, mediante o uso de técnicas mesméricas.

Quase todo o trabalho de pesquisa sobre a projeção da consciência, efetuado por meio do magnetismo animal, foi empreendido por pesquisadores franceses, dentre os quais se destacam três: Hector Durville (1848-1923), Charles Lancelin e Albert de Rochas (1837-1914).

Outros registros históricos importantes aconteceram com os escritores Honoré de Balzac, em 1832, através do seu romance autobiográfico “Louis Lambert” e com Ernest Hemingway, narrados, respectivamente, logo a seguir:

“Balzac anuncia o surgimento da Projeciologia, através das palavras do personagem Louis Lambert, um jovem místico brilhante e muito agitado, que diz o seguinte: “Se eu estava aqui enquanto dormia na minha alcova, este fato não constitui uma separação completa entre o meu corpo e o meu ser interior?” “Ora, se meu espírito e meu corpo puderam separar-se durante o sono, por que não poderei eu divorciá-los igualmente durante a vigília?” “Estes fatos se verificaram pelo poder de uma faculdade que põe em movimento um segundo ser ao qual meu corpo serve de invólucro”. “Se, durante a noite... na mais absoluta imobilidade atravessei os espaços, então os homens terão faculdades internas, independentes das leis físicas exteriores”. “Por que terão os homens refletido tão pouco até agora, sobre os acidentes do sono, que acusam neles uma vida dupla? Não haverá uma nova ciência neste fenômeno?”

Ernest Hemingway era um jovem de 19 anos, prestando serviço numa unidade de ambulâncias na frente italiana quando teve uma OBE - “Out of the Body Experience”(Experiência Fora do Corpo). No meio da noite de 8 de julho de 1918, um morteiro austríaco, carregado de

fragmentos metálicos, explodiu perto das trincheiras italianas e atingiu as pernas de Hemingway.

“Senti a minha alma, ou o que quer que fosse, separar-se do meu corpo”, contou ele mais tarde ao seu amigo Guy Hickok, correspondente na Europa do Daily Eagle de Brooklyn, “como quando se retira um lenço de seda de um bolso puxando-o por uma ponta. A alma voou em redor do corpo, após o que regressou e penetrou de novo nele, e eu deixei de estar morto”.

O renomado projetor e escritor americano Robert Monroe, fez uma longa pesquisa e experimentos sobre esta matéria, registrada no seu livro “Viagens Fora do Corpo”:

“Em instâncias muito raras conhecem-se registros publicados de indivíduos que deliberadamente podiam e voluntariamente faziam a indução ao segundo estado, deslocando-se por aí em seu segundo corpo. Talvez haja mais deles, porém só dois se destacam na História atual. Se existem outros que efetuam esse ato, guardaram os resultados para si mesmos.

O primeiro deles é Oliver Fox, inglês ativo nas áreas da pesquisa e da prática psíquica. Publicou relatórios generosamente detalhados sobre experiências fora-do-corpo e técnicas para atingir tal estado. A não ser no movimento secreto de 1920, seu trabalho recebeu pouca atenção. Não obstante tentou, muito decididamente, trazer a experiência à estrutura da compreensão de sua era.

O segundo, e muito famoso, foi Sylvan Muldoon, que republicou diversos trabalhos a respeito em colaboração com Hereward Carrington, no período 1938-51. Muldoon era o “projecionista” e Carrington pesquisador consistente dos fenômenos psíquicos. Até hoje suas obras têm sido as clássicas nesse terreno, e são leitura muito interessante”. (247)

Em 1929, foi publicada a obra clássica de Sylvan Muldoon em co-autoria com Hereward Carrington; o livro, “A Projeção do Corpo Astral” (237), tornou-se um marco do assunto. Muldoon tinha doze anos quando teve a primeira experiência de projeção da consciência. Acordou no meio da noite e sentiu pânico ao ver que estava paralisado. Depois da catalepsia, mudou para a sensação de flutuar. Quando, afinal, conseguiu enxergar, encontrava-se planando sobre seu corpo. Como estava de pé, o menino virou-se e viu um fio prateado unindo seus dois corpos.

Com o passar dos anos, Muldoon teve centenas dessas experiências, e podia

controlá-las perfeitamente. Certa noite, adormeceu sentindo sede; encontrou-se desperto no estado fora do corpo, tentando abrir uma torneira no quarto ao lado.

O pesquisador inglês Robert Crookall ficou surpreso com as semelhanças encontradas entre suas experiências e as de Carrington e Muldoon, começando a reunir o maior número possível de casos. Mas, ao contrário de seus predecessores, Crookall estava interessado na análise crítica, esperando que, através da investigação de grande número de casos, chegasse a alguma definição sobre a experiência fora do corpo. Reuniu perto de mil casos tirados da literatura sobre pesquisa psíquica e de relatos obtidos em primeira mão. Esses casos foram publicados em três volumes: “The Study and Practice of Astral Projection” (O Estudo e a Prática da Projeção Astral), “More Astral Projection” (Mais Projeção Astral) e “Case Book of Astral Projection” (Livro de Casos de Projeção Astral).

A veracidade dos seus experimentos foi baseada no que é conhecido como “Lei de Comprovação de Whateley”, que diz, se um número suficiente de testemunhas independentes comprova as características de uma observação, testemunhas que comprovadamente não poderiam estar em conluio, então há muita probabilidade de que a observação seja genuína.

Eu, pessoalmente, fiz várias tentativas na busca do conhecimento e prática da Projeção Astral, que estarei narrando mais à frente, neste capítulo.

As modernas pesquisas científicas, a respeito da experiência fora do corpo, foram iniciadas na década de 1960 pelo pesquisador Charles Theodore Tart, que realizou diversas experiências com projetores nos laboratórios de Parapsicologia dos E.U.A., quebrando assim a conotação mística que envolvia o fenômeno. Os primeiros projetores a serem estudados foram a desconhecida Madame “Z” (pseudônimo utilizado para preservar a identidade real da projetora) e o executivo Robert Allan Monroe, que, posteriormente, viria a publicar vários livros, como “Viagens Fora do Corpo” e “Viagens Além do Universo”, sendo o mais recente “A Última Jornada”; onde tenta mapear, como um cartógrafo, os limites entre o mundo material e o espiritual:

“Já relatei minhas primeiras experiências fora-do-corpo em 1958, que transformaram toda minha vida. Naquela época, o Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento da empresa que eu chefiava, especializada na produção de som para programas

de rádio, aperfeiçoara um método através do qual o som poderia induzir a um estado de sono com rapidez e sem esforço. No mesmo ano, uma descoberta mudou inteiramente os rumos dessa investigação e conseqüentemente de toda a empresa: certos padrões sonoros induziriam a diferentes estados de consciência, comumente não acessíveis à mente humana. O processo, conhecido por Sincronização Hemisférica (ou Hemi-Sync, para abreviar), proporciona a seus usuários um instrumento de autocontrole, para que atinjam seus objetivos por meios que facilitam e sustentam um estado mental-cerebral coerente, altamente produtivo e firmemente determinado". (248)

Já na década de 1970, outros pesquisadores brilhantes como: os Drs. Scott Rogo e Karlis Osis seguiram a trilha iniciada por Tart e efetuaram novas experiências laboratoriais com diversos projetores. Por essa época, três desses projetores se destacaram nas pesquisas efetuadas, não só pelo êxito obtido nas experiências extracorpóreas, mas também por sua dedicação e honestidade. São eles: Ingo Swann, Alexander Tanous e Stuart Keith Harary .

O pesquisador americano John Perkins, desenvolveu uma variação da projeção da consciência, que ele batizou de "psiconavegação":

"Outros preferem subir, elevar-se acima de uma cena, como os homens-pássaro dos Andes. Algumas pessoas preferem visualizar uma viagem linear, como os shuaras, que são guiados pelo jaguar pelo chão da selva.

Prefiro me sentir subindo. Em minha posição de pernas cruzadas, imagino que estou sentado sobre um tapete mágico. Enquanto subo, olho com o olho da minha mente os objetos ao meu redor - cadeiras, mesas, paredes - e lentamente me elevo acima deles. Consigo atravessar todas as coisas materiais que são obstáculos no mundo consciente até planar no ar. Subo cada vez mais...

Frequentemente, relaxamento e meditação são combinados com técnicas de visualização para ajudar o paciente a viajar nas profundezas internas de seu corpo e de sua psique. Dois ramos da ciência médica, a ciberpsicologia e a ciberfisiologia, vêm sendo especialmente bem-sucedidos para ajudar pessoas a usarem tais métodos para descobrir as causas de suas enfermidades e para iniciar curas. É interessante observar que a raiz dos nomes dessas duas ciências, ciber, vem do grego kybernam, que significa "navegar". (249)

O Prof. Waldo Vieira na sua obra de 866 páginas, “Projeciologia” (250), considerada a mais profunda pesquisa sobre esta matéria, publicada no Brasil, divide sua evolução através de 4 períodos:

Antigo - início da humanidade até o século XIV; Esotérico - século XV até o século XIX; Exotérico - de 1905 a 1965 e Laboratorial - de 1966 até os dias atuais.

Para fechar esta análise histórica da EFC, gostaria de citar o mais antigo registro deste tema, constante na codificação do yoga clássico, escrito cerca de 400 anos a.C., ou seja, no “Yôga Sûtra” de Pátanjali, considerado por muitos como o “Pai da Yoga”:

“III - 40. Mediante o controle da bioenergia denominada Samána, o Yôgin torna-se irradiante...”

III - 42 . Efetuando samyama na relação entre o ákasha e o corpo, identificando-se com coisas que tenham a leveza do algodão, adquire-se a habilidade de deslocar-se pelo espaço.

III - 43. Efetuando samyama sobre o mahá videhá (o siddhi denominado “grande incorpóreo”), eliminam-se os impedimentos à Projeção da luz”. (251)

CASOS PRÁTICOS

Entendo que o leitor poderá alcançar uma maior compreensão dos mecanismos da projeção da consciência, ao analisarmos casos práticos ocorridos comigo e com diversos especialistas nesta temática; iniciando pelo mais didático e um dos melhores professores brasileiros desta área espiritualista, o sensitivo carioca Wagner Borges, que desde os 15 anos pratica a EFC:

“Eu havia deitado por volta da meia-noite, no sofá da sala, e estava literalmente exausto, pois trabalhava durante o dia e estudava à noite. Caí no sono instantaneamente. Horas depois, despertei abruptamente e, com grande surpresa, descobri que não estava mais deitado no sofá, mas sim voando em alta velocidade por sobre o oceano. Isto é, estava ocorrendo comigo um fenômeno parapsíquico que posteriormente eu viria a conhecer com o nome de “experiência fora do corpo” ou “viagem astral”.

Durante a experiência, a sensação de leveza e liberdade era indescritível. Do mar, exalavam ondas de energia que me interpenetravam e me deixavam com uma sensação de vigor nunca antes experimentada. O mais marcante nisso tudo era a sensação de liberdade plena que me invadia. Era tão forte que perdi o controle sobre mim mesmo. Fui tomado, então, por uma euforia arrebatadora e, ébrio de alegria, comecei a fazer piruetas no ar.

Repentinamente, tomei um puxão pelas costas e fui bruscamente succionado para trás em alta velocidade. Foi tão rápido que, por um instante, me senti desfalecer, para logo em seguida ter a sensação de que estava caindo de grande altura. Momentos depois, me senti literalmente “caindo” dentro do corpo físico, ou, melhor dizendo, me fundindo nele, que sofreu uma forte repercussão na hora da minha reentrada. Abri os olhos imediatamente, e notei com clareza a diferença entre o estado extracorpóreo que eu experimentara e o estado de vigília física, no qual me encontrava agora.

Cerca de um ano depois, o fenômeno se intensificou e passou a acontecer quase todas as noites. Numa dessas vezes, tomei um grande susto: acordei no meio da noite e não consegui mexer meu corpo. Por mais que eu tentasse, não conseguia mover sequer um dedo. A situação era angustiante. Parecia que algo invisível me tolhia os movimentos. Era como se houvesse um torno invisível me prendendo e pressionando de todos os lados. Tentei gritar, mas a voz não saía. Tentei ao menos abrir os olhos, mas também foi em vão. De repente, sem que eu tivesse feito nada para isso, senti-me flutuar para fora do corpo imóvel. Virei em pleno ar, cerca de uns três metros acima do corpo físico, e olhei-o estendido lá embaixo, na cama. Ele estava na posição de decúbito dorsal (barriga para cima) e, sinceramente, parecia pálido e sem vida, como se fosse um cadáver. Ao pensar isso, fiquei seriamente preocupado: e se realmente eu tivesse morrido?

Fui, então, pedir ajuda aos meus pais. Atravessei a porta do quarto e os vi deitados na cama. Tentei chamá-los, mas foi em vão. Eu era invisível e intangível para eles. Voltei para o meu quarto e ao chegar perto do meu corpo fui literalmente sugado energeticamente para dentro dele. Abri os olhos e não dormi mais naquela noite, com medo de que aquela paralisia acontecesse novamente.

Com o passar do tempo, fui me acostumando com aquelas experiências e tratei de observá-las melhor. Graças a isso, pude estudar minuciosamente as várias facetas desse fenômeno, chamado de “experiência fora do corpo”. (252)

Outra experiência notável é narrada pelo Dr. Hiroshi Motoyama, eleito pela UNESCO como um dos dez parapsicólogos mais importantes do mundo e autor de um dos melhores livros sobre “chacras”, publicado no Brasil; “Teoria dos Chacras - Ponte para a Consciência Superior”:

“Depois de praticar ioga de seis meses a uma ano, uma luz dourada brilhante começou a entrar e sair de meu corpo pelo alto da cabeça, e senti como se este ponto tivesse se alongado de dez a vinte centímetros. Na dimensão astral, não na física, notei um vulto que parecia a cabeça de Buda, brilhando nas cores violeta e azul, apoiado em cima de minha própria cabeça. Havia uma luz dourada-clara que entrava e saía pelo alto da coroa de Buda. Fui gradualmente perdendo a sensação do meu corpo, porém continuava com a perfeita percepção de consciência, e também de superconsciência. Pude ver meu próprio espírito elevando-se, saindo de meu corpo pelo alto da cabeça, a fim de ser revigorado nos Céus. Tornei-me capaz de ouvir uma Voz poderosa, mas muito terna, ressoar pelo Universo. Enquanto escutava essa Voz, compreendi espontaneamente minha missão, minhas vidas anteriores, meu próprio estado de espírito, e muitas outras coisas. Em seguida, senti um estado de fato indescritível; toda minha existência espiritual ficou como que inteiramente imersa numa serenidade extraordinária. Após algum tempo, senti que era imperativo voltar ao mundo físico. Retornei pelo mesmo caminho, entrando pelo portão no alto de minha cabeça. Tive de inundar conscientemente todo o corpo com a energia espiritual, pois ele estava enregelado e todas as extremidades paralisadas. Afinal, consegui mover mãos e pés, e gradualmente fui retornando ao estado normal”. (253)

Outro exemplo digno de nota foi narrado pelo advogado e escritor Hamilton Prado, no seu livro “No Limiar do Mistério da Sobrevivência”:

“Aliás, esses fenômenos se sucederam espaçadamente, permitindo-me fazer observações curiosas. A ocorrência deles dava-se sempre de madrugada, quando tudo era tranquilo e calmo. Sentia-me então acordado, sob a impressão de grande sensibilidade, e nesse estado foi que, de uma feita, me vi, de repente, perto de casa, deslizando próximo do chão e, como eu ouvisse vozes um pouco alteradas, enchi-me de medo e desejei voltar, o que fiz com facilidade, acordando imediatamente. De outra vez, surpreendi-me no corredor para o qual dava o meu quarto e aí, nesse corredor,

caminhei, atravessando a porta dos fundos sem sentir e vi-me, assim, na área que existe sobre o quintal. Dessa área, olhei para o céu e, através das ramas de um abacateiro existente no quintal, vi, no alto, uma estrela. Com pleno conhecimento do meu estado, convencido de que estava em espírito, desejei alçar-me até aquela estrela, esforcei-me por fazê-lo e senti, realmente, erguer-me do solo, porém cheguei até as ramas do abacateiro e por mais que me esforçasse não fui além. Ao contrário, até, cansando-me com aquele esforço, recaí no lugar primitivo e em seguida acordei”.
(254)

Igualmente, o escritor Ernesto Bozzano teceu diversos estudos sobre esta prática, reunidos no seu livro “Fenômenos de Bilocação”:

“Quando me perguntava se estaria acordado ou não, de repente tive a consciência de me dividir em dois seres distintos, e foi a “força” em apreço que produziu o fenômeno. Um dos dois seres jazia inerte sobre o divã; o outro estava livre e se deslocava num círculo restrito, donde podia, à vontade, contemplar o segundo. Entre ambos existia uma “força elástica” que impediu o rompimento do laço que os unia. À vontade podia eu obter que o ser, diante de mim, se estendesse no chão ou circulasse no quarto, a pouca distância do outro. Quando a distância entre ambos atingia certo limite, a “força elástica”, que os unia, se estirava. Esse fenômeno de “desdobramento” durou mais de cinco minutos. Em seguida pareceu começar a fusão dos dois seres, à qual eu resistia, percebendo poder impedi-lo à vontade. Finalmente, por curiosidade, para saber o que poderia acontecer, deixei efetuar-se a união, que foi rápida, sem incidentes. De novo tentei então provocar a separação, mas a mesma “força” que, a princípio, havia paralisado os meus movimentos, agora me impedia de repetir o desdobramento”. (255)

O Mago de Strovalos, também conhecido por Daskalos, na ilha de Chipre, praticava a EFC mais destinada aos processos de cura à distância e relatou que Jesus Cristo, além de dominar esta técnica, a tinha ensinado para seus apóstolos:

Essas lições; continuou Daskalos, vagarosamente, depois de uma pausa de poucos segundos, foram ensinadas pelo Mais Amado aos seus discípulos, embaixo das oliveiras no jardim de Gethsemani. Ele lhes ensinou exomatose, materialização, desmaterialização e

muitos outros segredos. Na essência do Cristianismo não existe nenhuma barreira quanto ao conhecimento, embora padres vestido de preto tenham imposto limite e restrições. Nós, como pesquisadores da verdade, queremos saber através da razão, da investigação e da concentração. Levamos a sério o conselho de Cristo: “E a verdade vos libertará”. (82)

Esta informação pode ser comprovada no livro “O Caminho dos Essênios”, do casal Anne e Daniel Meurouis - Givaudan:

“ - Não explicareis estas coisas ao povo - disse o Mestre, como se tivesse lido nossa inquietação - Jamais volteis mais de uma página da revelação de uma só vez; há um tempo para tudo, um livro para cada um. Sabei falar de colheita com quem trabalha na vinha e nos campos. Falai de pesca a quem tem o barco e as ondas como seu único universo. Não basta saber, é preciso saber calar. Não para dissimular, mas para chegar ao essencial, evitando determinados horizontes que ainda poderiam assustar.

“Não receeis estas experiências. Elas vos farão chorar mais de alegria do que de medo. Vou praticar em vós a separação da consciência e da carne. Flutuareis sem ligação aparente e me seguireis”. O Mestre pediu então silêncio absoluto e a mais completa imobilidade.

Tive então a impressão de que alguém tocava no côncavo do meu estômago e lentamente senti-me saindo do meu corpo. Pareceu-me esgueirar-me num cone translúcido e finalmente vi-me aspirada pelo topo do meu crânio. Tudo tinha acontecido com uma nitidez espantosa, com tal sensação de respirar... Eu podia ver meu corpo abaixo de mim. Parecia estar adormecido, numa semi-rigidez, com um sorriso nos lábios. Logo me dei conta de que meus companheiros tinham feito a mesma coisa: seus envoltórios estavam abandonados sobre a erva. Não passávamos de uns vinte corpos luminosos procurando estabilizar-nos nos ares, em torno de uma claridade prodigiosa: a claridade do Mestre”. (256)

O meu amigo Luiz Roberto Mattos, juiz da Justiça do Trabalho da Bahia, narrou suas projeções da consciência no seu ótimo livro “ Sana Khan - Um Mestre no Além:

“De outra vez consegui produzir novamente todo o processo de relaxamento, senti a energia, o choque, o ruído na cabeça e fiquei

inteiramente flutuando acima da cama, como um balão de gás. Estava lúcido, consciente, de olhos abertos, tendo uma visão do teto do meu quarto quando pensei: “vou ficar de pé”, e lentamente fui me inclinando, pés para baixo e cabeça para cima, até ficar com os pés na altura do solo. Vi todo o meu quarto, que estava iluminado por uma fraca luz azul, creio eu, devia ser própria daquela outra dimensão, ou plano, cujas leis e fenômenos não devem ser exatamente iguais ao mundo físico no qual habitamos, com nosso corpo carnal. Olhava para todo o quarto, perplexo, porém eufórico, sem medo, quando deparei meu olhar com um corpo deitado, estirado, na minha cama. Jamais me esquecerei daquela imagem, e jamais terei medo da morte. O que vi foi muito mais forte para minha filosofia de vida do que se tivesse visto a lua, pousado nela, ou se tivesse um contato com seres extraterrestres. Vi ali, deitado, aquilo que, até bastante pouco tempo, chamava de “eu”. Era meu corpo. Reconheceria minha indumentária física mesmo em uma multidão, quanto mais ali, no meu quarto, na minha cama”. (38)

Outros casos surpreendentes, são os de presos que, através da projeção da consciência, conseguem ultrapassar as grades das penitenciárias e vivenciar a liberdade, por algumas horas diárias, como foi o caso narrado pelo americano Ed Morrel, condenado à prisão perpétua em San Quentin e libertado em 1909, no seu livro “The Twenty Fifth Man” (O Vigésimo Quinto Homem). Ele era, constantemente, obrigado a usar “camisa-de-força”, como forma de tortura, que era tão apertada a ponto de causar-lhe asfixia; sendo que na sessão seguinte foi diferente, pois, enquanto jazia no chão da sua cela sofrendo dores lancinantes, sentiu a sua consciência abandonar, lentamente, o seu corpo físico e flutuar em liberdade, para fora das paredes da prisão. Livre da angústia e do estrangulamento, experimentou a curiosa sensação de deslizar languidamente “para o mundo exterior vivo e arejado”. E, sempre que “regressava” à sua cela, sentia-se descansado e recuperado.

Este fato verídico serviu de base para o livro “O Andarilho das Estrelas”, do jornalista Jack London, escrito em 1913:

“Um homem descobre o meio de escapar à tortura da camisa-de-força a que é constantemente submetido na penitenciária de San Quentin. Usando a auto-hipnose, a concentração mental e o domínio da vontade, ele consegue produzir o fenômeno parapsicológico do “desdobramento”, que os místicos chamam de

“viagem astral”. Nesse estado alterado de consciência, não mais sente o sofrimento e consegue ainda despertar a memória de suas vidas passadas, suas encarnações anteriores”. (257)

Temos um caso parecido em Salvador, na Penitenciária Lemos Brito, narrado por Cláudio Costa, no seu livro “Evolução em Cadeia”. A publicação é um depoimento sistematizado de como é possível “melhorar de vida”, ainda que quando vivida em condições tão adversas e desumanas quanto as encontradas na prisão. O contato com a Projeciologia, ciência que estuda as vivências da consciência fora do corpo físico, aconteceu quando ele já estava, há três anos, cumprindo pena em uma delegacia policial de Camaçari, Bahia. Por ironia do destino, a Projeciologia, que mudaria sua vida, caiu-lhe nas mãos, quando ele passou a experimentar o que chama de “aprendizado grupocármico”. Cláudio, afinal, estava, então, atrás das mesmas grades onde, antes, como membro da Divisão de Sequestro da Corporação, encarcerava, segundo ele, “quase nunca sem sentir piedade”:

“Projeto. O Projeto Crisálida nasceu das vivências extraídas do meu labcon ou laboratório consciencial, na condição de presidiário e precursor da prática da Tenepes em Instituição Total.

Finalidade. Tem por finalidade implantar a tarefa nos Presídios e Casas de Detenção, levando a proposta da recexibilidade aos presos que atendam às especificações traforistas exigidas pela prática-assistencial-vitalícia.

Professor. O Professor Conscienciólogo, na prática do maxifraternismo e da assistencialidade, reunirá esforços para levar as Verdades Relativas de Ponta aos que desejarem redirecionar suas planilhas existenciais...

Escolaridade. Recentes pesquisas apontam que 70% dos presidiários no Brasil são analfabetos, 17% mal completaram o primário, 9% ingressaram no primeiro grau, 3% cursaram o segundo grau e apenas 1% chegou à faculdade; concluindo que a grande maioria dos delinquentes são pobres e incultos.

Sectarismo. A catequese e desinformação que são mantidas e incentivadas pelos diversos segmentos religiosos que se instalam dentro dos presídios, fazem parte do quadro desfavorável ao sucesso do Projeto”. (258)

A médica e professora do IIPC-RJ, Glória Thiago, narrou sua primeira projeção lúcida no seu livro “Vivendo em Múltiplas Dimensões”:

“Senti sonolência e deitei-me após alguns exercícios de circulação de energia. Em decúbito dorsal, vi quando se instalaram o balonamento (sensação de inflar e tornar-se leve como um balão), o entorpecimento do corpo e o zumbido forte no crânio. Percebi que podia sair do corpo e concentrei o pensamento nessa idéia. O zumbido craniano aumentou e deslizei um pouco para o alto e para a direita, mas tendo a impressão de continuar presa ao soma, como que colada a ele. Visualizei as paredes do quarto, o guarda-roupa, à direita, registrando a sensação de estar imprensada contra sua superfície.

Os dois veículos descoincidentes (separados um do outro) pelo deslocamento do psicossoma para a direita e ligeiramente acima do soma, mantendo um alinhamento paralelo com ele. Tratava-se de uma minidescoincidência lateral do psicossoma.

Os movimentos eram muito lentos e pesados. Do ângulo em que olhava, podia observar a linha de contorno de minha face, o perfil do nariz e os gestos executados pelo parabraço sobre eles a poucos centímetros do meu ponto de observação, o que me forneceu a imagem e o momento preciso da ação executada. Percebi certa tensão e o psicossoma foi puxado de volta para o soma. Corpo físico e psicossoma voltaram a se encaixar um no outro.” (259)

Para facilitar, ainda mais, o entendimento do amigo leitor, gostaria de recomendar que assistisse ao filme autobiográfico da atriz americana Shirley Maclaine, no vídeo “Minhas Vidas”, que além de abordar a temática de regressões às vidas passadas; contém a mais bela e didática demonstração de uma “viagem astral” num filme; cuja descrição passo a transcrever, parcialmente, a seguir:

“A chama da vela lentamente se fundiu no espaço da minha mente. Senti outra vez que eu me tornava a própria chama. Não tinha braços, não tinha pernas, não tinha corpo, não tinha forma física. Tornei-me o espaço em minha mente. Senti-me fluir para o espaço, povoá-lo, flutuar para fora, saindo do corpo e subindo. Estava consciente de que o corpo permanecia na água. Olhei para baixo e o vi. Davi estava ao lado. Meu espírito, mente ou alma, o que quer que fosse, foi subindo pelo espaço, cada vez mais alto. Atravessou o teto e pairou acima do rio, ao crepúsculo. Sentia que estava voando literalmente... não, voar não era a palavra certa... era mais gentil do que isso... flutuar parecia uma palavra mais apropriada... flutuar cada vez mais alto, até que podia contemplar as montanhas,

a paisagem lá embaixo, reconhecendo o que vira durante o dia. E ligado ao meu corpo havia um cordão prateado muito fino, que permanecia preso ao corpo, ainda na água. Não era um sonho. Eu estava consciente de tudo. Estava consciente até de que queria me elevar ainda mais. Estava consciente de que não queria me elevar para muito longe do meu corpo. Sentia-me indiscutivelmente ligada ao corpo. Mas era certo que sentia duas formas... a forma do corpo lá embaixo e a forma do espírito que se elevava.” (260)

Outra experiência clássica de projeção foi relatada pelo renomado escritor inglês, Paul Brunton, no seu livro “Egito Secreto”, quando ficou durante toda a noite dentro da Câmara do Rei, da pirâmide de Queóps; tendo encontrado espíritos de sacerdotes que induziram sua vivência:

“Tinha certeza de que todas as minhas sensações eram conseqüências da migração do espírito de vida física às regiões do Além-túmulo, e qualquer resistência seria vã.

Por último, minha consciência concentrada se confina apenas na cabeça e houve no meu cérebro um tremendo redemoinho final, tive a impressão de que um tufão tropical me arrastava, lançando-me em seu rodopio no ar. Um temor momentâneo apoderou-se de mim. Senti-me lançado no espaço infinito, voando para o desconhecido. Estava LIVRE!

Nenhum outro termo poderia expressar o delicioso sentimento de liberdade absoluta que me saturou. Transformei-me num ser mental, num ente cujas sensações e pensamentos estavam livres dos entraves do corpo de matéria inerte em que estava fechado. Despedindo do meu invólucro carnal, como um fantasma do seu sepulcro, sem todavia, nenhuma obnubilação de consciência; pelo contrário, estava ciente de mim mesmo e essa sensação era muito mais forte que dantes. E, além do mais, depois de haver passado aquela migração de um estado para outro, e de ter ficado em quarta dimensão, proporcionou-me um sentimento de felicidade, senti-me livre terminantemente, bem-aventuradamente, LIVRE.

A princípio, vi-me estendido na mesma posição horizontal do corpo que acabava de deixar, flutuando acima do sarcófago. Depois, tive a impressão de que mão invisível me fazia girar verticalmente até por-me de pé. E, finalmente, experimentei a curiosa sensação estar simultaneamente de pé e flutuando.” (261)

Este caso me faz lembrar, que estivemos nesta mesma Câmara do Rei, eu e Tânia, realizando uma cerimônia de iniciação, na pirâmide de Queóps, no Cairo, Egito, em outubro/93, quando participava de uma excursão mística da Ordem Rosa Cruz. Éramos um grupo de 120 pessoas, em três ônibus, excursionando por locais sagrados do Egito, Israel e Turquia. Na Câmara do rei, após a cerimônia com cerca de 50 pessoas, estava muito quente e a ventilação era quase nenhuma. Repentinamente, Tânia começou a emitir o mantra da criação do Universo “OM” e todos nós a seguimos e fizemos, enfim, um coral belíssimo de pura energia e amor, saímos de lá em êxtase espiritual. Sugiro que sempre que o leitor esteja em qualquer lugar sagrado, procure sentir, a vibração do local e se harmonize com ela, para tirar o máximo de proveito daquela experiência. Naquela viagem, em Israel, também peregrinamos pelos locais relacionados à vida do mestre Jesus Cristo. Para finalizar esta parte de estudo dos casos práticos de EFC, gostaria de contar minha primeira experiência de projeção da consciência, ocorrida há cerca de 11 anos, quando eu estava passando o final de semana no apartamento da minha noiva e atual esposa Tânia.

Após ter lido com toda a atenção, numa única tarde de sábado chuvosa, o ótimo livro de Chico Xavier e Waldo Vieira, “Mecanismos da Mediunidade” (262), fiquei impressionado com o Capítulo XXI - Desdobramento; pois, pela primeira vez, estava tendo contato com aquele tema e naquela mesma noite, resolvi tentar uma projeção voluntária.

Mentalmente, coloquei-me à disposição dos espíritos amparadores, deitado e imaginei-me flutuando. Fui ficando, cada vez mais leve, após ter orado e pedido a assistência da espiritualidade nesta tentativa de projeção e, aos poucos, fui sentindo um alargamento do meu corpo (Balonnement), vibrações energéticas (estado vibracional), arrepios e passei a escutar o meu próprio ronco, como se fosse o ronco de alguém muito próximo de mim. Então pensei, já sai do corpo!. Como era uma noite chuvosa com raios e relâmpagos, comecei a ficar com medo, ao escutar sons estranhos dentro da minha cabeça (sons intracranianos) e mentalmente gritava para Tânia me puxar para baixo. Via o corpo dela deitado e agarrava sua mão sem conseguir tocá-la e sem que ela ouvisse nada. Paulatinamente, eu fui retornando ao meu corpo físico. Com meu interesse desperto por esta experiência, passei a estudar o assunto com dedicação e afinco, lendo vários livros, praticando as técnicas ensinadas e participando de dezenas de seminários sobre EFC; até o dia que consegui uma projeção lúcida, tendo flutuado sobre meu corpo físico, no meu quarto de dormir, quando senti um puxão forte e, novamente, encaixei dentro do meu corpo deitado

na cama.

PROJEÇÃO ASSISTENCIAL

Muitas vezes, a projeção tem unicamente um caráter assistencial; porquanto, em razão de estarmos encarnados, temos um nível de energia mais densa, muito útil na assistência extrafísica, útil para dar passes em doentes, auxiliar o desenlace do duplo etérico quando do desencarne de vítimas de acidentes fatais do trânsito, etc., o médico e sensitivo Waldo Vieira, por exemplo, no seu livro “Projeções da Consciência” narra um exemplo típico de projeção com fins assistenciais:

“Ao trocar mensagens mentais com ele, explicou-me rapidamente fazer o trabalho de rotina assistindo aos necessitados. À noite, a tarefa especializada torna-se intensa junto com a equipe, porque os desencarnados, em especial os doentes, entram em contato direto com os encarnados que dormem. Cada servidor, naquele serviço, dispõe de área definida de atendimento.

O médico revelou-me os planos de ampliar assistência com o emprego de outros companheiros desencarnados, constituindo maior brigada assistencial, trabalhando principalmente à noite, em local próprio, numa das travessas mal iluminadas e sem movimento, onde centralizará o atendimento.

O serviço não parecia muito simples. A partir das sete da noite, quando começa o período diário de maiores angústias, buscam minorar as depressões, desesperos, tristezas, carências, dúvidas, mágoas, ressentimentos, a solidão maior e as relações desestruturadas dos habitantes da cidade grande.

Afirmou-me que o aspecto menos agradável era o das criaturas que se recusam ser assistidas, tanto encarnadas quanto desencarnadas e, às vezes, nem desejam ser abordadas, repelindo os assistentes espirituais. O trabalho assistencial, bem mais complexo do que parecia, funciona buscando entrosamento com os núcleos policiais, prontos-socorros, hospitais, templos diversos, Exército da Salvação, Centro de Valorização da Vida, Associação dos Alcoólicos Anônimos e outras equipes de finalidades assistenciais. Deduz-se daí que a cidade toda deve ter serviço semelhante, bem como outras localidades, especialmente as grandes metrópoles.

Antes de se despedir, calmamente pareceu concentrar-se e ofereceu-me pequeno recado com exercício de fixação mental, mais ou menos nos termos transcritos a seguir, visando à assistência ideal.

“Todo ato de assistência social, por menor que seja, significa fraternidade, revela-se produtivo e merece louvor. Melhor um tipo qualquer de assistência humana do que nenhum. Contudo, a assistência social ideal tem características universalistas próprias inconfundíveis.

Não apresenta caráter oficial, sendo espontânea.

Não visa deduções de impostos, nem sindicaliza a aplicação da doação. Não demonstra rótulo profissional nem fim profissionalizante. Não alimenta segundas intenções proselitistas ou políticas. Não defende a imagem pessoal nem cultiva mitos. Não incentiva a segregação de espécie alguma.

Não se restringe por preconceito nenhum. Não espera gratidão, nem aspira entendimento do público.” (263)

O ilustre Daskalos, mago grego da ilha de Chipre, também utiliza a “EFC - Experiência Fora do Corpo” para fins terapêuticos:

“- Daskalos afirma que ele pode sair do corpo e viajar para outras partes do mundo. Você também é capaz de fazer isso?

- Sou. Por exemplo, durante a guerra do Líbano, costumávamos patrulhar a área e imprimir coragem aos feridos. Um dia acordei muito aflito. Havia ocorrido um tremor de terra, creio que na Romênia, e eu podia ver os corpos sob os escombros. Coloquei dentro da mente das turmas de resgate sugestões para que procurassem sobreviventes em determinados lugares a fim de desenterrar as pessoas soterradas. Recordo-me também de casos em que consegui realizar curas a partir do plano psíquico.

- Como pode fazer isso?

- Consideremos a hipótese de uma pessoa doente vir me procurar. Tento curá-la. Mais tarde, através da exomatose, eu a visito e continuo o tratamento. A primeira vez que passei pela experiência extracorpórea - comentou Iacovos - eu tremia quando voltei ao meu corpo. Porque quando o corpo psicoonético volta ao corpo físico, o sistema nervoso encontra-se em estado de hipertensão. O tremor resulta do contato entre os dois corpos. Com o tempo consegui controlar esse tremor.

- Um cordão prateado - disse Iacovos - liga o corpo material ao corpo psicoonético. Uma das maneiras de distinguir se o ser

humano, que encontramos nos planos psiconoéticos, vive também uma vida material é ver se essa pessoa tem um cordão prateado. Se não tiver significa que está “morta” e vive somente com seu corpo psiconoético.” (264)

O médico e pesquisador José Lacerda Azevedo, foi o principal criador e divulgador da “Apometria”, palavra originada do grego “Apó”, preposição que significa “fora ou além de”, e “Metron”, relativo à medida; ou seja, é o desdobramento com finalidades terapêuticas, muito bem exemplificado pelo seu colega, Dr. Vitor Ronaldo Costa, no seu livro “Apometria Novos Horizontes da Medicina Espiritual:”

*“Demonstrando sua excelência como técnica magnética de desdobramento do perispírito, método eficaz de desenvolvimento das qualidades anímico - mediúnicas, recurso eficiente de diagnóstico e tratamento dos distúrbios espirituais e, por fim, exprimindo-se como dadivosa oportunidade de auxílio em larga escala aos espíritos sofredores, aos poucos, ela será absorvida pelo **Aspecto Científico do Espiritismo**, em virtude de sua excelência, sobretudo, por se tratar de providencial recurso dispensador da caridade pura.*

*Em decorrência, a satisfatória atuação da Apometria na investigação das patologias psíquicas, revelando, inclusive, novas síndromes espirituais e a otimização, a bem dizer, de sua eficiente ação terapêutica, fará com que o seu emprego seja urgentemente requerido, pelos companheiros que labutam na assistência espiritual aos doentes internados, na intimidade dos nossos **Hospitais Espíritas**.*

Pelo tempo que estivemos ligados aos Hospitais de Psiquiatria, observando e comparando a evolução dos enfermos submetidos às mais variadas formas de tratamento, chegamos à seguinte conclusão:

As patologias mentais, que se destacam pela gravidade dos sintomas, respondem melhor ao tratamento apométrico.

Tivemos a chance de acompanhar centenas de casos, considerados gravíssimos pelos especialistas, regredirem satisfatoriamente, quando beneficiados pelo emprego da Apometria, culminando com a cura total de vários deles, para surpresa dos distintos colegas psiquiatras.” (265)

Nesta mesma linha de trabalho assistencial através do desdobramento ou projeção da consciência, o médium João Berbel, nos aprofunda no conhecimento da “Apometria”, sob a orientação dos espíritos desencarnados; Eurípedes Barsanulfo, Padre Miguel de Alcântara e

o médico Ismael Alonso Y Alonso:

“Nos trabalhos de cura por apometria, quando o médium se desdobra perispiritualmente, como é que o Médico do Além pode agir aproveitando esse seu especial estado fluídico?

Através de uma energia sobre a qual já temos falado.

Quando o espírito se desdobra, ligado à matéria pelo cordão fluídico do perispírito - corpo fluídico intermediário entre o espírito e o corpo físico -, viajam também todos os fluidos magnéticos de que nos valem para atuar na efetivação da cura das criaturas.

Nos trabalhos à distância, vemos a ausência de fluídos das pessoas enfermas e temos a mesma utilização de fluídos, onde trabalha-se com eles essencialmente e onde o médium é apenas um veículo, de cujo magnetismo se servem os espíritos para aliviar uma criatura que padece num leito de dor.

Repetimos que, quando há esse desdobramento apométrico específico para as curas à distância, o médium leva consigo também os seus fluídos e com eles os espíritos laborarão um trabalho tantas vezes com mais eficiência e resultado de cura, do que se o médium estivesse ali em presença carnal. Porque trabalha-se aí com fluídos. Muitas vezes, no nosso trabalho, quando necessitamos promover uma cura e a fonte do magnetismo do médium vai-se esgotando, ocasionando a queda das vibrações, então buscamos nas redondezas uma criatura dormindo, para que com ela façamos uma ponte apométrica de cura, trabalhando fluídos com a capacidade de aliviar a dor do semelhante.

Nos trabalhos de cura à distância que o irmão realiza, com o desprendimento espiritual do médium, é feita uma corrente com uma bateria de médiuns ligados às pessoas que mentalizam os enfermos necessitados. O irmão poderia dar detalhes desse processo de disposição dos médiuns e da maneira como usa as correntes nas viagens de cura?

Quando reunimo-nos para esse trabalho, colocamos sentadas as pessoas que irão mentalizar os enfermos que bem conhecem. De pé dispomos outras pessoas auxiliares que colocarão as suas mãos sobre a cabeça daquelas. Pedimos que uma ou duas pessoas façam sustentação. Primeiramente estará sendo adquirida a energia vital, através do contato de um corpo ao outro. Uma bateria energética. Fazemos a corrente. Solicitando que aquelas pessoas mentalizem fortemente as criaturas enfermas. Colocamos um médium em concentração, apenas para que dele retiremos o fluido magnético de que necessitamos.

Viajamos então através da corrente mental de cada criatura que está a mentalizar o enfermo. Chegaremos onde estiver o necessitado, às vezes noutros estados, noutros países, porque para o espírito realmente não há distância: onde o pensamento alcança, também o espírito alcança. Quanto mais pessoas nessa corrente, melhor o resultado. A importância desse trabalho está em atender as criaturas que nos solicitam um trabalho à distância, preocupadas em socorrer amigos ou familiares impossibilitados de locomoção até o local dos trabalhos, ou que por esta ou aquela razão não possam estar presentes.

Que os médiuns agindo por esse trabalho de apometria saibam o que estão fazendo, que tenham plena consciência desse processo e de seu alcance. E também que as pessoas envolvidas, à distância, o saibam. Porque, muitas vezes, seguindo o pensamento das pessoas em mentalização, encontramos aqueles irmãos alvo do nosso socorro participando de festas, ou comendo, ou bebendo. Assim, perdemos completamente as condições benéficas de ativar o nosso estágio em auxílio as criaturas que nos solicitaram ajuda; retornamos de uma viagem que tomou-nos inutilmente o tempo, que deverá ser empregado com outra criatura mais a postos, mais sintonizada na condição de melhor receber o nosso auxílio.” (266)

Uma outra variação do desdobramento assistencial é a denominada “Tenepes - Tarefa Energética Pessoal”, que é a transmissão de energias terapêuticas, ou “passes para o escuro”, através de espíritos amparadores, tão bem descrita pelo sensitivo Waldo Vieira:

“Os parabraços e as paramãos do psicossoma do praticante da Tenepes são os aspersores energéticos, sob o comando real, perceptível, e inconfundível, do amparador, o verdadeiro transmissor da energia consciencial básica...

A Tenepes se desenvolve através de três consciências entrosadas:

- 1. Praticante. A conscin praticante (adulta, homem ou mulher) da Tenepes;*
- 2. Amparador. A consciex ou o amparador (ou amparadores), com paravisuais de homem ou de mulher. Pode ocorrer ser esporadicamente um superamparador ou um orientador evolutivo do grupocarma.*
- 3. Assistido. Assistido ou assistidos, consciexes (consciências extrafísicos ou espíritos desencarnados) ou conscins (consciências intrafísicas ou encarnados)”. (267)*

TÉCNICAS PROJETIVAS

Agora, ensinaremos algumas técnicas para que o leitor possa atingir a projeção

consciente; salientando que não existe uma fórmula mágica infalível, que possa funcionar com todas as pessoas. Logo, sugerimos que você mesmo descubra, mediante a experimentação qual, delas se adapta melhor ao seu caso; inclusive podendo até mesclar suas etapas.

Vamos iniciar com algumas recomendações muito úteis do sensitivo e escritor, Prof. Wagner Borges:

“A leitura dos livros especializados de Projeciologia é muito importante, principalmente antes de dormir, pois temos a tendência de levar para fora do corpo, durante o sono comum, os últimos pensamentos da vigília física anteriores ao adormecimento físico. Se esses pensamentos de projeção são mantidos na consciência até o estado hipnagógico (conhecido popularmente como “cochilo”), noite após noite, ininterruptamente, com esforço e paciência, mas sem tensão psicológica ou física, é questão de tempo a obtenção do sucesso na experiência extracorpórea.

É importante que, a cada noite, ao deitar para dormir, você crie o hábito de repetir mentalmente algumas vezes, para si mesmo, que somente o seu corpo físico vai adormecer, que você vai estar consciente fora do corpo e vai lembrar da experiência quando despertar pela manhã...

CONDIÇÕES PSICOFÍSICAS PRELIMINARES - ISOLAMENTO: procure realizar as suas experiências sozinho, isolado num ambiente que lhe seja cômodo e confiável, sem riscos de perturbação.

POSIÇÃO DO CORPO FÍSICO: a melhor posição para a projeção consciente é o decúbito dorsal, com os braços estendidos ao longo do corpo, as palmas voltadas para baixo e as pernas entreabertas.

ALIMENTAÇÃO: evite a ingestão de alimentos densos pelo menos duas horas antes de deitar. Evite também a ingestão de bebidas e alimentos mais diuréticos. **RESPIRAÇÃO:** respire profunda e tranquilamente, sempre pelo nariz. Evite a respiração torácica. O ideal é a respiração diafragmática. Procure criar o hábito de assoar o nariz antes de deitar, a fim de desobstruir as fossas nasais e deixar a respiração livre...

1. O retiro da atenção do mundo físico:

Se recomenda ao aspirante a projetor que crie imagens mentais de luzes ou que se concentre em ondulações ou raios imaginários.

2. O desprendimento do corpo astral:

Que se imagine como um ponto que flutua no espaço ou como uma nuvem.

3. *O início do movimento do corpo astral:*

Que se figure:

- a. A própria imagem como se estivesse em vôo.*
- b. A imagem de uma estrela que gira, suspensa no espaço.*
- c. O intento de visitar, com a imaginação, os montes Himalaia.*
- d. A imagem de arar um campo infinito.*
- e. A imagem de balançar-se.*

4. *A projeção do corpo astral:*

Que se imagine:

- a. Um vapor saindo por todos os poros do corpo.*
- b. A imagem de ser levado por uma onda...”(236)*

Efetivamente, a imaginação cria condições no mundo astral. Além do mais, o que ordinariamente denominamos imaginação, constitui, na realidade, um exercício dos sentidos astrais. Enquanto que no mundo físico, se imaginarmos que vamos a certa cidade o nosso pensamento é o único resultado, no mundo astral, com efeito, nos transladaríamos, pelo menos se assim o desejássemos. Por conseguinte, se imaginássemos que o nosso corpo astral escorregasse do físico ou oscilasse de um lado para o outro, não obteríamos nada como resultado, exceto o fato de havê-lo imaginado; porém, no mundo astral, nosso pensamento haveria posto o corpo astral em movimento, ainda que não pudéssemos percebê-lo. Em outras palavras, o pensamento é criativo no mundo astral e tudo o que queremos tende a se produzir, ou seja, plasma-se. O mesmo é válido para o corpo físico, mas como a matéria do qual está composto é mais densa e possui mais inércia, é mais difícil de se obter resultados objetivos imediatos.

O Prof. Wagner Borges também sugeriu a mentalização de mantras, que são determinados sons com bastante energia e significado espiritual, alavancando nossos desdobramentos como o “Projetar”; o “OM TAT SAT”, que seria, uma saudação a Deus ou Brahman; Amor e Luz; e o “OM MANI PADME HUM”, significando “Salve a Jóia no Lótus do Coração”, conhecido como o mantra da compaixão divina.

Caro leitor, como pode observar, existem diversos tipos de chaves para a abertura consciencial; entretanto, somente você poderá descobrir qual delas servirá para abrir as portas dessa gratificante experiência.

Ainda seguindo as didáticas lições do Prof. Wagner Borges, que tenho o prazer

de ser aluno e amigo, há cerca de 10 anos, vamos acompanhar uma das mais completas e eficazes das suas técnicas projetivas:

“Posição: no início, sentado; após o término da sequência, deitar em decúbito dorsal (barriga para cima), se possível ;

Tempo do Exercício: de 8 a 10 minutos; se possível, faça essa prática ouvindo alguma música suave.

1. Eleve a mente aos planos superiores e busque a sintonia com os amparadores; 2. Pense na PAZ MUNDIAL; 3. Sinta um intenso bem-querer por todos os seres do Universo; 4. À guisa de auto-sugestão positiva, pense em PAZ, AMOR, LUZ, EVOLUÇÃO, ALEGRIA, IMORTALIDADE, COMPREENSÃO ETC.; 5. Leve a atenção para os ossos das pernas e tente sondá-los mentalmente; 6. Visualize um vapor azulado emanando suavemente desses ossos; 7. A seguir, leve a atenção para a base da coluna; visualize um vapor violeta emanando dessa região e subindo por toda a extensão da coluna vertebral; 8. Visualize um vapor branco emanando dos ossos dos braços; 9. Visualize um vapor rosado emanando dos ombros para cima; 10. Visualize um vapor verde emanando do osso frontal; 11. Finalmente, visualize um vapor dourado emanando da caixa craniana. A essa altura, pode ser que o praticante sinta algumas repercussões na cabeça, tais como: ruídos intracranianos (estalidos dentro da cabeça); sensação de que os ossos da cabeça estão derretendo ou fumegando; zumbidos intracranianos; dilatação da aura da cabeça e pulsações nos chacras frontal, coronário e na base da nuca. Essas repercussões evidenciam que o exercício está surtindo o efeito esperado. 12. Deite-se e procure pensar suavemente na projeção e nos amparadores”. (268)

Seguindo outra fórmula projetiva, agora do casal de projetores Melita Denning e Osborn Philips; após deitar na cama e fazer um breve relaxamento, você irá mentalizar a formação de uma réplica do seu corpo, que flutuará cerca de 2 metros acima de você e então:

“Manter a visualização clara desse vulto projetado é seu cordão de ligação, ao mesmo tempo em que intensifica sua percepção de identidade no seu “Centro de Consciência” especial. Continue até ter a sensação distinta, vital e intensa da “presença” daquele ponto determinado.

Tome a clara resolução (mentalmente, não em voz alta) de transferir-se para aquele veículo astral. Imediatamente após ter feito essa resolução imagine-se, concentrado em seu ponto de consciência, deslizando em direção ao vulto e penetrando no ponto

correspondente ao seu próprio Centro de Consciência.

Agora faça um esforço mental deliberado de “virar-se” no vulto, a fim de ver sob o seu ponto de vista. (“veja” o quarto de algum ponto perto do teto - e inclua seu próprio corpo físico deitado abaixo, de frente para você).

ESSA MUDANÇA DE PERSPECTIVA É O PONTO CRÍTICO PARA ASSEGURAR A VERDADEIRA TRANSFERÊNCIA DE CONSCIÊNCIA. Após essa transferência, você deverá “sentir-se dentro” do veículo: localize seus pés, mãos, etc. (É difícil descrever; é quase como vestir uma luva grossa, mas também é como acordar de um sono pesado e retomar a consciência do corpo). APÓS TER CONSEGUIDO FAZER A TRANSFERÊNCIA DA CONSCIÊNCIA, o retorno não apresenta dificuldades. Na teoria, você - sua presença astral - deve deitar-se de costas, a mais ou menos 2,30m diretamente acima de seu corpo físico, deve renovar sua percepção do veículo astral (de forma a ter consciência de tê-lo com você), e então deve descer vagarosamente, por um ato de vontade, em direção e para dentro de seu corpo físico. Após um breve intervalo, você deve perceber a renovada consciência sensorial de seu corpo físico - novamente como se estiver despertando. Na prática, pelo menos por algum tempo, assim que você se aproxima de seu corpo físico, você se encontra espontaneamente unido a ele.” (269)

Outro tipo de exercício projetivo é ensinado pelo Dr. Keith Harary, PhD em Psicologia, onde o leitor, após o processo de relaxamento, deverá focalizar sua atenção num alvo mental, localizado dentro do seu quarto de dormir:

“Agora, em vez de imaginar que está flutuando diretamente acima do seu corpo, dirija a atenção para um local específico do outro lado do aposento. Imagine a sua percepção afastando-se do corpo em direção àquela parte ambiental distante.

A seguir imagine que você é um ponto de consciência flutuando no lado oposto do aposento, e que está olhando para o seu corpo a partir desta nova e mais remota perspectiva. Dê um tempo para que tal quadro se forme na sua imaginação. Concentre-se mentalmente nesta experiência imaginada, tentando capturar os detalhes com elementos fornecidos pelos cinco sentidos.

Daí a alguns minutos desloque o seu foco para uma parte bem diferente do seu ambiente imediato. Permita que os detalhes desse novo local se formem plenamente na sua imaginação, à medida que se dissolvem as impressões associadas ao local anterior.

Mantenha esse foco por vários minutos antes de, gradativamente, deslocar a atenção de novo para o seu corpo.

Enquanto executa este exercício, aproveite para criar imagens com o máximo de realidade. Quanto mais detalhadas as suas imagens, maior probabilidade de ter uma EFC.” (270)

Podemos, ainda, aproveitar aquele momento, logo que começamos a acordar, pela manhã; vez que nosso corpo astral ainda está meio descoincidente, para tentar induzir uma projeção lúcida; sendo este método recomendado pela pesquisadora Carol Eby, no seu livro “Odisséia Astral”:

“Tenho um procedimento que às vezes funciona bem no estado hipnopômico. Ao acordar, e antes que a consciência tenha voltado inteiramente para o mundo físico, relaxo e volto a dormir, concentrando-me no desejo de ter uma projeção astral e nas sensações que ela proporciona. Imagino a sensação de meu eu interior oscilando enquanto o meu corpo físico permanece imóvel. Eu “balanço” cada vez mais rápido, e logo a sensação de movimento interior transforma-se automaticamente nas mesmas vibrações produzidas no Procedimento Um. Quando isso acontece estou em um estado de consciência propício para ter uma EFC. Em algumas ocasiões, depois de tentar o Procedimento Um e pegar no sono ou fracassar por falta de concentração, consigo induzir uma EFC com o Procedimento Dois.” (271)

DÚVIDAS MAIS COMUNS

Não há o que temer, afinal, diariamente, nos projetamos, inconscientemente, a cada vez que dormimos e para encerrar este capítulo, vamos responder as dúvidas mais persistentes, que a maioria dos leitores e alunos possuem a respeito da projeção da consciência, através da experiência e sabedoria do notável projetor americano Robert Monroe:

“COMO VOCÊ SABE QUE ISSO NÃO É APENAS UMA ESPÉCIE DE SONHO?”

A maioria das pessoas despreza a experiência quando a encara como nada mais do que um sonho nítido. Na maior parte das vezes, alguns a identificam por um “sonho lúcido”. Nesse caso, a pessoa está aparentemente consciente de que está sonhando

e pode controlar o conteúdo do seu sonho, a ponto de mudar o acontecimento, os participantes e o resultado final. Na EFC, o indivíduo está em um estado definido pela nossa civilização como sendo quase totalmente consciente. A maior parte - se não a totalidade - da sua percepção sensorial física é reproduzida nesse estado. Você pode “ver”, “ouvir” e “tocar” - e em escala bem menor, sentir o cheiro e o paladar das coisas. A sua perspectiva é a de uma posição fora do seu corpo físico, perto ou longe dele. O local próximo é geralmente aquele em que é impossível se “estar” junto do corpo físico, como, por exemplo, flutuar contra o teto. O lugar distante poderia ser Paris, quando sabe que está fisicamente em Nova York. Você pode observar a ocorrência dos fatos, mas não pode mudá-los ou afetá-los significativamente. Você pode, em seguida, verificar a autenticidade desses fatos se assim o desejar. Mas não pode participar em maior grau dessa atividade física porque você não está “físico”. É a realidade extrema da EFC que a distancia do sonho. Ela é tão “real” quanto qualquer experiência de vida física.

QUALQUER PESSOA PODE SAIR DO SEU CORPO?

Vários estudos feitos, durante os últimos dez anos, indicam que uma média de 25 por cento dos humanos adultos se lembram de ter tido ao menos uma EFC espontânea. Muitos não sabiam o que lhes havia acontecido, até o fenômeno ter-lhes sido descrito. Como foi dito antes, partimos do princípio de que todas as pessoas entram na EFC durante o estado delta ou de sono profundo, num processo natural e em vários graus de intensidade. Assim, um passo pode ser o de começar a se lembrar dos padrões extracorporais, que você desempenha todas as noites durante o sonho. Além disso, após uma preparação psicológica e/ou filosófica específica, acreditamos que qualquer pessoa pode realmente entrar conscientemente em estados extracorporais.

A ENTRADA DELIBERADA EM ESTADOS EXTRACORPORAIS PODE MACHUCAR A PESSOA? ELA PODERIA MORRER DISSO?

Após 25 anos de investigações, bem como explorações pessoais, não há evidência que apóie nenhuma das possibilidades. Não há dúvidas do impacto emocional quando da descoberta da realidade do estado extracorporal. A maior mudança na crença de uma pessoa é frequentemente traumática e deve ser lidada com muito cuidado. Fisiologicamente não parece haver nenhum efeito, bem

como nenhum esgotamento de energia.

SE EU DEIXAR TEMPORARIAMENTE O MEU CORPO, OUTRA PESSOA NÃO PODE ENTRAR NELE ENQUANTO EU ESTIVER FORA?

Se nossa premissa estiver correta, a possibilidade disso acontecer não é maior do que a sua possível ocorrência durante o sono normal. Se pudessem ser criadas estatísticas sobre essa possibilidade, as probabilidades de uma ocorrência desse tipo seriam muito menores do que a da sua morte em um acidente automobilístico no próximo ano. Durante os últimos quinze anos, trabalhando com voluntários no laboratório e participantes dos programas, não tem havido incidentes que poderiam ser remotamente interpretados como uma “possessão” ou algo destrutivo ou incontrolável.

EM QUE UMA CLARIVIDÊNCIA DIFERE DE UMA EFC?

A clarividência, ou a habilidade de “ver” os fatos ocorrendo em outro lugar físico, usa um estado de consciência treinado, que é eficaz enquanto está muito ligado ao corpo físico. Geralmente apenas uma forma de percepção é utilizada, a qual é traduzida por percepção visual. No estado fora do corpo, não há consciência do físico porque você está longe dele. E, ademais, as percepções além da visual estão invariavelmente presentes. Há outras diferenças, mas essas são as básicas”. (272)

Um fato relevante de projeção, destacado por Marco Antonio Coutinho, no seu livro “Além do Corpo” e, que é narrado na Bíblia, tendo como protagonista o Profeta Elisha, merece ser transcrito abaixo:

“Existe um fato que é narrado a respeito de um profeta dos tempos bíblicos, de nome Elisha, que diz o seguinte: ele saía de seu corpo e se dirigia até os aposentos do rei sírio, que estava envolvido numa guerra contra Israel. Dessa forma, o profeta Elisha teria ficado conhecendo os planos, as estratégias militares desse rei, o que possibilitou a vitória de Israel sobre os Sírios”. (273)

Por fim, gostaria de citar a mensagem do escritor espiritualista e pesquisador

da EFC, Charles Lancellin, através da mediunidade de João Nunes Maia; que nos confirma a importância desta técnica, para adquirirmos a certeza da imortalidade espiritual:

“O desdobramento me interessou especialmente. “Eis aí”, pensava eu, “a maior prova da existência e da sobrevivência da alma”. E, graças a Deus pude comprovar isso... O tema que escolhemos, Viagem Astral, é, certamente, para colocar esse assunto em evidência nos meios que cultivam o espiritualismo, no seio daqueles que já buscam os ensinamentos do Cristo com o coração e sabem usar a inteligência para enriquecê-los, nos bastidores da palavra. Estes ensinamentos são o ponto de partida para as viagens astrais. Sabemos que tal assunto não é acessível, no momento, a todas as criaturas. Dizemos que todos carregam os dons espirituais em estado de sono, depositados no coração e na mente, pelo poder de Deus. Entrementes, podemos fazer alguma coisa para que essas sementes divinas possam desabrochar, com maior vigor e mais depressa, se fizermos a nossa parte”. (274)

CAPÍTULO VIII

TERAPIA DE VIDAS PASSADAS

“Da análise das suas tendências atuais mais fortes você pode deduzir, com muita precisão, o tipo de vida que viveu no passado”.
(48)

Paramahansa Yogananda

Continuando nosso estudo sobre a imortalidade do espírito, entraremos, agora, no campo da Psicologia Transpessoal, para as memórias de reencarnações anteriores.

Com efeito, a regressão de memória é um processo no qual o indivíduo conecta memórias de estágios anteriores de sua existência atual, vida intra-uterina ou suposta existência passada. O acesso a estas memórias se dá sob estados alterados de consciência de forma espontânea ou induzida; sendo que, atualmente, tem-se pesquisado e utilizado muitas técnicas de regressão, todas elas relacionando o passado do indivíduo a uma série de sintomas psíquicos e físicos de sua vida atual. Encontramos essa prática terapêutica na literatura com diferentes nomes, prevalecendo o da TVP: “Terapia de Vidas Passadas”.

A TVP consiste em tratar os pacientes afetados por vários sintomas emocionais e físicos direcionando-os através da memória de suas vidas passadas (comprovando, portanto, a doutrina da reencarnação). Sendo que os sintomas mais comuns incluem fobias, ansiedade, temores, ataques de pânico, bem como insônia, acrofobia, alergia e similares. Os terapeutas de vidas passadas asseguram, que a maior parte desses sintomas são resquícios de outras vidas, e que até certas desordens físicas ou marcas de nascença, são manifestações de ferimentos ou outros acidentes ocorridos em vidas anteriores.

Ademais, a TVP difere das terapias convencionais pelo fato de serem conduzidas enquanto o paciente está em um estado alterado de consciência, isto é, em um estado mental resultante de restrição ou intensificação do foco de atenção, através de determinadas técnicas de

indução. Entre as técnicas mais comuns estão a hipnose, relaxamento, exercícios de respiração e visualizações; estas, geralmente, sugerem a transição de um nível ou estado de consciência para outro, em que as experiências anteriores podem ser contatadas. A transição ocorre ao se imaginar uma escadaria, um elevador, um túnel ou outro tipo de passagem, que finalmente leve a pessoa às memórias de uma vida passada.

Quando a pessoa passa a apresentar comportamentos, durante a sessão de regressão, condizentes com aquela vida, ou seja, sotaque da época, falar em outro idioma, reações físicas de dor, angústia ou alegria, como se estivesse vivenciando as experiências, que descreve ao profissional responsável pela regressão.

E, por que não nos recordamos das nossas vivências anteriores? Ora, todas estas experiências estão registradas, porém em estado latente, nos átomos permanentes de nosso espírito superconsciente. Tente imaginar o quão doloroso seria manter todo o acervo de nossos crimes e erros praticados em outra vida, como nossa consciência poderia conviver com isto?

Como o caro leitor, poderia conviver, por exemplo, com seus pais ou irmãos se soubesse, que eles lhe torturaram ou decapitaram numa vida passada? como poderia amá-los e ser amado por eles nestas condições, resgatando suas dívidas cármicas?

Confio que a sabedoria divina estará sempre presente, no sentido de possibilitar trazer as lembranças de experiências ou aptidões de vidas passadas, que nos sejam úteis, a fim de facilitar o cumprimento da nossa programação reencarnatória atual. Entretanto, o mais importante é o nosso despertar espiritual, vez que não é imprescindível conhecer suas vidas passadas para obter essas mudanças positivas. A chave de tudo é a compreensão. Ao compreender sua verdadeira natureza e o seu objetivo, sua vida estará transformada para sempre, e daí em diante você pode começar a transformar o mundo.

Efetivamente, a TVP nos dá a compreensão, através de elementos sólidos e

uma convicção de que somos almas eternas e não, meros corpos individuais; pelo fato de não morrermos, efetivamente, apenas mudarmos de dimensão.

Quem nunca sentiu um “déjà vú”, aquela sensação de familiaridade com determinado local ou situação, até então nunca vivenciado ou conhecido, como explicar isto?

Alguns céticos alegam que estas lembranças poderiam ser transmitidas pelos gens; entretanto, esquecem que as memórias genéticas teriam de manter uma passagem ininterrupta do material genético de geração a geração; o que é um absurdo, pois muitos morrem, mais jovens, sem deixar descendentes, logo este reservatório genético não poderia mais ser transmitido. Ademais, esta teoria não explica a lembrança de memória nos períodos intermissivos ou entre-vidas.

Outrossim, existe outra corrente naturalista, que invoca a existência de um grande arquivo de todas as experiências humanas, que seria como o “inconsciente coletivo” de Carl Jung; no entanto estes símbolos, arquétipos ou imagens universais não se comparam com as lembranças, muito específicas narradas por pacientes de TVP, tão minuciosas que não poderiam ter sido captadas de livros.

O Prof. Stanislav Grof, estudou com profundidade esta temática no seu livro “O Jogo Cósmico”:

“As experiências de vidas passadas têm algumas características extraordinárias, pelas quais merecem séria atenção de pesquisadores, que estudam a consciência e a psique humana. Considerados em sua totalidade, estes traços não deixam dúvidas que as sequências cármicas representam um fenômeno singular sui generis e não apenas fantasias ou invenções de imaginação patológica. As experiências de vidas passadas ocorrem no mesmo continuum que lembranças exatas da adolescência, infância, primeira infância, nascimento e existência intra-uterina, fenômenos que frequentemente podem ser verificados de maneira confiável. Às vezes aparecem simultaneamente ou alternam-se com material biográfico da nossa vida atual.

Um outro traço interessante das experiências de vidas passadas é que frequentemente estão intimamente conectadas a questões e circunstâncias importantes em nossa vida atual. Quando

sequências cármicas emergem totalmente à consciência, de forma espontânea ou no contexto da psicoterapia experiencial profunda, elas podem prover insights elucidativos de vários aspectos anteriormente incompreensíveis e enigmáticos de nossa existência diária. Isto inclui uma grande variedade de problemas emocionais, psicossomáticos e interpessoais para os quais as modalidades convencionais de psicoterapia não fornecem uma explicação.

As experiências de lembranças de vidas passadas tipicamente fornecem mais do que apenas uma nova compreensão destes problemas. Este processo muitas vezes também pode resultar em alívio ou total desaparecimento de vários sintomas difíceis, tais como fobias, dores psicossomáticas, ou asma. Também pode ser instrumental na cura de relacionamentos problemáticos com outras pessoas. As experiências de vidas passadas podem assim contribuir de forma significativa à compreensão da psicopatologia e desempenhar um papel essencial para uma terapia bem-sucedida. Os terapeutas que se recusam a trabalhar com estas experiências por rejeitarem o conceito de reencarnação estão privando seus pacientes de um mecanismo terapêutico muito eficaz.

As pessoas que experienciam fenômenos cármicos costumam ter insights exatos da época e cultura envolvidas, no que concerne à estrutura social, crenças, rituais, costumes, arquitetura, vestuário, armas e outros aspectos da vida. Em muitos casos a natureza e a qualidade desta informação torna improvável que estas pessoas pudessem tê-la adquirido através dos canais convencionais. Ocasionalmente, as experiências de vidas passadas suprem informações sobre acontecimentos históricos específicos”. (275)

Para o pesquisador e escritor Ricardo Kelmer autor do livro “Quem Apagou a Luz”, muitas vezes podemos ter acesso a memórias de vidas passadas de forma espontânea:

“Na verdade, podemos ter, naturalmente, recordações de vidas passadas sem que precisemos ir a algum terapeuta ou orientador de regressões. Todas as nossas recordações estão impressas e guardadas em nosso banco de dados consciencial. Elas estão lá como arquivos prontos para nossa inspeção. Mas a nossa consciência superior sabe que acima de qualquer curiosidade está a precisão. Por isso esse arquivo não se revela ao nosso bel-prazer. Ele entra em cena nos momentos certos e da melhor maneira.

Sensações de déjà-vú, de intensa familiaridade com algum assunto ou alguém, lembranças de fatos que achamos não terem ocorrido, aproximação irresistível de certas pessoas, tudo pode ser parte de um plano de sua memória integral, aquela que está além de suas

lembranças comuns. Um plano para seu desenvolvimento pessoal. Elas chegam aos poucos e a intuição é a única arma que você possui para captá-las e compreendê-las. Elas ocorrerão até o final de sua vida como alguém que insistentemente chama sua atenção. Depende de você conhecer certos segredos". (276)

A base conceitual da TVP, analogicamente à física quântica, é o entendimento de que o indivíduo é um transformador de energia, num sistema evolutivo com eterna continuidade. Assim, todas as informações trazidas pelo paciente, devem ser acolhidas e analisadas sem preconceitos pelo profissional que faz a regressão.

O Prof. Divaldo Franco, pelo espírito de Joana de Angelis, psicografou seu novo lançamento "Dias Gloriosos":

"Tendo-se em vista que as Divinas Leis são de justiça, mas também de amor, cumpre que sejam restabelecidos os códigos de honra que foram desrespeitados e sejam recuperados os níveis de harmonia que os atos indítosos produziram.

A reparação dos erros é, por isso mesmo, inevitável, não sendo necessário de forma inexorável, que essa recuperação se dê exclusivamente através do sofrimento.

Jesus lecionou que o amor cobre a multidão dos pecados, e, diante da mulher equivocada, que lhe lavou os pés na casa de Simão, dominada pela ternura e pelo arrependimento da existência insensata que se permitia, liberou-a de maiores sofrimentos, confortando-a com a sugestão dignificadora: - Por muito amares, teus pecados são-te perdoados!.

Por outro lado, firmados nas infinitas possibilidades dos arquivos do inconsciente atual como do profundo, nobres psicanalistas encontraram nas ocorrências da vida perinatal a causalidade de muitos traumas, fobias, complexos de inferioridade e superioridade, narcisismo, perturbando a conduta dos seus pacientes. Através dos recursos hábeis para esse fim, vêm realizando incursões exitosas, graças às quais, liberam muitos sofredores dos seus tormentosos estados dalma, limpando-os das marcas neles gravadas.

Quando não encontrando essas causas de desajustes na fase atual nem na infância dos enfermos, foram estimulados a recuar a sonda da investigação e chegaram aos processos mais profundos dos registros, aos arquétipos coletivos, que nada mais são do que reminiscências de outras reencarnações, encontrando ali os

fatores responsáveis pelos distúrbios que ora os inquietam. Identificando as causas, trabalharam terapeuticamente nos seus efeitos e contribuíram para que muitos outros sofrimentos enigmáticos cedessem lugar à conscientização das mesmas, superando-as, através do repetir dos fatos, sob auxílio e orientação que demonstram já terem tido lugar e não mais deverem prosseguir emitindo ondas devastadoras sobre o psiquismo atual. É claro que, em tais evocações sob hipnose ou indução mais suave, o paciente não recorda plenamente a reencarnação anterior, senão é orientado a encontrar o fator que detona o problema e que nele mesmo se encontra ínsito". (277)

Além da perda do medo da morte, a TVP é uma maneira mais ampla de entender a vida, pois inibe a manutenção de preconceitos ou discriminações; pois todos nós já fomos ricos, pobres, árabes, judeus, homens, mulheres, católicos, protestantes, brancos e negros, etc. e, na verdade, somos espíritos imortais, habitantes do mesmo planeta Terra.

O Prof. Raymond Moody Jr., também comprovou, cientificamente, a veracidade da TVP, em seu consultório:

"Não são todos os que, ao regredirem, viveu a vida de Cristóvão Colombo, de Henrique VIII ou de alguma outra figura famosa. A maioria não pertence à realeza, nem é membro da elite. Na maior parte das vezes, são escravos ou gladiadores, soldados ou cavaleiros... Sei que isso é verdade porque pude constatá-lo em minha prática psiquiátrica". (278)

De qualquer modo, vemos essas experiências como evidências que sustentam a tese da reencarnação e da imortalidade do espírito, que são importantes fenômenos psicológicos com um grande potencial de cura e transformação. As experiências desse tipo inspiram, claramente, os conceitos indianos de renascimento e da lei do carma. De acordo com esses ensinamentos, nossa existência não é limitada a um tempo de vida, mas consiste em uma longa série de encarnações sucessivas. Em geral não nos lembramos de acontecimentos de encarnações anteriores, exceto em ocasiões especiais, quando as lembranças isoladas de fatos importantes de vidas passadas emergem em nossa consciência. Entretanto, somos responsáveis por nossas ações em todas essas vidas; em decorrência dos efeitos inexoráveis da lei do carma, nossa vivência atual é delineada pelos méritos e débitos das vidas anteriores, e nossas ações no presente, por sua vez, influenciam

nosso futuro.

Ervin Laszlo, considerado o principal expoente da filosofia dos sistemas e da teoria geral da evolução, com 59 livros publicados, também analisou a TVP:

“Alguns pacientes podem lembrar-se de várias vidas passadas que, juntas cobrem um vasto período de tempo. De acordo com Thorwald Dethlefsen, um famoso e controverso terapeuta de Munique, as séries de “reencarnações” chegam à centenas e podem compreender 12.000 anos. O igualmente famoso e controverso investigador Stanislav Grof, dos Estados Unidos, afirma ter regredido pela hipnose pacientes até o estado dos animais ancestrais. Pacientes de todas as idades contam histórias de experiências de vidas anteriores, freqüentemente associadas com problemas e neuroses atuais. Os históricos de caso de Dethlefsen incluem a história de um paciente que não podia ver com um olho que funcionava perfeitamente. Ele teve a lembrança de ter sido um soldado medieval cujo olho foi atravessado por uma flecha. Um paciente do pesquisador pioneiro Morris Netherton, que sofria de colite ulcerativa, reviveu as sensações de uma menina de oito anos fuzilada por soldados nazistas. E um paciente do terapeuta de Nova Iorque, Roger Woolger, que reclamava de rigidez no pescoço e nos ombros, lembrou-se de ter cometido suicídio por enforcamento, como um pintor holandês.

As imagens e experiências que vêm à superfície, a partir destas misteriosas fontes, têm um notável efeito terapêutico: muitas doenças psíquicas e físicas parecem ser o resultado de traumas que foram vividos em vidas passadas. Lembrar-se e reviver os eventos traumáticos libera os “laços cármicos”: sentimentos de culpa e ansiedade que aparentemente foram trazidos de experiências anteriores” (279)

HISTÓRIAS E PESQUISAS CIENTÍFICAS

Desde 1887, Fernandez Colavida, vinha desenvolvendo nas suas sessões espíritas, tentativas de regressão às vidas passadas do sensitivo, em estado de transe, tendo retroagido o mesmo a 4 vidas passadas, com transfigurações do seu rosto e voz acentuadas; e até solicitado a outro colega pesquisador, para repetir a experiência com o mesmo médium, que mantinha as suas descrições de forma idêntica à anterior.

Outrossim, o Dr. Albert de Rochas utilizou a TVP, experimentalmente, a partir de

1893, como forma de provar a reencarnação, consistindo no uso de passes magnéticos longitudinais, combinados com a imposição da mão direita sobre a cabeça do sensitivo.

Segundo o renomado pesquisador e escritor, no seu livro “Vida Após a Morte”,

Dr. Scott Rogo:

“Talvez o primeiro caso moderno de “lembrança de vida passada” espontânea obtido sob hipnose tenha sido registrado por William McDougall, psicólogo de Harvard, no começo do presente século. McDougall absolutamente não estava interessado em reencarnação, mas era especialista em hipnose e defrontou-se com o incidente em questão quando realizava pesquisa sobre o estado hipnótico na Universidade de Oxford, na Inglaterra. Durante uma experiência com um paciente hipnótico particularmente dotado, o jovem “anunciou” de repente que era um carpinteiro egípcio e descreveu como lhe fora dada a incumbência de esculpir figuras em tabletes destinados a um túmulo faraônico. Descreveu com alguns detalhes as imagens que estava criando. Incluíam elas uma águia, uma mão com uma insígnia em zigue-zague ao lado, um deus com uma coroa branca e uma figura representando os mundos “superior e inferior”. Nada disso tinha sentido para McDougall até nove meses mais tarde, quando Sir Flinders Petrie, arqueólogo inglês trabalhando com a Sociedade de Exploração Egípcia, anunciou que concluíra a escavação de um obscuro rei da Primeira Dinastia do Nilo. Todos os símbolos descritos pelo paciente de McDougall foram encontrados no cenotáfio. Conferindo datas, McDougall descobriu também que a sessão hipnótica fora realizada mais ou menos no mesmo tempo em que Petrie estava fazendo suas descobertas iniciais.

O falecido Sir Cyril Burt, outro eminente psicólogo britânico, estava por acaso assistindo à experiência de McDougall. Escreveu ele posteriormente que “o próprio estudante afirmava nada saber sobre o Egito Antigo além do que havia na Bíblia”. Como o estudante era cego, sua leitura era extremamente limitada e por isso ele nada havia lido sobre o Egito Antigo”. (280)

Já a ilustre psicóloga transpessoal, Prof^a Vera Saldanha, na sua obra “A Psicoterapia Transpessoal”, aborda o histórico das TVPs:

“Denis Kelsey e Joan Grant foram os primeiros a relatarem memórias de vidas passadas de maneira terapêutica. Em 1938,

depararam-se com clientes lembrando a época de sua concepção de forma espontânea. Nessa época, Kelsey conclui que deveria existir nos seres humanos um elemento que é capaz de funcionar e de recordar eventos até mesmo na ausência de um corpo físico. Um dos primeiros registros dessa modalidade de terapia está em seu livro “Many Lifetimes”.

Nesse tempo, S. Grof já realizava pesquisas com LSD, resgatando memórias perinatais, relacionando-as a sintomas específicos. Mesmo com a proibição do LSD, Grof constatou que através da indução com música e respiração, essas memórias eram acessadas.

Na década de 1970, um psicólogo norte-americano, Morris Netherton, desenvolveu uma técnica de indução à regressão de memória, através da conexão afetiva ou sensação física, publicando seu trabalho no livro “Past Lives Therapy”. Na mesma ocasião, outras obras deram impulso a esse trabalho: a psicóloga Helen Wambach pesquisou estatisticamente esse campo e publicou “Reliving Past Lives”. Outra psicóloga, Edith Fiore, lançou “You Have Been Here Before”, relatando a eficácia desta prática terapêutica para a remissão de sintomas. Já o psicólogo alemão Thorwald Dethlefsen, publicou “Voices from Other Lives”. Um trabalho em que, de início, foi usada a hipnose, relacionada com estados de expansão de consciência.

Na década seguinte, o casal Prieto Peres trouxe a Terapia de Vidas Passadas para o Brasil e M. Júlia P. Peres, médica, sistematizou uma abordagem psicoterapêutica nesta área, denominado-a Terapia Regressiva Vivencial Peres (TRVP).

O canadense Joe Whitton, por sua vez, publicou “Life Between Life” e o norte americano Brian Weiss, “Muitas Vidas, Muitos Mestres”, obras que exploraram o potencial terapêutico do suposto período intervidas. Inclusive, alguns psicoterapeutas têm voltado seus trabalhos para o significado da vida, sem tanta ênfase à remissão de sintomas. Hans Tendam, psicólogo holandês, e Roger Woolger, psicólogo inglês, têm contribuído para a fundamentação teórica da terapia regressiva com base na teoria holográfica. O primeiro é autor de “A Cura Profunda” e o segundo, de “As Várias Vidas da Alma”.” (281)

A publicação do livro “The Search of Bridey Murphy” (1956), de Morey Bernstein, sobre uma dona-de-casa do Colorado que alegava ter revivido memórias de uma vida anterior, como uma menina irlandesa de nome Bridey Murphy, no século XIX; fato que também deu grande

impulso à série de estudos sobre o fenômeno de regressão a vidas passadas. Assim, muitos investigadores acreditam que a regressão a vidas passadas, também conhecida como lembrança de encarnações passadas, proporciona fortes comprovações e confirmações sobre a reencarnação.

Para encerrar este breve histórico sobre a TVP, vamos transcrever as considerações do médico e escritor espírita, Dr. Jorge Andréa dos Santos:

“Assim, os parâmetros da física quântica vêm propiciando sustentáculo aos fenômenos biológicos de modo a reforçar a presença espiritual na estrutura básica da vida. Isso tem permitido que o setor psicológico, com seus inusitados fenômenos, se sustentem e encontrem apoio.

A prevalência do espiritual se está tornando, como que contundente, nos diversos modelos psicológicos, com valores positivos, de modo a permitir sua utilização na prática terapêutica.

A psicologia atual, tomando novos rumos, passou pelas conhecidas fases do comportamento (behaviorismo de W. James), da psicanálise (Freud), do humanismo com finalidade de evitar a alienação do ser pelo intelectual improdutivo (traço de união para o espiritual) e, hoje, no campo espiritual, fazendo parte da denominada psicologia transpessoal ou 4ª força, na feliz expressão de Joanna de Angelis (espírito).

A psicologia transpessoal tem proporcionado efetivos estudos e valorizações para o conhecimento da reencarnação, das comunicações espirituais em intercâmbios e boas avaliações da lei ação-reação a que estamos subordinados. Esta última proposição propiciou novos conhecimentos, com farto material avaliativo, diante a multiplicidade de fatores envolvidos nessas ocorrências. Ocorrências do passado e do presente influenciando nas tendências e nos fatores tipológicos de nossa íntima estrutura. Na maioria das vezes, o bloco afetivo doentio progride da zona profunda do psiquismo (inconsciente passado), para a zona consciente ou psiquismo de superfície, descarregando suas energias doentes em manifestações psicossomáticas de coloridos diversos e intensidades as mais variadas (vide gravura). Nesta descarga haveria projeções de sintomas ansiosos, distímias (pequenas reações depressivas), depressões, fobias, compulsões, quadros histeriformes, até mesmo as manifestações de disritmias (com presença ou não de convulsões crônicas) que, em grande maioria, poderão estar associadas às presenças espirituais negativas nutrindo o processo.

A terapia de vivências passadas (TVP) proporciona a drenagem dessas energias que se estão aflorando (maturação do bloco energético?), de modo lento ou não; isto é, de modo mais ou menos traumático. Assim, à medida que a zona consciente revive os sintomas projetados pelos sentimentos e emoções de que o bloco se acha revestido, vai propiciando “dores psicológicas” que, além de propiciadoras do esvaziamento energético, são criadoras de novas capas vibratórias protetoras desses campos. Nesta contingência, o refazimento energético de toda área afetada que se escoou, será tanto mais eficiente quanto maior for a absorção das realizações e o adequado comportamento dos seres. É como se houvesse uma espécie de “vacinação energética” para o Espírito, assegurando e fortificando a sua trilha evolutiva. Nesta equação, além do apagamento da “dívida do passado”, o Espírito fortificou-se e lastreou-se em experiência”.

CASOS PRÁTICOS E DEPOIMENTOS DE ARTISTAS

O mais renomado terapeuta de vidas passadas da atualidade, Dr. Brian Weiss, chefe da psiquiatria no Mount Sinai Medical Center (Miami-EUA); apesar de toda sua formação médica conservadora, na Universidade de Columbia e na Escola de Medicina de Yale; não pode resistir à força dos fatos narrados por sua paciente Catherine, que mudou sua vida e originou o seu primeiro “best seller” mundial, “Muitas Vidas, Muitos Mestres”:

“Estive em planos diferentes. Cada um deles é um nível de consciência superior. O plano para onde vamos depende de quanto progredimos ...” Ela se calou de novo. Perguntei o que ela precisava aprender para progredir. Respondeu imediatamente.

“Devemos dividir o nosso conhecimento com os outros. Temos todos mais capacidades do que usamos. Alguns descobrem isto antes dos outros. Devemos avaliar as próprias imperfeições antes de atingir esse ponto. Se não fizermos isto, vamos carregá-las para outra vida. Só nós podemos nos libertar... dos maus hábitos que acumulamos no estado físico. Os Mestres não podem fazer isto por nós. Se preferir lutar e não se libertar, você as carregará até a outra vida. E só quando resolver que é forte o bastante para dominar os problemas externos é que se livrará deles na vida seguinte...”

“Seu pai está aqui e o seu filho, que é pequeno. Seu pai diz que você o reconhecerá porque ele se chama Avrom e sua filha tem o mesmo nome. Ele morreu do coração. O coração de seu filho também era importante, porque estava invertido, como o de uma galinha. Ele fez um grande sacrifício por amor a você. A alma dele é

muito evoluída... Sua morte pagou as dívidas dos pais. Ele também quis lhe mostrar que a medicina tem limites, que seu campo de ação é muito limitado"... Catherine nada sabia sobre a minha família ou a minha história pessoal. Eu era bem escolado nas técnicas terapêuticas tradicionais. O terapeuta devia ser uma tábula rasa, um quadro em branco onde o paciente projetaria seus próprios sentimentos, idéias e atitudes. Estes seriam então analisados, aumentando o campo mental do paciente. Eu mantivera essa distância terapêutica com Catherine. Ela realmente só me conhecia como psiquiatra, nada do meu passado ou da minha vida particular. Nem mesmo meu diploma estava exposto no consultório. Debaixo dos calafrios, sentia crescer um grande amor, um forte sentimento de unidade e conexão com os céus e a terra. Eu tinha saudades do meu pai e do meu filho. Era bom ouvir falar deles de novo. Minha vida jamais voltaria a ser a mesma. Uma mão descera e altera irreversivelmente seu curso. Todas as minhas leituras, feitas com um cuidadoso espírito escrutinador e neutralidade cética, se encaixavam. As lembranças e mensagens de Catherine eram verdadeiras. Minhas intuições sobre a exatidão de suas experiências estavam corretas. Eu tinha fatos. Tinha a prova". (282)

A professora e pesquisadora do IIPC – Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia, Flávia Guzzi, faz um relato de suas retrocognições no seu livro “Mudar ou Mudar”, que lhe permitiram se livrar da automimese (repetição por parte da própria pessoa, de experiências já vividas e aprendidas em outras vidas); bem como da interprisão grupocármica (condição de inseparabilidade cármica do grupo evolutivo da consciência):

“Vivia, nessa época, na Europa, quando, por apego ao status social, às terras e ao poder, fiquei do lado errado de novo. Era como se houvesse uma linha divisória invisível e eu tivesse que escolher: de um lado a paz, a serenidade e a liberdade; do outro lado as paixões exacerbadas, o poder, a posse de terras e a manipulação de consciências ignorantes.

Escolhi o lado errado da linha e lamentei profundamente essa triste escolha. Perdi grandes oportunidades de realizações pessoais e grupais. Liguei-me a consciências em uma interprisão grupocármica sem fim, aumentando meu nível de ignorância perante a realidade cosmoética.

Agora sim, compreendia porque sou diferente de algumas pessoas. Sou uma repetente, ou seja, meus companheiros de grupo evoluíram e fiquei para trás.

A dor na consciência de reconhecer minha pequenez perante as consciências mais evoluídas, fez-me parar, pensar e refletir sobre as atitudes imaturas que me fixaram nas automimeses durante muito tempo. Quanto tempo perdido por nada! Quanto egoísmo sem utilidade evolutiva!” (283)

Outrossim, são bastante esclarecedoras as respostas colhidas pelo escritor Dr. Glenn Williston, do livro “Eu Superior”, sobre seu paciente, durante uma TVP:

“Algumas de suas estadas no plano das Almas parecem ter sido bem longas.

Sim, centenas de anos, mas algumas outras foram curtas.

Que determina o período de tempo entre as vidas?

O sucesso do aprendizado.

Como é possível aprender alguma coisa de uma existência no Egito, que está cheia de tanto sofrimento? (apresentada numa sessão anterior)

Muitas coisas vêm daquele tipo de vida, muitas coisas... paciência, muitas coisa. Parece rotineiro, parece sem valor: mas a alma aprende muita coisa.

Com que compararia uma existência?

De certo, com uma sala de aula, em que cada vida é um curso com diversas coisas para se aprender. Mas você aprende mais que na escola, e a sala de aula é muito pequena, em comparação com o que se aprende.

No plano das Almas todos têm consciência do que foi aprendido em cada existência?

No plano das almas, sim.

Então, mesmo as pessoas que parecem alheias à vida em sua encarnação, também têm uma percepção no plano das Almas?

Garantidamente.

O que cria uma criança-prodígio? Mozart, por exemplo?

Transporte de uma ou várias vidas passadas. No caso dele, com toda certeza.

Porque o aprendizado é retido por alguns de nós e não por outros? Faz parte do carma da pessoa. O destino daquela pessoa é viver um determinado tipo de vida e ela vai transportar apenas o que é necessário para vivê-la, como todas as pessoas”. (284)

Ampliando meu raio de pesquisa da TVP, busquei colher outros relatos de pessoas confiáveis, mais próximas à mim, como é o caso narrado pela competente jornalista gaúcha Joyce Larronda, ao se submeter a uma sessão de duas horas e meia de TVP, com o psicólogo

José Antônio de Souza, autor do livro “Introdução à Terapia de Vidas Passadas - Guia Prático para Terapeuta e Paciente”, da Editora Berkana:

“Fixando a água, que se formava, fui transportada para um outro lugar, muito pobre, as margens de algum grande rio e vi um Frade acompanhado de uma mulher e uma criança, observando um barco, à remos, com muitos homens, que partiam para qualquer expedição.

“Você está no barco?”, perguntou J.A. Respondi que a mulher e a criança estavam tristes, desamparadas porque o marido/pai, fora escalado, como todos os outros para remar na expedição, e que não voltariam.

“Você é a mulher?” Não, respondi, sou o Frade, sou de alta estatura, sinto o sangue ardente derramando dentro do meu coração. Minha alma arde, profundamente triste, pelo sofrimento daquela mulher, daquela criança, do homem que está no barco, por todos que estão no barco e em terra. Porque as pessoas desta região não são donas de sua própria vida, obedecem a poderosos senhores, que dispõem de seus trabalhos escravos. Minha tristeza é grande porque todos acham que isto é certo, que as coisas são assim mesmo e penso quão difícil será fazer os poderosos compreenderem que não têm este direito. Eles ignoram os sentimentos dos seus escravos, não ligam para sua dor moral e física. Por outro lado, o povo aceita resignado, acreditando que merece ser tratado assim, que são seres inferiores mesmo. Penso que todos (poderosos e escravos) são bons e não sabem e não despertam deste pesadelo que escolheram viver.

Faço o que eu posso: eu escondo as pessoas maltratadas num lugar entre as montanhas que só eu e mais seis Frades conhecem, é seguro e lá eles vivem de uma forma mais livre mais saudável, eles plantam, constróem coisas e aprendem a ser responsáveis e a dar valor a própria vida. Mas, ainda não é ideal, porque por melhor que seja o lugar, eles estão confinados no mundo. É o máximo que eu e os outros frades podemos fazer por estas poucas pessoas. Não sei quanto tempo será necessário para todos eles compreenderem e mudar isto”...

“Estou em um salão de um palácio egípcio, ricamente decorado e estou vendo entrar um jovem alto de 17 anos, com a cabeça ornamentada por um pano com listras largas horizontais, firmado por uma tiara na testa (como os egípcios antigos costumam usar), uma peiteria (não lembro como chamamos isto, hoje) dourada ao redor do pescoço, sobre os ombros, peito nu e um bonito pano bordô

preso na cintura, com um barrado bordado em dourado e prata, até tornozelo e sandálias nos pés. Também vi uma pequena mulher, de cabelos escuros, de costas (em primeiro plano), observando o rapaz.

Quando o terapeuta perguntou se eu era o rapaz, num “vupt” eu (a mulher) o estava abraçando e, respondi: “Não, eu sou a mãe dele, ele é meu filho e é meu filho Christian, estou sentindo amor e apreensão porque ele é muito bom, tem poderes, é muito amado pelo povo e é muito jovem para sua grande responsabilidade. E ele não poderá viver como todos os outros jovens e eu quero que realize sua missão e também seja feliz. Sinto-me grata por ser sua mãe”.

Depois de tudo isso, conversamos, eu e José Antonio. Falei a ele que estranhei o fato do meu “flash back” não ter os “ingredientes” normais de outros depoimentos, que lemos em livros ou vemos em reportagens na televisão, onde as pessoas localizam lugares geográficos, datas, personagens conhecidos (familiares, por exemplo) em diversas vivências.

O único “link” com alguém próximo de mim, foi o do egípcio com o meu filho. “Como você tem certeza que aquele personagem era o Chrystian?”, perguntou-me J.A. a minha resposta foi óbvia” “Ora, se uma mãe não vai saber que é próprio filho quando o abraça. O sentimento é único, especial, exclusivo”.

Quanto aos demais eventos, percebi que a minha preocupação sempre foi com unir as pessoas, o senso de justiça social, de valor humano, o cuidado em esclarecer através da informação. Identifiquei que através dos tempos sempre tive isto em mente ou no coração e que apenas os recursos e as ferramentas que eu utilizei é que mudaram (algumas ainda são úteis e me acompanham).

O mais importante é que sempre me perguntei porque eu não levo o meu jornalismo de uma maneira comum, como restringir-me a relatar os fatos, escrever poesias, livros, reportagens. Porque eu me envolvo emocionalmente e me sinto responsável pelos fatos e quero ajudar a encontrar soluções para as coisas? Bem, com esta experiência, eu compreendi como sou e, aceitei isto”.

Como o tema básico deste livro é a justiça divina comparada com a justiça humana, solicitei ao casal de pesquisadores e escritores, Sérgio Prancvitch e Walkíria Palmieri, fundadores e diretores do Instituto KVT de São Paulo, alguns casos tratados por eles, que envolvessem esta

matéria:

“Primeiro caso: Características: Homem, 29 anos, solteiro, advogado, tem um escritório de advocacia, junto com seu pai, que também é advogado. Situação econômica – classe média, com certo poder aquisitivo.

Focos de pesquisa: envolvimento com o poder, mesmo não querendo; sempre era mal compreendido em suas intenções por colegas de trabalho; por mais que se esforçasse em ser honesto, sempre atraía pessoas que de alguma forma ou outra, acabavam por envolvê-lo em situações de desonestidade; traição e medo de errar.

Vidas passadas: Se vê em uma sociedade de classe alta no século XVIII, França. Fazia parte de um grupo com idéias revolucionárias, onde tinha papel de destaque. Tinha o dom da oratória, falava ao povo de uma sociedade de direitos economicamente iguais. Porém na realidade era tudo uma grande mentira, pois ele enganava as pessoas, fazendo com que as mesmas contribuíssem monetariamente, e no final ele ficou com a maior parte do dinheiro. Todo o grupo acabou sendo preso e ele morre enforcado.

Laços Kármicos – abuso do poder, mau uso da inteligência e da palavra, manipulação de massa, (da sociedade), distorção da lei, (criou um código de honra e de direitos de igualdade para toda a sociedade e não cumpriu).

Tendências – desenvolveu um processo de bloqueio de expressão pelo mau uso da palavra e por ter morrido enforcado (chacra laríngeo, região da expressão da fala), e por ter sido enforcado em praça pública (ficou exposto ao público).

OBS.: Hoje ele sente dificuldade de defender suas idéias, e se sente limitado ao falar, principalmente como advogado, além de inspirar constantemente a desconfiança das pessoas. Muitas vezes foi envolvido inocentemente em situações embaraçosas.

Reencarnou como frei, onde se vê numa situação de pobreza e de defesa das pessoas, fiéis de sua simples comunidade. Suas idéias de igualdade, fraternidade, começam a ameaçar pessoas

importantes da cidade, e a partir daí ele se vê perseguido por autoridades e pela própria igreja que não tinha interesse de se indispor com o poder daquele local. As pessoas simples acreditam nele e lhe dão força política, porém há uma traição e ele morre novamente enforcado.

Tendências – reforçou seu bloqueio de expressão, pois foi novamente punido pelas palavras, embora nesta encarnação já começava a fazer a transformação através do bom uso da palavra.

Outras vidas – se vê sempre como líder e praticando o uso da palavra, ora de forma religiosa, ora de forma política, porém sempre envolvido com idéias, sociedades, pessoas, liderança, mau uso de seu poder, inteligência e palavra. Sempre utilizou também da persuasão, de um certo carisma que tinha em todas as encarnações pesquisadas.

Programação Reencarnatória - usar seus conhecimentos dentro do Direito, para fazer o bom uso da lei a favor da maioria, defender sempre a honestidade, e acima de tudo ser digno consigo mesmo, para poder realizar um bom trabalho como advogado, por onde ele deverá evoluir na prática da intelectualidade e do conhecimento das leis para auxiliar as pessoas. Traz consigo dificuldades financeiras em virtude de ter ganho muito dinheiro, que deveria ser direcionado às causas sociais; transformar a impressão energética contida na sua aura, de mau uso da honestidade e da palavra.

Segundo caso – Homem, 34 anos, casado, filhos, advogado muito bem sucedido, poder econômico alto, com muita facilidade de ganhar dinheiro, prestígio social e reconhecido no seu meio profissional.

Procurou a terapia por se encontrar numa situação de perdas financeiras tremendas, com casos certos mas que não terminavam, ou seja casos de clientes que ele ganharia muito dinheiro, mas os casos se complicavam e ele acabava perdendo dinheiro, perda de seu escritório e sérios envolvimento sexuais, na ocasião disse que possuía muitas amantes, sendo uma delas uma amiga advogada, que havia recomendado o K.V.T., por ser um lugar sério. Queria muito entender porque era uma pessoa fria, com alta capacidade de enganar as pessoas, com profundo poder de persuasão fazendo-as acreditar em tudo o que ele falava ou orientava. Se confessava uma pessoa totalmente não confiável, com muita arrogância, prepotência, ganancioso, mentiroso e dono de uma “lábria” fantástica, ou seja fazia as pessoas acreditarem e mudarem de idéia de acordo com o que ele desejasse. Me disse na ocasião que ele conseguiria convencer minha mãe, de que ela não

havia me dado à luz. Como estava numa pior, acreditava que poderia ser coisas de vidas passadas. Conversei seriamente com ele, pois logo percebi o quanto era falso, perigoso e que não queria realmente se modificar. Quando ele percebeu que eu estava optando por não fazer a terapia, ele logo colocou isto como um desafio, para ele “tentar me convencer que eu tinha que fazer o processo para ele”, pois ele queria muito mudar, sentia que precisava mudar, porquanto estava ficando muito nervoso e sua saúde já começava a dar sinais de abalo por estresse. Como logo eu observei, habilmente conduzi o processo para meu controle, e pedi a ele que assistisse o “Advogado do Diabo”, o qual ele assistiu e se identificou plenamente com o personagem. Compareceu a todas as sessões pontualmente, até um determinado ponto, quando desistiu, e não apareceu mais.

Na realidade esta pessoa se encontrava numa situação de disputa entre as amantes, sendo que uma delas havia recorrido ao antigo processo de “trabalhos espirituais” para solidificação de sua relação com ele. Dizia ele que ganhara um presente dela e que a partir daí tudo se tornou difícil para ele, começaram as brigas em casa e a situação financeira decaiu. Não possuía nenhum conhecimento nesta vida sobre magia, ou parte espiritual. De caráter medroso, temia um julgamento espiritual, porém gostava profundamente do que fazia e não pretendia abandonar seus métodos de poder e glórias, como advogado de prestígio. Na ocasião em que parou as terapias, estava com um caso em Brasília, o qual lhe daria muito dinheiro, e estava já praticamente ganha a causa. Em todas as ocasiões eu sempre lhe perguntava, se ele estava disposto a uma conduta reta como advogado e que para isto teria que modificar muito suas velhas tendências do passado. Sempre se mostrava muito feliz, por ter o poder sobre as pessoas e dizia constantemente que a lei aqui não existia, que ele fazia o que queria com ela e conseguia sempre colocar a lei a favor de seus interesses mais escusos. Gostava muito do poder, porém era fraco, covarde e “asqueroso”. Foi um caso difícil que eu coloquei nas mãos dos guardiões, que me ajudaram muito a manter inclusive o saneamento de minha sala, quando ele passava por terapia. Fazia o tipo frágil e chegou até em ajudar o Templo em campanhas para as crianças. Estava metido aqui em São Paulo com políticos famosos.

Vidas Passadas : Se vê na segunda guerra mundial, onde fazia parte do exército de Hitler. Se vê como uma pessoa ruim, com sérios comprometimentos com mortes e excesso de poder. Era uma pessoa que não se mostrava muito ao público, não despertava atenções para si próprio. Tinha muito poder e foi responsável por muitas mortes, sem seu nome aparecer, ou seja já naquela época se mostrava fraco e de caráter extremamente sarcástico, pois gostava de ver seus planos

serem colocados em prática e ele se esconder das responsabilidades. Impiedoso, cruel, insensível e bruto. Durante o transe da terapia se mostra feliz com o poder que encontrou. Tudo o que ele viu o deixou de uma certa forma mais seguro de suas atitudes do hoje, embora falasse constantemente que desejava a transformação a todo custo. Se sente a própria sombra de Hitler, um dos homens principais. Morre em explosão.

Laços kármicos – com poder, com a humanidade, com mortes, com mentiras, com crueldade, com falsidade e com auto-imagem, dá a si próprio um valor imenso. Karma social, político, humanitário, etc.

Se vê num outro foco de vida passada, como homem, com poder religiosos, muito poder religioso. Tinha um alto posto religioso onde dominava jovens, que entravam para aquela seita, através de magia e sexo. Praticava o homossexualismo, e dominava pessoas até fora da comunidade religiosa, através de cultos e práticas onde eram evocadas forças espirituais trevosas. Dominava mentes e colocava pessoas para realizarem coisas de seu único interesse e ganhou muito dinheiro com isto. Morre traído na própria magia negra que praticava, pelo seu discípulo com o qual praticava o homossexualismo. Ao desencarnar passa a habitar as trevas, numa região cavernosa, onde se encontra com os seres trevosos que lhe auxiliavam e continuam juntos a praticar o poder e sexo desequilibrado. Lembrando que tudo isto é possível em virtude do pensamento plasmado, que toma forma densa no baixo nível astral. Não consegue ver o momento em que foi resgatado. Tudo indica que seu resgate foi arbitrário à sua vontade e seu reencarne também.

Laços kármicos – mau uso do poder interior com magia negra, filosofia religiosa, domínio de mentes, desequilíbrio sexual.

Importante lembrar que, por mais que sua preferência sexual fosse “mulheres”, havia um pensamento constante que o incomodava com homossexualismo. Hoje também estava sendo assediado por outro trabalho de magia negra sexual.

Estes dois focos foram os vistos antes dele desistir da terapia. Não pudemos verificar sua programação reencarnatória, embora ficasse claro que ele gostava de suas tendências negativas e que realmente não estava disposto a perder seu “trono” de poder. Neste caso, podemos pensar que o Direito na sua vida profissional pode ser um resíduo de tendências negativas ou também

pode ser uma possibilidade programada de transformação, se ele praticasse sua profissão com objetivos nobres, de crescimento e auxílio à evolução; bem como trabalhando conscientemente, para o auxílio da prática honesta da lei.

Infelizmente, foi um dos casos mais tristes em termos de falta de consciência evolutiva, que já tivemos para tratarmos. Um ser que na realidade vivia encarnado como um grande obsessor do baixo astral, e que trabalhava para consolidar a infra-lei aqui na terra. Ainda tinha ligações com aqueles seres magos negros do astral, e que se infiltram através de “falsos advogados” para implantarem a tristeza, a dor e a corrupção de nossas pobres leis.

Este advogado ainda serve para a humanidade como um agente kármico negativo, enviado pelas trevas para agir no nosso plano como um verdadeiro ser trevoso. Estas informações foram passadas pela guardiã dos sete caminhos de evolução Sinhá, que significa senhora da luz.

Observando outros casos de pesquisas com advogados, que participaram de terapias de vidas passadas, constatamos, praticamente, em todos os casos os seguintes comprometimentos kármicos:

Mau uso do poder de forma geral, tanto religioso, quanto social, econômico, político etc; Mau uso da palavra, do sexo, da magia, da lei em todos os sentidos de forma arbitrária; Domínio de pessoas e populações (massas); Envolvimento com roubos e mau uso do poder financeiro e Desequilíbrio do baixo-astral (no período intermissivo).

Obs.: Muitos juízes inquisidores, senhores de escravos, políticos de todos os tempos, hoje são advogados praticantes”

Como o leitor pode verificar no segundo caso narrado, semelhante ao filme “O Advogado do Diabo”, o próprio paciente se identificou com o personagem feito pelo ator Keanu Reeves, advogado hábil e inescrupuloso, que tinha como mentor o diabo, vivido pelo ator Al Pacino.

Em face dos exemplos acima narrados, peço atenção aos leitores, que porventura estejam atuando no sistema judicial brasileiro, para refletirem e observarem sua conduta,

constantemente, evitando as possíveis repercussões cármicas, a fim de se manterem, sempre, no caminho da adequação ética, humana e social do Direito, em benefício de toda a sociedade. Afinal, esta pode ser uma nova oportunidade para trilharmos nosso caminho de luz, canalizando a Justiça Divina para a sua aplicação entre os homens.

Agora, gostaria de transcrever alguns depoimentos de artistas famosos, que também confiam na eficácia da TVP:

“Cláudia Alencar, atriz - “Fiz uma regressão até a Vida Intra-Uterina. Começaram a vir imagens de um monge num templo, de uma deusa com cabeça de águia e vários braços. Não sei se isso foi regressão até Vidas Passadas ou um estado de relaxamento que me fez imaginar tudo isso. Quando sofri um sério acidente, tive a certeza de que existe uma alma. Eu saí do meu corpo e minha consciência, do alto, via meu corpo que foi atirado para fora do carro, lá embaixo, no chão. Vi pessoas chegarem, vi um táxi parar e dele sair uma moça para me olhar. Logo depois, estava embaixo de novo e aquela moça que saltou do táxi chorava, pensando que eu havia morrido. É uma sensação boa, plena, a de estar lá em cima...”

Eduardo Moscovis, ator – Eu acredito em reencarnação. Luto um pouco com o meu lado racional, cético, até porque não consigo entender como é esse processo. Eu me pergunto se nesse trabalho de regressão não se pode ser induzido a isso. É o meu lado mais ‘pé no chão’ que me deixa um pouco receoso. Nunca vi nada, nem senti. O que me faz acreditar na reencarnação, à vezes, é quando acontece de eu estar com uma pessoa e parecer que já a conheço há muito tempo. Ou então, acontece uma antipatia gratuita.

Pedro Vasconcelos, ator – Eu não tenho conhecimento científico, nem religioso, mas eu acredito que somos reencarnações de outras vidas, que já estivemos na Terra outras vezes. Quando vejo certas crianças com talentos e posicionamentos de pessoas muito maduras, me dá a impressão de que isso se deve a outras vidas. Certas crianças têm um conhecimento muito além da idade e isso, na minha opinião, só pode ser reencarnação. Eu, particularmente, nunca passei por experiência alguma, mas gostaria muito de saber o que já fui e fiz para crescer espiritualmente.

Márcio Garcia, ator – Todo assunto que envolve autoconhecimento é importante. É importante desvendar não só presente como o passado também, até para resolver problemas desta vida. Apesar de não lembrarmos, acredito que trazemos muita coisa para nossa história atual de vida. Isso explica muitas atitudes que a gente tem e não sabe de onde vem. Gostaria de saber o que fui em outras vidas com o intuito de me conhecer melhor e para poder evoluir, crescer. Aliás, eu, pessoalmente, não presenciei, nada, mas já procurei em Numerologia, em Astrologia Cármica, algumas explicações. Pessoas com vivência em visualização me falaram que eu fui um guerreiro em outra encarnação”. (285)

Para finalizar, esta etapa de depoimentos comprobatórios da eficiência da TVP, vamos analisar o relato do famoso ator americano Glenn Ford:

“Através da regressão a que se submeteu em 1978, o ator Glenn Ford conseguiu se recordar de vidas anteriores, incluindo uma vida em que foi caubói, no Colorado, e outra na condição de professor de piano em Elgin, Escócia.

Ninguém ficou mais surpreso com isto do que o próprio Glenn Ford, que ouviu espantado, quando gravaram para ele em fita suas sessões de hipnose.

“Estou muito confuso em relação a tudo isto”, disse Ford, “ pois o que aconteceu entra em conflito com minhas crenças religiosas. Sou um homem temente a Deus e me orgulho disto, mas estas regressões me deixaram tonto”.

A primeira sessão de hipnose teve lugar em sua casa, na Califórnia, onde o ator se viu como uma pessoa diferente, que se chamava Charlie Bill. Em sua vida anterior, ele trabalhara para um fazendeiro, de nome Charlie Goodnight, mas foi vítima de uma emboscada e assassinado a tiros.

Houve alguma evidência que provasse esta vida anterior? A resposta foi sim.

Pesquisadores da Universidade da Califórnia foram ao Colorado e descobriram provas da existência tanto de Bill quanto de Goodnight. Esta constatação provou, ao menos, que os homens tinham, na realidade, existido, e não eram apenas um produto da imaginação de Glenn Ford.

A segunda vida de que Ford se lembrou foi a que viveu como Charles Stuart, um professor de piano escocês. Sob hipnose, Ford disse:

“Ensino piano para jovens matracas”,

este termo, “matracas”, (em inglês flibbertigibbets) era usado no século passado – na época em que esta pessoa teria vivido – para designar crianças travessas. O aspecto mais importante em relação a esta regressão, é que Ford tocava piano corretamente quando estava hipnotizado, embora na vida atual não soubesse tocar. Ele afirmou: “Não sei tocar nem uma nota”.

Houve provas de sua vida escocesa? Pesquisadores da Universidade da Califórnia visitaram Elgin, na Escócia, e encontraram o túmulo de um Charles Stuart que morreu em 1840.

Quando lhe mostraram uma fotografia do túmulo, Ford disse: “Isto realmente me deixou mal. Senti, imediatamente, que aquele foi o lugar em que fui enterrado”. (286)

CRIANÇAS E SUAS VIDAS PASSADAS

Algumas das histórias mais impressionantes e convincentes de vidas passadas, foram obtidas de crianças, destacando-se na sua pesquisa científica o Dr. Ian Stevenson; que era professor e catedrático do Departamento de Psiquiatria da Universidade de Virgínia, EUA, e documentou casos na Índia, África, Oriente Médio, Extremo Oriente, Grã-Bretanha e Estados Unidos, nos quais crianças pequenas exibiam xenoglossia, a habilidade de falar línguas desconhecidas. Também conheciam detalhes sobre lugares onde nunca tinham estado. Algumas dessas crianças reconheceram antigas residências e redondezas, assim como amigos e parentes ainda vivos. Entre os eventos de suas pressupostas encarnações anteriores, geralmente se lembravam de mortes violentas. Suas marcas de nascença e mal formações congênitas, com freqüência, se pareciam com cicatrizes compatíveis com os ferimentos que alegavam ser responsáveis por suas mortes. Os resultados desses estudos estão contidos nos livros “Twenty Cases of Reincarnation” (1974), “Cases of the Reincarnation Type” (em 4 volumes – 1975-1983) e “New Studies in Xenoglossy” (1984).

O Prof. Stanislav Grof, médico tchecoslovaco radicado nos Estados Unidos, analisa a TVP em crianças, comprovando a seriedade da investigação do Dr. Ian Stevenson:

“Estas lembranças podem representar muitos problemas nas vidas destas crianças e de seus pais. Frequentemente estão associadas a várias “patologias transportadas” (carry-over pathologies), tais como fobias, idiosincrasias incomuns e reações estranhas a certas pessoas, lugares e situações. Há relatórios de psiquiatras infantis que trataram e descreveram casos deste tipo. O acesso

a estas lembranças costumam aparecer por volta dos três anos e desaparecem gradualmente entre as idades de cinco e oito anos. Ian Stevenson, professor de psicologia na Universidade da Virgínia, em Charlottesville, tem conduzido estudos meticulosos de acima de três mil destes casos e fez relatos sobre eles em seus livros (Stevenson, 1966, 1984, 1987). Os casos de Stevenson não são apenas de culturas “primitivas” e “exóticas”, com uma crença a priori em reencarnação, mas também de países ocidentais, incluindo a Grã-Bretanha e os EUA. Sendo um pesquisador cauteloso e conservador, Stevenson relatou apenas algumas centenas deles, porque muitos não alcançaram os elevados critérios que ele havia estabelecido para sua pesquisa, apenas os casos com as melhores provas científicas foram incluídos. Stevenson eliminou várias das observações, porque a família se beneficiava com o comportamento da criança financeiramente, em termos de prestígio social, ou atenção pública. Outros motivos para a não inclusão de certos casos foram testemunhos não consistentes, falsa lembrança (criptomnesia), testemunhas de caráter questionável, ou indício de fraude. As descobertas da pesquisa de Stevenson são notáveis”.

(275)

Outra obra relevante nesta área foi escrita pela pesquisadora Carol Bowman, “Crianças e suas Vidas Passadas”:

“Já vi crianças falando em línguas estrangeiras, às quais nunca tinham tido acesso em sua existência atual. Já ouvi várias vezes crianças narrando, com detalhes precisos, acontecimentos vividos há décadas ou séculos, quando “eram grandes”, em vários momentos, eu ou seus pais pudemos conferir essas lembranças. Presenciei um menino de quatro anos relatando sua experiência, como piloto de um bombardeiro na Segunda Grande Guerra, descrevendo com incrível meticulosidade e perfeição a intrincada maquinaria e funcionamento do avião. As lembranças de vidas passadas destas e de outras crianças são espantosas e extremamente importantes.

Os pais precisam saber como identificar as lembranças de vidas passadas de seus filhos. É necessário que saibam que essas lembranças são normais e não devem ser motivo de preocupação ou objeto de tratamento psiquiátrico . E é também fundamental que aprendam a lidar com essas lembranças de seus filhos, para transformá-las em instrumentos de cura.

A criança pode ter, na vida atual, sintomas causados por traumas

em vidas passadas. Por exemplo, o pânico de fogo, associado com problemas respiratórios e asma, muitas vezes tem origem numa morte em incêndio numa vida anterior. Você saberia o que fazer se um de seus filhos, com esses sintomas, tivesse sonhos ou vagas lembranças de acidentes com fogo?

Em outro dos meus casos, uma criança com terror de água lembrou-se de ter-se afogado numa vida passada. Depois disso, uma pergunta foi respondida, com certeza. Crianças pequenas são capazes de reviver suas mortes e visitar o estado de pós-morte. As experiências de morte foram extraordinárias. Na verdade, tive que me lembrar de que se tratava de crianças descrevendo suas mortes.

Não as havia preparado de forma alguma para suas “mortes relembradas”. Não queria assustá-las, entretanto, ao fim de cada vida descreviam a experiência da morte. Todas as crianças lembraram de mortes tranquilas, colocando-as na categoria dos 62% de “mortes naturais” da Dr^a Wambach. E todas as experiências de morte foram similares. Ao morrerem, se descreviam flutuando sobre seus corpos, subindo cada vez mais alto no céu, como os adultos o fizeram em suas regressões. A transição parece ter sido feita sem esforço.

*Durante uma das regressões de Chase, após ter passado por sua morte, perguntei: “O que acontece depois que morremos?” Sem hesitar, num fluxo constante de palavras, e num tom de quem sabe, explicou: “Quando morremos, podemos escolher o que queremos fazer: podemos voltar a uma cena da vida que acabamos de deixar e encontrar informações que possam responder a questões que complementarão aquela vida. Você pode ver o que acontece com as pessoas que ficaram. Pode voltar em espírito, dizer adeus e ver o que acontecerá a elas no futuro. Se perceber que está tudo bem, está liberado para deixar o plano da Terra” (suas palavras exatas)”.
(287)*

Antes de relatar um debate real, ocorrido em cadeia nacional da televisão americana, validando a pesquisa de TVP em crianças, gostaria de aproveitar a didática do reitor da UNIPAZ, Pierre Weil, para explicar algumas divergências da psicologia tradicional com a transpessoal, que apoia a TVP:

“É extremamente fácil, e sem dúvida cômodo, colocar a etiqueta de alucinação em todas as visões que escapam à nossa compreensão limitada ao espaço-tempo tridimensional.

O trabalho que apresento coloca em dúvida esse tipo de atitude. Tudo indica que nós também somos alucinados, uma vez que não somos capazes de, com os nossos cinco sentidos, perceber a realidade em seu aspecto molar.

Internamentos por erro de diagnóstico?: Tudo indica, igualmente, que tanto a Psiquiatria como a Psicologia Patológica cometem um erro muito grave, ao classificar como “patológicas” as visões de fenômenos que pertencem, na realidade, a uma outra dimensão acessível através da regressão profunda. Este erro torna-se mais grave por provocar, na vida corrente, internamentos em estabelecimentos psiquiátricos, com terapias de choque em pessoas, talvez, mais “sãs” que cada um de nós. A Psicanálise tem muito a aprender com a Psicologia Transpessoal e vice-versa. A segunda questiona os limites da regressão e mostra que ela só acaba nas fronteiras da cosmogênese, onde se encontra a unidade fundamental, da qual todos nós fazemos parte e que faz parte de nós, no eterno “aqui e agora”. A primeira, por sua vez, confirma as visões do loga, insistindo na necessidade de operar um descondicionamento preliminar, que deve preceder a regressão mais profunda; as duas disciplinas nos mostram os riscos do ponto de vista da nossa existência transitória, no nosso mundo de energia densa, percebida como tridimensional.

Com referência aos aspectos terapêuticos da experiência cósmica a Psicanálise será obrigada, um dia, a abandonar sua posição limitadora da regressão a níveis verbais edipianos ou, no caso dos psicanalistas mais corajosos, ao nível do traumatismo do nascimento”. (288)

Como se pode concluir, de forma cristalina, a Psicologia tradicional materialista, no presente momento, está carente de dados científicos, para continuar censurando ou ignorando a importância da Psicologia Transpessoal, inicialmente denominada de “trans-humanista” por Julian Huxley, em 1957, no Canadá, e de “Quarta Força” pelo cientista da consciência Abraham Maslow.

Faz-se necessário este breve esclarecimento, para que o leitor entenda melhor as motivações do debate sobre a TVP em crianças, realizado em rede nacional da televisão americana, no festejado “talkshow” de Oprah Winfrey, tendo como protagonista a Dr^a. Carol Bowman que já nos referimos, anteriormente:

“Ele me surpreendeu falando com muita clareza. Estava tranquilo,

interagindo com Oprah com naturalidade. Oprah se voltou para o historiador e pediu sua opinião sobre a autenticidade da lembrança de Chase. (Era o que eu estava querendo ouvir.) Ele admitiu que era cético com relação a vidas passadas, mas confirmou que Chase descrevera e desenhara com perfeição um morteiro da Guerra Civil, e admitiu: “Tudo o que ele (Chase) diz é compatível com coisas que podem ter acontecido”.

Oprah perguntou a cada uma das crianças como era ter morrido. Com autoridade e confiança, ambos responderam que a morte é rápida e indolor e, como Chase descreveu, “quando você percebe, está voando no espaço”. Sarah disse ainda que “não tenho medo da morte, se ela for assim”.

Uma das meninas, chamada Shannon, estava convencida de que era a reencarnação de seu próprio avô. Quando menor, contou aos pais detalhes da vida do avô que não poderia ter conhecido. Numa regressão, ela se viu como seu avô, e o viu ser fatalmente morto por um tiro no pescoço. Curiosamente, ela tinha um defeito de nascença - um músculo fortemente ressaltado no pescoço, que exigira uma operação - precisamente no ponto em que seu avô havia sido atingido. Fiquei animada: ali estava um caso como os de Stevenson, uma marca de nascença bem diante dos meus olhos e das câmaras.

Depois que as mães e as crianças contaram seus relatos, a psicoterapeuta Isabelle veio dar o obrigatório “ponto de vista oposto”. Esperei para ver o que diria.

Já ouvi muitas vezes outros críticos fazerem o mesmo. São incapazes de dar um passo além de sua crença de que “só vivemos uma vez”, e fecham seus ouvidos a qualquer outra conclusão para as quais as provas possam apontar. Ao invés de criarem uma teoria para justificar as evidências (como os cientistas devem fazer), trabalham de maneira retrógrada na tentativa de fazer as evidências caberem nas categorias psicológicas do velho paradigma.

Pela primeira frase de Isabelle já pude perceber, que ela estava com a cabeça feita antes mesmo de chegar. Ela confessou: “Não acredito que exista uma nova vida, que a gente morra e volte”. Caso encerrado. Não haveria uma discussão sobre as evidências. Haveria, isso sim, uma defesa das suas crenças e da sua formação psicológica.

Ela não prestara atenção em nada. Não fizera nenhum esforço para dar uma resposta a todas aquelas histórias incríveis que foram contadas antes que entrasse. Ao invés disso, começou a discursar, usando o jargão psicológico para dar a Oprah uma explicação racional do que seriam lembranças de vidas passadas.

Ouvindo aquilo, Oprah disse: “Espero que esteja enganada. Precisamos de uma outra oportunidade em algum outro lugar”. Logo em seguida, Oprah fez uma pergunta: “Estou tentando atraí-la para o nosso lado, Isabelle. O que me diz quando olha para essas crianças que ‘parecem já ter estado aqui’? Há uma espécie de luz nos olhos delas. E quando as pessoas examinam essas crianças, dizem: ‘Dentro delas há uma alma antiga’. O que pensa que isto é?”

Isabelle respondeu: “Bem, acho que temos que considerar o que acontece com o inconsciente”.

Oprah replicou: “Mas o que é o inconsciente? O que é?” Boa, Oprah! Não ia deixar as incríveis experiências daquelas crianças serem explicadas simplesmente com uma única palavra.

Sarah, que escutava tudo atentamente, olhou para mim, mostrando sua insatisfação com o disparate dito pela psicóloga, então, pediu a palavra a Oprah e se dirigiu a Isabelle: “Para mim, pouco importa o que seja. Talvez não seja a coisa religiosa que você disse. O que interessa é que eu tinha medo de incêndio e não tenho mais. Chase tinha uma doença no pulso e pavor de barulho, e ficou curado. O que interessa é que me ajudou”. Muito bem, Sarah! estava tão orgulhosa da minha filha! Isabelle ignorara completamente as curas, e Sarah a fez lembrar”. (287)

Como o leitor pode observar, tanto a entrevistadora como o público não aceitaram a falta de sensibilidade e o ceticismo da psicóloga, diante dos fatos narrados pelas crianças, que comprovaram a eficácia da TVP.

ENTENDA AS TÉCNICAS TERAPÊUTICAS

Atualmente o mais respeitado pesquisador científico da TVP é o psicólogo inglês Roger Woolger, que tive a oportunidade de assistir uma palestra, em Salvador, na Bahia, quando apresentou sua “Terapia de Regressão Integral”, método abordado no seu famoso livro “As Várias Vidas da Alma”:

“... vou me convencendo de que precisamos ampliar a frase de Jung até podermos afirmar que um complexo surge onde experimentamos uma derrota em qualquer vida. A não ser que tomemos consciência dessas compulsões latentes e nos distanciemos delas, o aspecto de nossos complexos relacionado com vidas passadas continuará

nos levando a repetir as circunstâncias e histórias de antigas derrotas, traições, perdas, humilhações, violações, privações, injustiças e assim por diante”. (289)

Em entrevista, recente, para o Jornal “Alquimista”, o Prof. Roger Woolger sintetiza, com precisão, sua técnica terapêutica:

“Decidi chamar meu trabalho de Terapia de Regressão Integral alguns anos atrás, para que fosse diferenciada das diversas outras formas de Terapia de Vidas Passadas. A maior parte das Terapias de Vidas Passadas se caracterizam pela dissociação da pessoa do corpo, produzindo puramente uma história mental e/ou visual. Isto pode ajudar bastante em alguns casos, mas um trabalho mais profundo, na minha experiência, representa trabalhar as emoções, identificando-as com algumas partes do corpo; talvez carregamos uma profunda tristeza nos nossos ombros, ou podemos ter uma forte carga de sentimentos de raiva e vingança guardados na cabeça, que pode manifestar dores de cabeça. Então somente levando a pessoa de forma profunda a uma consciência do seu corpo e dos seus sentimentos é que podemos ter um alívio real e cura dos sintomas. Hipnoterapia se concentra mais na superfície; no que conheço da minha experiência, então quando chamo meu trabalho de Terapia de Regressão Integral, o faço, porque nesta técnica integramos outras modalidades de terapia dentro do trabalho. Usamos Bioenergética por exemplo, com o tento de aliviar dores no corpo. Usamos o Psicodrama, dramatizando a história dos sintomas, fazendo com que a pessoa se sinta fisicamente com vontade de sair correndo de outros que a atacam, de ter nos braços a pessoa amada que morreu. Consequentemente as histórias não são apenas uma lembrança mental, mas também totalmente uma criação humana de uma situação de vida passada. Revisamos a história exatamente como aconteceu, com toda a carga dramática emocional, física, mental e espiritual. Às vezes chamo isto dos dramas da alma; um drama para ser completamente vivido é necessário que seja representado outra vez de forma teatral, então a metáfora do psicodrama e do drama é o centro do meu trabalho, atores têm corpos que se movimentam no palco, eles não sentem e falam apenas, infelizmente em muitas das Terapias de Vidas Passadas, a pessoa senta no sofá e fala sobre a história, isto nos traz o entendimento, mas não nos traz alívio profundo dos nossos sintomas. Então por isso é que, no meu trabalho, eu integro essas outras modalidades. Uma outra razão pela qual chamo esta

técnica de Terapia Integral, é porque não trabalho apenas com Vidas Passadas, trabalho também com o espaço entre duas vidas, o espiritual ou intermediário, pessoas têm profundas experiências de morrer naquele corpo em suas vidas passadas e ir para um outro nível de realidade, aí integramos ensinamentos e insights do Espiritismo tradicional, o Kardecismo, estilos europeus diferentes do Espiritismo e principalmente insights do Budismo Tibetano, escritos no conhecido livro Tibetano dos Mortos, que é um manual de como estruturar a alma, de como aliviar as confusões nas horas e dias após a morte”. (290)

O Dr. Brian Weiss, também explica a sua prática terapêutica de TVP no livro “A Cura Através da Terapia de Vidas Passadas”:

“Mas a terapia de regressão consiste em muito mais do que na técnica hipnótica. Antes que o processo hipnótico possa ser iniciado, um terapeuta de regressão competente investirá um bom tempo levantando a história do paciente, fazendo perguntas, obtendo respostas e entrando muito especificamente e com riqueza de detalhes em áreas particulares importantes. Isto eleva a taxa de sucesso da regressão de cerca de 50 para 70%. E depois que a regressão se completar, depois que o paciente emergir do estado hipnótico, torna-se necessário integrar os sentimentos, os insights e informações obtidos durante a sessão à situação da vida presente.

Esta integração requer uma habilidade terapêutica considerável e experiência, porque o material evocado costuma ter uma forte carga emocional. Portanto, não recomendo terapia de regressão feita por um terapeuta, que não seja registrado ou credenciado por uma entidade tradicional autorizada, que não tenha uma formação especializada ou níveis de pós-graduação”. (291)

A psicoterapeuta americana Chris Griscom, também desenvolve um excelente trabalho de TVP, no seu “Instituto da Luz”, em Galisteo, Novo México, EUA; onde estive em novembro de 1997, tendo a mesma me explicado que um paciente sempre absorve um enredo de vida passada, relacionado aos problemas pendentes na atualidade, sendo este processo de descoberta, conduzido pelo seu “Eu Superior”, ou seja, sua superconsciência ou “atman”:

“O Eu Superior geralmente divide as sessões de vidas passadas em duas grandes categorias. A primeira é a das pessoas que

exploram inicialmente o abuso do poder. Elas vão direto às intensas experiências físicas, dilacerantes e angustiantes, nas quais ainda estão presas por muita culpa ou pelo julgamento. Atingem diretamente os aspectos mais dramáticos das experiências e liberam aquelas existências primeiro. Isso quer dizer que essas pessoas estão realmente prontas para se perdoarem, para abrir mão do posicionamento. Elas desejam penetrar no processo da morte, porque quando se permitirem enxergar tudo aquilo que prenderam a um julgamento, ou conceito, uma parte delas com certeza morrerá. Passarão por uma profunda mudança em sua realidade atual, até mesmo nesta realidade tridimensional. Ao saírem de uma sessão durante a qual abusaram do poder, sua capacidade para ser piedoso e para ver quem são no mundo é totalmente diferente.

Em vez de sermos solidários, ou simpáticos, precisamos adotar uma atitude empática. É preciso substituir a pena pela compaixão. É preciso mudar o refrão e dizer: “Você escolheu assim e tem condições de superar isso”. Estamos aqui para encontrar soluções; para romper o ciclo cármico através do reconhecimento da verdade. Se você deseja ajudar as pessoas, então, ajude-as a compreender que elas podem mudar algumas coisas, que não se trata de castigo, pois não nascemos para sermos castigados. Não é por castigo que perdemos um amor, um emprego, que ficamos doentes ou morremos. Passamos por tudo isso apenas para o nosso próprio crescimento. Nós escolhemos o filme de nossas próprias vidas e podemos alterar o roteiro a qualquer momento, se assim o desejarmos. As pessoas precisam compreender que elas não são vítimas de nada”. (292)

Chris Griscon, no seu livro “O Tempo é uma Ilusão”, nos lembra que a TVP também nos livra do medo da morte, vez que trata-se de uma mera mudança de dimensão:

“Ao trabalhar com vidas passadas, passa-se pessoalmente pela experiência de ter morrido várias vezes! Tão logo conseguimos liberar as impressões da sensação da morte, que estão incrustadas nas células, sentimo-nos como se tivéssemos sido libertados. Estamos livres do medo que a vida páre com a morte. Somos nossa própria testemunha da sobrevivência consciente fora do corpo em diferentes níveis.

O que nos torna capazes de deixar nossa marca no mundo? O que faz de uma pessoa um Buda, um Jesus ou um Einstein? Muitas vezes a adversidade ajuda a forjar o que somos ou o que viremos a ser, porque aciona a energética do poder que já possuímos! Se

passamos por restrições e limitações por causa de poder negativo, somos estimulados a despertar e focalizar a atenção nessa dimensão. Nossa percepção do Eu Superior e nossa ligação com ele, nos dão um instrumento novo e magnífico para que possamos perceber nossas lições de vida, da posição vantajosa do holograma e, dessa maneira, fazer opções que integrem nossas experiências no nível da criatividade”. (293)

No Brasil, uma das pioneiras na prática da TVP, para fins terapêuticos, foi a Dr^a Maria Júlia Prieto Peres, que dirige em São Paulo o Instituto Nacional de Terapia de Vivências Passadas:

“A Técnica Peres, de forma bem sumária, consiste em: relaxamento corporal e mental, levando o paciente a um estado específico de consciência, a um ritmo de menor frequência cerebral, pelo qual ele faz conexão com seu Inconsciente, e passa a ter vivências, com liberação de grande conteúdo emocional, de fatos traumáticos e marcantes de seu passado, responsáveis por seu problema atual. Após cada vivência, identifica-se no paciente o seu momento mais traumático, em que ele fixou uma decisão ou roteiro de vida, que o está levando a padrões negativos de comportamento. Ele faz em seguida uma redecisão, na qual estabelece suas bases para mudanças de metas, para padrões positivos de comportamento. Com a redecisão o paciente trabalha em seu processo terapêutico para integrá-la em sua vida. Após a vivência regressiva, é feita uma desprogramação das emoções vinculadas aos traumas experimentados e uma programação positiva para auxiliar o paciente a elaborar o seu processo terapêutico.

Seguem-se o retorno e a finalização. A técnica é explicada teórica e experimentalmente nos Cursos de Formação e Especialização em TRVP, em que é exhaustivamente estudada e experienciada, por todos os que participam dos mesmos”. (294)

O pesquisador da Conscienciologia do IIPC, Prof. Wagner Alegretti, no seu livro “Retrocognições” (218), elenca os principais fatores bloqueadores da lembrança de vidas passadas, como; a falta de desenvolvimento do mentalsoma ou consciência; o choque do ressoma ou renascimento, com a diminuição da lucidez da consciência, através da limitação física no corpo do bebê; a falta de maturidade consciencial; o amparo de guias espirituais, que evitam lembranças traumatizantes do passado; os bloqueios energéticos na cabeça, as cicatrizes retrópsíquicas, o

desinteresse e a preguiça mental.

A pesquisadora espiritual Marilu Martinelli, descreveu com grande entusiasmo, no seu livro “De Marilu para seu Grande Mestre”, a técnica terapêutica de “transidentificação”, através da qual a sensitiva e psicoterapeuta Zélia Lellis, realiza a TVP:

“Zélia utiliza sua enorme sensibilidade para captar o campo psicoenergético do cliente, assumindo esse campo para si numa perfeita transidentificação. O intuito é o aprofundamento das funções da mente consciente, subconsciente, inconsciente e supraconsciente, visando o autoconhecimento e a cura de males físicos, psíquicos e espirituais, despertando o paciente para sua força interna. Entrando no campo energético do paciente, ela vira instrumento de verbalização das memórias atávicas do subconsciente que transcendem tempo e espaço.

A terapia consiste também em trabalho de corpo, bio-energética, biodança, massagens, indução ao autotranse, relaxamento e desenvolvimento da sensibilidade do paciente. O corpo físico libera, através de massagens, danças e exercícios de bio-energética, seus nós energéticos. O corpo emocional é trabalhado intensamente pela mobilização interior provocada pelos transe. A veracidade da transidentificação atua na resistência da mente. Os resultados são rápidos e as transformações expressivas na maioria dos casos”.
(295)

MINHAS VIDAS PASSADAS

Da mesma forma que Marilu Martinelli, também fiz uma sessão de TVP com a competente psicoterapeuta Zélia Lellis, em 1994, utilizando a técnica já descrita da transidentificação; após um exercício inicial de respiração profunda, seguido de relaxamento, ela deitou num colchonete, ao meu lado, envolvendo-se em minha aura e iniciando seu transe mediúnico, no qual narrou, na primeira pessoa, algumas das minhas vidas passadas.

Na primeira, teria sido um órfão criado na região do Himalaia, perto do Tibet, por uma família adotiva, tendo crescido com uma certa carência afetiva, por não ter conhecido meus pais naturais. E desde cedo busquei a realização do meu destino, utilizando um carisma e intuição, para trabalhar pela humanidade como um “monge tibetano”, que ensinava aos outros como alcançar a paz e a harmonia.

Esta primeira experiência me pareceu bastante plausível, em face da grande familiaridade que senti em Kathmandu, Nepal (muito tempo depois daquela sessão), quando pude visitar diversos templos do Budismo Tibetano, inclusive o da deusa Lakshimi, em Bhaktapur, em outubro/95 e, principalmente, pelas sensações de extrema paz e elevação ao meditar, avistando as montanhas geladas do Himalaia, no seu tom rosado devido ao reflexo do por do sol.

Na segunda vida, enquanto Zélia narrava, eu me enxergava, claramente, como uma espécie de “centurião romano”, responsável pela condução de processos destinados à prisão dos apóstolos, na fase inicial, do Cristianismo, entretanto me apaixonei por uma das suas seguidoras e acabei sendo traído por outros colegas, julgado sem direito à defesa, e preso, durante muitos anos, em Roma.

Esta história também foi confirmada, pela péssima impressão de mal estar, desconforto, que tive quando estava em Roma, durante uma excursão que fiz pela Europa, em 1992, na minha “Lua de Mel”, com Tânia.

Por sincronicidade, eu tive uma confirmação dessa vida passada romana, pela excelente psicóloga e sensitiva de Curitiba -PR, Dr^a Rose Marie Grandó, numa sessão de Psicoterapia, durante nosso vôo de volta de Findhorn-Escócia, em abril/99, após termos participado do Congresso Holístico Internacional pela Paz Mundial, onde palestrei e lancei a versão inglesa do meu primeiro livro.

Daí a sensação que tenho, da necessidade de realizar, com muita rapidez, minha programação reencarnatória, para que nada impeça de cumprir minha missão, no plano físico, pois a humanidade carece de pessoas que trabalhem já e a minha energia e motivação, certamente, são fatores importantes que me dão força e coragem para contribuir, visando a construção de um mundo melhor, vez que este trabalho relaciona-se com a democratização e humanização da justiça (que me foi negada na vida romana), além de tentar popularizar e desmistificar os mecanismos operacionais da Justiça Divina.

CAPÍTULO IX

MEDIUNIDADE

“Alguns nascem dotados desta qualidade; outros a adquirem mediante esforços, e em ambos os casos ela pode ser desenvolvida e intensificada pela prática. Isso é o que nos meios espíritas se entende por “sentar-se à mesa para desenvolver”.”(375)

C. Leadbeater

Neste capítulo, analisaremos a capacidade espiritual, inerente a todo ser humano, chamada de mediunidade, que possibilita a intermediação entre a dimensão física e a espiritual.

Na verdade, todos nós somos médiuns ou sensitivos; porém, em graus bem diferentes, porquanto uns já nascem com este dom bastante desenvolvido, outros precisam de anos de estudos e práticas espirituais para desenvolvê-lo.

Com efeito, vivemos em meio a uma multidão de espíritos desencarnados invisíveis, que assistem, de forma silenciosa e atenta, a nossa existência; podendo até participarem, pela energia do pensamento, de nossas alegrias e tristezas.

Podemos interagir, sutilmente, com amigos e/ou parentes que já desencarnaram recebendo seus conselhos ou inspiração, mediante a intuição; que é a forma mais comum, ou, do mesmo modo, é bem possível que algum inimigo cármico do passado, tente nos perseguir, com ódio, para nos influenciar maleficamente, nesta vida atual, sem até se dar conta de que estamos em outra encarnação, afinal, eles sabem que a essência espiritual é a mesma e por isso nos perseguem.

Com efeito, o despertar mediúnico varia de uma pessoa para outra: há aquelas que de repente passam a “incorporar” (geralmente no início são espíritos perturbadores ou brincalhões); sentem a expansão do corpo, ou formigamento em braços e pernas sem explicação na medicina; outras vêem espíritos, ouvem vozes ou vibrações sutis impregnadas nos ambientes, etc. É um estado no qual o sensitivo pode ser comparado a uma esponja, submersa no imenso

oceano de vibrações mentais que habitamos, absorvendo-lhe uma gama variada de impressões.

Ser e trabalhar como médium, ao contrário do que se pode imaginar, não é nenhum privilégio, muito pelo contrário, na verdade é compromisso de grande responsabilidade, que deve ser preservado com disciplina, posta a serviço do esclarecimento e do auxílio ao próximo. Saliendo que este dom não é uma mera aquisição, e, sim, um bem outorgado por Deus e assistido pela espiritualidade, a serviço dos homens, e, provisoriamente, confiado àquele que o possui.

Uma das obras clássicas sobre o tema foi escrita em Paris e publicada em 1861, pelo codificador do Espiritismo, Allan Kardec, “O Livro dos Médiuns” (1861), nele é apresentado os tipos principais de médiuns, donde destacamos:

Os médiuns de efeitos físicos, aqueles que produzem efeitos materiais, como ruídos, movimentos, etc.; os médiuns audientes, que ouvem a voz dos espíritos; os médiuns falantes, que, em geral, expressam-se sem ter consciência do que dizem; os médiuns videntes, que vêem os espíritos, seja em estado normal de vigília, seja em estado de sonambulismo; os médiuns sonambúlicos, que agem sob a influência de seu próprio espírito, ao mesmo tempo que sob a influência de um espírito já desencarnado (desdobramento); os médiuns curadores, capazes de curar pela energia do olhar e gesto, sem medicamento; os médiuns pneumatógrafos, que são aptos à escrita direta, ou acetomática, sem controlar a mão; os médiuns escreventes, que escrevem a partir do ditado do espírito, utilizando um objeto para esta escrita fluir (psicografia).

A experiência da mediunidade ou contato com os espíritos desencarnados, cada vez mais, vêm se tornando um fenômeno muito constante, a ponto de termos poucos descrentes, muito mais por questão de falta de conhecimento, discriminação ou dogma religioso, do que pelo seu entendimento lógico do fenômeno.

É o que constatou o instituto Gallup, em pesquisa de opinião pública, onde comprovou que bem mais de 50% dos entrevistados, nos Estados Unidos, continuam se comunicando com seus entes queridos que desencarnaram, em sessões mediúnicas ou através de sensitivos, como atesta a psicoterapeuta Sukie Miller:

“A pesquisa de opinião pública realizada pelo Instituto Gallup demonstrou que, bem mais da metade das pessoas enlutadas, nos Estados Unidos, falam com seus entes queridos que morreram. “As visitas que estes lhes fazem ocorrem, geralmente, logo após o falecimento, sendo que essa freqüência diminui com o decorrer do tempo. As pessoas as descrevem das mais variadas maneiras, que vão desde a sensação de “presenças” diáfanas, invisíveis e silenciosas a sonhos e visões cheios de detalhes. Alguns desses visitantes não se fazem mostrar sob nenhuma forma visível. Alguns deles falam: outros, simplesmente olham, em silêncio. Alguns transmitem mensagens explícitas em meio a seu silêncio: outros, apenas uma sensação de serenidade, de amor ou de tristeza. Desde o dia em que meu pai morreu, ele e eu nos mantivemos em constante contato. Era um segredo só nosso: conversávamos longa, longamente. Eu não podia vê-lo, mas sentia sua presença e sua voz era para mim tão clara e articulada como sempre fora quando ele vivia. Nunca deixamos de nos comunicar, e para mim sua pessoa era como se fosse em parte anjo, em parte fantasma”.
(298)

O escritor canadense Ian Currie encontrou resultados semelhantes em suas pesquisas:

“Contudo, o contato com os mortos não é algo raro; na verdade, trata-se de algo muito comum. Em 1973, Andrew Greeley, sociólogo da Universidade de Chicago, conduziu uma pesquisa entre 1467 pessoas fazendo-lhes apenas uma única e simples pergunta: “Em algum momento de sua vida, você já sentiu que esteve em contato com alguém que já morreu?” A resposta foi estarrecedora. Vinte e sete por cento das pessoas responderam que sim! A mesma pesquisa foi realizada na Islândia, com a mesma pergunta, e os resultados foram igualmente interessantes: 31 por cento responderam afirmativamente!

O Dr. Robert Kastenbaum, psicólogo da Universidade Estatal Wayne, em Detroit, perguntou a 140 pessoas se já haviam tido alguma experiência de contato com pessoa mortas. Quarenta e cinco por cento desse total responderam afirmativamente. Um médico inglês, Dr. W.D. Rees, conversou com 300 viúvas e viúvos no País de Gales e 47 por cento deles admitiram que tinham tido experiências – por diversas vezes durante muitos anos - o que

os convenceu de que seus cônjuges mantinham contato com eles. Dois outros estudos realizados com viúvas mostraram os mesmos resultados. No Canadá, o trabalho foi conduzido pelo Dr. Earl Dunn e na Inglaterra pelo Dr. P. Marris. Cinquenta por cento de cada grupo relatou ter tido experiências de contato com seus cônjuges mortos”. (227)

No Brasil, o maior país de contingente espírita do mundo, a edição do Globo Repórter, de 24.04.98, dedicou um programa inteiro para explicar os diversos tipos de mediunidade, tendo ao final feito uma pesquisa interativa com os telespectadores, obtendo as seguintes respostas: 55,1% crêem no poder dos médiuns ou na mediunidade, propriamente dita, e 80,2% têm certeza de que os fenômenos mediúnicos são manifestações verdadeiras dos espíritos.

O escritor espírita Martins Peralva, no seu livro “Estudando a Mediunidade”, explica o mecanismo das comunicações:

“Para que um Espírito se comunique, é mister se estabeleça a sintonia da mente encarnada com a desencarnada. Essa realidade é pacífica.

É necessário que ambos passem a emitir vibrações equivalentes; que o teor das circunvoluções seja idêntico; que o pensamento e a vontade de ambos se graduem na mesma faixa.

Esse o mecanismo das comunicações espíritas, mecanismo básico que se desdobra, todavia, em nuances infinitas, de acordo com o tipo de mediunidade, estado psíquico dos agentes – ativo e passivo - valores espirituais, etc...

Sintonizando o comunicante com o mediano, o pensamento do primeiro se exterioriza através do campo físico do segundo, em forma de mensagem grafada ou audível”. (299)

Ademais, pela lei de afinidade ou sintonia, as entidades iluminadas do astral, para se comunicar através do médium, precisam reduzir seu tom vibratório, a fim de, tornando mais densos os seus perispíritos, possibilitarem a inspiração ou aconselhamento, daqueles destinatários das suas mensagens de conforto e alento. Novamente, João Nunes Maia atesta a necessidade do “orai e vigiai”, recomendação ensinada por Jesus Cristo, como forma de nos lembrar a controlar nossos pensamentos, a fim de sintoniza-los apenas com os espíritos de luz:

“Como espírito desencarnado, notamos o quanto os homens são influenciados pelos que já passaram para o plano espiritual. Eles inspiram muito mais do que pensam, de acordo com a sintonia que os ligam. Se quereis saber com quem andais, analisai as vossas idéias, os vossos sentimentos, a vida que levais, que a razão vos dirá das vossas companhias espirituais”. (300)

As pesquisas médico-científicas, inclusive, descobriram que a atividade mediúnica é tão benéfica, organicamente, ao médium, que se ele para de exercê-la sente suas consequências nefastas; lembrando que, por outro lado, caso ele se exceda, pode sofrer uma estafa mediúnica, como demonstrou o Dr. Vitor Ronaldo Costa, na sua obra “Mediunidade e Medicina”:

“A interrupção decorrente de qualquer uma das contigências aqui referenciadas, com o passar dos tempos, produz uma descompensação no metabolismo energético do corpo espiritual do médium, que se se ressentir da captação vibratória dos múltiplos campos espirituais negativos com os quais entra em contato no decorrer do dia, sem a possibilidade da drenagem natural patrocinada, primordialmente, pela atividade mediúnica regular. A absorção dessas energias de baixo teor vibratório, advindas de espíritos desajustados e em estado de sofrimento, saturam de tal forma o equipamento psicofísico do médium que, por mais que ele se esforce, termina por não suportar as interferências, adoecendo, quase sempre, de enfermidades de difícil solução para a Medicina clássica.

Além desses sintomas gerais acusados pelos médiuns, no âmbito espírita, suspeita-se da existência da SÍNDROME nas observações efetivadas em pelo menos duas circunstâncias:

- *no transcorrer de uma sessão mediúnica quando o médium demonstra desinteresse inabitual, sonolência incontrolável, bocejos consecutivos e baixo rendimento de sua capacidade mediúnica;*
- *e, após o encerramento das reuniões, quando o médium, ao término dos trabalhos, se ausenta do recinto acusando fadiga, queixas subjetivas de mal-estar generalizado e incômoda dor de cabeça de lenta recuperação.*

Esclareça-se que a SÍNDROME só se manifesta em decorrência de distúrbios orgânicos ou psicológicos pré-existentes, quase sempre intensificados por influências espirituais obsessivas do tipo vaporizador. De qualquer forma, é sempre um problema de certa gravidade a exigir um diagnóstico precoce e medidas corretivas

abrangentes e adequadas a cada caso.

O ser humano traz consigo as possibilidades mediúnicas em graus variáveis de exuberância, no entanto, a mediunidade ostensiva, propriamente dita, resulta de predisposições orgânicas bem caracterizadas em alguns, graças a determinadas diferenciações do tecido nervoso, previamente induzidas pelos construtores espirituais nos mapas genéticos do perispírito reencarnante, visando o seu progresso moral no decorrer da romagem terrena. É um caráter orgânico definido pela genética do psicossoma, em atendimento aos méritos e deméritos do próprio espírito, diferenciando-se portanto, dos tradicionais caracteres hereditários transmitidos pela herança biológica aos descendentes familiares. Os circuitos neurofisiológicos, integrantes das possibilidades anímico-mediúnicas, expressam complexos mecanismos ainda um tanto nebulosos, a envolverem a ação mental e fluídica do espírito desencarnado, e o conjunto, - psiquismo/encéfalo - do próprio médium, em obediência às características do seu sistema nervoso altamente diferenciado.

Todavia, sendo a mediunidade parte integrante do organismo físico, da mesma forma que qualquer órgão ou sistema fisiológico, encontra-se sujeita aos desgastes naturais impostos pelos abusos e adversidades terrenas”. (301)

Após estas breves considerações sobre a mediunidade, com o intuito de melhor situar o leitor dentro deste estudo, vamos entrar juntos num “Túnel do Tempo” e verificar o seu registro, por inúmeras vezes na história da humanidade.

PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Em todas as etapas evolutivas da humanidade, esteve sempre presente uma variada gama de registros históricos, comprovando a existência da capacidade inerente a todo ser humano, a mediunidade.

A escritora espírita Marlene Nobre, elenca alguns fatos dos primórdios da nossa civilização:

“Na Índia legendária, recolhem-se do mais antigo código religioso de que se tem notícia - os Vedas - estes ensinamentos atribuídos

ao grande legislador Manu: “Os espíritos dos antepassados, no estado invisível, acompanham certos brâhmanes, convidados para as cerimônias em comemoração dos mortos; sob a forma aérea, seguem-nos e tomam lugar ao seu lado, quando eles se assentam”. Do mesmo modo, na China, o culto dos antepassados impôs-se, desde a mais remota antiguidade. “Quer falando ou agindo, não penseis que estejais sozinhos, que não sois vistos ou ouvidos, os espíritos são testemunhas de tudo”, essa máxima foi encontrada por Confúcio, no Templo da Luz, aí difundida, 500 anos antes dele. Nos templos egípcios das antigas dinastias, discutiam-se os mistérios de elêusis, a concepção dualística do homem e o elo semimaterial que une o corpo ao espírito.

Na Grécia, Sócrates dizia-se guiado por um “daimon” interior ou espírito familiar, e Platão, seu discípulo, construiu sua doutrina a partir do mundo das idéias, a pátria espiritual primitiva.

Heródoto narra a consulta de Periando, o tirano de Corinto, ao espírito de sua esposa, que ele mesmo assassinara. Homero, em sua Odisséia, descreve as cerimônias forjadas por Ulisses para uma conversa com a “sombra” do divino Tirésias.

Plutarco relata a visita de um dos perseguidores desencarnados, a Brutus, em pleno campo de batalha.

Em Esparta, no templo de Atenas, Pausânias passou a viver em espírito, após ter sido condenado a morrer de fome, aparecendo e desaparecendo aos visitantes espantados”. (302)

Ainda na Grécia, temos as famosas pitonisas, sacerdotizas que usavam a sua mediunidade para responder às consultas dos reis e governantes da época; bem como os oráculos, inclusive sendo o mais famoso da antiguidade o “Oráculo de Delfos”; que segundo o renomado pesquisador espírita Carlos Bernardo Loureiro, no seu livro “Das Profecias à Premonição” (303), anteriormente tinha a denominação de “Oráculo de Apolo”; pois situava-se numa caverna, tida como Santuário oracular, onde no centro, a médium sacerdotiza “sentava-se sobre uma peça, que lembrava uma grande taça e que repousava sobre uma trípode entrelaçada por serpentes”.

Esta cadeira em forma de tripé, conforme a figura abaixo, ficava em cima de um poço, de onde emanaria certos gases, que auxiliavam a médium a entrar em transe, a fim de responder à consulta formulada; sendo muito citado o seu acerto, ao responder ao emissário do Rei Cressus, para advinhar que naquele momento o Rei Cressus estava cozinhando carne de carneiro e tartaruga, num caldeirão de bronze.

FIGURA 5 - CONSULTANDO O ORÁCULO DE DELFOS (376)

O escritor Marc André Keppe, pesquisou muitos fenômenos mediúnicos, até concluir o seu livro “O Sobrenatural através dos Tempos”, donde podemos transcrever o seguinte:

“A tradição islâmica teve início no século VII de nossa era, quando o profeta Maomé recebeu um rico sortimento de material visionário da presença divina Allah, que ele chamava o Senhor. Nas tradições árabes, Maomé não foi o único que apresentou o fenômeno da canalização: os espíritos que influenciavam os árabes eram chamados de Jinn, palavra da qual derivou o termo gênio, que usamos hoje”. (304)

Em Roma, Julio César, antes de ser assassinado no Senado, recebeu diversos avisos premonitórios, através do médium e profeta Espurina; do mesmo modo Nero, após mandar matar sua mãe Agripina, confessou, por diversas vezes, estar sendo perseguido pelo seu fantasma, tendo até contratado encantamentos dos seus magos para protegê-lo.

Até na Bíblia, encontramos inúmeros eventos mediúnicos, tanto no Velho como no Novo Testamento, iniciando por Moisés, que no Monte Sinai conversou com Deus e recebeu os 10 mandamentos:

“Ele disse: “Sim, eu estarei contigo. E este é o sinal para ti, de que fui eu que te enviei: Quando tiverdes tirado o povo do Egito, servireis a Deus neste monte”.

Moisés disse a Deus: “Quando eu for até os filhos de Israel e disser: ‘O Deus de vossos pais me enviou a vós’. Eles me perguntarão: ‘Qual é o seu nome?’ O que lhes direi?”

Deus disse a Moisés: “ Ehyeh asher ehyeh ! - Eu sou o que sou”. Disse mais: “Assim tu dirás aos filhos de Israel: ‘EU SOU’ me enviou até vós.” (305)

O próprio Moisés soube diferenciar as práticas mediúnicas sérias, das meras adivinhações ou necromancias praticadas por alguns hebreus, como vemos no episódio bíblico de Eldad e Medad, em “Número” II, 26:29. Lê-se, nessa passagem, Josué anunciar a Moisés que dois jovens recebiam Espíritos e davam comunicações, e pedir-lhe que os proibisse de fazê-lo. O legislador experiente e perfeitamente cômico da realidade do processo mediúnico, responde: “Que zelos são esses, que mostras por mim? Quem dera que todo o povo profetizasse, e que o Senhor lhe desse seu Espírito”.

A Bíblia reconhece a liderança messiânica de Moisés ao conduzir o povo hebreu até a “Terra Prometida” e, segundo a pesquisadora Emma Brunner-Traut:

“Os dez mandamentos, que lhe foram transmitidos no Sinai, representam a sùmula de um cànnon jurìdico-moral, regulador da vida, até nos seus menores detalhes, e que na Bíblia se intitula a “Lei”.” (306)

Ainda no Velho Testamento temos diversos exemplos de mediunidade, como nos lembra o espírito iluminado do mestre Ramatís:

“O médium difere do tradicional adepto filiado aos templos iniciáticos, porque deve enfrentar as suas provas e tentações à luz do dia, entre as suas atividades e vicissitudes cotidianas. O discípulo da iniciação oculta deve provar suas virtudes e vontade através dos símbolos e das reações provocadas pelos “testes” iniciáticos. O médium, no entanto, enfrenta as mais duras provas no convívio da família, no ambiente de trabalho, nas suas relações cotidianas, nas obrigações sociais e pelas deficiências da saúde. O fenômeno mediúnico de “materialização” e de “voz direta”, por exemplo, é indiscutivelmente registrado no “Livro dos Reis”, capítulo 28, versículos 3, 11, 12 e 15, quando Saul, em vésperas de enfrentar dificultosa batalha sob o seu comando, resolve consultar uma célebre pitonisa da época, a fim de ouvir a alma de Samuel, poderoso comandante dos exércitos de Israel, já falecido e sepultado em Ramatha, sua pátria. Eis, então, como a Bíblia relata os fatos através dos versículos já citados: “ e disse-lhe a mulher: Quem queres tu que te apareça? Disse Saul: Faze-me aparecer Samuel. E a mulher, tendo visto aparecer Samuel, deu um grande grito e disse a Saul: Porque me enganaste tu? disse pois Samuel (o espírito materializado) a Saul: Porque me inquietaste fazendo-

me vir cá?”

Em Jó, capítulo 4, versículos 13, 15 e 16, diz o profeta: “No horror de uma visão noturna, quando o sono costuma ocupar os sentidos dos homens, ao passar diante de mim um espírito, os cabelos de minha carne se arrepiaram. Parou alguém diante de mim, cujo rosto eu não conhecia, um vulto diante dos meus olhos, e eu ouvi uma voz como de branda viração”. Em ambos os casos comprova-se perfeitamente a materialização de espíritos e o fenômeno de “voz direta”, que melhor se confirma na seguinte frase ... “e eu ouvi uma voz como de branda viração”. (307)

O Novo Testamento narra os feitos extraordinários de Jesus, citado por muitos, como médium de Deus: entre outros, a transfiguração e a materialização no Monte Tabor; a cura dos possessos, doentes e deficientes de toda sorte, a materialização de efeitos físicos, através da multiplicação de pães e peixes da transmutação da água em vinho; e a volta ao convívio dos amigos, após a morte na cruz; salientando que a cura dos possessos, relatada nos Evangelhos, chama a atenção para um problema de todos os tempos, a existência de patologias mentais graves, causadas pela interferência de espíritos inferiores ou obsessores.

O ilustre escritor espírita baiano Djalma Argollo, também enumera alguns casos de mediunidade na Bíblia, no seu livro “As Faculdades Espirituais do Ser”:

“A mediunidade de efeitos físicos é relatada em diversas passagens: os sinóticos descrevem uma sessão levada a efeito no alto do monte Tabor, onde Pedro, Tiago e João participaram como médiuns, fornecendo ectoplasma para que Moisés e Elias se materializassem (Mt 17, 1-8; Mc 9, 2-8; Lc 9, 28-36), enquanto Jesus produz em si mesmo uma transfiguração. O Mestre, depois da morte, materializou-se diante de Maria Madalena (Mt 28, 1-10; Mc 16, 9-11; Lc 24, 9-11; Jo 20, 11-18), de dois discípulos que iam para a cidade de Emaús (Mc 16, 12; Lc 24, 13-35), e por duas vezes num recinto fechado, na cidade de Jerusalém, em meio a vários discípulos, onde conversou e comeu com eles (Mc 16, 14-19; Lc 24, 36-43; Jo 20, 19-21; At 1, 3-5). A essas ectoplasmias seguiram-se outras de caráter público e a céu aberto: à beira do lago de Tiberíades (Jo 21, 1-14); numa montanha da Galiléia (Mt 28, 16-20) onde, segundo Paulo, foi visto por mais de quinhentas pessoas (1ª Cor 15,6); e em Betânia (Lc 24, 50-53; At 1, 6-11)”. (308)

Até mesmo durante o Pentecostes, houve uma profusão de fenômenos mediúnicos em torno dos discípulos de Cristo; sinais luminosos, vozes diretas, inclusive fatos de psicofonia e xenoglossia, em que os ensinamentos do Evangelho foram ditados em várias línguas, simultaneamente, presenciados pela comunidade atônita (Atos 2, 1-13). “Desde então, os eventos mediúnicos para eles se tornaram habituais”. Vale ressaltar que inúmeras dessas intervenções do além estão consignadas nos Atos dos Apóstolos: espíritos materializados libertam apóstolos da prisão injusta (5: 18-20). O magnetismo curativo era vastamente praticado pelo olhar (3: 4-6) e pela imposição das mãos (9:17), espíritos sofredores eram retirados de pobres obsediados, aos quais vampirizavam (8: 7). Até mesmo, Saulo de Tarso, desenvolve a clarividência e, de um momento para outro, vê o próprio Cristo às portas de Damasco, e lhe recolhe as instruções (9: 3-7).

Durante a Idade Média, temos relatos de inúmeros fatos mediúnicos, que muitas vezes elevavam o médium à santificação, como nos lembra o excepcional médium e escritor baiano Divaldo Franco, na sua festejada obra “Médiuns e Mediunidades”, ditada pelo espírito Vianna de Carvalho:

“Os profetas, encarregados de manter a flama da fé acesa nas mentes, transformaram-se nas pontes vivas do Mundo Excelso, ajudando os povos em aflição.

Em todas as culturas, manifestaram, esses instrumentos da Esfera Maior, o amor de Deus, socorrendo e iluminando a ignorância humana.

São Francisco de Assis reergueu a Igreja moral em contato com Jesus.

Santa Teresa de Ávila, São Pedro de Alcântara e São João da Cruz iluminaram o século em que viveram, diminuindo o horror da noite medieval que se encerrava.

Santa Brígida, da Suécia, e Santa Catarina, de Siena, alteram fortemente a conduta da Igreja Romana e do papado, em razão das mensagens de que foram objeto.

Santa Joana d’Arc mudou o curso da história da França guiada pelas suas vozes.

Santo Antônio de Pádua expulsava os espíritos perturbados do monastério com exortações austeras e pregava sob influência superior.

Swedenborg e Edgar Cayce ofereceram contribuições valiosas, no

campo da revelação como das curas e premonições, que ainda sensibilizam os estudiosos dos fenômenos paranormais...

Todos eles, de alguma forma, foram alcançados pelo martírio com que se consagraram no devotamento ao bem e ao amor.

Nunca tergiversaram ante a rudeza da luta ou jamais temeram, fiéis à realização em que se empenhavam.

Compenetrados pela missão que deveriam executar, a ela se entregaram totalmente, sem deixar espaço para quaisquer outros labores secundários.

Somente assim lograram o triunfo que o mundo apenas identificaria posteriormente.

Todavia, existem inúmeros médiuns outros iluminados, no anonimato, sem o aplauso das multidões, realizando serviços de consolação e socorro em toda a Terra, a fim de que brilhe a Grande Luz da Esperança, embora a terrível sombra que parece dominar.

O médium iluminado serve e passa, não tendo tempo para a remuneração do reconhecimento, nem da ostentação.

Tem como modelo Jesus Cristo, cuja homenagem que os Seus contemporâneos lhe brindaram após todos os benefícios recebidos foi a crucificação no madeiro vergonhoso, que Ele transformou em símbolo de vitória característico da vida”. (309)

Divaldo Franco citou Emanuel Swedenborg como um médium ilustre e o próprio relatou suas fantásticas experiências espirituais na sua obra “O Mundo dos Espíritos: segundo o que lá foi ouvido e visto”:

“Para provar que o homem, em sua essência, é espírito, gostaria de relatar a seguinte experiência que vivenciei: ser desligado do corpo e conduzido em espírito a outro lugar (desdobramento)... Foi ao encontrar-me nesse estado que vi os espíritos e os anjos. Pude também ouvi-los e, o que é mais desconcertante, tocá-los ... Há vários anos converso com espíritos e posso estar entre eles como um igual, ainda que meu corpo permaneça inteiramente desperto”.
(310)

Outro notável médium da Idade Média, foi o médico suíço Paracelso, que desenvolveu notável conhecimento de alquimias, tendo publicado na Alemanha, em 1536, seu “Livro dos Prognósticos”, onde previu para o mundo os 20 anos seguintes, em linguagem tão

hermética quanto as Centúrias de Nostradamus e segundo o escritor Octávio Acerves:

“O Paracelso ocultista ensina-nos que a magia-ciência sagrada, dedicada ao desenvolvimento da intuição espiritual, pode ser praticada passivamente, exercitando a clarividência, ou em forma ativa, provocando com sua imaginação, vontade e fé, modificações no mundo exterior. Daí, que sejam factíveis e explicáveis, naturalmente, fenômenos, como os milagres e a produção de raios, chuvas e tormentas”. (311)

Com efeito, nos meados do século XIX, ocorreu uma enorme profusão desses fenômenos na aurora do “Espiritualismo Moderno”, nos Estados Unidos, como já mencionei com as “Irmãs Fox”; acentuando-se na Europa, particularmente, na França, com o surgimento do Espiritismo, em 18 de abril de 1857, com Allan Kardec; e prosseguindo no continente europeu até o último quartel do século XIX e primeiras décadas deste, com as pesquisas científicas já narradas no capítulo V; despontando, depois, no Brasil, especialmente com o trabalho missionário de Francisco Cândido Xavier e Divaldo Franco.

O momento presente da mediunidade é marcado pela sua enorme aceitação popular, como demonstrou o programa “Globo Repórter”, com a crença na autenticidade da manifestação dos espíritos desencarnados de 80,2% dos seus espectadores, que pela enorme audiência do programa, é um número fabuloso de brasileiros. Ademais, a Revista “Isto É” nº 1.489, de 15.04.98, coloca a mediunidade como matéria de capa, atestando sua popularidade, inclusive com seu aspecto curativo e de bem estar.

E, como prova de que a mediunidade não é mais vista como um tabu, temos também um padre da Igreja Católica, o padre Miguel Martins de Sobradinho, de Brasília - D.F., que assumiu ser médium do espírito de outro membro da Congregação, o Frei Fabiano, como narrou em entrevista para a revista “Visão Espírita”, nº 2, de maio/98:

“- O senhor me falou, em outra ocasião, que o Chico lhe sugeriu que não abandonasse a Igreja e que continuasse com a batina. Como foi isso?

- Ele disse que eu poderia ficar com os dois, com o Frei Fabiano e com a batina, desde que eu fizesse caridade, como sempre fiz. Que, desde que eu ajudasse ao próximo, não importaria se dentro da batina ou fora dela. E que, se eu optasse por continuar na Igreja, isso não ia interferir em nada para o Frei Fabiano.

- O que o Frei Fabiano lhe conta sobre a vida depois da morte? O

que ele diz sobre onde ele vive?

- Ele disse que vive num lugar com mais 58 frades. Que lá tem um convento que ele chama de Convento da Luz. Disse que lá tem as mesmas coisas que aqui... Me perguntam se eu sou padre espiritualista, e eu digo que sou um padre espírita. Para que ter vergonha? Se eu me envergonhar aqui, o Cristo vai ficar envergonhado de mim na eternidade. E espírita não pode ter vergonha, porque o Brasil cada vez mais se aproxima de ser a pátria do Evangelho e o coração do mundo".(312)

Podemos citar ainda outro exemplo em que a Igreja Católica admite a comunicação dos “mortos” com os vivos, como atesta o Jornal Católico “A Luz”, em matéria de novembro de 1959, transcrita, parcialmente abaixo:

“O jornal católico A Luz, editado em São Paulo pela Pia Sociedade Filhas de Maria, publicou na primeira página, com o título “Vida Além da Vida”, em novembro de 1959, um interessante caso de aparição de espírito. Vamos aos fatos. De início, o articulista escreve: “Vivia em Turim, pelo ano de 1865, um viúvo de 35 anos, irreligioso e blasfemador. E com ele morava sua velha mãe e alguns filhinhos. Como se aproximasse o dia de Finados, recomendou-lhe a mãe que rezasse pela alma do pai falecido”. Ele, porém, retrucou: “Qual reza, qual nada! Se ele estiver no Céu ou no Inferno, não precisa mais de reza. E se estiver no purgatório, sairá de lá quando for o tempo!”

A mãe ouviu, naquela noite, rumores no quarto do filho. Interrogado pela genitora, na manhã seguinte, ele nada respondeu. Mas, agora, vejamos o que aconteceu depois, transcrevendo, na íntegra, alguns tópicos. “Na noite seguinte, o filho ímpio revistou o quarto, trancou bem a porta, e pôs-se na cama. Meia-noite. Passos lentos e graves ouvem-se no quarto. Possível? Se a porta fora bem fechada! O ímpio viúvo olhou em derredor da cama. Nada! Ouvem-se novamente passos. Aterrorizado, o homem vê em seu quarto o vulto do falecido pai. A lua reflete-lhe o perfil negro na branca parede do quarto. Entrara, estando as portas fechadas”.

A narrativa diz que, espantado, o filho indaga: “O senhor, papai! Que quer de mim? Precisa de alguma coisa?” O pai (espírito) responde: “Sim. Venho pedir-lhe que acabe duma vez com essa vida de escândalos e de impiedade. Meus pobres netinhos só recebem de você maus exemplos de irreligião, de blasfêmia e de brutalidade. Venho dizer-lhe que Deus está cansado de você, e se

você não se corrigir, dentro em breve receberá o justo castigo dos pecados”. Após essas palavras o pai desapareceu”. (313)

Também, como meio de popularização da mediunidade, o incontestável pesquisador espírita Carlos Bernardo Loureiro, desenvolveu inúmeras experiências de materialização de espíritos, em 1988, através da mediunidade do famoso médium baiano José Medrado, citando o destacado espírito do cirurgião francês, Ambroise Paré e daquele outro conhecido como “Noiva”; conforme narrado e fotografado no seu livro “Outras Dimensões”:

“Quando saiu uma substancial reportagem na Revista “Manchete”, de autoria de Ney Bianccini, ilustrada com a foto de “Noiva” e de José Medrado, todo o país tomou conhecimento dos trabalhos que realizamos, com tanto cuidado e absoluto amor à coisa”. (377)

Como pode se observar o futuro da mediunidade, passa a ser quase uma atividade do cotidiano, como um processo de autoconhecimento, separado da religião.

Porquanto, cada vez mais, as pessoas estão prestando atenção às suas intuições ou “insights” (orientação do seu guia espiritual ou amparador), além da mediunidade ser utilizada como o meio de canalizar, de forma metódica e intencional, as orientações de Mestres Ascensos ou Espíritos de Luz, o que abordaremos em tópico específico abaixo:

ATIVANDO SUA CANALIZAÇÃO

A “Canalização” ou “Channeling” é um termo mais recente para a mediunidade, utilizado, principalmente, pelos sensitivos americanos ao canalizarem orientações e ensinamentos metafísicos de “Mestres Ascensos” da chamada “Nova Era”.

Vale salientar que, essa função de ensinamento, contrasta com as comunicações dos médiuns tradicionais do século XIX, mais preocupados com a transmissão de mensagens dos parentes falecidos e com a demonstração da realidade da vida após a morte.

Os canais modernos também se vêm seguindo a tradição dos velhos profetas,

transmitindo mensagens de fontes mais elevadas. Ao contrário dos profetas, entretanto, os canais da Nova Era raramente alegam estar enviando mensagens provindas diretamente de Deus, tampouco se rebelam contra os pecados da sociedade, como faziam os profetas hebreus.

Constam como os mais destacados precursores da moderna onda de canalização Edgar Cayce, Jane Roberts e Ruth Montgomery e o livro canalizado mais citado é “A Course in Miracles”:

“Cayce era um médium de transe que faleceu em 1945, porém, através das atividades promocionais de seu filho, atingiu o ápice de sua fama na década de 1960. Iniciou sua carreira psíquica praticando “leituras” sobre saúde e somente mais tarde começou a “canalizar” informações sobre vidas passadas. Em algumas ocasiões, retransmitia mensagens de parentes falecidos.

No começo dos anos 70, foi publicada uma série de livros de Jane Roberts. Neles, segundo ela, havia informações de Seth, uma entidade espiritual desencarnada. Vários livros de Seth, que continham informações metafísicas relativas à filosofia da Nova Era, tornaram-se best-sellers.

Ruth Montgomery foi a repórter de jornal que se tornou autora popular da Nova Era, após ter-se interessado por fenômenos psíquicos. Em seus trabalhos, Montgomery descrevia seus encontros com os guias (espíritos do outro mundo) e a prática de escrita automática - uma forma de mediunidade na qual as entidades espirituais escrevem (ou, no caso de Montgomery, datilografam) mensagens através do médium. Seu contato com os guias se concentrava no recebimento de informações sobre o outro reino, reencarnação e uma série de tópicos ocultos que apareceram em diversos livros populares”. (210)

Caro leitor, como você pode constatar, a capacidade mediúnica é um dom que todo ser humano possui e tenho convicção de que o ano 2000 é um momento muito especial, para um renascimento do interesse pelas coisas do espírito; e a canalização é uma técnica mais segura de contatar seus guias espirituais, pois é direcionada para se evitar qualquer outro tipo de interferência espiritual.

Aliás, esta é uma das suas diferenças em relação à mediunidade, pois enquanto o médium recebe mensagens de qualquer tipo de espírito desencarnado; na canalização existe

a intenção de somente se acessar o seu espírito amparador ou seres de luz; como exemplifica a escritora Celina Fioravanti:

“O canalizador é um médium que se prepara no sentido de evitar a conexão com espíritos sem luz, selecionando com suas posturas de vida o que deseja contactar. Pelo fato de não se permitir o transe, dificilmente o canalizador receberá algum ser espiritual que não deseje. A vigilância sobre os atos diários e pedir constantemente por ajuda de seres superiores, faz com que os seres inferiores não possam se aproximar.

Um canalizador é, portanto, um médium; mas nem todo médium é um canalizador. Quando não se mantém a lucidez e se entra em transe, não é costume considerar como canalização. É necessário estabelecer essa diferença de início, para que não se considere a canalização, como algo que não seja atividade mediúnica. Ela é uma tarefa de médiuns, mas não funciona como os trabalhos que se desenvolvem nos centros espíritas ou de umbanda, pois eles estão mais envolvidos com a mediunidade aplicada à religião.

A canalização é mais leve, mais intencional e dirigida que o transe mediúnico. Com ela se vai até um certo ponto, o que não acontece com o médium que se entrega sem limitações. Objetiva-se canalizar para obter um tipo de contato que permita receber ajuda e proteção, sem ir a níveis de consciência alterada muito profundos”. (314)

Uma das canais mais conhecidas da Europa é Eileen Caddy, uma das fundadoras da Comunidade Espiritual de Findhorn, na Escócia, com quem tive o prazer de meditar, quando da minha ida a Findhorn, em abril/99, para dar uma palestra no Congresso Holístico Internacional, sendo oportuno transcrever abaixo algumas mensagens dos seus “Espíritos de Luz”:

“Aceitação. Peça e lhe será dado. Você deve fazer um pedido. Você precisa colocar-se em ação. Saiba que aquilo que pedir em meu nome, se você crer, será seu. Não tenha dúvidas a respeito disso. Aceite simplesmente; esta é uma dádiva que Eu lhe faço”. (315)

“Tudo é parte de um todo perfeito; e tudo o que você faz, diz, pensa e sente também faz parte do todo. Portanto não se imponha limites, mas sinta-se expandir cada vez mais, assimilando tudo. Continue a esticar sua consciência... O primeiro passo é sempre seu. Não perca tempo e vá em frente, e veja milagre após milagre acontecendo em sua vida”. (316)

Os canais Sanaya Roman e Duane Parquer (e suas fontes “Orin” e “DaBen”) treinaram mais de duzentas pessoas em canalização ao longo dos últimos anos. Seu processo é detalhado nos livros “Os Guias Espirituais Ensinam o Caminho” (317) e “O Poder Pessoal Através da Consciência” (318). Você vai notar que esse sistema é de fácil aplicação, podendo ser resumido a seguir:

Primeiro, vem o processo de relaxamento e focalização. Crie o seu próprio ambiente agradável e calmante, respire profunda e confortavelmente, abandonando as preocupações, relaxando o corpo todo o tempo. Coloque uma bolha imaginária e protetora de luz branca em torno de você. Depois, aprenda a acalmar sua mente, concentrando-se numa coisa só de cada vez. Em seguida, sintonize com a energia de força vital, aprendendo a sentir a sutil presença energética de cristais, plantas e, eventualmente, do seu guia. Descubra sua melhor posição de transe ao tentar relaxar mais profundamente, mas permanecendo consciente. Imagine uma luz dourada vindo a você, entrando pela sua nuca e cabeça. Imagine seres de luz vindo a você e o recebendo e você os aceitando. Veja uma porta e saiba que existe um mundo de luz do outro lado, de frequência superior, de crescimento acelerado para você. Quando estiver pronto, imagine-se entrando por ela. Pouco a pouco, descobrirá como chamar e experimentar o seu guia. Imagine a ligação entre ambos ficando mais forte. Agora você está pronto a fazer perguntas ao seu guia.

Outra notável canalizadora é Sara Marriot, americana que vivia em Findhorn e foi convidada por José Trigueirinho para a comunidade espiritual “Centro de Vivências Nazaré”, em São Paulo; tendo contribuído lá, com sua luz e carinho por cerca de 15 anos, antes de voltar à sua terra natal, sendo seus livros mais famosos “Uma Jornada Interior” e “Nossas Ligações com as Energias Superiores”, dos quais selecionei os respectivos textos:

“A orientação é o cortejar no Casamento Místico com o Eu Superior do Ser.

Eu ouvira essas palavras num sonho, várias vezes repetidas até acordar e as escrever. A voz, então, continuou:

Acorde e saiba que estou sempre com você; dormindo ou acordada, eu a guio. Falo com você em sonhos, na beleza e na força de vida da natureza, no silêncio, intuitivamente, eu me faço conhecido.

A hora silenciosa, com a sua orientação todos os dias, irá tornar-se o momento mais vital, mais criativo e deleitoso da sua vida, aumentando de muito a eficiência de todas as suas atividades. A

essa altura das suas lições, o importante é a experiência e não o que está no papel. À medida que a mão escreve, a força a elevará. Você é guiada, guardada e amada... Entregue-se inteiramente e tudo o que for necessário estará à sua disposição. Não há limites que você possa imaginar, nessa experiência... Caminhe tranquilamente nessa nova trilha, segurando com firmeza a mão do seu Guia, cuja radiância é brilhante demais para que possa vê-lo, mas você o conhece. Esses dois mundos são uma parte do plano...

Na luz da fé, envolta por nosso amor, na meditação ou nos momentos de calma, deixe que a sua atenção seja focalizada inteiramente na radiância do plano divino ou na verdade do seu Ser. Então, tudo o que você ver, ouvir ou sentir será liberado na presença protetora do seu Eu Superior. Nessa fé, os corpos inferiores são libertados pela ação sincrônica de ouvir os ritmos superiores e com eles se humanizar. Essa é a liberdade que abre o caminho para a comunhão com os Instrutores Internos". (319)

"Milhões de pessoas respondem agora à virada na consciência e deixam a velha Era de Peixes, com toda a sua negatividade, ignorância e medo, e dirigem-se à Nova Era de Aquário, com sua clareza, sabedoria e a força transformadora do amor por todas as pessoas desta prodigiosa família na Terra. Isto também inspirou um amor pela consciência superior que clareia nossas vidas, traz o Espírito de Luz e Alegria, enviando ondas de energia mais intensa aos planos físico e material. À medida que nos sintonizamos com estas ondas, nossas vidas são transformadas. Isto acontecerá no ritmo em que formos nos desapegando dos centros inferiores da consciência e das ilusões, que nos separam da verdade procurada. Os potenciais ilimitados estão escondidos na semente ou essência de nosso ser, esperando um reconhecimento e permissão para crescer, ao mesmo tempo que revelam seu mistério na beleza, inspiração e ação viva, abrindo o caminho para a nossa realidade maior. Nesta época de despertar auto-iniciado, quando respondemos com boa vontade à grandeza da vida, o Grande Espírito da Criação sorri para nós". (320)

Um dos canais mais famosos da atualidade, nos Estados Unidos, o escritor James Van Praagh, recomenda para você poder canalizar, além de uma vida equilibrada nos aspectos emocionais e mentais, algumas dicas no nível físico, no seu livro "Conversando com os Espíritos":

“Em relação ao aspecto físico, é importante uma dieta sadia. A dieta vegetariana, com pouco açúcar refinado e cafeína, deixa o corpo mais apto para receber o espírito. A carne vermelha, em especial, torna as vibrações do corpo mais lentas e, conseqüentemente, diminui os níveis de sensibilidade. As glândulas endócrinas são as mais usadas neste tipo de trabalho, especialmente as que produzem adrenalina. Portanto, devemos protegê-las do estresse e de sobrecarga de toda espécie. Doces e cafeína causam diversos malefícios, acelerando a produção de adrenalina no sangue. O álcool rebaixa a frequência da vibração natural do corpo e nunca deve ser consumido por alguém que esteja se preparando para abrir-se para os mundos espirituais. O uso continuado de álcool e de drogas pode até mesmo trazer para você entidades, que habitam planos com vibração mais baixa, no domínio astral”. (321)

A psicóloga americana, Dr^a Kathryn Ridall, ensina que o sintoma seguro da presença de um “Guia Espiritual” é a inequívoca sensação de bem estar, proteção e segurança, assim recomenda:

“Os relacionamentos canalizados são parecidos com todos os outros. Se lhes dedicamos atenção, eles florescem; se os deixamos de lado, eles murcham.

Muitas das pessoas a quem ensinei a canalizar tiveram encontros iniciais profundos com seus guias. Algumas delas, depois de vivenciar emoções fortíssimas que associam com a “volta ao lar”, chegaram a chorar de alegria. Entretanto, ao reencontrar essas mesmas pessoas seis meses depois, descobri amiúde que não tinham tido qualquer contato posterior com seus guias. Embora normalmente afirmem desejar “retornar” às experiências, elas não dedicaram um determinado tempo para desenvolver esse aspecto das suas vidas”. (322)

A escritora Penny McLean, especializada em literatura angelical, também aborda o resultado da sua canalização no seu livro “Nossos Guias Espirituais”:

“O que é amor? amor é ser desinteressado, e nisso não há exceção. O que é a lei? Leia os dez mandamentos e nunca mais precisará perguntar a respeito. O Código Civil do Universo é direto e conciso: existe uma energia primordial de onde todos nós surgimos. Essa energia primordial não quer ver o seu objetivo primordial deturpado.

A transgressão leva à destruição”. (323)

A canalizadora e psicóloga Launa Huffines explica como os “Guias Espirituais” utilizam nossos dons pessoais, para alavancarem a evolução do nosso planeta, no seu livro “Ponte de Luz”:

“O modo como nós, os guias, estabelecemos contato com você (inclusive nossa própria existência) pode parecer intrigante, uma vez que não temos corpo físico ou voz. Não somos mais “espirituais” do que você (embora seus idiomas careçam de termos específicos para discriminar nossas diferenças). Todos nós simplesmente estamos na posição de oferecer ajuda porque temos Instrumentos de Luz únicos, longa experiência com o seu planeta e uma profunda compreensão das leis e princípios do planeta Terra.

Nenhum dos guias aparece na forma física, exceto em circunstâncias muito raras e extremas. Eles vêm até você através da energia pura de um canal sintonizado com sua frequência. Sua tranquilidade, receptividade e o desejo de entender mais, além da sintonização com a luz, atraem esses contatos para você. Acima de tudo, você atrai ajuda por sua disposição de alterar as coisas, não através da ambição pessoal, mas da percepção de um plano mais amplo para este planeta e da verificação de onde suas próprias habilidades e experiências se encaixam nesse plano, de forma que possa participar dele. Cada mestre trabalha com alguma parte de um grande esquema para que este planeta se torne um lugar em que grande amor e sabedoria sejam o modo natural de expressão”.

(324)

O canal Greg Nielsen entende que é o momento do encontro entre a Ciência e a Espiritualidade, sendo esta a mensagem que ele traz dos seus “Espíritos de Luz”:

“Ciência espiritual é o estudo das vibrações, frequências, energias, forças e campos, especialmente em relação ao crescimento humano. A ciência espiritual investiga essas influências invisíveis, a fim de que o conhecimento fique disponível àqueles que desejam usá-las para o crescimento espiritual.

A ciência espiritual interessa-se por métodos, sistemas e exercícios de desenvolvimento, com isto prestando assistência às pessoas através de uma integração equilibrada, no que diz respeito ao mundo em torno delas. Algo de interesse especial neste mundo

de hoje, que oscila drasticamente, é - como manter uma sintonia espiritual, em meio à estática materialista.

Existem ciclos de tempo onde prevalecem certos pontos de vista. Durante os últimos 2.000 anos, fé e crença têm sido as palavras de ordem. Iniciando-se agora e continuando pelos aproximadamente 2.000 anos seguintes, terão ênfase o conhecimento e o autoconhecimento “. (325)

John Klimo, nas suas pesquisas sobre a paranormalidade, detectou alguns pontos inibidores das canalizações, sendo oportuno transcrever suas sugestões de como superá-los:

“Sendo forçado neste livro a falar de maneira geral, posso dizer que acho essas atividades excelentes para libertar o indivíduo e permitir que flua a sua criatividade natural. A inibição, o medo e a negatividade têm de ser dominados. A consciência não precisa ser alterada; não é preciso um estado de dissociação ou perda da consciência no processo de canalização aberta. Para colocar em termos simples: você tem de aprender a ser espontâneo, brincalhão e suficientemente aberto para permitir a expressão improvisada. É preciso deixar reinar a “criança interior” ou experimentar expressar-se a partir daquela região mais aberta, do que a parte que normalmente usa de si mesmo.

A dificuldade na articulação desse processo pode estar no fato de ele ser tão natural. A sobreposição de camadas de crenças, medos e hábitos à nossa condição natural de instrumentos abertos é que nos levou a precisar de atividades artificiais para restabelecer a abertura natural. Quando permitimos esse fluxo, percebemos que se trata de uma abertura natural para o resto de nosso ser e para a mente viva, criativa do universo.

A entidade “Lazaris” fala com frequência da natureza e desenvolvimento da intuição, que é “a explosão de energia para sair de órbita e ficar circulando o pessoal e o inconsciente coletivo”. Segundo “Lazaris”, é preciso primeiro lutar com as várias objeções internas à intuição: o medo da mensagem (“Não sei se eu quero saber”); medo de errar; medo de perder a auto-imagem racional, estável e inteligente; medo do amor a si mesmo; medo dos riscos e

medo de tomar decisões e escolher. A resposta segundo “Lazaris”, é desenvolver sete valores: autoconsciência, autovalor, autoestima, autoconfiança, auto-respeito, auto-realização e abrir um caminho em direção ao amor incondicional na ligação com o Eu superior.” (326)

Para finalizar este tópico sobre canalização, gostaria de recomendar um dos melhores livros canalizados do Brasil, pela escritora Virgínia Cavalcanti, recebidos do seu “Mestre do Astral”, Frédéric; inclusive onde ela ensina diversos meios para a abertura do seu canal de comunicação com seu “Mentor Espiritual”, tais como: “Para mim Apenas o Melhor” (327), “O Equilíbrio da Energia Está no Salto do Tigre” (328), “Dicas e Truques para Ser Feliz” (329) e a famosa trilogia: “O Aprendizado da Calma” (330), O Aprendizado da Força” (331) e “O Aprendizado da Alegria (332).

Após analisarmos as tendências futuras da mediunidade, como instrumento de autoconhecimento, desvinculada da religião, convido meu amigo leitor para conhecer, com mais acuidade, os principais tipos de mediunidade, lembrando que todas elas comprovam a imortalidade do espírito.

PSICOGRAFIA E SEUS DIREITOS AUTORAIS

A “Psicografia” é a faculdade do médium, sob a influência de um espírito comunicante, escrever com a própria mão, geralmente, sem tomar conhecimento do conteúdo do que escreveu; lembrando que, segundo Allan Kardec, no seu “Livro dos Médiuns”:

“178. De todos os meios de comunicação, a escrita manual é a mais simples, mais cômodo e, sobretudo, mais completo. Para ele devem tender todos os esforços, porquanto permite que se estabeleçam, com os Espíritos, relações tão continuadas e regulares, como as que existem entre nós.” (297)

É oportuno diferenciar alguns tipos distintos de escrita mediúnica, tendo dois ramos principais: a escrita automática ou direta (pneumatografia), é o caso do sensitivo cuja mão se move involuntariamente e que não tem nenhuma consciência do que escreve; já na escrita

inspirada, o médium se comunica com o espírito comunicante, através do pensamento, sendo sua mão conduzida voluntariamente. Assim, o registro dos caracteres na verdadeira escrita automática não está sob o controle do escritor, de modo que a caligrafia com frequência é diferente de sua escrita normal. Na escrita inspirada, ao contrário, palavras e idéias fluem para a mente do escritor, de modo que este age como um gravador (semelhante a um estenógrafo, que anota tudo o que é dito no recinto). Na escrita inspirada, a caligrafia e, às vezes, até o estilo de escrita são do próprio escritor; somente o conteúdo da mensagem é que provem “do outro lado”. Outrossim, na escrita automática, o escritor normalmente não sabe o que está escrevendo; pois uma sensação de “formigamento” é, algumas vezes, sentida nas mãos e nos braços, além da escrita automática acontecer com maior velocidade do que a escrita normal da pessoa. Em alguns casos, a escrita é uma réplica da caligrafia do espírito desencarnado, que o receptor alega ter contatado. As situações mais impressionantes são aquelas em que as idéias, registradas na escrita automática ou inspiradas, parecem ultrapassar o conhecimento do médium receptor.

Também temos a “escrita indireta”, quando são utilizados pequenos objetos, como as lousas, pranchetas ou o das cestas munidas de um lápis, sem a utilização da mão de um médium, o que melhor detalharei a seguir.

Antigamente, muitos dos primeiros espíritas consideravam a escrita na lousa como prova irrefutável da presença dos espíritos, durante as sessões espíritas, quando os presentes geralmente traziam suas próprias lousas, uma ferramenta comum para trabalhos escolares no século XIX. Kate Fox (uma das irmãs Fox) apresentava uma variedade de escritas na lousa, chamadas escritas de espelho, nas quais o médium escrevia no verso da lousa para que a leitura fosse feita através de espelho. Às vezes eram produzidos desenhos em vez de palavras. Entre os escritores de lousa mais famosos estava Henry Slade, William Eglington, Francis Ward Monck e, posteriormente, um membro da “Society for Psychical Research”, S. J. Davey.

No Brasil, os maiores escritores que utilizam a psicografia, com centenas de livros publicados são os médiuns Chico Xavier e Divaldo Franco, ambos com mais de 50 anos de dedicação à comunicação espiritual e ao Espiritismo.

Entretanto, para aqueles leitores que ainda estejam iniciando sua cultura

espiritual, recomendo as obras psicografadas pela médium Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho, mais conhecidas como “Romances de Patrícia”; pela sua linguagem simples, direta e atual, em oposição aos espíritos comunicantes do século passado, que utilizam uma linguagem muito rebuscada, de difícil entendimento do leitor comum.

Dentro da sugestão formulada, iniciaria com a obra “Violetas na Janela”, que seria o primeiro capítulo das aventuras de Patrícia, uma menina encantadora que foi recebida por sua avó, nas colônias espirituais, transcrevendo abaixo um trecho, em que o espírito de Patrícia se refere ao desencarne da sua avó, lembrança de quando a menina ainda estava encarnada:

“Estávamos a orar para que sarasse”. Minha mãe respondeu: “Suas orações foram ouvidas. Jesus, vendo que ela não poderia sarar no corpo, levou-a para que sarasse no Plano Espiritual.” Senti, sentimos muito seu desencarne. Agora, ali estava ela querendo me ver. Corrigi meu pensamento. Gostava? Não! Gosto muito dela! - Por favor, Maurício, faça-a entrar - disse emocionada. Vovó entrou no quarto de mansinho. Estava diferente, mais bonita, esperta e sem grossos óculos. Beijou-me na testa e nos abraçamos demoradamente. Meus sentimentos naquele momento ficaram confusos. Senti alegria em vê-la, mas, também, tive a certeza de que realmente tinha desencarnado. Senti um vazio e um ligeiro medo. Percebendo, vovó despreendeu-se, sentou-se ao meu lado, no leito. Sorriu feliz dizendo:

- Patrícia, aqui é lindo! Logo poderei mostrar a você lugares maravilhosos. Você está tão bem! Tão linda! Necessita de alguma coisa? Quer que lhe faça algo? Você...

- Vovó - interrompi - como está mamãe? Papai? Juninho? Carla e o nenê?

- Estão bem. São Espíritas. O Espiritismo dá aos encarnados o entendimento da morte do corpo. Compreenderam os acontecimentos e sabem que seu desencarne lhe trará muitas felicidades. Juninho está bem, Carla também: irá ter um belo menino. Seu pai é firme como a rocha, seu saber é o leme a dirigir o barco do seu lar.

Maurício, desde que vovó entrara no quarto, ficou sentado na poltrona em silêncio. Como me dirigi a ele, rogando ajuda, tentou tranquilizar-me.

- Patrícia, no seu lar terreno eles só nos pedem que cuidemos de você. A menina nos pede para cuidar deles. O carinho sincero que os une é laço forte. Cuidaremos de você e deles. Estarei sempre

com você, até que se adapte bem me terá por companhia. Estou encarregado de velar por você.

- Obrigada - respondi tentando sorrir, mas acho que fiz foi uma careta. Foi me dando um sono, uma vontade irresistível de dormir. Deitei. Vovó ajudou a me acomodar. Meus olhos foram fechando. Os dois sorriram para mim. Vovó me beijou na testa, segurou minha mão. Acho que vou dormir...” (333)

Continuando a história verídica de Patrícia no plano espiritual, que fora psicografada por sua tia, ainda foram escritos os livros: “Vivendo no Mundo dos Espíritos” (334), “A Casa dos Espíritos” (335) e “O Vôo da Gaivota” (336).

Ainda em relação a psicografia, temos uma questão de suma importância para debater com nossos leitores, que é aquela relativa aos “Direitos Autorais” da obra mediúnica, de quem seria? do médium? do falecido? ou dos seus herdeiros?

E temos um caso prático, que elucidou esta questão, envolvendo o espírito do escritor Humberto de Campos e o médium Chico Xavier, que psicografava suas obras; porquanto em 1944, ele e a Federação Espírita Brasileira, responsável pela publicação de cinco livros, foram processados pela viúva, Catarina Vergolino e seus três filhos; sendo a defesa elaborada pelo advogado Miguel Timponi, católico praticante, baseada nas seguintes alegações. Primeiramente, seu advogado Timponi sustentou que afirmar ou negar que as obras fossem de Humberto de Campos seria decretar a oficialização de um princípio religioso, filosófico ou científico, o que o magistrado jamais poderia fazer, dada sua inerente neutralidade diante de tais princípios. Argumentou ainda que, depois de morto o indivíduo não pode adquirir direitos e que os herdeiros de Humberto de Campos não poderiam ser reconhecidos, como sucessores de direitos patrimoniais, sobre uma obra que inexistiu durante a vida do autor. Outrossim, Timponi alegou que Humberto de Campos, ser humano que deixou de existir, não tem qualquer relação com o espírito, que sobrevive de acordo com os cânones do espiritismo. Assim, a designação “Espírito de Humberto de Campos”, presente nas obras mediúnicas, não compromete o nome do escritor; tendo inclusive intimado, como testemunha em favor dos réus o próprio espírito de Humberto de Campos, que se manifestaria através do médium Chico Xavier. De fato, durante todo o processo, o espírito se manifestou, demonstrando seu descontentamento com a situação. Em uma de suas mensagens psicografadas, o espírito lembrou que no prefácio de seu primeiro livro, ditado sete anos antes, havia mencionado o fato de finalmente estar livre dos contratos com sua editora, enaltecendo as vantagens de ser

“autor fantasma”. Coube ao Juiz João Frederico Mourão Russel dirimir a controvérsia, em sentença de 23 de outubro de 1944; salientando que a existência da pessoa natural termina com a morte, merecendo destaque o seguinte trecho da referida sentença: “Ora, nos termos do art. 10 do Código Civil “a existência da pessoa natural termina com a morte”; por conseguinte, com a morte se extinguem todos os direitos e, bem assim, a capacidade jurídica de os adquirir. No nosso direito é absoluto o alcance da máxima *mors omnia solvit*. Assim o grande escritor Humberto de Campos, depois de sua morte, não poderia ter adquirido direito de espécie alguma e, conseqüentemente, nenhum direito autoral poderá da pessoa dele ser transmitido para seus herdeiros e sucessores.”

Todo este fascinante caso foi transformado em livro, pelo próprio advogado Miguel Timponi, com o título “A Psicografia Ante os Tribunais”, merecendo um destaque especial, ao desabafo do próprio falecido:

“Eis, porém, que comparecem meus filhos diante da Justiça, reclamando uma sentença declaratória. Querem saber, por intermédio do direito humano, se eu sou eu mesmo, como se as leis terrestres, respeitabilíssimas embora, pudessem substituir os olhos do coração. Abre-se o mecanismo processual e o escândalo jornalístico acende a fogueira da opinião pública. Exigem meus filhos a minha patente literária... Que é semelhante reclamação para quem já lhes deu a vida da sua vida?” (337)

CLARIAUDIÊNCIA E AS COLÔNIAS ESPIRITUAIS

A clariaudiência ou mediunidade auditiva é a capacidade do sensitivo ouvir a voz dos espíritos, podendo ser uma voz interior, que se faz ouvir no íntimo do indivíduo ou uma voz exterior, clara e distinta, qual a de uma pessoa viva. Esta faculdade é muito agradável, quando o médium só escuta espíritos bons.

Na classificação Kardequiana seria a “pneumatofonia”, como exercida pelo filósofo grego Sócrates, que escutava os conselhos e orientações passados pelo espírito “daimon”. Outro caso famoso, registrado pela história mundial, foi o da camponesa “Donzela de Orleans”, Joana D ‘arc, que ouvia vozes desde os 13 anos, que a levaram a conduzir o exército francês a uma vitória decisiva sobre os ingleses, expulsando-os do seu território, em 1429; tendo levado à coroação do Delfim Carlos, como Rei Carlos VII, na catedral de Reims. Infelizmente, numa

operação militar posterior, Joana foi capturada por soldados borgonheses e entregue aos ingleses, onde foi acusada por atos de feitiçaria e bruxaria, por ouvir a voz de Deus, sendo condenada a ser queimada viva na fogueira.

Vinte e cinco anos depois, o Rei Carlos, por quem ela tanto tinha lutado, ordenou que fosse submetida a um novo julgamento. Neste julgamento, ela foi declarada inocente de todos os crimes pelos quais fora acusada. E, em 1920, Joana D'Arc foi canonizada, transformando-se, assim, em Santa Joana.

Este fato verídico foi transformado em um filme magistral, exibido recentemente pelo seu Diretor Luc Besson, com a atriz Mila Jovovich no papel de Joana D'Arc. Através da clariauidência, muitos espíritos têm narrado, através de médiuns, como são suas vidas nos planos espirituais, valendo a transcrição do trecho explicativo da lavra da escritora espírita Lúcia Loureiro, na sua memorável obra "Colônias Espirituais":

“Assunto dos mais polêmicos é o que trata da construção de prédios e cidades no Mundo Espiritual. As informações se multiplicam, uma vez que infinitos são os Espíritos e locais onde estes habitam. Excetuando alguns aspectos concordantes, inúmeras informações individuais a respeito de minúcias sobre estilos e móveis são fornecidas pelos Espíritos comunicantes, de acordo com o aprendizado e experiências por que passaram.

A ação dos Espíritos sobre os fluídos tem a mesma força criadora na construção das Cidades Espirituais, com suas casas, palácios e jardins, resultando em um mundo invisível aos olhos carnis, todavia bastante intenso e vibrante aos de seus habitantes. Empregando o pensamento e a vontade, os Espíritos atuam sobre os elementos materiais espalhados por todo o espaço e lhes imprimem a direção desejada, exatamente como os encarnados fazem com as mãos ao construir qualquer objeto”. (338)

O notável médium Divaldo Franco também abordou esta temática em recente entrevista à Revista Espírita Allan Kardec:

“Não obstante, pode-se dizer que a energia que constitui ambos os planos da vida é a mesma, sendo que nas esferas espirituais próximas da Terra, essa é rarefeita, transparente, móvel, maleável,

de fácil expansibilidade, enquanto que, no mundo físico, faz-se densa, pesada, porque formada de elementos materiais.

As diferenças básicas estão nos sistemas de vida, na organização social onde predominam a justiça, o respeito ao indivíduo, ao tempo que se observam serem as construções mais bem planejadas, realizadas com substância mais sutil, ricas de beleza que se exterioriza em paisagens iridescentes, cidades bem delineadas e especialmente erguidas para as finalidades a que se propõem, possuidoras de mais avançada tecnologia com objetivos pacíficos e de fraternidade, que contribuem para a evolução do ser.

É claro que me refiro a esses mundos onde vige a paz e se desenvolve o progresso, que são os modelos do nosso terrenal.

Igualmente, existem áreas reservadas aos processos de reequilíbrio dos enfermos espirituais e calcetas, que para lá demandam no interregno das reencarnações, onde se preparam e se burilam para os futuros cometimentos...” (339)

Também o espírito do mestre hindu Ramatís, através do médium Hercílio Maes, narrou como são construídas as cidades astrais:

“As colônias, agrupamento ou cidades astrais, que existem em torno da Terra, conservam sempre as características das raças ou das cidades terrenas situadas em suas proximidades?

Em torno do Brasil, por exemplo, existe grande quantidade de postos, departamentos, comunidades, colônias, organizações e metrópoles astrais de todos os matizes evolutivos e com denominações de certa poesia sideral; suas populações variam de acordo com a maior ou menor aproximação dos seus núcleos junto à superfície do globo terráqueo. São comunidades laboriosas, em incessante atividades e intercâmbio convosco, que assistem e protegem todos os labores evolutivos e as relações entre os “mortos” e “vivos” do Brasil.

No entanto, sobre cada país da Europa, Ásia, África e Américas, também existem outras comunidades astrais, que conservam as características peculiares a cada povo ou raça das zonas geográficas, que elas supervisionam do mundo invisível, de conformidade com as diretrizes que lhes são traçadas pela administração mais alta e responsável pelo globo terráqueo. Dentre a quantidade de espíritos situados no astral da Terra, acredito que dez bilhões ainda carecem de encarnações, na crosta planetária do vosso orbe ou de outros inferiores, que ocorrerão principalmente após a grande seleção profética, que já se processa neste século!

E junto a esses vários países ou cidades terrenas também existem colônias de espíritos diabólicos, que seguem os costumes da região física com que se simpatizam?

Nas regiões situadas no astral inferior de cada país terreno vivem coletividades sombrias, dirigidas por entidades trevosas, que ainda conservam costumes parecidos aos da matéria, as quais lutam para o domínio do mundo físico e são adestradíssimas na prática da vingança e da prepotência diabólica. Elas é que incentivam nos encarnados a cupidez, a luxúria ou a crueldade, ao mesmo tempo que se desforram nos infelizes espíritos que ainda se encontram onerados de culpas, remorsos e aviltamentos”. (340)

Pelo texto acima os leitores devem estar curiosos sobre a “grande seleção profética”, que já foi prevista por diversos espíritos, para a virada rumo ao Terceiro Milênio da humanidade; quando aqueles espíritos mais trevosos e violentos seriam transferidos para outro orbe, não podendo mais reencarnar no planeta Terra, como explica, mais detalhadamente, o próprio Ramatís:

“As épocas de “juízo final”, têm também por função ajustar a substância planetária para se tornar melhor “habitat” e, conseqüentemente, requerem seleção de almas com melhor padrão, necessário para as sucessivas reencarnações em moradia aperfeiçoada. É um mecanismo previsto pela Suprema Lei e rigorosamente coordenado e dirigido pelos que são designados para criar em nome de Deus; ultrapassa o entendimento humano e a matemática das leis científicas. Conforme já vos explicamos, trata-se de planos elaborados pelos Construtores Siderais, em sintonia com o “Grande Plano” mentalizado pelo Criador. Como os planetas são corpos poderosos, ou seja campos de energia concentrada que toma a forma material, obedecem tacitamente às leis de progresso energético, que lhes aprimora a substância, ajustando-os, paulatinamente, à evolução harmônica do sistema a que pertencem. As humanidades que lhes estão conjugadas - como gozam do livre arbítrio de realizar a sua felicidade quando bem lhes aprouver - é que raramente atingem a sua perfeita renovação dentro da perfeita conexão “espírito-matéria”. Essa negligência da alma requer, então, dos Mentores do orbe, periódicas separações entre o “joio” e o “trigo”, os bons e os maus, as “ovelhas e os lobos” ou, ainda, os da “direita” e os da “esquerda” do Cristo. Jesus, quando predisse, há dois milênios, os fatos a ocorrerem nos “tempos chegados”, bem sabia da necessidade selecionadora de

que vos aproximais, em consequência do mau uso do vosso livre arbítrio. O “livre arbítrio” é um direito que o Pai concede ao espírito mas, ele abusa dessa faculdade, retarda-se na ascense espiritual e se desajusta, causando prejuízos ao progresso da sua própria morada. Iludido pelos prazeres transitórios da vida física, seduzido pelas gloriolas efêmeras e pelos tesouros enganadores, trabalha em prejuízo de sua felicidade; depois, assusta-se, temeroso da aproximação do “juízo final”. É que nota, surpreso, que vivia entre as ilusões do mundo provisório, fazendo ouvidos poucos à Voz Augusta do Mestre, que advertia da hora improrrogável do ajuste “psico-físico”. A Lei, imutável, severa, mas justa na lógica do aprimoramento por seleção, afasta para mundos inferiores os que reclamam recursos mais drásticos para a escalada da perfeição”. (341)

Da mesma forma o escritor espírita R.A. Ranieri, escutou dos seus mentores as descrições das paisagens espirituais, que ele redigiu em linguagem acessível para crianças no seu livro “João Vermelho, no Mundo dos Espíritos”:

*“A Glorinha e o João Vermelho, mal adormeciam, davam um pulinho e saíam do corpo. Penetravam no mundo invisível.
- Hoje, João - disse a Glorinha, dando o célebre saltinho para fora do corpo (O João já estava há muito tempo do lado de fora) - o Irmão Noel me prometeu que iríamos ver o Jardim das Aves. Já estou com pressa de saber que história é essa de “aves” no mundo dos Espíritos!
- Eu também - acrescentou o menino - nunca imaginei que nos reinos da morte houvesse aves!
E os dois deram-se as mãos e correram para fora da casa. Eles conheciam bem o caminho para a Casa Resplandecente, onde os esperava o Bondoso amigo Espiritual”. (342)*

EINSTEIN, ELVIS E A CLARIVIDÊNCIA

A clarividência ou vidência é a faculdade do médium de ver espíritos ou outros seres e fenômenos da dimensão espiritual.

Há os que gozam dessa faculdade em estado normal, perfeitamente acordados,

guardando lembrança preciosa do que viram, outros só a possuem em estado sonambúlico ou aproximado ao sonambulismo. A possibilidade de ver os espíritos em sonho é também uma espécie de mediunidade, mas não constitui propriamente a mediunidade de vidência mas, sim, do desdobramento, já abordado no capítulo VII, deste livro.

O médium vidente acredita ver pelos olhos, como os que têm dupla vista, mas na realidade é a alma que vê, e por essa razão eles tanto vêem com os olhos abertos ou fechados na forma de uma “percepção extra-sensorial”, como assegura Allan Kardec.

Temos inúmeros relatos citados na história, donde extrairemos alguns casos relevantes, como aquele narrado pelo escritor russo Dimitri Marianov, juntamente com a filha adotiva de Einstein, na sua biografia; destacando a certeza de que suas teorias estavam corretas, baseadas numa visão:

“E contou que certa noite, desesperado, em face dos mistérios insondáveis, pretendia abandonar seus trabalhos, quando então a coisa se produziu. Com impressionante precisão, diante de seus olhos espirituais, delineou-se a imagem perfeita do Universo, com sua complexa estrutura no tempo e no espaço. Quando menos esperava contemplou, maravilhado, a visão feita de um plano monstro do cosmo... Confirma-se assim a sua mediunidade como vidente”. (343)

Outro fato verídico, foi uma visão que o mito do rock, o cantor Elvis Presley teve quando viajava pelo deserto, através da Rota 66, junto com seu amigo Larry Geller:

“Elvis manteve, ao longo de toda a vida, um apaixonado interesse pela metafísica, e com a ajuda e estímulo de seu amigo, Larry, perseguiu estas questões avidamente e as estudou, pesquisando várias religiões, do judaísmo ao budismo, ensinamentos teosóficos, reencarnação, numerologia e todo o mundo psíquico de uma forma geral.

Larry Geller revelou ao mundo o que a maioria das pessoas não reconheceu em Elvis: a figura de um homem altamente inteligente, dono de uma mente inquisitiva que, ao longo da vida, leu, literalmente, milhares de livros relacionados a diversas teosofias, que o conduziram, em última análise, à sua própria e poderosa experiência mística. Quando morreu, a maioria dos livros foram

jogados fora, provavelmente por seu pai, Vernon, por temer que o filho fosse rotulado de “esquisito”...

- Oh, Deus é real. É tudo verdadeiro. Amo tanto a Deus. Estou cheio do Amor divino. Finalmente percebi o que você estava tentando me dizer, e você estava certo. Está além das palavras e além do ego.

- Agora eu sei, agora eu sei. Eu nunca terei de duvidar de novo. Deus me ama. Deus é o próprio amor!

Rindo e chorando ao mesmo tempo, sorrimos e nos abraçamos...

- Oh, cara - Elvis suspirou frustrado - como você pode explicar o que vivenciou a um não-crente, quando acaba de ter uma visão? Quer dizer, uma visão em que o Todo Poderoso O toca e Se revela. Eu vi”... (286)

Ainda no livro “Impressionantes Experiências Mediúnicas de Pessoas Famosas”, a escritora Julie Byron narra um fato impressionante ocorrido com o ator Telly Savalas, que interpretava, em filmes de TV o detetive Kojac:

“Fui até uma cafeteria para pedir que me ensinassem o caminho até um posto de gasolina, e me disseram que eu fosse andando pela estrada, em direção a uma freeway. Eu mal tinha começado a andar, quando ouvi alguém perguntar, numa voz aguda, se eu queria uma carona. Eu me virei e vi um cara num Cadillac preto. Entrei no carro e ele me levou até o posto, onde me emprestou um dólar para comprar gasolina. Eu insisti em lhe devolver o dinheiro, mais tarde, e ele então escreveu seu nome, endereço e telefone, para que eu pudesse entrar em contato e pagar o dinheiro que emprestara. Seu nome era Harry Agannis”.

Pouco tempo depois deste episódio, Telly Savalas telefonou para o número que lhe fora dado e perguntou por Agannis. Eis a narrativa do ator:

“Uma mulher atendeu ao telefone. Ela me disse que Harry Agannis era seu marido - mas que tinha morrido há três anos”. (286)

O notável pesquisador e escritor espiritualista Roberto Epifânio da Silva, por intermédio da nítida clarividência de sua esposa, a sensitiva Ilza Andrade Silva, registrou diversas experiências com mentores espirituais, inclusive com o desenho das suas figuras, na sua obra “O Plano Extrafísico”:

“Esse espírito era sempre visto em nossos trabalhos, seja na casa

do Roberto, durante reuniões de estudos ou durante os cursos de Bioenergia. Apesar de achar muito parecido com o Gandhy. Sempre o chamava de “O Pequeninho”. Certa vez em casa antes de realizarmos alguns diagnósticos, fui ler o livro Elucidação do Além do Ramatís ... Quis conversar com Ramatís... Foi aí que o Amparador Ramy apareceu e disse: - Eu posso tirar suas dúvidas. Ilza - Eu quero mesmo é falar com Ramatís... Fiquei surpreso ao observar o ambiente extrafísico, pois, se apresentaram junto ao Sr. Ramy, os espíritos Ramatís, Kakumosso, Amahy, “O Pequeninho” e outros. Fiquei com muita vergonha e “O Pequeninho” se pronunciou questionando: - Por que você está duvidando da capacidade do Ramy? ... Após falar isto, revelou o seu nome: Gandhy”. (344)

MATERIALIZAÇÃO DE ESPÍRITOS E EFEITOS FÍSICOS

Os médiuns de efeitos físicos são aptos a produzir fenômenos materiais, como os movimentos dos corpos inertes, ruídos, materialização de flores, perfumes, etc. Este tipo de experimento pode ser facultativo, quando o sensitivo domina, conscientemente, esta capacidade, ou involuntário, quando acontece independentemente da vontade do médium.

O escritor Divaldo Franco, no seu livro “Seara de Luz”, pág. 49, nos traz um exemplo esclarecedor:

“No século XIX, Crawford, eminente metapsiquista, realizou experiências de levitação na Universidade de Glasgow, na Escócia, e intrigava-se com a energia desprendida pelo médium ao erguer objetos. Depois de acurado estudo, da análise de uma série de fotografias, demonstrou que do médium se exteriorizava um ectoplasma que, com ponto de apoio no solo, elevava objetos inertes. À exteriorização deu o nome de alavanca, que passou à posterioridade como alavanca de Crawford, provando não se tratar de fraude. Os médiuns eram rigorosamente controlados, vestidos em camisas-de-força, enjaulados, inertes diante dos olhos dos assistentes e, não obstante, os objetos levitavam.

Em 13 de fevereiro de 1857, o célebre médium Dunglas Home em uma das memoráveis sessões na corte de França, diante de Napoleão III, da Imperatriz Eugênia, do conde e da condessa de Maeterlink, levitou uma mesa de 80 quilos e projetou a cadeira do imperador a seis metros de distância, conforme depoimentos da época transcritos em ‘Seleções do Reader’s Digest’, sob a epígrafe

“Feiticeiro no Apogeu”. Famosas foram também as sessões por ele realizadas na Inglaterra para a Rainha Vitória e no Vaticano para o Papa Pio IX, que o abençoou.

Afirmar serem tais fenômenos todos fraudulentos seria duvidar da dignidade dos gênios, dos reis, do Papa”.

Neste momento, trazemos a lição elucidativa do renomado pesquisador espírita, Carlos Bernardo Loureiro, extraída do seu livro “A Mediunidade Segundo o Espiritismo”:

“Quando se fala dessa ordem de fenômenos é preciso dizer-se, antes de mais nada, que o ectoplasma é a substância brotada do médium, que possibilita as materializações e os efeitos físicos. A palavra ectoplasma deve-se ao Dr. Charles Richet, e, segundo o conceito desse sábio da Universidade de Paris é, “uma espécie de protoplasma gelatinosa, espécie de gaze úmida e engomada, que se vão formando, pouco a pouco, os corpos desses seres vivos, os Espíritos, que se plasmam nos fenômenos de materialização. E essa classe de fenômeno é o que há de mais assombroso nos anais das pesquisas espíritas. “Já não se trata de fantasmas de contornos vagos e imprecisos que perambulam em triste solidão à luz da lua pelos cemitérios e casas assombradas” - escreve Fernandez Guell. Já não se cuida de aparições que fogem ao tato e desaparecem com a luz, mas de seres reais, tangíveis, corpóreos, que se movem e falam, que podem ser medidos, pesados, fotografados, etc., e cujo coração palpita sob a mão do experimentador”. (345)

Cesare Lombroso (1835-1909), foi um dos mais famosos médicos italianos especializado em Antropologia Criminal, criador da teoria do criminoso nato, que seria marcado por determinados estigmas e traços físicos; tendo testemunhado em 1902, em Gênova, a primeira materialização da sua mãe, que apareceu depois cerca de 20 vezes, através da mediunidade de efeitos físicos de Eusápia Paladino, salientando que a mãe chegou a beijar a face do seu filho, que declarou:

“Se cada um desses fenômenos, nos pode ser ou parecer incerto, o conjunto de todos forma um compacto mosaico de provas resistentes aos ataques da mais severa dúvida”. (346)

O escritor espírita Edgard Armond narra uma manipulação de efeitos físicos coordenada pelo espírito André Luis:

“Em geral, para a obtenção dos fenômenos de efeitos físicos, entre os quais se enquadram os de voz direta, forma-se no plano invisível um grupo de Espíritos que agem em comum, sob a chefia do mais autorizado, com uma mais ou menos perfeita e detalhada distribuição de tarefas.

“- André, falou o meu orientador em tom grave, improvisemos a garganta ectoplásmica. Não podemos perder tempo...”

“E identificando-me a experiência, acrescentou:

- Não precisa inquietar-se. Bastará ajudar-me na mentalização das minúcias anatômicas do aparelho vocal. A força nervosa do médium é matéria plástica e profundamente sensível às nossas criações mentais”.

“Aos poucos, vi formar-se, sob meus olhos atônitos, um delicado aparelho de fonação. No íntimo do esqueleto cartilaginoso, esculpado com perfeição na matéria ectoplasmática, organizavam-se os fios tenuíssimos das cordas vocais, elásticas e completas, na fenda glótica e, em seguida, Alexandre experimenta emitir alguns sons, movimentando as cartilagens aritenóides”.

“Formara-se, ao influxo mental e sob a ação técnica de meu orientador, uma garganta irrepreensível”. (347)

O pesquisador e escritor francês Gustave Geley, nas suas inúmeras pesquisas sobre esta matéria, concluiu:

“Na aparição ou ser materializado, os assistentes podem então reconhecer um parente ou amigo falecido. Já não é um fantasma: é uma criatura viva... A forma material do fantasma pode ser fotografada. O fantasma pode deixar impressões tangíveis da sua aparição, em farinha, cinza de cigarro, etc., e pode ser pesado, medido, comparado, etc. “(348)

O escritor espírita Rick Medeiros narrou várias experiências espirituais do seu irmão Joe, após a sua morte, no seu livro “A Passagem”:

“Morávamos em um sobrado em que os quartos ficavam no andar de cima. Minha mãe acordou com o barulho de passos subindo as escadas. Depois de alguns segundos, ela ouviu de novo o barulho de passos descendo as escadas. Foi tão nítido que ela percebeu inclusive a diferença do som dos passos na madeira dos degraus da escada e no carpete do andar de baixo.

*Minha mãe finalmente decidiu abrir a porta do quarto de Joe e um lápis preto caiu do batente da pequena porta. Ela olhou para cima e viu escritas na parede estas palavras:
EU AMO MINHA MÃE, EU AMO MEU PAI.
NÃO FIQUEM TRISTES E NÃO CHOREM POR MIM.
JOE". (349)*

Ainda no campo da mediunidade de efeitos físicos, destaca-se a produção de perfumes espirituais, geralmente, quando ocorria alguma comunicação espiritual ou com o intuito de esterilização de ambientes, onde seriam desenvolvidos trabalhos de cura, sendo os mais comuns os perfumes de rosa, jasmim, almíscar, verbena e menta.

PSICOMETRIA E AS PINTURAS MEDIÚNICAS

“Psicometria” é a faculdade do sensitivo de captar as energias ou vibrações das pessoas, impregnadas em determinados objetos ou ambientes, onde conviveram. Com efeito, todos os objetos que tem contato constante com seu dono ou possuidor ficam emoldurados por suas emanções fluídicas.

O médium, portador deste dom de psicometria, tem aguçada sensibilidade, para captar imagens e emoções que ficaram neles registradas, de modo indelével. O espírito André Luiz, através da mediunidade de Chico Xavier, narra um exemplo prático:

“- Percebo a imagem sem toque direto. O relógio pertenceu a respeitável família do século passado. Conserva as formas-pensamentos do casal que o adquiriu e que, de quando em quando, visita o museu para a alegria de recordar. É um objeto animado pelas reminiscências de seus antigos possuidores, reminiscências que se reavivam no tempo, através dos laços espirituais que ainda sustentam em torno do círculo afetivo que deixaram.

Hilário tateou a preciosidade e falou:

- Isso quer dizer que vemos imagens aqui impressas por eles, por intermédio de vibrações...

- Justamente - confirmou o orientador. - O relógio está envolvido pelas correntes mentais dos irmãos que ainda se apegam a ele, assim como o fio de cobre na condução da energia está sensibilizado pela corrente elétrica. Auscultando-o, na fase em que

se encontra, relacionamo-nos, de imediato, com as recordações dos amigos que o estimam.

Hilário refletiu alguns momentos e observou:

- Então, se estivéssemos interessados em conhecer esses companheiros e encontrá-los, um objeto nessas condições seria um mediador para a realização de nossos desejos...

- Sim, perfeitamente - aprovou o instrutor - usaríamos, para isso, alguma coisa em que a memória deles se concentra. Tudo o que se nos irradia do pensamento serve para facilitar essa ligação.” (350)

Outrossim, o pesquisador dos fenômenos psíquicos, Sir Oliver Lodge narrou alguns casos de psicometria, no seu livro “Por que Creio na Imortalidade da Alma” (351); sendo notável a capacidade da médium Sr^a Thonson, ao examinar um objeto pertencente ao paraplégico David Williams; tendo narrado seu acidente e localizado na região occipital do crânio do enfermo a sede do mal, com assombroso acerto.

Já a pintura mediúnica, também conhecida como “pictografia”, caracteriza-se como a faculdade do paranormal de pintar quadro ou desenhos, sob influência do espírito comunicante.

Inclusive, pude assistir em Salvador-BA, algumas sessões de pintura mediúnica, através da sensibilidade dos médiuns José Medrado e Maria Schiller, na maioria das vezes manifestando pintores impressionistas franceses como: Pierre August Renoir, Claude Manet, Berthe Morisot, Toulouse Loutrec, dentre outros. Em duas oportunidades pude adquirir, primeiramente, um quadro de Manet, que está no meu gabinete, em casa, onde ora escrevo; e depois, um quadro de Renoir, que se encontra no meu escritório. A finalidade destes leilões de pictografia é de arrecadar fundos para os centros espíritas que os promovem, a fim de que possam seguir com suas obras assistenciais. Entretanto, o médium brasileiro mais renomado nesta área da pintura, inclusive pintando quadros até com os pés e de olhos fechados, é o incrível Luís Antonio Gaspareto, que explicou sua sensibilidade artística em entrevista concedida à Revista Ano Zero:

“Quando criança, Gasparetto passava por crises com estranhos sintomas, como enrijecimento dos braços. Levado pelos pais a um centro espírita, revelou acentuada mediunidade, que lhe proporcionava extraordinária capacidade para desenhar e pintar durante o transe. Alguns anos depois, o famoso médium Chico

Xavier identificou um retrato de Rembrandt entre os trabalhos de Gasparetto...

Rembrandt, Toulouse Lautrec, Manet, Van Gogh, Picasso, Modigliani e Matisse são alguns dos eternos artistas cujas obras “ressurgiram” através do jovem médium, que mereceu um especial de TV da BBC de Londres transmitido em horário nobre. O sucesso foi tal, que o público exigiu sua reprise...

Mediunidade, arte, psicoterapia. Como é que você resolve isso?

Apintura mediúnica é um trabalho inconsciente, eu não tenho talento pessoal para as artes plásticas. O trabalho de pintor mediúnico continua a ser desenvolvido, mas não deve interferir nesta outra atividade, porque o processo aqui é muito delicado e tem que ser absolutamente consciente.

Esse trabalho é realizado exclusivamente por médiuns?

Por psicólogos espiritualistas formados. São pessoas que têm formação universitária tradicional de psicologia e que adquiriram algo mais, além da formação acadêmica. Conhecimentos de esoterismo, mediunidade, a vivência que esse tipo de trabalho vai proporcionando e finalmente passam a praticar a terapêutica com uma visão transpessoal. Passam a saber que fazemos parte de uma coisa maior, como, aliás, as terapias mais avançadas já estão admitindo. No mundo inteiro, as pesquisas de vanguarda estão cada vez mais se aproximando daquilo que diziam os antigos mestres do esoterismo.

Quer dizer que a mediunidade, no caso, deixa de ser um fenômeno exclusivamente religioso?

- Olha, o corpo é apenas uma estruturação da mente, que tem uma série de poderes, muitos dos quais ainda inexplicáveis pela ciência tradicional. Um deles é isso que comumente é chamado de “sexto sentido”. Nem sempre percebemos a que ponto o “sexto sentido” atua no nosso cotidiano. O que é mais bonito no chamado “sexto sentido” é que ele continua atuando, por mais que uma atitude racionalista tente bloquear o seu poder. Na verdade, as relações humanas começam através do “sexto sentido”. Simpatia e antipatia se originam aí. Uma pessoa chega perto de outra e sabe se ela está mentindo ou não... Tudo é sincrônico. Quando desenvolvemos a mediunidade, nos colocamos no fluxo universal, em seu sentido mais puro. A mediunidade, que também pode ser chamada intuição, tem mil maneiras de se manifestar, dependendo da personalidade. Por exemplo, a pessoa tem tendência para as vendas. Ela vai intuir o momento exato de aparecer para um provável comprador, vai ter melhores condições de sucesso. O

mesmo acontece em todas áreas das relações humanas...”. (352)

DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

Após analisarmos os tipos principais de mediunidade, vamos verificar como esta capacidade é desenvolvida nos Centros ou Casas Espíritas, para que possa ser aproveitada nas reuniões mediúnicas.

É incontestável que o médium precisa de tempo, estudo e exercício para que possa produzir com segurança. O simples fato de escrever rapidamente, de encher laudas de papel, nada disto diz do valor da idéia registrada, nem da autenticidade da mensagem. O sensitivo precisa ter a humildade de submetê-la ao exame de companheiros mais experientes, preparados para este mister, a fim de que possa receber orientação suficiente; isto aplica-se a qualquer comunicação, para que o aperfeiçoamento possa se dar continuamente e o mediano possa adquirir segurança.

Roque Jacinto, no seu livro “Desenvolvimento Mediúnico”, defende a especialização do médium no seu dom específico:

“A resposta, implícita já neste capítulo, é que nenhum médium deve interessar-se pela generalização de sua faculdade abraçando vários dons mediúnicos simultâneos, qual se fora enciclopédico. Correrá o risco de confundir-se e não se ajustar ao plano de serviço efetivo que lhe confia a Espiritualidade.

À semelhança das Ciências e Artes, que tomaram o rumo da especialização para ampliação de sua eficiência, caberá ao médium dedicar-se apenas a um dos setores de sua faculdade, dando-lhe o máximo de rendimento.

E Paulo de Tarso nos fala em suas cartas de amor:

- Quem tem o dom de falar, que fale. Quem tem o dom de ouvir, que ouça. Quem tem o dom de ver, que veja.

E acorda-nos para a importância de utilizar os talentos que já nos foram confiados, para que nos façamos dignos de vê-los multiplicados a bem de todos”(353)

Leciona Léon Denis, em interessante trecho de sua obra “Espíritos e Médiuns”, merecedor da reflexão de todo aquele que se interessa em desenvolver sua mediunidade:

“O estudo e aplicação das faculdades medianímicas são de capital importância, já que, segundo o uso que se faça desses dons, podem resultar um bem ou um mal para quem os possui e para a causa que pretende servir”. (354)

Segundo recomendação de Torres Pastorinho, ao ensinar sua “Técnica da Mediunidade”, é indispensável que o médium estude a anatomia e fisiologia do cérebro, para entender os mecanismos do fenômeno:

“Toda mediunidade que passa através do córtex, impressionando os neurônios, é dita “consciente”, porque o médium toma conhecimento, na consciência “atual”, do que se está passando nele; a tal ponto que, frequentemente não consegue distinguir se é ele mesmo ou o “outro” por intermédio dele, que está pensando, falando ou agindo.

Se, ao invés, as células corticais não são impressionadas, a criatura não toma conhecimento do que se passa: é a mediunidade “inconsciente”. Isso esclarece suficientemente que não depende do médium que sua mediunidade seja consciente ou inconsciente. Trata-se de um fator independente de sua vontade, e cujo mecanismo é governado por meios que a ciência “oficial” ainda desconhece”. (355)

O escritor Paul Bodier alerta que o valor intelectual das comunicações é dos mais variáveis, devendo ser treinado, principalmente o doutrinador do médium, para discernir quando elas são sinceras ou inverídicas:

“Elas são, sobretudo, interessantes no que concerne às provas de identidade pessoal fornecidas pelos comunicantes e as satisfações particulares, de ordem privada que nos podem trazer.

Não se lhes deve pedir uma informação difícil, nem uma previsão do futuro, ou pelo menos só fazê-lo com muita reserva ou prudência. Algumas vezes as comunicações não são apenas banais, mas grosseiras, injuriosas ou bem obscuras ou incoerentes.

“É preciso conhecer bem esses caracteres de insignificância ou de inferioridade relativa ao conteúdo intelectual de um grande número de comunicações. Eles chocam muito os experimentadores novatos, bem inclinados a ver nos espíritos dos mortos, sobretudo quando esses mortos são seus parentes ou seus amigos, verdadeiros

semideuses”.

Mas obtém-se, ao contrário, comunicações muito elevadas revelando conhecimentos e uma inteligência superiores aos dos médium ou dos assistentes. Elas podem, então, dar-nos indicações inesperadas, conselhos preciosos, mesmo previsões do futuro”.
(356)

João Nunes Maia, sob orientação do espírito Miramez, também tece suas recomendações na sua obra “Segurança Mediúnica”:

“Para tanto, não basta somente boa vontade. É necessário ter compreensão do objetivo do seu mandato e trilhar os caminhos que a ordem e a moralidade impõem, numa vida pautada nas diretrizes da luz espiritual. O candidato a médium deve suprimir da sua mente toda ordem de vaidade, todo tipo de impulso que o leva para o orgulho e a prepotência sempre se esquecendo das ofensas recebidas. Esse deve ser o primeiro preparo, pois a agressão certamente virá ao seu encontro, para testá-lo no que já aprendeu sobre o verdadeiro amor. Podemos chamar os testemunhos de “marcas do Cristo”. Todo aquele que deseja ser Seu discípulo encontrará espinhos nas Suas pegadas. Não pode existir mediunidade iluminada, sem fé, que é uma semente divina que haverá de nascer no coração do instrumento da verdade. O intercâmbio com os espíritos é muito desejado por todos os que chegam à doutrina espírita, sem conhecerem o engenhoso processo por que devem passar os companheiros de aprendizado. Se a mediunidade é fato natural no ser humano, a razão nos adverte de que o seu desenvolvimento não pode desobedecer à sequência da naturalidade. Toda violência, nesse campo, tem como resposta o desastre e o desequilíbrio psicossomático”. (357)

O Prof. Elzio Ferreira de Souza, através da orientação do espírito Deolindo Amorim, enfocou a necessidade imperiosa do equilíbrio moral para a evolução mediúnica:

“Por tudo isso, é dever do médium buscar o reajustamento moral ainda quando encarnado para que possa servir com segurança; disto dependerá a qualidade dos Espíritos que utilizarão suas faculdades. Não desejo falar aqui daqueles que as tiveram parcialmente despertas por Espíritos ainda presos a faixas

inferiores da evolução, através de magnetizações realizadas neste sentido. Apenas, devo considerar que a mediunidade será mais segura e iluminada quando corresponder à elevação espiritual do seu detentor. Por enquanto não podemos dar-nos ao luxo de esperar contar com muitas individualidades de alto teor, embora devamos considerar que algumas permanecem no anonimato, servindo desinteressadamente.

As dificuldades que a mediunidade apresenta na atualidade refletem a falta de maior aperfeiçoamento espiritual da criatura humana e da humanidade”. (358)

O experiente escritor espírita Edgard Armond, apresenta suas sugestões, a serem adotadas pelo médium, após o seu curso de desenvolvimento mediúnico:

“Terminadas as provas, os dirigentes devem fazer uma crítica geral do curso e dos resultados, instruindo os médiuns sobre a natureza de suas faculdades, grau de capacidade de cada um, modo de utilização futura, visando os altos objetivos da expansão doutrinária, necessidade de prosseguimento do curso nos períodos seguintes, de progressão e complementação, coisas e ambientes que devem ser evitados na vida comum, higiene orgânica e mental, necessidade de manutenção do padrão vibratório elevado e comunhão permanente com o Plano Espiritual.

Feito isso, dar por encerrada a etapa do desenvolvimento primário propriamente dito, marcando data, após o devido repouso, para o início das etapas seguintes”. (359)

PRÁTICA DE REUNIÃO MEDIÚNICA

Após o treinamento e educação mediúnica, o sensitivo estará apto a participar das sessões mediúnicas, com segurança e serenidade.

Geralmente, a reunião mediúnica é composta de um coordenador ou dirigente; que deverá ter uma grande vivência doutrinária, elevação moral, e tato psicológico, para orientar os demais médiuns de incorporação, aqueles já treinados para intermediar, com fidelidade, as mensagens dos espíritos, e os doutrinadores ou esclarecedores, que têm a função de orientar o espírito desencarnado; a exemplo de como proceder para receber o auxílio de um hospital ou escola espiritual, bem como levá-lo, com cuidado, a compreender sua real situação, após a morte do corpo físico, dentre outras inúmeras possibilidades; é possível também ter alguns médiuns

passistas ou elementos de sustentação energética, para a doação ou reposição das energias, dos médiuns de incorporação.

É necessário que a equipe se encontre no local da reunião, com pelo menos 30 minutos de antecedência, a fim de serenarem o íntimo; abstraindo-se dos problemas externos; lembrar que o objetivo da reunião é aprender, servir e socorrer, dentro das leis divinas; enfim “formar a corrente”, unindo o coração e a mente de modo coletivo, ensejando a permuta mediúnica.

Um dos livros básicos e claros, para esclarecer a formação e o funcionamento de uma sessão mediúnica eficaz é o “Estudo sobre Reuniões Mediúnicas”:

“É de todo aconselhável que a reunião espírita seja precedida e encerrada por uma prece, especialmente a reunião mediúnica, como recomendaram os bons espíritos a Kardec”. (360)

O escritor espírita Spartaco Banal recomenda:

“Jamais e sob pretexto algum devem ser públicas as sessões práticas do Espiritismo e, mesmo nas que se façam em particular, não deve a entrada ser permitida a pessoa alguma estranha à doutrina; mormente se levada pelo desejo de satisfazer à curiosidade, ou pelo interesse de colher algum benefício de ordem material”. (361)

No livro “Diretrizes de Segurança”, os médiuns Divaldo Franco e Raul Teixeira, expressam suas orientações nas reuniões:

“A doutrinação, ou esclarecimento, dirigida aos companheiros desencarnados, que se apresentam nas reuniões de intercâmbio mediúnico, deve ser processada dentro de um clima de entendimento e respeito, estando certo o doutrinador, ou esclarecedor, de estar dialogando com ser humano cuja diferença mais notável é a de estar o Espírito despojado do corpo físico”. (362)

O Prof. José Lacerda de Azevedo, sugere a limpeza energética do ambiente da mediúnica, utilizando a mentalização do campo de força, denominado “vento solar”:

“Se o ambiente estiver magneticamente muito pesado, procura-se cortar esses campos negativos com “vento solar”, a fim de cortar e

fragmentar esses campos parasitas.

Esse “vento solar” não é um vento propriamente dito, porém é a emissão proveniente do sol de bilhões de partículas subatômicas, tais como Prótons, Nêutrons, Elétrons e infinidades de outras partículas, animadas de alta velocidade que banham a Terra constantemente e que, no hemisfério Norte, formam as belíssimas auroras boreais, na alta estratosfera. Essa emissão dinâmica tem a propriedade de influir magneticamente nos campos de frequência mais baixa desfazendo-os.

Esse é um dos métodos que usamos para diminuir os campos magnéticos adversos, que possam existir nos ambientes do trabalho espiritual”. (363)

O espírito André Luiz, pela mediunidade de Chico Xavier no famoso livro “Missionários da Luz”, lembra a importância dos passes magnéticos, ministrados aos frequentadores do Centro Espírita:

“Aqueles nossos amigos são técnicos em auxílio magnético, que comparecem aqui para a dispensação de passes de socorro. Trata-se dum departamento delicado de nossas tarefas, que exige muito critério e responsabilidade”. (364)

Ainda o sábio espírito André Luiz, que alguns informantes do astral, asseguram ter sido o cientista Carlos Chagas, na sua última encarnação, em outra obra de Chico, “Instruções Psicofônicas”, elenca um decálogo de diretrizes a serem seguidas nas mediúnicas:

“Amigos, cooperando, de algum modo, em nossas tarefas, registraremos hoje algumas notas, que supomos de real interesse para as nossas sessões mediúnicas habituais.

1º - Acenda a luz do amor e da oração no próprio espírito se você deseja ser útil aos sofredores desencarnados.

2º - Receba a visita do companheiro extraviado nas sombras, nele abraçando com sinceridade um irmão do caminho.

3º - Não exponha as chagas do comunicante infeliz à curiosidade pública, auxiliando-o em ambiente privado como se você estivesse socorrendo um parente enfermo na intimidade do próprio lar.

4º - Não condene, nem se encolerize.

5º - Não critique, nem fira.

6º - Não fale da morte ao Espírito que a desconhece, clareando-lhe a estrada com paciência, para que ele descubra a realidade por si próprio.

7º - *Converse com precisão e carinho, substituindo as preciosas divagações e os longos discursos pelo sentimento de pura fraternidade.*

8º - *Coopere com o doutrinador e com o médium, endereçando-lhes pensamentos e vibrações de auxílio, compreensão e simpatia, sem reclamar deles soluções milagrosas.*

9º - *Não olvide, a distância, o equilíbrio, a paz e a alegria, a fim de que o irmão sofredor encontre o equilíbrio, a paz e a alegria em você.*

10º - *Não se esqueça de que toda visita espiritual é muito importante, recordando que, no socorro prestado por nós a quem sofre, estamos recebendo da vida o socorro que nos é necessário, a erguer-se em nós por ensinamento valioso, que devemos assimilar, na regeneração ou na elevação de nosso próprio destino”. (365)*

MÉDIUNS DE UMBANDA

Não é só no Espiritismo que pode se observar os fenômenos mediúnicos, em várias reuniões de pentecostais, esotéricos e até nos grupos carismáticos dos meios católicos, já são aceitos os “dons espirituais” de que fala o apóstolo Paulo (I, Cor. 12/14).

Na Umbanda, culto afro-brasileiro, o termo utilizado para o médium de incorporação é “cavalo”; sendo que nos seus rituais são utilizados símbolos, imagens, pontos riscados e contados, pomba (espécie de giz), fetiches, oferendas, sendo comandados pela yalorixá (mulher) ou babalorixá (homem), a nível físico e pelos Orixás, na linha espiritual. Ainda, lembramos que o Espiritismo e Umbanda ensinam a reencarnação e trabalham com a mediunidade. A primeira usa o pensamento; a segunda, as energias da natureza.

Na mediunidade de Umbanda, como ensina o pesquisador e escritor W.W. da Matta e Silva, na sua obra “Umbanda de Todos Nós”, existem três planos de vibrações mentais:

“No PRIMEIRO PLANO, faz-se sentir sobre um mental elevado, de ótima inteligência, intelecto desenvolvido por mente espiritual

já influenciada por sólidas concepções. Estes, são aparelhos de um KARMA MISSIONÁRIO, escolhidos pelos Orixás (espíritos que têm função de chefia nas Legiões, Falanges e Subfalanges da Umbanda, altamente evoluídos e que praticamente dirigem os demais expoentes da Lei), para externarem os reais fundamentos que somente eles estão capacitados a tal, em proporção de 5%.

No SEGUNDO PLANO, estão os de um KARMA EVOLUTIVO, cujo “dom” está em atividade num bom mental, boa inteligência, relativos conhecimentos, com capacidade para conceber certos princípios, por um intelecto já bastante desenvolvido: eles se tornam veículos dos GUIAS (Espíritos que têm Chefia de Grupamentos, também de grande saber, intermediários entre as “ordens de cima e as execuções de baixo”). Estes aparelhos, na atualidade, se contam em proporção de 15%.

No TERCEIRO PLANO, estão todos cuja mediunidade é pura ou simplesmente de efeitos karmânicos, isto é, PROBATÓRIA, por consequências diretas. Têm que resgatar por acréscimo, de um “dom” que lhes foi outorgado para contrabalançar uma série de ações que se chocam em seus evolutivos. A maioria não leva em conta essa faculdade; seus próprios intelectos se negam a raciocínios e conhecimentos sérios - são apenas “máquinas transmissoras” dessa infinidade de Protetores integrantes de Grupamentos, que os escolhem por afinidades e obedientes à Lei coordenadora. No momento, estes aparelhos encontram-se na proporção de 80%.”
(366)

O escritor Antônio Alves Teixeira no seu “Livro dos Médiuns de Umbanda”, nos explica o significado de “fazer o Santo”:

*“Considerando-se a aproximação maior ou menor, constatada ou não, dos ORIXÁS de cada um de nós”, é que, nos Terreiros de UMBANDA, bem como nos de CANDOMBLÉS, se ouve comumente dizer que se **“vai fazer o Santo”**, expressão essa que, na verdade, nada mais quer dizer do que **“preparar o médium para receber o Santo”**, isto é, **“para se transformar o médium num templo apropriado destinado ao ORIXÁ ou dono de sua cabeça”**.*

Para isto, existe um cerimonial ou ritual especial, constante de diferentes e numerosas fases e exigências, ritual este que varia, sobretudo, de um para outro Terreiro, ou seja, de uma para outra

Tenda ou Centro, na conformidade da Linha a que cada uma pertence. Entre tais cerimônias ou como fazendo parte importante de tais cerimônias, é que se encontra justamente a CAMARINHA ou CAMARIM.” (367)

Por fim, W.W. da Matta e Silva nos ensina que existe um código disciplinar rígido aplicado aos médiuns de Umbanda, com graves penalidades:

“Bem, suponhamos que um médium esteja dentro dessa situação que se, a certa altura, centenas e centenas de pessoas girem em torno de suas atividades mediúnicas (como é caso dos grandes Terreiros ou Tendras), ou que se pautem, de certo modo, pelas suas ações nesse setor, e ele, médium, entorte seus caminhos e conseqüentemente passe a influenciá-los de modo negativo, de vez que todos estão girando na sua corrente astral, sujeitos às influências morais, espíricas, mágicas que ele centraliza e põe em movimentação.

Então, se o médium, nessa altura, errou, criou ou arranhou tais situações negativas, confusas e conseqüentemente os que dependam de seu terreiro possam se prejudicar, sendo também envolvidos de maneira desastrosa nas ditas conseqüências ou nas reações danosas que criou, é claro que, se a balança da lei pesar a vida desse médium e os males que está causando e os que possa causar, não pode ser surpresa para o leitor se dissermos que pode acontecer até o seu desencarne, como medida saneadora, extrema, necessária.” (368)

TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL

Ainda como forma de provar a imortalidade espiritual, cada vez mais estão sendo registradas trocas de comunicação entre os planos físico e espiritual, por meio de instrumentos eletrônicos como gravadores, televisão, telefone, fax, computador, etc...

A palavra transcomunicação, significa comunicação transcendental, cuja terminologia tem origem européia, transcrevendo abaixo um resumo histórico, das principais fases da transcomunicação instrumental, segundo o pesquisador Clóvis S. Nunes:

“De 1956 a 1978 desenvolveu-se intensamente a transcomunicação por meio de gravadores eletrônicos a fita magnética. Neste período

assinalam-se trabalhos de grande repercussão, como os de Friedrich Jurgenson (1959) e Kostantin Raudive (1965).

De 1971 a 1985 surgiram o Spiricom e outros sistemas instrumentais para a captação de vozes dos Espíritos. Neste período, destacam-se George W. Meek e William John O'Neil (U.S.A. - Spiricom), Hans Otto Konig (Alemanha Ocidental - Sistema a ultra-som), Jules e Maggy Harsh-Fischbach (Luxemburgo - Sistemas GA -1 e Eurosignal Bridge).

De 1985 a 1987 desenvolveu-se a técnica de captação de imagens dos Espíritos e de regiões do Plano Espiritual. Destacam-se neste período os seguintes investigadores: Klaus Schreiber e Martin Wenzel (Aachen, Alemanha Ocidental) e o casal Jules e Maggy Harsch-Fischbach (Luxemburgo).” (369)

É interessante para o leitor saber desta história, iniciada no dia 12 de junho de 1959, uma sexta-feira, quando Friedrich Jurgenson e sua esposa Mônica tinham resolvido passar o fim de semana na propriedade campestre, Nysund, que possuíam em Molnbo - localidade cerca de sessenta quilômetros ao sul de Estocolmo -, aproveitando a primavera que chegava. Jurgenson colecionava cantos de pássaros, utilizados nos programas histórico-culturais que produzia para rádios suecas. Estava preparando o gravador, com uma fita nova, no sótão da casa e o colocou para funcionar, quando um passarinho pousou perto da janela. “Depois que a fita magnética rodou durante uns cinco minutos, examinei a gravação. Mas aquilo que escutei era extremamente estranho.”

E foi assim que ocorreu o início da série de registros do Sr. Jurgenson, que originou seu livro “Telefone para o Além”:

“Assim, como o gelo e o vapor se diferenciam entre si, embora ambos sejam água, o mesmo acontece entre o aqui e o Além, consistindo sua diversidade unicamente na frequência das ondas vibratórias, que para se tornarem perceptíveis, exigem um determinado grau de consciência”.

Em 1965, o psicólogo e filósofo Dr. Konstantin Raudive, que foi aluno de Jung e Ortega y Gasset, visitou Jurgenson, aprendendo suas técnicas de gravação das vozes espirituais, e desde então dedicou-se a esta tarefa em tempo integral. Das suas pesquisas nasceram dois

livros: 'O Inaudível Torna-se Audível', em 1968, 'Sobrevivemos à Morte?', em 1973, e 'O Caso do Passarinho', publicado após seu desencarne, em 1975.

Ademais nos EUA, Raymond Bayless e Scott Rogo, parapsicólogos, tomando conhecimento dos 'Telefonemas do Além', pesquisam o assunto desde 1976, recebendo relatos e conferindo-os, bem como investigando os que aparecem nas publicações periódicas norte-americanas. Scott Rogo publicou um livro: 'Phone Calls from the Dead', com mais de cinquenta casos, muitos dos quais haviam sido gravados.

Em 30 de setembro de 1985, pela primeira vez, era registrada a imagem de um Espírito pelo écran da televisão, através de uma filmadora de videoteipe. O autor da façanha foi um técnico de segurança contra incêndios aposentado, Klaus Schreiber, e o local, Aachen, na Alemanha. A personagem espiritual dessa gravação histórica foi sua filha Karin, que havia desencarnado aos dezoito anos de idade.

O pesquisador espírita Carlos Bernardo Loureiro, também analisou este fenômeno no seu livro "Dos Raps à Comunicação Instrumental"; dando ênfase à pesquisa SPIRICOM, desenvolvida pelo Dr. George W. Meek:

"George W. Meek anunciava, à imprensa, que o Dr William J. O'neil gravara cerca de VINTE HORAS DE COMUNICAÇÃO, EM DOIS SENTIDOS, COM UM CIENTISTA AMERICANO JÁ FALECIDO, DR. GEORGE JEFRIES MUELLER.

Objetivando incentivar as pesquisas no campo da TRANSCOMUNICAÇÃO, George Meek liberou os diagramas do equipamento, sem custo ou patente. Algum tempo depois, surgiram em países europeus, como na Alemanha, processos de comunicação com os mortos via TV, computadores e secretária eletrônica.

Entre 1984 e 1988, vários pesquisadores, na Europa, desenvolveram intensas atividades no campo das comunicações com os mortos. Entre esses investigadores destacam-se: Hans Otto Koenig, na Alemanha; Kenneth Webster, na Inglaterra; Klaus Schreiber, na Alemanha; Jules e Magie Harsch-Fischbach, em Luxemburgo, que utilizaram, ambos, uma secretária eletrônica comum para receber

chamadas telefônicas não solicitadas, de um cientista do “mundo espiritual”. A voz é clara, facilmente compreensível e com baixo nível de estática.” (370)

Outro notável pesquisador espírita baiano, Djalma Motta Argolo, preparou um histórico destes estudos, no Brasil:

“Ao que nos parece, quem primeiro começou a divulgar a TCI no Brasil foi Hernani Guimarães Andrade. No seu livro “Morte, Renascimento, Evolução”, estão descritas as experiências de Jurgenson e George Meek. Além disso, nas páginas do Jornal “Folha Espírita”, com o pseudônimo Karl W. Goldstein, é um divulgador das conquistas da Transcomunicação. Com sua verve acessível, sabe transmitir de forma didática e direta, o essencial sobre o assunto, como pesquisador sério e de bom senso. A Folha Espírita reuniu uma série de artigos de Hernani, formando um livro excelente de divulgação das conquistas da EVP, Transcomunicação Visual e por microcomputadores, do qual muito nos valem em nosso estudo. Ainda pela folha Espírita, Sonia Rinaldi divulga as técnicas e conquistas da TCI, com muito entusiasmo. O Clube dos Transcomunicadores, que encerrou o ano de 1992 com mais de 600 associados, é uma importante contribuição para a difusão, bem como orientação, das técnicas de diálogo com os Espíritos através dos novos recursos.” (371)

O Computador Pessoal (PC) veio revolucionar a sociedade contemporânea, colocando ao alcance de todos aquilo que era privilégio das grandes corporações: o processamento eletrônico de dados.

O primeiro caso de PC influenciado por Espíritos de que se tem notícia foi o de Manfred Boden, o qual também fazia gravações em fita e recebia chamadas telefônicas dos Espíritos. As análises de seus fenômenos, realizadas por Senkowski, Ralf Determeyer e Gunter Henn, concluíram que ele era possuidor de mediunidade, a qual propiciava os acontecimento paranormais.

Por fim, gostaria de deixar registrado o trabalho da pesquisadora e escritora Sônia Rinaldi, no seu livro “Transcomunicação Instrumental”:

“Através das informações que recebemos das diversas estações terrestres, vamos formando alguma idéia sobre a Cidade Espiritual, onde se situa a poderosa estação Transmissora denominada Rio do Tempo. Muitas entidades se comunicam, mas é sobretudo a líder do Projeto de Transcomunicação Instrumental, Swejen Salter, a principal informante de ações de seu grupo, evoluções técnicas, modo de vida dos espíritos, as atividades que desenvolvem, etc. Nós, espíritas, não nos surpreendemos com tais descrições, porque, através da psicografia de Chico Xavier, já conhecíamos outras cidades do Além, semelhantes em vários pontos.” (372)

Em janeiro de 1999, uma colega do curso do Prof. Wagner Borges, relatou-me uma experiência de transcomunicação instrumental, ocorrida recentemente com ela. Quando estava na sala de sua casa, conversando com seu primo, cuja mãe já tinha falecido, recebeu dois telefonemas do espírito desencarnado da citada genitora, que dizia, quase soletrando a ela: “Cara irmã”; pensando ser um trote, não atendeu mais, deixando que sua secretaria eletrônica gravasse um recado da mãe falecida para seu filho: “Pelas mensagens fluentes vindas do infinito”. Posteriormente, foi confirmado, por um amigo sensitivo, que a mensagem era mesmo da mãe do seu primo, e inclusive ela guardou a gravação como prova.

CONFIE NA SUA INTUIÇÃO

Para concluir este capítulo sobre mediunidade, gostaria de salientar um dos seus aspectos que todos sabem ser possuidores, mas poucos usam ou confiam na sua capacidade, que é a intuição ou “insight”.

Através desta sensibilidade especial podemos acessar mensagens dos nossos guias ou mentores espirituais, que nos orientam na materialização dos nossos projetos, desde que sejam do nosso merecimento.

O maior filósofo da França, na primeira metade ao Século XX, Henri Bergson (1859-1940), defendia o uso da intuição como forma de acesso direto à verdade; o mesmo acontecendo com notáveis cientistas e filósofos como Einstein, Max Plank, M. Heidegger, Max Scheler, etc.. Com efeito, recomendo ao leitor que deseje alavancar sua intuição a leitura do livro

“Gerente por Intuição”, que enfoca a utilização deste instrumento no mundo dos negócios (373) e o “Mistério da Intuição”, que analisa inúmeros exemplos históricos envolvendo esta capacidade, dentre eles Goeth, Churchill, Hitler, Arthur Koestler, Carl Jung, etc.. (374). Para demonstrar a importância do leitor confiar na sua intuição, vou relatar um caso verídico, que me ocorreu no final de dezembro/99.

No dia 14.12.99, terça-feira, tive o prazer de receber a visita, no meu escritório de advocacia, em Salvador-Ba., da minha amiga de Curitiba, a psicóloga Rose Marie Grando e seu marido Edson, que estavam de passagem, tendo a mesma me recomendado por duas vezes, no breve espaço de tempo que ficamos na minha sala, para lavar meus búzios na água salgada, “a fim de evitar deles fazerem descer minhas próprias lágrimas”. Como já conhecia a capacidade espiritual da minha amiga, desde o episódio, já narrado, da volta de avião de Findhorn-Escócia, e mediante a sua explicação de que era uma sugestão dos xamãs lavar os búzios em água salgada, para limpeza e recarga dos mesmos, na mesma hora, recolhi todos os meus búzios e cristais, para uma lavagem geral na água do mar, ficando durante três dias e noites, num balde exposto à luz do sol e da lua.

No dia 17.12.99, sexta-feira, após o trabalho do escritório, sai de lá com Tânia e fomos à livraria Jhana, pesquisarmos sobre as possibilidades de estilo de capa para este livro. Estranhamente, Tânia começou a ficar inquieta e angustiada, dizendo que queria voltar para casa, declinando da nossa costumeira ida ao cinema, seguido do “jantar fora”, aproveitando que sempre tínhamos uma babá na sexta, para ficar com nossa filha Diana. Até cheguei a perguntar se ela estava na TPM (Tensão Pré-Menstrual), obtendo sua negativa e de pronto saímos da loja em direção à nossa casa em Piatã, apesar de ainda ser perto das 18 horas. Deixei ela em casa e fui ao cinema sozinho, combinando de pegá-la depois para jantarmos.

Tânia entrou e encontrou Diana tão sonolenta, às 18:30h., que sequer se animou com a chegada da mãe, e assustada, perguntou à babá o que ela tinha e foi informada que ela apenas estava cansada, pois estava brincando na varanda da frente da casa, até poucos momentos antes da chegada de Tânia.

Diana foi colocada na sua caminha e Tânia dirigiu-se para ver Cindy, nossa

cadela Labrador, e, quando acarinhava a mesma, ouviu um estrondo enorme da frente da casa, imaginando ser uma batida de carros, na pista que passa atrás do condomínio, ela correu para ver e constatou que o telhado da varanda da frente da casa, de aproximadamente 6m² havia desabado totalmente.

Então, ela pode compreender o porquê do seu mal-estar na livraria. Sua angústia e vontade de correr para casa deu-se devido ao fato dela ter intuído que Diana estava correndo perigo. Realmente, Tânia não mais saiu de casa aquela noite, pois foi telefonar para os arquitetos que, prontamente, vieram à nossa casa para verificar o desabamento e tratar da reconstrução. Depois ela foi incensar o ambiente, e “jogar luz” no local e agradecer a proteção divina. Quando cheguei às 21:30horas, tudo me foi relatado por Tânia e ficou esclarecido para mim: Diana, provavelmente, foi “sonada” pelo nossos guias espirituais amparadores e Tânia “avisada”, para que no nosso Natal não tivéssemos “lágrimas derramadas”; como também, já me havia alertado a minha amiga Rose Marie, ao pedir-me para lavar os búzios.

Por todas as sincronicidades narradas acima é que sempre confio nas intuições, pois sei que nossos guias espirituais nos orientam e protegem, no cumprimento da nossa missão na dimensão física, em perfeita sintonia com o plano de evolução espiritual da humanidade.

Finalizando este capítulo, trago uma impressionante história real, psicografada pelo sensitivo Wagner Borges , comprovando a imortalidade espiritual:

“Lembra como era incrível antes? ... Nós brincávamos tanto. O tempo parecia não existir e nada nos separava. Meus brinquedos espalhados pelo chão do quarto e vocês brigando e rindo comigo, por causa da bagunça.

Mãe, pode crer, eu era feliz aí com vocês e, se pudesse, ainda estaria morando com você. Só que Deus resolveu me puxar para fora do corpo de uma vez. A princípio relutei e não quis seguir aqueles homens-espíritos-legais, que estavam ali na UTI para me ajudar. Mas daí, apareceu meu vô no meio de uma luz bonita e me explicou que meu corpo estava bastante detonado pela doença e que eu não podia mais ficar dentro dele.

O vô me pegou no colo e flutuou comigo por cima da cama, onde meu corpo estava. Foi aí que apareceu um túnel de luz à nossa frente e o vô mergulhou dentro dele, comigo agarrado. O túnel era

radical e eu gostei de seguir dentro dele, pois havia uma "luz viva" nos envolvendo e ela parecia nos acariciar suavemente. A luz era gostosa, mas acabei dormindo no colo do vô.

Quando acordei, estava deitado numa cama super cheirosa e macia. O lençol que me cobria era super branquinho e o mais incrível é que a medida que eu respirava, ele soltava uma luz que me penetrava e me fazia um bem danado.

Uma moça vestida de branco entrou no quarto onde eu estava e me disse que eu tinha desencarnado, mas eu estava bem. Pô, achei isso muito estranho, mas a moça estava falando sério mesmo. Daí, me lembrei do que o vô tinha falado comigo na hora de flutuar e fiquei quieto esperando ele chegar.

Quando ele chegou, me deu um abraço e logo me botou no seu colo novamente.

Nem adiantou dizer para ele, que eu já estava grandinho demais para ele me segurar igual criança. Para falar a verdade, eu estava era com vergonha daquela moça me ver no colo dele. Sabe como é, a gente tem de mostrar firmeza.

O vô me levou para um jardim fantástico que tem aqui e me explicou tudo direitinho. Disse-me que eu tinha desencarnado mesmo e que precisava de um tempinho para me adaptar ao fato. Disse-me também que só era para eu ter vivido mesmo na Terra por onze anos. Fiquei super ligado em tudo o que ele me contava. Daí ele me disse que havia a chance de um rapaz sensível sintonizar o pensamento comigo e escrever uma carta por mim e entregar para vocês.

Segundo o vô, vocês até que aturaram bem a minha partida, mas parece que sobrou uma ponta de dor, quando vocês lembram da minha doença. É por isso que ele arranjou esse rapaz sensível para eu escrever através da mente dele. E lá vou eu:

- Estou bem!

- Vocês fizeram tudo o que podiam por mim. É que a minha hora tinha chegado mesmo.

- Amo vocês e sei que continuam me amando.

- Não me visitem no cemitério, pois não estou lá!

- Não incomodem Jesus com preces lamentosas em minha intenção. Pô! Estou vivo e bem, e não quero nenhuma lamentação vindo em minha direção!

- Parem de falar com os outros sobre a minha morte; falem sobre a minha vida. Foi uma vida curtinha, mas foi uma vidinha legal!

- Quando o vô olha pra mim, sai luz dos olhos dele.

Olhem, tenho que parar de escrever agora. O vô está me dizendo que o rapaz sensível, ainda tem de escrever um monte de coisas

*de outros caras, que estão aqui com ele. Quando der eu volto!
Um beijo. Vitinho”*

CAPÍTULO X

JULGAMENTOS DIVINOS

“As provas retificadoras estão aí para serem cumpridas à risca. Quem se acovarda, agrava o débito cármico. Isto é LEI CÓSMICA; é causa e efeito vital na vida de cada um. Que os fracos de espírito se acautelem, pois ninguém burla a justiça espiritual”. (268)

Ramatís

Dentro desta análise, que estamos vivenciando sobre a imortalidade do espírito, abrangida nesta parte específica do livro, é chegado o momento de verificarmos que todas as tradições espirituais da história da humanidade abordaram os julgamentos divinos; ou seja, após a vida material a alma seria levada a um plano espiritual, onde responderia pelas suas boas ou más ações, recebendo as consequentes recompensas ou castigos.

Ora, se todas as tradições religiosas mencionam este julgamento divino, crença esta aceita por bilhões de seres neste planeta, qual a lógica daquela pessoa materialista, que sequer parou para pesquisar ou ter argumentos consistentes, em pensar que não existe nada depois da vida física, não importando o que foi feito, aprendido ou experienciado pelo indivíduo, tudo isto seria jogado na “lata de lixo cármico”, pois não teria serventia.

Um dos objetivos deste livro é de advertir aquelas pessoas acostumadas a agir de forma anti-ética, danosa ao próximo, que apostam na impunidade da justiça dos homens. Minha intenção é alertá-las, sobre a existência real de uma Justiça Divina, que é inexorável e implacável, como será demonstrado neste capítulo; a fim de torná-las mais justas e honestas consigo próprias e com os outros, em prol de um mundo mais humano e fraterno.

Quando passamos a agir e a respeitar os outros, dentro das leis divinas,

assumimos nossa religiosidade interior e segundo o filósofo, Prof. Miguel Reale:

“Há casos em que nos sentimos determinados a agir segundo valores que se põem além do plano de nossa existência, não se proporcionando à dos outros homens, nem tampouco à da totalidade dos homens e à sua história. Tais valores não se referem também à “sociedade” tomada como um todo distinto de seus elementos componentes ou à síntese das aspirações humanas. Em tais casos, temos a consciência de que o valor determinante da ação transcende aos indivíduos e à sociedade. Quando o homem age no pressuposto dessa direção transcendente, temos a conduta religiosa”. (378)

É importante que deixemos a posição confortável “em cima do muro”, que às vezes assumimos e passemos a combater o mal, a tirania, a desonestidade, que se espalham como um câncer em nossa sociedade. Assim nos tornaremos “buscadores da verdade” e melhores cidadãos do mundo.

Se o governo não tem condições de resolver todos os problemas da população, cada um de nós deve fazer sua parte, ajudando, na medida do possível a nossos irmãos, que estão sofrendo, de forma individual ou coletivamente, através da constituição das ONGs - Organizações Não Governamentais.

O momento é propício para o “bom combate”, vamos reafirmar a ética, a verdade, a decência, a integridade e a moral. Não podemos tolerar o mal, a injustiça, a falsidade. Quando você, por comodismo, suporta ou testemunha o ato maléfico ou crime e não reage, está sendo conivente, pois esta inércia só faz estimular a propagação do mal e sua angústia interior, à medida que você contribuiu para que a verdade e a justiça não fossem estabelecidas..

Vale lembrar a lição da psicoterapeuta austríaca, Eva Pierracos, criadora do método de transformação pessoal denominado “Pathwork”, sobre a justiça divina:

“Muitas pessoas que se revoltam contra a injustiça dos homens não podem compreender que Deus é justo, a despeito dos erros humanos, e que, no espírito, reina a justiça infalível. A justiça espiritual se vale da injustiça humana para realizar a justiça máxima. Isto pode parecer contraditório a alguns de vocês. Apesar disso, não é; a equação tem igual importância. Vou dar-lhes um exemplo. Suponhamos que um criminoso, que tenha cometido diversos crimes ficou impune todas as vezes. Ele se ri disso, tanto pela estupidez das pessoas, como pela falta de justiça, que parece estar a seu lado. Então, certo dia, ele é preso por um crime que não cometeu. Vocês acharão que é exatamente esse tipo de pessoa que vai gritar mais alto por causa da injustiça deste mundo. Ele ficou impune todas as outras vezes e agora, inocente, é obrigado a pagar. Quanto mais obstinada é uma pessoa como essa, menos ela reconhecerá a grande justiça prevalecendo sobre a injustiça menor. Ele não quererá admitir isso; mas é assim que ele está sendo testado. Pois seria fácil demais reconhecer a justiça espiritual com todas as suas ramificações se a ligação entre crime e castigo sempre fosse assim evidente. A imperfeição que os seres humanos criaram para si mesmos deve ser o remédio, por assim dizer, com o qual eles podem resgatar a perfeição perdida.

Se a total justiça reinasse sobre a Terra - e isso, em si mesmo, é uma impossibilidade, de vez que a imperfeição veio a existir a partir do livre-arbítrio e tem de advir por meio dele - então seria simples demais para vocês, humanos: a Terra não seria um lugar de proações, e não haverá sentido esforçar-se para ter uma consciência superior. A obtenção de um estado de consciência é a graça máxima, para a qual a porta deve ser aberta pela própria entidade. Assim, vocês são testados quanto ao fato de estarem ou não inclinados a ver mais longe, mesmo que isso signifique desistir da obstinação, do rancor, do orgulho e de outras inclinações negativas. A magnitude e a glória da criação de Deus está exatamente no fato de que a imperfeição é usada como um meio para conseguir a perfeição, de que a injustiça humana é usada para realizar a justiça divina”. (379)

Cada um de nós tem seus dons e talentos individuais a serem expressos, lembrando que quando estudamos o autoconhecimento, aprendemos como discernir nossa missão divina ou “dharma”; basta, agora, que conectemos nossos propósitos primordiais com o “Plano Divino”, fazendo parte do grande exército da luz, que na aurora do Terceiro Milênio, irá combater a favor das forças do bem, criando uma nova ordem mundial, sustentada pelo amor incondicional e fraternidade universal.

Nunca, em tempo algum neste planeta, foram praticados tantos atos de paz, amor e solidariedade; basta estudar e verificar a história universal. Se a mídia televisiva e escrita preferem dar ênfase aos desastres, calamidades e crimes em geral, para aumentar sua audiência; fica uma falsa impressão que o mundo está um caos.

Se nós nos colocarmos no cumprimento das nossas missões, em perfeita sintonia com Deus, com amor nos nossos corações, sentiremos uma segurança, fé e serenidade inquebrantáveis, atingiremos, assim, todas as nossas metas.

Vamos, iniciar, agora, um mergulho nos julgamentos divinos, característicos das mais diversas provações espirituais .

Na Índia, temos um poema épico hindu o “Ramayana”, escrito pelo poeta Valmiki, que nos dá uma idéia da Justiça espiritual:

“Oh! Homem, sou o demônio guerreiro Indrajit, difícil de se ver. Luto invisivelmente, escondido da tua vista por encantamento. Ataco por trás dos ventos selvagens do mau pensamento; apago muitas luzes desguardadas. Eu te conheço, e as boas obras realizadas em tua vida serão o teu único escudo quando precisares morrer e passar sozinho por mim a caminho de outro mundo. Podes esconder-te à noite, do sol, mas nunca do teu próprio coração onde vive o senhor Narayana. Todos os mundos observam suas ações”. (380)

No Islamismo, a idéia da alma varia muito em diferentes tradições místicas, teológicas e filosóficas. As palavras árabes “ruh” (espírito) e “nafs” (“eu”), etimologicamente correspondendo ao hebraico “ruah” e “nefesh”, no arábico pré-islâmico correspondiam, respectivamente, à respiração e ao sangue, duas forças vitais básicas. As duas palavras são encontradas no Alcorão para indicar a alma humana, que na morte se separa do corpo para reunir-se a ele no dia do Juízo Final. A mensagem de Maomé está centrada no fim dos tempos, no “dia do ajuste de contas” e no dia da “convocação à vida, a ressurreição”. Para todos os crentes muçulmanos, Alá é aquele que devolve a vida aos mortos. No sufismo, a experiência mística da união da alma humana com Deus foi concebida nas diferentes tradições como aniquilação da alma

(destruição do ego, do “eu”), união da alma com Deus (que é a abordagem mais tradicional no islamismo corrente) ou como um reflexo da perfeita essência de Deus. Valendo transcrever um grande pensamento do poeta sufi Omar Khayyam:

“Além da terra, além do Infinito, eu procurava em vão o Céu e o Inferno.

Mas uma voz me disse: o Céu e o Inferno estão em ti mesmo”.
(209)

Também no “Livro de Mormon”, da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, encontramos referências sobre este tema no capítulo 29, 2 NÉFI 29: 11:

“Pois eu ordeno a todos os homens, tanto no leste como no oeste, tanto no norte como no sul e nas ilhas do mar, que escrevam as palavras que lhes digo; pois pelos livros que foram escritos julgareis o mundo , cada homem de acordo com suas obras, conforme o que está escrito”. (381)

Já no Zoroastrismo e nas tradições influenciadas por este (particularmente o judaísmo), os mortos são ressuscitados no final dos tempos e todos são julgados pela Divindade Suprema. Subsequentemente, os justos vivem em um mundo renovado e os iníquos são descartados.

Efetivamente, a grande maioria das religiões adota o sistema de julgar o certo e o errado na pós-vida e postular um reino de recompensas para os bons (céu) e um reino de castigo para os malfeitores (inferno). Esse esquema muitas vezes é combinado com um conceito do universo que retrata o cosmo como constituído de três níveis: um mundo superior além do céu físico no qual mora o deus da luz, um reino intermediário ocupado pela humanidade e um mundo inferior, sob a terra, no qual habitam os deuses das trevas. Logo, a consequência natural dessa divisão moral é que o reino das recompensas foi colocado no mundo superior com um deus e o reino da punição foi colocado no mundo inferior com os demônios.

LIVRO EGÍPCIO DOS MORTOS

Desde a Antiguidade Oriental, os faraós egípcios eram considerados deuses vivos, tendo por missão fundamental fazer justiça aos mais humildes e utilizar os seus poderes

mágicos, para manter a fertilidade do Rio Nilo.

O Prof. Soares Martinez afirma que a descoberta do “Livro Egípcio dos Mortos” revela elementos que aproximam o ordenamento ético-jurídico do Antigo Egito da moral e do direito de muitos outros povos:

“Assim, a fim de alcançar a salvação, o homem, chegando à presença das divindades, deverá referir-lhes que ‘não causara sofrimentos a outros’, ‘não usara de violência para os familiares’, ‘não substituíra a injustiça à justiça’, ‘não frequentara os maus’, ‘não cometera crimes’, ‘não obrigara a trabalhar excessivamente em proveito próprio’, ‘não maltratara os servidores’, ‘não privara o indigente do seu sustento’, ‘não blasfemara’, ‘não cometera actos execrados pelos deuses’, ‘não causara fomes’, ‘não matara’, ‘não roubara as oferendas aos deuses’, ‘não empregara meios ilícitos para aumentar o patrimônio’, ‘não cometera adultério’, ‘não praticara pecados contra a natureza com outros homens’, ‘não injuriara’, ‘não prestara falso testemunho’ (Ver El Libro de los Muertos, ed. cast., Barcelona, 1989, pp.147-151)”. (382)

Em diversas páginas, encontradas nas pirâmides egípcias, são descritas as cenas do julgamento divino, ocorrido após a morte do seu corpo físico, como demonstrado na figura abaixo, relativo ao papiro de Hunefer, que foi conduzida pelo Deus Anubis até o seu julgamento.

Nele temos a pesagem do coração do espírito desencarnado, de um lado, em confronto com a pena da verdade da Deusa da Justiça “Maat”, caso a alma não tenha pecados, sua consciência será mais leve e o Deus Thoth, com cabeça de ave, lerá o veredito, então será levada por homens até a presença de Osíris, o “Deus dos Mortos”, escapando assim do “Devorador de Almas”, Amemet.

Transcrevo, aqui, texto do livro original egípcio, que faz uma descrição resumida do seu julgamento espiritual:

“Esses capítulos referem-se a acontecimentos ocorridos durante a vida do falecido, que conseguiu entrar no reino de Osíris, o deus dos mortos, mas seriam de todo inúteis a quem não houvesse passado pelo julgamento e não tivesse permissão desse deus

para ingressar em seus domínios. Os condenados no julgamento, imediatamente devorados pelo Comedor dos Mortos, deixavam de existir. A Cena do Julgamento, como se vê nos grandes papiros, parece ter sido desenvolvida a partir da Vinheta que ilustra um dos Capítulos do Coração (XXXb), na qual se faz alusão especial à pesagem do coração”. (383)

FIGURA 6 - O JULGAMENTO EGÍPCIO, PAPIRO DE HUNEFER (296)

Assim, “Maat” era a deusa da verdade e da justiça, representando também a ordem cósmica. Era filha de “Rá”, o mestre universal, o deus do Sol. “Rá” ou Aton era uma entidade incriada, pai de Osíris e centro do sistema religioso adotado em Heliópolis. A esse culto opunha-se a doutrina desenvolvida em Hermópolis, onde Amon, deus do ar e da luz, era venerado. Mais tarde, ambos se uniram, dando origem ao mais poderoso deus egípcio: Amon-Rá.

CULTURA MAIA DA MORTE

Com o lançamento da versão em espanhol do meu primeiro livro, em novembro/99, durante o Congresso Anual dos Juristas Holísticos, em Miami, EUA; aproveitei a viagem com Tânia, que também é advogada holística, para contatar algumas livrarias no México e pesquisar a cultura Maia, na Península de Yucatán, onde tivemos a oportunidade de visitar a famosa pirâmide de Chitzen-Izá.

Constatedei que os Mayas acreditavam na sobrevivência do espírito, após a morte do seu corpo físico, bem como na reencarnação, como pode ser observado no seu livro “Hanal Pixan”, que trata dos mortos:

“Al igual que todas las sociedades humanas, la maya posee un conjunto de conductas apropiadas de comportamiento ante hechos tales como la enfermedad, la muerte y el entierro; presenta también actitudes ante la tristeza por lá pérdida de un ser querido y por la creencia en la inmortalidad de su alma, la cual retornará

periódicamente al mundo de los vivos...

Toman medidas más heterodoxas para auxiliar a la persona moribunda. Estas medidas consisten en quemar huano bendito y romero, con la finalidad de ahuyentar a los malos espíritus y los malos vientos que rondan siempre a los moribundos para atrapar el alma en el momento que abandone el cuerpo, transmitiéndole su calidad de mal espíritu y liberándose así de ella para poder entrar al ceio. Los humos del huano y el romero salvan así al alma del difunto reciente, de tomar el lugar de los malos espíritus en su vagar por el mundo en busca de agonizantes (Maas 1977:12). La misma función cumple el maestro cantor que en algunas partes es llamado para rezar oraciones, las cuales tienen el doble fin de poner en paz con Dios al moribundo y alejar a los “ladrones de almas” u ocol pixan, las cuales también son burladas cuando existen rendijas en el techo de la casa por donde escapan las almas (Villa 1961:116)”. (384)

Segundo o historiador, J. Eric Thompson, os Mayas tinham três lugares aonde poderiam ir após a morte:

“Los mayas tenían tres moradas para los muertos: el infra-mundo, lugar final de reposo de muchas personas, un paraíso situado em uno de los cielos y una morada celestial en que entraban los guerreros muertos en combate o en el lugar del sacrificio y sus equivalentes femeninas, las mujeres que morían de parto. En yucateco, el inframundo se llamaba Metnal, ciertamente derivado de Mictlán, nombre náhuatl de esa región; para algunos mayas de tierras bajas era Xibalbá, denominación que se halla también en el Popol Vuh”. (385)

Consoante pesquisas do escritor Sylvanus Marley, o objeto principal da religião Maya era a procura da vida, da saúde, do sustento e das boas chuvas para as plantações, fazendo até rituais de sacrifícios humanos para agradar aos deuses:

“Los sacrificios eran parte importante del culto entre los mayas, y abarcaban desde sencillas ofrendas de alimentos, toda clase de ornamentos y otros objetos valiosos, hasta la práctica, en la Epoca Postclásica, de sacrificios humanos. Las ofrendas variaban de acuerdo com la urgencia del caso. Si el sacrificio se hacia para curar una enfermedad o para evitar una molestia pequena, bastaba por lo general ofrendas de alimentos o de prendas de adorno. En

tiempos de gran necesidad pública, se sacrificaban en especial víctimas humanas, con el fin de obtener lluvias generales.

La religión maya tiene una fuerte tendencia dualística, la eterna lucha entre las influencias del bien y del mal sobre el destino del hombre. Los dioses benévolos producen el trueno, el rayo y la lluvia, hacen fructificar el maíz y garantizan la abundancia; los dioses malévolos, cuyos atributos son la muerte y la destrucción, causan las sequías, los huracanes y la guerra, que arruinan el maíz y traen en su seno el hambre y la miseria". (386)

Ademais, os pesquisadores Adrian Gilbert e Maurice M. Cotterel, também atestaram a crença Maya na reencarnação:

"Além disso, conhecia-se a existência de outro Paraíso, 'Tomoanchan', destino dos bebês mortos ao nascerem, sugerindo que a figura de fato representava uma mulher dando à luz. Em Tomoanchan crescia a 'Árvore da Amamentação', que se dizia ter quatrocentos mil bicos, por onde os bebês mortos de Tomoanchan se alimentavam para recuperar as forças e reencarnar na Terra... Existem mais coisas sobre o mito de Quetzalcoatl-Kukulcan do que astronomia ou história. Como um arquétipo, ele significa tudo a que um homem deveria aspirar. Sua representação como serpente emplumada indica a característica dual: as plumas simbolizam a natureza delicada, espiritual (o Pai) e a serpente sua relação com a criação (a Mãe). Do mesmo modo que a serpente se renova abandonando uma pele e desenvolvendo outra, nós vivemos existência após existência, morrendo e renascendo, mas ainda incapazes de nos erguermos. Neste estado de desatenção, não conseguimos atingir os mundos espirituais superiores e continuamos como a irremediável ninhada da grande Serpente Solar. Da mesma maneira que os filhos decaídos de Adão e Eva, estamos aprisionados em nossas 'peles' renováveis e condenados a viver uma vida após a outra, passando por mortes sucessivas no mundo material" (387)

Por fim, o próprio guia mexicano, que descreveu a história e os costumes Mayas em Chitzen-Izá, confirmou-me a teoria reencarnacionista, muitas vezes dentro da própria família:

"Hay claros indicios que desde el principio del periodo Clásico (250-900 d.C.), existía un culto a los antepasados y, en las inscripciones que acompañan a las imágenes de los reyes, se da a conocer

quiénes eran sus padres y su linaje, ya que la genealogía era muy importante”. (388)

DIÁLOGOS DOS MORTOS GREGOS

No antigo mundo grego, Hades era o reino do mundo inferior, que abrigava as sombras dos mortos, enquanto os Campos Elíseos era o plano superior acessível somente aos justos. Nos poemas homéricos, Minos é mencionado mais como um intermediador do que juiz dos mortos. A partir do desenvolvimento da doutrina pitagórica, um verdadeiro julgamento pós-vida foi concebido na idéia que Pitágoras tinha sobre a reencarnação. O orfismo introduziu o julgamento pós-vida de Radamanto, Triptólemo e Aiaco em seu sistema mitológico; salientando que Platão cita o julgamento dos mortos por essas três figuras na conclusão de “Górgias”.

Ainda na mitologia grega, Cérbero era um guardião ou “cão de guarda” do inferno, ou Hades. Rebento de Tifão e Equidna, Cérbero foi descrito como tendo três cabeças, cauda de serpente e uma corrente de cabeças de cobra brotando de seu pescoço. Recebia os recém-falecidos com avidez, mas comia quem tentasse escapar. Dizem que Cérbero foi enfeitiçado por Orfeu, o único mortal que ele deixou entrar em Hades. Em outra história, conta-se que foi derrotado por Hércules, que o forçou a subir para o mundo superior (este foi o 12º trabalho de Hércules).

Salienta-se que, tanto Cérbero como Caronte, o barqueiro do submundo, eram guardiões dos portais, um tipo de figura mitológica muito disseminada na cultura mundial. Guardiões de portais deixavam entrar apenas os qualificados a passar de um reino para outro. Assim, Cérbero permitia apenas a entrada dos mortos em Hades, impedindo sua volta ao reino dos vivos.

Sempre é oportuno colhermos textos originais, que possam nos transportar para a verdadeira essência da tradição espiritual analisada; neste caso específico, trazemos o testemunho de Luciano de Samósata, diretamente do grego clássico para a nossa língua, na sua obra “Diálogo dos Mortos”; quando narra o diálogo de Cérbero e Menipo na entrada de Hades,

comentando que nem o sábio grego Sócrates seria imune ao sofrimento de Hades:

“De longe, Menipo, ele parecia avançar com o rosto perfeitamente imperturbável e parecia não ter nenhum medo da morte; e isso ele queria mostrar também aos que estavam parados na entrada do Hades. Mas, assim que ele olhou para dentro do abismo e percebeu a escuridão, e quando, enquanto ele hesitava, eu o mordi (com a cicuta) e puxei-lhe o pé, ele se pôs a berrar como um bebê, a lamentar seus próprios filhos, enfim, ficou daquele jeito.

- Então o homem era um sofista e não era verdade que desprezava a coisa?!

- Não. Mas, depois que ele viu que a coisa era para valer, ficou rígido de maneira a parecer que não era contra sua vontade, que iria sofrer o que é absolutamente necessário sofrer; a fim de que os espectadores o admirassem. De um modo geral, eu poderia dizer o mesmo desse tipo de gente: até a entrada, eles parecem ousados e valentes; mas as coisas aqui dentro dão uma medida exata deles”. (389)

VISÃO CRISTÃ

Já no Cristianismo, a palavra grega “psyche” e a hebraica ‘nefesh’ têm sido usadas para indicar a alma. Da mesma forma, a palavra grega ‘pneuma’ e a hebraica ‘ruah’ foram usadas para indicar o espírito. Os dois conceitos foram empregados alternadamente nas Escrituras. A origem da alma na Teologia Cristã foi concebida em termos da criação de almas individuais por Deus, no momento da concepção; traducianismo, a noção de que a alma é transmitida ao recém-nascido pelos pais e reencarnação, implicando a preexistência da alma em um processo de incorporações que determina seu crescimento espiritual.

Desde o Antigo Testamento, a essência da Justiça Divina está sempre regendo o destino dos protagonistas da Bíblia, como exemplificado em:

“O cap. 28 de Isaías diz, referindo-se ao povo escatológico (v. 17): “Porei o direito (mispah) como regra e a justiça (sedaqah) como nível”. O povo renovado será “todo ele constituído de justos” (Is 60,21).

O futuro escatológico é pintado principalmente sob o aspecto de uma efusão do Espírito de Javé, que aparece no Antigo Testamento

(e também no Novo) sobretudo como uma caracterização de Javé, que se distingue por ser o “Deus da Justiça”, como já vimos. “Até que seja derramado sobre nós o Espírito do alto, então o deserto se transformará em vergel, e o vergel será tido como floresta. O direito (mispat) habitará no deserto e a justiça (sedaqah) morará no vergel. O fruto da justiça será a paz, e a obra da justiça consistirá na tranquilidade e na segurança para sempre”. (O que aqui está em metáforas é descrito em termos próprios em pentecostes.) (Cf. Is 32, 15-16)”. (390)

Na verdade, o julgamento espiritual na visão cristã, pode resultar em destinos diferentes, dependendo dos méritos da pessoa, a alma é encaminhada para locais diferentes: inferno, onde a alma é punida eternamente; purgatório, onde almas impuras podem ser purificadas e finalmente alcançar o paraíso; e paraíso, concebido em termos de eterna união com Deus e os santos.

A figura abaixo, demonstra com precisão, São Miguel discutindo com o diabo, a posse de uma alma recém desencarnada, cujos méritos e pecados estão sendo pesados na balança; enquanto que, no portal do céu, São Pedro recebe mais uma alma conduzida por um anjo.

FIGURA 7 - SÃO MIGUEL NO PORTAL DO CÉU (296).

Outra questão com a qual os pensadores sérios têm se debatido ao longo dos séculos é o destino das almas que, apesar de não serem exemplos morais, não cometeram pecados graves. Isso levou ao desenvolvimento da idéia de moradas “intermediárias” na pós-vida, na qual as almas “mistas” são purificadas e preparadas para o céu. O purgatório católico é o mais conhecido desses reinos, mas a mesma idéia básica está incorporada, de outras formas, em outras tradições.

Acreditamos que o purgatório católico e também de algumas outras agremiações cristãs seja produto do bom senso, pois os teólogos começaram a perceber que Deus não é tão

cruel assim, como pensavam e que o homem precisava ter novas chances, para não interromper a sua caminhada de volta a Deus, de um modo irremediável.

É oportuno lembrar que a Igreja, na Idade Média, cometeu certos deslizos, para arrecadar fundos para a fachada da Catedral de São Pedro, em Roma, como alguns dos seus dignatários, que vendiam indulgências, as quais, anunciava-se, poderiam livrar as almas do purgatório. Embora a natureza real do que estava sendo prometido fosse mais complexa do que isso, alguns vendedores de indulgências menos escrupulosos, apresentavam a proposta de maneira simplória, nas palavras do *jingle* que tanto ofendeu Martinho Lutero: “Assim que o dinheiro no cofre tilintar, a alma do purgatório saltará”. A reforma começou como um protesto contra essa visão tão simplista de libertação do purgatório.

Uma outra solução é a de postular uma série de céus e infernos múltiplos, ou níveis de céu e inferno, nos quais as pessoas boas e más são recompensadas ou punidas de acordo com o grau de seus atos nobres ou pecados. Um dos exemplos mais conhecidos deste último encontra-se no ‘Inferno de Dante’. O autor apresenta o retrato de um inferno complexo, composto de nove níveis. Os virtuosos, mas não batizados, moram no topo, sofrendo apenas a emoção do desespero. Bem no fundo do inferno, passando pelo pior dos castigos, estão aqueles que cometeram o pior pecado, o qual, segundo o delineamento ético de Dante, é a traição. Acomodados no meio-termo está uma hierarquia moral de pecadores, todos recebendo punição apropriada pelos seus crimes. O ‘Céu de Dante’ é um tanto diferente: embora haja esferas concêntricas de luz, em nove níveis de anjos, no centro das quais morava Deus, as almas justas não estão posicionadas de acordo com a hierarquia da virtude.

Para ilustrar este pensamento da época, vamos convocar o testemunho do próprio Dante Alighieri, poeta italiano, de Florença, na sua “Divina Comédia”:

*“Mostrar-se injusta a alta justiça pia aos olhos dos mortais é argumento mais de fé que de pérfida heresia...
Sem a força corpórea, agora, à frente, a memória, a vontade e a inteligência indo-se aguçam mais que anteriormente.
Movida, então, por celestial influência, a uma das duas praias vai ligeira, onde do rumo seu toma consciência”. (391)*

Esclarecendo estas últimas estrofes, com a morte, a força corpórea desaparece, permanecendo com a alma sua vontade, memória e inteligência; que desprendida do corpo físico, vai a uma das duas praias, ou à do Rio Aqueronte, caso seu destino seja o Inferno (Canto III, versos 122 a 126), ou à foz do Rio Tibre, caso tenha salvação, através do Purgatório (Canto II, versos 100 a 105).

JULGAMENTOS NAGÔ - YORUBÁ

Por outro lado, entre os yorubás, quando morre uma pessoa, o corpo é envolvido imediatamente numa mortalha branca, mas antes ele é banhado; se for uma mulher, o cabelo é devidamente penteado e, se for homem, algumas vezes é inteiramente raspado. É importante ele estar devidamente limpo, para ser bem recebido na morada de seus ancestrais.

Ressalte-se que, os sacrifícios efetuados objetivam fortalecer o espírito, igualmente os alimentos e oferendas, que são colocados aos pés do morto, como forma dele não sentir fome durante a jornada à terra dos ancestrais. Depois, parentes e amigos chegam para cantar, dançar e comer, porque antes do pôr-do-sol a dança pára e o corpo é envolvido em roupas bonitas e conduzido em procissão solene até a sepultura. Ainda persiste o costume de se mandar recados para os antepassados, que se foram antes, numa prova da crença na imortalidade do espírito.

Na cultura 'Yorubá', o espírito desencarnado irá para o plano espiritual, sendo o nome utilizado para este lugar 'Òrun' que, num sentido geral, significa 'Céu', o lugar onde Olódumarè, os Orixás e os espíritos diversos habitam. A denominação de todos esses habitantes do Òrun é 'ara òrun', cuja principal diferença entre eles e os 'ára àiyé', habitantes da Terra, é a de que aqueles não necessitam da respiração, para sobreviver; lembrando a interpretação de J.E. dos Santos, "o òrun é todo espaço abstrato paralelo ao àiyé".

O especialista em Nagô-Yorubá e escritor, José Beniste, no seu livro "Órun-Àyé", explica o julgamento divino:

"Alguns dos òrun relacionados se equivalem pela finalidade que possuem, os mortos são encaminhados a um desses espaços,

após o fator decisivo do julgamento divino, pois, na realidade, o julgamento ocorre durante todo o tempo de vida da pessoa na Terra. As divindades contrárias ao mal acompanham as pessoas em sua vida diária e dão a sua punição; o juízo final fica a cargo de Olódumarè, decidindo quais são os bons e quais são os maus, e os encaminham para os respectivos òrun. O julgamento é baseado nos atos praticados na Terra e devidamente registrados no 'orí inú', que retorna para Olódumaré.

Somente quando se é absolvido por Olódumarè é que se tem a oportunidade de reunir-se com seus ancestrais, podendo-se reencarnar e renascer dentro da mesma família.

Se alguém, porém, é condenado, vai para o Òrun Àpààdi, onde irá sofrer com os maus. Quando finalmente for libertado, não terá oportunidade de viver uma vida normal e será condenado a errar, por lugares solitários, comendo alimentos intragáveis". (51)

JUSTIÇA E LEI NA UMBANDA

Na doutrina de Umbanda, o orixá “Xangô” é responsável pela Justiça Divina, despertando nos seres a razão, o equilíbrio e a equidade, vez que somente através da conscientização dos reais valores da vida, será possível a correta evolução do espírito. Sob o comando de Xangô, existem inúmeros espíritos denominados xangôs intermediários, que dentro da hierarquia do “Ritual de Umbanda Sagrada”, são responsáveis pela aplicação da justiça espiritual nos níveis e subníveis vibratórios, positivos e negativos, como verdadeiros regentes de imensas linhas de trabalho, ação e reação.

Já “Ogum” é o orixá da Lei, atuando na linha divisória entre a razão e a emoção, como verdadeiro regente das milícias celestiais, guardião da ordenação dos procedimentos de todos os seres.

Assim, todo Ogum intermediário, dentro da sua hierarquia, é um aplicador natural da Lei e todos agem com a mesma rigidez e firmeza. Consoante lição do renomado escritor e pesquisador de Umbanda, Rubens Saraceni, na sua enciclopédica obra “O Código de Umbanda”:

“Dizemos que Ogum é sinônimo de lei e de ordem porque ele tanto aplica a Lei quanto ordena a evolução dos seres, não permitindo

que alguém tome uma direção errada. Por isto ele é chamado de “O Senhor dos Caminhos” (das direções). E o mesmo acontece com Iansã, pois ela também é aplicadora da Lei e ordenadora dos seres. Só que ela é maleável e também atua através do emocional dos seres. Bom, já comentamos que Ogum forma uma hierarquia reta ou sequencial, pois a Lei é reta e rígida onde quer que seja. Ogum não julga nada ou ninguém esta atribuição é de Xangô. Ele apenas aplica os princípios da Lei e ordena (direciona) os seres, e ponto final! Iansã é Lei e é mãe, portanto, é maleável até um certo ponto e atua no emocional dos seus “filhos”. Já Ogum, bem, ele é pai e é rigoroso ao extremo com seus “filhos”. É sua natureza reta, e assim ele é. Saibam que a Lei é reta e tudo o que for “oposto” a ela deve ser anulado por Ogum, pois a Lei é ordem em todos os sentidos”. (392)

Os Oguns Cósmicos assumiram a missão de formar linhas de “Exus de Lei”, compostas por espíritos humanos caídos nas trevas ou faixas vibratórias negativas da dimensão humana; como é um exemplo o “Guardião da Meia-Noite”, cuja história, ainda, contaremos neste capítulo.

LIVRO TIBETANO DOS MORTOS

O “Bardo Thodol”, já mencionado nas referências bibliográficas, relata o sistema evolutivo e cármicos característico do Budismo Tibetano, quando o espírito desencarnado, começa por se defrontar com uma série de desafios já nos primeiros quatro dias que se seguem à sua morte: trata-se, aí, do “Lugar de Espera”, pré-designado pelo sistema tibetano, para que a alma tenha oportunidade de se desvencilhar do corpo que até então ocupava. Embora o julgamento final seja influenciado, tanto pela existência vivida pelo espírito, como pelo estado apresentado por sua mente, no momento da morte, o aspecto mais poderoso, que irá determinar o destino desse viajante, será a forma pela qual ele vai lidar com os desafios que encontrar pela frente. A série consiste de 49 situações que compõem o que tenho definido como pós-morte mas que, entre os budistas tibetanos, é denominado como estado do Bardo, fase intermediária entre as encarnações.

Cabe a “Dharma Raja” presidir o julgamento da alma dos mortos, trazendo na mão direita uma espada e na esquerda o “espelho da justiça”; destacando, ainda, que alguns relatos do bardo descrevem uma cena de julgamento, uma espécie de revisão ou exame de vida

semelhante ao julgamento *post-mortem* encontrado em muitas culturas do mundo; sendo que sua boa consciência, atua como advogado de defesa, relacionado as coisas boas executadas em vida, enquanto sua má consciência, faz a acusação. Assim, o bem e o mal são somados como seixos brancos e pretos e o “Senhor da Morte”, que preside, consulta então o espelho do carma e faz seu julgamento. Lembramos que, nessa cena de julgamento, existem paralelos interessantes como a retrospectiva de vida ou visão panorâmica, que acontece nas experiências de quase-morte.

A chave do bardo, que é recitado ao lado do moribundo é manter a serenidade para aproveitar as etapas do processo de seu desencarne e se libertar de “Sansara”, a Roda das Reencarnações, pois caso contrário voltará a habitar um dos 6 reinos ou “lokas”, como demonstrados na figura abaixo; seguindo do topo, no sentido horário, temos o reino dos deuses, dos semi-deuses, dos fantasmas famintos, dos infernos, dos animais e dos humanos.

FIGURA 8 - A RODA DAS REENCARNAÇÕES (398)

Em consonância com os ensinamentos do “Dzogchen”, as emoções negativas acumulam-se no sistema psicofísico, composto pelos canais sutis, ar interior e energia e se concentram em determinados centros de energia do corpo. Logo, as sementes do reino dos infernos e a causa deles, o ódio, ficam nas solas dos pés; o reino dos fantasmas famintos e sua causa, a avareza, ficam na base do tronco; o reino animal e sua causa, a ignorância, ficam no umbigo; o reino humano e sua causa, a dúvida, ficam no coração; o reino dos semideuses e sua causa, o ciúme e a inveja, estão na garganta; e o reino dos deuses e sua causa, o orgulho, estão no topo da cabeça.

Ficando evidente que, no sistema tibetano, a consciência pesada do moribundo atrairá seu espírito para reencarnar em algum dos 6 reinos, por sintonia vibratória. Já, dentro de uma abordagem psicológica da “Roda das Reencarnações”, temos algumas lições como a de Chogyan Trumgpa, que colocam os seis reinos como estados d’alma pelos quais passamos diariamente, em nossa vida. Quem já não sentiu inveja, ira, orgulho, desejo? Então a visão psicológica desses reinos

é a sua existência como uma manifestação da nossa psique, da nossa mente. Nós somos o que percebemos. Então o simples elemento água pode ser percebido como lava fervente pelo reino dos infernos; bebida impossível de beber, para os fantasmas famintos; meio-ambiente para os animais, como o peixe, por exemplo. Água de beber para os humanos, um novo tipo de armamento para os semi-deuses, e finalmente néctar para os deuses. Tudo, uma questão de percepção psicológica. Isso vem de acordo com as descobertas da moderna física, que comprovam que nós criamos a nossa realidade, a partir do que vemos e percebemos.

ABORDAGEM ESPÍRITA

Dentro da visão espírita, o universo é visto como em constante evolução e nossas vidas são avaliadas de acordo com o que temos contribuído para o nosso progresso e de todos. De acordo com esta abordagem, tanto no que diz respeito à vida como no que concerne à morte, cada um de nós deve aspirar a um duplo objetivo: evoluir como indivíduo e, de alguma forma, contribuir para a evolução do universo.

Essa grande idéia, a da colaboração individual e fraternidade do ser humano às forças que regem uma realidade maior, assume várias formas. É a força propulsora que rege o Espiritismo, que considera a caridade e o progresso espiritual, não apenas como objetivo a ser atingido por meio da vida humana, mas como a fonte possível de felicidade, tanto antes quanto após a morte. Para os adeptos do Espiritismo, como tal, resulta do próprio comprometimento interior da alma, com os passos que se fazem necessários, para a evolução espiritual em direção a Deus. Neste contexto, recompensa e castigo estão indissolivelmente ligados a uma única meta: os que sistematicamente se empenham e se encaminham para uma maior proximidade de Deus, experimentam o repouso da plenitude; os que se distanciam da meta espiritual atraem para si uma sentença isenta de alegria, embutida nas suas próprias consciências.

Em linhas gerais, esta visão espírita, também é acompanhada pela Teosofia e pela religião Baha'i. O notável médium e escritor Chico Xavier, no livro "Justiça Divina", traça os limites desta visão espírita:

"Toda religião admite a sobrevivência.

A Doutrina Espírita não apenas patenteia a imortalidade da vida,

mas também demonstra o continuísmo da evolução do ser, em esferas diferentes da Terra.

Toda religião afirma que o mal será punido, para lá do sepulcro.

A Doutrina Espírita não apenas informa que todo delito exige resgate, mas também destaca que o inferno é o remorso, na consciência culpada, cujo sofrimento cessa com a necessária e justa reparação.

Toda religião ensina que a alma será expurgada de todo o erro, em regiões inferiores.

A Doutrina Espírita não apenas explica que a alma, depois da morte, se vê mergulhada nos resultados das próprias ações infelizes, mas também esclarece que, na maioria dos casos, a estação terminal do purgatório é mesmo a Terra, onde reencontramos as consequências de nossas faltas, a fim de extingui-las, através da reencarnação.

Toda religião fala do céu, como sendo estância de alegria perene.

A doutrina Espírita não apenas mostra que o céu existe, por felicidade suprema no espírito que sublimou a si mesmo, mas também elucida que os heróis da virtude não se imobilizam em paraísos estanques, e que, por mais elevados, na hierarquia moral, volvem a socorrer os irmãos da humanidade ainda situados na sombra...

E porque a Lei nos infunde respeito à justiça, aspiramos a debitar a nós próprios o necessário burilamento e a suspirada felicidade. Rogamos, dessa forma, a reencarnação, à guisa de recomeço, buscando a tarefa que interrompemos e a afeição que traímos, o dever esquecido e o compromisso menosprezado, famintos de reajuste...

Agradece, assim, o lugar de prova em que te situas. Corpo doente, companheiro difícil, parente complexo, chefe amargo e dificuldade constante são oportunidades que se renovam. Todo título exterior é instrumentação de serviço. A existência terrestre é o bom combate”.

(394)

Outrossim, na obra “Ação e Reação”, Chico Xavier elucida com clareza, a questão cármica após a morte, no inferno ou umbral:

“Nestas regiões inferiores não transitam as almas simples, em qualquer aflição purgativa, situadas que se encontram nos erros naturais das experiências primárias. Cada ser está jungido, por impositivos da atração magnética, ao círculo de evolução que lhe é próprio... Asseguro-lhes, assim, que, nas zonas infernais

propriamente ditas, apenas residem aquelas mentes que, conhecendo as responsabilidades morais que lhes competiam, delas se ausentaram, deliberadamente, O inferno, a rigor, pode ser, desse modo, definido como vasto campo de desequilíbrio, estabelecido pela maldade calculada, nascido da cegueira voluntária e da perversidade completa. Aí vivem domiciliados, às vezes por séculos, Espíritos que se bestializaram, fixos que se acham na crueldade e no egocentrismo. Constituindo, porém, larga província vibratória, em conexão com a Humanidade terrestre, de vez que todos os padecimentos infernais são criações dela mesma, estes lugares tristes funcionam como crivos necessários para todos os Espíritos que escorregam nas deserções de ordem geral, menosprezando as responsabilidades que o Senhor lhes outorga... Trazem o íntimo turbilhonado e tenebroso, qual a própria tormenta, em razão dos pensamentos desgovernados e cruéis de que se nutrem. Odeiam e aniquilam, mordem e ferem. Alojá-los, de imediato, nos santuários de socorro aqui estabelecidos, será o mesmo que asilar tigres desarvorados entre fiéis que oram num templo...

- Quer dizer, então - disse por minha vez - que não basta a romagem de purgação do Espírito depois da morte, nos lugares de treva e padecimento, para que os débitos da consciência sejam ressarcidos...

- Perfeitamente - aclarou o amigo, atalhando-me a consideração reticenciosa - o desespero vale por demência a que as almas se atiram nas explosões de incontinência e revolta. Não serve como pagamento nos tribunais divinos. Não é razoável que o devedor solucione com gritos e impropérios os compromissos que contraiu mobilizando a própria vontade. Aliás, dos desmandos de ordem mental a que nos entregamos, desprevenidos, emergimos sempre mais infelizes, por mais endividados. Cessada a febre de loucura e rebelião, o Espírito culpado volve ao remorso e à penitência. Acalma-se como a terra que torna à serenidade e à paciência, depois de insultada pelo terremoto, não obstante amarfanhada e ferida. Então, como o solo que regressa ao serviço da plantação proveitosa, submete-se de novo à sementeira renovadora dos seus destinos.

Atormentada expectativa baixara sobre nós, quando Hilário considerou:

- Ah! se as almas encarnadas pudessem morrer no corpo, alguns dias por ano, não à maneira do sono físico em que se refazem, mas com plena consciência da vida que as espera!...

- Sim - ajuntou o orientador - isso realmente modificaria a face

Na minha opinião pessoal, cada pessoa ou consciência é seu próprio juiz e por sintonia vibratória, o espírito, ao desencarnar, será transportado para as regiões espirituais análogas aquela vibração em que ele se encontra, como se fosse um ímã magnetizado.

É você quem conhece sua própria vida interior melhor do que ninguém e quem está melhor qualificado para se auto-analisar, não por aquilo que fez (afinal, os erros também nos devem servir de experiência para nosso crescimento e evolução), mas por aquilo que é; dentro de sua própria consciência o juiz instala seu tribunal. Foi-nos outorgada a condição de nos julgarmos e esse julgamento se expressa através da consciência; sendo este juiz insistente e implacável, que o empurra para um período de busca e auto-realização.

Efetivamente, a alma é seu próprio juiz, quando, diante de um espelho cósmico, como que encantada, deverá analisar o registro cármico de sua vida passada na Terra. Mas mesmo no julgamento, a alma não é arrastada à presença de alguma divindade poderosa, que a lançará para toda a eternidade, nas profundezas do inferno ou paraíso. Você escolhe seu destino por atração energética.

O yogue Ramacharaca, ilustra esta minha conclusão, com suas próprias palavras, transcritas do seu livro "A Vida Depois da Morte":

"Na citação do escritor ocultista, dada no capítulo precedente, foi dito: "Cada ente humano é seu próprio e absoluto legislador; o dispensador de glória ou aflição a si mesmo, o decretador de sua vida, seu prêmio, seu castigo". E isto é verdade não só na vida terrestre como também duplamente verdade, quanto à vida da alma no plano astral. Porque cada alma desencarnada leva consigo o seu próprio céu ou inferno, produto de sua própria criação e de suas crenças prediletas, participando da correspondente felicidade ou desventura conforme seus méritos, da qual resulta o prêmio ou castigo, não sendo um Poder fora da alma, mas um Poder que está dentro dela - é a sua própria consciência". (396)

Para concluir o estudo da visão espírita dos julgamentos divinos, vamos trazer

uma lição do espírito André Luiz, pela sensibilidade mediúnica de Chico Xavier, na sua “Evolução em Dois Mundos”:

“Efetivamente, logo após a morte física, sofre a alma culpada minucioso processo de purgação, tanto mais produtivo quanto mais se lhe exteriorize a dor do arrependimento, e, apenas depois disso, consegue elevar-se às esferas de reconforto e reeducação. Criminosos que mal ressarciram os débitos contraídos, instados pelo próprio arrependimento, plasmam, em torno de si mesmos, as cenas degradantes em que arruinaram a vida íntima, alimentando-as à custa dos próprios pensamentos desgovernados. Caluniadores que aniquilaram a felicidade alheia vivem pesadelos espantosos, regravando nas telas da memória os procedimentos das vítimas, como no dia em que as fizeram descer para o abismo da angústia, algemados ao pelourinho de obsidentes recordações”.
(397)

DEPOIMENTOS DO ASTRAL

Como tinha prometido, ao amigo leitor, vou resumir o caso do “Guardião da Meia-Noite”, um rico Barão, da época do Brasil Colonial, antes de se transformar em “Exu de Lei”, que se emaranhou em débitos cármicos muito pesados, através dos assassinatos de diversos índios, dentre outras más ações, sendo oportuno transcrever o seu relato do que aconteceu, após a morte do seu corpo físico:

*“Estúpido Barão”- dizia eu. Mas... e agora? Como sair dali, se não tinha forças para me mover?
Além do mais, o caixão era espesso e pesado. Eu não conseguiria quebrá-lo, ainda mais que estava enterrado a uma boa profundidade. O ódio foi tomando conta de todo o meu ser.
Cadê o negro e os índios que antes não me davam paz? Onde estariam eles agora?
Tudo não passara de uma ilusão por causa de um remorso estúpido. Sim, era isso mesmo!
Fiquei com a consciência a me cobrar pela morte de uns miseráveis e só arruinei minha vida...
Quantas dores sentia! Gritava por socorro e ninguém me ouvia. Já não conseguia orar a Deus. Sentia minha carne sendo devorada por vermes. Que horror!*

Eu os sentia andando por minha pele. Entrei em choque. Aquilo era algo que eu não havia imaginado.

Sim, eu estava isolado em um caixão. Os vermes iriam me deixar igual a um cadáver, todo carcomido. As dores foram aumentando de intensidade. Mas o pior ainda estava para acontecer... “Aquilo era o inferno!”

Os ratos se fartaram do meu corpo. Sentia suas presas rasparem meus ossos para lhes arrancarem até as últimas lascas de carne. Como doía! Quantas lágrimas derramei de dor, desespero e pavor! Já sentia todos os meus ossos expostos e eles insistiam em roê-los. Quanto desespero, meu amigo. Já não pensava em mais nada, além do meu estado.

Naquele momento, vi um semblante chegar até mim. Era horrível a sua aparência. As unhas eram longas e curvas. Não era uma mão humana, mas, sim, a de um cadáver descarnado.

- O que houve comigo? Quem é você?

- “Você” não! a partir de agora, trate-me por amo ou senhor. Aceito qualquer um dos dois. Você morreu, estúpido! Não percebeu ainda que é impossível alguém viver sem carne ou vísceras? Sem ar para respirar, como você viveu sob o solo? Olhe à sua volta! Olhei.

- Estamos num cemitério. Olhe ali no seu túmulo”. (149)

O materialismo exacerbado e a disseminação da dor, que faziam parte da sua vida terrena, continuaram a acompanhá-lo na vida extrafísica, afinal, a vibração do Barão era a mesma. Ele só havia mudado de plano, do terreno para o espiritual, e não de vibração. Só que ele agora era a sua própria vítima.

Para finalizar este capítulo e a segunda parte deste livro, que trata das divergências entre a Justiça Divina e a Humana; convido o leitor a refletir, sobre as consequências cármicas que se abateram sobre este indivíduo, que ludibriou e corrompeu a Lei; em depoimento verídico, colhido de forma magistral pelo médium Divaldo Franco, no seu livro “Depois da Vida”:

“Exerci a advocacia com ardente interesse. Primeiro, ativado pelas concessões que a fortuna pode dar aos que defendem os criminosos, que podem remunerar bem. O lado ético, o chamado lado da vítima, deixou de me interessar, desde quando, não podendo ressuscitar o morto, empenhava-me em preservar o vivo. Segundo, porque considerando o sistema penitenciário vigente, arbitrário e criminoso, porque feito por uma sociedade corrompida, sem me

eximir à corrupção que contamina a todos, procurei brilhar no Fórum, defendendo as vidas que me comprovam os equipamentos culturais, em nome da Lei.

A morte tomou-me o corpo e eu não fugi da realidade. Ainda me sinto arrebatado pelo entusiasmo, agora muito mais picado pelo ódio. Aqui, acusam-me de haver defendido o criminoso e perseguem-me porque eu não permiti que a Justiça alcançasse aqueles que se entregaram à sanha dos seus sentimentos mais vis.

Hoje eu me empenho numa luta titânica, desgastante, devastadora, com estes párias que a morte não aniquilou, quanto a mim próprio não destruiu.

Acusam-me e querem fazer contra mim justiça com as suas mãos, em nome da Justiça que é cega, deixando oscilar para aquele que lhe ponha mais ouro no prato da balança que segura. Foi o que eu fiz.

Mas agora dizem que eu sou tão criminoso quanto os criminosos que eu defendi; e por quê? Porque as suas vítimas esperavam pelo menos a justiça e voltam-se contra mim. Travando-se novas pelejas em que sou levado à julgamentos, mais arbitrários do que aqueles de que eu participei, arrastando-me a verdadeiros pelourinhos de execração pública, nos quais, exposto como novo Quasímodo, sou vítima do escárnio, da chalaça e da zombaria dos biltres a quem detesto com todas as forças da minha vida. Fui pago para defender, e, se fosse necessário e possível, eu repetiria, novamente, todas as façanhas porque, desgraçadamente, só depois da morte é que se pode avaliar a vida.

Aqui estão comigo, no mesmo pelourinho, os que se deixaram vencer pela venalidade: Juízes inescrupulosos, promotores corrompidos, advogados malsinados que, juntos, desrespeitamos a Lei. Qual a Lei, porém? As leis humanas são todas trabalhadas pelos interesses dos mais fortes sobre os mais fracos, dos dominadores sobre os vencidos, dos poderosos sobre os desgraçados. E como aprendi que a Lei de Deus está refletida na Lei da justiça dos homens, eu me justifico, e se a consciência não se submete à minha justificativa e os meus perseguidores inclementes me pretendem crucificar, mil vezes, sem que haja extinção da minha consciência, que o façam. Engalfinhar-nos-emos nesta luta pelo dobrar dos tempos, até que uma consumpção desarvorada e aniquiladora se abata sobre nós, tornando-nos sonâmbulos do horror, mumificados pelo ódio, até o término das eras". (398)

PARTE III

JUSTIÇA DIVINA X JUSTIÇA DOS HOMENS DA GESTAÇÃO À ADOLESCÊNCIA

“Sonho ser algo e sou apenas um esboço de algo divino.

Sonho criar e sou apenas o sonho de uma consciência.

Sonho crescer e sou apenas um pálido reflexo daquilo que eu poderia ser.

Sonho entender a mecânica das coisas e sou apenas um ser desequilibrado, que não entende nem a mecânica de si mesmo.

Sonho amar todas as criatura e sou apenas um espírito combalido, que nem sabe amar a si próprio...

Sonho ser imortal e descubro que de tanto sonhar, acabo por não notar que isso já é uma realidade no meu despertar.

Sonho dominar a mim mesmo e descubro que, na verdade, sou apenas uma pessoa comandada por um bando de desejos desenfreados, que são o atestado cabal da minha falta de controle.

Sonho com a realidade e descubro que sou, na verdade, o início de um sonho de Deus. Um sonho que tem por objetivo me ver crescer e evoluir, a fim de que, um dia, eu desperte integralmente e descubra o magnífico potencial cósmico que tenho.

Esse é o sonho real: descobrir que o Universo também é um sonho cósmico, um sonho de evolução além de toda a ilusão, e que nós participamos desse sonho eterno como irmãos, sonhando e aprendendo, nesse sonho de Deus chamado “Evolução”.

“(252)

Yogananda (psicografado por Wagner Borges)

*“Se você duvida dos princípios do universo,
eles de nada lhe valerão”.*

Wayne W. Dyer

CAPÍTULO XI

GESTAÇÃO E ESPIRITUALIDADE

*“Mas ouve, Mãe, em pleno Lar Celeste,
Recordo o berço humilde que me deste,
Ao pranto de alegria em que me inundo...
Muito mais que na luz do imenso Espaço.
Pulsa, no imenso amor de teu regaço,
O próprio coração de Deus no mundo...” (180)*

Da Costa e Silva (psicografado por Chico Xavier)

Continuando nosso processo de organização de um arcabouço lógico-espiritual, que possa embasar a nossa reflexão sobre as Leis Divinas, a imortalidade do espírito e sua aplicação em nossas vidas; vamos iniciar, agora, um estudo, ainda mais vivencial, sobre todos os aspectos da evolução do ser humano, desde o momento da sua concepção até a sua morte física, colocando em experimentação todos os conhecimentos já analisados neste livro.

Como na reencarnação, verificamos que o espírito pode vivenciar uma nova existência física, que o capacitará a entender melhor as leis e sua Justiça Divina, através do seu processo educativo cármico.

Assim, o homem irá cumprindo a “Lei de Evolução”, etapa por etapa, compreendendo e aplicando o “Amor”, de forma incondicional, construindo uma sociedade mais justa e fraterna; porquanto com a entrada no Terceiro Milênio a Terra deixará de ser um planeta de provas e de expiações, transpondo o século XX do exacerbado desenvolvimento tecnológico, para o século XXI do indispensável renascimento espiritual.

Acredito que estamos passando do paradigma individualista, para o da solidariedade, a partir de uma real transformação moral do homem; sendo esta tendência ratificada pelo ilustre escritor e palestrante Divaldo Franco, num dos seus mais recentes livros, “Atualidade do Pensamento Espírita”:

“A Nova Era já começou nas mentes e nos corações que se

vêm devotando ao Bem e à Verdade. No entanto, graças a esse processo de evolução, o planeta Terra, qual ocorre com os demais, passa por diferente ciclo na escala dos mundos e avança para um estágio superior, conforme revelaram os Espíritos elevados a Allan Kardec. A Terra deixará de ser mundo de sofrimentos, de exílio espiritual, de recuperações dolorosas, para tornar-se um plano de regeneração, quando a dor mais cruel baterá em retirada e o crime for abandonado, a benefício do cultivo dos deveres e das virtudes. Todo esse processo, no entanto, se dará no indivíduo, de dentro para fora, espontaneamente ou através de ocorrências afligentes, que o convidem a reflexões e mudanças de comportamento. Não será, como se pretende em algumas áreas religiosas, de um para outro momento; porém, lentamente, sem choques nem violências, sem imposições arbitrárias nem calamidades destruidoras, mas dentro de uma programática dignificante como tudo que é realizado pela Divindade”. (398)

Pensamento semelhante do espírito do mestre Ramatís, já foi exposto neste livro, confirmando o alvorecer de uma “Nova Era”, quando o homem saberá aproveitar as energias cósmicas favoráveis; para alavancar o seu despertar espiritual, em cada uma das etapas do desenvolvimento do seu corpo físico, como demonstrado na figura abaixo.

FIGURA 9 - EVOLUÇÃO HUMANA E IMPERMANÊNCIA (434)

Fica evidente, na ilustração, a impermanência da forma humana, assim como toda a natureza, que está em perfeita e constante evolução, Entretanto, neste momento, analisaremos o processo espiritual da gestação do bebê.

Como vimos, a reencarnação do espírito tem início no momento da fecundação do óvulo feminino pelo espermatozóide masculino, formando o zigoto ou ovo; que, em conjunto com o átomo-semente ou átomo permanente, verdadeiro arquivo cármico completo de todas as

experiências terrenas do ser, vão emitir vibrações para a atração de energias etéreas, a fim de construir seus corpos mais sutis.

Entendemos serem esclarecedoras as observações do escritor e sensitivo americano James Van Praagh:

“A alma permanece no mundo astral enquanto seu receptáculo físico está se formando. Quando a contrapartida etérea está inteiramente formada, o espírito começa a diminuir a vibração de sua consciência e a descer para a região conhecida como ‘rio do esquecimento’. Os gregos referem-se a este lugar como o elo entre os mundos visível e invisível. Imerso neste éter, o espírito esquece sua ligação com a divindade e todas as suas existências anteriores. As pessoas muitas vezes me perguntam: “Por que nos esquecemos de quem somos e de onde viemos?” Minha resposta é que isto acontece pela graça divina. Em primeiro lugar, ao esquecer, ficamos menos saudosos de nossa existência celestial. Em segundo, se conhecêssemos todos os nossos erros e fracassos do passado, poderíamos ficar obcecados por eles a ponto de não conseguirmos progredir e realizar o trabalho atual”. (89)

Ademais, é importante citar que, a grande maioria dos pesquisadores espiritualistas, atestam ser o perispírito ou psicossoma o elemento modelador ou campo organizador da gênese corporal, sem cuja participação o espírito ficaria impossibilitado de imantar-se, efetivamente ao corpo físico, durante o processo reencarnatório, por ser seu primeiro envoltório energético.

Com efeito, o perispírito exerce ação magnética, inclusive sobre os cromossomos e gens, de modo a constituir um molde energético, que dará forma ao novo ser.

O renomado médico espírita Jorge Andréa dos Santos, na sua obra “Palingênese, A Grande Lei”, tece considerações relevantes:

“Assim a Palingênese seria processo intransferível da Grande Lei, avisando a cada Individualidade o momento oportuno. Os espíritos involuídos, muito próximos das razões animais, mergulhariam no fenômeno palingenético desconhecendo totalmente o desenrolar dos acontecimentos, sem conscientização dos fatos; entretanto, os espíritos esclarecidos, quando seu período reencarnatório se

aproxima teriam um melhor conhecimento da situação, lançando-se em labores que lhe são necessários ao desenvolvimento. Existiriam casos mais raros, em que as reencarnações seriam adrede preparadas para os grandes espíritos que vem a terra em missões especiais, tendo, por isso, que acelerar o processo ou mecanismo em torno do qual a reencarnação se instala.

A sintonia vibratória entre o espírito reencarnante e o psicossoma materno, iria aumentando até que houvesse identificação perfeita das fontes energéticas que estão se aproximando e harmonizando...

O embates vibratórios entre espírito reencarnante e matéria, orientadas pela usina de energias do psicossoma materno, permitiriam a aproximação definitiva desses dois elementos, até que a parte passiva (matéria) se achasse em condições de ser assaltada. O momento favorável se apresentaria durante a união do gameta masculino com o feminino - fecundação - transformação do óvulo em ovo com apreciável choque biológico. Aí nesta ocasião em que as vibrações do espírito reencarnante se encontrassem perfeitamente harmonizadas com a matéria, haveria uma concentração com redução do tamanho espiritual sob a influência de "carga magnética" de elevado poder. Essa redução se daria às expensas do psicossoma (veste do espírito), o que ativaria o processo de obnublação do psiquismo espiritual. Haveria, como que, uma justaposição do reencarnante no perispírito materno, adelgaçando-se e fundindo-se. Ao mesmo tempo, evidenciaria-se um acentuado tropismo do espírito em direção à célula-ovo, que posteriormente passaria a ter em seu íntimo o verdadeiro elemento responsável pela morfogênese da espécie...o espírito reencarnante trazendo a própria potencialidade sexual (masculina ou feminina), antes mesmo de se instalar no ovo, influenciou o óvulo no sentido de atrair e conduzir, com equilíbrio e precisão, o espermatozóide mais credenciado à formação do sexo do futuro ser, quer seja masculino (espermatozóide Y), quer feminino (espermatozóide X). Nicola pende, eminente biólogo, está ao lado das idéias palingenéticas, embora não aborde o mecanismo biológico e sim o conceito filosófico da questão, condiz: "... está mais de acordo com os maravilhosos fenômenos da embriogênese humana e com a mesma doutrina tomista da alma intelectiva única vivificadora de todo corpo - vale dizer que a alma se une ao corpo, no mesmo momento da concepção".

Impelido o espírito ao processo reencarnatório, uma redução se observaria em seu tamanho, pela lenta absorção de sua veste perispiritual ou psicossômica". (399)

Entretanto, a consciência do espírito reencarnante ainda continuava mantendo a sua inteireza, que seria, paulatinamente, obscurecida até o desenvolvimento final do feto, como será atestado, pelos próprios bebês, em comunicação telepática com seus pais.

COMUNICAÇÃO DOS BEBÊS COM SEUS PAIS

Existem inúmeros casos registrados de comunicação, principalmente, entre o bebê e sua mãe, na fase intra-uterina, sendo um exemplo clássico encontrado na Bíblia, em Lucas, capítulo 1, versículos 39 e 45):

“Naqueles dias Maria se levantou e foi às pressas às montanhas, a uma cidade de Judá. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Ora, apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança estremeceu o seu seio; e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. E exclamou em alta voz: ‘Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. Donde me vem a honra de vir a mim a mãe de meu Senhor? Pois, assim que a voz de tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança estremeceu de alegria no meu seio”.

Outro relato impressionante é do bebê Manuji, filho de Mirabelle e René Coudris, que a partir do seu quinto mês de gestação, começou a se comunicar com sua mãe, quando ela fazia meditação:

“Mamãe, você é para mim o que Deus é para você. Eu não a vejo, por isso não sei como você é, quem você é, uma vez que estou dentro de você. Eu vivo meu próprio mundo, tenho os meus próprios sentimentos e faço minhas próprias experiências. E como você fala comigo e eu estou disposto a receber a sua voz, abrimos a porta de comunicação entre nós e nos tocamos conscientemente. Assim como você vive em Deus, através de Deus e a partir de Deus, vivo eu também; acontece igualmente tanto no pequeno quanto no grande.

O seu corpo interior, o alimento, as vibrações, o sangue, os ossos: todo o seu corpo é agora o meu universo. E você escutou o meu chamado, me compreendeu e fala comigo.

Você também vive em Deus. O seu alrededor é o interior de Deus e você também clama pela sua voz. Eu percebo a sua voz no meu ser interior, só ali posso recebê-la. Dentro do meu peito, ali onde me encontro a mim mesmo. Da mesma maneira você pode receber a voz de Deus, somente no mais íntimo do seu interior, ali onde

você se toca a si mesma.

Muitas vezes eu espero por você. Procuo você. Então estou bem quieto e não me movimento. Tudo em mim está concentrado no meu interior.

Não posso experimentar você fora de mim mesmo, mesmo sendo eu tudo o que vejo, ouço, sinto e imagino. Tudo o que posso sentir tem que estar dentro de mim, senão não posso percebê-lo.

Eu sinto tudo o que você sente, porque o meu ser e o seu ser - enquanto eu estiver dentro de você - são transpassados pelas mesmas irradiações. É a mesma energia que flui através de nós. Os seus canais para energias mais finas, invisíveis, estão mais abertos agora, já que essas energias devem atingir-me. E assim, quando você se abre o suficiente, você capta as mesmas energias que me formam, que me transpassam, que eu emito". (400)

Outro relato fantástico foi dado pelo espírito Rebeca, ao casal de projetores da consciência Anne e Daniel Meurois-Givaudan, narrando todas as etapas da gestação de um bebê, que puderam acompanhar vivenciando experiências fora do corpo, ou seja, projetados, no ótimo livro "Os Nove Passos para a Reencarnação"; cujas partes mais significativas transcrevemos abaixo:

"Digamos logo, não escolhemos a alma que se encarna e que é, evidentemente, o centro deste trabalho. Ela se apresentou por uma espécie de 'mandado' de uma Vontade luminosa. Talvez não a encontremos nunca fisicamente. As informações que ela nos forneceu durante a gravidez de sua mãe, sua própria metamorfose e a do embrião, depois do feto onde ela aprendeu a morar, não constituem os ensinamentos de um Mestre de Sabedoria. Seu valor é inteiramente outro. Nós a qualificaremos de humana, no sentido nobre e enriquecedor da palavra.

- Olhem ainda - murmura de novo Rebeca, penetrada por uma evidente emoção. - Olhem, as centelhas violeta entram também no seu corpo. Dir-se-ia que este as aspira muito depressa, a partir do momento em que elas começaram a revoltear um pouco ao redor dele. É o feto, no qual eu vou entrar um dia, que elas fabricam dessa maneira. Ainda sou estranha a ele, mas meu coração não pode deixar de bater de modo diferente cada vez que vejo tudo isso...

- Rebeca, você quer dizer que, se o feto que acaba de se formar viesse a morrer fisicamente, você não experimentaria nenhum incômodo, nenhuma dor?

- Oh, não - responde logo nossa amiga com um sobressalto. -

Oh, não, não digam isso! Já tenho mãe, foi ela que me chamou! E depois, não sei ... desde que entrei no seu ventre é como se uma aliança tivesse sido selada definitivamente. Comecei a habitá-la e, se eu devesse nunca mais voltar, creio que eu sentiria de toda a maneira uma violenta dor física. Ao pensar nisso, tive uma sensação de queimadura em volta do baço.

“Lembro-me de ter aprendido todas essas coisas com meus amigos, mas devo confessar que ficou um pouco como algo inútil... Agora eu sei que o momento em que o coração do feto começa a bater corresponde a um apego visceral entre a alma daquele que vem e sua mãe. A partir desse momento, as duas auras só formam uma. Rebeca está tão próxima de sua futura mãe que parece já ter sido absorvida por ela. A transmutação prosseguiu sua obra ... o feto modelou um pouco mais os contornos da alma e é uma menininha de seis ou sete anos que vem então nos abrir seu coração.

De seus lábios escapa um murmúrio.

- Como crescer se desde já não aceito ser pequena...?

Temos dificuldades para pronunciar o nome de nossa amiga, tanto ela se metamorfoseou desde nosso último encontro.

- Dessa vez realmente não sou mais Rebeca - diz ela num sorriso e para cortar de vez nossas hesitações.

- Mamãe percebeu o nome que eu lhe apresentava todas as noites. Agora sou um pouco mais de vocês, um pouco mais da Terra, sou S... A vibração que esse nome propõe à minha alma é como um enfeite que me oferecem e que eu desejava, acho, há muito tempo...! Mamãe deixou escapá-lo quase como um grito, uma manhã dessas ao acordar...

“Sei que mamãe vai adormecer em pouco tempo e que iremos ver o corpo de sua consciência se levantar lentamente acima da cama. Gostaria então que tentássemos estimular particularmente sua atenção...

- Tenho tanto para dizer, você sabe!

- Eu sabia ... foi justamente por isso que vim ... Você bem sabe que a minha doença é apenas um pretexto para encontrá-la. Ajude-me a conservar você em mim.

Sei que sonho e que quero levar comigo o seu rosto!

- Não é o meu rosto, mas o som de minha voz, o sentido das minhas palavras e da minha presença que quero que você conserve. É para o nosso equilíbrio e também o de papai. Permita-me lhe falar muito claramente ao lado de meus amigos...

“No entanto, há uma coisa que lhe peço com um pouco mais de insistência: não escolha um lugar onde se forçará a hora de meu nascimento para se ajustar a horários cujo único mérito seria

agradar ao corpo médico. Ainda uma vez, não seria dramático, mas os meus terceiro e quarto plexos poderiam ser prejudicados durante os dois ou três primeiros anos, tornando meu sono mais difícil.

“Se não houver dificuldade fisiológica para resolver, deixe a natureza fazer seu trabalho. Ela sabe quando eu devo vir e por que naquele momento preciso em vez de um outro...”

S... suspira novamente como que para se desfazer de uma tensão que seu olhar, no entanto, não trai. Após um longo silêncio, um fluxo de palavra por fim se dirige do seu coração para o nosso.

- Enfim, vocês chegaram... não conseguia chamá-los. Há vinte e quatro horas não consigo deixar as irradiações do corpo de mamãe. Estou como que fixada às correntes de luz que jorram de seu ventre e toda a minha energia parece engolida por ela. Estou sendo aspirada num turbilhão, no centro de um ciclone.

“Ajudem-me, pois o que eu temia acontece, começo a duvidar de tudo. Há momentos em que creio perder toda a minha identidade. Os pensamentos de mamãe se misturam aos meus, suas interrogações tornam-se as minhas e, então, não sei mais quem sou. Se ela fica feliz, começo a chorar de alegria, se ela tem frio, reaprendo a tremer.

No silêncio branco da sala de parto, um grito agudo acaba de soar de repente, seguido de um outro e ainda de um outro... Colocam-no logo sobre o ventre de sua mãe em meio a duas palavras e dois sorrisos que tecem seu momento de felicidade, muito simples... Oh... tenho os olhos fechados, mas vejo tudo... e bem longe, ao meu redor agora... Papai vem vindo, eu sei, ele está empurrando a porta! Eu não sabia que ele era tão grande! “E esta mão... É a primeira vez que eu a sinto, que eu adivinho seu peso, sua forma. Ele me dá seu calor... É disso que eu preciso! Será que ela sabe? Eu a compreendo, creio que eu compreendo tudo... Tomara que eu me lembre! Sufoco e, no entanto, há algo de maravilhoso aqui... Não quero perder este amor!

“É bonito voltar, descer de novo. Digam-no! Digam bem alto! Mas, vocês sabem, eu... eu acredito, eu sei que, de fato, ninguém desce nunca. Vejo uma escada que se deve subir... Então, sempre, sempre subimos! Vocês contarão tudo, não é? Não esqueçam!”

(401)

O médico Carl Jones durante muitos anos investigou, cientificamente, a paranormalidade durante a gravidez e o parto, donde seu parecer técnico sobre este tema, além de elencar diversos casos práticos no seu livro “Gravidez e Paranormalidade”:

“Os pais experimentam várias experiências intuitivas durante a gravidez. Entre estas estão intuições sobre a concepção, sobre o sexo do bebê, lampejos de percepção sobre as características do bebê ou possivelmente problemas de desenvolvimento, sensações de comunicação com o futuro bebê, frequentes experiências de telepatia entre a mãe e o pai, e até sintomas físicos de gravidez em outro membro da família além da futura mãe.

Os profissionais de parto frequentemente se acham mais intuitivos à medida que trabalham com a gravidez e o parto. É quase como se a capacidade intuitiva da mãe grávida pudesse influenciar e afetar aqueles que a cercam. Alguns profissionais de parto combinam sua intuição com seu conhecimento clínico e outros meios de diagnóstico.

Por exemplo, Laurine Kingston, parteira de Bennion, Utah, diz: “Eu sou uma combinação de habilidades clínicas, visão, linguagem corporal e intuição em minha prática. Sinto como se um pequeno pacote fosse colocado dentro da cliente no momento da concepção. Nesse pacote está o padrão total de como aquela pessoa vai ser e o que vai acontecer. Por isso, tento ver com a intuição. A intuição me ajuda a melhorar o milagre do parto para minhas clientes. Entretanto, a intuição de Laurine não surgiu automaticamente. Fui aprimorando minha intuição com o passar dos anos”, diz ela”. (402)

Gostaríamos de terminar este estudo com a questão nº 351, do “Livro dos Espíritos” de Allan Kardec:

“No intervalo que medeia da concepção ao nascimento, goza o Espírito de todas as suas faculdades?”

“Mais ou menos, conforme o ponto em que se ache, dessa fase, porquanto ainda não está encarnado mas apenas ligado. A partir do instante da concepção, começa o espírito a ser tomado de perturbação, que o adverte de que lhe soou o momento de começar nova existência corpórea. Esta perturbação cresce de contínuo até o nascimento. Neste intervalo, seu estado é quase idêntico ao de um espírito encarnado durante o sono. À medida que a hora do nascimento se aproxima, suas idéias se apagam, assim como a lembrança do passado, do qual deixa de ter consciência na condição de homem, logo que entra na vida. Essa lembrança, porém, lhe volta pouco à pouco ao retornar ao estado de Espírito”.

(2)

Após esta incrível constatação de como se dá, passo a passo, o processo de reencarnação do espírito, vamos analisar os aspectos da justiça dos homens aplicáveis aos direitos desse feto, ainda em gestação.

DIREITOS DO BEBÊ

O Código Civil, Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916, estabelece no seu artigo 4º: “A personalidade civil do homem começa do nascimento com vida; mas a lei põe a salvo desde a concepção os direitos do nascituro”. (403)

Esclareço para os leitores que o termo nascituro significa: o que há de nascer; que está gerado, mas ainda não nascido; em suma, é o feto em gestação no útero da mãe.

Diversas legislações, como a brasileira, entendem que a personalidade jurídica começa com o nascimento com vida, podendo serem citadas a da Itália e França, que consideram o nascimento completado com a separação integral do feto do corpo da mãe; sendo neste momento aplicada a proteção jurídica, independente da que concerne à sua genitora.

Vale salientar que, embora ainda não tenha personalidade jurídica, o nascituro é protegido civilmente, quanto à expectativa dos seus direitos hereditários; bem como penalmente, na legislação que pune, severamente, o crime de aborto.

O renomado jurista Carvalho Santos, lembra-nos os prolegômenos desta proteção ao nascituro, desde o Direito aplicado no Império Romano:

“Segundo o Direito Romano para que houvesse existência de personalidade era necessário que o feto já tivesse nascido (não fosse escravo, fosse viável e não “monstrum vel prodigium”), bem assim que estivesse completamente separado das vísceras maternas, e, antes da separação, havia quem o conservasse parte integrante delas...

Os Romanos não atribuíam personalidade ao monstro, talvez, por

um reflexo da lei Espartana, que só considerava pessoa quem fosse mais tarde forte e útil à Pátria num Campo de Batalha e, se mulher, capaz de produzir soldados vigorosos; há também quem afirme ter sido a superstição uma forte razão, pois os Romanos consideravam o monstro como um “ente de mau agouro”.

Depois de preenchidos todos os requisitos como: nascimento com vida, formas perfeitas e vitalidade, era então o homem considerado pessoa.

Os Romanos, pois, sem dúvida, além de tanto e tanto proteger a vida do nascituro também lhe reservavam direitos positivos “in utero”, em cujo gozo entraria logo que nascesse, e nas questões de herança nomeava-se-lhe um curador ao ventre... é certo e indiscutível que as Institutas e o Código de JUSTINIANO, o próprio Jurisconsulto PAULO nas várias disposições já citadas, assim como outros juristas Romanos já mencionados, protegeram sempre o nascituro e sempre lhe reservaram bens e prerrogativas jurídicas”.

(404)

Outrossim, no Código Civil de Portugal, estabelece o seu artigo 66, que o nascituro adquire a personalidade jurídica no momento do nascimento completo e com vida. O leitor pode até estar se perguntando, qual a importância prática de saber se o bebê nasceu com vida e morreu 10 segundos depois, ou se já nasceu morto?

Vamos lhe trazer a melhor doutrina autorizada sobre o assunto, nas sábias lições do mestre civilista Silvio Rodrigues:

“A restrição contida neste dispositivo pode ter enorme relevância na prática, pois, conforme se demonstre que o indivíduo nasceu morto, ou morreu logo após o nascimento, diversas e importantes consequências podem defluir. Por exemplo: suponha-se que um indivíduo morreu deixando esposa grávida; se a criança nascer morta, o patrimônio do de cujus passará aos herdeiros deste, que podem ser seus pais, se ele os tiver; se a criança nascer viva, morrendo no segundo subsequente, o patrimônio de seu pai pré-morto (que foi deferido a seu filho no momento em que ele nasceu com vida) passará aos herdeiros do infante, no caso, sua mãe”.

(405)

Assim, concluímos esta breve análise dos direitos do bebê, ainda no ventre da mãe até o seu nascimento. Seguimos, então, para mais um exemplo prático: de como a espiritualidade, através dos “Senhores do Carma”, prepararam, com muita eficiência, o processo de reencarnação da minha filha, Diana.

A REENCARNAÇÃO DA MINHA FILHA

Os mecanismos deste processo reencarnatório serão narrados logo adiante, em diálogos mantidos por minha esposa e alma gêmea, Tânia e o Dr. Ricardo, médico espiritual (desencarnado), que coordenou toda a implantação e organização do “Santuário Luz e Vida”, especialmente no que diz respeito à terapêutica utilizada nos trabalhos assistenciais da nossa instituição, desde o mês de agosto de 1995 até meados de 1999, quando foi substituído pelo seu assistente, o médico espiritual Dr. Antonio.

Desde que me casei com Tânia, em 22.02.92, ela sempre postergou o momento de termos filhos, colocando os projetos profissionais, cursos e viagens iniciáticas em primeiro plano, o que sempre concordei, nos primeiros anos, pois entendo que um casamento primeiro precisa de estabilidade emocional, psicológica e financeira, antes do casal ter maturidade suficiente para receber, com todo amor e atenção, o bebê.

Entretanto, com o passar dos anos, Tânia me confessou que ela tinha uma estranha sensação de que não sobreviveria ao processo de parto e assim ela adiava nosso projeto de um primeiro bebê. Eu intuía estar este problema relacionado a algum trauma de vidas passadas, o que poderia ter ocasionado, uma “gravidez de risco” com algum final trágico.

Este problema, finalmente, foi esclarecido, quando ela pressentiu um desequilíbrio no funcionamento da sua glândula tireóide, fato que acontecera, logo no início dos nossos trabalhos para fundarmos, com outros companheiros de estudos espirituais, o “Santuário Luz e Vida”. Ela pediu para se submeter ao tratamento de acupuntura com a equipe espiritual, bem como procurou uma endocrinologista para a comprovação e acompanhamento do seu tratamento. Assim, ela se submeteu ao tratamento de acupuntura, através da incorporação do Dr. Ricardo (R) numa médium do “Santuário Luz e Vida”; salientando que ela (T) foi a primeira e única paciente da casa, a gravar

suas conversas, com um pequeno gravador, durante o tratamento, para documentar a veracidade dos trabalhos, abaixo transcritas:

“Hoje é 21 de setembro de 1995. Esta é mais uma sessão de acupuntura, na 5ª feira. Esta é a sexta sessão e, na sétima, eu já serei liberada.

R - Estamos gravando alguma entrevista, hoje?

T - Estou gravando o que você fala para mim. Para eu refletir com calma, depois.

R - As informações estão sendo transmitidas num ritmo muito acelerado, para vós?

T - Não. Eu tenho pensado muito sobre as informações que você me passou na vez passada.

R - O vosso útero está limpo. Quando retornardes do jejum sexual, deverás ter tomado a decisão da maternidade, pois os laços estão bem mais próximos de vós. Se vós quiserdes poderá engravidar. Compreendes?

T - Compreendo. Só que eu vou viajar este mês que vem e eu prefiro engravidar quando eu voltar de viagem.

R - Observe o vosso racional. Toda vez que vós antecipas o racional, eliminas todo o trabalho aúrico, pois o racional, às vezes, funciona como obstáculo para que o espírito desperte e, nós estamos sempre a nos justificar com possibilidades materiais, acontecimentos, infortúnios. Não nos despreocupamos para favorecermos aos espíritos, para sentirmos as essências divinas que circulam em nossos corpos sutis.

No momento em que vós colocais o racional para explicar vossas resistências, vós perderais o fio de todo o crescimento que tem obtido no tratamento espiritual, pois vossa tireóide foi apenas um caminho para que se aproximasse de nós e pudéssemos, não apenas desenvolver o trabalho físico, mas o trabalho mental e espiritual.

(Ele toca no “ chacra” esplênico)

R - Sentes a vibração anterior? Observe.

T - Sinto.

R - Agora observe que a vibração se intensifica, quando estamos mais próximos do útero. É o vosso desígnio. Nós estamos apenas auxiliando. Vós deveis encontrar as vossas resistências e elaborá-las. Tente desenvolver um pensamento carinhoso, amoroso, reconciliador. Enquanto estiveres resistindo, toda esta região estará pulsando por um motivo muito simples: a resposta do corpo físico é somática. Através do toque das mãos, vós podereis

fazer a leitura do vosso corpo físico, a partir das entradas e saídas energéticas. Na região uterina, concentram-se centros de força que funcionam dinamicamente, potencializando a energia que circula em vosso corpo físico. Compreende?

Vós estais a imaginar: por que neste momento estão sendo revelados tais acontecimentos do passado?

Nós estivemos em contato com um espírito muito conhecido vosso. Nós estivemos em contato com o espírito que vai encarnar através de vós, quer dizer, nós achamos que vai, a depender dos desígnios do alto.

Nós temos o hábito de nos encontrarmos nas colônias espirituais, onde nos são passados alguns casos. Às vezes, não estão na nossa esfera de trabalho, mas, às vezes, estão envolvidos com os nossos pacientes.

T - Conte-me do seu encontro com o espírito.

R - Este espírito se chama Maurício. Mas, no momento em que viveu convosco, chamava-se Mariana.

Era uma amiga muito fiel, até que disputaram o amor do mesmo homem.

E, uma amizade até então imaculada, começou a povoar-se de rancor e mágoa, pois ela fora preterida por este homem que, hoje, é reencarnado como vosso marido.

Numa outra encarnação, vós fostes mãe desse espírito e deixastes desencarnar por falta de cuidados maternos. Identifique, hoje, em vosso cotidiano, a preocupação excessiva com cuidados aos vossos seres queridos. Relaxe o corpo. Nós estamos narrando os fatos, apenas para ilustrar momentos que vós, às vezes, esqueceis. E, achamos por bem, assim, proceder. Até que em um outro momento sentimos a necessidade de resgatar, involuntariamente. Nós sentimos, na maioria das vezes, que as nossas “neuras”, como são chamadas, vulgarmente, levam-nos para perguntas com respostas que, para tomarmos decisões, necessitamos entendê-las.

E, este espírito que deverá ser um dos que reencarnará através de vós, não mantém qualquer laço de animosidade convosco, mas, vós, instintivamente, sentes a ameaça da divisão.

R - Liberar a vossa mente quer dizer: liberar-te das amarras do passado. Liberar o espírito que está por vir. Deverá saber um pouco do passado deste espírito.

Terás que ter muita abnegação, muito equilíbrio, muita estrutura para conduzi-lo no caminho do bem. Mas, vós sois forte. Vós conseguireis eliminar as influências que, por ventura, se façam presentes.

Se vós rejeitardes este espírito, mesmo sabendo que é um ser que está ali disposto a recuperar o tempo perdido, literalmente, imagine sempre a imagem de Jesus perdoando Madalena e todos aqueles que lhe atiraram pedras. Trabalhe com o perdão, sempre! E relaxe. Basta isso. Prepare vossa mente para a maternidade. Vós estareis pronta quando dissesstes: “eu estou pronta”. Não vos esqueçais disso.

T - Ele está sendo preparado para vir?

R - Ele está preparado e aguardando, há muito tempo.

T - Quanto tempo?

R - Cinquenta anos.

Antes de vós reencarnardes, vós tivestes uma vida muito curta, anterior a esta encarnação. E, tivestes uma gravidez precoce que a levastes a vida material. Justamente porque não perdoastes, não pudestes suportar o choque vibratório da maternidade.

T - Por isso é que eu tenho medo de morrer de parto?

R - Pois sim. Certamente, ainda existe um registro muito forte em vossa aura e, durante todo esse tempo, racionalmente, estivestes protelando a maternidade. É uma questão de aceitação e perdão. Qualquer percepção em vosso campo aúrico de um outro ser, de um outro espírito, porém, preste atenção na sensação, dissolva... aproveite qualquer encontro que aconteça para liberar-se do passado.

Vós estais a preparar-se para momentos importantes em vossa vida. Nós estamos fazendo um trabalho de preparação para uma futura gravidez. Nós estamos desobstruindo os vossos meridianos. Estamos colocando-a em contato com a espiritualidade que, até então, desconhecia praticamente. Terás mais experiências espirituais. Deverás absorver esse momento e, na totalidade da qualidade dos acontecimentos, formar opiniões, tomar decisões. Vós estais com os instrumentos em vosso poder. Tendes o livre arbítrio de iniciar o trabalho ou de guardá-lo, até que possais retomá-lo em outro ponto de vossa caminhada. Mas, nesta encarnação, vós poderais interromper o processo de gravidez, mas, retornarás em outra. De que adiantará o adiamento?

Vós, hoje, tendes em vosso encontro, vosso ambiente familiar, um espírito muito especial que, hoje, está encarnado como vosso marido, mas, já fordes muitas outras coisas para vós. Aproveite a oportunidade.

Vós estais tendo a oportunidade do conhecimento que muitas outras pessoas não dispõem desta oportunidade e agem instintivamente. É mais difícil você auscultar o seu íntimo quando se está distante e as mazelas espirituais se aproximam, a matéria torna-se emergente.

Compreende o que estamos dizendo?

Nós tivemos um trabalho muito árduo para retirá-la da vossa profissão, que iria, possivelmente, levá-la para muito distante e encontramos o caminho e retornamos e aqui estamos.

Porém, o momento é de decisão.

Vós poderais continuar dizendo que não estais pronta. Mas, no íntimo, vós conhecereis a resposta e desenvolvereis o vosso trabalho, e a maternidade será apenas um passo. Um passo seguro e equilibrado.

T - Eu vou seguir as instruções que combinam com a minha maneira de pensar.

R - Pois sim.

T - Apesar de achar que a minha profissão é muito importante para mim.

R - Não a vossa profissão jurídica, mas a vossa profissão anterior, em que tinhas o desejo de afastar-se de nós. Ir para lugares distantes onde dificultariam o encontro. Não estamos, em nenhum momento, orientando para que vós deixais a vossa profissão. Não nos compreendeste bem.

T - Agora entendo.

R - Nós dissemos que, anteriormente, em vossa profissão, nós interferimos com o livre arbítrio que nós temos e o livre arbítrio que vós tendes, nos permites-te fazer isso. Às vezes, nós estamos envolvidos na matéria e nos esquecemos que, paralelamente a ela, existe uma realidade espiritual, e, que nós temos os nossos mentores espirituais, que nós estamos pedindo ajuda, e, quando a ajuda vem, nós não percebemos. Nós pedimos ajuda a Deus e Deus tem os seus emissários que, conseqüentemente, são os nossos mentores, são amigos que nos têm estima e, que estão ligados a nós por laços fraternais e, que trabalham para que a nossa encarnação seja feita da forma mais coerente possível.

T - Eu agradeço por toda a orientação que estou tendo.

R - Não estamos orientando-a para induzi-la a tomar decisões. Apenas, alertando-a para a necessidade de tais decisões.

T - Quem foi Sérgio para mim, que você falou?

R - Isso nós não podemos informar, pois atrapalharia o vosso relacionamento, devido às pendências cármicas, mas, no íntimo vós conheceis a verdade.

Apenas busque a totalidade do ser - aquilo que o ser tem de melhor. E os dois espíritos estão no caminho correto e, chegarão, conseqüentemente, ao crescimento juntos.

Nós sabemos das limitações nossas, pois somos espíritos, também limitados. A diferença que nós temos entre vós é a ausência de um

corpo. Portanto, uma visão um pouco mais abrangente das causas e dos efeitos, mas, todos nós temos também, as nossas limitações. Nós e nossos coordenadores, os nossos superiores não estamos, aqui, numa postura de perfeitos, pois não somos.

Temos as nossas mazelas, às vezes, ao falarmos e atentarmos para os detalhes do cotidiano, nos parece a postura de perfeição, porém, insistimos, não somos perfeitos nem temos a verdade. A verdade é vossa. Nós apenas falamos o que estamos identificando e percebendo. Cabe a vós caminhar com as vossas pernas. Isto quer dizer: quaisquer assuntos. Não apenas os assuntos espirituais, os assuntos emergentes, mas também os assuntos materiais.

As mulheres quando iniciam o seu processo de espiritualização, elas expurgam muitas energias pelos ovários, e, os homens pela próstata. Normalmente, este processo é imperceptível, no cotidiano. Nós estamos a eliminar as nossas impurezas, não apenas pelas glândulas sudoríporas, pelos intestinos grossos.

A região uterina é a região por onde dá-se a ligação divina. Normalmente, as mulheres têm problemas uterinos. Normalmente as mulheres digerem as suas mágoas na região uterina. As mágoas com a profissão, as mágoas com os sentimentos, as mágoas com as realizações. Todas são digeridas, literalmente, na região uterina...

Hoje é 28 de setembro de 1995, uma 5ª feira. O último dia do tratamento da acupuntura, ou seja, hoje é o dia da revisão.

R- Hoje é a nossa sessão de despedida e vós imaginais que teremos mais revelações para vós.

T - Certamente.

R- Se sentir dor, acuse-nos. O vosso ventre encontra-se borbulhante. Por isso, sugerimos que as decisões sejam pensadas, para que vós não venhais a vos sentir conduzida. O trabalho energético, que foi feito convosco, liberou toda a vossa fertilidade. Garantimos que o dispositivo intra-uterino não é contraceptivo para vós, neste momento.

Sugerimos que, se, verdadeiramente, estivesdes disposta à maternidade, providencie o vosso preparo psicológico.

Vós estais pronta. Tivestes o merecimento de serdes trabalhada, o privilégio de obter a preparação que todas as mulheres deveriam, antecipadamente ao parto e à gestação, vivenciar a harmonização dos corpos sutis.

Vós conversardes com o vosso cônjuge?

T - Conversei.

R - Não costumamos fazer revelações do passado. Apenas, trouxemos à tona tais revelações, no intuito de liberar traumas que

estavam obstruindo os vossos canais energéticos.

Nos despedimos, aqui, do nosso tratamento espiritual, pois, agora, tendes condição de estruturar a vossa caminhada de forma sensata, sensível e equilibrada”.

CAPÍTULO XII

UMA VISÃO ESPIRITUAL DA BIOÉTICA

“Toda vez, quando a cultura e a civilização enlouquecem, agredindo a moral e a ética, a fim de que esboroem os ideais de engrandecimento humano, a maternidade é perseguida e o seu valor submetido ao desrespeito”.

Divaldo P. Franco

A Bioética, que etimologicamente significa “ética da vida”, é formada por dois vocábulos gregos: “bios” - vida e “ética” - costumes; tendo por objetivo a busca de benefícios, da garantia da integridade do ser humano; em outras palavras, é uma disciplina que busca mais humanismo nas ciências biológicas, nas práticas médicas e nas experimentações científicas, que utilizem seres humanos.

Esta palavra começou a se popularizar em janeiro de 1971, com a publicação do livro “Bioética: A Ponte Para o Futuro”, do biólogo Rensselaer Potter, da Universidade de Wisconsin - EUA, num sentido macro, com conotação ecológica e holística; já o obstetra holandês da Universidade de Georgetown - EUA, Andre Hellegers, foi o primeiro a usar o termo aplicado à Medicina ou Biologia, ao fundar, em julho de 1971, o Instituto Bioético de Reprodução Humana; enfatizando que os temas mais constantes são as manipulações genéticas e os direitos reprodutivos.

Isto nos faz lembrar dos geneticistas espirituais, que são responsáveis pelo mapeamento genético dos futuros corpos físicos a serem habitados pelos espíritos reencarnantes, como leciona o sensitivo Divaldo Franco:

“Concomitantemente, de acordo com a ficha pessoal que identifica o candidato, é feita a pesquisa sobre aqueles que lhe podem oferecer guarida, dentro dos mapas cármicos, providenciando-se necessários encontros ou reencontros.

Executada a etapa de avaliação das possibilidades e a aproximação com a necessária anuência dos futuros pais, são meticulosamente estudados os mapas genéticos de modo a facultarem, no corpo,

a ocorrência das manifestações físicas como psíquicas, de saúde e doença, normalidade ou idiotia, lucidez e inteligência, memória e harmonia emocional, duração do cometimento corporal e predisposições para prolongamento ou antecipação da viagem de retorno, ensejando, assim, probabilidades dentro do comportamento de cada aluno à aprendizagem terrena”. (406)

Assim, a bioética é um conjunto de reflexão e ação baseada no pensamento crítico a um modelo desumano de ciência e segundo a pesquisadora Fátima Oliveira, no seu livro “Bioética - Uma Face da Cidadania”, existem diferentes ênfases nas escolas de bioética:

“Escola de Bioética Norte-americana - centrada na defesa dos direitos pessoais (microbioética - o pessoal/privado: o ser humano);

Escola de Bioética Européia - mais preocupada com o resgate da função social das ciências biológicas (macrobioética - o coletivo/público: a humanidade);

Escola de Bioética Latino-americana - voltada para a defesa dos direitos da coletividade e com “uma opção preferencial pelos pobres”. Recebe forte influência da Igreja Romana, que juntamente com a presença maciça de profissionais da medicina, confere a esta corrente uma aparência de feudo médico/religioso;

Escola de Bioética de Inspiração Filosófica Oriental - esboçada nos marcos de uma visão holística da vida e do mundo, encontra-se ainda em fase inicial, com desenvolvimento em curso nos países asiáticos”. (407)

Ainda no citado estudo, temos os mais destacados princípios laicos e religiosos, que norteiam a bioética:

“A bioética laica adota como princípios a autonomia ou o respeito à pessoa, a beneficência ou não maleficência e a justiça, que constituem a chamada trindade da bioética. Alguns teóricos acrescentam o Princípio da Qualidade de Vida (PQV), outros, a alteridade, vista como um critério que envolve a trindade da bioética, princípios considerados básicos.

A bioética religiosa acrescenta a sacralidade e a natureza da vida humana; o ser humano senhor da Natureza; as relações ser humano x natureza; o respeito à totalidade; o princípio do duplo efeito e os meios ordinários e extraordinários de garantir a saúde

Convido, meu amigo leitor, a uma viagem pelas fantásticas descobertas da Engenharia Genética e dos direitos reprodutivos, dentro de uma abordagem espiritual da Bioética.

NA ENGENHARIA GENÉTICA

A Genética clássica surgiu com Gregor Mendel, que publicou os resultados das suas experiências sobre a hereditariedade em 1866, revelando as leis da sua transmissão. Entretanto, somente em 1900, com o redescobrimto das leis de Mendel, os biólogos puderam realizar análises genética e citológica em animais, plantas e microorganismos. Com o advento de técnicas microscópicas mais sofisticadas e desenvolvimento de substâncias químicas que interferem na fisiologia celular, avançou-se no conhecimento da célula, da sua morfologia e atividade. Ademais, reconheceu-se que os cromossomos são os suportes dos fatores hereditários (os genes), que contém a informação necessária para se construir um organismo. A Bioquímica passou a dominar no campo da dimensão microscópica; sendo na década de 1950, que se deu a descoberta da estrutura molecular do DNA; este código genético é um dos conhecimentos primorosos da moderna Biologia. Assim, a Genética Molecular, abriu caminho para a técnica do DNA recombinante, clonagem e outras aplicações biológicas, principalmente, em experiências desenvolvidas entre 1962 e 1980, originando a grande revolução tecnológica conhecida por Engenharia Genética. Com esta técnica o DNA genômico pode ser fragmentado, modificado e sobretudo reassociado com segmentos de DNA de outras espécies e os genes respectivos multiplicados milhões de vezes em réplicas idênticas, processo que se denomina por clonagem de genes.

Apesar da busca respeitável da Genética, em suprimir futuras enfermidades degenerativas como o câncer e a AIDS, evitando o código genético que dê início às citadas doenças no corpo do indivíduo, que está por nascer; muitas vezes, esta modificação nos genes do bebê poderá afetar a sua programação reencarnatória. Porquanto muitos espíritos endividados, carnicamente, que se liberados da doença já prevista de nascença, deverá incidir em outro mecanismo depurador, a fim de, vivenciando certas dificuldades, vir a crescer e evoluir.

Para melhor situar o leitor, vamos elencar os fatos e datas mais relevantes na

história da Genética relativa à procriação dos seres humanos:

25.07.78 - nasceu o primeiro “bebê de proveta”, na Inglaterra, Louise Brown;

1980 - fundado o primeiro Banco de Embriões Humanos - Austrália;

1983 - nasce a primeira criança originada de um óvulo doado, fertilizado pelo marido; a gravidez foi desenvolvida no útero da esposa;

1984 - nasce na Austrália, Zoe, a primeira criança oriunda de um embrião congelado;

1986 - caso Baby M. - a “mãe de aluguel”, Mary Beth Whitehead, de Nova Jersey, EUA, recusa-se a entregar sua filha ao casal contratante. A Justiça dá ganho de causa ao casal.;

1989 - caso Davis x Davis (EUA) - primeira notícia de briga na Justiça entre um casal pelo direito aos embriões congelados;

1992 - caso da viúva de Toulouse (França) - primeira briga na Justiça pelo direito de implantar embriões após a morte do marido;

1993 - é anunciada, em 18 de outubro de 1993, pelos norte-americanos Jerry Hall e Robert Stillman, pesquisadores da Universidade Católica de George Washington, EUA, a clonagem de embriões humanos;

1997 - é anunciado o nascimento da ovelha Dolly, obtida por clonagem de última geração (óvulo desnucleado de uma ovelha e núcleo de célula somática de outra ovelha), pela equipe do cientista Ian Wilmut, do Roslin Institute, Edimburgo, Escócia.

O mais importante foco de pesquisa da genética na atualidade é o denominado “Projeto Genoma Humano”, iniciado em 1990, tem por finalidade o mapeamento genético de todas as células do corpo humano; através de cientistas americanos, japoneses, ingleses e alemães, com o objetivo de prevenir doenças cuja matriz seja hereditária.

NO BEBÊ DE PROVETA

Algumas vezes, a mulher não consegue engravidar pelos métodos naturais, sendo necessária a aplicação de técnicas de inseminação artificial, então, torna-se oportuna a lição do escritor espírita Ricardo di Bernardi, sobre este tema:

“As inseminações artificiais humanas, são classificadas em dois grupos: Inseminações Homólogas e Heterólogas. Chamam-se homólogas quando feitas com material do próprio casal, sejam “in-vivo” quando se colhe o sêmen do marido e inocula-se no útero da esposa, ou “in-vitro” quando a fecundação se dá na proveta laboratorial e se injeta posteriormente o embrião obtido no útero da mesma mulher que doou o óvulo.

As inseminações artificiais humanas heterólogas são aquelas em que o material não é do próprio casal. Se o problema estiver no útero ou no ovário da esposa, será preciso captar óvulos de uma doadora, inseminá-los “in-vitro” com o espermatozóide do interessado e transferir o resultado para uma mãe de aluguel que poderá ser a doadora de óvulos ou ainda, uma outra pessoa. Quando o problema é do marido, há a possibilidade de se recorrer ao sêmen de um doador às vezes colhido previamente e congelado”.
(408)

É natural questionarmos a situação do espírito reencarnante, mas ele será adequado à evolução tecnológica aplicada para favorecer o seu renascimento, pois será atraída por sintonia vibratória aquela entidade que, carmicamente, mereça passar por este tipo de experiência.

Neste item, é oportuno lembrar o problema do congelamento de embriões, porquanto na inseminação artificial a mulher tem de 10% a 20% de possibilidade de engravidar e, às vezes, quando o tratamento é exitoso, sobram alguns embriões congelados, sendo a tendência mundial pelo seu armazenamento, durante o prazo de 3 anos.

Acreditamos, que nem todo processo de desenvolvimento embrionário, obrigatoriamente, leva a uma ligação com o espírito reencarnante; neste estágio, seriam os embriões um mero grupo de células sem nenhum impulso espiritual à sua evolução. Apenas com a sua implantação no útero da futura mamãe, seria procedida a sua conexão com o espírito reencarnante. Basta ter bom senso para constatar que a espiritualidade, não permitiria que um espírito ficasse 3 anos ligados a um embrião congelado, aguardando tal decisão.

O pesquisador espírita Eurípedes Kuhl tece suas considerações a respeito desta

polêmica matéria:

“Sabendo que a vida inicia já a partir da fecundação, a muitos assalta a preocupação de como estariam os Espíritos jungidos aos embriões congelados, talvez assim permanecendo nas provetas dos laboratórios por esticados períodos.

Exercitando a análise, vamos em busca das possíveis respostas:

- Corpos sem alma (“O Livro dos Espíritos”)

- nas Questões 136-a e 136-b, consta que podem existir corpos sem alma, sendo apenas uma massa de carne sem inteligência;*
- na Questão 336, consta que Deus proveria os casos em que um corpo que deve nascer não encontrasse um Espírito para nele reencarnar-se;*

Com Kardec, no outro capítulo “União da alma e do corpo”, Questões 344 a 356-b, de “O Livro dos Espíritos”, encontramos a segura orientação:

- no momento da concepção, o Espírito se une em definitivo ao corpo, por laços ainda frágeis, podendo haver mortes prematuras, tanto pela imperfeição da matéria, quanto, principalmente, por tratar-se de prova, tanto para ele quanto para os pais;

- há casos em que jamais houve um Espírito destinado aos corpos, nada devendo se cumprir neles.” (409)

NA BARRIGA DE ALUGUEL

Efetivamente, algumas vezes as mulheres têm dificuldade de fixação do ovo fecundado, através da nidação, ocorrendo abortos naturais; sendo necessário se optar pelo “útero de empréstimo”. Parece-nos cristalina a existência de uma simbiose fluídica entre as “mães de aluguel” e o feto, sendo indispensável a existência do amor, ternura e carinho neste processo.

Outrossim, é inevitável uma ligação bipolar entre o espírito reencarnante, sua mãe biológica e a hospedeira, sendo esta intensidade de sintonia proporcional aos pensamentos amorosos destinados ao futuro bebê.

Nos Estados Unidos, a legislação permite que a mulher alugue o útero e receba de 10 a 100 mil dólares, ao passo que, no Brasil fica proibida tal espécie de locação, somente sendo autorizada a concessão do útero, de forma gratuita, entre parentes até o segundo grau.

Por fim, faz-se relevante avaliar a consequência psicológica para a mãe de aluguel, que após 9 meses de convívio umbilical com o bebê, quando do seu nascimento terá de ser entregue a sua mãe biológica, ao final do contrato, desconsiderando-se totalmente o lado humano de vínculo sentimental e energético com aquele pequeno ser, que acaba de vir ao mundo; tendo sido, este problema específico, até motivo de enredo de uma novela da Rede Globo de Televisão, devido às polêmicas que envolvem este tema.

NA ESCOLHA DO SEXO DO BEBÊ - EUGENIA

O processo de determinação do sexo em embriões ou sexagem, constitui, hoje, uma possibilidade real da Engenharia Genética; sendo conhecidos, na História, casos em que bebês do sexo feminino foram mortos, logo ao nascer, pelo simples fato de serem meninas, a exemplo do ocorrido na cidade grega de Esparta, renomada pelo seu poderoso exército.

Na verdade, é o homem que fornece o par de cromossomos determinantes do sexo do bebê, através do seu espermatozóide com os genes do tipo “xy”, que se juntará ao óvulo feminino, possuidor do par de cromossomos “xx”, resultando um bebê de sexo masculino; caso o espermatozóide seja do tipo “xx”, terá como consequência um bebê com o sexo feminino. Acreditamos que as imanações vibratórias da energética espiritual irá, magneticamente, influir na determinação do sexo do bebê, de forma a capacitá-lo a desenvolver as experiências necessárias ao seu processo evolutivo, na nova encarnação.

Conforme estudo do pesquisador Geraldo Medeiros, no seu livro “A Consciência Encarnada e o Corpo Humano”, existe íntima ligação entre as energias do espírito reencarnante e a estrutura genética do ser em formação:

“A energia descarregada no físico através do hipofluxo é irradiada para todas as células do corpo. Esta energia é absorvida pelo núcleo celular, processada e irradiada para todo o complexo e armazenada

pelas mitocôndrias. Após isso realizado, o procedimento final, através do qual os genes podem atuar, é predeterminar em cada célula do corpo quais e em que ordem os aminoácidos devem se compor para fabricar diferentes proteínas. Neste caso o dispositivo inicial para a ativação organizacional deste complexo é a energia consciencial.

Em suma, o ADN age como um agente organizador orgânico impelido pela energia proveniente da consciência já anteriormente denominada Modelo Estrutural Energético da Consciência, MEECE. “ (410)

Vale ressaltar, ainda, importante ensinamento do notável escritor espírita, Divaldo Franco, sobre este tema:

“Em decorrência, é de fundamental importância que o Espírito reencarnado se sinta perfeitamente identificado com a sua anatomia sexual, mantendo os estímulos psicológicos em consonância com a mesma.

Quando a ocorrência é diversa - função emocional diferente da forma física - encontra-se em reajustamento, que deverá ser disciplinado, evitando a permissão do uso indevido, que proporciona agravantes mais severos para o futuro.

*Eis porque é de vital importância o respeito que os pais devem manter em relação ao sexo dos seus filhos, evitando **interferir** psiquicamente no processo da sua formação, quando o zigoto começa a definir a futura forma consoante o mapa cármico do reencarnante.*

*É natural que se tenha opção por essa ou aquela expressão sexual para o ser amado; no entanto, não deve ser tão preponderante que, em se apresentando diferente do que se deseja, o amor sofra efeitos negativos. Outrossim, a invigilância que pode originar-se na genitora optando e impondo o seu desejo sobre o ser em desenvolvimento, poderá contribuir para alterar a constituição molecular, atendendo-lhe psicocineticamente a aspiração. Não obstante, porque fora da programação evolutiva do Espírito, essa **mudança** pode trazer-lhe prejuízos emocionais e comportamentais.” (277)*

Já quanto à Eugenia, propriamente dita, é o conjunto de métodos que visam melhorar o patrimônio genético de famílias, populações ou da humanidade, pelo entravamento

da reprodução de genes considerados desvantajosos (*eugenia negativa*), ou pela promoção da reprodução de genes considerados benéficos (*eugenia positiva*).

Acontece, que na História da Humanidade, tivemos alguns ditadores que tentaram criar em vão, uma raça superior, como foi o caso de Adolf Hitler, na Alemanha; só que o sonho do Nazismo de criar uma raça pura ariana, caiu por terra, além de ter trazido inúmeros infortúnios a tantas vidas.

Entretanto, em alguns vegetais e animais, a eugenia tem prosperado, criando novas espécies “transgênicas” resistentes às pragas nas plantas; e aumentando o desenvolvimento muscular e de peso nos animais. Saliente-se que, ainda não se aquilatou o enorme prejuízo causado, pela indiscriminada utilização dos hormônios de crescimento nas aves e no gado, que vêm trazendo à nossa saúde.

A Eugenia também recomenda a interrupção da gravidez, visando evitar o nascimento de fetos enfermos ou deficientes, sem dar-se conta de que esta dificuldade é inerente às necessidades cármicas, daquele espírito reencarnante. Por isso é que se faz necessário o conhecimento espiritual aliado ao da ciência, a fim de podermos caminhar na mesma direção.

A verdadeira Eugenia é aquela de natureza espiritual, decorrente dos progressos evolutivos do ser, composta de elevados valores morais a serviço do progresso da sociedade, como um todo. Hoje, a Genética já consegue identificar, no embrião, através do teste do DNA e dos cromossomos, se ele é portador da síndrome de Down, hemofilia, fibrose cística, distrofia muscular, doença de Huntington (degeneração do cérebro) e retardamento mental. Mas, que repercussão espiritual a eliminação deste embrião teria para os feitos e propósitos cármicos?

NA CLONAGEM

A clonagem é uma técnica ou procedimento, através do qual são fabricadas, cópias de genes ou células. A origem da palavra vem do grego “klan”, significando broto, ramo ou rebento.

Com efeito, a clonagem clássica ou tradicional, conhecida desde 1952, necessita dos gametas feminino e masculino e é uma imitação de um processo natural: a fissão gemelar, na qual um óvulo fecundado se divide, dando origem aos gêmeos univitelinos.

Outrossim, na natureza, a clonagem é muito comum pois, todas as células somáticas de um organismo pluricelular são, em si, clones, isto é, são geneticamente iguais, descendem do mesmo zigoto.

A clonagem tipo “Dolly” ou de última geração (cópia quase idêntica à doadora do patrimônio genético nuclear), dispensa espermatozóides para a geração de um novo ser, ao utilizar a *transferência de núcleo* de uma célula “adulta” (diferenciada).

Ademais, tal biotecnologia tem seus antecedentes em 1962, na pesquisa de J. B. Gurdon (Reino Unido), que usou raios ultravioleta para destruir o núcleo de um óvulo, no qual inseriu o núcleo de uma célula do intestino de girino e obteve girinos aparentemente normais.

Dentro de uma abordagem espiritual da clonagem, gostaria de colocar algumas questões para a reflexão do leitor:

Os clones serão criaturas reduzidas apenas a um aglomerado de células manipuladas por cientistas, preocupados em controlar o poder da vida? Será que essas vidas criadas, artificialmente, serão desprovidas de uma essência não-material, de uma alma?

Da mesma forma que na fertilização “in vitro” ou no “bebê de proveta”, ocorre a reencarnação do espírito, porquanto se repetiu os fatores que possibilitam o surgimento da vida, na clonagem seria o mesmo.

Tudo que o homem realiza, através da ciência, como em qualquer área de ação humana, conta com supervisão divina. Fica evidente, que a experiência de clonagem faz parte dos caminhos que a ciência irá trilhar, cada vez mais intensamente, dentro das lides da Engenharia Genética. É natural que esta nova técnica tenha que romper com tabus, como ocorreram em todos os momentos decisivos em que a ciência avançou, tais como as descobertas de Darwin sobre a evolução das espécies, o primeiro transplante de coração, o primeiro bebê de proveta e muitos outros.

Que fique claro ter estas experiências como objetivo primordial o benefício do ser humano. Por exemplo, a criação de vacas produtoras de leite em grande quantidade e com baixos teores de gordura, ovelhas que produzem maior quantidade de lã, etc.

Analisando, comparativamente, o ser humano original e o seu clone, teríamos dois seres geneticamente e fisicamente iguais, como já ocorre nos gêmeos univitelinos idênticos.

Entretanto, sabemos que gêmeos idênticos possuem personalidades, aptidões e inteligências completamente diferentes, mesmo tendo a mesma educação, vivendo e frequentando os mesmos ambientes. Por que isso acontece? Porque, apesar de possuírem corpos geneticamente idênticos, esses gêmeos são duas entidades espirituais encarnadas, completamente diferentes, com experiências e aptidões próprias. Do mesmo modo, na técnica de clonagem as aptidões e tendências dependerão do espírito reencarnante.

O que desejo esclarecer é que o clone é só do corpo físico, já que o espírito nunca poderá ser clonado; logo, para cada corpo formado caberá um espírito reencarnado. Ademais, no momento em que a clonagem humana vier a ser realidade, a ciência estará mais próxima, da espiritualidade, pois constatará que apesar dos dois terem o mesmo material genético e semelhança física, possuirão temperamentos e personalidades bem diferentes, porquanto existirá uma diferenciação espiritual. Para exemplificar melhor esta abordagem, vamos transcrever abaixo uma importante experiência realizada nos Estados Unidos.

Em fins de outubro de 1993, quando dois pesquisadores americanos Jerry Hall e Robert Stillman, professores da “Universidade George Washington”, anunciaram um impressionante

feito humano na área da Biologia: pela primeira vez na História, mãos humanas fizeram uma cópia perfeita (clone) de um embrião humano:

“Eis a experiência passo a passo:

- 1. Espermatozóides e um óvulo foram recolhidos de um estoque de pesquisa que a Universidade mantém em seus laboratórios;*
 - 2. O espermatozóide e o óvulo foram colocados numa proveta num meio que simula as condições do útero;*
 - 3. Como no processo natural de fecundação, um espermatozóide penetrou num óvulo, recoberto por uma fina camada gelatinosa de proteção. Na gestação normal essa camada protetora acompanharia o embrião até sua fixação na parede do útero. Aconteceu a primeira divisão celular;*
 - 4. Usando uma enzima os pesquisadores destruíram a camada protetora;*
 - 5. O embrião, nessa fase formado por apenas duas células, ficou exposto;*
 - 6. As células receberam uma nova camada protetora individual e cada uma passou a formar um novo embrião;*
 - 7. Os dois novos embriões foram colocados sob uma fonte de calor em condições semelhantes às do útero materno;*
 - 8. Cada embrião passou a crescer velozmente num processo que poderia resultar em dois bebês gêmeos idênticos, caso os embriões fossem implantados numa mulher;*
 - 9. Os pesquisadores interromperam a experiência no sexto dia e destruíram os dois embriões (nessa oportunidade, cada embrião tinha apenas 32 dos 75 trilhões de células que formam o corpo humano). Teoricamente poderiam repetir a experiência inicial, produzindo quantos embriões idênticos desejassem.*
- Os pesquisadores usaram células anormais, incapazes de se desenvolver num bebê e por isso a destruição dos clones não arranhou a ética, aliás, ao contrário, salvaguardou-a.*
- Destruir tais embriões foi ato de prudência, face a comoção social que a experiência iria causar, quando divulgada”. (409)*

Quando a sociedade, em geral, descobriu a que nível estava sendo experimentada a clonagem, e criticaram os cientistas Hall e Stillman, eles ficaram muito surpresos, pois tinham a melhor das intenções. Da mesma forma que os ingênuos físicos atômicos fizeram as bases fundamentais, para a posterior construção da bomba atômica.

É importante lembrar que vivemos numa época em que é imprescindível refletir sobre nossos atos, para evitar de nos conscientizarmos das consequências somente depois de uma catástrofe. Devemos pensar e refletir, sempre pautados na ética, bem antes de praticar ou não certas ações, mesmo podendo auferir reconhecimento científico mundial. Entretanto, nem os cientistas nem os cidadãos comuns, que pertencem a esta sociedade, obcecada por sucesso e lucro, estão preparados para isso. Se fosse na Inglaterra, Hall e Stillman, os dois americanos manipuladores de genes, seriam condenados por seus experimentos em humanos, a 10 anos de prisão, na Alemanha, a pelo menos cinco anos e no Brasil, a até 20 anos; mas, nos Estados Unidos, eles foram elogiados pelos colegas. Faz-se indispensável que os valores éticos da sociedade passem a ser preservados, antes que as indústrias possam iniciar o processo de patentear clones de seres humanos, apenas para fornecimento de órgãos, quando for necessário algum transplante.

Esta avidez pelo lucro em detrimento da ética, já pode ser comprovada até nas páginas da Internet, onde nas “home pages” americanas estão sendo levados à leilão óvulos e espermias de ganhadores do prêmio Nobel, ou seja, de gênios que possuem mais de 160 pontos de QI. Da mesma forma, foi anunciado no final de 1999, um “site” somente de óvulos de belíssimas modelos profissionais, cujos preços variam de 15 a 150 mil dólares, segundo o seu criador, o fotógrafo americano Ron Harris. É oportuno esclarecer que isso só é possível, uma vez que as leis federais americanas permitem a comercialização de espermia e óvulos; ao contrário do Brasil, onde é proibida.

A IGREJA CATÓLICA CONDENA?

Passaremos, agora, a analisar quais as condenações da Igreja Católica às pesquisas científicas para a reprodução da vida.

Vamos resumir uma matéria da “Revista Catolicismo”, de julho/97, da autoria de Murillo M. Galliez:

*“De fato, do ponto de vista da moral católica, a clonagem em seres humanos é condenável por três aspectos principais, o primeiro deles já decisivo, e os outros reforçando os motivos de condenação:
1 - Por ser um método de fecundação artificial, realizada in vitro, de*

modo totalmente antinatural.

2 - Por importar em manipulação de embriões humanos, ou de material genético humano, sem finalidades terapêuticas.

3 - Por acarretar a morte de elevado número de embriões humanos em experiências mal sucedidas.

A doutrina da Igreja sobre a fecundação artificial e seus desdobramentos está contida especialmente na Instrução Donum Vitae, da Congregação para a Doutrina da Fé, sobre o respeito à vida humana nascente e a dignidade da procriação, de 22 de fevereiro de 1987.

1) - A procriação de um novo ser humano só é moralmente lícita dentro do casamento e como fruto do ato conjugal normal dos cônjuges:

“O dom da vida humana deve realizar-se no matrimônio, através dos atos específicos e exclusivos dos esposos, segundo a lei inscrita nas suas pessoas e na sua união”. (doc. cit., Intr. 5, in Stanislavs Ladusans (coord.), Questões Atuais de Bioética, Ed. Loyola, São Paulo, 1990).

2) - Em consequência, é condenada como moralmente ilícita a fecundação artificial, tanto na forma de inseminação artificial como na de fecundação in vitro, mesmo quando realizada dentro do casamento, entre marido e mulher, e com todos os cuidados para evitar a morte do embrião. (cfr. doc. cit, II-B-6, in idem pp. 35-38)...

3) - O Embrião humano deve ser tratado e respeitado como pessoa de direitos, desde o momento da concepção.

“O ser humano deve ser respeitado e tratado como pessoa desde a sua concepção e, por isso, desde aquele mesmo momento devem ser-lhe reconhecidos os direitos da pessoa, entre os quais, antes de tudo, o direito inviolável à vida de cada ser humano inocente”. (doc. cit. I.1, in idem p. 22)

4) - Em consequência, é totalmente inaceitável, do ponto de vista moral, a utilização de embriões produzidos por fecundação in vitro para efeito de pesquisa ou de material biológico de reserva, ainda que utilizados posteriormente em finalidades lícitas...” (411)

Outra encíclica do Papa João Paulo II, a “Evangelium Vitae”, de 25.05.95, também analisa esta temática, condenando, com veemência:

“O aborto e a cultura abortista, que atentam contra a vida mediante produtos farmacêuticos que tornam possível a morte do feto sem necessidade de recorrer à ajuda do médico (nn. 12-13).

A contracepção e a mentalidade contraceptiva, que contradizem a verdade plena do ato sexual como expressão do amor.

As técnicas de reprodução artificial, que são “moralmente inaceitáveis porquanto separam a procriação do contexto integralmente humano do ato conjugal” (EV 14).

Os diagnósticos pré-natais que, com muita frequência, são ocasião para propor ou praticar o aborto. A legitimação, “na mesma linha do direito ao aborto, incluindo o infanticídio, retornando, assim, a uma época de barbárie que se acreditava superada para sempre...”(412)

Por fim, o escritor espírita Henrique Rodrigues, contestando as costumeiras posições ultra-conservadoras da Igreja Católica, comenta o assunto:

“A Igreja Católica cometeu o erro histórico da condenação de Galileu. Acabou se retratando. Agora, quanto aos clones, está dividida. Alguns condenam, algumas vozes tímidas vão com calma, temem a repetição de erro. E se Deus estiver querendo modificar a sistemática da reencarnação na Terra?

A vida revelou leis que proporcionam filhos aos que querem e não podem. Fecundação na proveta e agora a clonagem, que talvez atestem, como nas adoções, filhos do amor, sendo que as duas primeiras opções a igreja condena. A reencarnação tem prioridade. No mesmo jornal, Dom Lucas Moreira Neves, cardeal primaz do Brasil, diz coisas assim: “... em que circula a informação sobre um clone humano produzido por inadvertência preterintencionalmente em um laboratório clínico da Bélgica. Se for exata a notícia, é lamentável e preocupante... E os clones, poder-se-iam multiplicar ao infinito, todos iguais na sua aparência física como no seu comportamento psíquico”. Isso é grave, Sr. Cardeal como fica a afirmativa da sua Igreja: “Que cada alma é criada para cada corpo que nasce uma só vez”...

Não tememos o avanço da ciência, porque nela, o que chamamos de Deus sempre está”. (413)

LIMITES LEGAIS DA GENÉTICA EM HUMANOS

Como o leitor pode acompanhar, são inúmeras as inovações que a Engenharia Genética vem proporcionando, entretanto estes avanços espetaculares da ciência, precisam atender a certos limites éticos e morais, escolhidos por cada cultura e sociedade, em que estejam inseridos.

Basta reler o início do capítulo, quando conceituamos a “Bioética”, para verificar que ela é um dos pilares para a correta normatização das descobertas e aplicações da Genética; porquanto está baseada em três princípios fundamentais: a justiça isonômica (todos são iguais perante a lei); o respeito às pessoas e à dignidade humana e a beneficência (maximizar o bem e minimizar o mal).

A nossa Constituição Federal, já estabelecia desde 1988, em seu artigo 225, § 1º, incisos II e V, importante regulação deste tema:

“Para assegurar a efetividade desse direito, incube ao Poder Público:

II - preservar a diversidade e a integridade do patrimônio genético do País e fiscalizar as entidades dedicadas à pesquisa e manipulação de material genético;

V - controlar a produção, a comercialização e o emprego de técnicas, métodos e substância que comportem risco para a vida, a qualidade de vida e o meio ambiente”.

Vale esclarecer que a vigente Lei 8.974/95 (Lei Nacional de Biossegurança), concretizando o texto constitucional, estabelece normas para o uso de técnicas de Engenharia Genética e liberação no meio ambiente de organismos geneticamente modificados - OGM e, expressamente, veda a “Manipulação Genética de Células Germinais Humanas”, assim, em seu artigo 1º, esta relevante legislação, dispõe:

“Art. 1º. Esta lei estabelece normas de segurança e mecanismos de fiscalização no uso das técnicas de engenharia genética na construção, cultivo, manipulação, transporte, comercialização, consumo, liberação e descarte de organismo geneticamente modificado (OGM), visando a proteger a vida e a saúde do homem, dos animais e das plantas, bem como o meio ambiente”.

Além disso, também, restringe ao âmbito de entidades de direito público ou privado as atividades e projetos, incluindo os de ensino, pesquisa científica, desenvolvimento tecnológico e de produção industrial que cultivam OGM no território brasileiro (artigo 2º); ficando vedados, assim, às pessoas físicas, como agentes autônomos independentes, as atividades e

projetos mencionados na lei (art. 2º, § 2º). Portanto, legalmente, um cientista, isoladamente, não pode trabalhar com as técnicas de manipulação genética.

Ademais, em face da relevância da matéria, a lei estabelece, além da responsabilização civil, penas privativas de liberdade, de 3 meses de detenção a 20 anos de reclusão, consoante o disposto no art. 13 da legislação referida.

Conforme exposto, o arcabouço legal brasileiro, especialmente aplicado a clonagem nos seres humanos, inclusive a nível constitucional, nos dá segurança que, pelo menos no Brasil, o progresso da Genética não afrontará “a dignidade da pessoa humana”(art. 1º, inciso III, da Carta Magna).

Para concluir esta análise jurídica da matéria, gostaria de exemplificar com dois casos práticos de disputa judicial de embriões congelados, durante o divórcio dos casais, em tribunais dos Estados Unidos:

“O primeiro caso é da Suprema Corte de Nova Iorque, em 1995. Maureen Kass, de New Hyde Park, conseguiu a posse dos embriões congelados, produto de óvulos seus fecundados por esperma do marido. Divorciados logo depois da fertilização “in vitro”, ocorrida em 1993, disputavam judicialmente apenas sobre essa questão, da permanência dos embriões e sobre o direito de a mulher, no futuro, vir a implantá-los em seu útero. O juiz, Antony Roncallo, entendeu que “o fato seja simples, uma vez que os direitos do cônjuge varão terminam com a ejaculação. Em minha opinião, não há qualquer razão legal, ética ou lógica para que uma fertilização “in vitro” sirva de fundamento a qualquer direito adicional reconhecível ao marido”.

Para tanto, argumenta no sentido de que “num nascimento natural, as cortes sempre reconhecem às mães o controle legal sobre o feto; elas, assim, devem ter o mesmo poder sobre os embriões produzidos pela fertilização “in vitro”.

O segundo caso foi analisado pela Corte do Tennessee, no “Case” nº E - 14496, Davis V. Davis, relativo a sete embriões congelados, mantidos vivos no “Centro de Fertilidade de Tennessee”; quando ficou constatado que os embriões humanos não são propriedade; a vida humana começa com a concepção; é manifestamente do melhor interesse das crianças, “in vitro”, que estejam disponíveis

*para implantação uterina; tendo a corte prolatado sua decisão:
“A custódia temporária dos sete embriões humanos ... preservados
é concedida a Mrs. Davis para o propósito de implantação. Todas
as demais questões de manutenção, visitação, custódia final
e outras análogas serão consideradas e decididas pela Corte,
quando um ou mais dos sete embriões humanos sejam produtos
de nascimento com vida”.*

PLANEJAMENTO FAMILIAR E CONTROLE DA NATALIDADE

O planejamento familiar faz parte da vida e das decisões dos casais conscientes, que não aceitam correr o risco de uma gravidez indesejada, pois se utilizam dos métodos contraceptivos mais adequados ao seu caso.

Entretanto, historicamente, podemos atestar que o Brasil sempre adotou uma posição pró-natalista em matéria de população, em razão da grande dimensão do seu território; bem como da tradicional posição da Igreja Católica, que sempre condenou os contraceptivos.

Na minha opinião, é imprescindível mudar a mentalidade da sociedade brasileira, assegurando ao casal o seu direito à informação sobre planejamento familiar, bem como aos meios contraceptivos de sua escolha; como forma de diminuir a miséria e a fome da maioria dos brasileiros, que não têm condições de alimentar com dignidade sua família, com o salário mínimo aviltante que lhe é pago, ao final de sua jornada de trabalho.

Até mesmo nossa Constituição, estimula o crescimento populacional, estabelecendo no seu artigo 226, § 7º:

“Fundado nos princípios da dignidade da pessoa humana e da paternidade responsável, o planejamento familiar é livre decisão do casal, competindo ao Estado propiciar recursos educacionais e científicos para o exercício desse direito, vedada qualquer forma coercitiva por parte de instituições oficiais ou privadas”.

Já o controle da natalidade, tem por finalidade diminuir o número de nascimentos, de forma responsável, evitando uma superpopulação, tomando por base um eficiente programa de

planejamento familiar, que deveria ser prioridade do Governo Brasileiro, visando o nascimento de crianças sadias, que possam ter acesso à saúde, educação e moradia dignas.

A nível espiritual, antes de reencarnarmos, no plano mais sutil, existe toda uma programação cármica a ser executada na vida terrena, geralmente, com nossas aquiescências no tocante ao número de filhos que teremos.

Se um determinado casal deveria receber dois filhos, e somente teve um, pelo uso de contraceptivos, restará um compromisso cármico a ser cumprido com aquele espírito, que deveria reencarnar como seu filho (a), naturalmente, havendo um adiantamento dessa responsabilidade para sua próxima reencarnação; caso não haja um replanejamento dos seus mentores espirituais, para que ele participe do seu lar como sobrinho, neto ou filho adotivo.

No tocante ao assunto exposto, dou meu conselho de consultar sempre e honestamente a sua consciência, toda vez que a dúvida pairar sobre sua mente, pois pela intuição ou sintonia com nosso “eu superior” encontraremos as respostas às dúvidas (ou dívidas cármicas) a serem sanadas; entretanto, muitas vezes, não escutamos esta voz interior, que vem do nosso coração, e perdemos muito tempo até retomarmos a nossa verdadeira programação cármica.

Para fins didáticos os contraceptivos são agrupados em três métodos principais: de barreira, naturais e hormonais:

Os de barreira existem sob a forma de espumas, geléias, cremes e supositórios e são comercializados como espermicidas ou spermaticidas, esponja contraceptiva vaginal, diafragma, capuz cervical, camisa-de-vênus ou *condom*, e DIU (dispositivo intra-uterino).

Os naturais, principalmente, consistem na abstinência sexual, nos dias do ciclo menstrual nos quais a probabilidade de fecundação é maior, ou seja, no período da ovulação, é o método da tabela.

Os métodos hormonais, consistem na utilização de hormônios sexuais sintéticos para impedir a ovulação e, por decorrência, a concepção. Em outras palavras, é um mecanismo de

“enganar” o organismo feminino a fim de suprimir a ovulação; sendo seus principais tipos as pílulas de contracepção oral, injeções de progesterona; Depo-provera e Noristerat; implantes subcutâneos: Norplant I e II, e Implanon; anéis vaginais; DIU Hormonal; vacina antifertilidade; o RU - 486 e a nova pílula do homem, que inibe a produção de espermatozóides.

Por outro lado, também temos a chamada “esterilização”, sendo a mais comum, por meio cirúrgico, a vasectomia nos homens (bloqueios dos canais deferentes que conduzem o esperma) e a laqueadura nas mulheres (ligação das trompas para reter o óvulo).

É importante lembrar que, no final de 1999, nosso planeta completou seis bilhões de seres humanos, quatro vezes mais do que há um século e duas vezes mais do que a apenas quarenta anos, sendo projetado mais um bilhão, somente nos próximos dez anos.

Este crescimento demográfico está em desequilíbrio, porquanto as zonas mais ricas do hemisfério norte estão com sua população estabilizada; ao passo que nos países do hemisfério sul, os números do crescimento da população carente é alarmante.

Vamos citar o exemplo da Índia, que “comemorou”, no final de 1999 o nascimento do bilionésimo indiano, sendo de três chances contra uma a possibilidade de que o anônimo bebê tenha nascido numa família muito pobre e cresça sem teto, nem escola. Lembrando que, neste momento, mais de 300 milhões de indianos estão com fome e cerca de 500 milhões, a metade da população, não sabe ler nem escrever. Portanto, que motivo há para comemorar?

Estes dados são desconcertantes e, mais ainda, quando nos lembramos que a Índia já possui um arsenal atômico, para rivalizar com seu vizinho, o Paquistão; demonstrando para onde o seu governo canaliza os impostos pagos pela superpopulação.

Felizmente, o censo demográfico brasileiro realizado pelo IBGE em 1995, publicado recentemente, confirma a esperada redução na velocidade de crescimento da população brasileira, iniciada no final da década passada.

Portanto, devemos parabenizar os centros de planejamento familiar, que

aproveitando o apoio das doações de entidades filantrópicas, vêm desenvolvendo um trabalho eficiente, apesar da oposição do Catolicismo; devendo destacar o trabalho abnegado do notável cientista, Prof. Elsimar Coutinho, fundador do CEPARH - Centro de Pesquisa e Reprodução Humana, reconhecido nacionalmente nesta área.

Para concluir este capítulo, gostaria de ressaltar a importância de disseminar e tornar populares estes conhecimentos básicos sobre genética e bioética, a fim de que estejam ao nível de entendimento da maioria das pessoas, pois, assim, estes cidadãos poderão decidir, seu futuro através da eleição dos seus representantes no Congresso Nacional, que votarão as leis pertinentes à matéria, e contribuirão para que a humanidade possa trilhar o caminho da ética e da solidariedade. Porquanto existe uma ameaça real de concentração da biotecnologia, nos países mais ricos do Primeiro Mundo, que através da globalização do seu capitalismo selvagem, utilizam o “sistema de patentes”, para monopolizar os conhecimentos tecno-científicos, base do “biopoder” como forma mais segura de garantir “mercado” e evitar a difusão deste conhecimento.

Por isso, defendo a universalização das leis de proteção à vida e à dignidade humana, como um freio ético aos “direitos de propriedade” dos monopolizadores da “ciência de ponta”; a exemplo dos “alimentos transgênicos”, cujo risco à saúde humana, ainda não foi devidamente avaliado; que neste Terceiro Milênio deverão atuar com mais responsabilidade social, inclusive em respeito às consequências cármicas danosas dos seus atos.

Gostaria de encerrar este capítulo, dedicando a todos aqueles que se programaram para serem pais conscientes e presentes na vida dos seus filhos, uma bela poesia, psicografada pelo Prof. Wagner Borges, onde expõe que todos nós somos criancinhas diante do nosso amado Deus Pai-Mãe Criadora, ou Brahman.

“Minha criancinha me disse:

- “Pai, eu sou luz corporificada.

Já existia antes de nascer nessa forma e vou continuar existindo quando ela perecer. Sou a luz de Brahman na carne e pertença ao infinito, fluindo com a vida.

A vida na Terra é transitória, e sendo assim, vou ficar apenas por um tempo. Posso habitar esse corpo até a sua velhice, ou mesmo sair dele muito antes,

mas isso não altera a essência do que sou.

como te disse antes, sou o brilho de Brahman

que veio morar no brilho do teu coração.

Pai, brinca comigo e segura na minha mão.

Vamos deslizar pela vida com movimentos de harmonia e paz.

Vamos girar o moinho da Espiritualidade e levamos a todos os pais e filhos a certeza de que eles também são o brilho de Brahman”.

Minha criancinha disse isso e logo a seguir dormiu nos meus braços.

Acho que ela saiu do corpo e foi visitar Brahman na morada celestial, além das luzes da Terra.

Daqui a pouco, eu também vou me projetar fora do corpo até as dimensões celestiais.

E lá eu não sou pai, sou apenas mais uma criancinha de Brahman”.

(268)

CAPÍTULO XIII

NASCIMENTOS ESPIRITUAIS

*“Luzem constelações... O Céu rutila...
Estrelas resplendentes fazem fila...
Mas revejo, enlevado, o sol da vila...
O regaço materno, ansioso, agarro;
Ouço meu pai de crônico pigarro
E a voz do lar por música tranquila.
Ah! Saudades! Sois tudo quanto exerço.
Preces a Deus, em lágrimas, transponho...
Aspiro a refazer a vida e o sonho,
Quero chorar nos júbilos do berço!”... (180)*

Da Costa e Silva (psicografado por Chico Xavier)

Neste capítulo, iremos para a etapa do nascimento do bebê, analisando suas repercussões físicas e espirituais, até o início do seu desenvolvimento corporal e psicológico, nos seus primeiros anos de vida, culminando com o estudo jurídico e espiritual do processo de adoção.

Nada melhor, para o esclarecimento do leitor, do que contar casos práticos de pessoas, que se submeteram a um processo de hipnose, retroagindo sua memória até o momento do seu próprio nascimento; sendo narradas suas sensações e pensamentos, cujo experimento foi realizado pela famosa médica americana Dr^a Helen Wambach, utilizando um grupo de 750 pacientes, sendo que 84% conseguiram se lembrar do drama cósmico do seu nascimento, com detalhes impressionantes.

“Em primeiro lugar, o ato físico de nascer. A criança vem de um estágio dentro do organismo materno, onde se encontrava em ambiente silencioso, tépido e escuro, além de aconchegante e confortável. Ao emergir, muitas vezes de maneira inadequada, abrupta, quase violenta, é atirada em um contexto extremamente agressivo, como se literalmente, saltassem sobre ela e a envolvessem três fatores adversos: o frio, a intensa luminosidade e o barulho. São praticamente unânimes as observações nesse sentido, pois o parto é feito sob a intensa luz de refletores e,

usualmente, a criança fica, por alguns momentos pelo menos, nua e abandonada sobre a fria superfície de uma peça, na sala de operação, a perceber à sua volta toda aquela nervosa agitação de pessoas que se movimentam e falam. Chocam-se instrumentos, zumbem aparelhos e mecanismos diversos, especialmente quando ocorre alguma crise e a mãe e/ou o bebê têm de ser atendidos em regime de emergência...

Vimos há pouco a indignação de bebês que foram obrigados a nascer antes de se sentirem em condições de fazê-lo. Há mais, contudo. Eles percebem, claramente, se estão sendo tratados condignamente e com interesse e amor ou se estão sendo rejeitados ou considerados meros objetos ou coisas que nem alma têm. Dói-lhes a frieza profissional e apressada de médicos e enfermeiras, ou o sentimento de rejeição e desapontamento da mãe ou do pai, o ciúme do irmão mais velho ou a irritação da avó.

“Como posso me comunicar com essa gente?” pergunta a si mesmo um deles.

Minha impressão era a de que as pessoas, na sala de parto, não sabiam de nada e eu sabia tudo aquilo (diz outro). Isso me pareceu cosmicamente divertido.

(...) percebi que meu espírito observava tudo. Juntei-me ao corpo momentos antes do nascimento. Minha impressão, após o nascimento, foi a de que a palmada que o doutor me aplicou não era necessária. Fiquei indignado. Eu sabia que o médico estava com uma bruta ressaca.

(...) parecia-me que os médicos não percebiam que eu estava consciente e me tratavam como um não-ser, mera coisa ou objeto.”
(414)

Efetivamente, estas pesquisas científicas da Dr^a Wambach são impressionantes, pois confirmam, com detalhes, os relatos dos espíritos, através de psicografias; sendo que nestes relatos, 90% afirmam terem participado da programação da sua próxima vida e aconselhou-se quanto aos seus objetivos, necessidades e projetos; tendo inclusive decidido a melhor época para seu nascimento, seu sexo e sua família, a fim de desatar certos laços cármicos; concluindo com a constatação de que o processo de “morrer até que é bom, nascer é que não é nada interessante”, transcrevendo uma frase de seu paciente: “as duas mortes que tive, nas duas vidas (de que me recordei) esta noite, foram experiências muito agradáveis; nascer é que parece uma tragédia”.

O escritor espírita Hermínio C. Miranda, coleta alguns dados estatísticos relevantes, resultados científicos da Dr^a Wambach, no seu livro “Nossos Filhos são Espíritos”:

“1) 81% dos pacientes disseram que eles próprios haviam decidido renascer. 19% afirmaram que não tinham lembrança de nenhuma decisão ou que nada lhes ocorrera dizer, quando questionados com relação a esse ponto.

2) Do total pesquisado, 68% declaravam-se relutantes, tensos ou resignados ante a perspectiva de viver nova existência. Somente 26% consideravam a nova oportunidade com certo otimismo, mas, curiosamente, não estavam interessados em fazer da vida um contínuo fluxo de prazeres e, sim, nutriam esperança de alcançar alguma conquista evolutiva.

3) 90% dos pesquisados informaram que as mortes foram experiências agradáveis, mas que os nascimentos constituem momento de desventura e tensão.

4) Ainda quanto aos objetivos planejados para a vida a ser vivida, não observou a cientista nenhum projeto especial de desenvolver talentos ou faculdades, mas, “prioritariamente, aprender a relacionar-se com os outros e amar sem ser exigente e possessivo”. Deste grupo, 28% tinham consciência de haver trazido uma espécie de “mensagem” à humanidade, no sentido de que é preciso ser solidário com o semelhante e “desenvolver o consciente superior”, ou seja, o conceito de que somos todos, primariamente, seres espirituais. Os pacientes da Dr^a Wambach foram “praticamente unânimes em rejeitar qualquer intenção voltada para o aumento da riqueza, do status e do poder”.

5) 87% das pessoas consultadas - uma taxa elevadíssima - declararam haver conhecido seus pais, amantes, parentes e amigos de uma ou outra vida anterior”. (414)

O Codificador do Espiritismo, o escritor e filósofo francês Allan Kardec, também se debruçou sobre esta temática nas suas obras “O Livro dos Espíritos” (2) e “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (415), valendo algumas citações:

“Quando ele é criança, é natural que os órgãos da inteligência, não estando desenvolvidos, não podem dar-lhe a intuição de um adulto. Ele tem, com efeito, a inteligência muito limitada enquanto a idade faz amadurecer sua razão. A perturbação que acompanha a reencarnação não cessa subitamente no momento de nascer; ela não se dissipa senão gradualmente com o desenvolvimento dos

órgãos”. (pgta. 380)

“O Espírito se encarnando para se aperfeiçoar, é mais acessível, durante esse período, às impressões que recebe e que podem ajudar o seu adiantamento, para o qual devem contribuir aqueles que estão encarregados da sua educação”. (pgta. 383)

“... Os Espíritos não entram na vida corporal senão para se aperfeiçoar, se melhorar; a fraqueza da pouca idade os torna flexíveis, acessíveis aos conselhos da experiência e daqueles que os devem fazer progredir. É quando se pode reformar seu caráter e reprimir-lhes as más inclinações; tal é o dever que Deus confiou aos pais, missão sagrada pela qual deverão responder. Por isso a infância não é somente útil, necessária, indispensável, mas ainda ela é a consequência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo”. (pgta. 385) (2)

“A partir do nascimento, suas idéias retomam gradualmente impulso, à medida que se desenvolvem os órgãos; de onde se pode dizer que, durante os primeiros anos, o Espírito é verdadeiramente criança, porque as idéias que formam o fundo do seu caráter estão ainda adormecidas. Durante o tempo em que seus instintos dormitam, ele é mais flexível e, por isso mesmo, mais acessível às impressões que podem modificar sua natureza e fazê-lo progredir, o que torna mais fácil a tarefa imposta aos pais.” (cap. VIII.4)

“Desde o berço, a criança manifesta os instintos bons ou maus que traz de sua existência anterior; é a estudá-los que é preciso se aplicar; todos os males têm seu princípio no egoísmo e no orgulho; espreitai, pois, os menores sinais que revelem os germes desses vícios, e empenhai-vos em combatê-los, sem esperar que lancem raízes profundas (...) compreendei que quando produzis um corpo, a alma que nele se encarna vem do espaço para progredir; sabei vossos deveres e colocai todo o vosso amor em aproximar essa alma de Deus.” (cap. XIV.9) (415)

Todo nascimento tem natureza espiritual, ou seja, não é um mero processo físico-biológico, como já demonstrado, sendo oportuno lembrarmos este processo mágico, aplicado a alguns dos grandes mestres espirituais da humanidade, segundo relato do obstetra e escritor Emerson Machado, no seu livro “Gestação, Parto e Maternidade - Uma Visão Holística”:

“O Nascimento de Cristo

Chegando a Belém, a fim de recensear-se, José e a esposa Maria, que estava grávida, não encontraram hospedagem e tiveram que se recolher a uma gruta. A criança nasceu e, envolta em panos,

foi colocada numa manjedoura. Um anjo apareceu aos pastores e anunciou o nascimento do Messias, dizendo: “Não temais, pois vos anuncio uma grande alegria, que o será para todo o povo: hoje, na cidade de David, nasceu o Salvador”. Uma multidão de seres angelicais juntou-se ao anjo e entoou em coro: “Glória a Deus nas alturas, paz na terra, e boa vontade entre os homens.”...

O Nascimento de Krishna

A mãe de Krishna, Devac, era a irmã do rei escolhida por Deus para gerar um grande ser, que traria luz e sabedoria ao mundo. Sua cunhada, a rainha Nisumba, movida por ciúmes, convenceu o rei a matar a própria irmã, que foi obrigada a fugir para um eremitério distante, onde vivia entregue a orações. Gostava de passear na mata, onde sentia perfumes superiores e se comunicava com os devas, anjos e seres superiores. Um dia, à sombra da copa de uma árvore, Devac ouviu um cântico: “Glória à ti, Devac! Ele virá, coroado de luz, e rejuvenescerá o sangue de todos os seres; desafiará a morte e será mais doce que o mel, mais puro que o cordeiro, e à sua vinda, todos os corações estremecerão de amor.” No fresco vale coberto de pastagens e dominado por vastas florestas, aos pés do Monte Neru, e ao abrigo das perseguições do rei tirano, nasceu Krishna. Os pastores chamaram-no “o radiante”...

O Nascimento de Buda

Havia na Índia um rei firme em seus propósitos e reverenciado pelos homens, chamado Sudhodana. Sua esposa, Mayadevi, era belíssima e de coração puro; o rei reverenciava-a por sua santidade. Quando a rainha compreendeu que a hora de ser mãe estava próxima, pediu ao rei que a levasse à casa de seu pai. Suddhodana, atencioso para com sua esposa, e pelo filho que ia nascer, atendeu feliz ao seu pedido.

Quando Mayadevi atravessava o jardim de Lumbini, chegou a hora; preparou-se então um leito sob uma elevada árvore com um enorme tronco, e a criança nasceu ao alvorecer do dia, radiante e perfeita.” (416)

Com efeito, a sabedoria divina, a partir do nascimento espiritual do bebê, vai regulando os impulsos do passado, de modo que somente se manifestarão, gradualmente, conforme o seu desenvolvimento; cabendo aos seus pais e educadores acompanharem, atentamente, este

processo para oferecer-lhe estímulos apropriados, visando o despertar dos seus potenciais, talentos e dons adormecidos.

O pesquisador e escritor Walter Oliveira pode nos ajudar com sua “Educação do Espírito”:

“A educação baseada no desenvolvimento progressivo das potências do Espírito, através do apelo à razão e ao bom senso, gerando confiança própria, esclarecendo a mente, estimulando a vontade, auxiliará o Espírito a se tornar um ser que pensa, sente e age no bem. O desenvolvimento da razão o conduzirá a analisar, pensar e escolher o melhor. O desenvolvimento do sentimento despertará o amor, a bondade, o sentimento nobre que aproxima a criatura de Deus. Sua vontade, energia propulsora de seus atos, o conduzirá a agir no bem. Eis o processo da verdadeira educação, a educação do Espírito, que desenvolve as potências da alma, o “germe da perfeição” que a criatura traz por herança do Pai. Temos o Espírito atingindo, gradativamente, a própria autonomia intelectual e moral, entrando em franco processo evolutivo, organizando sociedades dignas, onde a ciência, a filosofia e a moral caminham entrelaçadas no mesmo ideal, onde o Espírito encontra vasto campo de trabalho para a realização das elevadas aspirações da alma que se volta para Deus. Temos, pois, o Cidadão do Universo, aprendendo a vibrar em sintonia com as Leis Divinas, e se aproximando cada vez mais do Pai.” (417)

INFÂNCIA - DESENVOLVIMENTO FÍSICO E ESPIRITUAL

É, efetivamente, a partir do parto, que a criança inicia o processo de maturação e desenvolvimento biológico, levando a mudanças de estrutura e de comportamento; devendo ser estimulada a maioria das atividades de desenvolvimento durante a infância, por exemplo, caminhar, falar, ouvir, ver, etc.; sendo que além dessas tendências, o educador Jean Piaget, em 1954, apontou outra tendência a ser impulsionada: o binômio ego-socialização.

O bebê tem comportamentos reflexivos, tais como respirar, sugar, mamar intensamente (como disse Tânia: Diana mamava de 3 em 3 horas, tendo ela, ficado um mês “sem botar o pé no passeio de casa” e no seu primeiro mês de experiência maternal, amamentado a

nossa Diana por 6 meses), digerir, evacuar e agarrar; sendo que a sequência inicial do engatinhar para o caminhar, recapitula o processo evolutivo-espiritual da espécie humana, entendimento este com o apoio do cientista Charles Darwin, passando de um animal de quatro pernas para um animal bípede.

Apresenta-se como relevante estes primeiros anos da infância, pois a flexibilidade da pouca idade é providencial à ação educativa, durante este período da infância, o espírito torna-se mais acessível ao processo educativo; sendo facilitada a revelação, paulatinamente, das qualidades já desenvolvidas em encarnações anteriores, além do que a criança poderá otimizar novas qualidades e poderes interiores, aperfeiçoando-se e conquistando seu próprio futuro evolutivo.

Normalmente, a criança começa a despertar a consciência de si mesma, claramente, a partir do seu terceiro aniversário, pois, até então, a criança se designava pelo seu próprio nome, a exemplo de: “Diana quer gagau”, “Diana quer picoleles de sugmesa”, etc.; é o início da separatividade entre a criança e o mundo exterior.

Foi com surpresa, que ouvimos Diana dizer, pela primeira vez: “Eu também quero sorvete”, “Woody quer falar comigo” (seu boneco de estimação do filme “Toy Story”), etc. ...

O médico antroposofista Bernard Lievegoed, desenvolveu inúmeras pesquisas psiquiátricas com crianças, elaborando o livro “Desvendando o Crescimento”:

“Juntamente com o despertar da consciência do eu, que é uma expressão da separação entre o eu e o resto do mundo, surge também a tendência a dizer “não” frente ao mundo exterior. A consciência do eu desenvolve-se, nessa época, opondo-se a ele. Scheler caracteriza o homem como o portador do eu, como “capaz de dizer não”. A fase do “não”, que aparece ao redor do terceiro aniversário, é chamada de “idade da birra”, durando geralmente alguns meses. Em seguida, tendo-se firmado suficientemente, o eu se experimenta a si próprio, mesmo quando não precisa opor-se ao mundo. É engraçado ouvir um pirralho retrucar “Eu não quero ir prá cama”, ou “Eu não quero fazer pipi”, gritando enquanto aperta desesperadamente as pernas.

A idade da birra faz desesperar o educador. Ele precisa conseguir, com muita paciência e tato, que os pequenos atos do dia-a-dia

sejam cumpridos sem provocar desnecessariamente a oposição da criança. ...

No decorrer dos anos que se seguem à idade da birra, a consciência do eu continua de duas maneiras. Primeiro se torna paulatinamente contínua, não aparecendo apenas em determinados momentos. Em seguida se desloca de uma ação contra o mundo exterior para a formação de um juízo interior sobre ele. Esses processos realizam-se até os seis anos, ao ponto de permitir à criança ir para a escola. Aí a continuidade da consciência do eu é uma premissa para o aprendizado. Nessa época começa também o desenvolvimento do juízo.

A vivência do eu nasce na criança, como realidade intensamente sentida, ao redor dos dez anos, aumentando na pré-puberdade e tornando-se, na puberdade, o conteúdo emocional que domina todo o resto. Nesses anos o jovem experimenta a existência do próprio eu, separado do mundo exterior, como algo extremamente trágico. Sente a infância como um paraíso perdido que o envolvia seguramente no mundo protegido da família, dos amigos, da escola. Agora o eu está nu e indefeso diante de um mundo estranho.

O começo dessa vivência do eu coincide com a crise dos nove anos, dando-lhe um colorido particular e levando frequentemente a um agravamento dos conflitos. Mais uma vez a nascente experiência do eu tenta uma ação contra o mundo ambiente. Desta vez, porém, isso ocorre na área do sentir. O respeito óbvio pelos educadores desaparece. Surge do íntimo uma crítica às pessoas em redor. Essa crítica ao mundo se interioriza apenas anos mais tarde, transformando-se em autocrítica. É a fase em que o indivíduo se acha impossível sob qualquer aspecto. Nasce um profundo sentimento de infelicidade de si próprio.

Só depois da puberdade é que essa obstinação da vivência do eu é superada mediante uma nova manifestação do eu na vontade. Esse novo impulso seria melhor chamado de vontade de realizar o eu. ...

A realização do eu sempre é acompanhada de um vigoroso idealismo. No início é sentida, também nesta fase, como aquilo que se pode produzir exteriormente na sociedade. O indivíduo está disposto a fazer tudo por seus ideais, a lutar nas trincheiras ou até a morrer. Somente bem mais tarde ele descobre que existe uma maneira mais interiorizada de realizar o eu. Esta começa quando a pessoa dirige a vontade de seu eu para o íntimo, começando a trabalhar em si mesmo. Isso ocorre quando ela estabelece a auto-educação e o autodesenvolvimento interior como premissas do direito de atuar na sociedade como reformador.” (418)

ADOÇÃO - EFEITOS ESPIRITUAIS E LEGAIS

A adoção é ato de natureza jurídica, mediante o qual, os futuros pais adotivos, estabelecem o vínculo da filiação com a criança a ser adotada, que passa a constituir um laço de parentesco de primeiro grau e em linha reta; sendo um verdadeiro recurso de resgate social do órfão ou abandonado, que passa a ter uma família responsável pelo seu sustento, educação e proteção amorosa.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90), estabelece no seu artigo 41: “A Adoção atribui condição de filho ao adotado, com os mesmos direitos e deveres, inclusive sucessórios, desligando-o de qualquer vínculo com os pais e parentes, salvo os impedimentos matrimoniais.”

Segundo o excelente estudo elaborado pelo CEFIJ - Comissão Especial para Assuntos de Família, Infância e Juventude, órgão do Tribunal de Justiça da Bahia, os efeitos legais da adoção são os seguintes:

“Cria vínculo de paternidade;

Extingue o pátrio-poder dos pais naturais;

Extingue os vínculos de filiação e parentesco do adotado com sua família de origem, mantendo os impedimentos matrimoniais;

Concede plenitude de direitos sucessórios, inclusive quanto aos descendentes do adotado em relação aos ascendentes do adotado;

Concede ao adotado o nome de família do adotante, que poderá, também, requerer mudança de prenome;

É irrevogável;

Direitos a alimentos (o termo “alimentos” compreende alimentação, saúde, segurança, habitação, vestuário, instrução e educação do adotado).” (419)

Felizmente, no Brasil, existe uma boa política da adoção e legislação sobre esta matéria, que preservam os direitos das crianças e adolescentes, como na nossa Lei Primordial, a Constituição Federal, no “caput” do art. 227 e § 6º:

“É dever da família, sociedade e do Estado: assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-las a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.”

“Os filhos, havidos ou não da relação do casamento, por adoção terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação.”

Com efeito, a legislação brasileira determina que a adoção só pode ser concedida através de sentença, na qual o juiz defere o pedido, ratifica o novo nome do adotado, sua nova filiação e determina sua inscrição no registro civil. Neste caso, o Estado passa, assim, a assistir à adoção, não no sentido passivo, mas como um verdadeiro agente promocional; sendo que na hipótese de adoção internacional, a assistência do Estado se inicia com a formação da comissão estadual de adoção, prevista no art. 52 do ECA e vai até a intervenção do Ministério Público, enfatizando o papel do Juiz da Vara da Infância e da Juventude, que tem uma margem ampla de opções, para escolher a solução adequada para o bem-estar da criança ou do adolescente.

Vale ressaltar, ainda, que os rumores à respeito da possibilidade da existência do tráfico de crianças para doação involuntária de órgãos, exploração sexual, sequestro, entre outros, alertou a sociedade como um todo, e em especial o poder judiciário, para o rigor necessário na concessão de adoções internacionais. Entre outros aspectos, determina que a adoção nesses casos deve ser necessariamente precedida do estágio de convivência, cumprido em território nacional, de no mínimo 15 dias para crianças de até dois anos e de no mínimo 30 dias, a partir dessa idade.

Esta matéria é de tal relevância, que desde a antiguidade ela é regulada na formação de diversas sociedades, podendo ser exemplificada com o “Código de Hamurabi” (1728-1686 a.C.):

“Parágrafo 185 - Se um awilum adotou uma criança desde o seu nascimento e a criou, essa criança não poderá ser reclamada.

Parágrafo 186 - Se um awilum adotou uma criança e, depois que a adotou, ela continua a reclamar por seu pai ou por sua mãe, essa

criança deve voltar à caso do seu pai.” (420)

Já a Igreja Católica sempre demonstrou sensibilidade sobre este tema, o Concílio Vaticano II enumera a adoção entre as várias obras de apostolado familiar; enquanto a recente encíclica do Papa João Paulo II “Evangelho da Vida”, demonstra esta mesma dedicação à adoção, ao exortar no nº 93:

“Uma expressão particularmente significativa de solidariedade entre as famílias é a disponibilidade para a adoção ou para o acolhimento das crianças abandonadas pelos seus pais ou, de qualquer modo, em situação de grave dificuldade. O verdadeiro amor paterno e materno sabe ir além dos laços da carne e do sangue para acolher também crianças de outras famílias, oferecendo-lhes o que for necessário para a sua vida e o seu pleno desenvolvimento. Entre as formas de adoção, merece ser assinalada a adoção a distância, que se há de preferir sempre que o abandono tenha por único motivo as condições de grave pobreza da família. Na realidade, com esta espécie de adoção é oferecida aos pais a ajuda necessária para manter e educar os próprios filhos, sem ter de os desarraigar do seu ambiente natural.” (412)

Vamos transcrever, agora, como a abordagem espírita encara a adoção, pelas palavras do escritor Roque Jacinto no seu livro, “Filhos, como Educá-los, na Visão Espírita”:

“Refleta, contudo, que o órfão de hoje, acolhido pela ternura de sua alma é, quase sempre, o retorno de um filho ingrato de reencarnações anteriores e que volta a seu lar, por via indireta, para resgatar dívidas de amor, junto aos pais que não soube por merecer.

Não esconda, jamais, diante desse seu filho adotivo, que ele não é rebento de seu próprio sangue e não utilize os chavões da falsidade sob o pretexto de não querer magoá-lo.

Negar-lhe a verdade de sua origem, traz consequências morais extremamente dolorosas, já que, se ele crescer sob o signo da mentira, na adolescência ele terá monumentais choques com todos os seus...

Que a sua lembrança de tê-lo adotado por filho do coração, não o isente de educar-se e reeducar-se, com brandura e com energia, quando necessária.

Cuide, pois, desde cedo em lhe ser um anjo guardião, sem querer poupá-lo de lutas e trabalhos, de deveres e obrigações, já que o filho adotivo precisa aprender a reconhecer o amparo fraternal com que foi acolhido pela alma de todos os seus.” (421)

Para concluir esta análise, convidamos o renomado escritor espírita Hermínio C. Miranda, que também tece suas considerações, bastante pertinentes, sobre a adoção:

“Mas, afinal de contas, devemos ou não devemos adotar crianças? Disse, há pouco, que não há respostas tipo preto ou branco, uma excludente da outra. Acho que a melhor regra nesses casos, é agir segundo sua intuição, após ouvir, no silêncio da meditação e da prece, sua voz interior. Na minha opinião (Atenção: pessoal, não uma regra geral ou norma.), a adoção é a solução humana indicada para os recém-nascidos abandonados ou para crianças entregues a asilos e orfanatos. Sabemos que as leis de Deus são, ao mesmo tempo, severas e flexíveis, o que significa que não são punitivas, mas educativas, e que impõem a correção senão na medida suportável pela pessoa, a fim de não sobrecarregá-la acima de suas forças. Se abusamos, por exemplo, da riqueza, é certo que vamos ter uma ou mais existências de pobreza e dificuldades. Se usamos a beleza física como arma ou instrumento de domínio, podemos contar com a feiúra mais adiante. Se esbanjamos de modo inconsequente a saúde, virão deficiências orgânicas. Se tripudiamos sobre o amor que nos dedicaram pessoas abnegadas, é fácil prever existência futura (talvez mais de uma) em que amargaremos a solidão, o desamor, o abandono. A ação educativa vem, portanto, com os sinais trocados, na medida, extensão e teor do erro cometido. Nem mais, nem menos, porque quando erramos produzimos automaticamente um “molde” a ser utilizado pelos mecanismos de reparação.” (414).

O NASCIMENTO ESPIRITUAL DE MINHA FILHA

Continuando a história do tratamento espiritual, a que minha esposa Tânia, submeteu-se no “Santuário Luz e Vida”; alguns meses depois, ela teve experiências transcendentes impressionantes, comunicando-se com o espírito de nossa futura filha Diana, até o momento do seu nascimento, como ela própria narra com suas palavras:

“Numa noite de abril de 1996, quando participávamos de mais uma reunião mediúnica, com a equipe espiritual e a terrena do Santuário Luz e Vida, incorporou na ‘médium’ com a qual eu estava colaborando - como chamamos o ato de prestar esclarecimentos sobre a vida

espiritual, àqueles que já desencarnaram e não o sabem - um espírito de uma criança que dizia:

- Estou aqui para falar com minha mãe...

Todos olharam para mim e, intimamente, eu sabia que era comigo. Aproximei-me, ainda mais da 'médium' que assumira uma postura de uma criança, com a cabeça sobre os seus braços cruzados, deitados sobre a mesa, para ouvir aquela vozinha tímida. Então eu lhe disse:

- Você quer falar comigo?

- Vim porque estou com medo de reencarnar...

Respondi: – Eu também estou com medo de engravidar e se nós não nos ajudarmos, como é que vai ser? Você sabe que eu morri de parto na vida passada e por isso temo engravidar...

Fui interrompida, rapidamente, por aquele pequenino ser:

- Mas, desta vez você não vai morrer!

Sérgio observava atento àquele diálogo e a emoção era imensa para todos nós.

Respondi: – Eu sei, por isso estou me preparando para lhe receber. Por que você me escolheu?

- Porque você é muito amorosa.

Logo, falei aliviada: - Então, não precisa ter medo. Como você vê, nós trabalhamos nos dois planos, você escolheu pais espiritualizados, que ajudarão muito a você nessa passagem aqui na Terra.

O silêncio foi profundo e derradeiro, quando um dos companheiros videntes, comentou:

Era uma criança lourinha, aparentava uns três anos de idade, muito parecida com Tânia. Chegou aqui muito chorosa e saiu com um sorriso tão feliz que só as crianças têm.

No mês seguinte, maio/96, estava me preparando para viajar para os Estados Unidos com Sérgio. Ficaríamos 15 dias lá, quando eu seguiria para uma universidade americana, visando participar de um curso de Direito Internacional, na Califórnia, e Sérgio voltaria para o Brasil.

Deitei-me no meu quarto, fiz um relaxamento, e, repentinamente, senti que estava flutuando acima do meu corpo físico, o que chamamos de projeção da consciência ou desdobramento. Fui em direção ao quarto de visitas, que, hoje, é o quarto de Diana, a filha que

aguardávamos.

Da janela do quarto, na área da piscina, vi um bebê lourinho, que aparentava ter um ano e vinha engatinhando, lentamente, em direção à janela e subia com as mãozinhas tentando alcançar o pára-peito.

Eu pensava, quase sem fôlego, comigo mesma: Meu Deus, é o bebê!

E ele tentava abrir os olhinhos, com dificuldade, por causa da claridade lá fora. Ele me fitava dentro do quarto e eu o via, com os olhinhos claros, esverdeados. Então lhe disse, mentalmente: - Olhe, eu estarei viajando para os Estados Unidos. Vou ficar lá quase dois meses. Tudo bem?

E o bebê me respondeu, telepaticamente: - Peça a sua mãe uma foto sua, de quando você era bebê, para você levar para a viagem. Na hora da sua meditação, jogue energia para seu bebê.

Aí senti o coração disparar e “encaixei” novamente no corpo físico. Corri, peguei o telefone, liguei para Sérgio e contei tudo que aconteceu, temia esquecer suas palavras. Liguei para minha mãe e lhe pedi uma foto minha, de quando eu era neném. Ela, prontamente, providenciou uma, na qual eu tinha três meses.

No final de maio, viajamos para Nova Iorque, já começava a me sentir diferente. Achava que estava grávida, mas não sabia como era e tinha que esperar o 30º dia para fazer qualquer teste. Naquela manhã, desci, confiante, na farmácia, próxima ao hotel e pedi um teste para gravidez. Subimos ao nosso quarto e fiz o teste. Deu positivo. Repeti o teste: positivo. Em fevereiro/99, chegou nossa Diana.

Entretanto, aos sete meses de gravidez, os mentores do Santuário Luz e Vida me avisaram que eu não poderia mais continuar dando Reiki nos pacientes, pois a energia dos mesmos poderia influir na energia delicada do bebê. Os mentores também me informaram que

Diana nasceria antes dos nove meses. Aos oito meses e meio, marquei um exame para ver como estava o bebê, a fim de escolher a data da cesárea. Não queria ter parto normal, nem dor, nem nada. Nossa Diana estava pronta no dia 29 de janeiro. Marquei a cesárea para 02 de fevereiro, um domingo, às 18 horas, para contar com as energias dessa hora, no dia de Yemanjá.

Não queríamos que ninguém soubesse. Desejávamos que ela chegasse tranquila, como lhe havíamos prometido, pois é comum os familiares e amigos do casal se excederem nas comemorações do nascimento, tumultuando o processo de aterramento do espírito recém-encarnado. Inclusive, este nosso procedimento incomum foi bastante elogiado pelo meu obstetra, testemunha da minha pronta recuperação e da harmonia do nosso quarto. Assim, fomos para o hospital, às 13 horas, fizemos a limpeza energética do ambiente do quarto, numa tarde meditativa, jogamos luz para todos os bebês que chegavam, quando podíamos ouvir seus gritinhos.

Levamos um toca-fitas com a música que costumávamos meditar em casa, durante minha gravidez, como fazem as grávidas do Himalaia, que amarram pequenos sinos na cintura, visando, na hora do parto, repetir o som costumeiro ao recém-nascido, para que a bebê se sentisse confortável e segura em seu novo ambiente, que era a sala do parto. Então, convocamos, mentalmente, a equipe de mentores do Santuário. Sérgio assistiu ao parto e tudo transcorreu muito rápido. A equipe médica estava muito serena, ouvindo a música de relaxamento do nosso toca-fitas. Finalmente, chegou nosso bebê, tranquila, sem choros e uma paz enorme reinava naquela sala.

No outro dia, o meu obstetra me pediu uma cópia daquela fita que deixou sua equipe tão tranquila. Ele não sabe, mas a fita foi só um detalhe. Toda uma estrutura espiritual havia sido instalada naquele ambiente, para a chegada da nossa Diana”.

CAPÍTULO XIV

ABORTO: DIREITO OU CRIME

“O aborto provocado é um crime, qualquer que seja a época da concepção? Há sempre crime, quando se transgride a lei de Deus. A mãe, ou qualquer pessoa, cometerá sempre um crime ao tirar a vida da criança antes de seu nascimento, porque isso é impedir a alma de passar pelas provas de que o corpo devia ser o instrumento.” (2)

Allan Kardec

A palavra aborto origina-se da união da proposição latina ‘*ab*’, dando geralmente a idéia de afastamento, mais a palavra ‘*ortus*’, também latina, que significa nascimento, resultando a expressão ‘*abortus*’ ou *não-nascimento*. Assim, todo produto da concepção, em seu ciclo natural ou não, há de experimentar o nascimento como único meio de se exteriorizar do ventre materno.

Ainda, refere-se à “interrupção da gravidez fora do seu termo natural”, com isso, a morte referida traduz a não-conclusão do tempo gestativo da mulher e do feto e a morte deste.

Preliminarmente, vamos definir o que seja o aborto (tecnicamente o abortamento), que enseja, segundo o criminalista, Prof. Damásio de Jesus, “*a interrupção da gravidez com a consequente morte do feto*”, vale dizer, com a destruição do produto da concepção.

Outro ponto, que gostaríamos de lembrar, é o momento inicial da vida humana, que segundo critérios científicos e espirituais já analisados neste livro, leva-nos a entender tal momento como o da concepção, ou o momento no qual o óvulo é penetrado pelo espermatozóide; gerando, a partir desse instante, uma vida humana.

Como este assunto é muito polêmico e complexo, para um melhor entendimento do leitor, vamos primeiro situá-lo a nível histórico, religioso, filosófico, estatístico, jurídico, para

depois apresentarmos os principais argumentos contra e a favor; para que você possa formar o seu próprio ente de razão, quando terei oportunidade de também expressar a minha opinião sobre o tema.

EVOLUÇÃO HISTÓRICA

O mais antigo texto jurídico, Código de Hamurabi, já fazia referência ao aborto e para se ter uma idéia do tempo em que esse tratado babilônico foi redigido, basta lembrar que Moisés viveu seis ou sete séculos depois. Dizia o Código do Rei Hamurabi:

“Artigo 209: Se alguém bate em uma mulher livre e a faz abortar, pagará pelo feto 10 ciclos (medida) de prata.

Artigo 210: Se esta mulher morre, matar-se-á o filho do agressor.

Artigo 211: Se é uma mulher nobre que, em consequência das pancadas, aborta, ele pagará 50 ciclos de prata.

Artigo 212: Se esta mulher morre, pagará meia mina de prata.

Artigo 213: Se ele bate em uma serva e a faz abortar, pagará dois ciclos de prata.” (420).

Havia, pois, no citado Código de Hamurabi apenas a punibilidade de terceiros, sem referências à prática do aborto provocado pela própria gestante.

Os assírios, segundo alguns pesquisadores, puniam a grávida que praticava o aborto com a empalação e ainda a privavam de sepultura, enquanto que, no direito persa, eram considerados responsáveis autor e cúmplices.

Na Grécia clássica, Platão e Aristóteles defenderam o aborto em condições especiais, quando ainda não houvesse ‘sopro de vida’. De maneira geral, a mulher não tinha autonomia na Grécia e os filhos eram considerados propriedades do pai, que tinha direito de vida e morte sobre eles. A mulher era tutelada pelo pai ou esposo.

Em Esparta, cidade guerreira, como o aumento populacional era importante para as campanhas militares, o aborto foi proibido; mas os nascidos com defeitos, no entanto, eram, na maioria das vezes, eliminados. Atenas, mais democrática, aceitava o aborto sob condições.

Outrossim, no Egito, o aborto era aceito sob condições, pois as primeiras referências escritas sobre métodos anticoncepcionais se encontram em um papiro egípcio de 1.850 a.C.: deveria se aplicar uma mistura de mel e carbonato de sódio, ou uma pasta preparada com fezes de crocodilo e gomas de árvores. Outro papiro, de 1.550 a.C., prescreve uma mistura de brotos de acácia com mel.

No Império Romano, a situação de dependência da mulher não diferia muito da Grécia clássica. O aborto não era, a princípio, considerado crime; pois o feto era visto como parte do corpo da mulher e se ela o abortasse, estaria dispendo de seu corpo, submetendo-se as decisões do marido, o qual possuía, também aqui, direito de vida e morte sobre a família (a figura do *paterfamilias*). Entretanto, já no século II d.C., o Império passa a criminalizar o aborto, talvez porque fosse importante aumentar o número de cidadãos para a defesa dos bens patrimoniais de Roma contra as invasões estrangeiras.

Por fim, na Idade Média tivemos a grande influência da Igreja Católica, que não aceitava o aborto, em nenhuma hipótese; sendo que, posteriormente, cada nação passou a adotar os seus critérios próprios, dependendo da sua cultura social.

VISÕES RELIGIOSAS

Na Bíblia temos que Deus criou o homem e a mulher, abençoou-os e disse-lhes: *“Frutificai e multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a... E viu Deus tudo quanto tinha criado, e eis que era muito bom”* (Gn 1:28, 31). Verificamos desde logo que a reprodução era um dos propósitos da criação do homem por Deus. Por outro lado, não lemos em passagem alguma que o homem tenha o direito de matar o seu semelhante. Aliás, um mandamento é *“não matarás”* (Êxodo 20:13, Rom. 13:9).

Neste trecho, a proteção e a posse de Deus são extensivos à vida pré-natal. Assim, esta lição torna impossível considerar o embrião ou feto “um ser inanimado”. O mínimo que alguém pode dizer é que no momento da concepção já existe um ser humano em potencial.

O trecho mais claro da Bíblia sobre o aborto, está disposto em Êxodo 21:22, 23: *“Se alguns homens pelejarem e ferirem uma mulher grávida, e forem causa que, aborte, porém se não houver morte, certamente será multado... Mas se houver morte, então darás vida por vida.”*

Efetivamente, este parágrafo tem sido apresentado como justificação para a aceitação do aborto. Trata-se de um caso em que o aborto é provocado, mas como que acidentalmente. Se uma mulher perdesse o filho, havia apenas uma indenização: se a mulher morresse também, quem a ferisse teria de pagar com a sua vida. Para quem defende o aborto, a dedução que é feita é que, visto só haver indenização no caso do aborto, isso significaria que o feto não teria alma, que concluiríamos que o aborto induzido seria bíblicamente permitido. Ora, isso seria forçar a aplicação da lei do Êxodo, que trata de um aborto acidental, e não induzido, o que são duas coisas absolutamente distintas: uma, é acidentalmente alguém provocar o aborto a outrem; outra, seria o aborto com consentimento da mãe. Entretanto, no acidental, verificamos que em tal caso havia uma sanção, o que denota a gravidade dessa aborto acidental, precisamente porque pretende valorizar a vida.

A encíclica papal “Evangelho da Vida”, repete a doutrina e a argumentação da “Declaração sobre o Aborto”, de 1974, e da instrução “*Donum Vitae*”, de 1987; com a posição da Igreja Católica:

“Alguns tentam justificar o aborto, defendendo que o fruto da concepção, pelo menos até um certo número de dias, não pode ainda ser considerado uma vida humana pessoal. Na realidade, porém, ‘a partir do momento em que o óvulo é fecundado, inaugura-se uma nova vida que não é a do pai nem a da mãe, mas sim a de um novo ser humano que se desenvolve por conta própria.’ (412).

Segundo dados do último censo do IBGE, de 1991, 8 em cada 10 brasileiros (85% da população) se dizem Católicos; porém muito poucos são os que seguem a orientação da

Igreja, literalmente. Essa afirmação pode ser constatada através do resultado da pesquisa Gerp/JB, quando foram pesquisados 500 católicos apostólicos romanos declarados, uma mostra de opinião que representa os mais de 6,7 milhões de católicos residentes na região metropolitana do Rio de Janeiro. O resultado não deixa dúvidas: 76% são a favor do aborto em caso de estupro ou risco de vida para a mãe; 16% são contra; 6% acham que depende; e, 2% não responderam ou não sabem.

Devido a grande diversidade, cerca de 3 mil entidades Evangélicas Pentecostais, agregando cerca de 6% dos brasileiros, não existe uma posição oficial sobre o aborto, entretanto, a maioria é a favor da vida do feto, excetuando a hipótese de causar perigo de vida à mãe.

“Assim, aplicar tal princípio (de escolha entre o ruim e o pior) à lei do aborto significa cometer um mal menor, quando o que está sendo feito são os dois casos previstos em lei e o caso de má-formação do feto”, disse, em entrevista o Reverendo Caio Fábio, Presidente da Associação Evangélica Brasileira (AEVB), que também é contra o aborto como tese geral, mas favorável a que os hospitais públicos ofereçam o serviço nos dois casos previstos no Código Penal. “Devemos deixar sempre claro que a lei em questão é apenas uma lei de concessão, e não de obrigação. Ninguém se utiliza do aborto de modo leviano, é sempre uma decisão dolorosa”, justifica.

“Os textos sagrados do Hinduísmo não mencionam especificamente a questão do aborto”, ensina o professor Paulo Salles Guerra, com mestrado do Joga Institute of Bombaim. Na Índia moderna, existe até um estímulo oficial para a limitação de filhos, devidos ao grave problema da explosão demográfica, com a população atingindo, recentemente, um bilhão de habitantes. E, o Prof. Paulo Guerra ainda nos lembra que, “os verdadeiros iogues não têm necessidade de praticar o aborto, pois tanto os homens como as mulheres ioguins têm técnicas de auto-domínio para transmutarem a energia sexual. Os homens podem atingir o orgasmo e reabsorver o sêmen.”

O Budismo considera, de maneira geral, que o aborto é uma prática negativa, porque afinal está se acabando com a vida de um ser, pois existe consciência no feto desde o momento da fecundação e por isso não se pode matar um ser que tem sua própria energia, independente de quem está doando seu corpo para essa manifestação (de energia), no caso, a mãe. Daí discordar do conceito de que a mulher é dona de seu próprio corpo e em decorrência disso pode fazer dele o que quiser, inclusive abortar. Porque nesse caso, ela está envolvendo a

vida de um terceiro, ou seja, o bebê. O mestre do Budismo Tibetano, Sogyal Rinpoche, também emite seu parecer:

“O que acontece com a consciência de um bebê que é abortado ou morre muito cedo? O que podem os pais fazer para ajudá-lo? Dilgo Khyentse Rinpoche explica: A consciência daqueles que morrem antes de nascer ou nascendo, ou ainda na tenra infância, viajará uma vez mais pelos estados do bardo para assumir outra existência. As mesmas práticas e as ações meritórias podem ser feitas em sua intenção, como usualmente para os mortos a prática de purificação e a recitação do mantra de Vajrasattva, e oferenda de luzes, purificação das cinzas e assim por diante. No caso do aborto, somando-se a essas práticas usuais, se os pais sentem remorso, podem ajudar identificando-o, pedindo perdão e procedendo com ardor à prática da purificação de Vajrasattva. Podem também oferecer velas, salvar vidas, ajudar os outros ou patrocinar algum projeto espiritual ou humanitário, dedicando o mérito ao bem-estar e à futura iluminação da consciência do bebê.” (65)

Para os muçulmanos, conforme preceitua o Islamismo, o ser passa por diferentes estágios até tomar forma humana, o momento em que se dá a “animação do ser”, isto é, quando o feto recebe a sua alma. Isso ocorreria no fim do quarto mês de gestação. Segundo normatiza o Corão: “Criamos o homem da essência do barro. Em seguida, criamo-lo de uma gota de esperma, que inserimos em lugar seguro. Então convertemos a gota de esperma em coágulo, que transformamos em bocadinho de carne e convertemos em ossos; depois, os revestimos de carne; logo, animamos o todo.”

Pelas leis islâmicas, se houver um aborto antes da animação, independente de quem o causou, os envolvidos deverão pagar indenização equivalente ao preço de cinco camelos. Se o aborto for realizado na fase em que o feto já foi animado, a multa difere nos seguintes casos: se o feto morrer antes de sair do ventre, quantia igual a cinco camelos; se sair vivo do ventre e morrer em seguida, valor equivalente a 100 camelos.

As religiões afro-brasileiras, que possuem 1% da crença dos brasileiros, Candomblé, Umbanda e Xangô, “têm em comum o culto à vida em todas as suas representações: o Homem e a Natureza, os deuses”, ensina o professor Raul Lody, antropólogo do Museu do

Folclore do Rio de Janeiro, em entrevista a Revista Ano Zero nº 16/92: “O aborto é uma questão de morte, por isso ele é antívida e antinatureza, indo de encontro aos principais aspectos dessas religiões”, afirma Lody.

Os códigos éticos e morais do Candomblé são vivenciais e nos chegam pela imagem, pela comida e pela palavra. Segundo Lody; “o aborto transgride esses códigos, porque ele seria um assassino que nega o princípio vivencial do Candomblé, que busca um equilíbrio entre o Homem, a Natureza e os Deuses.”.

O Candomblé crê que cada família tem uma marca de destinação, seu *Odum*, e os indivíduos também o seu *Odum* particular. O ato do aborto seria uma transgressão dupla aos *Oduns* familiar e pessoal. Quando esse ato é cometido por um iniciado, é considerado mais grave ainda.

E por fim, o Espiritismo, que reúne cerca de 3% dos brasileiros, segundo a citada pesquisa do IBGE/91, também é contrário ao aborto, apenas excetuando a hipótese de grave ameaça a vida da mãe.

O médico espiritual do “Mundo Maior”, André Luiz, explicou através da mediunidade de Chico Xavier, as consequências do aborto:

“A mulher que o promove ou que venha a coonestar semelhante delito é constrangida, por leis irrevogáveis, a sofrer alterações deprimentes no centro genésico de sua alma, predispondo-se geralmente a dolorosas enfermidades, quais sejam a metrite, o vaginismo, a metralgia, o enfarte uterino, a tumoração cancerosa, flagelos esses com os quais, muita vez, desencarna, demandando o Além para responder, perante a Justiça Divina, pelo crime praticado.” (395)

O escritor espírita Rodolfo Calligaris, nos lembra “As Leis Morais”:

“O Espiritismo, que tanta luz tem feito em torno deste magno assunto,

esclarece-nos que a provocação do aborto só não é considerada culposa - esta a ressalva a que aludimos linhas acima - quando o ser em formação ponha em perigo a vida de sua mãe. Nesta circunstância, é preferível sacrificar o primeiro e não a segunda, optando, entre dois males, pelo menor...

Espiritualmente, os reflexos da criminosa irresponsabilidade dos pais (em especial das mães), rechaçando aqueles que deveriam retornar à carne, com os quais, não raro, haviam assumido sagrados compromissos, são ainda mais de temer.

Sentindo-se roubados, ou traídos, essas entidades passam a votar profundo ódio aos que se recusaram a recebê-los em novo berço e, quando não lhe infernizam a existência terrena, em longos processos obsessivos, aguardam, sequiosos de vingança, que façam o trespassse, para então tirarem a forra, castigando-os sem dó nem piedade.” (422)

O espírito iluminado de Joanna de Ângelis, mediante a sensibilidade de Divaldo Franco, tece sua visão do tema:

“A vida é patrimônio divino que não pode ser mal baratado. Desde que os homens se permitem a comunhão carnal é justo que se submetam ao tributo da responsabilidade do ato livremente aceito. Examinando-se ainda a problemática do aborto legal, as leis são benignas quando a fecundação decorre da violência do estupro... Mesmo em tal caso, a expulsão do feto, pelo processo abortivo, de maneira nenhuma repara os danos já ocorridos... Não ocorre incidentes que estabeleçam nos quadros das Leis Divinas injustiça em relação a uns e exceção para com outros.” (423)

O escritor espírita Ricardo di Bernardi, também analisou o aborto sentimental:

“Lembramos novamente, não foi em hipótese alguma programado o estupro, nem ele em circunstâncias quaisquer se justificaria.. Pela lei universal da sintonia de vibrações, embora aparentemente a vestidura cândida da moça não traduza os arquivos do passado, poderá em dado momento ser atraída por uma circunstância similar àquela que perpetrou em outras eras... Existe apenas a tendência e a predisposição, a qual sempre estará dependendo da maior ou menor facilitação dos envolvidos no

processo.” (408)

O espírito Manoel Philomeno de Miranda, em psicografia de Divaldo Franco, analisou as consequências danosas do aborto para a mãe, “Nas Fronteiras da Loucura”:

“Julinda, imatura e desequilibrada, com viciações que a detinham em malhas de obsessões sutis, porque temesse, inconscientemente embora, a presença do antigo companheiro, agora na condição de filho, não tergiversou em interromper-lhe o processo fetal, tombando em fundo fosso de desequilíbrio psíquico.

Infecundidade e frigidez, qual ocorre com outros problemas femininos decorrem, naturalmente, da usança irregular da sexualidade em encarnação passada bem como de abortos perpetrados pela irresponsabilidade e requintes de egoísmo, que se fazem gênese de neoplasias malignas, logo depois, ou em processos próximos de renascimentos, que exigem ablação dos órgãos genésicos, quando não arrebatam a vida física de maneira fulminante, maceradora.” (424)

ESTATÍSTICAS E MÉTODOS ATUAIS

Existe uma variedade muito grande de regulação do aborto em diversos países do mundo e isto reflete nas estatísticas, como veremos a seguir.

Vejamos, alguns dados levantados por J. Rebeca Cook, em “*Leis e políticas sobre o aborto: desafios e oportunidades*”:

“40% da população mundial (25 países) - aborto discriminado e legalizado;

25% da população mundial (13 países) - aborto proibido;

12% da população mundial (42 países) - aborto permitido por razões médicas e em caso de estupro ou de incesto. O Brasil desde 1940 permite o aborto em caso de risco de vida da mãe e de estupro. No Código Penal brasileiro, em vigor desde 1940, o aborto está inserido no capítulo dos “Crimes contra a Vida”, nos artigos 124 a

*128, à exceção do aborto realizado por profissional médico para salvar a vida da gestante ou em caso de estupro;
23% da população mundial (13 países) - aborto autorizado por razões sociais ou sociomédicas.”*

Listamos abaixo, alguns países onde o aborto é legalizado ou liberal, proibido ou restritivo e condicionado:

Liberal: Estados Unidos, Rússia, Itália, Japão, Dinamarca, Suécia, China, Grã-Bretanha, França, Índia, Vietnam, Uruguai, Cuba e Israel;

Condicionado: Grécia, Chile, África do Sul, Espanha, Portugal, Suíça, México, Peru, Argentina e Brasil;

Proibido: Colômbia, Egito, Síria, Líbia, Bélgica, Irlanda e Malta.

“Em cada cem mulheres brasileiras em idade fértil, dezoito já sofreram seqüela de aborto, e em cada quatro mulheres submetidas ao aborto clandestino, uma já foi internada com complicações que levaram à esterilidade ou até mesmo à morte.” (Ana Maria Costa, PAISM: uma Política de Assistência Integral à Saúde da Mulher a ser resgatada.)

A pesquisadora e escritora Fátima Oliveira, levantou dados alarmantes sobre o número de abortos no mundo:

“Em 1991, a estimativa era de que anualmente realizavam-se “44 milhões de abortos induzidos no mundo. Na América do Norte, na Europa e em alguns países da Ásia, a maioria dos abortos é realizada legalmente; mas acredita-se que no resto do mundo sejam realizados cerca de 15 milhões de abortos clandestinos - cerca de 4 milhões só na América Latina”. Os dados desta pesquisa (The Alan Guttmacher Institute) informam que são feitos cerca de 1,4 milhão de abortos/ano no Brasil. Ou seja, 35% dos casos latino-americanos.

Em nosso país, a alta incidência de abortos clandestinos resulta em abortos inseguros, com uma taxa de morbidade de cerca 20% e mortalidade de 10%. Esse alto percentual de óbitos e seqüelas do abortamento representa um enorme desrespeito pela vida, além de se configurar um grave problema de Saúde Pública, cuja responsabilidade cabe ao governo brasileiro.” (407)

Apenas para efeito de exemplificação, iremos descrever, de modo sucinto, os métodos mais utilizados na prática do aborto:

Curetagem - um instrumento cortante é introduzido no útero, afim de desligar a criança do ventre materno.

Aspiração - com a ajuda de um aspirador, 20 vezes mais potente que o aspirador comum, a criança é literalmente sugada.

Solução Salina - uma solução ultra-concentrada de sal é injetada na cavidade amniótica. Esse líquido, em contato com a criança, provoca nesta a sua morte por queimaduras.

Medicamentos - ervas são ingeridas ou substâncias químicas injetadas, provocando contrações violentas no útero, e a criança é ejetada.

LEGISLAÇÃO EM DEBATE

Devido à polêmica e complexidade do debate relativo à proibição ou não do aborto, como o leitor vem acompanhando, vamos analisar os casos permitidos no nosso atual Código Penal e as novas propostas de modificação desta legislação. O Prof. Magalhães Noronha, especialista em Direito Penal, assim define o aborto:

“Aborto ou abortamento à a morte do ovo, embrião ou feto, com ou sem a sua expulsão do corpo da genitora, devendo ocorrer a partir do momento da concepção, até o início do parto. Fora daí, haverá infanticídio ou homicídio, mas jamais um caso de aborto...

... a destruição pode consumir-se, sem que, conquanto raramente, seja expulso o feto, como ocorre com a dissolução e reabsorção do embrião, no início da gravidez; com sua mumificação, permanecendo ele no interior do útero; e calcificação (litopédio). Em todas essas hipóteses, há destruição, há interrupção da gravidez e, pois, aborto, sem existir expulsão.” (425)

O Código Penal permite o aborto somente em dois casos, quando existe grave risco à vida da gestante, no “aborto terapêutico” e na hipótese de gravidez originada de estupro, denominado “aborto moral ou sentimental”. Vejamos abaixo:

“Art. 128. Não se pune o aborto praticado por médico:

*I - se não há outro meio de salvar a vida da gestante;
II - se a gravidez resulta de estupro e o aborto é precedido de consentimento da gestante ou, quando incapaz, de seu representante legal.”*

Geralmente, as organizações feministas tentam liberar, totalmente o aborto, invocando seus dois principais argumentos: primeiramente de que a mulher tem direito de dispor do próprio corpo; sendo esta afirmação falaciosa, vez que tanto o homem como a mulher, poderá dispor de seu próprio corpo, mas não poderá dispor do corpo de outro ser, objetivando eliminá-lo; vez que não é seu apêndice ou órgão, mas um sistema independente; entretanto, não autônomo, que precisa se alimentar e se desenvolver no útero da mãe. Ademais, por ignorância espiritual, esquecem que “o corpo do bebê é do bebê”.

Outrossim, ainda, se alega que se realizam milhares de abortos clandestinos, levando risco de vida, àquelas mulheres, que face a ilegalidade, submetem-se à verdadeiras carnificinas sem nenhuma técnica ou higiene, a fim de interromper sua gestação. Sendo, também, falível esta assertiva, vez que nos países que permitem o aborto, não houve diminuição das clínicas clandestinas, em razão da sua maior discricção.

No início de 1998, foi publicado no Diário Oficial da União, um anteprojeto do novo Código Penal, resultado de um estudo de especialistas, coordenado pelo jurista Vicente Cernichiaro, modificando a tipificação do aborto legal.

Defende, que não constitui crime o aborto praticado por médico se: não há outro meio de salvar a vida ou preservar a saúde da gestante; a gravidez resulta de violação da liberdade sexual, ou do emprego não consentido de técnica de reprodução assistida; há fundada probabilidade, atestada por dois outros médicos, de a criança apresentar graves e irreversíveis anomalias físicas ou mentais.

Como o leitor pode verificar, esta proposta, que ainda depende de aprovação legislativa, criou mais uma hipótese permissiva, a do denominado “Aborto eugênico ou eugenésico”, que é aquele praticado para evitar o nascimento de criança portadora de anomalia física ou psíquica; tendo como significado etimológico o “bom nascimento” [do grego “eu” (bem, bom belo) + “genesis”

(geração, produção, criação)]. Inclusive o Prof. Magalhães Noronha já asseverou que esta espécie de abortamento acontece “quando há sério risco de grave perigo para o filho, seja em virtude de predisposição hereditária, seja por doenças da mãe, durante a gravidez, seja ainda por efeito de drogas por ela tomadas durante esse período, tudo podendo acarretar para aquele enfermidades psíquicas, corporais, deformidades, etc.” (425)

Caso esta modificação seja aprovada, nosso Código Penal ficará, neste tema, semelhante ao de Portugal, que regula no seu artigo 142, estas mesmas hipóteses do aborto legal.

Vale lembrar, que no caso de aborto ilegal, praticado por parte de adolescentes, ou menores de idade inferior a 18 anos, será aplicado o Estatuto da Criança e do Adolescente, o qual prevê no seu artigo 112, as medidas sócio-educativas respectivas, como a prestação de serviços à Comunidade ou a internação em estabelecimento educacional, pena semelhante à prisão.

Salientando que, no caso de pessoa de maior e capaz, a pena do artigo 124, do Código Penal, aplicada à gestante é de detenção de 1 a 3 anos e daquele médico, enfermeira ou técnico que o provoca é de reclusão de 3 a 10 anos, se o ato não teve o consentimento da genitora (art. 125) ou de 1 a 4 anos, com o seu consentimento (art. 126).

Segundo o escritor espírita Eliseu Florentino da Mota Jr., aqueles envolvidos no crime do aborto, também deverão responder à Justiça Divina:

*“Note-se que, aqui, quando se fala em crime, não é daquela infração das leis humanas que já comentamos, mas sim da transgressão da lei de Deus. E o que acontece quando violamos a lei divina ou natural? A resposta está nos artigos 16 e 17 do **Código penal da vida futura**, composto por Allan Kardec com a assistência dos Espíritos Superiores, e que dispõem o seguinte:*

16º - O arrependimento, conquanto seja o primeiro passo para a regeneração, não basta por si só; são precisas a expiação e a reparação.

Arrependimento, expiação e reparação constituem, portanto, as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas consequências. O arrependimento suaviza os travos da expiação, abrindo pela esperança o caminho da reabilitação; só a reparação, contudo, pode anular o efeito destruindo-lhe a causa.

Do contrário, o perdão seria uma graça, não uma anulação.

17º - O arrependimento pode dar-se por toda parte e em qualquer tempo; se for tarde, porém, o culpado sofre por mais tempo.

Até que os últimos vestígios da falta desapareçam, a expiação consiste nos sofrimentos físicos e morais que lhe são consequentes, seja na vida atual, seja na vida espiritual, após a morte, ou ainda em nova existência corporal.

A reparação consiste em fazer o bem àqueles a quem se havia feito o mal. Quem não repara os seus erros numa existência, por fraqueza ou má-vontade, achar-se-á numa existência ulterior em contacto com as mesmas pessoas que de si tiverem queixas, e em condições voluntariamente escolhidas, de modo a demonstrar-lhes reconhecimento e fazer-lhes tanto bem quanto mal lhes tenha feito.” (426)

Gostaria de encerrar este debate de idéias, expressando minha concordância com o novo projeto de Código Penal, com aquelas permissões legais já analisadas, que deveriam ser custeadas em Hospitais, com recursos do Governo Federal pelo SUS - Sistema Único de Saúde, a fim de diminuir os casos de mortalidade de gestantes submetidas às clínicas clandestinas; vez que, numa sociedade democrática, a mulher tem seu “livre arbítrio” e deverá ter o direito de escolher qual a opção que ela utilizará, assumindo as consequências cármicas dos seus atos, que, também acredito, lhe serão muito danosas, como veremos adiante, através de diversos testemunhos emitidos do plano espiritual.

EFEITOS CÁRMICOS - DEPOIMENTOS ESPIRITUAIS

Irei, inicialmente, tentar transcrever resumidamente, os depoimentos de um médico e depois de uma enfermeira, especializados na prática do aborto, cujas mensagens foram psicografadas pela médium Nércio Antonio Alves, no seu livro “Nós Abortamos”:

“Réu confesso, diante do tribunal de minha própria consciência, aguardei o veredicto quanto aos crimes praticados por mim. Foram tristes e amarguradas consequências...

Com o correr do tempo, eu tinha clientela com atividades constantes e, um belo dia, passei a me interessar pelo aborto, esquecendo os mandamentos de Hipócrates. Era um meio fácil de ganhar mais encargos monetários, pois os abortos provocados por mim eram uma fonte inesgotável, vivendo em boa parte da carreira médica

como mercenário inescrupuloso, desrespeitando a vida formada ou em formação, o que contrariava as leis de medicina hipocrática... Os anos passaram rápidos e, para minha surpresa, tornei-me vítima de uma enfermidade e, por mais que lutasse contra a doença, acabei sendo vencido pela morte. Sim, digo morte, porque, mesmo do além (umbral), caminhei mergulhado em um sarcófago, atado por minhas vítimas, e mumificado pela indiferença que sempre alimentei em relação à vida fetal.

A tortura na consciência era tanta, que pensei perder o juízo. Gritei pedindo auxílio. Gritei tantas vezes implorando misericórdia, mas ninguém parecia ouvir-me...

Tudo voltou à tranquilidade. Em pensamentos, fazia projeto para a nova existência, pois pensava: se fui médico na vida anterior, seria lógico eu voltar a ser médico. Assim sendo, na medicina, aproveitaria para reparar os erros, planejando ser grande defensor da vida e da saúde; sem medir esforços, com sentimento humano, curaria as criaturas que passassem pelas minhas mãos.

Foi essa a idéia que alimentei para ressarcir meus crimes. No entanto, chegando o dia do retorno à vida física na Terra, soube quais as funções que exerceria nela. Oh! Que decepção! Meus planos rolaram por água abaixo... Reencarnaria, mas não como médico. O meu reencarne se dará compulsoriamente e viverei no corpo de um idiota, para reparar o mau uso de minha inteligência e a falta do dever de médico.” (427)

“Num abismo profundo, vivi dias incontáveis em um sofrimento que não terminava nunca. Mergulhada na escuridão, ouvia lamentos ... Cenas e mais cenas terríveis eram repetidas a cada segundo. Minhas pequeninas vítimas faziam-me reviver os crimes cometidos e eram tão reais aqueles atos como se estivesse continuando a minha existência terrena. As visões vinham em detalhes, chegando a ver os indefesos fetos pedindo-me misericórdia e eu indiferente, visando somente o dinheiro que me proporcionava o bem estar. Sem piedade, mergulhava os ferros frios na câmara uterina à procura do ser em formação para destruir a vida fetal... Destruir com minhas mãos criminosas. E quantas não foram as minhas vítimas? Tudo era tão confuso e as vozes a pedir piedade eram tantas, que não conseguia contá-las. Via as mãozinhas com horror, apontando-me com o dedinho indicador direito e suas vozinhas, num zumbido insuportável, chamando-me de criminosa.

Sentia-me um farrapo e, cabisbaixa, caminhava nas dependências daquela colônia hospitalar, onde fora socorrida. Envergonhada pelas atitudes praticadas no passado, pelo desrespeito às vidas em formação não tinha coragem em olhar para quem quer que de

mim se aproximasse.

Passados mais anos em fase de recuperação, fui avisada que estava próxima a minha nova reencarnação. Breve retornaria à Terra.

Que alegria! Pois sabia que, através da bendita porta de retorno à vida terrestre, poderia ressarcir os débitos contraídos na última existência...

A minha nova vida física será de muitas dificuldades. Reencarnarei em uma favela, onde irei saborear o amargo pão da miséria. Nos maus braços carregarei as vítimas do passado, os que não souberam me perdoar e terei de ser mãe de dar muito amor, no meio das dificuldades, a eles. Finalmente, aproximando o fim da minha vida, me verei portadora de enfermidade cancerígena, devorando-me célula por célula, órgão por órgão, até o domínio total, e o desencarne dará o golpe de misericórdia.” (427)

Outro episódio foi narrado pelo espírito Luís Sérgio, descrevendo a clínica de recuperação de abortados, no plano espiritual, através da mediunidade da escritora Irene Pacheco Machado, na sua obra, “Deixe-me Viver”:

“Solange submetera-se a longo tratamento perispiritual. Fora sugada pelo aborto, retirada do útero materno aos pedaços e já sofrera, até aquele momento, oito operações, porém recusava-se a apagar de sua casa mental os minutos cruéis do seu assassinato. Acionado, o projetor nos ofereceu a imagem de um casal em sua vida social: barzinhos, festas, cinemas, teatros, enfim, “aproveitando a vida”, até que surgiu uma gravidez inesperada. E justamente quando planejavam uma viagem para a Europa. O que fazer com a criança? Não pensaram duas vezes: abortar.. Assim, a mãe de Solange deu entrada numa clínica de aborto, pagando alta quantia para se livrar dela. Nem achou caro. Não sabia ela o quanto este dinheiro iria render-lhe de débito. Quantas lágrimas teria de verter para pagar este hediondo crime! Queira Deus que Solange um dia cruze o seu caminho e possa perdoar-lhe. Jamais supusera existissem casais que por um nada matassem seu próprio filho. Acompanhamos, em seguida, o suplício de Solange, recebendo as pancadas de um médico aborteiro. Ninguém pode imaginar esse horror.” (428)

O mestre hindu Ramatís, também enviou seu alerta, quanto às consequências cármicas do aborto, através da psicografia do notável sensitivo, Prof. Wagner Borges:

“O aborto é como um espelho partido. Quando as pessoas notam as consequências espirituais do ato leviano, já há vários feridos, cortados pela natureza do desespero e pela imaturidade dos envolvidos no processo. Daí, só há um remédio: o carma surge e passa a “pomada do destino” nos cortes de todos, e sussurra ao tempo para que una os cacos do espelho partido na alma imatura. O futuro vem por aí e atrairá os responsáveis pelo aborto para o devido reajuste consciencial.

Que as pessoas “pobres de espírito” se acautelem, pois há “cacos cármicos” espalhados em seus caminhos.” (268)

Para finalizar este capítulo, vamos trazer o testemunho de um abortado, que apesar do sofrimento, sempre perdoou a sua mãe, mantendo sua chama amorosa acesa:

“Querida mãezinha, jamais poderia me calar diante de tanta saudade que sinto de ti.

Foi tão pouco o tempo que tivemos a oportunidade de estarmos juntos, mas, mesmo assim, os três meses de permanência em tuas entranhas, fizeram com que o amor, que nasceu em mim por ti, me fizesse manifestar nesta tão singela mensagem.

Sei que a idéia do aborto, do qual fui vítima, não partiu de ti, mas sim daquele que assumiria a paternidade quanto a minha vinda à Terra. Ele é o responsável por não querer o encargo, alegando situação financeira difícil, e obrigou-lhe a me expulsar de teu claustro materno.

Creia, meu amor é tanto por você, que, de uma forma ou de outra, haverás de me embalar em teus braços, onde vou sentir o calor de teu coração e ouvir tua dócil voz a me chamar, “meu pequenino amor”.

Quanto ao meu encontro contigo, tudo já foi resolvido, pois, pedi aos Espíritos Superiores responsáveis pela minha reencarnação, que me permitam nascer no seio de tua família, para que possa estar bem junto de ti.

Nossos queridos irmãos espirituais me prometeram que haveria eu de ser embalado em teus braços e receber teus afetos, mesmo que não tiver a oportunidade de chamar-te mãezinha querida, mas reencarnando como filho do filho a que deste a oportunidade de nascer, chegarei junto a teus seios sentindo o calor de teu coração e chamar-te-ei “querida vovózinha”.” (429)

CAPÍTULO XV

PAIS E FILHOS - RELAÇÕES CÁRMICAS

“Para todos nós, em algum momento, nossa existência se revela como coisa particular, intransferível e preciosa. Quase sempre esta revelação se situa na adolescência. A descoberta de nós mesmos se manifesta como um saber que estamos sós; entre o mundo e nós surge uma impalpável, transparente muralha: a da nossa consciência. É verdade que, mal nascemos, sentimo-nos sós; mas as crianças e os adultos podem transcender a sua solidão e esquecer-se de si mesmos por meio da brincadeira ou do trabalho. Em compensação, o adolescente, vacilante entre a infância e a juventude, fica suspenso um instante diante da infinita riqueza do mundo. O adolescente se assombra com ser. E ao pasmo segue-se a reflexão: inclinado para o rio de sua consciência pergunta-se este rosto que aflora lentamente das profundezas, deformado pela água, é o seu. A singularidade de ser - mera sensação na crianças - transforma-se em problema e pergunta, em consciência inquisidora.”(430)

Octavio Paz

Como já estudamos em capítulos anteriores, o espírito se submete a uma programação reencarnatória, onde escolhe a época, local e família para sua próxima vida, sob a orientação dos “Senhores do Carma” ou “Orientadores Evolutivos”; com a finalidade de prosseguirem o seu aprendizado evolutivo e desatar os laços cármicos de vidas passadas.

Geralmente, os pais e filhos combinam o seu reencontro, ainda no período intermissivo, entre-vidas, na dimensão espiritual e muitas vezes estes papéis são intercambiados, como pai, mãe ou filho (a).

É como se fosse um acordo mútuo de reencarnação, em perfeita sincronicidade, de forma que um possa ajudar ao outro a adquirir a experiência mais adequada ao seu desenvolvimento como espírito imortal. Por isso, muitas vezes, pessoas bem sucedidas, conseguem desenvolver sua determinação e garra, apesar de terem tido uma criação severa e rígida dos pais. Sobre este

assunto, ensina o espírito Ramatís que:

“A Lei do carma, apesar de ser justa e implacável, não cria a predestinação para o crime, nem permite a desforra por parte de ninguém. Ela é apenas o efeito de uma situação criada pelo próprio homem, no passado... Geralmente, os espíritos que subestimaram seus progenitores em uma encarnação, não merecendo em futuros renascimentos o teto afetivo a que não fizeram juz, renascem de pais indiferentes, impiedosos e destituídos de qualquer ternura. E quando, além de sua frieza amorosa, eles ainda pressentem no filho antipático a presença do adversário detestado, do passado, então deixam-se tomar por invencível repulsa, chegando até a expulsar o infeliz descendente, quando o despeito, ódio ou a crueldade não os leva a aniquilá-lo, impiedosamente, conforme a imprensa terrena é pródiga em noticiar”. (340)

Às vezes, pode ocorrer o contrário, o pai ter assassinado aquele que nesta vida vem como seu filho e, hoje, ao recebê-lo em seu lar, vela com todo carinho pela sua vida material e sentimental, dando-lhe a melhor educação possível; ao passo que o filho, ainda não soube perdoar e esquecer os atos violentos e torpes do antigo genitor em vidas passadas. O que nos leva a mencionar, como exemplo, este caso real, narrado pelo Dr. Inácio Ferreira, que cuidava de uma criança de 12 anos, em seu sanatório, quando tinha seus acessos de raiva, sempre que seu pai lhe chamava a atenção ou reclamava; apenas obtendo uma explicação para o caso, quando recebeu o depoimento de um guia espiritual da criança, que era seu pai em outra vida, assim narrada:

“Na minha última existência, fui pai desta criança. Era trabalhador, disposto, porém, um tanto turbulento, valente, sempre metido em brigas e discussões. Confrontando com as minhas terras, morava um vizinho, um homem pacato, trabalhador, bom pai de família, como eu lutando pelo sustento da esposa e algumas filhas, uma das quais tornou-se logo namorada do rapaz. O vizinho, porém, não se conformou, proibindo, terminantemente, a continuação desse namoro, dizendo mesmo que não permitiria o casamento da sua filha com um rapaz tão turbulento. Por causa disso, chegou a vender o seu pequeno sítio e mudar-se com a família para um lugar um pouco mais distante, e como o rapaz continuava persistindo nos seus propósitos foi mesmo ameaçado

- ou deixasse a moça em paz ou encontraria, nas suas terras, se nelas penetrasse, alguém que lhe atravessasse o coração com um punhal.

No decorrer desses acontecimentos, o meu antigo vizinho perdeu a esposa e, ainda não refeito por aquele choque, passou pelo desgosto de ver sua filha fugir com o rapaz.

Desvairado, procurou-os algum tempo e os matou a punhaladas. Por proteção dos fazendeiros e autoridades do lugar, não foi preso e nem respondeu a processo.

Alguns anos, após, contraiu segundas núpcias, procurando uma companheira para auxiliá-lo a criar o resto dos filhos.

Essa segunda esposa ficou louca e, uma noite o assassinou a machadadas, fugindo, logo em seguida, e nunca mais sendo encontrada.

Agora é que sei que o rapaz que ele havia assassinado, como espírito consciente do seu estado, não podendo vingar-se diretamente do seu assassino, agiu sobre sua esposa, obsediando-a e fazendo com que o matasse.

O rapaz, pouco depois desses acontecimentos, reencarnou-se. Foi soldado e também assassinado por um companheiro, durante uma questão qualquer, ainda devido ao seu gênio turbulento.

Agora, nessa terceira existência, veio encarnado em uma família composta de todos aqueles antigos personagens, pois o pai dele, atual, foi o meu antigo vizinho que o assassinou.

Uma das irmãs atuais foi a antiga namorada com quem fugira e também assassinada pelo antigo pai, o mesmo da existência atual. A mãe atual, do menino, foi a segunda esposa do meu vizinho, a mesma que, influenciada pelo seu espírito, matou o antigo esposo, o mesmo agora, nessa encarnação.

Eu os acompanho, sempre, procurando incutir-lhes bons sentimentos, amparando-os e procurando evitar novas tragédias”.

(45)

A escritora e famosa psicoterapeuta americana Chris Griscom, também concorda que os pais e filhos se escolhem, mutuamente, para resolverem suas relações cármicas, como exemplificado abaixo:

“A piada cósmica disso é que os filhos escolheram seus pais, usando-os como piões num tabuleiro de xadrez. Nesse jogo os filhos escolhem os pais de modo que estes reflitam temas e assuntos em que o filho apresenta maior resistência ou reatividade. A finalidade dessa justaposição é equilibrar causa e efeito num nível cármico,

de modo que possamos aprender a tomar a responsabilidade para nós mesmos.

Uma criança pode ter um dos pais dominador, eterno crítico ou mesmo fisicamente agressivo. Ou a criança pode jamais receber estímulo e sempre receber invalidações como: “Você é muito bobo, não vai conseguir fazer isso, nunca vai chegar a ser nada”. Do nível espiritual da criança essa escolha foi livre e espontânea, destinada a lhe dar o empurrão necessário para o melhor desenvolvimento possível...

Quando Shirley MacLaine veio ao Instituto da Luz, queria saber mais a respeito do significado de seu relacionamento com os pais. Foi muito interessante porque ela apresentou uma oportunidade ótima de demonstrar que sempre procuramos por nossos pais. É uma das intuições mais profundas que podemos adquirir em nosso desenvolvimento espiritual, assim como na satisfação de nossas metas neste mundo, com objetivo e amor. Em seu ‘Dançando na Luz’, Shirley descreve com vividez os esforços ardentes que fez para entender o assunto. Se todos conseguíssemos aprender a entender, como Shirley aprendeu, que os pais são os primeiros protótipos que conhecemos nesta realidade tridimensional em nível terreno, e que escolhemos nossos pais não para nos auto-punir ou para nos auto-impor restrições e sim para melhorar certas qualidades que possuímos, todos os relacionamentos deste mundo ficariam revolucionados!” (293)

Quando encaramos as relações com nossos pais sob esta nova luz, podemos alavancar o nosso processo de autoconhecimento, pois passamos a compreender os temas de vida, que foram embutidos em nossa programação reencarnatória, para propiciar nosso desenvolvimento.

ADOLESCÊNCIA - DESENVOLVIMENTO FÍSICO E ESPIRITUAL

Quando a criança passa para a face da puberdade ou adolescência, geralmente, a partir dos 12 anos, começa a se questionar sobre o seu papel no mundo, tentando adquirir uma maior maturidade emocional e social, além de ver despertar o seu interesse sexual. É a fase em que o ser começa a se arriscar mais, em experiências que servirão de grande importância para seu apredizado, a fim de que ela possa assumir a responsabilidade individual pelos seus atos, distinguindo o certo e o errado.

Nesta fase de “iniciação” dos filhos, os pais devem auxiliar este movimento

de “passagem”, de modo a minorar o sofrimento e as incertezas inerentes a esta etapa do seu desenvolvimento; às vezes, servindo de modelo, dando bons exemplos de honestidade, ética, responsabilidade e solidariedade.

Outrossim, é importante que os pais sempre coloquem os limites para seus filhos, a fim de que eles possam agir dentro das “regras acordadas pela família”, baseadas nos laços de amor e respeito mútuo, que possibilitarão o seguimento das regras e leis impostas pela sociedade, num segundo estágio de suas vidas.

À medida que o jovem vai amadurecendo e mostrando sua responsabilidade, os pais devem saber como supervisionar aqueles limites impostos, progressivamente, estimulando as conquistas dos seus filhos, diminuindo seu controle, para que eles possam sondar melhor o mundo e testar suas potencialidade e talentos únicos, dentro dos parâmetros ensinados de amor, ética, compreensão, etc..

O psiquiatra e antroposofista, Dr. Bernard Lievegoed, Professor de Pedagogia Social na Faculdade de Administração de Roterdã, no seu livro “Fases da Vida”, apresentou ótimas lições sobre este tema:

“A terceira fase (puberdade e adolescência) propicia o grande despertar para a realidade. Tão cedo quanto o estágio pré-púbere, o mundo protegido da criança ao qual me referi é quebrado, e a jovem pessoa se encontra em face de uma realidade que frequentemente não é amigável. Os resultados deste rompimento no mundo da fantasia infantil incluem a solidão na puberdade, o sentimento de não ser compreendido por ninguém e a tendência para a idolatria de heróis. Na adolescência (que eu considero começar aos dezesseis para dezessete) segue-se a tarefa de encontrar uma atitude (embora temporária) para com o mundo..., e finalmente a escolha da educação final e da carreira (para aqueles que estão em posição de completar seu desenvolvimento natural). Na verdade temos aqui o despertar da busca da verdade: como é o “mundo”, realmente?

Platão já dizia que a bondade, a beleza e a verdade eram os fundamentos da humanidade. Na juventude é preciso ser-lhes dada a oportunidade para desabrochar em ordem e crescer para a moralidade, a criatividade e a sabedoria. Este desenvolvimento não depende de prosperidade externa, mas da “plenitude” interior.

Desde 1945 os escritores vinham apresentando a idéia de que era um crime forçar crianças para uma carreira ou trabalho em fábrica com a idade de catorze ou quinze anos. Em tal situação elas são incapazes de completar a terceira fase de seu crescimento para a idade adulta. O fato de que no momento a assim chamada educação participativa está sendo dada para este grande grupo é apenas um primeiro passo. Todo ser humano tem o direito à formação educativa geral até o seu décimo oitavo ano, para mais tarde estar apto e poder fazer sua contribuição para a sociedade como uma pessoa completa...

A escolha da carreira demanda considerável autoconhecimento e conhecimento do mundo, porque a realidade das profissões e dos negócios se tornou obscura para os leigos, enquanto que muitas oportunidades de treinamento não são suficientemente divulgadas. O resultado é que esta escolha vital é feita, durante a adolescência, mais ou menos ao acaso. O fato de tantos estudantes fracassarem nos exames, abandonarem seus estudos ou mudarem de cursos antes de concluí-los, ilustra os perigos de um sistema que requer os alunos determinando os caminhos de sua futura educação e carreira profissional, em um momento entre as idades de quinze e dezoito anos...

A adolescência aqui é vista como uma fase de transição na qual os problemas têm de ser resolvidos, antes que o indivíduo possa deixar de ser uma criança para tornar-se um adulto, o que ele tanto almeja. Há nove desses problemas: 1) maturidade emocional geral; 2) a ocorrência do interesse heterossexual; 3) maturidade social em geral; 4) emancipação da casa paterna; 5) maturidade intelectual; 6) escolha de uma carreira; 7) aprender a usar o lazer; 8) elaboração de uma psicologia de vida, culminando no comportamento baseado na consciência e no sentido de dever; 9) identificação ou percepção de si mesmo.

Assim sendo, é um período de trabalho duro em tarefas muito dispares, resultando num comportamento tal que alguém possa ser chamado de adulto - sendo a idade adulta aparentemente o propósito da fase adolescente. Em outras palavras, para resumir: a principal ocupação do adolescente é deixar de ser um deles".
(431)

Em razão do ritmo acelerado da vida nas grandes cidades, os momentos de

diálogo e troca de informação entre pais e filhos vão se escasseando; muitas vezes as orientações dos pais são substituídas pelas da televisão, infelizmente.

Estes jovens buscam a aceitação em seu grupo de convivência, assimilando os seus hábitos e “gírias”; para não se sentirem isolados; quando na sala de aula, tentam atender as expectativas de seus professores e ao chegar em casa, já devem se enquadrar ao modelo exigido por seus pais.

Efetivamente, nossos adolescentes procuram sua auto-afirmação, uma fórmula de se sentir à vontade com eles mesmos, sem maiores cobranças ou exigências.

A psicoterapeuta Chris Griscom, fundou em Galisteo, Novo México, EUA, a “Escola Nizhoni”, onde estive e pude constatar que o método procura estimular a educação dos seus alunos, através da sabedoria espiritual do seu “Eu Superior”, sendo proveitosos seus ensinamentos:

“Entendemos que, quando a criança entra na puberdade, há um amadurecimento que exige o conhecimento do próprio eu, da própria identidade. Nesse período a criança tem uma sensibilidade profunda no que se refere às impressões ou mensagens que recebe do mundo exterior, que a avalia e define quem ela parece ser.

Este ponto é muito importante para entender a dinâmica familiar, porque o jovem examina criticamente o estilo de vida e a criação que eles proporcionam; isso tudo pode ser aceito ou rejeitado como modelo de maturidade.

O meio utilizado na comunicação de pais e filhos passa a ser muito importante nesse período. Por outro lado, os pais procuram moldar o jovem para a maioridade, tentando fazê-lo comportar-se como um ser responsável na estrutura da sociedade, ao passo que, de outro lado, esperam que o filho consiga uma base sólida no caminho do sucesso, qualquer que seja a definição disso na família. Da perspectiva do jovem, ele próprio flutua num mar revolto, por assim dizer, indo de cá para lá entre uma sensação de equilíbrio e o sentimento de que o sucesso está ao alcance das mãos, entre a tremenda sensação da impotência da família e o medo de não ter capacidade necessária para participar do mundo, de não conseguir nem ao menos encontrar a si mesmo.

Para perceber essas tendências ocultas de dúvidas pessoais e

auto-análise de natureza verdadeiramente vulcânica, precisamos ir além dos nossos meios de comunicação habituais. Os hormônios do jovem estão sendo ativados, o 'kundalini' está subindo, o corpo emocional vacila com todo esse crescimento físico e químico que ocorre interiormente. Os pais devem aprender a perceber essas tendências e a sua influência na comunicação e no comportamento. O jovem precisa sentir que 'vale' alguma coisa para os outros e para si mesmo. Se a maior parte das comunicações é canalizada para a 'atividade' diária, a sensação de isolamento aumenta o desespero interior, e o hiato do desânimo se abre cada vez mais... O jovem é considerado com idade para beber e votar, mas não para ser levado em conta, porque para isso é preciso mais estudo. Como o processo educativo é prolongado, a nossa idade adulta é adiada e conseqüentemente a finalidade expressa da nossa vida também é, e continuamente. Finalmente, quando a pessoa termina o mestrado e depois o doutoramento, quando já está perto do fim da estrada, provavelmente a sociedade aceitará e aprovará os seus conceitos, pensamentos e criatividade. Nessa altura, uma parte importante da pessoa já foi enterrada". (432)

Portanto, torna-se indispensável que os pais recuperem sua capacidade de comunicação com os filhos, não se limitando a assistirem juntos o mesmo programa da TV, mas se capacitando, verdadeiramente, a uma maior interação com eles, buscando o crescimento de ambas as partes e participando, de forma plena deste relacionamento, a fim de oferecer-lhes o suporte necessário nesta fase conflituosa do seu desenvolvimento.

INVESTIGAÇÃO DE PATERNIDADE **- ASPECTOS LEGAIS E ESPIRITUAIS**

As novas conquistas tecnológicas permitiram que a "Genética" se tornasse uma grande aliada, na solução de impasses em diversas áreas do conhecimento. Com o Direito, também não foi diferente; porquanto a simbiose entre estes dois ramos tão distintos pode ser exemplificada, por um recurso considerado o maior avanço na área judicial, desde a descoberta das impressões digitais, como características únicas em cada indivíduo: o exame de DNA; sigla para ácido desoxi-ribonucléico, em inglês, que é a principal unidade biológica que compõe os seres vivos, está presente no núcleo de todas as células do corpo humano e é única para cada pessoa. Efetivamente, é um caminho que leva ao esclarecimento de situações como comprovações de

paternidade, autoria de crimes ou mesmo identificação de corpos carbonizados. Inclusive, este teste mudou o comportamento dos advogados e deu mais subsídio aos juízes, pois hoje, praticamente, não existe na Justiça uma sentença de paternidade confirmada sem o exame de DNA.

Em face de graves problemas econômico-sociais, que afligem o povo brasileiro, muitas vezes o pai não quer assumir a paternidade de seu filho, em razão de não ter condições ou querer sustentá-lo; neste momento é que a mãe ajuíza a “Ação de Investigação de Paternidade”, como forma de provar o vínculo paterno com a criança, atualmente, mediante o exame do DNA, quando é confrontado o exame de sangue dos pais com o do suposto filho; a fim de comprovar a grande semelhança de suas características genéticas.

Podemos citar como exemplo, um recente caso de repercussão nacional, a comprovação genética de que o Sr. Edson Arantes do Nascimento, “Pelé”, tinha uma filha que desconhecia; bem como o que ocorreu com o famoso cantor Roberto Carlos, que, depois do exame reconheceu seu filho.

Entretanto, ainda existem juízes apegados ao formalismo e a burocracia jurídica, que se negam a conhecer os valiosos avanços da ciência, como foi exemplificado na matéria do Jornal “Folha de São Paulo”, de 17.05.98:

“Um erro judicial está impondo uma falsa relação de paternidade entre o pediatra José Baldo, de Jataí (GO), e uma adolescente de 14 anos.

Desde 1984, ele é reconhecido pela Justiça como pai de A.A.P., embora um exame de DNA (código genético) feito sete anos depois, tenha demonstrado o contrário. Desde 1991, ele tenta fazer com que a Justiça reveja a decisão.

O STJ (Superior Tribunal de Justiça) criou um obstáculo para a reparação do erro: considerou impossível a revisão do processo, porque o exame de DNA foi feito quando não havia mais prazos para ajuizar recursos.

Um juiz de Direito de Jataí (GO) e o Tribunal de Justiça de Goiás, o primeiro a reconhecer a paternidade, já haviam admitido a possibilidade de reabrir o processo.

Mas, por decisão unânime, os ministros do STJ, que julgaram esse caso, descartaram a possibilidade de revisão do processo,

baseados em um princípio do direito chamado “coisa julgada”. Por esse princípio, uma decisão judicial torna-se imutável quando terminam todos os prazos para o ajuizamento de recursos e não é mais possível impetrar ação rescisória para mudança da sentença. A causa poderá ser apreciada pelo STF (Supremo Tribunal Federal), se o advogado de José Baldo sustentar que a decisão do STJ violou princípios da Constituição. Um ministro do Supremo, que pediu para não ter o nome identificado, criticou a decisão do STJ. Disse que os ministros daquele tribunal foram excessivamente formais. Segundo ele, foi priorizado o formalismo do processo em detrimento do senso de justiça”.

Peço permissão para discordar da decisão formalista do STJ, noticiada acima, que negou a essência da justiça, aumentando o descrédito da sociedade brasileira, na capacidade do Poder Judiciário, de atuar com rapidez e eficácia na solução dos litígios.

Consoante lição do Prof. Zeno Veloso, os testes de paternidade, pelo exame de DNA, foram introduzidos no Brasil, em 1988, pelo Núcleo de Genética Médica de Minas Gerais, ainda acrescentando:

“Os testes realizados geralmente a partir do sangue, embora possa ser utilizado qualquer outro tecido do corpo que contenha DNA - sêmen, raiz do cabelo, pele, placenta - permitem tanto a exclusão quanto a inclusão da paternidade, com grau de confiabilidade superior a 99,9999%” (434)

Ademais, existe fundamentação legal suficiente para a aplicação da verdadeira justiça; porquanto o artigo 5º da Lei de Introdução do Código Civil Brasileiro é considerada uma norma de “sobredireito ou superdireito”, podendo até afastar a “coisa julgada”, para garantir a sua função social, a que a Lei se destina e às exigências do bem comum.

Como se pode aceitar o reconhecimento da paternidade, apenas baseado em depoimentos de testemunhas, quando a prova genética do DNA diz o contrário? De que forma a

justiça pode “virar as costas” para os avanços da ciência, impondo a um cidadão, uma paternidade, que ele mesmo e toda a sociedade sabe ser inautêntica?

A Terceira Turma do STJ, no caso supracitado, entendeu que a “coisa julgada” não poderia ser desconsiderada, mesmo confrontada com a prova genética irrefutável, desconsiderando a norma de sobredireito, do art. 5º da Lei de Introdução do Código Civil; afrontando ensinamentos do ilustre jurista Pontes de Miranda (435) e do renomado Jônatas Milhomens (436), respectivamente transcritos abaixo:

“Quando a lei tem por objeto relações diz-se que a lei é de direito substancial. Quando, porém, o objeto da lei são leis e não relações, é de superdireito que se trata”. (345)

“As normas de superdireito possuem “título de nobreza”. Elas têm por função indicar, resolver qual a regra jurídica aplicável a determinado fato, a determinada relação, ou onde, como se deve aplicar a regra de direito” (436)

Destarte, a justiça dos homens deve sempre buscar a sua aplicação de forma direta, rápida e essencial, sem se perder na teia da burocracia; pois, caso contrário só restará à vítima apelar pela inexorável Justiça Divina; convocando o ilustre escritor espírita Divaldo Franco, consoante entrevista transcrita no “Apêndice” deste livro, para apreciar as consequências cármicas para uma mãe, que acusa um homem de ser pai do seu filho e ele é condenado, injustamente, a pagar pensão alimentícia?

“Se ela o faz conscientemente, como capricho, vingança ou extorsão, não fugirá da própria consciência, adquirindo um fardo de dores muito pesado, de que não se libertará senão através de amarga expiação na Terra, nesta ou em próxima reencarnação. Todo mal que se pratica é para si mesmo, assim como todo o bem que se realiza, faz-se a si mesmo um grande bem”.

MAIORIDADE PENAL E A FEBEM

A intolerância social, que campeia em nosso país, é acompanhada da falta de instituições eficazes para acolher e educar o adolescente (FEBEM), mas também do crescente descaso do brasileiro, que o descompromissa com o seu semelhante, em situação de adversidade.

Assim, o empobrecimento das populações urbanas, torna o pobre, sobretudo a criança e o adolescente, um ser desprezível e efetivamente excluído, às vezes forçando-o ao cometimento de infrações, para garantir sua alimentação.

E a luta pela sobrevivência deste jovem, leva-o ao delito e a sociedade responde com sua vontade de punição, de castigo. Esta é a razão da existência de projeto de lei propondo a redução do limite de idade dos atuais 18 anos para 16 anos, quando o adolescente já pode exercer o direito de voto, como se o incentivo à cidadania fosse a mesma coisa que a abertura para a punição.

No estudo elaborado pelo Tribunal de Justiça da Bahia - CEFIJ, sob a coordenação da Juíza Lourdes Maria Trindade, foi pesquisado o debate sobre este assunto:

“Maria Ignêz Bierrenbach, assistente social integrante da Comissão Teotônio Vilela de Direitos Humanos:

“O Código Penal não diz respeito à questão do adolescente infrator. Nós só podemos usá-lo como um referencial. As discussões devem ser feitas com base no Estatuto da Criança e do Adolescente”.

“O jovem tem um potencial imenso e nós devemos apostar nesse potencial para que ele seja reinserido na sociedade”.

“A repressão só possibilita uma maior violência. Não é com a repressão que vamos conseguir a paz e tranquilidade social tão almejadas por todos”.

“Existe toda uma legislação internacional com a qual o Estatuto da Criança e do Adolescente está totalmente afinado”.

O Juiz Dyrceu Aguiar Dias Cintra Jr., também expõe seu posicionamento:

“O estabelecimento da idade penal aos 18 anos não foi aleatório. Esta idade parte de estudos da formação da personalidade e do direito comparado”.

“Quem defende a diminuição da idade da pena para 16 anos o faz achando que mais punição vai resolver alguma coisa. Eu pergunto: e a Lei de Crimes Hediondos, adiantou para alguma coisa?”

“Não existe contra-senso entre poder votar para presidente com 16 anos e não responder por crimes com essa idade. Uma coisa é incentivo à cidadania e outra é responsabilidade”.

“No caso do menor infrator, a solução está em aplicar o Estatuto da Criança e do Adolescente”.

O juiz Antônio Jurandir Pinoti, titular da Vara Especial da Infância e Juventude de São Paulo e membro da Associação de Juizes para a Democracia:

“Uma perigosa mentira está causando sérios malefícios aos cidadãos brasileiros. Apregoa-se, por ignorância ou, maioria dos casos, por má-fé, que ao menor de 18 anos nada acontece se ele cometer um crime, chamado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente de ato infracional. Esse disparate instiga a criminalidade juvenil e engana a opinião pública, pondo-a ao sabor de vozes eleitoreiras e de falsos defensores da sociedade.

O ECA emprega palavras que suavizam seu real significado. Fala em apreender e internar adolescentes, quando esses vocábulos significam aprisionar e condenar à prisão (arts. 112 e 171).

O menor que pratica um ato infracional, assim como um adulto criminoso, é preso, denunciado, citado para responder processo... Assim, está certa a lei. Se até ao adulto a excessiva privação da liberdade é nefasta, com muito mais razão ela não se presta para ressocializar jovens infratores.

Não é o cumprimento integral de três anos de prisão que reeducará um adolescente, mas medidas educativas, que o Estado deveria lhe oferecer enquanto sua prisão fosse necessária. Sabemos que a Febem pouco ou nada propicia em termos de reeducação. Antes, infelizmente, aprisiona menores que fazem entre si verdadeira pós-graduação em delinquência.

Não se argumente também, porque é falso, que a maioria penal deve ser rebaixada para 16 anos, como querem aqueles que, contrariando o ECA e a Constituição, não se conformam com a libertação desse infrator antes de cumpridos aos três anos de cadeia.

Essa mudança, se aprovada, só iria atirar às masmorras jovens excluídos, os pobres de sempre, que não receberam do Estado aquilo que o art. 227 da Carta lhes garante. Ademais, dos crimes que ocorrem no país, apenas 10% são praticados por adolescentes”.

(437)

Como se verifica, facilmente, existem interesses escusos em associar a menoridade com a impunidade, fazendo crer que os jovens são responsáveis pelo aumento da criminalidade; quando, na verdade, o Governo não vem cumprindo com seu papel constitucional,

garantindo alimentação, saúde e educação às crianças e adolescentes brasileiros; até mesmo pela falta de verba, ante ao excesso populacional dos cidadãos carentes deste País.

O que os jovens precisam é de serem atraídos para uma vida social saudável, integrando projetos educativos e cursos profissionalizantes, que possam proporcionar um futuro próspero para eles.

Quando o adolescente é punido com uma medida sócio-educativa de exclusão do convívio social, geralmente, é conduzido para a FEBEM - Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, que é o exemplo mais terrível e cruel do sistema penitenciário brasileiro, pois, ao invés de ressocializar o jovem infrator, irá fazer sua “pós-graduação” na “Universidade do Crime”.

Em reportagem de 22.09.99, a revista Veja afirma que 20 milhões de crianças e adolescentes brasileiros estão crescendo na pobreza e no abandono e que em São Paulo, a FEBEM assiste a motins quase diários, dos seus 600 internos do Complexo Imigrantes; ainda citando pesquisa do IBGE de que 40% das crianças brasileiras, entre zero e quatorze anos, vivem em condições miseráveis, ou seja, a renda mensal familiar não passa de metade do salário-mínimo, sendo que dos quinze aos dezessete anos, metade já está trabalhando, quando ainda deveriam estar estudando; valendo, inclusive, transcrever:

“O que não está dando certo é a estratégia de enfiar o adolescente infrator num simulacro de prisão e jogar a chave fora. O Brasil tem atualmente mais de 20.000 jovens infratores, dos quais perto de 8.000 estão encarcerados em reformatórios nas grandes cidades... A unidade Imigrantes da Febem, nos arredores de São Paulo, de onde na semana passada fugiram mais de 600 internos, vive num estado de conflito iminente. Os monitores, em nome da disciplina, fazem da tortura e da afronta à dignidade humana uma rotina diária. Os 1400 menores são acordados diariamente às 6 horas, em geral com o barulho de socos na parede. Por causa da superlotação, dois ou mais deles são obrigados a dividir o mesmo colchão. Só podem dormir de cuecas e, no inverno, têm direito a um cobertor, muitas vezes cheirando a urina porque pedir para ir ao banheiro à noite é motivo de reprimenda”.

E qual seria a solução para a FEBEM? Inicialmente, dependeria de vontade

política do Governo, da solidariedade da população em geral e dos familiares dos internos, de uma maior eficiência da justiça na liberação dos adolescentes infratores, após uma avaliação técnica competente; além do estudo e cursos profissionalizantes: melhoramento de sua auto-estima e facilidade de sua colocação no mercado de trabalho, ou seja, criando um novo conceito de unidade de reeducação. Mas, para a extinção definitiva de entidades como a FEBEM, seria necessário uma política séria de planejamento familiar, onde as famílias só poderiam ter um número de filhos que fossem capazes de criar e educar, com dignidade.

Voltando à questão da responsabilidade criminal aos 18 anos, atendendo ao “critério etário” escolhido pelo legislador pátrio, ao redigir o Código Penal; não nos parece o mais correto; pois o nível de entendimento dos seus atos e responsabilidade, varia muito de pessoa, principalmente, comparando-se as crianças criadas nos grandes centros urbanos, com aquelas do sertão nordestino, que quase não tem acesso à informação.

Assim, nos parece mais justo o “critério biopsicológico”, quando seria fixada uma idade, por exemplo, 16 anos, quando o jovem seria examinado a nível psiquiátrico, sociológico, etc., para aferir se ele tinha consciência dos seus atos, quando cometeu o delito.

Certamente, que estas questões da maioridade penal e da reforma da FEBEM, deverão ser muito discutidas, a fim de minorar o sofrimento destas crianças e adolescentes, verdadeiros excluídos da sociedade.

NOSSOS JOVENS EXCLUÍDOS

Com efeito, o bloqueio social à ascensão dos indivíduos, em sua maioria sem escolaridade e profissão definida e a recusa à repetição do padrão familiar de pobreza que vivenciam, levam, inevitavelmente, muitos jovens a buscar a superação de suas dificuldades, através de ações ilícitas. Ademais, muitas vezes são incitados pela sociedade de consumo, através de filmes, novelas e das propagandas da TV, a buscarem ter a vida prazerosa, que os demais jovens mais abastados conseguem alcançar.

Deste modo, podemos constatar que a relação entre pobreza e a impossibilidade

de realização dos anseios da juventude, através da família ou de trabalho próprio, leva muitos jovens a cometer infrações, para viver da forma mais próxima daquela tida como necessária ou mesmo idealizada. Estando comprovado que as razões para a violência juvenil residem na busca da superação do estado de pobreza e frustração.

Estudos sociológicos estão demonstrando que alguns fatores são preponderantes para a exclusão social dos nossos jovens: o desemprego em atividades substituídas por máquinas e que eram ocupadas pela classe popular (ex: cobrador de ônibus, caixas de banco, etc.); a competição de pessoas de nível mais elevado, que em face do desemprego, estão aceitando trabalhos de menor prestígio e remuneração (como os taxistas, bancários, etc.); além do baixo nível de escolaridade, a que têm acesso estes jovens de classe mais baixa.

Destarte, o envolvimento cada vez maior de jovens pobres com atividades ilícitas é a forma mais plausível, para eles, de deixarem de ser excluídos, haja vista o verdadeiro bloqueio provocado pelo modelo econômico vigente.

Este diagnóstico foi confirmado pelo escritor Zygmunt Bauman, no seu livro, “O Mal-Estar da Pós-Modernidade”:

“No mundo pós moderno de estilos e padrões de vida livremente concorrentes, há ainda um severo teste de pureza que se requer seja transposto por todo aquele que solicite ser ali admitido: tem que mostrar-se capaz de ser seduzido pela infinita possibilidade e constante renovação promovida pelo mercado consumidor, de se regozijar com a sorte de vestir e despir identidades, de passar a vida à caça interminável de cada vez mais intensa sensações e cada vez mais inebriante experiência. Nem todos podem passar nessa prova. Aqueles que não podem são a “sujeira” da pureza pós-moderna.

Uma vez que o critério da pureza é a aptidão de participar do jogo consumista, os deixados fora como um “problema”, como a “sujeira” que precisa ser removida, são consumidores falhos - pessoas incapazes de responder aos atrativos do mercado consumidor porque lhes faltam os recursos requeridos, pessoas incapazes de ser “indivíduos livres” conforme o senso de “liberdade” definido em função do poder de escolha do consumidor. São eles os novos “impuros” que não se ajustam ao novo esquema de pureza.

Encarados a partir da nova perspectiva do mercado consumidor, eles são redundantes - verdadeiramente “objetos fora de lugar”. (438)

A CEFIJ - Comissão Especial para Assuntos de Família, Infância e Juventude, na pessoa do seu ilustre coordenador, o Juiz Maurício Salles Brasil, desenvolveu na Bahia, uma extensa pesquisa a cargo do Sociólogo Gey Espinheira, enfocando o problema dos jovens desaparecidos:

“Os casos são todos comoventes. Invariavelmente, recheados de dor e incerteza. A precária condição social da imensa maioria de seus personagens, um convite a que permaneçam quase esquecidos, distantes da mais leve perspectiva de solução. Para quem teve um parente ou um amigo que desapareceu, inexplicavelmente, sem deixar rastros, não são necessárias palavras para expressar o sofrimento que uma perda assim, dominada por dúvidas, causa... O ingresso de jovens no crime organizado ou o direcionamento para atividades transgressoras e criminosas é uma alternativa de sobrevivência, de modo que não se pode isentar a sociedade de forçar parte da juventude periférica para as atividades criminosas como único meio de obtenção dos recursos necessários à existência. A juventude é, por excelência, inquieta e competitiva e lança-se para a vida com uma grande energia, não aceitando passivamente a imposição de papéis secundários, nem tampouco a exclusão social pura e simples imposta pelo bloqueio já referido... A sociedade corrupta, da impunidade, não desenvolve valores que operem como mecanismo de controle internalizados através da família, da escola, das igrejas e de outras instituições que participam do processo de socialização; ao contrário, a sociedade competitiva incentiva o desempenho pessoal, individualizado, segundo a famosa “Lei de Gerson”, cuja significação é “tirar vantagem em tudo”, não importando quais os meios utilizados para se chegar ao objetivo estabelecido.

A corrupção de membros do Congresso Nacional, do Judiciário, do Executivo, envolvendo personalidades; a máfia de fiscais de prefeituras; os desmandos de prefeitos; as falcatruas empresariais explicitadas na CPI do Sistema Financeiro e tantos outros de que fala a mídia, dão a sensação de que a impunidade desses agentes situados nos altos escalões governamentais e de grandes empresários e banqueiros não são atingidos pela Lei, ou quando o são, logo estão de volta às suas atividades e permanecem poderosos”. (439)

Diante destes resultados alarmantes, entendo que toda a sociedade deve se mobilizar no resgate destes jovens excluídos, até mesmo para prevenirmos que a violência chegue até nós, através de programas de incentivo sócio-educativos, patrocínio de atividades esportivas, cursos de Informática, principalmente, desenvolvidos por ONGs ou Fundações ligadas às grandes empresas brasileiras, que devem cumprir a sua responsabilidade social e não mais visar apenas o lucro, pois esta é uma das diretrizes deste Terceiro Milênio, cujo parto estamos testemunhando.

Concluindo esta parte do livro, dedicada ao exame da problemática jurídico-espiritual do bebê, criança e adolescente, quero presentear o leitor com um belíssimo texto de autoria dos mestres espirituais Rama e Aivanhov, através da incrível mediunidade do Prof. Wagner Borges; tratando das relações espirituais e afetivas entre pais e filhos:

“Um choro de criança anuncia nova vida que chega. Brotando da natureza humana, ela vai suscitar novas emoções, alertando aos corações adultos que ainda há sentimento neles. Cada criança que nasce é a certeza de que Deus não abandonou seu sonho cósmico de Evolução. Cada criança é embaixadora desse sonho e os adultos deveriam saber disso. No projeto da criação, o Criador transforma espíritos em bebês e manda-os em uma missão vital: enternecer o mundo com sua graça. É por isso que, quando uma criança nasce, o próprio Cosmo se emociona. Ele sabe que há um sorriso brotando na Terra. E, muito além do entendimento humano, em dimensões invisíveis ao olhar físico, há seres espirituais em comunhão, torcendo para que aquela alma reencarnada cumpra seu papel e renove a vida. Há crianças, crianças, crianças... Mas para o Criador elas são todas iguais. São estrelinhas divinas, pedacinhos da existência, tentando irradiar luz na carne. São seus filhos, espíritos-estrelas. Ele os disfarçou em corpos de bebês, pois sabem que os adultos esquecem-se fácil da luz. Porém, perante aquele ser pequenino, o brilho renasce em seus olhos e o coração acende com novas esperanças. A cada dia novas estrelinhas descem à Terra. Primeiro, elas iluminam o útero da mulher, que torna-se mais bela do que nunca. Em seguida, já disfarçadas de bebês, elas iluminam o olhar de quem as vê. A partir daí, elas vão crescendo e iluminam o mundo com suas brincadeiras. Porém, chega um momento em que elas esquecem-se da grande estrela que as gerou. Elas se tornam adultas e o mundo as entorpece. Passam a comportar-se como carne e não como estrelinhas de Deus. Esquecem-se da própria natureza estelar e entranham-se firmemente na carne amortecedora. Cristalizam o próprio pensamento,

estratificam o próprio sentimento e choram, sem perspectiva luminosa. É quando o Criador Ihes dá uma mãozinha e manda em socorro o brilho de uma estrela, para lembrá-las da alegria e do amor. E logo elas “aparecem grávidas”. Assim, saberão da verdade que esqueceram-se: Um filho é uma estrelinha emprestada por Deus para renovar, em nome da alegria, o brilho das ex-crianças que agora são adultas e chamam-se ‘pais’.

“Pais e filhos, estrelas e estrelinhas, pedacinhos de luz a brilhar, realizando o grande sonho evolutivo: ser criança-adulto-espírito no coração-estrela de Deus”.

Que todos os pais saibam disso e recuperem o próprio brilho, amando as ‘estrelinhas-crianças’ de Deus como estrelas suas também!”

PARTE IV

JUSTIÇA DIVINA X JUSTIÇA DOS HOMENS NA VIDA ADULTA

*“Se eu quiser falar com Deus
Tenho que ficar a sós,
Tenho que apagar a luz,
Tenho que calar a voz,
Tenho que encontrar a paz,
Tenho que folgar os nós
Dos sapatos, da gravata,
Dos desejos, dos receios,
Tenho que esquecer a data,
Tenho que perder a conta,
Tenho que ter mãos vazias,
Ter a alma e o corpo nus...” (440)*

Gilberto Gil

“A melhor coisa que um marido ou esposa pode desejar ao cônjuge é a espiritualidade, pois o desenvolvimento da alma faz aflorar as qualidades divinas da compreensão, paciência, consideração pelo outro e amor. Mas cada um deve lembrar que o desejo pelo crescimento espiritual não pode ser impingido ao outro. Seja você a própria encarnação do amor, e a sua bondade haverá de inspirar todos os seus entes queridos.” (441)

Paramahansa Yogananda

CAPÍTULO XVI

QUESTÕES DE FAMÍLIA

“O verdadeiro casamento é um laboratório no qual os venenos do egoísmo, temperamento difícil e mau comportamento podem ser despejados no tubo de ensaio da paciência, para serem neutralizados e transformados pelo poder catalítico do amor e do constante esforço para comportar-se com nobreza.” (441)

Paramahansa Yogananda

Seguindo a evolução físico-espiritual do ser humano, após a adolescência, inicia-se sua vida adulta com um maior grau de maturidade, independência e determinação. Nesta fase, provavelmente, já começa a trabalhar, investindo no seu desenvolvimento profissional; bem como no aspecto afetivo, passando a buscar a sua companheira ideal, visando a constituição de uma nova família.

Abordaremos, neste capítulo, desde o processo de transformação familiar para o Terceiro Milênio, até questões práticas relativas: à descoberta da nossa alma gêmea, ao casamento, ao concubinato, adultério, divórcio, etc..

Desde os primórdios da civilização, temos a estrutura familiar como elemento básico da sociedade; porquanto os indivíduos unidos por laços consanguíneos tendem a se apoiar mutuamente, oferecendo segurança econômica, física e psicológica aos seus membros.

Entretanto, estamos testemunhando uma mudança radical na família para o Terceiro Milênio, como reflexo da necessária limitação na geração dos filhos, do capitalismo globalizado, da maior participação da mulher no mercado de trabalho, etc..

No modelo tradicional da família paternalista, cabia ao pai a autoridade incontestável, à mãe o “sofrer no paraíso do lar” e aos filhos a obediência e o respeito absolutos; gerando insatisfações, além de complexos de culpa e de castigo.

Ao invés de ser constituída com base no amor, muitas vezes, a família tradicional era fundamentada no dever de agradar aos pais, nas aceitações dos “casamentos por conveniência”, para solidificar laços políticos ou garantir a expansão do patrimônio familiar. Este modelo familiar entrou em decadência, porquanto a figura paterna não consegue e não pretende mais impor a ditadura no lar; ao mesmo tempo que a mãe deseja assumir sua identidade, também no trabalho, com profissionalismo e competência.

O problema da desagregação familiar, além dos fatores sócio-econômicos, é causado pelo afastamento dos pais pelo excesso de trabalho, delegando suas funções para babás e educadores, que não fazem parte da programação reencarnatória dos filhos, estes, sim, muitas vezes têm laços cármicos, a desatar com os pais, cumprindo as leis divinas.

Quando os pais buscam primordialmente o “ter” e acumulam bens como; eletrodomésticos, quadros, carros, casa de praia; visam projetar uma imagem de sucesso ou destaque social, e esquecem-se de assumir e conhecer sua realidade interior, o verdadeiro aspecto do seu “ser”.

Esta correria em busca da ilusão do poder, afasta os pais da convivência amorosa e diária com seus filhos; que passam a procurar apoio e informação entre eles e, às vezes, para preencher a lacuna do amor familiar, envereda pelos caminhos dos tóxicos ou do sexo prematuro.

A família tem como finalidade precípua o estreitamento dos laços amorosos entre seus membros, obedecendo a um planejamento pré-encarnatório, organizado pelos “Senhores do Carma”, com a aquiescência dos espíritos reencarnantes.

É com este entendimento que a família do Terceiro Milênio deverá ser estabelecida, baseada no afeto equilibrado, liberdade de crescimento pessoal com a responsabilidade e respeito

aos critérios estabelecidos pelos pais, criando uma egrégora familiar de energias extremamente positivas caracterizando a solidariedade grupal.

A escritora Rose Marie Muraro, analisa esta mutação da família para uma “Era Pós-Patriarcal”, no seu livro “Homem Mulher - Início de uma Nova Era”:

“Nestas famílias, já não é mais “natural” que um mande no outro e sim, que haja vários centros de poder... uma sociedade pluralista, em que as coisas são decididas po consenso e onde há vez e voz para todos... O poder volta, então, na família, a ser um serviço e não o privilégio de mandar autoritariamente, que pertencia ao antigo macho patriarcal.” (442)

Neste mesmo diapasão, leciona a psicoterapeuta americana Chris Griscom, na sua festejada obra “A Fusão do Feminino”, destacando a sensibilidade e a intuição femininas, como pilares de sustentação de uma sociedade mais pacífica e fraterna:

“Nunca usamos antes a energia espiritual como base de relacionamento, da sociedade nem da própria vida. Sempre estivemos concentrados demais na sobrevivência emocional ou física. Agora começamos a evoluir para um ponto em que temos de reconhecer que, sem a ligação com a fonte, a vida em si não tem o menor significado. Nesta realidade tão complexa que vivemos no mundo de hoje, simplesmente não podemos continuar a varrer as periferias sem dar a volta e retornar ao centro fixo do movimento giratório.

Prevejo que no futuro as pessoas entrarão num relacionamento e passarão a vida inteira juntas, de modo totalmente diferente do que costumamos fazer...

O que vai interceder no caos do mundo é a percepção espiritual. Pela graça da energia feminina, conseguimos aceitar a verdade de que cada um de nós é seu próprio mestre, faz a própria cura espiritual e proporciona o próprio consolo, e que a nossa sabedoria inata vai suportar o teste da vida. O Eu Superior nos espera para nos levar para o corpo de luz, anunciado por uma nova época de percepção consciente humana, que está sinceramente disposta a abraçar a paz.

A fusão do feminino, a fusão de todos os opostos, é a força da paz. A paz chega quando nada está em falta nem é desejado. Ela abrange tudo que existe: ultrapassa julgamentos e separação, porque revisita a fonte. Embora seja completa, a paz não está estagnada e se movimenta no arco da evolução. Está acordada e consciente.” (443)

Por outro lado, quando os membros da família não interagem com amor e equilíbrio, surge uma brecha para a atuação dos espíritos obsessores interessados em influenciar, negativamente, seus membros.

O escritor espírita Raul Teixeira, no seu livro “Verdade Familiar”, aconselha para a solução do problema; a prática da oração, dos passes, da água magnetizada, da leitura abençoada do Evangelho no lar, sendo oportuna a seguinte transcrição:

“É comum encontrar nas veredas domésticas as conhecidas crises de irritação raiando para a cólera; tristezas e aborrecimentos derrapando para a depressão; excessos de euforia descambando para os desentendimentos; brincadeiras impensadas desdobrando para a ofensa, que magoa tanto quanto o falatório descaridoso, determinando mal-estares e arrependimentos e assim por diante. Cada qual que se coloque tranquilo, oferece ao conjunto a sua contribuição pacificadora, cada um que se julgue no direito de esbravejar, de vociferar, de impor e de se danar, descarrega sua peçonha mental no ambiente, provocando distúrbio geral. A fim de evitar essa desarmoniosa e dolorosa ocorrência obsessiva em seu lar, viva o bem, fale o que construa para o bem, louve os valores do bem, ensine os trabalhos e estudos do bem a todos os seus, e, quando você tenha que apontar ou falar no mal, que seja para enaltecer e difundir o bem. “ (444)

Para concluir este tópico sobre a família, gostaria de responder uma dúvida bastante comum, sobre o reencontro destes entes queridos, após a morte do corpo físico; podendo atestar que os laços do amor sincero são indissolúveis e criam uma perfeita sintonia vibratória entre os espíritos dos familiares e amigos, mesmo no plano espiritual, Sendo este também o entendimento, do escritor espírita Rodolfo Calligaris, já citado anteriormente:

“Se a coexistência familiar tem como objetivo desenvolver e aprofundar a simpatia e a amizade entre os homens, podemos

alimentar a certeza de que “post-mortem” reencontraremos nossos entes queridos? O amor que nos tenha unido aqui na Terra será levado em conta por Deus, no sentido de garantir que continuemos juntos no Além?

Diz-nos, baseado no testemunho pessoal das almas trespassadas, que elas formam, no outro lado da Vida, grupos afins, nos quais todos aqueles que se estimam permanecem unidos, integrando comunidades tanto mais felizes quanto mais perfeitas as qualidades morais que hajam adquirido. Quando uns reencarnam, seja em missão ou em expiação, outros que se mantêm na pátria espiritual velam por eles, ajudando-os a saírem vitoriosos. Frequentemente aceitam novas encarnações no mesmo país, no mesmo meio social ou na mesma família, a fim de trabalharem juntos pelo ideal comum ou pelo seu mútuo adiantamento...

Não se creia, todavia, que todos quantos aqui estiveram ligados pelo parentesco mantenham esses mesmos vínculos nas esferas espirituais. Enganam-se os que imaginam seja assim. As uniões, lá, conforme dissemos acima, obedecem à afeição real, à semelhança de inclinações ou à igualdade de nível evolutivo. Destarte, as pessoas que se uniram, neste mundo, apenas pela atração física, por mera conveniência ou por outra razão qualquer, sem que, em tal convívio, a simpatia lhes fizesse vibrar as cordas do coração, estas, em verdade, ‘não têm nenhum motivo para se procurarem no mundo dos Espíritos’.” (422)

DESCUBRA SUA ALMA GÊMEA

Inicialmente, gostaria de confidenciar ao meu amigo leitor que acredito em “Almas Gêmeas”, ou seja, no sentido de espíritos afins que já se reencontraram em diversas vidas, sempre evoluindo juntos e através do seu amor e compreensão empenhados na evolução de outros seres.

Para facilitar o seu entendimento deste conceito de almas gêmeas vamos trazer diversas opiniões de pesquisadores deste tema, começando com a escritora Luanda Kaly:

“Almas Gêmeas são espíritos que já se encontraram em outras oportunidades, experimentaram vida em comum, evoluíram e aprenderam juntos valores e ensinamentos fundamentais e essenciais, abandonando e superando, às vezes juntos, às vezes separados, elementos que chamamos de defeitos, em especial os mais grosseiros e pesados. São espíritos que já possuem uma grau de refinamento considerado elevado, e justamente por

serem evoluídos possuem a consciência nítida de que podem e devem evoluir ainda mais, melhorando e aprimorando seu nível de entendimento. Aceitam de bom grado o exercício de ações desafiadoras, que signifiquem conquistas sociais e humanitárias. Quando Almas Gêmeas encarnam como homem e mulher e se encontram para viver uma vida em comum, como marido e mulher, seu relacionamento é forte, intenso, mas sereno, harmonioso e baseado fundamentalmente no amor, na compreensão, no respeito e ajuda mútua. No processo evolutivo um ajuda o outro, um estimula o outro, com paciência, boa vontade e alto senso de colaboração. São casais equilibrados, onde as personalidades individuais são resguardadas e os pontos que necessitam de ajuste são trabalhados com serenidade. Almas Gêmeas não disputam entre si, mas se completam. Dificilmente brigam e, quando isto acontece, a razão da briga é rapidamente solucionada. Almas Gêmeas carregam um enorme sentimento de perdão, automático, instantâneo e profundamente enraizado em sua mais íntima essência. Quando um homem e uma mulher vivem juntos como Almas Gêmeas seus interesses são, em geral, comuns; existe gosto e simpatia pelas mesmas coisas, gostam de trabalhar juntos, de compartilhar suas experiências. São pessoas com objetivos e ideais tão próximos e comuns que acabam, com o tempo, se parecendo inclusive fisicamente, embora sejam, muitas vezes, completamente diferentes. Quando vemos um deles, automaticamente lembramos do outro, como se fosse a imagem ou o reflexo do outro. São casais em que a individualidade e a postura possessiva ou egoísta praticamente inexistem. Almas Gêmeas possuem os mesmos anseios, desejos, esperanças e expectativas de elevação cultural e espiritual. Simpatizam com as mesmas causas e lutam conjuntamente por elas. São harmoniosas, equilibradas e exibem uma natural felicidade. Simpáticas, agradáveis e generosas, geralmente são pessoas com quem podemos contar, em especial nos momentos difíceis. Com tudo isso podemos pensar que sejam pessoas aborrecidas, chatas, esquivas, de convívio difícil. Nada disso; com certeza, o grande prazer de um é estar na companhia do outro, quando então mostram-se alegres, comunicativos, exuberantes e completos, estendendo sua felicidade naturalmente aos demais". (144)

A psicoterapeuta americana Chris Griscom, também nos auxiliou nesta pesquisa:

“O ritmo dos relacionamentos começa cedo na vida e consome muito da nossa energia até o fim. Resistimos ao máximo a ficarmos sozinhos, sempre procurando a fugaz “alma gêmea”, que entenderá quem somos de fato e nos fará companhia para que nunca mais tenhamos que ficar sozinhos.

Mas, infelizmente, a alma nos impele através dos portões das experiências terrestres a fim de enriquecer o próprio repertório. É preciso suspeitar de que o seu plano de nos unir às outras almas contém motivos ocultos que sempre incluirão “ensinamentos”. As outras almas tornam-se o veículo através do qual somos ensinados. Com muita frequência a nossa alma abençoada nos ensina coisas como compaixão, rendição e desprendimento por meio de experiências emocionais tão difíceis e devastadoras, que encontramos grande dificuldade em dizer que nós próprios tivemos alguma participação ou mesmo conhecimento delas. Quem dá a volta no parafuso? Quem é o responsável? a nossa alma gêmea! O nosso cúmplice em crescimento. Não a que nos eleva a alturas vertiginosas de êxtase, mas a que nos faz engolir o remédio amargo - tudo para o nosso supremo bem!.” (445).

“Meu Eu Superior diz que para cada pessoa há cinco mil Almas no planeta que trazem uma vibração que poderia ser considerada a de uma Alma Gêmea. É importante decifrar a vibração e não projetar na outra pessoa. Boa parte dessa projeção está relacionada a querer aquilo que nos falta e que a outra tem. A maioria das pessoas procura uma Alma Gêmea na figura de um parceiro ou parceira individual com o qual possam chegar a uma expressão melhor ou mais elevada de si mesmas. Aquele ou Aquela que acende esse fogo dentro de nós geralmente faz parte de nossa história cármica”. (85)

Outrossim, o ilustre espírito Emmanuel, através da notável mediunidade de Chico Xavier, confirma a existência das almas gêmeas no livro “O Consolador”:

“323 - Será uma verdade a teoria das almas gêmeas?

- No sagrado mistério da vida, cada coração possui no Infinito a alma gêmea da sua, companheira divina para a viagem à gloriosa imortalidade.

Criadas uma para as outras, as almas gêmeas se buscam, sempre que separadas. A união perene é-lhes a aspiração suprema e indefinível...

324 - Existe nos textos sagrados algum elemento de comprovação para a teoria das almas gêmeas?

- Somos dos primeiros a reconhecer que em todos os textos necessitamos separar o espírito da letra; contudo, é justo lembrar que nas primeiras páginas do Antigo Testamento, base da Revelação Divina, está registrado: “e Deus considerou que o homem não devia ficar só”...

A ligação das almas gêmeas repousa, para o nosso conhecimento relativo, nos desígnios divinos, insondáveis na sua sagrada origem, constituindo a fonte vital do interesse das criaturas para as edificações da vida. Separadas ou unidas, nas experiências do mundo, as almas irmãs caminham, pela união e pela harmonia supremas, até que se integrem, no plano espiritual, onde se reúnem para sempre na mais sublime expressão de amor divino, finalidade profunda de todas as cogitações do ser, no dédalo do destino”.
(446)

O pesquisador Paulo Kronemberger, estudou a fundo a cultura ancestral da Ilha de Páscoa ou “Rapa Nui”, para poder escrever “O Encontro com a Alma Gêmea”:

“A alma gêmea é um outro ser, um outro indivíduo, um outro espírito que, por suas características pessoais, é exatamente o ser que o completa e pelo qual você terá um amor verdadeiro e eterno. Toda a Criação surgiu de uma energia dual, feminina e masculina. E, por isso, todo ser, num determinado momento de sua eternidade, muito cedo ou mais tarde, por circunstâncias próprias de sua caminhada evolutiva, percebe a necessidade vital de encontrar a sua outra metade. Por mais evoluído que seja, reconhecerá nesse momento que é incompleto e partirá para descobrir o porquê disso. Descobrimo, irá perseguir incansavelmente esse objetivo, ou seja, encontrar o ser que irá completá-lo. Esse ser poderá já existir, já ter sido criado ou não. Poderá estar atrás, junto ou adiante dele no caminho da evolução”. (447)

A conceituada astróloga Judy Hall, também nos dá a sua valiosa contribuição para desvendarmos “O Enigma das Almas Gêmeas”:

“Pergunte o que se entende por alma gêmea e a maioria das pessoas responderá que é alguém que as faz sentir-se completas, a outra metade delas. A crença generalizada é que existe uma só alma gêmea para cada indivíduo e que, uma vez surgida em sua vida essa alma gêmea, ele terá tudo com que sempre sonhou.

Viverá feliz para sempre. Para os que acreditam em reencarnação, a alma gêmea será alguém com quem se partilhou várias vidas, com certeza como amantes. De fato, as pessoas com frequência afirmam sentir-se procuradas por suas almas gêmeas ao longo dos séculos.

Almas gêmeas, chamadas Gêmeas, almas sócias, almas companheiras, almas irmãs. Muitas palavras se usam para descrever esses seres que nos fazem sentir tão bem, que se diria termos estado esperando por eles por toda uma vida - ou vidas. Que vem a ser afinal uma alma gêmea? Bem, de uma rápida leitura de três sucessos de livraria, recolhi três descrições bastante assemelhadas a propósito do tema.

Em “Soulmates”, Thomas Moore vê como alma gêmea alguém a quem estamos profundamente ligados, mais por graça divina do que por um ato de vontade nosso.

Em “The Bridge Across Forever”, Leslie Bach (mulher do escritor Richard Bach) descreve a alma gêmea como a dona de um cadeado cuja chave está em nosso poder, enquanto, em contrapartida, nós somos o dono de um cadeado cuja chave está em poder dela. Com essa pessoa podemos ser nós mesmos. Ela faz ressaltar o que temos de melhor. Com ela partilhamos nossos desígnios, diretrizes e desejos mais recônditos.

Em “Only Love is Real” (Só o Amor é Real), Brian Weiss diz que a alma gêmea é alguém que atravessa o tempo para estar conosco, alguém a quem reconhecemos por instinto, alguém a quem estamos ligados para toda a eternidade”.(448)

Ainda, Judy Hall nos lembra a origem do conceito das almas gêmeas, desde os tempos de Platão, na Grécia clássica:

“No Banquete de Platão, em que explica a origem das almas gêmeas. Aristófanes afirma que os seres humanos eram originariamente duas pessoas num mesmo corpo, com duas cabeças e quatro braços e pernas. Cheias de si e auto-suficientes, vagavam pelo mundo em êxtase, prontas para o que desse e viesse. Sua arrogância não tinha limites, sua força e vigor eram formidáveis. Tanto que se atreveram a agredir os deuses. Por não querer destruí-los de pronto, Zeus (que era o Deus supremo) partiu-as ao

meio, diminuindo-lhes assim o poder e a felicidade, e as obrigou a passar vida após vida a desejar a metade perdida”. (448)

Esta lenda também encontra semelhança na Bíblia, mais precisamente no segundo capítulo do “Gênesis”, onde é descrita a criação da humanidade por Deus. Segundo a história, Adão foi originalmente criado sozinho e como tal, Adão era integral e completo, mas solitário; “Não é bom que o homem esteja só”, disse Deus (Gen. 2:18). Por isso, após um certo volume de experimentações que levaram à criação dos animais, Deus finalmente tomou uma metade de Adão (costela) e transformou-a em uma mulher, Eva. Como consequência, Adão perdeu sua unidade primordial, a fim de obter o que a unidade não consegue oferecer, isto é, companhia.

O Prof. Waldo Vieira, principal expoente da Projeciologia e da Conscienciologia, conceitua a alma gêmea como uma “dupla evolutiva” de *conscins* (consciências intrafísicas); enumerando abaixo suas principais características:

“1. Sinceridade. Assenta-se o conceito da dupla evolutiva em um relacionamento desinibido, sincero e franco entre 2 pessoas-consciências, de íntimo mais aberto.

2. Abertura. Na dupla evolutiva desaparecem as idéias restritivas e as tensões conjugais da armadilha do casamento fechado, tradicional, vitoriano. Neste casamento tradicional, 2 seres humanos, instintivos, se amarram e vivem presos em uma gaiola dourada, ou dentro de camisas-de-força impostas pela vida intrafísica. A dupla evolutiva visa à abertura da multidimensionalidade de 2 consciências maduras.

3. Expansão. Este relacionamento não-manipulativo da dupla evolutiva de conscins, estimula o crescimento tanto da mulher-consciência, quanto do homem-consciência, e se fortalece pela constante revitalização e expansão interior de ambos.

4. Maturidade. A dupla evolutiva se baseia na liberdade igual à identidade de ambos os parceiros-consciências. Envolve um compromisso energético, verbal, intelectual e emocional. Dispensa a formalização de documentos assinados em repartições humanas. Dá o direito de cada um crescer como indivíduo-consciência lúcida, dentro de uma relação madura e um estilo de vida mais dinâmico.

5. Cedência. A cedência mútua dispensa a necessidade de domínio e submissão. Elimina as restrições impostas e a posse sufocante. Mantém a mulher uma consciência-zeladora, deixando o homem de ser a ultrapassada consciência-ditadora, clássica na História

Humana.

6. Flexibilidade. Desfruta cada uma de bastante espaço e tempo conscienciais. Isso lhes dá a flexibilidade de cada qual ter a liberdade energética, mental e emocional para crescer como consciência-individualizada autolúcida"... (141)

A figura abaixo ilustra o encontro de almas gêmeas, ou seja, o sucesso na busca da outra parte de nosso "eu", aquela alma afim que nos complementa e personifica a projeção dos nossos mais íntimos desejos e expectativas.

FIGURA 10 - ALMAS GÊMEAS, POR ESCHER (181)

Certamente, o leitor deve estar ávido para saber como encontrar sua alma gêmea? e facilitaremos este processo lembrando alguma das sensações típicas do seu reconhecimento: como o palpitar do coração, o sentimento instantâneo de que estava reconhecendo alguém, seu olhar o puxava como um potente ímã, etc..

A escritora Luanda Kaly elenca alguns fatores que possibilitarão o encontro do nosso par ideal; com tranquilidade e naturalidade:

"Podemos dizer em outras palavras: viver a vida de maneira correta, saudável, responsável, mas também alegre, bem-humorada, cordial com todos, educada, vigilante quanto aos pensamentos, palavras e ações serão, seguramente, maneiras de criar condições para que este encontro aconteça. Atitudes contrárias certamente gerarão uma disposição desfavorável a qualquer evento agradável e recompensador. Criamos e atraímos para nossas vidas situações boas e ruins, dependendo de nossa própria maneira de ser e estar. O caminho de como encontrar nossa Alma Gêmea é aquele do amor, não é da agressividade, mau humor, discórdia ou qualquer outro equivalente.

Ainda relativo ao como: não resolve sair por aí "caçando" a Alma

Gêmea, nem tampouco se expondo desnecessariamente para esta finalidade. Em outras palavras: como encontrar alguém que esperamos ser importante em nossas vidas, como encontrar nossa Alma Gêmea, se agimos levianamente? Quem age levianamente, de maneira pouco adequada, vulgar ou desvalorizadamente, encontra ou tem enormes chances de encontrar alguém do mesmo calibre, ou seja, leviano (a), vulgar e que não sabe se dar o valor. Lembre: os afins se atraem”. (144)

Analisando os sinais e sentimentos característicos do encontro de uma alma gêmea, o casal de americanos Dennis Jackson e Alice Best; ele sensitivo e ela, minha colega advogada, que conheci nas reuniões anuais da Aliança Internacional de Juristas Holísticos; escreveram o livro “Together Again” (Novamente Juntos), contendo um elogio na capa do famoso escritor da “Profecia Celestina”, James Redfield, que afirma; “Uma iluminada história de encontro de almas gêmeas... dois corações batendo como um”; valendo analisarmos alguns trechos:

“Esta é a história da jornada de amor e redescoberta de Dennis e Alice. É uma intensa e metafísica história de amor. É a jornada de duas almas que voltam juntas novamente. Uma gratificante história e uma aventura metafísica em uma só. Os textos que se seguem foram extraídos do livro:

Me senti como um adolescente novamente. Como a primeira vez que fora a um encontro com uma garota. A sensação de colocar lentamente meu braço por sobre seus ombros. Certo de nunca tê-la tocado até ter as mãos totalmente voltadas para seu lado. A tensão que você sente. A excitação inacreditável e irresistível de não saber se ela quer seus braços ou não, mas, ao mesmo tempo, aquele sentimento que vem de dentro de que você está no caminho certo. Essa foi a sensação daquele momento.

Segurei-a, peguei na sua mão e meu coração disparou. Sentia meu coração na garganta, minhas mãos começaram a suar e eu sabia que aquilo era algo muito especial. Eu lhe disse: “Esta conexão é tão incrivelmente forte, e os sentimentos que estou tendo são tão intensos que eu não sei absolutamente o que fazer com eles.

Estava, naquele instante, totalmente e inequivocadamente apaixonado por essa mulher, que eu tinha, praticamente, acabado de conhecer. Eu simplesmente sabia que era ‘ela’ “. (449)

Uma das dúvidas mais comuns é se podemos encontrar mais de uma alma

gêmea, durante a vida, e entendo que sim, da mesma forma que o “mago” Paulo Coelho narrou no seu romance “Brida”:

“Podemos encontrar mais de uma Outra Parte em cada vida? “Sim”, pensou Wicca, com certa amargura. E quando isto acontece, o coração fica dividido e o resultado é dor e sofrimento. Sim, podemos encontrar três ou quatro Outras Partes, porque somos muitos, e estamos muito espalhados”. (108)

A famosa escritora esotérica Mônica Buonfiglio nos dá algumas dicas de como encontrar nossa “cara metade”, no seu livro “Almas Gêmeas - Aprendendo a Identificar o Amor da sua Vida”:

“Segundo o autor Russ Michael, em seu livro Como Encontrar sua Alma Gêmea. “O conhecimento de certas leis pode ser utilizado para acelerar o encontro físico com sua alma gêmea. A seguinte lei é básica e muito importante, podendo ser utilizada por qualquer um: a energia acompanha o pensamento. Se você não se importa se sua alma gêmea vai aparecer ou não, a própria frieza de sua atitude a mantém afastada, conservando-a a uma distância segura”. Ainda para obter o resultado esperado, é necessário que você se coloque em ação, ou seja, não vá pedir para alguém que faça a oração em seu lugar. Sua própria energia deverá ser utilizada para que o resultado desejado se concretize. Ao colocar sua própria atividade física no trabalho, estará gerando Energia, e conseqüentemente Luz e Calor...

Onde encontrar sua alma gêmea? No trabalho, na rua, durante uma viagem?

O que digo a seguir não se constitui numa regra, mas geralmente o encontro ocorre da seguinte forma:

Os signos terrenos como Virgem, Capricórnio e Touro encontrarão seu par no ambiente de trabalho.

Já os signos do fogo, como Áries, Sagitário e Leão, vão ao encontro dela nos mais variados ambientes. E, quando acham sua alma gêmea, geralmente brigam com a pessoa, não simpatizam à primeira vista, discordam na maioria dos assuntos que discutem.

Os signos da água, como Escorpião, Peixes e Câncer, têm maiores facilidades em encontros familiares.

Os signos do ar, como Gêmeos, Libra e Aquário podem se conhecer através de correspondências, amigos ou telefonemas”. (450)

COMO REENCONTREI MINHA ALMA GÊMEA

Como sou do signo de Touro, com ascendente Virgem, a recomendação astrológica acima funcionou, duplamente, quando reencontrei Tânia (ariana com ascendente Touro), nesta vida, no ambiente de trabalho.

Nossos destinos já estavam entrelaçados, por muitos eventos marcados pela sintonicidade, vez que morávamos em Salvador, no mesmo bairro de Brotas e ela teve várias aulas de corte e costura, numa casa vizinha à minha; além de termos frequentado o mesmo curso de inglês do ACBEU (em épocas diferentes) e a mesma escola, “Teresa de Lisieux” (em salas distintas), na época do científico, sendo sua irmã minha colega de classe.

Tudo isto fez com que pudesse reconhecê-la, facilmente, quando a reencontrei numa empresa do Pólo Petroquímico de Camaçari, que passei a dar assessoria jurídica, no ano de 1989.

O mais engraçado nesta história é que ela ficou naquela empresa apenas 9 meses; enquanto estava tentando a transferência do seu curso de Direito da Universidade Santa Úrsula do Rio de Janeiro, para a Universidade Católica de Salvador; tempo suficiente para constatarmos nossas afinidades ancestrais e iniciarmos nosso namoro.

Todos os pontos marcantes, definidores das almas gêmeas foram preenchidos, desde a atração magnética fulminante, ao trabalho profissional na área jurídica, vez que compartilhamos o mesmo escritório atualmente; na busca, estudo e prática espiritual universalista; no trabalho de auxílio, através das atividades assistenciais aos mais carentes, etc.

Outrossim, existe claras concordâncias de gostos, mentes, emoções, energias e espírito; que servem para fortalecer a compreensão mútua e renovar o impulso de crescimento contínuo do casal.

Este amor e harmonia são tão evidentes, que estimulam o surgimento de

sincronicidades surpreendentes, podendo ser exemplificadas por dois eventos: um tendo ocorrido em outubro de 1995, quando estávamos visitando a Índia e passamos pela cidade de Agra, para conhecermos o belíssimo monumento do “Taj Mahal”, que sempre nos impressionou pela sua extraordinária harmonia arquitetônica, tendo descoberto que, na realidade, era um mausoléu incrustado de pedras semi-preciosas construído pelo Imperador Shah Jahan, de 1631 a 1653, para homenagear sua falecida e amada esposa Arjumand, também conhecida como “Muntaz Mahal”, significando “Jóia do Palácio”. Assim, constatamos que não foi só a beleza física que nos emocionou ao visitá-lo na Índia, mas também a força da ligação amorosa das verdadeiras almas gêmeas.

Outro fato marcante, aconteceu em 13.02.94, logo após nossa viagem a “Machu Picchu”; cidade mística dos Incas, que na sua língua “quechua” significa “montanha velha”, sendo utilizada como um verdadeiro templo para os rituais sagrados da nobreza, conduzidos pelas sacerdotizas, conhecidas como “Virgens do Sol”. Saindo de Cusco, retornamos a Lima, Peru, onde fomos conhecer seus principais pontos turísticos, tendo parado no “Parque del Amor”, em Miraflores, para tirar uma foto de um casal de estátuas se beijando; quando fomos surpreendidos por uma equipe de reportagem do “Jornal OJO” (olho), que pediu para nos fotografar, dando um beijo na boca, porque era o dia de “San Valentin”, o equivalente ao nosso “Dia dos Namorados”; tendo saído nossa foto na capa da edição do jornal, publicado no dia seguinte, destacando que estávamos renovando nossas juras de amor: “ La pareja de brasilenõs, Tania y Sérgio Reis, fueron la nota del dia de ayer cuando junto al monumento se dieron un prolongado beso cinematográfico al mejor estilo del cine o television, reiterando su amor”.

Com este fato, desejo demonstrar que a energia amorosa das almas gêmeas é tão tocante, que, facilmente, destaca o casal em qualquer ambiente que se encontre.

CASAMENTO - EFEITOS LEGAIS E ESPIRITUAIS

Com certeza, o casamento é a mais importante e poderosa instituição do direito privado, visto que é a base da família, pedra angular da sociedade; ou seja, é a peça-chave de todo o sistema social, pois fundamenta a estrutura moral e cultural do país.

Segundo conceitua a ilustre jurista, Prof^a Maria Helena Diniz; “O casamento é o vínculo jurídico entre o homem e a mulher que visa o auxílio mútuo material e espiritual, de modo que haja uma integração fisiopsíquica e a constituição de uma família legítima”; destacando, ainda,

suas principais finalidades:

“a) A legitimidade da família...

b) A procriação dos filhos. A falta de filhos não afeta o casamento. Mas, esclarece Orlando Gomes, a norma por outro lado, requer a aptidão física dos nubentes, já que só permite o casamento dos púberes (maiores) e admite sua anulação se um dos cônjuges for impotente.

c) A legalização das relações sexuais entre os cônjuges... a comunicação sexual dos cônjuges é o prazer, a participação, prólogo e seguimento de uma vida a dois, plenificação suprema de dois seres que se necessitam, interação dinâmica entre marido e mulher, pois casamento é amor.

d) A prestação de auxílio mútuo, que é corolário do convívio entre os cônjuges...

e) O estabelecimento de deveres patrimoniais (prover a manutenção da família) ou não (dever de fidelidade), etc.” (451)

Ademais, reforça essas idéias a clássica definição de Clóvis Beviláqua:

“o casamento é um contrato bilateral e solene, pelo qual um homem e uma mulher se unem indissolavelmente, legitimando por ele suas relações sexuais; estabelecendo a mais estreita comunhão de vida e de interesses e comprometendo-se a criar e educar a prole que de ambos nascer”.

O casamento é uma expressão derivada do latim medieval “casamentu”, tendo completado 110 anos de existência no Brasil, em 24.01.2000, pois foi instituído em 24.01.1890, tendo sido alterado apenas uma vez, pelo Código Civil de 1916. Do ponto de vista jurídico, o casamento civil está fundado em duas interpretações doutrinárias: a contratualista, nascida do direito canônico, e a institucionalista, que o considera um estado que nasce espontaneamente entre as partes e que recebe da lei forma e efeitos.

A Prof^a Maria Helena Diniz, ainda, enumera os principais efeitos legais do matrimônio, de ordem social, pessoal e patrimonial:

“A primeira proclama que o matrimônio cria a família legítima, estabelece o vínculo de afinidade entre cada cônjuge e os parentes do outro e emancipa o consorte de menor idade. A segunda, de ordem pessoal, apresenta o rol dos direitos e deveres próprios e

recíprocos dos cônjuges e dos pais em relação aos filhos. A terceira, alusiva aos efeitos econômicos, fixa o dever de sustento da família, a obrigação alimentar e o termo inicial da vigência do regime de bens, pois este começa a vigorar desde a data do casamento e é irrevogável". (451)

Vale lembrar que o casamento não garante a felicidade, nem tampouco assegura que o casal continuará se amando para sempre; sendo oportuna a advertência da pesquisadora Danielle Ardaillon:

"O casamento pode durar para sempre, se a cada mudança houver uma saída negociada que redefine o espaço de liberdade de cada um. Devem ser evitados os papéis tradicionais de esposo e esposa. Casamento é renovar constantemente esse contrato. A gente não revê o contrato de locação da casa?" (450)

Como vimos, é imprescindível renovarmos, sempre, a magia do casamento, através de pequenos gestos de carinho, como o envio de flores com cartões românticos, presentes de surpresa, pequenas viagens de fim de semana, para se desligar da rotina. Salientamos que muitos casamentos se acabam pela falta de diálogo, de atenção para as necessidades do outro cônjuge, pois nem sempre nossa parceira saberá o que estamos sentindo, sofrendo ou pensando; por isso é necessário conversar sempre, a fim de manter o conhecimento e afinidade mútuas no nível ideal, inclusive estimulando o interesse sexual.

O discípulo de Yogananda, o Irmão Anandamoy, na sua obra "O Casamento Espiritual", tece interessantes orientações sobre o tema:

"Portanto, casamento espiritual significa se esforçar, ir além, transcender aquelas "cúpulas" externas que encobrem a luz da alma; o corpo, as emoções, e a mente superficial inferior (a mente sensorial: denominada manas em sânscrito). Para atingir níveis mais profundos de compreensão, e a fim de realmente conhecer uma outra pessoa, o egoísmo e o ego possessivo devem desaparecer; a razão e a especulação devem desaparecer. Um escritor descreveu muito bem a "ponte" entre duas almas que se procuram: "Esta ponte invisível entre duas pessoas indicaria que elas estavam em perfeita harmonia uma com a outra e que elas viviam em verdadeiro companheirismo. Esta situação só

pode brotar em solo de respeito mútuo, admiração, apreço, lealdade, cortesia e desejo recíproco de partilhar o que cada um tem de melhor”. Esta é a verdadeira amizade; este é o verdadeiro casamento, o casamento espiritual. “Ocorre então uma espécie de alquimia mágica (em que cada um), sem sacrificar o que há de singular em sua individualidade, põe-se em harmonia com o outro, de tal modo que parecem atuar como uma só pessoa”.

Ele (Yogananda) também disse: “O primeiro e o mais importante requisito para um casamento feliz é a união das almas”, ou seja semelhança de ideais e objetivos espirituais “acrescido de boa vontade para se atingir esta finalidade com estudo, esforço e autodisciplina”, incluindo a meditação. “O segundo requisito para um casamento feliz é a semelhança de interesses: intelectual, social, etc. O terceiro e último em importância, mas geralmente considerado primordial por pessoas pouco esclarecidas, é a atração física. Este vínculo perde rapidamente seu poder de atração, se os dois primeiros requisitos estiverem ausentes”...

Vejamos um exemplo prático do marido regressando ao lar depois do trabalho. No trabalho, ele deve mostrar autodisciplina e cortesia, do contrário perde o emprego. Em muitos casos, ele traz para casa toda a sua tensão, irritação, ressentimento e raiva acumulada, e descarrega na sua esposa. Isto não é consideração, não é bondade. O mesmo acontece com a esposa. Pode ser que ela esteja vivendo momentos difíceis com os filhos. Muitas mulheres não vêem a hora de o marido chegar para descarregarem nele toda a irritação e tensão emocional acumulada, como se ele tivesse saído de férias e retornasse à casa só por essa razão! Isso não é casamento”.

(452)

A profundidade espiritual do casamento e o seu alcance têm sido pouco compreendidos na época atual, onde a paixão pela beleza estética marca o início de uma paixão arrebatadora, caracterizada pela superficialidade; muitas vezes, gerando casamentos de curta duração, porquanto não houve o verdadeiro encontro de almas, como nos lembra o mitologista Joseph Campbell, no seu livro “O Poder do Mito”:

“O que é o casamento? O mito lhe dirá o que é o casamento. É a reunião da díade separada. Originariamente, vocês eram um. Vocês agora são dois, no mundo, mas o casamento não é senão o reconhecimento da identidade espiritual. É diferente de um caso de amor, não tem nada a ver com isso. É outro plano mitológico de

experiência. Quando pessoas se casam porque pensam que se trata de um caso amoroso duradouro, divorciam-se logo, porque todos os casos de amor terminam em decepção. Mas o matrimônio é o reconhecimento de uma identidade espiritual. Se levamos uma vida adequada, se a nossa mente manifesta as qualidades certas em relação à pessoa do sexo oposto, encontramos nossa contraparte masculina ou feminina adequada. Mas se nos deixarmos distrair por certos interesses sensuais, iremos desposar a pessoa errada. Desposando a pessoa certa, reconstruímos a imagem do Deus encarnado, e isso é que é o casamento... O casamento significa os dois que são um, os dois que se tornam uma só carne. Se o casamento dura o suficiente, e se você se amolda constantemente a ele, em vez de ceder a caprichos pessoais, você chega a se dar conta de que isso é verdade - os dois realmente são um". (453)

O codificador do Espiritismo, Allan Kardec, também confirma que o casamento reflete as Leis Divinas, quando a ligação entre os cônjuges está lastreada no amor, responsabilidade e assistência mútua:

"695. Será contrário à lei da Natureza o casamento, isto é, a união permanente de dois seres? É um progresso na marcha da Humanidade.

696. Que efeito teria sobre a sociedade humana a abolição do casamento?

Seria uma regressão à vida dos animais". (2)

Concluindo, podemos constatar que o casamento não se realiza por acaso, mas para dissolver certos laços cármicos de outras vidas, cujas dívidas de amor serão resgatadas nesse reencontro conjugal sob o mesmo teto; buscando a evolução conjunta, numa amorosa harmonia de corpo, mente e alma.

MEU CASAMENTO ESPIRITUAL

Após cerca de três anos, entre namoro e noivado, casei-me com Tânia, no dia 22.02.92, numa cerimônia descontraída e alegre, fugindo às convenções da sociedade;

porquanto, minha amada mãe idealizava que eu tivesse me casado na Igreja da Conceição da Praia, uma das maiores de Salvador, com uma festa para muitas pessoas, o que não aconteceu, entretanto, felizmente, meu irmão Marcelo, mais tarde, pode realizar, o desejo dela. Assim, meu casamento com Tânia foi realizado no jardim da minha casa, em Brotas, debaixo de uma frondosa mangueira, onde costumava meditar, na hora do pôr-do-sol, cerca de 18 horas. Sendo que, desde às 17:30h, estávamos recebendo os convidados, não mais do que 30 pessoas, escolhidas pela profunda amizade e afinidade energética, ao som de um pequeno conjunto musical, que tocava músicas românticas, previamente selecionadas. Neste clima harmônico e sereno, também estava vibrando a luz da espiritualidade, pois nossos amigos e amparadores espirituais também tinham sido convidados, mentalmente, para a cerimônia, juntamente com os elementais da natureza, que viviam no jardim da minha casa.

No início da celebração, convidamos um amigo espiritualista para falar sobre o amor, dentro de uma abordagem espiritualista, com duração de cerca de 5 minutos; seguida da minha breve declaração de amor a Tânia, confirmando-a como minha alma gêmea, pois tinha identificado os seus sinais característicos, citados, inclusive, pelo escritor premiado Paulo Coelho, no seu livro “Brida”:

“Em certas reencarnações, nós nos dividimos. Assim como os cristais e as estrelas, assim como as células e as plantas, também nossas almas se dividem... Por isso, assim como nos dividimos, também nos reencontramos. E este reencontro chama-se Amor. Porque quando uma alma se divide, ela sempre se divide numa parte masculina e numa parte feminina... Era possível conhecer a Outra Parte pelo brilho nos olhos - assim, desde o início dos tempos, as pessoas reconheciam seu verdadeiro amor. A Tradição da Lua tinha outro processo: um tipo de visão que mostrava um ponto luminoso acima do ombro esquerdo da Outra Parte”. (108)

Em seguida, Tânia também fez sua declaração de amor, ao escolher para cantar no microfone, acompanhada pelo conjunto, a música interpretada lindamente por Tetê Spínola “Escrito nas Estrelas”, sendo muito aplaudida no final, por todos os presentes muito emocionados, sendo oportuna a transcrição abaixo das suas estrofes, que têm muita relação com nosso reencontro:

“Você pra mim foi um sol,

*de uma noite sem fim,
que acendeu o que sou
e renasceu tudo em mim.
Agora eu sei muito bem
que eu nasci só pra ser
sua parceira, seu bem
e só morrer de prazer.
Caso do acaso bem marcado
em cartas de tarô.
Meu amor, nosso amor
estava escrito nas estrelas...”*

Tendo a cerimônia sido concluída com a declamação de uma bonita poesia, pela juíza que iria oficializar nosso casamento civil. Por fim, recebemos os cumprimentos e felicitações dos parentes e amigos presentes, muitos dos quais perceberam a egrégora de amor e felicidade, que estava impregnada em todo o ambiente.

CONCUBINATO E A UNIÃO ESTÁVEL

Concubinato é a união duradoura entre duas pessoas, de sexos diferentes, que passam a viver como marido e mulher, sendo, inicialmente, obrigatória a convivência sob o mesmo teto; entretanto, atualmente, se ampliou este conceito, vencendo-se algumas resistências de ordem social, não necessitando mais a convivência sob o mesmo teto.

O jurista Jônatas Milhomens ressalta que houve uma intensa luta política até chegar-se à institucionalização do concubinato, que ele assim conceitua e cita jurisprudência:

“A doutrina moderna qualifica e define como concubinato a união, se se provam os elementos de continuidade e constância das relações, a sua notoriedade ou ostensividade, a unicidade da concubina, a estabilidade da convivência e a ostensiva fidelidade da mulher, que se não presume como no casamento, mas tem de ser evidenciada...”

15. O concubinato, sendo uma união estável entre o homem e a mulher, é hoje reconhecida pela CF como entidade familiar. Daí porque, tratando-se de dissolução de sociedade de fato, deverá ser submetido às mesmas regras do Direito de Família, inclusive no que diz respeito à indenização e à pensão alimentícia (ac. pmv

da 4ª Câm. Cív. do TJPR, no AI nº 10.809-6, julgado em 6.6.90 - Relator: Des. Ronald Accioly; RT, vol. 672, p. 170)”. (454)

Um assunto que vem sendo muito debatido pela sociedade é o “direito da companheira”, pois a Lei de nº 9.278/96, que veio regulamentar o Artigo 226, parágrafo terceiro, da Constituição Federal vigente, está reconhecendo a união estável e duradoura entre o homem e a mulher, que não optaram pelo casamento, como entidade familiar.

Esta lei veio normatizar os direitos da companheira, ou seja, a mulher que mantém relação de concubinato com homem sem impedimento para o casamento, no caso: os solteiros, viúvos, separados judicialmente ou divorciados. E veio estabelecer que, comprovada a convivência pública, duradoura e contínua, passa qualquer dos companheiros a ter direito à partilha dos bens e à herança. Mas, isto só abrange pessoas sem impedimentos legais, que não sejam casadas.

A nova lei defere à convivência duradoura o “status” de entidade familiar, ferindo o princípio do direito civil quanto à sucessão, privilegiando mais o companheiro ou companheira, em detrimento dos seus ascendentes, os pais.

Segundo o “Estatuto da União Estável”, a união entre pessoas não-casadas só será considerada estável quando o casal estiver se relacionando ou tiver se relacionado há pelo menos cinco anos, sob o mesmo teto, e será regida por comunhão parcial de bens, o que significa que só serão divididos os bens adquiridos depois do início da união. Entretanto, quando o casal tiver filhos, o prazo de convívio cai para dois anos, mas permanecerá a exigência de que o casal more junto.

O Estatuto da União Estável, assim que virar lei, terá efeito retroativo, ou seja, homens e mulheres que viveram juntos, por cinco anos, terão direito de reivindicar a divisão de bens, mesmo que a união já tenha sido rompida há muito tempo. Bastará que a reclamante prove com testemunhas, conta de luz, água, telefone, ou até correspondências pessoais, que viveu com o companheiro sob o mesmo teto e não teve direito à metade dos bens, quando da separação.

A comissão que está preparando o estatuto decidiu também que, quando um dos cônjuges morrer, o outro terá o direito de usufruir de uma parte dos bens comuns, que irá variar de acordo com o número de filhos do casal, mesmo que o viúvo já receba alguma outra pensão do governo. Os conviventes também terão direito a pensão alimentícia.

O Estatuto ainda protegerá os direitos de terceiros que tenham comprado bens pertencentes aos conviventes. O comprador não sofrerá prejuízos, mas quem vendeu poderá ser acionado por perdas e danos pelo comprador, que se sentir lesado.

Vale ressaltar que, entre as principais inovações sancionadas pelo Presidente da República, está o pagamento de pensão alimentícia, depois de dissolvida a união estável, para aquele que necessitar, seja o homem ou a mulher. Além de todos os bens móveis e imóveis adquiridos durante a união serem considerados frutos do trabalho e da colaboração comum, salvo quando acerto contrário constar de contrato escrito, bem como a administração do patrimônio, que compete a ambos.

Sendo assim, a lei reconhece como entidade familiar a “convivência duradoura, pública e contínua, de um homem e uma mulher, estabelecida com o objetivo de constituição de família”.

Esta recente normatização, pretende afastar injustiças tantas vezes ocorridas em relações duradouras, e, às vezes, de uma vida inteira, entre não-casados, especialmente contra as mulheres. Não raro, patrimônio vultoso era constituído durante a vida em comum, geralmente adquirido em nome do homem, mas com participação direta ou indireta da companheira, que, após o rompimento do casal, terminava expulsa do lar, sem nada a receber e tendo que enfrentar batalhas judiciais, na tentativa de remediar sua situação, caracterizando o seu amor e dedicação como uma simples indenização por serviços domésticos.

ADULTÉRIO - IMPLICAÇÕES CRIMINAIS E RELIGIOSAS

O adultério é o ato através do qual o cônjuge viola a fidelidade conjugal, tendo

relação sexual fora do casamento; sendo esta conduta tipificada como crime, pelo artigo 240, do Código Penal, de 1940:

“Art. 240. Cometer Adultério:

Pena-detenção, de 15 (quinze) dias a 6 (seis) meses”.

Segundo o anteprojeto do novo Código Penal, o adultério, assim como a bigamia, deixariam o elenco de crimes, passando a ser objeto, unicamente, da legislação civil. O escritor Nicanor Sena Passos, também analisa a matéria no seu “Código Penal Bíblico”, sendo oportuna sua lição:

“Provérbios 5: 2 a 4 - para que conserves os meus avisos, e os teus lábios guardem o conhecimento. Porque os lábios da mulher estranha destilam favos de mel, e o seu paladar é mais macio do que o azeite; mas o seu fim é amargoso como o absinto, agudo como a espada de dois fios.

Comentário - Nesta passagem, Salomão adverte seus filhos dos perigos a que os expõe a mulher adúltera. Vale lembrar que o Código Penal brasileiro condena a prática de adultério, que, conforme o dicionarista De Plácido e Silva, o ato pelo qual o homem ou a mulher, legalmente casados, violam a fé conjugal, imposta aos esposos (fidelidade conjugal). O adultério, ou concúbito reprovado, constitui crime. A ação penal, no entanto, somente pode ser intentada pelo cônjuge ofendido dentro de um mês, após o conhecimento do fato”.
(455)

Certamente, o adultério para o cônjuge traído é uma das mais dolorosas experiências, objeto do eterno triângulo amoroso, existindo numerosos mitos e histórias acerca dessa danosa experiência, como é o caso de Cleópatra, Marco Antônio e Octávia, esposa dele, vivenciado nas cortes do Egito e de Roma; o Rei Arthur, Guinevere e Lancelot repetiram o drama na corte de Camelot; Charles, Lady Diana e Camilla, na moderna realeza britânica. Muitos são os que desempenham idênticos papéis na vida cotidiana.

Chico Xavier nos traz a visão benevolente do espírito Emmanuel ao abordar esta matéria, no seu livro “Vida e Sexo”:

“Dir-se-ia que no rol das defecções, deserções, fraquezas e

delitos do mundo, os problemas afetivos se mostram de tal modo encravados no ser humano que pessoa alguma da Terra haja escapado, no cardume das existências consecutivas, aos chamados “erros do amor”... Quem não haja varado transes difíceis, nas áreas do coração, no período da reencarnação em que se encontre, investigue as próprias inclinações e anseios no campo íntimo, e, em sã consciência, verificará que não se acha ausente do emaranhado de conflitos, que remanescem do acervo de lutas sexuais da Humanidade. Desses embates multimilenares, restam, ainda, por feridas sangrentas no organismo da coletividade, o adultério que, de futuro, será classificado na patologia das doenças da alma, extinguindo-se, por fim, com remédio adequado”. (456)

Recentemente, assisti ao filme “Beleza Americana”, premiado com os “Globo de Ouro” de melhor drama, roteiro e direção, de Sam Mendes, com os atores Kevin Spacey e Annette Bening; girando sua história em torno de uma família desestruturada e sem diálogo, onde cada um dos cônjuges apenas se preocupava em “projetar uma imagem” da família feliz; quando na realidade não existia mais amor nem relacionamento sexual entre o casal, além de faltar atenção e carinho com a única filha; culminando com o adultério da esposa, aceito, passivamente, pelo marido letárgico, o que o levou a um final trágico.

Ainda, podemos acompanhar, nos jornais, diversos casos de homicídios, gerados pelo adultério, onde o marido traído, tenta “lavar sua honra com sangue”, como relata o espírito Irmão X, pela mediunidade de José Alves de Souza, no livro “O Adultério - Visto pelos Espíritos”:

“Ladrão é você Romeu, que roubou a minha mulher. Estou aqui para defender o que é meu, que está dentro de minha casa, em cima da minha cama. Quem será o ladrão?”. Você tentou levantar-se e pegar no criado-mudo suas roupas, pois estava despido, mas foi impedido por José, que disse:” - Não, não vai pegar nenhuma roupa porque da maneira em que se encontra é para mim, uma grande defesa no Tribunal. E o que importa estar despido, se irá morrer?” A esposa de José, muito apavorada, tentou se locomover dali e foi também impedida pelo marido. Você quis dizer alguma coisa, mas foi interrompido por ele o qual disse: “ - Três anos de avisos, caro amigo, muitas vezes eu o alertei e disse que não queria que chegasse esse momento, mas infelizmente chegou, e como havia prometido, vou matá-lo, pois percebi que esta pouca vergonha nunca irá acabar. Mostrei-lhe o revólver para tentar

resolver de outra maneira, sem necessidade do que vou fazer agora, mais foi inútil. Reze a Deus, porque chegou seu momento final”...

Espiritualmente falando, os dois que anteriormente vimos, teriam a cumprir o seguinte esquema, elaborado por eles, no plano espiritual. O senhor prometeu dar todo o apoio a esta senhora, e pela Providência Divina, ele seria um comerciante rico, pois na vida anterior tinha esta função e tomou tudo o que tinha esta jovem senhora, sendo necessário nesta vida, a reposição de tudo e muito mais conforme promessa sua. Daria ajuda, conforto, aliás, como já foi dito, todo o necessário. Mas como a senhora não tinha nenhuma dívida para com ele, dizia da obrigação dele para com ela. Para que a aproximação fosse feita entre os dois, ela foi trabalhar em seu comércio como secretária e para que ele pudesse ter a chance de ajudá-la, a mesma deveria passar por dificuldades financeiras. Como não estava previsto o envolvimento afetivo dos dois, foi dado a ela este homem, o qual está aqui agora, para seu esposo; então, no tempo certo, ela teria todos os motivos para o amar, mas a má interpretação fez com que ambos, ou melhor, os três, errassem barbaramente. O outro homem penalizado pelas dificuldades desta, a qual na época, era uma jovem muito bonita, começou a ajudá-la, porém com interesse totalmente ao contrário do que é correto. O interesse era unicamente na beleza dela; não a ajudava pelo simples fato de praticar a caridade e pagar sua dívida do passado. Foram se afeiçoando um ao outro e cada vez mais ela se prendia aos favores dele até que um dia a mesma se entregou a ele, e vieram morar juntos nesta casa. Conclusão, o adultério foi cometido, pois não era assim o plano. A ajuda teria que vir, mas sem nenhum interesse material, apenas a reposição de uma dívida. Não acontecendo assim, de maneira nenhuma, poderiam conviver bem, juntos. E mais, o adultério foi maior, por ele ser casado”. (457)

Assim, na prática do adultério, os prevaricadores assumem uma união sexual com consequências cármicas danosas, impostas aos transgressores das imutáveis leis divinas.

MEDIAÇÃO FAMILIAR COMO SOLUÇÃO DE CONFLITO

Antes de buscar a justiça para dirimir os problemas do casal, sempre recomendo uma opção mais em conta, rápida eficiente e menos traumatizante, que é a mediação familiar. Tecnicamente, pode-se conceituá-la como uma prática através da qual o mediador, uma terceira

pessoa, neutra, especialmente treinada, colabora com as partes em disputa, os mediandos, para que estes procurem resolver seus conflitos de maneira cooperativa, podendo chegar a um acordo que os beneficie, sem maiores desgastes emocionais.

A psicóloga e terapeuta de casais, Eliana Ribert Nazareth, elenca as vantagens deste mecanismo alternativo de resolução de conflito, constante em seu artigo publicado no livro “Nova Realidade do Direito de Família”:

“A mediação propicia uma retomada da autodeterminação das pessoas em relação às próprias vidas; fundamentalmente é a isto que a mediação se propõe. Delegou-se demais ao Estado na figura dos tribunais com seus juízes ou mesmo aos advogados. Os mesmos tribunais e juízes estão abarrotados e as pessoas infelizes com sentenças que muitas vezes não atendem suas expectativas e que nem sempre consideram suas possibilidades e limitações, tudo isto frequentemente depois de lutas inglórias entre pseudoganhadores e pseudoperdedores.

A título de exemplo: a Associação Americana de Mediação realizou uma estatística nos tribunais dos Estados Unidos e constatou que nos casos de divórcio nos quais a guarda é outorgada à mãe, o que representa a maioria dos casos, 85% das sentenças em ações de alimentos e guarda não são respeitadas. Muitas hipóteses poderíamos levantar para explicar tal ocorrência, mas o essencial é pensarmos que, seja por qual motivo for, as sentenças não atenderam às reais necessidades das pessoas envolvidas, suas prioridades e interesses, pois, se o tivessem, teriam sido mais consideradas!” (458)

Minha esposa Tânia, como advogada holística, utiliza sua sensibilidade na mediação de acordos entre casais, evitando traumas emocionais e processos infundáveis nos Tribunais, narrando assim sua visão deste tema, em artigo publicado no jornal “A TARDE”, em 1998:

“A mediação familiar tem por objetivo a resolução de conflitos na família; a preservação do diálogo entre os pais, a fim de garantir a estabilidade emocional e a segurança financeira dos filhos; a redução da violência doméstica, tornando-se uma “porta aberta” para melhor negociação em possíveis conflitos futuros. As histórias pessoais, diferenças e ressentimentos dos casais chegam, para o mediador, numa forma de impasse, de maneira ilógica e sofrida

(apoiadas em emoções negativas). A mediação não se propõe a resolver pontos que seriam tratados, em anos, por um terapeuta familiar. E, sim, importa-se, objetivamente, em aproximadamente seis sessões, observar as narrativas dos clientes, parafraseá-las numa sequência lógica e positiva, visando obter pequenos acordos em cada sessão, para que, confiantes na solução do impasse inicial, os clientes saiam das suas posições defensivas (estanques) e estejam mais abertos à resolução dos seus verdadeiros conflitos. O papel do mediador é de gerenciar os conflitos, redirecionando o foco das relações para o pólo positivo e para a construção de uma nova relação, voltada para a segurança e bem estar dos filhos”.

DIVÓRCIO - ANÁLISES JURÍDICA E ESPIRITUAL

Inicialmente, precedido por uma polêmica que envolveu setores da Igreja Católica, juristas e sociedade, o divórcio, adotado no Brasil em 1977, foi a principal modificação na legislação do casamento civil. A grande alteração da instituição, no entanto, é simples: permitir que o casal possa se casar novamente no civil. Uma curiosidade é que, no primeiro Código Civil de 1890, a separação também se chamava divórcio. O nome desquite só passou a vigorar a partir de 1916.

A maior preocupação dos anti-divorcistas, em meados da década de 70, era o temor de que a lei provocasse a dissolução da família. É justamente para evitar sua vulgarização e uma “avalanche” de separações, que a legislação só permite sua efetivação, após dois anos de separação comprovada. O tempo provou que o divórcio não diminuiu o número de casamentos.

O termo “desquite” foi substituído por “separação judicial”, que significa a dissolução da sociedade conjugal, não rompendo por completo o vínculo matrimonial, o que impede um novo casamento. Quando a separação é amigável, de comum acordo, ela é denominada de consensual e após um ano da sua homologação, através de uma sentença judicial, poderá ser convertida em divórcio, de forma indireta. Quando o casal já está separado de fato, há mais de 2 anos, pode-se requerer o “divórcio direto”, após o qual os cônjuges poderão se casar, novamente, com outros parceiros, como estabelece a Lei nº 6.515/77.

A raiz da palavra divórcio é “desviar” e, em sentido literal, significa “separar”.

Nesta acepção, sempre que houver separação ou desvio, ocorre o divórcio. Contudo, divórcio hoje significa a dissolução do casamento, e isto geralmente se origina de alguma incompatibilidade insolúvel, intenso desgosto, infidelidade, etc.

Para o Doutor em Direito e Filosofia, Geddes Mac Gregor, nos Estados Unidos, pelo menos um de cada três casamentos termina em divórcio e acrescenta:

“O divórcio, evidentemente, está em absoluta contradição com o conceito básico de casamento cristão. Isso está enunciado em Marcos 10.1 e Lucas 16.18. Em acréscimo, Mateus 5.32 parece oferecer uma qualificação; mas a interpretação é muito controversa e as questões são demasiado técnicas e complexas para serem analisadas aqui. Porém, não há dúvida de que o divórcio, simplesmente tolerado pela lei de Moisés (Deuteronômio 24.1-4), desde o princípio foi detestado pela Comunidade da Fé Cristã”. (459)

Scott Miners, advogado e editor-chefe da Sociedade Teosófica americana, aborda também este assunto:

“Um aspecto notável do divórcio e dos divórcios múltiplos é que as pessoas tendem a imaginar que no próximo casamento o parceiro preencherá todos os seus desejos e necessidades. Porém, como indica Seikan Hasagawa, não devemos dedicar tanto tempo à escolha do melhor parceiro. Em vez disso, devemos empregar o tempo transformando o relacionamento em algo onde cada uma das pessoas experimente um crescimento consciente e espiritual... É certo que às vezes é melhor as pessoas seguirem caminhos separados. Muitas vezes um relacionamento pode ser difícil demais para ser suportado. Precisamos ser racionais quanto a isso e usar o bom-senso. Não parece sensato continuar um relacionamento com alguém que seja mental ou fisicamente cruel ou que, por outro lado, aja de modo agressivo, prejudicial a maior parte do tempo, ou com certo grau de persistência. Nem é razoável continuar um relacionamento com alguém que não seja fiel”. (459)

A psicoterapeuta Zulma Reyo, no seu livro “Karma e Sexualidade”, analisa os efeitos cármicos do divórcio:

“O importante é entender aqui que as lições kármicas são resolvidas dentro do próprio indivíduo. Não existe isso de ter de completar o karma (isto é, a lição kármica) com essa pessoa e não com aquela. Quem pensa assim terá, provavelmente, escapado de sua situação presente e aderido a crenças distorcidas sobre reencarnação.

A razão básica para o divórcio é a descoberta de apegos compulsivos ou obsessivos, que incluem as obrigações. A pessoa é confrontada com sua própria feiúra. Ao invés de enfrentá-la dentro de si mesma, ela prefere continuar a projetá-la para fora, censurando, acusando, insultando ou humilhando o ser que um dia foi querido. Diante desse conflito, ela abandona o parceiro para procurar alguém “melhor”. Muitas vezes esse novo alguém apresentará o mesmo dilema e um novo divórcio acontece... e novo casamento... e divórcio ad nauseam...

Há muitas boas razões ou justificativas para a pessoa que acha a vida no lar intolerável e busca o conforto de um relacionamento fora do casamento. As melhores delas geralmente apontam a frágil condição de saúde do parceiro, as supostas “necessidades” dos filhos ou a situação financeira instável ou arriscada. Não se pode deixar de ver como a pessoa monta esse quadro todo. Distrair-se, acalmar-se e, no limite, dividir-se entre dois relacionamentos não é a resposta. Sinto um cheiro de covardia disfarçada em preocupação pelo outro, ou apenas medo de ficar só (sem a “segurança” que o outro simboliza, mesmo se for a própria atmosfera caseira). Fico perplexa com o número de pessoas que apodrecem em casamentos que não levam a nada, por não quererem abandonar os ninhos que construíram! Não há modo algum, na Consciência, de tomar o partido de alguém. Uma pessoa está exatamente onde ela precisa estar e o “modo” como ela lida com isso é um indicador da Consciência.

Se a lição kármica envolvida não foi resolvida para a pessoa que ficou para trás, ele/ela irá, sem dúvida e muito rapidamente, encontrar outra pessoa com quem fazer o jogo de suas neuroses...”(460)

Na minha opinião, o casamento, na maioria das vezes é um mecanismo de ajuste e reajuste das dívidas kármicas com um (a) companheiro (a) de outras vidas. Entretanto, quando voltam a ferir-se com violência ou deslealdade, é melhor que recorram ao divórcio, para evitar a ocorrência de situações mais comprometedoras ou trágicas; porquanto a separação, nestes casos, não se opõe às Leis Divinas.

O psicólogo Adenauer Novaes analisa este assunto na sua obra “Psicologia e Espiritualidade”:

“Seus motivos são vários, sendo que a grande maioria deles se relaciona às projeções dos parceiros, que criaram expectativas quanto ao comportamento de seus pares e não foram correspondidos. Foram uniões parciais, pois que não havia o conhecimento efetivo do outro, face ao desejo, à paixão e às exigências sociais de relacionamento. Muitas foram uniões inconsequentes, sem o devido preparo prévio, ao sabor da volúpia e da necessidade social de se unir a alguém, em que o planejamento reencarnatório ficara em segundo plano. Diante do rompimento da união matrimonial, deve cada um dos parceiros aproveitar para uma auto-análise a fim de não repetir os equívocos de lado a lado”. (461)

O escritor espírita João Nunes Maia, nos traz a lição do espírito de Maria Nunes, que recomenda a tolerância e o perdão aos casais:

“Nestas encruzilhadas é indispensável que as almas reconsiderem as atitudes a tomar, não perdendo a paciência, aumentando a tolerância e desdobrando-se para ganhar a simpatia daquele ou daquela que vive a seu lado, por obediência à lei. É evidente que em muitos casos o divórcio é certo, pois essa atitude dos cônjuges poderá evitar fatos de preços exorbitantes. Andaram juntos algumas milhas, e a separação é um descanso, para depois tornarem, por força da lei, a continuarem a viagem, descansando e andando até encontrarem o tesouro a que os dois estavam atraídos: o perdão”. (462)

Outrossim, muitas separações são causadas por influência de espíritos maléficos, como atesta o escritor espírita Umberto Ferreira, no seu livro “Vida Conjugal”:

“Muitos casamentos fracassam devido a essas influências nocivas de espíritos de natureza má que começam de forma sutil, sorrateira, evoluindo para verdadeiros processos obsessivos que comprometem, irreversivelmente, a união conjugal. Tanto a vítima da obsessão quanto o cônjuge, na maioria das vezes, nada percebem, porquanto os obsessores não criam o mal na vítima; apenas identificam as tendências e as estimulam de forma intensa e persistente, procurando exarcebá-las. O obsidiado, conhecendo as próprias fraquezas, acha que tudo

vem dele mesmo e se julga o único responsável pela situação nova que está vivendo. Ao invés de redobrar a vigilância, o que faz é dar vazão aos maus instintos e vai se envolvendo cada vez mais até chegar a uma situação quase irremediável.” (463)

Em pesquisa divulgada, no final do ano de 1999, ficou constatado que, no Brasil, mais de 20% dos divórcios foram motivados por conduta desonrosa e que, em 80% dos casos, a mulher foi quem tomou a iniciativa. No último levantamento realizado pelo IBGE, também ficou constatado que, no ano de 1995, foram concedidos, no Brasil, 98.766 divórcios. Deste total, mais de quatro mil foram concedidos só na Bahia. No nosso estado, o maior número de divórcios foi pedido pelo homem, no entanto, atualmente há mais de 18 milhões de mães brasileiras dividindo-se entre os afazeres domésticos e as obrigações profissionais, além do número de mulheres chefiando a família ter aumentado bastante.

Dentro da abordagem universalista que estamos imprimindo a este livro, gostaria de trazer ao leitor uma prática xamânica, ensinada pelo Xamã boliviano Chamalú, no seu livro “O Clã da Lua”, com a finalidade de liberar os cônjuges, que estão se separando do nível energético e espiritual:

“A situação do divórcio pede que você esteja forte, serena, lúcida e criativa. Não importam os motivos. Menos importante ainda é identificar os culpáveis, que, no fundo, não existem. O fundamental é que você está iniciando uma nova etapa da sua vida. Concentre-se, portanto, na construção do novo e não na destruição do que já terminou.

Comece esta atividade um pouco antes de o sol se por. Escolha um lugar ao ar livre ou use o seu jardim. O importante é que ninguém a interrompa. Leve uma folha seca ou um ramo de um arbusto bem seco e uma vela branca. Você não precisa de muito tempo, mas deve ter um propósito firme. No chão, desenhe meio círculo unindo o sul, o leste e o norte. O oeste ficará aberto. Entre pela entrada do leste, olhando para o oeste. Marque o centro e sente-se no chão, deixando atrás de você o ponto central. Acenda um incenso e limpe-se com ele., “penteando-se” para baixo. Se for necessário, fique de pé para fazer isso. O incenso deve ter sido previamente preparado para cumprir a função purificadora e para tirar de você tudo aquilo que você não quer mais que faça parte da sua vida. Volte à posição de meditação, sempre olhando para o

oeste. O sol está quase se pondo. Concentre-se nele e convoque os guardiões da luz para ajudá-la nesse trabalho. Depois disso, estabeleça e reforce sua conexão com a luz. Simultaneamente, visualize o seu companheiro com ternura e pureza e identifique o vínculo que existiu entre vocês. Imagine que esse vínculo é um cordão transparente que, nesse momento, por decisão sua e com o apoio de todo o Universo, está cortado, permitindo que cada alma continue livre em seu caminho, sem que nada pendente, em plano visível ou intangível, permaneça entre elas. Veja como o cordão se rompe pacificamente e como cada um retoma seu caminho pessoal, com seu círculo energético fechado e sua vibração alimentada pela luz. Respire conscientemente e com agradecimento. Pegue com as duas mãos a folha seca que você levou. Agora, ela simboliza o seu ex-companheiro. Convoque o avô fogo para que realize uma transmutação, que ele incinere todo e qualquer vínculo ou recordação, para que, a partir de agora, vocês possam ver-se como amigos e tudo flua harmoniosamente. Depois de alguns momentos de silêncio, acenda o fogo e queime totalmente a folha. Agradeça ao avô fogo, despeça-se dele e apague-o com os dedos, evitando assoprá-lo. Junte as cinzas e jogue-as para o alto. Isso simboliza a entrega do passado ao Universo. Você começa a viver o presente com paixão e otimismo.” (464)

O médium baiano Divaldo Franco, quando questionado sobre a visão espírita do divórcio, assim respondeu:

“O divórcio é a medicação para a doença da incompreensão. O ideal seria as pessoas se compreenderem e não se divorciarem. Cabe-nos o dever de tolerarmo-nos quando as dificuldades advierem, na crise da afetividade. Mas, se corremos o risco de marchar para uma tragédia, melhor será evitá-la. Se somos levados a situações clandestinas de constituir famílias paralelas, lógico é nos separarmos legalmente de quem de fato já o estamos, regularizando a nova conjuntura. O divórcio é, portanto, uma solução temporária, embora não ideal, sob o aspecto cármico.” (465)

Para concluir este capítulo, vamos trazer a lição do Prof. Pierre Weil de como a Psicologia, a Sociologia e a Psicossociologia analisam as causas do divórcio, constante no seu livro, “Relações Humanas na Família e no Trabalho”:

“A psicologia retrata as causas pessoais do divórcio, a sociologia mostra quais os usos e costumes a respeito do divórcio em cada tipo de sociedade e a psicossociologia aponta as causas e mecanismos interpessoais do divórcio, ou melhor, das incompatibilidades, tensões e conflitos conjugais. As causas invocadas na justiça em geral não são as verdadeiras...

As causas mais frequentes são: embriaguez e alcoolismo, incompatibilidade conjugal, ciúme imotivado, frieza sexual, impotência sexual, ausência prolongada do lar, término de sentimento amoroso, agressões físicas, distúrbios da personalidade, neurose e psicose, gravidez anterior ao casamento, toxicomania, fraude, roubo, assassinato, prisão, homossexualidade, não-sustento econômico.” (466)

CAPÍTULO XVII

SEXUALIDADE EM FOCO

“Sexo é espírito e vida, a serviço da felicidade e da harmonia do Universo.” (456)

Emmanuel, psicografado por Francisco Xavier

A palavra sexualidade pode resumir todas as formas de se lidar com a energia do sexo e as motivações psicológicas concernentes à busca do prazer físico, que faz parte da fisiologia humana.

Vale esclarecer que sexo e sexualidade possuem significados diferentes; enquanto os sexos são dois, masculino e feminino, a sexualidade é algo mais abrangente, pois é relativa a toda vida afetiva e emocional. E, também energia criadora que impulsiona o ser na realização de seus objetivos superiores, você já não ouviu a expressão, isso me dá tesão?

Infelizmente, na maioria das vezes a sexualidade é dirigida para a exclusiva busca do prazer do sexo, causando um “vício”, que poderá gerar diversos desequilíbrios psicológicos. Ademais, tal desvio é fortalecido pela mídia, que objetiva aumento da audiência e utiliza o apelo sexual para estimular seus espectadores, propagando a vulgaridade, sem se preocupar com os efeitos destes estímulos, quando mal direcionados.

O sexo, quando praticado com naturalidade e envolvido pelo amor, desperta a essência do ser humano, através da sua energia criativa e procriadora, pois, somos originários de um ato sexual dos nossos pais. Logo, o sexo é um ato natural, não devendo estar envolto em um véu de mistérios, como se ainda fosse um tabu da Idade Média; pelo contrário, a informação a esse respeito é muito importante, hoje em dia.

O escritor gnóstico Samuel Aun Weor, no seu livro “O Matrimônio Perfeito”, analisa a sexualidade sadia:

“Entende-se por indivíduos de sexualidade normal os que não são portadores de conflito sexual de nenhuma espécie. A Energia Sexual é, sem dúvida alguma, a mais sutil e poderosa forma de

energia que o organismo humano produz e canaliza através de seus órgãos e sistemas. Tudo o que somos, inclusive nas esferas do pensamento, sentimento e vontade é o resultado exato das diferentes modificações da Energia Sexual. Devido ao aspecto tremendamente sutil e poderoso dessa Energia torna-se realmente difícil o controle e o armazenamento da mesma.” (467)

Entretanto, o Judaísmo, originalmente, era bastante descrente da sexualidade fora dos laços rígidos do matrimônio e veio a limitar a prática sexual dos judeus, por meio de uma coleção de opiniões legais. O “*yezer hara*”, em grande parte identificado como impulso sexual, tornou-se algo suspeito e temido.

Outrossim, para a Cabala, o mundo físico, assim como o espiritual, são manifestações de Deus e por isso, essencialmente bons; significando que o sexo é bom, natural, decorrente de um dos mandamentos de Deus, visando a procriação. Além do mais, e aqui os cabalistas parecem ter percebido o que a Bíblia insinua, o próprio Deus é amor, como energia criadora do Universo. Assim, podemos afirmar que o sexo não é pecado, mas uma parte essencial do ser humano, pois o instinto sexual é biológico, não imoral, mas, pré-moral, quando praticado com naturalidade.

Ao contrário, se apenas orientada pelo prazer sensorial, a libido vai se hipertrofiando, gerando a “inflação do sexo”, a sua desvalorização; sendo que sua prática compulsiva é seguida de um esvaziamento ou frustração existencial; chegando tal exagero a uma espécie de “vício”, como narra o escritor espírita Ranieri, sob orientação, no plano espiritual, de André Luís, no livro “O Sexo Além da Morte”:

“Há homens e mulheres, meninos e meninas. Vivem em promiscuidade e vou lhe fazer uma revelação:

- A maioria ainda é de espíritos encarnados, que têm os seus corpos na Terra, e à noite durante o sono fogem para este Vale. As sensações que recolhem aqui, de certa forma, acalma-lhes o ânimo quando despertam, Observe-os bem e verá o fio fluídico que os liga à Terra.

De fato, acompanhei a observação de Eleutério e vi milhares de fios escuros ou menos escuros que desciam para a terra partindo do umbigo e da mente daquelas criaturas. Fios quase que invisíveis, porém de excessiva mobilidade...

- Lá fica o **Sanatorium**, falou Diana apontando com a mão, contudo, teremos que atravessar o **Vale da Morte**, extensa faixa onde estacionam os espíritos que iniciaram o desgaste da forma perispiritual pelo exagero do exercício sexual. Em determinado ponto paramos e o Guia nos apontou diversas criaturas que se amontoavam umas sobre as outras. Notei que não tinham braços e as pernas excessivamente finas estavam na realidade mutiladas. Fisionomias intensamente pálidas como se houvessem perdido todo sangue, palidez do mármore...

Cabe a nós dirigir sabiamente as forças interiores que se movimentam sob o comando de nossa mente. Sexo não é crime, porém o uso imoderado ou descontrolado trará como consequência perturbações de ordem física e psico-física.” (468)

Segundo informação do escritor espiritualista, Irmão Anandamoy:

“O professor J. D. Unwin, da Universidade de Cambridge, estudou 80 civilizações, cobrindo os últimos 4.000 anos. Ele concluiu que uma sociedade pode escolher entre a promiscuidade sexual, que leva ao declínio, ou a disciplina sexual, que produz um surto de energia criativa.” (452)

Lembramos uma lição do seu mestre espiritual, o yogue Paramahansa Yogananda:

“O sexo tem o seu lugar no relacionamento conjugal entre o homem e a mulher. Mas se ele se tornar o fator primordial desse relacionamento, o amor bate as asas e desaparece por completo. No seu lugar aparece então a possessividade, a familiaridade excessiva, os maus-tratos, a perda da amizade e da compreensão. Embora a atração sexual seja uma das condições sob a qual nasce o amor, o sexo por si só não é amor.” (441)

O renomado psicólogo e Reitor da UNIPAZ, Prof. Pierre Weil, conseguiu apresentar provas estatísticas da pressão religiosa sobre a vida sexual, no seu livro “Mística do Sexo”; onde demonstra que os religiosos praticantes têm uma frequência mais baixa de atividade sexual:

“Com efeito, é o que acontece em todas as amostras da população

analisada. Vejamos, por exemplo, a classificação obtida com relação aos rapazes entre dezesseis e vinte anos, que irão, ou que já estão na Universidade: a ordem começa pelos menos ativos do ponto de vista sexual:

1.	<i>Israelitas ortodoxos</i>	<i>1.57</i>
2.	<i>Católicos praticantes</i>	<i>1.70</i>
3.	<i>Protestantes praticantes</i>	<i>1.83</i>
4.	<i>Católicos não praticantes</i>	<i>2.19</i>
5.	<i>Israelitas não praticantes</i>	<i>2.30</i>
6.	<i>Protestantes não praticantes</i>	<i>2.37</i>

Encontramos diferenças assim, em todas as manifestações sexuais, a partir da masturbação até as relações conjugais, passando pelas relações pré-conjugais e pelas relações homossexuais...

Trata-se aqui do dado mais importante para o nosso trabalho; como veremos mais adiante, pode-se encontrar argumentos racionais para todos os tabus de natureza religiosa; a permanência do tabu sexual no casamento, entretanto, exige uma análise mais profunda, que nos levará a uma nova teoria explicativa do pecado sexual.”
(469)

A escritora esotérica Monica Buonfiglio, lembra-nos que, no Oriente, o sexo é visto como uma forma de se desenvolver a espiritualidade, principalmente, na linha de Tantra Yoga; ao passo que no Ocidente é realizado como uma atividade física destinada à satisfação de um instinto animal do ser humano, senão vejamos:

“Uma das consequências da pouca percepção sobre o que representa o ato sexual está no pouco tempo que os ocidentais levam para realiza-lo. Temos informações de que os americanos levam apenas 8 minutos, enquanto os ingleses demoram ainda menos: 3 minutos é o suficiente para fazerem amor. A fama de bons amantes fica com os recordistas de tempo: os africanos e os indianos dedicam 45 minutos ao ato sexual.

Precisamos espiritualizar o sexo, para que ele nos propicie plenamente seus benefícios. Espiritualizar o sexo é algo fácil, se assim queremos. Pode começar com um diálogo entre o homem e a mulher. Que cada um diga, com simplicidade, o que espera do outro. Falem palavras carinhosas, expressem seu desejo de unir-se intimamente ao amado(a). Beijem-se, acariciem-se. Criem o clima certo para a intimidade física, psíquica, emocional e

espiritual. O tantra ensina que a mulher deve sentir desejo tanto quanto o homem, e não considera a mulher que tem orgasmos como “mulher da vida”, ao contrário de alguns puritanos ocidentais. Sexo é um meio de homem e mulher chegarem a Deus. Você não concorda? (450)

Após estas breves considerações sobre a sexualidade, gostaria de aprofundar esta análise em alguns dos seus desvios e nas suas implicações cármicas.

ASSÉDIO SEXUAL

O século XX foi o período de maior avanço do sexo feminino, em todos os tempos, marcado com a entrada da mulher no mercado de trabalho e em busca da sua cidadania. A mulher, com sua doce determinação, vai conseguindo seu espaço, numa luta contínua e silenciosa, com a sapiência daquelas que aprenderam, com a natureza, a esperar: através da gestação; da criação dos filhos; dos novos desafios profissionais e pessoais; por um mundo melhor, e, certamente, serão elas que, com o seu amor e sensibilidade, ajudarão a construí-lo.

Assim, a mulher, a cada dia, mais se impõem no mercado de trabalho, onde também tem que conviver com o “Assédio Sexual”. Assédio é uma palavra que vem do latim, significando o ato de limitar, cercar, rodear, perseguir com insistência, aborrecendo e importunando.

O assédio sexual dá origem à tipificação de normas contidas nos Direitos Civil, Penal e do Trabalho. O assédio sexual, no Direito Civil, é uma tentativa contra a liberdade humana, portanto, trata-se de lesão no Direito da Personalidade. O direito objetivo proporciona mecanismos capazes à defesa da personalidade, à identidade, à liberdade, à sociabilidade, à reputação, à honra e à autoria. Por isso, o assédio sexual fere a própria dignidade humana, ofendendo o direito personalíssimo à liberdade física, intelectual e civil, ao que corresponde sanção reparadora da lesão, objetivando perdas e danos morais e patrimoniais.

O conceito de assédio apresentado por Maurice Drapeau, in “Le Harcelément Sexual au Travail”, citado pelo juiz trabalhista Dr. Paulo Viana de Albuquerque Jucá, no livro “Temas de Direito do Trabalho”, é o seguinte:

“Assédio sexual é toda conduta verbal como física, geralmente repetida, de natureza a causar um efeito desfavorável no ambiente de trabalho da vítima, a acarretar consequências prejudiciais em matéria de emprego ou a trazer atentado à integridade física ou psicológica da pessoa ou à sua dignidade.” (470)

Na Justiça Trabalhista, atualmente, a mais experiente em matéria de assédio sexual, há a limitação referente às relações de trabalho. Assim, se o assédio ocorre no ambiente laboral, há jurisprudência no sentido de que a competência é da Justiça do Trabalho, inclusive para fins de indenização por dano moral. Se, porém, a abordagem sexual não está abrangida pelas relações de emprego, não há dúvida de que o caminho para a indenização é a Justiça Comum.

O crime de assédio sexual não está previsto no Código Penal Brasileiro, mas, sim, no projeto do novo Código Penal, art. 195, assim tipificado: “Assediar alguém com proposta de caráter sexual, prevalecendo-se de relações funcionais, empregatícias, domésticas ou de confiança da vítima.” O preceito normativo prevê a presença da relação medo **versus** poder, em todas as formas de assédio, seja o medo de perder o emprego, medo do constrangimento de comprometer sua reputação moral, pois é constante a inversão da acusação, afinal, a iniciativa vem de quem exerce o poder hierárquico. A aplicação da sanção legal encontra dificuldade na produção da prova da lesão, no direito de personalidade, pela própria natureza do assédio sexual, frequentemente, antecedido com mecanismos de sedução, caracterizada por sutilezas.

Muitas vezes, estes chefes assediadores são compulsivos em sexo, facilitando a sua sintonia com espíritos trevosos afins, que continuam estimulando este desequilíbrio sexual; visando absorver para si estas descargas eróticas através do obsediado, durante a realização do ato sexual.

Esse referido desequilíbrio energético, posteriormente, causará declínio da energia sexual, afetando a imunidade do aparelho reprodutor, ou seja; possibilitando, assim, que doenças se instalem como: DST (doença sexualmente transmissíveis), câncer de próstata, útero, dentre outras.

PROSTITUIÇÃO - NA VISÃO LEGAL E ESPIRITUAL

A prostituição, pela lei penal é um crime caracterizado pela venda do próprio corpo para a satisfação sexual de outrem. É tão velha como a história da humanidade, existindo registros desde 3.000 anos a.C., como forma de atender as necessidade sexuais masculinas, não aplacadas na relação matrimonial.

Ademais, o Antigo Testamento condena a prostituição: “Não prostituas tua filha, para que a terra não se entregue à prostituição e não se encha de crimes.” A proibição se estende igualmente aos hieródulos: “não haverá mulher prostituta entre as filhas ou entre os filhos de Israel. Seja qual for o voto que tiveres feito, não levarás à casa do Senhor, teu Deus, o ganho de uma prostituta nem o salário de um cão; porque uma e outra são abomináveis diante do Senhor, teu Deus.”

Já o Novo Testamento reforça a idéia de impureza das relações com prostitutas: “Ou não sabeis que o que se ajunta à prostituta faz-se um só corpo com ela? Está escrito: *Os dois serão uma só carne...* Fugi da impureza... mas quem comete impureza peca contra o seu próprio corpo.”

Por outro lado, podemos afirmar que a visão espírita é mais benevolente, como analisa Allan Kardec, no seu “Evangelho Segundo o Espiritismo”, item 13 do capítulo X:

“Atire-lhe a primeira pedra aquele que estiver isento de pecado”, disse Jesus. Esta sentença faz da indulgência um dever para nós outros, porque ninguém há que não necessite, para si próprio, de indulgência. Ela nos ensina que não devemos julgar com mais severidade os outros, do que nos julgamos a nós mesmos, nem condenar em outrem aquilo de nos absolvemos. Antes de profligarmos a alguém uma falta, vejamos se a mesma censura não nos pode se feita.” (415)

O espírito Emmanuel, pela mediunidade de Chico Xavier, também teceu seus comentários sobre esta passagem:

“É curioso notar que Jesus, em se tratando de faltas e quedas, nos

domínios do espírito, haja escolhido aquela da mulher, em falhas do sexo, para pronunciar a sua inolvidável sentença: “aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra.”...

Tantos foram os desvarios dos Espíritos em evolução no Planeta - Espíritos entre os quais muito raros de nós, os companheiros da Terra, não nos achamos incluídos - que decerto Jesus, personalizando na mulher sofredora a família humana, pronunciou a inesquecível sentença, convocando os homens, supostamente puros em matéria de sexualidade, a lançarem sobre a companheira infeliz a primeira pedra.” (456)

O psicólogo francês e escritor, Jean-Yves Leloup, resgatou, traduziu e comentou “O Evangelho de Maria”, também conhecida por “Maria Madalena ou Míriam de Mágdala”, onde aborda a sexualidade isenta de pecado:

“Apesar disso devemos estar seguros: a matéria não é má, nem nada do que existe neste mundo; o corpo, a sexualidade não são maus nem “pecaminosos”:

“Tudo é puro para aquele que é puro, sois vós que fazeis existir o pecado...”

O pecado então não está nem nas coisas nem em um elemento do composto humano ou do composto cósmico, ele está na utilização que nós fazemos destes diferentes compostos. Ele é uma desorientação do desejo, uma maneira de visar o lado do alvo, de errar o objetivo, e Yeshua reencontra aqui a etimologia grega da palavra pecado, hamartia: errar o alvo.

Pelo mau uso de nossos sentidos, de nossa inteligência, de nossos sentimentos “desorientados”, tendo perdido nosso “Oriente”, quer dizer nossa orientação para o Ser no coração dos elementos passageiros e transitórios do mundo, nó podemos nos perverter, perverter a sociedade e o bom andamento do próprio Universo.” (471)

No Código Penal, está tipificado no seu artigo 228 o crime de “favorecimento de prostituição”, sendo o ato de induzir ou atrair alguém à prostituição, facilitá-la ou impedir que alguém a abandone, com pena de reclusão de dois a cinco anos.

SEDUÇÃO COMO CRIME

Atualmente, o Código Penal estabelece no seu artigo 217 o crime de sedução como o ato de: “seduzir mulher virgem menor de 18 (dezoito) anos e maior de 14 (catorze), e ter

com ela conjunção carnal, aproveitando-se de sua inexperiência ou justificável confiança: Pena - reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos.” Na Bíblia, temos uma punição mais severa:

Deuteronômio 22:23 e 24: *“Quando houver moça virgem, desposada com algum homem, e um homem a achar na cidade e se deitar com ela então, trareis ambos à porta daquela cidade e os apedrejareis com pedras, até que morram. A moça, porquanto não gritou na cidade, e o homem, porquanto humilhou a mulher do seu próximo; assim, tirarás o mal do meio de ti.”*

Entretanto, apesar do crime de sedução ainda se encontrar definido no nosso Código Penal, grassam no País inúmeras correntes em busca da sua descriminalização, pois, do modo como continua a focalizá-lo o legislador, não é mais possível enquadrá-lo, na maioria das ocorrências, nos dias atuais, pela evolução dos costumes, onde a comunidade redefiniu o conceito de moral sexual; para só punir a conjunção carnal quando ela é praticada pela violência, como no estupro, ou quando houver prova insofismável de que o consentimento da mulher foi viciado pelos diversos meios usados pelo agente, como no caso do desvirginamento ou da posse sexual mediante fraude.

Outrossim, é procedente o entendimento de que o consentimento e a aquiescência da mulher, que se diz vítima do crime de sedução, exclui a ilicitude e a antijuricidade da ação do agente e, quando não há prova suficiente para a condenação do imputado, deve ser evitada, de plano, a instauração da ação penal, pelo pedido de arquivamento do procedimento policial pelo Ministério Público, ou declarada a improcedência da queixa ou da denúncia, pelo juiz, no momento oportuno; porquanto a ausência de dolo no seu atuar, ou o desejo incontido da ofendida em aderir ao coito, faz desaparecer a punibilidade da conduta, ingredientes indispensáveis para a aferição da culpabilidade do autor do fato penal em exame.

Ademais, sob a ótica da jurisprudência, o crime tende a ser aliviado: “A mulher moderna bem cedo revela-se de modo geral, em condições de aprender a problemática sexual e de avaliá-la, em sua realidade e nas suas consequências. Sedução, por inexperiência, mostra-se, portanto, um tipo penal que tende à descriminalização, em face das diminutas possibilidades de sua concretização fática.” (in RT 525/330)

Para concluir esta breve análise, vamos trazer a tendência futura, pois o autor do Anteprojeto do Código Penal, o ministro aposentado do STJ, Luiz Vicente Cernicchiaro, assim se pronunciou sobre o tema: “O texto proposto busca a proteção dos menores; como se sabe, não é aconselhável a vida sexual antes dos 14 anos de idade, por razões morais, biológicas, emocionais, financeiras. Interessa a idade. Insisto: abandonou-se qualquer presunção de conduta. O Anteprojeto define o crime de “violação sexual de menor ou incapaz” - praticar conjunção carnal com menor de quatorze anos de idade, ou pessoa alienada ou débil mental ou impossibilitada por qualquer outra causa de oferecer resistência. A pena cominada é de reclusão de oito a doze anos. Busca-se, dessa forma, reprimir a *pedofilia* e o chamado turismo sexual. Infelizmente, meninos e meninas são vítimas de abuso, tantas vezes, atraídos por remuneração, como meio para aliviar carências materiais”.

HOMOSSEXUALISMO E ESPIRITUALIDADE

Inicialmente, cumpre-nos esclarecer que o homossexualismo é a prática da homossexualidade, que por sua vez é o resultado da ação energética da libido sobre o psiquismo masculino da mulher ou sobre o psiquismo feminino do homem, fazendo com que sintam atração de natureza sexual por corpos sexualmente semelhante. O psicólogo suíço Carl Jung, na sua obra “O Homem e Seus Símbolos”, afirma que todo o homem tem seu aspecto feminino:

“Na idade Média, muito antes de os filósofos terem demonstrado que trazemos em nós, devido a nossa estrutura glandular, ambos os elementos - o masculino e o feminino - dizia-se que “todo homem traz dentro de si uma mulher”. É a este elemento feminino, que há em todo homem, que chamei “anima”. (188)

Como já foi analisado neste livro, de acordo com a programação reencarnatória, é planejada a nossa próxima vida, para que possamos aproveitar ao máximo as oportunidades evolutivas; sendo a escolha de determinado sexo, fundamental para este mister. Ora, se não obedecermos o manual de uso deste corpo físico, corretamente, este desvio nos levará para fora do cumprimento da nossa missão ou “dharma” nesta encarnação. Este é o perigo da homossexualidade, a nível espiritual e esta, também é a opinião do escritor espírita Emílio Brasileiro, autor do livros “Sexo, Problemas e Soluções”:

“A homossexualidade é contrária à Lei Natural ou Divina?
A existência da homossexualidade no Espírito é o resultado de atitudes contrárias à Lei Natural, resultantes do mau uso das energias sexuais, na encarnação atual ou no transcorrer das múltiplas existências corpóreas.

Então a homossexualidade pode ser considerada uma prova para o Espírito?

É um sintoma decorrente de desajustes afetivos e sexuais. Constitui uma prova que deverá ser superada através do respeito e da observância às Leis Divinas.

O homossexualismo, que é a prática da homossexualidade, é também contrário à Lei Natural?

Sim porque fere o processo reencarnatório, cujas leis são de ordem divina, acentuando ainda mais a desarmonia psíquica, contrariando a natureza íntima do psiquismo, destinado a harmonizar-se, a cada nova reencarnação, com a individualidade espiritual.

Pode-se então afirmar que o homossexualismo é contrário à Lei da Reencarnação?

Sim, e todos os desvios psico-emocionais que são causados pelos desequilíbrios ou atraso moral do Espírito”. (472)

Efetivamente, quem tenha cometido abusos das faculdades sexuais, em vidas anteriores, destruindo lares ou se prostituindo, será induzido a renascer em corpo físico que não lhe corresponda às suas preferências sexuais, para um curso de reaprendizagem. Ficando configurado esse quadro de coerção, que ele viverá em regime de prisão compulsória, para aprender a reajustar os seus sentimentos. Caso ele fuja da responsabilidade cármica, através do homossexualismo, apenas adiará a quitação da sua dívida, para a próxima vida, estagnando seu processo evolutivo.

Pessoalmente, não apóio aqueles que discriminam os homossexuais, cada um tem seu livre arbítrio para escolher sua preferência sexual, assumindo suas consequências. Por outro lado, a homossexualidade teria uma origem genética? Essa a questão cuja resposta é buscada em todo o mundo, levando os pesquisadores a multiplicadas experiências. Em junho/95, foi divulgado nos EUA que geneticistas induziram moscas a comportamento homossexual, após receberem um gene, artificialmente. Tais resultados mostram como o assunto é complexo e de difícil abordagem.

A homossexualidade não era aceita, já no Antigo Testamento da Bíblia, a tal

ponto que mesmo o fato de se vestir como o sexo oposto era considerado como um pecado grave: “A mulher não se vestirá de homem, nem o homem se vestirá de mulher; aquele que o fizer, será abominável diante do Senhor, teu Deus.” O texto Levítico é, por sinal, bem claro a esse respeito: “não te deitarás com um homem, como se fosse mulher; isto é uma abominação.” Assim, o Antigo Testamento opõe-se, de modo formal, às práticas homossexuais, que já faziam parte dos costumes de muitos povos da Antiguidade.

Consoante descrição do Dr. Clifford Allen encontrada na Enciclopédia Britânica, nas sociedades mais primitivas, o homossexualismo estava ligado ao xamanismo, que considerava o homossexual dotado de poderes mágicos. Em cerca de 64% das antigas sociedades, as práticas homossexuais eram consideradas normais, inclusive na Grécia, onde filósofos, como Platão, aceitavam e até exaltavam a homofilia, que é a amizade entre pessoas do mesmo sexo, feita da estima e ternura, podendo ou não chegar à prática do homossexualismo.

Inclusive, afirma-se que a degeneração sexual causou a decadência de Roma, levando o poderoso império ao colapso. Já as leis sírias, entre os séculos 11 e 12 a.C. puniam essa prática com castração, enquanto que na Idade Média, o homossexual era queimado vivo ou executado.

Atualmente, em alguns países, principalmente os escandinavos, percebe-se a definição de uma “Ética Social” com legislação liberal e protetora ao homossexual, abrindo-se espaços ao respeito do direito do homossexual, como também dos seus deveres. Em verdade, a “Ética Social”, vem amparar as pessoas, sua dignidade, seus direitos e deveres. O Direito Civil deve ser assegurado a todos. Não deve haver discriminação, exclusão ou restrição a qualquer pessoa, em virtude de suas convicções em matéria de sexualidade.

O espírito Emmanuel, através da mediunidade de Chico Xavier, também analisa esta temática, dentro da ótica reencarnacionista:

“A vida espiritual pura e simples se rege por afinidades eletivas essenciais; no entanto, através de milênios e milênios, o Espírito passa por fileira imensa de reencarnações, ora em posição de feminilidade, ora em condições de masculinidade, o que sedimenta o fenômeno da bissexualidade, mais ou menos pronunciado,

em quase todas as criaturas. O homem e a mulher serão, desse modo, de maneira respectiva, acentuadamente masculino ou acentuadamente feminina, sem especificação psicológica absoluta. O homem que abusou das faculdades genésicas, arruinando a existência de outras pessoas com a destruição de uniões construtivas e lares diversos, em muitos casos é induzido a buscar nova posição, no renascimento físico, em corpo morfológicamente feminino, aprendendo, em regime de prisão, a reajustar os próprios sentimentos, e a mulher que agiu de igual modo é impulsionada à reencarnação em corpo morfológicamente masculino, com idênticos fins.” (456)

O bispo episcopal de Nova Jersey, EUA, John Spong, autor de quatorze livros sobre temas religiosos, também abordou a matéria:

“Nossa sociedade rejeita os homossexuais muito mais que as lésbicas. A definição comum de homossexual é a de um homem que age como uma mulher durante o ato sexual... Tem a ver com a organização do cérebro ainda durante a gestação. Quando este fato for reconhecido, todo o código moral a respeito de “gays” e lésbicas terá de mudar, e mudará. Mais cedo ou mais tarde, a igreja e o estado reconhecerão e abençoarão casamentos entre “gays” e entre “lésbicas”. (473)

A escritora esotérica Monica Buonfiglio, levantou a quantidade de homossexuais existentes no Brasil, bem como afirma que podem existir almas gêmeas entre homossexuais, escapando à regra geral, exemplificando com a lenda de Apolo e Jacinto:

“Existem no Brasil cerca de 1,8 milhão de pessoas homossexuais. Quando essas pessoas decidem morar juntas, funcionam como uma unidade familiar, apesar de não terem filhos. Embora as leis brasileiras não permitam casamentos oficiais entre homossexuais, o casal passa a compartilhar a mesma casa, a mesma vida, os mesmos amigos, o mesmo leito, a dividir obrigações, etc. Exatamente como um casal heterossexual, carregando como ônus adicional o peso de serem, frequentemente, discriminados. Não se sabe ao certo quantos casais vivem, em nosso país, nessa condição, pois não há estatísticas a respeito. Apenas na Dinamarca (o primeiro país do mundo a legalizar a união civil entre pessoas do mesmo sexo) podemos encontrar números disponíveis sobre o assunto... As uniões de pessoas do “mesmo sexo” tendem

a durar menos. Os principais fatores que concorrem para isso são: a inexistência de dependência econômica entre as partes, menor pressão familiar para que a união se mantenha, quando há conflitos; ausência de filhos em quem pensar; facilidade de dissolução, já que não há laços legais a serem desfeitos. Estas diversas condições fazem com que a relação fique mais livre, e se mantenha por razões exclusivamente amorosas.” (450)

UNIÃO CIVIL HOMOSSEXUAL

Também conhecida como “União Gay”, este projeto de autoria da Deputada Marta Suplicy está em discussão na Câmara dos Deputados, visando dar existência jurídica àquela união que já existe de fato.

O objetivo desse projeto de lei é, apenas regulamentar o que já existe, permitindo aos homossexuais o exercício pleno dos direitos de herança, soma de renda para fins de financiamento, dentre outros.

Desde 1989, já existe lei semelhante na Dinamarca, primeiro país a adotá-la, assegurando aos homossexuais, os mesmos direitos que os casais heterossexuais, excetuando-se a adoção de filhos.

Outrossim, a França adotou, em julho/99, o “Pacto Civil de Solidariedade”, que legaliza a união homossexual; lembrando, ainda, a recente decisão da 8ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, que decidiu, por unanimidade, que o processo de partilha do patrimônio de um casal de lésbicas fosse da competência da Vara de Família, reconhecendo a união de fato entre homossexuais.

Meu amigo e jurista, Leon Frejda Sklarowski, analisa este tema no seu artigo publicado na Revista Consulex:

“Uma das questões que vem exigindo profunda meditação, neste final de século e alvorecer de um novo milênio, é a união de seres do mesmo sexo. Noticiou a imprensa que; uma enfermeira e uma psicóloga declararam que o artigo 183 do Código Civil não exige que a união se realize entre homem e mulher, nem entre

os impedimentos se encontra a proibição de união entre pessoas do mesmo sexo. Seu causídico também advoga essa tese, dando como certo o consentimento do magistrado e do promotor de justiça. Diz, ainda, que, na Holanda, o casamento gay ganha foros de legalização, mercê do movimento liberal que por lá grassa. Aliás, nada disso é novidade.

Em Porto Alegre, em decisão prolatada a 24 de fevereiro deste ano, a douta juíza de direito Dr^a Judith dos Santos Mottecy, na ação de declaração de existência de sociedade de fato entre duas pessoas do mesmo sexo, em que o sobrevivente postula a totalidade da herança do falecido, sentencia, com fundamento no inciso III do artigo 2º da Lei nº 8.971/94, que o autor viveu em união estável, uma affectio societatis, com o parceiro, reconhecendo-lhe o direito ao patrimônio do companheiro já morto.

A jurisprudência tem reconhecido a união de fato, como se sócios fossem os parceiros, mais nunca uma entidade familiar, nos termos do conceito que lhe emprestam a Constituição e a legislação vigente. Em memorável decisão, acerca de bens deixados por famoso pintor no Rio de Janeiro, a justiça decretou que, à semelhança de um contrato de sociedade, o esforço e a contribuição do parceiro devem ser levados em conta na partilha dos bens, proporcionalmente à contribuição para a aquisição ou criação desses bens.” (474)

Concluindo esta análise, entendo ser desnecessária a introdução da “União Gay” na legislação brasileira, porquanto foge totalmente à normalidade da união natural entre um homem e uma mulher, afrontando as Leis Divinas, como já explicitado anteriormente, bem que a própria jurisprudência já vem garantindo os direitos básicos dos casais homossexuais.

MUDANÇA DE SEXO É LEGAL?

A transsexualidade é resultante de uma inaceitação da sua atual condição sexual, desejando alterá-la por meio cirúrgico, vez que o progresso da medicina já permite a cirurgia plástica da genitália, para fins de adequação estética e psicológica daquele indivíduo, que possui a certeza de querer pertencer ao sexo oposto do que consta no seu registro, e certidão de nascimento.

O problema da indefinição sexual, embora atrelado aos institutos do estado e personalidade, acaba transpondo as fronteiras da família, no seu mais amplo espectro, pelas

repercussões que provoca no meio social. Em campo tão delicado, encontram-se o hermafrodita e o transsexual. O primeiro exibe virtuais dois sexos, o dominante e o recessivo; enquanto, o segundo, pertence a um sexo definido e transmigra para o oposto, através de cirurgia mutilatória.

Os tribunais pátrios, já têm admitido a mudança de sexo, com alteração do registro civil, nos casos de definição cirúrgica do hermafrodita, resistindo, porém, nesta admissibilidade em relação ao transsexual.

O espírito Joana de Ângelis, pela sensibilidade do médium Divaldo Franco, dá seu depoimento elucidando esta questão, a nível espiritual:

“No momento da concepção o perispírito é atraído por uma força incomparável, às células que se vão formando, nelas imprimindo automaticamente, por força da Lei de Causa e Efeito, o que é necessário à sua evolução incluindo, sem dúvida, o sexo e suas funções relevantes. A ingerência externa, alterando a formação somente trará inconvenientes, prejuízos e distonias morais... As amarras aos vícios sexuais vêm retendo milhões de homens e mulheres na retaguarda das paixões, reencarnando-se com difíceis e desafiadores problemas que aguardam dolorosas soluções. E porque se não querem sacrificar, a fim de equacioná-los, permanecem em situações penosas quanto aflitivas. Todo abuso ao corpo e particularmente ao sexo perpetrado, conscientemente, gera dano equivalente, que permanecerá aguardando correspondente solução por aquele que se infligiu a desordem, passando a sofrê-la.” (277)

A nível jurídico, o direito à adequação de sexo e prenome, ou seja, o direito à busca do equilíbrio corpo-mente, está ancorado no direito ao próprio corpo, no direito à saúde (arts. 6º e 196 da Constituição Federal), principalmente, no direito à identidade sexual, a qual integra um poderoso aspecto da identidade pessoal (direitos da personalidade).

O direito à saúde vale dizer que, em caso de doença, cada um possui o direito a um tratamento condigno de conformidade com a situação atual da medicina. O transsexual nada mais reclama que a colocação de sua aparência física em concordância com seu verdadeiro sexo psicológico. Saliente-se que no direito comparado existe uma sólida corrente favorável ao

reconhecimento do transsexualismo, seja por via administrativa, judicial ou legislativa.

Na Suécia, Alemanha, Holanda, Itália, bem como em certos estados dos Estados Unidos e Canadá os direitos dos transsexuais foram consagrados pelo Legislativo. Igualmente o reconhecem, por outras vias: Dinamarca, Finlândia, Noruega, Bélgica, Turquia, Peru, Colômbia, etc.

A nível espiritual, a mudança de sexo prejudica a programação reencarnatória dos indivíduos, devendo assumir as consequências cármicas dos seus atos, pois assim poderão perder os objetivos que, antes de reencarnarem, os levaram a renascer naquele sexo. E, quanto a nós, devemos aceitar essas pessoas, tais quais são, compreendendo nelas as criaturas irmãs que, tanto quanto nós, têm o direito de exercer o próprio livre arbítrio.

CAPÍTULO XVIII

DIREITOS HUMANOS E ESPIRITUALIDADE

*“Nascemos para manifestar a glória do espírito que existe em nós.
Ele não está em alguns de nós;
Ele está em todos nós.
E quando deixamos nossa luz
brilhar, damos permissão
para outros brilharem também.
Quando nos liberamos dos nossos medos, nossa atitude libera
outros”.*

Nelson Mandela

Na nossa vivência diária, deslocamo-nos, interagimos, trabalhamos e voltamos a segurança do nosso lar, ao amor e conforto de nossa família; isto tudo fazemos automaticamente, sem parar e refletir que isso somente é possível em decorrência de vivermos num “Estado Democrático”, onde os “Direitos Humanos” devem ser garantidos e respeitados. Dentro da evolução lógica do nosso trabalho, convido o leitor a analisar a importância destes direitos na sua vida adulta, tipificados no artigo 5º, da Constituição Federal de 1988, podendo destacar o direito a: vida, liberdade, igualdade, segurança, prosperidade, legalidade, crença religiosa, livre expressão, privacidade, etc.

A Prof. Maria Helena Diniz, explica a origem e a finalidade do Direito, como forma de regular a conduta humana na sociedade:

“O homem não é uma ilha; é parte da comunidade. É um ser gregário pela sua própria natureza. O homem não apenas existe, mas coexiste, isto é, vive necessariamente em companhia de outros homens. Para o ser humano, viver é conviver, e, devido a essa convivência, é levado a interagir. A conduta de um interfere na dos outros; do choque inevitável das múltiplas condutas surge a necessidade de limitá-las, para assegurar um mínimo de ordem e tornar viável a convivência. Cabe ao direito estabelecer o lícito e o ilícito”. (475)

Para o advogado tributarista Alfredo Augusto Becker:

“As leis são regras de conduta para impor um determinismo artificial nas relações entre os homens”. (476)

Para fugir deste artificialismo, os legisladores procuraram regular a ordem na sociedade, tomando por base os princípios morais e universais da natureza divina do ser humano, nascendo daí o “jus naturalismo”, analisado abaixo pela Prof. Maria Helena Diniz:

“Desde as representações primitivas de uma ordem legal de origem divina, até a moderna filosofia do direito natural de Stammler e Del Vecchio, passando pelos sofistas, estóicos, padres da Igreja, escolásticos, ilustrados e racionalistas dos séculos XVII e XVIII, a longa tradição do jusnaturalismo se vem desenvolvendo, com uma insistência e um domínio ideológico que somente as idéias grandiosas e os pensamentos caucionados pelas motivações mais exigente poderiam alcançar...

Deveras, os primeiros princípios da moralidade correspondem ao que há de permanente e universal na natureza humana, por isso perceptíveis, de imediato, pela razão comum da generalidade dos homens, independentemente de sua cultura ou civilização. Abrangem tais princípios os deveres dos homens para consigo mesmos, para com os outros homens e para com Deus. O princípio fundamental é “o bem deve ser feito” e, portanto, o mal evitado”. (477)

Seguindo nesta mesma linha de raciocínio, o jurista Tércio Sampaio Ferraz Jr., emite sua opinião:

“A redução das proposições a relações lógicas é pressuposto óbvio da formulação de “leis naturais”, universalmente válidas, a que se agrega o postulado antropológico...Ela adquire império somente mediante a sanção divina, à medida que Deus prescreve ao homem a sua observação”. (478)

O jurista soviético Peter Ivanovich Stucka, lembra-nos que, logo após a Revolução Francesa, foi redigido um novo Código Civil, baseado na “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”, com ênfase nas leis naturais:

“Após termos andado muito pelos caminhos da destruição, é preciso erguer um grande edifício de legislação civil, simples pela sua estrutura, mas grandioso pelas suas dimensões, notável, precisamente pela sua simplicidade e tanto mais sólido quanto mais

não se fundamente no terreno movediço dos sistemas, mas sim no firme alicerce das leis naturais e no terreno virgem da república (...). Poderá existir na terra algo de maior e mais belo do que um povo a quem as suas leis o tornam feliz?” (479)

O Prof. Tércio S. Ferraz salienta a relevância da justiça, para a vida do homem em sociedade:

“A presença, pois, da justiça como uma espécie de código de ordem superior cujo desrespeito ou violação produz resistência e cuja ausência conduz à desorientação e ao sem-sentido das regras de convivência pode-nos levar a adimiti-la como um princípio doador de sentido para o universo jurídico”. (480)

O Prof. da PUC-Rio, José Ricardo Ferreira Cunha, acredita que poderemos ultrapassar a atual crise de justiça, investindo num “Direito Humanístico”:

“Logo, a questão fundamental com que nos deparamos para a construção de um novo paradigma estético para o Direito, ou, simplesmente, de um Direito Humanista... No marco do novo paradigma estético, o que se busca é a “desconstrução” do modelo dogmático antilibertário pela proposição de uma certa “autonomia do sensível”, em outras palavras, que o processo de produção das categorias do justo e do bem-comum, mister último do Direito, leve em consideração, além das proposições racionais, uma certa inteligibilidade do sensível... cria condições para a superação do conflito através de um sentimento criativo, incorporando, além da sanção da ordem coativa, a ética de uma ordem solidária”. (481)

O jurista Melchiades Picanço, também, ressalta a existência de um embasamento religioso na criação e manutenção do Direito:

“A religião se encarrega de fazer que o homem se lembre, constantemente, do berço moral do mundo. Uma geração se esforça, luta, reage contra tudo, mas acaba por passar, ficando de pé no mundo a tradição, os costumes, a religião, o Direito e a moral.

As raízes do Direito são indestrutíveis, porque foi a boa razão que as gerou, e a boa razão é natural. O Direito se desenvolve, o Direito movimenta-se, O Direito vive, melhorando-se, aperfeiçoando-se e adaptando-se às exigências sociais, quer no tempo, quer no

espaço. A sua evolução, porém, não vai ao ponto de romper com o passado”. (482)

É fácil constatar que o Direito que vivenciamos tem origem divina, em decorrência das leis naturais do Universo; sendo indispensável que na sua aplicação se busque a “Justiça Social”, que é uma conquista do homem, através do seu aprimoramento cultural e espiritual.

O maior orador sacro de Portugal, Alves Mendes, em primoroso discurso de 29.03.1888, enfocou esta temática:

“Ah! dilatar os âmbitos da consciência e transmutar o escravo em cidadão, e os âmbitos do espírito e converter a humanidade em senhora... diluir as sínteses naturais da força e erigir as sínteses espirituais do direito... apontar os seus dois esmaltes mais finos: a redenção do escravo e a redenção da miséria - a liberdade e a caridade”. (483)

A Encíclica “Rerum Novarum” do Papa Leão XIII, de 1881, inovou, positivamente, em termo de justiça social; ao passo que, em 10.12.1948, foi criado um dos mais marcantes diplomas legais da humanidade a “Declaração Universal dos Direitos do Homem”, contendo 30 artigos, aprovada pela Assembléia Geral das Nações Unidas.

O secretário geral da ONU, Kofi Annan, nas comemorações do cinquentenário da citada “lei universal”, em 1998, assim se pronunciou:

“O lema do aniversário de cinquenta anos foi direitos humanos para todos, e expressa o desafio de hoje. Mas também devemos insistir que se dê a devida atenção aos direitos econômicos, sociais e culturais. Analfabetismo em massa e pobreza são questão de direitos humanos tão importantes quanto a liberdade de expressão...”(484)

O jurista Tércio S. Ferraz, apresentando o livro do filósofo Norberto Bobbio, ressalta a importância de uma maior interrelação dos diferentes ramos do Direito, para vencermos as crises sociais:

“Quando a sociedade atravessa uma fase de profundas mudanças,

admitiu Norberto Bobbio mais recentemente, a Ciência do Direito precisa estabelecer novos e chegados contatos com as Ciências Sociais, superando-se a formação jurídica departamentalizada, com sua organização, sobre uma base corporativo-disciplinar, de compartimentos estanques”. (485)

Esta abordagem sistêmica do Direito foi objeto do meu primeiro livro “Uma Visão Holística do Direito” (500), fazendo a ponte entre a Religião, Filosofia, Arte e demais Ciências; buscando a humanização da Justiça e sua maior sintonia em defesa da sociedade e da preservação ambiental.

Para concluir esta breve análise dos “Direitos Humanos”, vamos ligá-los, mais fortemente, ao conceito de Justiça Divina, que cada vez mais vai se impregnando na consciência dos homens, como resultado desta virada para o “Terceiro Milênio”; destacando o pensamento do Deputado Estadual Luiz Bassuma, no seu recente livro “Política na Era do Espírito”:

“Nesta etapa de transição da humanidade, muitos velhos paradigmas vem sofrendo choques sucessivos, de modo a permitir o surgimento de outros, mais adequados a esta nova era. São paradigmas de natureza puramente econômica, passando pelos sociais, educacionais, ambientais, religiosos, científicos até aqueles relacionados com a ética e a política, todos trazendo consigo a incorporação de elevados valores morais e espirituais. Uma civilização intelectual e moralmente mais evoluída emerge do obscurantismo gerado pelo dogmatismo religioso e pelo materialismo científico, descobrindo um novo universo onde a vida passa a ter um sentido transcendental. Todas estas crises permanentes da contemporaneidade, expressam claramente este momento vigoroso de transformação. São chegados os tempos de profundas revelações, onde a relação deste plano físico com os espíritos passará a ser corriqueira. Mais conhecimento, mais responsabilidade, mais liberdade, mais compromissos. Muitos ainda resistirão, muitos lutarão contra, muitos tentarão impedir, mas em vão. Estes sofrerão mais, por estarem desesperadamente apegados aos velhos valores, que depois de séculos de domínio, já cumpriram seu papel e hoje precisam ser abandonados para dar lugar a uma nova fase civilizatória na Terra”. (486)

MARTIN LUTHER KING, O NOBEL DA PAZ

O principal expoente negro dos Direitos Humanos e líder da não-violência nos Estados Unidos, recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1964 e sempre esteve à frente dos movimentos contra o racismo no seu país; sendo oportuno destacar parte das suas palestras sobre este tema:

“Um aspecto da luta dos direitos civis, que tem sido negligenciado, é sua contribuição à sociedade. Ao avaliar as implicações totais da revolução dos direitos civis, a maior contribuição poderá ser no âmbito da paz mundial. O conceito de não-violência se espalhou amplamente pelos Estados Unidos, como instrumento de mudança no campo das relações inter-raciais... Mais cedo ou mais tarde, todos os povos do mundo, sem considerar os sistemas políticos dentro dos quais vivem, terão de descobrir um meio de viverem juntos em paz”. (487)

Martin Luther King deu sua vida pelos seus ideais humanistas, lembrando abaixo seu mais famoso discurso, no monumento à Abraham Lincoln, em Washington, EUA, para 250 mil pessoas, em 28.08.63, comemorando o centenário da abolição da escravatura:

“Digo hoje a vocês, meus amigos, que apesar das dificuldades e frustrações do momento eu ainda tenho um sonho. Eu tenho um sonho que um dia esta nação se levantará e viverá o real significado de seu credo: “Nós sustentamos essas verdades para ficar evidente que todos os homens são criados iguais... Eu tenho um sonho que um dia meus quatro filhos viverão em uma nação, em que não serão julgados pela cor de sua pele, mas pelo conteúdo do seu caráter.

Quando nós deixarmos a liberdade ecoar em cada cidade, vila ou lugarejo, em todos os Estados e em todas as metrópoles, seremos capazes de apressar o dia em que todos os filhos de Deus, brancos e negros, judeus e não judeus, protestantes e católicos, poderão apertar as mãos e cantar as palavras daquele velho canto religioso negro: “Finalmente livres! Finalmente livres! Graças a Deus Todo-Poderoso, estamos finalmente livres”. (488)

RACISMO - IMPLICAÇÕES CRIMINAIS E CÁRMICAS

A evolução dos direitos humanos relativos ao “Racismo”, merece nossa atenção, inclusive por força da Constituição Federal, no seu artigo 5º:

“Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza,

*garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à prosperidade, nos termos seguintes:
XLII - A prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei.”*

Há mais de um século da abolição da escravatura, 1888, ainda temos um ranço de discriminação racial na nossa sociedade, chaga ainda aberta entre nós. Tantas lutas, tanto sangue derramado por uma vida mais justa, os negros, ainda hoje, subliminarmente, continuam a sofrer pelo motivo de raça e cor, muitas vezes aceitando, passivamente, esta situação temendo maiores desgastes, seguidos de perdas pessoais e profissionais.

Várias leis seguiram-se, após a Lei Áurea, a exemplo da: *Lei nº 1390, de 3 de julho de 1951*, que inclui entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceitos de raça e cor; *Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989*, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor; inclusive *na Constituição do Estado da Bahia, Capítulo XV, da Cultura*, que no seu art. 275 e incisos, atesta ser dever do Estado preservar e garantir a integridade, a respeitabilidade e a permanência dos valores da religião afro-brasileira; e ainda, *no seu Capítulo XXIII, do Negro, arts. 286 a 290, respectivamente*, mencionam ser crime inafiançável e imprescritível a prática do racismo; exigindo que a rede estadual de ensino valorize a participação do negro na formação histórica da sociedade brasileira; determinando que sempre que for veiculada a publicidade estadual, com mais de duas pessoas, será assegurada a inclusão de uma da raça negra; considerando o dia 20 de novembro, no calendário oficial, como Dia da Consciência Negra.

Jiddu Krishnamurti, sábio indiano educado na Inglaterra, também pregou contra a discriminação e a separatividade:

“Reduzimos o mundo ao seu atual estado de caos com nossa atividade egocêntrica, nossos preconceitos, nosso nacionalismo, e quando dizemos que nada podemos fazer a tal respeito, estamos aceitando como inevitável a desordem em nós mesmos existente. Partimos o mundo em fragmentos e, se nós mesmos estamos partidos, fragmentados, nossa relação com o mundo será também fragmentária. Mas se, quando agimos, agimos totalmente, então a nossa relação com o mundo passa por uma enorme revolução”.
(489)

Quanto às implicações espirituais do racismo, tenho testemunhado, na condição de doutrinador de espíritos desencarnados, durante as sessões mediúnicas realizadas no “Santuário Luz e Vida”; que vários Senhores de Engenho do Brasil-Colônia estão reencarnados, atualmente, na raça negra e sendo obsediados pelos espíritos dos escravos, que eles torturaram e mataram na sua última vida passada. Este também é o entendimento do escritor espiritualista Luiz Roberto Mattos:

“Um racista muitas vezes encarna depois na raça que detestava. Se era branco e odiava os negros, nasce depois sob a pele negra; se era negro e odiava os brancos, depois nasce sob a pele branca; se era índio (“vermelho”) e odiava o homem branco, nasce na civilização branca, e assim por diante. O espírito não tem cor nem raça. Branco, preto, amarelo, vermelho, são apenas cores da pele, transitórias, não cores do espírito. O espírito é energia consciente. Precisamos passar por todas as experiências que a vida neste planeta nos oferece, para o nosso aprendizado e crescimento espiritual. A maturidade do espírito é conquistada através das várias vidas, das várias experiências na matéria”. (146)

RUI BARBOSA ERA ESPIRITUALISTA ?

Rui Barbosa foi escolhido, recentemente, como o maior jurista do século XX, pela sua destacada atuação como advogado, escritor e legislador. Rui foi um dos principais pilares do movimento abolicionista, incansável em suas campanhas através da imprensa até a total libertação dos escravos, sendo também marcante a sua fé espiritual:

“Percorri as filosofias, mas nenhuma me saciou; não encontrei repouso em nenhuma. Pus a ciência acima de todas as coisas; mas não afirmei jamais que a ciência não possa abranger as coisas divinas. Nunca a encarei como a sistematização do antagonismo com o espírito. Esse incognoscível, que não cabe nos laboratórios, não acreditei jamais que distancie da ciência por incompatibilidades invencíveis, unicamente porque esta não sabe os meios de verificá-lo... A mesma dúvida que nos arrastara das tribulações da fé ao exclusivismo científico, pode reconduzir-nos do radicalismo científico à placidez da Fé...” (490)

Rui foi notável humanista, tendo sido denominado “Águia de Haia”, além de reverenciar a lei natural humana (que Cícero enaltecera), entendendo o Direito como religiosidade da ação.

Ademais, segundo pesquisa do ilustre escritor Carlos Bernardo Loureiro:

“O seu drama espiritual impregna-se em seus escritos, principalmente no intervalo entre o discurso do Colégio Anchieta, em 1903, à Oração aos Moços, dirigida aos bacharelandos da Faculdade de Direito de São Paulo de 1920. A nova visão espiritual de Rui suscita o abandono de um teísmo abstrato e vago, por uma atitude espiritualista e cristã, decorrendo, daí, relevantes conseqüências:

“De quanto no mundo tenho visto, o resumo se abrange nestas cinco palavras: não há justiça sem Deus”. E acrescentaria: “Não sei conceber um homem sem Deus. Envelhecerei na persuasão do velho Plutarco imaginando menos a custo uma fortaleza sem alicerces que um povo sem Deus”. E prossegue enfático: “Deus é a necessidade das necessidades, Deus é a chave inevitável do Universo. Incessantemente passam, e hão de passar no vórtice dos tempos, as idéias, os sistemas, as escolas, as filosofias, os governos, as raças, as civilizações; mas a intuição de Deus não cessa, não cessará de esplender no fundo invisível do pensamento”. (Escritos e Discursos Seletos)”. (31)

A verdade é que a idéia que Rui fazia da verdadeira justiça não se limitava às concepções meramente humanas. Ele já conhecia e proclamava os mecanismos da reencarnação expiatória; para o necessário ressarcimento, aqui mesmo, no mundo material e dos erros perpetrados contra a Lei Natural, inscrita, indelevelmente, nas consciências dos homens.

Logo, não é pois de admirar que esse lúcido espírito voltasse a falar aos homens, valendo-se da mediunidade abençoada de Francisco Cândido Xavier, cuja mensagem tornou-se conhecida por ter sido publicada no livro “Falando à Terra”, editado pela Federação Espírita Brasileira, em 1951:

“Brasil! Quando os povos cultos e poderosos exibem o verbo da força pela boca dos canhões, revivendo milenários estigmas da destruição e da morte, nós, os teus tutelados felizes, podemos exaltar-te o heroísmo silencioso. Adotaste-me por filho afortunado,

quando te bati à porta acolhedora, fugindo ao céu borrascoso e sombrio do Velho Mundo...

Por ti, partilhei o governo, usei a autoridade, preservei a ordem, louvei o patriotismo, encareci a democracia e confundi-me com o povo, vivendo-lhe as expectativas e aspirações. À invocação de teu nome, e acima de todas as cogitações peculiares ao homem de Estado e ao filho honrado da plebe laboriosa, que eu fui, advoguei, em tua companhia, a causa da liberdade, compreendendo o apostolado de amor universal com que subiste à tona da civilização. Nunca me honrei com aplausos e louros, que os não mereci, mas vigiei, quanto pude, na preparação de tua vitória, exercendo o ministério do direito a que te afeiçoaste, desde o sonho impreciso dos missionários expatriados que te marcaram as primeiras linhas de evolução, voltados para o esplendor da Igreja primitiva. Incorporando-te à essência de meu sangue e de meu ideal, confiei-me - célula microscópica - à tua grandeza imperecível e tomei assento nas lides da palavra e da pena, nos tribunais e nas praças, nos jornais e nos comícios, quase sempre sozinho, na guerra sem quartel daqueles que não conhecem o conselho dos generais, nem o apoio das baionetas". (491)

Concluimos com este estudo afirmando que Rui era espiritualista, pois comprovou esta certeza, íntima, da vitória da vida sobre a morte, tão e magnificamente cristalizada no seu discurso de despedida a Machado de Assis, no dia 1º de outubro de 1908, ao sair o féretro da sede da Academia Brasileira de Letras:

"Mestre e companheiro, disse eu que nos íamos despedir. Mas disse mal. A morte não se extingue, transforma: não aniquila, renova, não divorcia, aproxima!..."

JUSTIÇA DIVINA SEGUNDO O ESPIRITISMO

O filósofo Huberto Rohden, no seu livro "Deus", dentre outros temas, discorreu sobre o sistema de penalização, aplicável aos pecadores, pelo Supremo Arquiteto do Universo:

“Essa realidade suprema és, em última análise, tu mesmo, meu Deus eterno e infinito. Disseram-me que tu vingavas as nossas injúrias e reivindicavas os teus direitos eternos. Mas eu não sabia que essa vindicta e essa reivindicação eram algo inerente ao próprio universo - assim como Ihe é inerente a grande lei da evolução. Tu és justo - e o teu universo é bem ajustado. Pecar é “desajustar” o que é justo. É necessário “reajustar” o que é justo. É necessário “reajustar” o “desajustado”. Tu castigarás esse homem “injusto” ou “desajustado”? Não, ele mesmo se castigará, porque toda culpa, quando não devidamente cancelada, leva no seio o germe da pena. A tua justiça exige a justeza do cosmos, assim como a toda ação segue uma reação, assim como à causa segue um efeito. Sendo que o indivíduo consciente é parte integrante do cosmos, e ponto culminante aqui na terra, é evidente que todo atentado à ordem do universo é também um atentado ao próprio autor dessa desordem. O único prejudicado pelo pecado é o pecador. Ele é a vítima direta do seu ato, os outros são apenas alvos indiretos”. (492)

Em agosto de 1865, Allan Kardec lançou a quarta obra da Codificação do Espiritismo - “O Céu e o Inferno”. Nela se registra o balanço da evolução moral e espiritual da humanidade terrena até os nossos dias; entretanto, também estabelece as coordenadas da evolução futura. O livro está dividido em duas partes, “O Céu e o Inferno”, ou a “Justiça Divina segundo o Espiritismo”, contém, na primeira, um exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, sobre as penalidades e recompensas futuras, sobre as penas eternas, destacando uma citação de Allan Kardec:

“O dogma da eternidade das pernas é, pois, inconciliável com o progresso da alma, porque Ihe opõe um obstáculo insuperável”. (493)

Na segunda parte, Allan Kardec selecionou inúmeras comunicações de espíritos desencarnados em diversas condições: espíritos sofredores, suicidas, criminosos, arrependidos, felizes, dentre outros; nas quais relatam a sua situação, bem como a causa de seus sofrimentos

ou alegrias, numa demonstração patente da “Justiça Divina”, que oferece a todos os homens oportunidades incontáveis de reabilitação e reajustes perante a consciência, onde se inscreve, indelevelmente, as “Leis de Deus”.

Analisando a base criminológica do Espiritismo, o escritor Deolindo Amorim publicou “Espiritismo e Criminologia”:

“Por isso mesmo, tem a respeito dos problemas que constituem o objeto da Criminologia e do Direito Penal uma orientação própria, que, não obstante fundar-se no livre arbítrio e no princípio da causalidade ou determinismo, foge ao radicalismo das referidas teorias, porque:

a) se o homem não é absolutamente livre, pois diversos fatores lhe restringem a manifestação da vontade, e não é necessário voltar ao positivismo penal para concordar com esta proposição, que é, aliás, muito cediça;

b) também é certo que o homem não é absolutamente abúlico, como se fosse mero joguete de todas as formas de determinismo, seja o determinismo imposto pelo comportamento glandular, seja o determinismo psicológico, seja enfim, o determinismo das contingências sociais (Deolindo Amorim - O Reformador, citado, página 273).

A conclusão acima, a que chega o Autor, é também a que perfilha Fernando Ortiz, ao afirmar:

É, pois, um livre arbítrio relativo ou um determinismo relativo, como se queira, a base criminológica do Espiritismo, no que toca ao problema de responsabilidade (A Doutrina Penal dos Espíritos, pág. 55)”. (494)

Acompanhando ainda o pensamento original do escritor Fernando Ortiz, vamos ilustrar com uma citação:

“Y el bien lleva consigo el mejoramiento del ser, la adquisición de más poderosas facultades, de una actividad de más amplio radio, de un avance en el sendero que conduce a la dicha angélica, que acerca a Dios. Y el mal, en cambio, acarrea la paralización de ese movimiento ascensional, el embotamiento de las fuerzas del espíritu hasta tanto que éste por el dolor adquiere la conciencia de su error y triunfa de nuevas pruebas, vence el obstáculo y reanuda

su marcha infinita. Hay, por tanto, una sanción a la infracción de la ley natural". (495)

O capítulo VII, do livro "O Céu e o Inferno", trata do "Código Penal da Vida Futura", explicitando os mecanismos da "Justiça Divina", salientando que a base ética e filosófica da própria conduta do indivíduo é que gerará suas penas ou recompensas futuras; podendo ser resumidos abaixo:

1 - A alma ou espírito sofre na vida espiritual as consequências de todas as imperfeições que não se liberou durante a vida corpórea. Seu estado feliz ou infeliz é inerente ao grau de sua depuração ou das suas imperfeições.

2 - Não há uma só imperfeição da alma que não acarrete consequências desagradáveis, inevitáveis; e não há uma só qualidade boa que não seja fonte de ventura. A soma dos sofrimentos é proporcional à soma das imperfeições.

3 - Em virtude da lei do progresso, tendo cada alma a possibilidade de conquistar o bem que lhe falta e libertar-se do que possui de mal, segundo os seus esforços e a sua vontade, resulta que o futuro está aberto para qualquer criatura.

4 - O sofrimento sendo inerente à imperfeição, a alma leva em si mesma o seu próprio castigo onde quer que se encontre. Não há, pois, um lugar circunscrito para ela. O "inferno" está, assim, por toda a parte, onde quer que existam almas sofredoras, como o "céu" está por toda a parte, onde quer que as almas sejam felizes.

5 - O bem e o mal que praticamos são resultados das boas e das más qualidades que possuímos. Se toda a imperfeição é fonte de sofrimento, o espírito deve sofrer não só por todo o mal que tenha feito, mas também por todo o bem que podia fazer e que não fez durante a sua vida terrena.

6 - A justiça de Deus sendo infinita, todo o mal e todo o bem são rigorosamente levados em conta. Se não há uma única ação má, um só mau pensamento que não tenha consequências funestas, também não há uma única ação boa, um só bom movimento da alma, uma palavra, o mais ligeiro mérito que fique perdido. E isso, mesmo entre os mais perversos, porque representam um começo de progresso.

7 - A expiação varia segundo a natureza e a qualidade da falta. A mesma falta pode, assim, provocar expiações diferentes, segundo as circunstâncias atenuantes ou agravantes nas quais ela foi cometida. A duração do sofrimento está subordinada ao melhoramento do espírito.

8 - O arrependimento é o primeiro passo para o melhoramento. Mas ele apenas não basta, sendo necessárias a “provação” e a “expição”. O arrependimento suaviza as dores da “expição”, porque desperta a esperança e prepara a reabilitação; mas somente a reparação pode anular o efeito e pulverizar a causa. O perdão seria uma graça e não uma anulação da falta.

9 - A expiação consiste nos sofrimentos físicos e morais que são a consequência da falta cometida, seja desde a vida presente ou seja após a morte, na vida espiritual, ou ainda numa nova existência corpórea, até que os traços da falta tenham desaparecido.

10 - A reparação consiste em praticar o bem para aquele mesmo a quem se fez o mal. Aquele que não repara os seus erros nesta vida, por fraqueza ou má vontade, tornará a encontrar-se, numa outra existência, com as mesmas pessoas que ofendeu, e em condições escolhidas por ele mesmo para poder provocar-lhe o seu devotamento, fazendo-lhes tanto o bem quanto o mal que havia feito.

Para encerrar este estudo do “Sistema de Penas”, segundo o Espiritismo, gostaria de informar ao leitor, que no início desta doutrina na França, foi extremamente atacada pela Igreja; sendo notório o caso judicial que levou como Réu o Sr. Leymarie, dirigente máximo do movimento espírita da época, que tinha acreditado nos fenômenos paranormais do falso médium e fotógrafo, Sr. Buguet:

“Vinha de longes tempos essa ânsia afetiva. Ademais, todas as religiões admitiam as aparições, só que a religião à qual ele tinha “a felicidade de pertencer”(a católica, naturalmente), faz uma distinção: “para ela, isto são milagres e as aparições que ela não aceita são sortilégios”. Não obstante, havia mais de dez milhões de espíritas nos Estados Unidos. Na Rússia, a Academia de Ciências de S. Peterburgo acabara de nomear uma comissão de cientistas para examinar o assunto. Na Inglaterra, “Príncipes da Ciência”, como Wallace, Crookes, Varley, Cox e outros eram adeptos dessas idéias.

Na França, o interesse público não era menor, o que, aliás, levou o Senhor Arcebispo de Tolouse a publicar um documento pastoral contra o Espiritismo, para “defender as almas dos católicos dessa aparições, obras do demônio, e cuja realidade, aliás, não é contestada”...

Admitia, agora, o Tribunal que Leymarie e os sábios haviam sido ludibriados, mas o fato de um “impostor haver abusado deles, não autoriza a dizer que eles estavam de má-fé e que conheciam a

impostura”. Cita os depoimentos de pessoas especializadas e de elevado gabarito intelectual e técnico que testaram os fenômenos, como Maxwell, Levent, Flammarion, Tremeschini, Boyard, Bertall. Mesmo os que não acreditavam na possibilidade do fenômeno nada puderam dizer sobre a existência de fraude”. (496)

AS DROGAS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Certamente, um dos maiores flagelos que afeta a humanidade, é o vício das drogas; pois, começa por prejudicar o bebê, ainda na sua vida uterina, gerando deformações congênitas, causadas pelos pais viciados.

Com efeito, além dos vitimados pela superdosagem, anualmente milhares desencarnam em acidentes de trânsito, provocados pelo consumo de drogas ou de álcool; inclusive, muitos são os que contraem doenças de alto risco (AIDS), pela prática invigilante do sexo desequilibrado, aprisionados pelos efeitos infelizes do álcool e das drogas; além do que, por faltas ao trabalho, queda de produção e de qualidade, estimam os especialistas que se perdem, anualmente, 25 bilhões de dólares no nível de produtividade.

Do ponto de vista médico, é considerada como droga toda substância que induz a prazer, modifica o estado de consciência, leva à vontade de utilizá-la mais vezes e induz à dependência, ou seja; na tentativa de abandonar o vício, o dependente passa a sentir vários sintomas desagradáveis (tremores pelo corpo, dor de cabeça, suores, insônia, ansiedade, taquicardia, depressão, etc.).

Todo excesso alimentar que ingerimos é prejudicial ao nosso organismo. Lembrando que, de acordo com a Organização Mundial de Saúde, o “Cafeinismo” é uma doença tipificada como uma toxicomania, causando dependência pela cafeína, encontrada no café, chocolate, etc. Ademais, sob a ótica médica e psiquiátrica, as drogas mais perigosas são o álcool (causando lesões internas nos órgãos, principalmente no fígado e potencializando situações como acidentes de carro, crimes conjugais, homicídio) e a nicotina do cigarro (causa diversos tipos de

câncer, além de ter um potencial de 224 vezes maior que a maconha, para gerar dependência no viciado).

O álcool, por ser considerado uma droga lícita, é a forma mais comum a servir de válvula de escape da realidade, causada, principalmente, por carência afetiva; incapacidade de superar seus medos ou limites, diante dos desafios da vida; desejo de “afogar as mágoas”; etc.

É importante lembrar que o alcoólatra e o toxicômano promovem a intoxicação não só dos seus órgãos internos, mas do perispírito e do seu psiquismo. Para um melhor entendimento do leitor, exemplificamos, comparando com as doenças como tuberculose ou câncer, que acompanham o corpo físico na sua deterioração, após a morte. Diferentemente do álcool ou entorpecentes que prejudicam até o espírito, sendo necessário o internamento em hospitais das colônias astrais, para sua desintoxicação, após a morte física, face a degeneração causada no perispírito.

Entretanto, poderíamos prevenir o alcoolismo com uma maior fiscalização por parte da família, através do esclarecimento e vigilância amorosa dos pais, evitando as más companhias ou ambientes desfavoráveis para os filhos; bem como exigindo uma educação preventiva obrigatória em todas as escolas, esclarecendo os males do vício; além de campanhas publicitárias na imprensa e entre os artistas, que servem de inspiração aos jovens; ao invés de incentivar a criação de músicas como: “eu bebo sim, estou vivendo, tem gente que não bebe está morrendo”, pois estimula uma ilusão de que o viciado não estaria antecipando sua morte, como um tipo de suicídio.

Os principais diplomas legais, que combatem o uso dos tóxicos no País são: a Lei nº 6.368, de 21.10.76, que estabelece medidas de prevenção e repressão ao tráfico e ao uso de drogas ilícitas e o Decreto nº 78.992, de 21.12.76, que regulamenta a lei supracitada; estabelecendo as penas de 6 meses a 2 anos de detenção, para o “usuário”, e de 3 a 15 anos de prisão, para o “traficante”.

É relevante conceituar melhor o usuário-dependente, que não se enquadra como delinquente; assim, ao invés da prisão deveria ser aplicada uma medida sócio-educativa, como a prestação de serviços para a comunidade durante certo período de tempo. Ademais, devíamos ser mais solidários com a dor do próximo, não discriminando aqueles toxicômanos, que buscam tratamento nos hospitais ou clínicas especializadas.

O médico-psiquiatra, Dr. Roberto Silveira tece suas considerações sobre o tema, apresentando estatísticas sobre os consumidores de drogas:

“Os consumidores, que uma vez passada a porta da experimentação, se fazem habituados ao uso da droga. Há os que a consomem somente em ocasiões especiais, tais como: festividades ou apenas, nos fins de semana; há os que se tornam consumidores regulares, passando a utilizar o tóxico para superar dificuldades emocionais; há os que são enfermos, portadores de doenças mentais, para os quais a toxicomania é um outro sintoma de seus quadros psiquiátricos e, finalmente, há um último grupo de consumidores, para os quais o uso da droga é seu principal problema e objetivo na vida. Simplificando: existem três tipos de consumidores do tóxico: 1) os que pela primeira vez o experimentam; 2) os que se habituem, inicialmente por usá-lo por recreação e 3) os que se tornaram dele viciados.

Nos países onde há cifras estatísticas merecedoras de crédito, há evidências de que a fase de experimentação abrange mais de 85% dos jovens. Desses, mais de 50% tornam usuários esporádicos, dos quais, cerca de 15 a 20% ficam viciados e dependentes”. (497)

O biomédico, Prof. Luiz Carlos Formiga, analisando a relação entre os toxicômanos e a AIDS, afirma que os mesmos formam um grupo de alto risco e cita lição do Prof. Jorge Andréa, que merece ser reproduzida:

“Jorge Andréa, no seu Psicologia Espírita, comenta que os toxicófilos com os seus sintomas atingindo a zona psíquica e de modo mais preciso as zonas espirituais, representam condições infinitamente mais perigosas que as doenças somáticas degenerativas. As doenças que atingem a zona psíquica transcendem a etapa reencarnatória, pela desorganização do psiquismo de profundidade (zonas perispirituais), exigindo condições especiais e longo tempo de restabelecimento do equilíbrio. Inúmeras reencarnações corretivas serão necessárias para prosseguimento no caminho da evolução. Em toda e qualquer manifestação anormal do comportamento, o espírito encarnado é o agente que responde pela própria aflição. Matrizes que se fixam no inconsciente profundo - as telas delicadas da organização perispiritual”. (497)

O escritor espírita Ricardo Simonetti, de forma direta e descontraída, debateu com os jovens das “Mocidades Espíritas” este tema:

“4 - E daí, não temos o direito de colher nossas próprias experiências? Sem dúvida. Afinal, um câncer no pulmão, uma cirrose hepática, um distúrbio nervoso e tantos outros males provocados por cigarros, bebidas e drogas talvez não lhe pareçam um preço muito alto a ser pago, em futuro próximo, pela satisfação efêmera do presente.

5 - Admitindo que você tem razão, como vencer essa dependência? Parece algo obsessivo, quase uma segunda natureza...

Toda pessoa que se inicia no vício é um obsediado em potencial. Há viciados do Além que transformam os da Terra em instrumentos para satisfação do vício, numa associação psíquica que é uma espécie de transe mediúnico às avessas. Na função normal, o médium capta as impressões do Espírito. Na comunhão obsessiva o Espírito colhe as sensações do viciado...

Daí falharem frequentemente os tratamentos de desintoxicação do viciado. A pressão espiritual é muito forte”. (498)

O pesquisador espírita Eurípedes Kuhl cita lição do espírito André Luiz, psicografado por Chico Xavier, no livro “Missionário da Luz”, explicando, com riqueza de detalhes, como o espírito desencarnado, viciado em tóxico, promove o “vampirismo” do toxicômano:

“A cólera, o ódio, os desvarios do sexo e os vícios, oferecem campo a perigosos germes psíquicos na esfera da alma. Paralelamente aos micróbios alojados no corpo físico há bacilos de natureza psíquica, quais larvas, portadoras de vigoroso magnetismo animal. Essas larvas constituem alimento habitual dos espíritos desencarnados e fixados nas sensações animalizadas.

A indiferença à Lei Divina determina sintonia entre encarnado e desencarnado viciados, agarrando-se este àquele, sugando a grande energia magnética da infeliz fauna microbiana mental que hospeda, em processo semelhante às ervas daninhas nos galhos das árvores sugando-lhes substância vital”.

Os vapores sutis das drogas, ao se volatizarem são facilmente detectados pelos espíritos-viciados, os quais sorvem esses vapores, deles se apropriando e incentivando o encarnado a consumir mais e mais...” (499)

Ainda, Eurípedes Kuhl sintetiza as principais características do toxicômano desencarnado, no plano espiritual:

“Ao desencarnar, o perispírito mantém integralmente as mesmas sensações experimentadas na jornada terrena. Encontra no mundo espiritual inúmeros espíritos, invariavelmente similares, em tendências, gostos, graus de evolução. Com eles conviverá. O toxicômano, em particular, conviverá com desencarnados viciados. Verá que seu perispírito (igual ao seu corpo físico), está depauperado, destrambelhado, cheirando mal, repleto de náuseas e mazelas - frio, fome, dor... Desgraçadamente, terá consciência desses tormentos, de maneira plena e permanente: não dorme, não desmaia... Fica vagando por regiões cinzentas, sem água, sem sol.” (499)

Agora, em forma de romance, o escritor espírita Eurípedes Kuhl, psicografando o espírito Dulce, cria uma história girando em torno do maléfico mundo das drogas, no livro “Tráfico - Doloroso Resgate”:

“Foi agredido brutalmente. Quis defender-se, mas não tinha forças. Os vultos, sem qualquer consideração, agarraram seu corpo, pelos braços, pelas pernas, pela cabeça e, encostando a boca onde podiam, iniciaram terrível repasto. Sugavam seu corpo e ele sentia que desprendiam-se substâncias desconhecidas das suas entranhas, que eram avidamente sorvidas. Esparsas cenas de filmes de horror perpassaram-lhe na mente, fazendo-o crer-se vítima real de vários vampiros. Absolutamente incapaz de qualquer gesto de defesa, com a mente atingindo níveis desesperadores de medo, ódio e estupor, perdeu a consciência...

Por mais que se procure palavras para descrever o horror do vampirismo espiritual, inexitem na Terra, fiéis o suficiente para transpor para o papel tal tragédia. Alcoolismo, sexo desvairado e tóxicos, constituem um tripé responsável pela maioria desses casos. Existem outras vertentes que desembocam no vampirismo, porém o citado tripé sobressai. Sem serem excludentes, essas três faces da infelicidade têm no tóxico o poderoso indutor às demais. Se o viciado é um escravo, o traficante é cem vezes mais culpado, pois age conhecendo o mal que resulta da sua ação. Se àquele movem a curiosidade, frustração ou falta de base moral, prejudicando a si próprio, a este movem interesses inconfessáveis: dinheiro e poder, ao preço da desgraça alheia, que pouco lhe

Para finalizar esta abordagem sobre as drogas, gostaria de passar para o leitor uma mensagem “chocante”, de advertência aos jovens viciados em geral, explicando as consequências das drogas, no plano espiritual, escrita na linguagem juvenil do espírito “Ladeira”, psicografada pelo sensitivo Wagner Borges:

“Antes de mais nada, devo logo dizer-lhe que está faltando um ingrediente em sua receita de viver! Falta bom humor em sua sopa! E olhe que nem precisa ser muito esperto para ver isso. Basta olhar ao seu redor e ver quantos corações você já machucou com suas loucuras. Sua mãe, seu pai e seus irmãos já não sabem mais o que fazer para agradá-lo. Você criou uma couraça tão forte à sua volta que nem mesmo quem lhe ama consegue chegar até você.

As pessoas o olham de esguio e não sabem discernir o que sentem mais forte por você: pena, medo ou simplesmente raiva, por alguém tão jovem ser tão burro. Algumas sabem discernir o que sentem e são mais diretas: simplesmente querem que você se ferre! Você já desperdiçou tantas chances que ninguém mais lhe dá crédito. Você é muito nervosinho e dramático, mas não corre o risco de arranjar uma úlcera, pois você já é a própria. Corroeu o amor da família e dos amigos mais chegados. Brigou com tudo e com todos. E o pior é que você ainda se julga uma vítima. Sabe de uma coisa? Você não precisa comprar drogas, pois já transformou sua vida numa droga tão grande que, nem sei como é que você, ainda, não teve uma overdose de si mesmo. De vez em quando você diz que pretende se matar, mas eu conheço seu jogo: Você quer mesmo é fazer chantagem emocional, pois assim consegue manipular muito bem as pessoas. E, além disso, já sei que você ouviu um palestrante espiritualista dizer que quem se mata, passa muito mal no ‘Astral’. Posso dizer-lhe isso com muito mais cancha, e melhor, usando seu linguajar esperto: ‘quem se mata, sofre prá cacete!’ E, na verdade, você já está se matando um pouquinho a cada dia, pois quem é nervosinho demais, ferra o próprio sistema nervoso a cada explosão emocional.

Nesse exato instante em que estou lhe escrevendo, sua mãe está chorando no quarto mais uma vez. Ela acabou de achar drogas em sua mochila pela enésima vez. Por que você não vai lá dar uma olhada? Garanto que os cabelos dela já embranqueceram mais um pouco. Estou lhe escrevendo diretamente, mas minha intenção é mais ambiciosa: há muitos idiotas como você aí

no mundo e eu pretendo que eles também leiam isso. Não sei se vai ajudá-los, mas estou fazendo meu papel e espero que a natureza faça o dela, isto é, que você e os outros do seu quilate sofram as consequências do desastre que impuseram a vocês mesmos. Há muita gente desencarnada desejando um novo corpo físico, para mourejem novas oportunidades de aprendizado na Terra. Entretanto, gente como você desperdiça as chances que a vida apresenta como lições valiosas. Atualmente, dois caminhos que levam à morte prematura se abrem à sua frente e eu nem preciso ser um espírito desencarnado para saber o que lhe acontecerá: Seu sistema nervoso explode ou a droga lhe leva. Se você cair em uma destas coisas, devo avisá-lo que após a morte dois caminhos também se abrirão:

1. Você sofrerá muito, pois no Astral não existem drogas e leva tempo até o corpo espiritual se desintoxicar das energias densas geradas por elas. Garanto que você nunca pensou nisso, né? Se a própria ciência terrestre afirma que tudo é energia em graus variados de densidade, a droga é, também, um tipo de energia, porém de baixo nível, grossa e que cria sérias lesões no corpo espiritual do usuário.

2. Os centros energéticos de seu corpo espiritual podem ficar tão abalados, com seu desequilíbrio emocional, que o único remédio pode ser uma reencarnação purgativa para limpá-los. Para explicar-lhe isso, uso os ensinamentos do sábio mentor Ramatís, que diz o seguinte: 'A reencarnação purgativa se faz necessária para drenar os fluídos perniciosos, aderidos na contextura espiritual do corpo astral, para o novo corpo físico, carregando então o espírito para dentro dos centros energéticos de seu ergástulo terreno, os venenos psíquicos oriundos de seu descontrole espiritual'. Voltando ao nosso papo, é assim que nasce mais um epilético na Terra. Das duas, uma: ou foi usuário de drogas, ou era nervosinho demais na última existência (ou melhor, inexistência). Pois é isso meu chapa: sua vida na Terra é bem lamentosa, infelizmente não só para você, mas também para aqueles que o amam. Não sei se esses escritos lhe farão pensar (coisa que você não faz há muito tempo), mas, de qualquer maneira, é mais um toque que a vida está lhe dando. Sou um cara desencarnado e já vi muita gente como você se dar muito mal aqui no Astral. Por isso, lhe digo: Saia desta enquanto é tempo, cara! Mostre que você é esperto e enfrente a porra desse vício. Pare de falar em suicídio e vá viver. Pratique algum esporte. Respeite seus pais, pois, de qualquer maneira, eles o ajudaram a crescer. Eles não são perfeitos (ninguém é!), mas o amam. Procure alguém ou alguma instituição que o ajude. Por aqui, despeço-me, ou como se diz por aí: 'vou puxar o carro (espiritual, é claro) e me mandar!'. “

CAPÍTULO XIX

O PODER DA CURA ESPIRITUAL

“Pitágoras disse que a mais divina arte é a arte de curar. E, se a arte de curar é a mais divina, deve ocupar-se com a alma tanto quanto com o corpo: pois nenhuma criatura pode ser saudável enquanto sua natureza superior estiver enferma.”

Apolônio de Tyana

Dentro do caminho evolutivo do ser humano, é natural que, na sua vida adulta, em decorrência da impermanência do seu corpo físico, comecem a aparecer algumas enfermidades, muitas delas tendo natureza de resgates cármicos de outras vidas.

Abordaremos, neste capítulo exatamente, a “Justiça Divina” no processo de cura espiritual, muitas vezes enfrentando a intolerância da justiça dos homens, através dos seus Códigos Penais.

Sob muitos aspectos, a antiga civilização egípcia pode reivindicar a primazia na arte da cura espiritual, como narra o pesquisador Dudley Blades:

“Não havia separação entre a religião e a medicina, e os templos de cura eram um componente aceito da cultura. Se era necessário que uma cirurgia fosse realizada, provavelmente com o emprego de bisturis de cobre, um elemento fundamental da equipe de operação seria o sacerdote de Ká, que conduziria o Ká ou espírito do paciente para fora do seu corpo, e o manteria assim para que a pessoa não sentisse choque ou dor. Talvez preferamos chamar isso de hipnotismo e dizer que tal coisa poderia acontecer hoje em dia. Isso é verdade, mas não poderia ter ocorrido na Inglaterra há duzentos anos atrás. Os antigos egípcios estavam, por certo, bem mais adiantados nesses assuntos do que nós estávamos no século XVIII. Se o seu método de anestesia, através do “transe”, era usado nos partos, o que é bem possível, também havia mais entendimento e compaixão por parte deles do que por parte dos líderes da Igreja Cristã, na Inglaterra do século XIX, que afirmava

obstinadamente que a dor constituía uma parte integrante do parto.” (502)

Na Bíblia, temos diversos episódios de curas espirituais, praticadas não só pelo mestre Jesus Cristo, como por seus apóstolos e outros profetas, exemplificando abaixo alguns destes relatos:

No Antigo Testamento - Abimelec, sua esposa e servas curadas pelo Senhor em Gerara: Gênesis XX: 17; Deus cura a lepra de Míriam depois da prece de Moisés, em Hazerot: Números XII: 10-15; o filho da viúva é ressuscitado por Elias, em Zarefat: I Reis XVII: 17-24; o filho da sunamita é ressuscitado por Eliseu em Sunam: II Reis IV: 32-37; Naamã fica curado da lepra banhando-se sete vezes no Rio Jordão como lhe foi ordenado por Eliseu: II Reis V: 10-14; ressurreição de um homem morto sobre os ossos de Eliseu, na Síria: II Reis XIII: 21; Ezequias fica curado por orar a Deus: II Reis XX: 1-11. No Novo Testamento - Jesus cura Maria Madalena: Lucas VII-2; a cura do filho do nobre em Cafarnaum, na Galiléia, por Jesus: João IV: 46-53; ainda cura todo tipo de doença e enfermidade do povo da Galiléia: Mateus IV: 23; bem como diversos males e tormentos, os possuídos por demônios, epiléticos e paralíticos da Galiléia, Síria, Decápole, Jerusalém, Judéia e do outro lado do Rio Jordão: Mateus IV: 24-25, Marcos III: 10; Lucas IV: 40; Lucas VI: 17-19; Jesus cura o leproso depois que Ele desceu da montanha, quando o leproso declara: “Senhor, se queres, tens o poder de me purificar”: Mateus VIII: 2-4; Marcos I: 40-42; Lucas V: 12-15; assim como o servo paralítico do centurião em Cafarnaum: Mateus VIII: 5-13; Lucas VII: 1-10; igualmente trata um homem possuído pelo demônio: Lucas VIII: 27-36, Marcos V: 1-13; os discípulos fazem curas em todos os povoados: Lucas IX: 6; Jesus cura na sinagoga, com a imposição das mãos, uma mulher que estava encurvada há 18 anos: Lucas XIII: 11-13; também um homem com hidropisia na casa de um dos chefes dos fariseus: Lucas XIV: 1-4 e, em Betesda, um homem doente há 38 anos: João V: 1-15; e com barro e saliva o homem que nasceu cego: João IX: 11; Jesus ressuscita Lázaro da Betânia: João XI: 1-44 e cura os cegos e os aleijados no templo em Jerusalém: Matheus XXI: 14; ainda trata da orelha do servo do sumo sacerdote: Matheus XXII:50-51. Pedro e João curam o coxo, no templo chamado Formosa: Atos III: 2-11. Pedro e os apóstolos curam a multidão: Atos V: 12-16. A visão de Paulo é restaurada, em Damasco, por intermédio de Ananias: Atos IX: 10-18. Pedro cura Enéias da paralisia, em Lida: Atos IX: 32-35; bem como ressuscita Tabita, em Jope: Atos IX: 36-41 e cura, em Listra, um homem coxo de nascença: Atos XIV: 8-10. Paulo cura em Filipos a serva possuída por um espírito de adivinhações: Atos XVI: 16-18;

bem como realiza muito milagres de cura, em Éfeso, por meio de lenços e aventais que o haviam tocado: Atos XIX: 11-12; ressuscita Êutico, em Trôade: Atos XX: 9-12 e cura o pai do chefe da ilha, Púbico, além de outras pessoas na ilha selvagem chamada Malta: Atos XXVIII: 7-10.

Na Idade Média, gostaria de destacar as visões divinas da monja Hildegard de Bingen que, no século XII, às margens do Reno, desenvolveu no mosteiro onde residia, variados tratados de cura; estabelecendo a relação entre os produtos da natureza e os seres humanos, visando o seu equilíbrio e saúde, como destacado pela escritora Régine Pernoud:

“Paradoxalmente, porém, é por seus trabalhos sobre medicina que ela começa agora a conquistar o reconhecimento público. Trabalhos singulares para a época, pois são os únicos tratados de medicina - ou do que chamamos de ciências naturais - escritos no Ocidente, no século XII: a medicina então era mais praticada na escola judaica de Córdoba, a de Maimônides, retomada em parte pelos árabes. Outra faceta, surpreendente, desta monja, para a curiosidade universal. Mas a parte mais fascinante de sua obra é sobretudo a sua “teologia cósmica”, visão do universo ao mesmo tempo ampla e minuciosa, fulgurante olhar atento ao mundo”. (503)

Ainda, na Idade Média, muitos casos de curas espirituais foram omitidos, com medo de serem enquadrados como feitiçaria, pela “Santa Inquisição” promovida pela Igreja, que condenava, como castigo mais comum, à morte na fogueira.

Assim como, atualmente, existe uma marcante tendência na Igreja Católica de se trabalhar pela cura espiritual através da prece, na linha dos cristãos carismáticos; da mesma forma a Igreja Protestante está procedendo, como constatou a pesquisa do Dr. Otis Rice, então Diretor do Departamento de Serviços Pastorais do Conselho de Igrejas na América, confirmando que cerca de um quarto de todos os pastores recorrem à cura espiritual:

“O resultado da pesquisa não confirmou as esperanças daqueles ansiosos por interromper a terapia espiritual na Igreja Protestante. As respostas recebidas indicaram que um em cada quatro pastores havia tido alguma experiência com a cura espiritual. Um percentual menor - aproximadamente 18% dos que responderam - havia tido mais de uma experiência desse tipo. Cerca de cinco por cento declararam haver vivenciado muitas dessas experiências. Em vez de considerá-las inusitadas, muitos pastores do último grupo

declararam que as curas, alcançadas pela prece, era uma parte normal e aceita de seu ministério.

Havia, na ocasião dessa pesquisa, aproximadamente oitenta milhões de americanos que seguiam o protestantismo. A pesquisa indicou que a terapia espiritual tocou em certo grau a vida de centenas de milhares dessas pessoas.” (504)

O escritor e jornalista Will Oursler efetivou uma minuciosa pesquisa sobre a cura espiritual em igrejas católicas, protestantes, templos iogues, budistas, maometanos, taoístas, dentre outros; reunindo as principais características, que aumentaram o percentual de sucessos nestas curas:

“Todos reconhecem uma força além de nós mesmos, uma força benevolente para a qual podemos nos voltar. Todos concordam em que o indivíduo precisa em primeiro lugar aceitar com extrema humildade seu relacionamento com Deus, sua impotência diante de Deus. Todos compartilham a crença na força do amor divino.” (504)

O filósofo Huberto Rohden defende a tese do homem integral ou cósmico, que sente em si o poder de curar as coisas da vida material, pelo impacto da sua consciência espiritual, através da cosmoterapia:

“A última palavra de todas as terapias é a cosmoterapia, que abrange todas as outras terapias. Cosmoterapia é a cura do homem pelas forças cósmicas em seu conjunto; porquanto o homem não é sôma, psyché, lógos, disjuntivamente. Não há no homem compartimentos-estanque. Tudo o que acontece no sôma se reflete na psyché e no lógos; e tudo que ocorre no lógos, ou em outro setor humano, ocorre também em todos os outros setores, porque o homem é uma estrita unidade orgânica.” (505)

O espírito Ramatís, através da mediunidade do escritor Hercílio Maes, analisa os aspectos cármicos na geração de doenças, no livro “Fisiologia da Alma”:

“Como entenderíamos melhor esse “desvio” que os venenos do perispírito efetuam para a carne, quando são reprimidos pelos recursos da terapia terrena?

- A corrente letal vertida pelo psiquismo enfermo, quando é estorvada, escoar-se por outras vulnerabilidades orgânicas, para

então produzir novos quadros enfermos conhecidos ou exóticos. Desde que a Medicina ou a cirurgia impeça a sua eclosão para a matéria, quer pela barricada medicamentosa, quer pela extração dos órgãos enfermos não tenhais dúvida: a expurgação há de continuar na próxima encarnação do espírito, caso não consiga êxito nos charcos depurativos do astral. Então o corpo que servir para a nova encarnação também se tornará a esponja absorvente do tóxico psíquico que porventura haja ficado reprimido e ainda pese na economia do perísprito. E o círculo vicioso da patogenia humana há de continuar, até que alhures se complete a expurgação de todo o conteúdo enfermigo da alma. Assim, embora os pacientes louvem a Medicina, quando esta lhes faz a diagnose brilhante da sífilis, da tuberculose, da diabete, da hepatite, ou do artritismo crônico e interrompe a descida dos venenos psíquicos para a carne, é possível que, na encarnação seguinte esses mesmos espíritos venham a despertar no berço físico já condenados a terríveis padecimentos, que serão produzidos pelo mesmo fluído tóxico, que foi estagnado pela intervenção médica. É por isso que, certas vezes, após o médico rejubilar-se pela cura de qualquer enfermidade insidiosa, depois se surpreende dolorosamente, quando o seu paciente sucumbe vítima de outra moléstia, desconhecida. Isso prova que não houve êxito terapêutico completo, mas que apenas foram superados os efeitos enfermos, enquanto permanecia latente a causa mórbida psíquica, que voltou novamente a ferir o corpo carnal.” (506)

Para que o leitor possa avaliar melhor este fato, lembramos que o renomado escritor e palestrante espírita Divaldo Franco, ratifica a origem cármica de diversas doenças, em decorrência da Justiça Divina:

“A questão da cura situa-se na relação direta da lei de causa e efeito a que está incurso o doente. Lembre-se, nem Jesus curou a todos os enfermos. Um grande número deles permaneceu com as escaras das suas próprias dívidas, o que é perfeitamente compreensível, senão transformaríamos as lei da justiça divina num caos. Se a doença é decorrência natural de um atentado contra esses postulados e se alguém interfere modificando a paisagem do doente, derroga a lei de Deus. No entanto, como esta é de amor e também de misericórdia, a Divindade permite às vezes que um indivíduo não merecedor granjeie melhora, para resgatar a dívida não pela dor, mas pelo amor.

Muitos doentes podem receber auxílio na recomposição da saúde, desde que se predisponham realmente a recuperar-se ‘de

dentro para fora'. Podem, também, readquirir a saúde recebendo simplesmente magnetismo curador, mas isso lhes vai anotado com um débito a mais - já têm a dívida da saúde e agora recebem o empréstimo da concessão divina para se reabilitarem em outra condição.” (465)

Com a finalidade de comprovar a crescente influência da espiritualidade, na “Medicina do Terceiro Milênio”, que será analisada a seguir, transcrevemos um pensamento do ilustre Dr. Bernard Siegel, médico cirurgião e professor da Escola de Medicina da Universidade de Yale, EUA:

“Por intuição, acredito que desde o início da vida estamos cômicos da verdadeira natureza da cura, ou do fato de que esta não constitui algo mecânico ou orientado por remédios. Um toque da mãe, um beijo ou um telefonema de um médico podem subitamente causar alívio. Começamos a nos tornar conscientes da ação recíproca da psique e do soma...

Dois professores me ajudaram (Quando você está pronto, um mestre aparece). Um deles foi Elisabeth Kubler-Ross, que, em um workshop, interpretou um desenho que fiz espontaneamente. Nele havia um peixe fora d'água (um símbolo espiritual) e uma montanha coberta de neve. (Um crayon branco utilizado para pintar a neve, em um pedaço de papel já branco, representa uma cobertura simbólica). O que esse desenho fez foi mostrar-me que, o que precisava ser descoberto não era minha cabeça, mas meu amor e minha espiritualidade, para que, assim, eu não me sentisse um peixe fora d'água. Antes de conhecer Elisabeth, participei de um workshop com Carl e Stephanie Simonton, quando fui informado, durante um exercício de imagens mentais sob orientação, que eu encontraria um guia interior. O mecanicista em mim disse: “Tudo isso é ridículo.” Mas, ainda assim, durante a meditação, apareceu George. George é uma figura espiritual que me orienta. Desde então encontrei outros instrutores que têm sido vistos por sensitivos. Vi os instrutores apenas em exercícios de imagens mentais, mas sinto-os à minha volta, em minhas palestras ou workshops. Um novo mundo se abriu, no qual não havia mais lugar para um mecanicista com sua crença ultrapassada. Ao colocar em prática este novo sistema de crença, meu mundo e o mundo de meus paciente mudaram. Compreendi que mente e corpo se comunicam por meio de uma linguagem simbólica, e, conseqüentemente, agora utilizo sonhos e desenhos como parte regular de minha terapia e de minha

abordagem diagnóstica. Mente, corpo e espírito são considerados uma unidade. Ser um mecanicista altamente especializado é importante, mas a verdadeira cura ocorre apenas quando a psique, o soma e o espírito estão integrados.” (507)

A MEDICINA HOLÍSTICA DO TERCEIRO MILÊNIO

Como o leitor pode estar se perguntando, por que o autor analisa, tão minuciosamente, estes assuntos ligados à cura espiritual e à medicina do futuro?

Respondendo a este possível questionamento, esclareço, inicialmente, que o assunto é de interesse geral, pois todos nós ficamos doentes um dia; segundo, por gostar muito de estudar, desde cedo, Biologia e Psicologia, tendo até cursado Medicina, durante um semestre, na UFBA-Salvador, para verificar qual a profissão que me atraía mais, advogado ou médico, optando pela primeira; e, também por ser um dos fundadores e vice-presidente do “Santuário Luz e Vida - Instituto Holístico para Autocura”, onde tenho trabalhado, gratuitamente, desde sua criação, nos últimos 5 anos, com mais 30 colaboradores voluntários, envolvendo terapias alternativas e cirurgias espirituais, sob a orientação espiritual de uma equipe de médicos desencarnados. Inclusive, no meu primeiro livro já mencionado, dediquei um capítulo ao estudo das “Terapias Alternativas”, defendendo a sua prática, em face de um improvável enquadramento como “curandeirismo”, vez que praticada por técnicos treinados, sem nenhum tipo de remuneração, dentro da liberdade de culto protegida pela Constituição Federal. E esta é a tendência da Medicina mais moderna, reunir a mais alta tecnologia com os conhecimentos espirituais para encontrar a cura de várias doenças, como poderá ser constatado pelo leitor, ao acompanhar este breve histórico da evolução médica. Mas antes, gostaria de registrar a iniciativa histórica do Secretário Municipal de Saúde do Rio de Janeiro e Presidente do “Lar de Frei Luiz”, o médico Ronaldo Gazolla, ao anunciar na imprensa, a breve inauguração do primeiro “Hospital Holístico” do Rio de Janeiro, o “Lauro Neiva” que funcionará no Lar de Frei Luiz, em Jacarepaguá.

O filósofo e curador grego Hipócrates, considerado o “Pai da Medicina”, desde o século IV a.C., tinha seu método baseado na observação, estudo do caso, avaliação honesta e estímulo das forças da natureza no processo de cura do paciente.

Entretanto, ao longo do tempo, esta teoria foi suplantada por uma nova concepção médica, mais científica, criada pelo médico grego Galeno (129 a 200 a.C.), com ênfase na anatomia e fisiologia, baseada na dissecação de animais, principalmente os macacos; sendo oportuna a transcrição de uma análise comparativa destas duas linhas de cura médica, objeto de estudo do pesquisador Geraldo Medeiros Jr.:

“Hipócrates acreditava que o organismo enfermo estimularia forças de sua própria natureza para se restabelecer. Assim, o médico somente interferiria de maneira bem natural. Hipócrates também acreditava que tal força, que provinha da alma, tinha poder de curar. Esta poderia ser transmitida de um indivíduo para outros, pois, apesar de ser invisível, tal força era irradiante como o calor do corpo...”

Galeno acreditava que o estímulo terapêutico deveria ser aplicado no local da doença, ou seja, onde há o problema é lá que deverá ser tratado. Esta visão materialista do homem fez com que o conjunto, consciência encarnada e o corpo físico, fosse dividido violentamente, deixando-se de lado a consideração do ser total... A diferença básica entre a medicina hipocrática e galênica é que, na primeira, o estímulo terapêutico é aplicado no ponto consciencial do indivíduo. Isto significa que a origem do problema está no mau entrosamento energético entre a consciência encarnada e o corpo físico. A disfunção do fluxo energético da consciência energética ocorre graças a um estado emocional específico, geralmente de caráter ofensivo para o ego do indivíduo.” (410)

Hoje, com as descobertas da física quântica, de que toda a matéria é formada de energia; bem que o pensamento e as emoções, também, estão impregnados desta mesma energia, que pode tanto ajudar a causar como a curar uma doença; foi resgatado o pensamento inicial de Hipócrates:

“A força natural da cura existente em cada um de nós, é a maior força que dispomos para chegar à saúde.” (508)

O médico neurologista Francisco Di Biase e o psicólogo Mário Sérgio da Rocha traçam uma análise detalhada, das descobertas científicas de Einstein, Niels Bohr, Heisenberg, Pauli, Schrodinger e David Bohm, para concluir que a Medicina Holística será praticada neste Terceiro Milênio:

“No século XX, o desenvolvimento científico nos levou a superar essa visão de mundo materialista e mecanicista, à medida que nos demonstrou, experimentalmente, que o átomo material não era a realidade última de todas as coisas. Tal superação está nos conduzindo a uma concepção de vida e universo muito semelhante à dos antigos sábios gregos e orientais, que tinha sido abandonada nos últimos 400 anos. É o retorno, a volta do paradigma holístico...

Se aliarmos à nossa tecnologia científica práticas tradicionais milenares de alteração da consciência, como a oração, a meditação e a visualização, poderemos realizar feitos, considerados até pouco tempo como milagrosos. Estamos acordando para as enormes potencialidades que existem em nosso interior. Em nosso íntimo possuímos uma passagem que nos permite acessar a ordem implícita e alterar a realidade das coisas: o portal da consciência.”
(231)

O médico Dr. Richard Gerber, graduado pela Escola de Medicina da Wayne State University, em Detroit-EUA, no seu livro “Medicina Vibracional”, analisa os métodos de curas energéticas, ratificando sua eficácia:

“Todavia o futuro da medicina holística dependerá da incorporação das terapias vibracionais à clínica médica cotidiana. Os médicos holísticos consideram que o conceito de bem-estar nos seres humanos é função de uma integração correta entre os elementos físicos, emocionais, mentais e espirituais da vida. No presente, muitas clínicas lidam com as dimensões emocional e espiritual, principalmente através da psicoterapia.” (509)

Esta previsão acima, vem se confirmando, pois cada vez mais estas terapias holísticas estão sendo colocadas em prática nas clínicas e “Centros de Cura”; levando até a fundação, em Salvador, do Sindicato dos Terapeutas Holísticos, do qual eu e Tânia somos membros e do lançamento do “Código de Ética dos Terapeutas Holísticos da Bahia”, pelo Dr. Norberto Pinto, conceituado cromoterapeuta:

“O terapeuta holístico prescreve não medicamentos e sim, aconselhamentos de exercícios, métodos e comportamentos de saúde e alimentar. Harmonizando os chacras e analisando a

O livro “Diagnóstico Bionergético”, está inclusive em sintonia com a afirmativa acima, pois o conceituado casal de pesquisadores Roberto e Ilza Silva, utilizaram a clarividência para identificar bloqueios nos “chacras” (centros de energia), dos pacientes examinados, concluindo o seguinte:

“Conforme constatamos nos dados acima, o maior obstáculo das pessoas é manter o campo emocional equilibrado. O fator financeiro é o maior causador de obstrução (30,76%) na área emocional. Os sentimentos de mágoa dominam cerca de 20,43% das pessoas. O Chakra genésico, ligado ao sexo, é o terceiro mais obstruído, motivado por problemas emotivos, incluindo aí as carências afetivas e sexuais.

A depressão atinge 16,82% dos pacientes. Os maiores índices de obstruções aparecem no chacras Cervical e Básico, com 97,66% e 93,00%, respectivamente. O Cervical, por estar próximo ao cérebro, quando obstruído deixa as pessoas muito irritadas, com sensação de peso, pressão ou dor nesta área.” (511)

Os pesquisadores Caryle Hirshberg e Marc Ian Barash, confirmam a tendência de uma “Nova Medicina”, no seu livro “Curas Extraordinárias”:

“Hoje existe um movimento para interligar as ciências racionais e subjetivas, os enfermos e aqueles que deles cuidam; para forjar uma nova medicina, concentrada tanto no potencial da pessoa global como no potencial do tratamento. Não é mais tão distante imaginar uma nova ciência do espírito e valores, atuando lado a lado com a biologia e a tecnologia, para criar uma nova medicina centrada no paciente, concentrada antes na saúde do eu na doença...

Adr^a Karen Olness é uma médica que combina a medicina tradicional e as abordagens mente-corpo em sua busca dos mecanismos do sistema de cura... conseguiu condicionar o sistema imunológico de uma menina com lúpus, a reagir a óleo de fígado de bacalhau comum, como se fosse um medicamento poderoso, concedendo à criança um nível de controle sobre seus sintomas. (Ao final de dois anos, a quantidade do medicamento de que a menina necessitava foi reduzida pela metade). A dr^a. Olness continua a ser uma pioneira entusiasmada, convencida de que, embora possa entrar no próximo século, o papel da mente na cura será cada vez mais mensurável.”

Nesta mesma linha de raciocínio, o médico homeopata Mauro Press escreveu o seu livro “Vôo para Cura”, unindo o rigor científico da Medicina, com as tradições xamânicas do curandeiro mexicano Aransati; resultando no que eles denominam como “Medicina da Nova Era”:

“No campo da medicina ocorre o mesmo. Não se pode desprezar a ciência, a experimentação, a constatação, a estatística e a tecnologia. Ao contrário, se deve ampliá-los na visão holística. Surgirá então a ciência divina, integral e total. Esta é a Medicina da Nova Era.. Chega de leis humanas, a lei divina deve agora ser expressa pela humanidade. Não é necessário destruir as leis existentes, e se pode até aprimorá-las. O importante é ver que a lei divina sempre fez a justiça, corrigindo nossos desvios, se valendo da lei kármica e da reencarnação. Mas a Nova Era será regida, exclusivamente, pela lei do dharma, ou seja, pelo espírito... A Nova Medicina é simples como a vida natural, transparente e óbvia. É profundamente espiritual, essencial, sem dogmas nem convenções externas. Espiritual como o Sol. Para todos aqueles que buscam o Sol, o grande Sol, pois são... filhos do Sol!” (513)

Outrossim, o escritor Marc Ian Barash, antigo editor da conceituada “New Age Journal”, quando descobriu que estava com câncer, viu-se forçado a empregar seus talentos para vencer sua crise pessoal, trilhando os caminhos da “Medicina Holística”:

“Recentemente, um médico me contou a história de um doutor que tinha ido à Grécia para estudar homeopatia e que, ao regressar à sua cidade natal, na Carolina do Norte, adotou uma forma de prática que era “meio-termo” entre tratamento alternativo e convencional. Não tardou a que os médicos locais lhe mandassem pacientes, “intratáveis” - a chamada clientela “refugo” - que, algumas vezes, obtiveram resultados inesperadamente bons. Animado, o homem transferiu quase toda a sua prática para a homeopatia. Dentro em pouco, os pacientes que iam consultar os outros médicos para receber seus comprimidos contra pressão alta e remédio para o coração, simplesmente, deixaram de visitá-los, pois não precisavam mais desses medicamentos. A essa altura, os outros médicos poderiam ter perguntado: “George, o que exatamente você vem fazendo, e será que pode nos ensinar o seu método?” Mas, em vez disso, foram à associação médica local, que processou George não porque ele estivesse fazendo algum mal aos pacientes, mas baseada no princípio de que ele estava praticando uma forma não autorizada de medicina..

Em uma tentativa de evitar o pulso de ferro, do que muitas vezes

parece ser um monopólio de fato (e de direito), médicos holísticos, de vários estados norte-americanos, criaram associações médicas paralelas. Um médico que está tentando organizar uma entidade semelhante no estado em que opera disse-me:

- Eu já quase desisti da comunidade médica oficial. A principal possibilidade de mudança reside em educar as companhias de seguro. Como essas companhias se preocupam em manter baixos os custos e maximizar os lucros, vários de nós projetamos um formulário comum para os dados dos pacientes, que estamos apresentando como prova da economicidade da prática alternativa. Se pudermos manter os pacientes sadios, não acho que as companhias de seguro se interessem tanto em saber o que fazemos. O público mudará se as companhias pagarem. Naturalmente, isso pode levar toda uma geração. Ou mais depressa. Na primeira apólice deste tipo, a American Western Life Insurance Company, da Califórnia, começou, em 1993, a oferecer cobertura - mediante um plano especial de saúde - para tratamentos alternativos que vão desde acupuntura e biofeedback até aromaterapia, medicina herbária, naturopatia e ioga. Antes do fim daquele ano, a Mutual, de Omaha, a maior fornecedora norte-americana de seguros de saúde para indivíduos (10 milhões em todo o país), anunciou que começara a reembolsar pacientes que participam do "programa de reversão" do cardiologista Dean Ornish - a primeira terapia não cirúrgica e não farmacêutica para doenças cardíacas a conquistar esse privilégio. A Blue Cross e a Blue Shield, prontamente, anunciaram estar estudando medidas semelhantes.

A contenção de custos talvez seja uma das forças motrizes. Os americanos gastaram 18 bilhões de dólares em operações de ponte de safena em 1992, o que a tornou a conta mais alta de tratamento de saúde de todo o país. O programa do Dr. Ornish custa cerca de um décimo do preço do tratamento convencional.

A apólice foi aplaudida como "excelente" pelo Dr. Joseph Jacobs, diretor da Agência de Medicina Alternativa do Instituto Nacional da Saúde (NIH), agência essa que surgiu em 1993...

A busca do futuro da medicina pode estar nos levando, em um longo itinerário circular, de volta à sabedoria do passado. Alguns anos atrás, eu tentei marcar uma conferência em Boulder, no Colorado, com alguns dos mais brilhantes e respeitáveis acadêmicos da nova medicina. O plano fracassou, devido a conflitos de programação: um eminente médico estava se preparando para uma viagem ao Nepal, a fim de medir a fisiologia dos meditadores budistas tibetanos; outro está na China, em uma conferência sobre a antiga arte de Chi-gong, um outro, diretor de programas do Hospital Beth

Israel, de Boston, estava estudando com um renomado professor de ioga no sul da Índia; e outro, ainda, estava empreendendo uma investigação in loco dos rituais de cura da ilha de Bali.” (514)

O Dr. Deepak Chopra é um dos médicos mais conceituados da “Medicina Holística”, tendo diversos “best sellers” publicados no Brasil, como a “Saúde Perfeita” e “Conexão Saúde”, reproduzindo alguns dos seus conceitos a seguir:

“Pensar é uma atividade quântica e é por isso que ela nos permite controlar as leis da natureza... o que os Rishis (sábios védicos da Índia Antiga) viram, tão claramente, é que o campo quântico é uma fonte criativa onde cada pessoa pode brincar; como um monte de barro esperando que uma criança venha fazer bolos, bonecos ou casas de barro. Você não consegue ver objetos na lama disforme, mas, num certo sentido, todos os objetos estão potencialmente dentro dela... Apesar do infinito poder e vastidão do campo, não é preciso uma imensa capacidade para comandá-lo. Fazemos isso cada vez que temos um pensamento, mas para conquistarmos o verdadeiro domínio sobre ele, para fazermos nossos mais profundos desejos se tornarem reais, devemos nos empenhar para alcançar um nível mais elevado de consciência... Quando as pessoas descobrem que seus desejos estão começando a se realizar, desafiando o modo como a realidade supostamente deveria se comportar; o súbito influxo de poder traz com ele emoções intensas, elas se sentem jubilosas e triunfantes, sentem-se fundidas ao coração da natureza... o medo torna-se sem significado, sendo substituído por um intenso alívio diante da verdadeira simplicidade da vida.” (515)

“A saúde é nosso estado Natural. A Organização Mundial de Saúde definiu a saúde como algo mais do que a ausência de doença ou enfermidade. Saúde é um estado de perfeito bem-estar físico, mental e social. A isto pode-se acrescentar bem-estar espiritual, estado em que sentimos, em todos os momentos, alegria e prazer de viver, em sentimento de plenitude e consciência de harmonia com o universo que nos cerca.” (516)

Ainda, confirmando a clara tendência de predominância da Medicina Holística no Terceiro Milênio, o Dr. Norman Shealy, Ph.D., ex-presidente da Associação de Medicina Holística Americana e a Dr^a Caroline Myss, conferencista internacional no campo da consciência humana, escreveram a obra “Medicina Intuitiva”:

“O modelo holístico de saúde introduziu o estudo da relação entre

a mente, o corpo e o espírito. Reconhecer a influência dos fatores emocionais, psicológicos e espirituais é redefinir a natureza do processo de cura. Estudos nessa área indicam decididamente que o processo de cura deve ser ampliado para incluir a atenção, muito necessária à vida interior do ser humano...

O modelo holístico de tratamento trouxe à tona a necessidade de ajudar a pessoa a tratar das tensões da vida como parte integral da cura do corpo. Para fazer isso, a pessoa deve estar disposta a olhar para todas as partes da sua vida, incluindo feridas emocionais (tanto as recebidas quanto as causadas), necessidades emocionais não atendidas, decepções em relacionamentos, promessas não cumpridas, desejos não realizados, desapontamentos consigo mesmo e outros assuntos inacabados que produzem mágoas.

Nos anos 70, um pequeno número de médicos começou a questionar a moralidade da tecnologia sem espírito. Começamos a reconhecer que doença tinha uma componente postural e emocional. A medicina holística surgiu dessa complexa estrutura social e do reconhecimento dos aspectos desumanizadores da tecnologia.

Essas questões são tão significativas que propiciaram o desenvolvimento de um novo campo de pesquisa científica, a psiconeuroimunologia, “que estuda as interações entre o sistema nervoso central e o sistema imunológico”. A psiconeuroimunologia, um dos campos mais inovadores e excitantes atualmente, inclui o estudo do efeito de atitudes, de pensamentos e da pressão social sobre todos os aspectos do sistema imunológico, nós estamos cada vez mais descobrindo neuroquímicos correlatos à raiva, à hostilidade, à culpa e à depressão.

Os princípios fundamentais da medicina holística - que as pressões emocional, psicológica e espiritual afetam o corpo - estão conseguindo provas e validade decisivas. É cada vez mais evidente que o conceitos holísticos não são uma moda passageira; que nós estamos, como sociedade, passando por uma outra grande transformação, o reequilíbrio após quarenta anos de desenfreada tecnologia sem espírito...

Os médicos holísticos frequentemente usam técnicas aceitas há séculos em algumas culturas - tais como acupuntura e homeopatia. E mais importante ainda, esses médicos têm como filosofia considerar que o paciente também tem responsabilidade na escolha da terapia e do processo de cura. Os pacientes são encorajados a se responsabilizar pelo estilo de vida, pelos seus hábitos e pelo seu bem-estar. Em resumo, eles valorizam o espírito humano acima de todas as técnicas. Qualquer médico que negue

ao paciente o direito de escolha ou que force uma terapia não é, por definição, holístico ...

Realmente, uma vez que a ciência reconheça a natureza importantíssima da intuição como base para a invenção e para a descoberta, tornar-se-á possível incluir, na escola de medicina cursos de desenvolvimento de habilidades intuitivas. Médicos se beneficiarão com a expansão de suas habilidades pessoais e a qualidade da prática médica dará um grande passo à frente. A cura espiritual será a base para os enfoques relativos ao nível, químico e comportamental. O toque terapêutico e outras formas de “toque de mãos”, serão tão aceitos quanto a aspirina. Mais importante ainda, a equipe e o paciente estarão trabalhando a sua transformação espiritual individual e coletiva, aceitando de maneira sábia e responsável seu poder de escolher atitudes saudáveis, sabendo que uma perfeita expressão de amor é o melhor remédio. Sem dúvida, os conceitos da Medicina Holística são válidos e irão formar a base da medicina do século XXI.” (517)

Vamos concluir esta abordagem, trazendo uma constatação de um dos mais destacados médicos holísticos americanos, o Dr. Carl Simonton:

“Ao enfatizarmos a crença em si, usando-a para reforçar e auxiliar tanto as defesas naturais do corpo, como o melhor tratamento médico disponível, estaremos no caminho de desenvolver uma abordagem médica que tenha o apoio da pesquisa científica. Continuar a ignorar o papel da mente e das emoções na recuperação - apesar das provas médicas que já existem - é uma forma de charlatanismo, pois estaremos ignorando técnicas que já deram as suas provas. A questão atual não é a de saber se a mente influencia (juntamente com as emoções) o resultado final do tratamento; agora, o importante é saber como direcioná-las para que influenciem o resultado do tratamento de uma maneira mais eficiente”.

MÉDIUNS CURADORES

Algumas pessoas têm uma predisposição orgânica especial, que facilita a irradiação de energias benéficas de cura, de forma consciente ou não, com ou sem manipulação dos mentores espirituais, conforme identificado por Allan Kardec, no seu “Livro dos Médiuns”:

“Certamente dirão que se trata simplesmente de magnetismo. É

evidente que fluido magnético exerce um grande papel no caso. Mas, quando se examina o fenômeno com o devido cuidado, facilmente se reconhece a presença de mais alguma coisa”. (297)

Os médiuns curadores, propriamente ditos, reencarnam numa missão espiritual de fazer a caridade, através da terapia do amor e sob a orientação de abnegados mentores espirituais, que os auxiliam na canalização das forças magnéticas necessárias à revitalização dos órgãos deficientes, no processo de cura do paciente.

É importante advertir que, da mesma forma que este dom foi recebido “de graça”, sob nenhum pretexto deve a mediunidade curadora ser objeto de mercantilismo, sob pena de enredar o médium nas consequências cármicas danosas para sua existência.

Quanto mais o médium distribui este “magnetismo curativo”, mais revigorado e potencializado se sentirá, pois desenvolve esta aptidão inata, ampliando seu campo vibratório.

Neste tema, concordo com a visão do renomado pesquisador e escritor espírita Carlos Bernardo Loureiro, que entende esta capacidade de magnetização, estar ao alcance de todos:

“A verdade é que a magnetização é uma verdadeira forma de tratamento, com a devida sequência, regular e metódica (passeterapia). No caso referido, as coisas transcorrem de maneira inteiramente diversa. Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, se souberem se conduzir convenientemente. Mas entre os médiuns curadores a faculdade é espontânea, e, às vezes, a possuem sem jamais terem ouvido falar em magnetismo. A intervenção de uma potência oculta torna-se evidente no processo da mediunidade de cura.

A cura espiritual é um fato que se deu em todos os tempos e em todos os meios. Há milhares de anos, como nos nossos dias; entre os selvagens e os civilizados, nas igrejas ortodoxas e sistemáticas. Sempre houve curas espirituais a favor de todas as crenças. No seio das florestas ou no abrigo dos templos, muitos doentes encontram alívio e saúde.

A história religiosa cita os nomes dos indivíduos que possuíam o dom de curar, como o imperador Vespasiano, Apolônio de Tiana, Luis XIII, Arnaldo de Vileneuve, Van Relmont, Anton Mesmer, o

Marquês de Puysegur, que atraíram multidões de sofredores em busca do alívio às suas dores e sofrimentos”. (345)

Esta é também a opinião do espírito Vianna de Carvalho, psicografado por Divaldo Franco:

“Essa mediunidade curadora, de que tanto se utilizou o Mestre a fim de atender à massa, da qual se compadecia, está ao alcance de todos aqueles que, treinando a aplicação dos passes, desenvolverão as possibilidades bioenergéticas para o saudável intercâmbio de forças entre os homens, favorecendo os sofredores com a esperança, a saúde e a paz”. (309)

Apenas para exemplificar, existem diversos cursos e técnicas que ensinam a canalização da energia cósmica, para a revitalização do corpo energético desvitalizado do paciente, como a cura prânica, os passes magnéticos e o “Reiki”.

Inclusive, eu e Tânia recebemos nossa iniciação em “Reiki” pela mestra “Shanti” e seguimos praticando, há muitos anos, gratuitamente, no “Santuário Luz e Vida”, como uma forma de terapia complementar ao processo de autocura dos nossos pacientes. É realmente notável, como você pode sentir suas mãos com uma leve dormência, quentura e formigamento, inclusive com arrepios na espinha, durante a canalização destas energias cósmicas, visando promover uma desintoxicação geral e harmonização do corpo aúrico do paciente. Em nossa vida, eu e Tânia aplicamos “Reiki” sempre, no dia a dia, em Diana, nos nossos cães, árvore ou planta da nossa casa que esteja com pragas ou desvitalizada; além de um aplicar no outro, com resultados sempre muito benéficos.

Outrossim, para exemplificar que algumas pessoas têm este dom especial de cura, mais potencializado, vamos transcrever parte de uma entrevista da curadora e parapsicóloga russa Bárbara Ivanova, feita por Philippe Piet Puttin, na conceituada Revista Planeta, quando ela esteve no Brasil, em março/1990:

“Através dos livros comecei a me instruir sobre os aspectos que envolvem o ato de curar. Assim, fui aprendendo, aos poucos, sobre as nossas energias, sobre a clarividência, etc. Comecei a

experimentar as curas mentais em 1971 e consegui resultados fascinantes. Mas o mais importante de tudo não é o fato de se poder fazer a cura, mas as conclusões que podemos tirar dessa capacidade. Essas conclusões são importantes, e é a elas que me dedico agora...

Você conseguiu mesmo fazer curas pelo telefone?

Sim, em muitas oportunidades. Parece que o aparelho pode, de alguma maneira que não compreendemos bem, facilitar a condução das energias curativas. Fizemos uma experiência interessantíssima entre Moscou e Cleveland, Ohio (EUA). Uma jovem que perdera um rim e mais a metade do outro em um acidente automobilístico manifestou melhora, logo na primeira ligação telefônica que tivemos. Ela estava presa a um aparelho de diálise e não urinava havia seis anos. Após o nosso contato inicial, ela voltou a urinar, para a surpresa dos médicos. Repetimos a experiência por várias vezes. Hoje essa moça encontra-se casada, tem filhos e está muito bem.

Ocorre alguma modificação em você quando está tentando curar? Começo a respirar mais profundamente e com lentidão. Muitas vezes consigo sentir quando a pessoa está melhor; então, paro com as visualizações. No dia de tentar a cura, é melhor não comer carne. Aliás, recomendo uma abstinência da carne, tanto do curador quanto do paciente, a partir de vinte e quatro horas antes da experiência.

Todas as pessoas podem mentalizar o “Cálice Dourado” e produzir a cura mental?

Com certeza. A capacidade de cura mental é alcançável por todos e pode ser exercitada. A energia necessária encontra-se em todo o cosmo. Basta procurá-la, com sensibilidade, e dirigi-la com amor e bom senso.

Qual é o índice de fracasso nas curas mentais telefônicas?

Não é fácil determinar, mas não passa de 20% dos casos.

Qual a sua mensagem para o povo brasileiro?

Coragem. Coragem e persistência. O Brasil tem muitos recursos. Seu povo precisa apreciar a sua potencialidade e luminosa predestinação”. (518)

Este “Cálice Dourado”, citado na entrevista, é o título do livro de Bárbara Ivanova relatando suas experiências de cura:

“O cálice tem um simbolismo como instrumento de captação de luz do Cosmo (prana, energia cósmica)... Tudo é feito de luz, a matéria

é luz capturada gravitacionalmente, e o espírito é um agente propagador da luz sutil nele polarizada e em volta dele disseminada, por esse oceano cósmico inesgotável... "Brilhe a vossa luz", exaltou Jesus; "Por a luz sobre o alqueire" ensinava Ele, "para que todos se beneficiem dela". Quanto mais alto a colocamos, mais ela se espalha e mais criaturas iluminamos. Esses cálices dourados de luz canalizada são cada um de nós que, inevitavelmente, refletimos as irradiações que nos são próprias". (519)

CIRURGIAS ESPIRITUAIS

As cirurgias espirituais, como o próprio nome já insinua, são intervenções efetuadas no corpo físico do paciente através de um médium, geralmente inconsciente, sob total controle espiritual de um médico desencarnado.

O notável médico-cirurgião e parapsicólogo, Dr. Elieser Mendes, estudou com profundidade estes fenômenos, sendo oportuna a transcrição de suas conclusões:

"De meu testemunho pessoal, posso dizer que já vi diversos tipos de práticas cirúrgicas espirituais com resultados reais e positivos. Do mesmo modo, descrevo situações em que pude observar, em meu próprio centro cirúrgico, a intervenção de forças invisíveis no ato operatório, alterando os procedimentos habituais..."

Existe, atualmente, um movimento mundial de "misticização" da cura realizada em diversas áreas religiosas com a designação de cirurgia espiritual. Um grande centro de cirurgias espirituais observa-se nas Filipinas com famosos médiuns curadores que utilizam fenômenos de possessão de entidades (mudança de consciência do sensitivo), intervindo nas estruturas físicas das pessoas. Como não existe cobertura legal para o exercício de tais fenômenos, seus praticantes são homiziados em algum meio místico, onde não se pode interferir muito facilmente, devido à liberdade de culto religioso, reconhecida em todas as constituições do mundo.

Em algumas publicações favoráveis a esse tipo de prática, fala-se em cirurgias psíquicas. Melhor seria designá-las de cirurgias energéticas, quando não existe interferência física do agente curandeiro sobre o corpo físico do paciente.

Muitas observações têm sido feitas em torno das intervenções físicas sobre o corpo das pessoas, em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, que se constitui o segundo pólo mais importante. Seus praticantes nunca assumem a autoria de tais atividades ilegais.

Geralmente, tais intervenções são atribuídas a uma entidade espiritual (uma divindade), que se utiliza de um estado alterado de consciência do sensitivo (médium).

As observações têm mostrado fenômenos autênticos, em que acontecem as intervenções cirúrgicas reais, por certos sensitivos em estado alterado de consciência (transe de possessão), utilizando métodos próprios, com ou sem uso de instrumental adequado, assepsia e anestesia, verificando-se bons resultados ou cura definitiva”. (520)

Para um melhor entendimento prático das cirurgias espirituais, selecionamos as perguntas mais comuns a serem elucidadas, aproveitando o ótimo trabalho desenvolvido pelo espírito Ismael Alonso, através da mediunidade de João Berbel, no seu livro “Medicina Espiritual”:

“Nas cirurgias espirituais sabemos que é feita a remoção das células cancerígenas. E no caso da recolocação de células saudáveis, preconizam-se às vezes o repouso e o trabalho de auto-confiança, para que não ocorra a rejeição de tais células. Que diria sobre isso?

A cirurgia espiritual procura os mesmos resultados da cirurgia convencional e suscita quase os mesmos regimes e cuidados. A pessoa cirurgiada deve obedecer o repouso e o regime alimentar. Porque na cirurgia espiritual o paciente passou por cortes também, embora invisíveis, e até em maior monta do que na cirurgia terrestre. A não se levar a termo tal realidade, pode-se ocasionar problemas pós-operatórios e enfermidades preocupantes...

Ora, o próprio Jesus afirmava: A tua fé te curou! Tudo age em função também da fé da pessoa. Quando ela carrega em si o sentimento da fé, para nós tudo se torna bem mais fácil, porque elaboramos fluidos de uma maneira mais efetiva e eficiente...

Em determinados locais em que são efetuadas cirurgias espirituais os espíritos referem-se ao fato de haver uma provocada saturação-ambiente de ectoplasma dos médiuns participando do trabalho, acrescido do ectoplasma levado pelos próprios espíritos. Que poderia dizer sobre isso?

O ectoplasma é uma liga bruta de que se valem os espíritos. Com o fluido ectoplásmico plasmamos os vários tipos de instrumentos a serem usados nas nossas cirurgias, para a desmaterialização de enfermidades e outras providências. Por que pedimos sempre que nos dias de cirurgia não se coma carne? Porque o ectoplasma, que se formaria em excesso, ocasionaria vômitos, mal-estar,

tontura, etc. Fazendo-se um exame nessas específicas criaturas manifestando tais sintomas em nossos trabalhos, constata-se a origem de tudo: a ingestão de alimento animal e a consequente formação excessiva de fluido ectoplásmico...

Alguns espiritistas questionam a validade moral das cirurgias mediúnicas, alegando que uma doença extirpada por tal método retornará fatalmente ao corpo, mais cedo ou mais tarde, dessa ou daquela maneira.

Que poderia esclarecer sobre isso?

Utilizamos os fluidos sutis, e poderão ser feitos exames e exames, e será constatado que ali onde cirurgiamos não há mais enfermidade. Mas, diante de tal benefício e gratificante resultado, como age às vezes o paciente? Deixa de receber tal cura como um dom de Deus, deixa de orar ao Pai em agradecimento sincero, deixa de abrir o seu coração ao próximo e repletá-lo de amor para auxiliar as criaturas. Porque sua cura fora um chamativo a uma reforma moral, a uma transformação íntima do espírito. E, assim, passa a assumir a mesma postura anterior, pisando nos irmãos à sua volta, ou entregando-se aos vícios materiais e morais, atraindo naturalmente o retorno da moléstia ao seu corpo. Tudo como aconteceu também àqueles leprosos da lição evangélica; tudo como ocorreu igualmente com as cirurgias convencionais, quando há o indesejável retorno de um mesmo mal, quando há reiteradas cirurgias num mesmo campo, num mesmo local.

Nas cirurgias espirituais em que há cortes profundos e de grande tamanho, que providência é agilizada para efetuar a tão rápida cicatrização que se observa?

Quando o médium, em nome do espírito, está agindo dessa forma, a responsabilidade é muito grande dos dois lados. Mas, nesse processo, o espírito faz com que os fluídos, depositados imediatamente sobre o enfermo, provoquem a cicatrização rápida das células e neutralizem a dor e o sangramento. Consideremos que é errôneo tal procedimento, porque devemos deixar os cortes para os médicos terrestres.

Já entre nós, nas nossas equipes específicas, quando é preparado um médium-cirurgião, é posto em prática o método de efetuar-se uma ligeira lesão ou corte periférico, quase imperceptível mesmo, para que pelo menos com isso o enfermo possa conscientizar-se de estar sendo cirurgiado; de que, sem dúvida, está-lhe sendo tirada matéria enferma, células comprometidas, fluidos perniciosos. Não haverá realmente necessidade de acionar o bisturi e jogar tudo isso para fora do corpo, visivelmente. E ocorre que, agindo de outra forma diferente, quando se procede com os cortes grandes

e profundos, esgota-se rapidamente grande quantidade de energia magnética, o que pode até não proporcionar a cura, porque aí a criatura deverá valer-se mais de sua fé, e não do fluido vital de que ela poderia melhor ter-se valido, para que tais criaturas fossem curadas.” (521)

Efetivamente, durante cerca de 2 anos, ajudei como doador de ectoplasma nas cirurgias espirituais realizadas no “Santuário Luz e Vida”, podendo testemunhar que nunca foi efetivado nenhum corte nos pacientes, sendo, geralmente, utilizada uma colher pelo médico espiritual, para delinear a área a ser tratada, através de pequenos riscos realizados na pele do paciente, onde seriam introduzidos os bálsamos revitalizadores etéreos. Após o que, era realizado um curativo típico, com gaze e esparadrapo, para proteger o local.

O pesquisador Pier Campelo, no livro “Geraldo da Pádua - O Apóstolo da Cura”, efetivou um levantamento criterioso das cirurgias espirituais desenvolvidas pelo médium:

“Publicamos tão-somente alguns deles para que o leitor forme uma idéia da idoneidade da informação por nós exigida. Os casos apresentados foram escolhidos, porque os consideramos dentro de um critério que adotamos como interessantes, escolhendo um ou dois casos de cada doença, para não nos tornarmos muito repetitivos e por possuírem documentos (radiografias, tomografias, receitas médicas, etc.) antes e depois das operações espirituais... Levantamos neste período mais de 450 casos, dos quais anexamos a esta obra alguns documentos, que consideramos mais expressivos para demonstrar o maravilhoso trabalho humanitário executado pelos mentores Espirituais, através do médium Geraldo de Pádua, que com muita dedicação e espírito fraternal abre as portas de seu Templo Universalista, todos os sábados a todas as pessoas sem exceção de classe social, raça, idade ou sexo, que lá encontram o conforto e a cura das suas aflições, logicamente dentro de seu merecimento.

As nossas pesquisas nos levam a afirmar que cerca de 50% das pessoas alcançam a cura completa, 20% obtêm uma considerável melhoria mas devem continuar seus tratamentos e 30% continuam nas mesmas condições. Donde deduzimos que a fé e a confiança que o doente deposita na energia curativa do médium, são fatores determinantes, que o ajudarão a superar o processo da doença,

obtendo resultados positivos no sentido da sua cura e completo restabelecimento. Para confirmar os dados obtidos, a pesquisadora Elsie Dubugras, chegou praticamente aos mesmos resultados, numa pesquisa que realizou e cujos resultados comenta na revista Planeta, da Editora Três, de abril de 1966". (522)

Esta temática das cirurgias espirituais vem sendo difundida e aceita em todo o Brasil sem mais causar espanto, visto que até foram veiculadas, em 6 de abril de 1996, no programa de TV "Globo Repórter", algumas operações feitas pelo médium Waldemar Coelho, do Instituto Espírita Ramatis de Limeira (SP), que também recebe o Dr. Fritz, operações estas de extração de tumores, operações de coluna e dos ossos das articulações. Recentemente, operou o joelho da jogadora Ana Moser para que esta pudesse integrar a seleção brasileira de voleibol, para o jogos olímpicos de Atlanta, nos EUA. Esta jogadora já tinha sido recuperada, anteriormente, pela mesma entidade, com uma operação no pulso direito, devido a uma contusão séria, por causa da qual não poderia continuar jogando.

No mesmo programa foi mostrado o médium Nelson Teixeira, da Casa da Fraternidade São Francisco de Assis, de Uberlândia, que opera muitos pacientes por dia, através de uma entidade espiritual conhecida pelo nome de Dr. Hansen, que aplica uma espécie de acupuntura, na qual coloca uma quantidade enorme de agulhas hipodérmicas acima dos lugares afetados, no corpo dos pacientes, sendo que foi visível na TV, o dreno de líquidos e sangue através destas agulhas, que aparentemente era o que provocava o alívio desses pacientes. Alguns deles, procurados, posteriormente, pela produção do citado programa, afirmavam que estavam completamente curados.

Outro médium famoso é o goiano João Teixeira (54 anos), que vem recebendo espíritos de luz que têm o dom de livrar os homens dos males do corpo. Milhares de pessoas, entre brasileiros e estrangeiros, afirmam que se curaram de problemas como sinusite, catarata e cânceres de todos os tipos na Casa de Dom Inácio de Loyola, em Abadiânia (pequena cidade do interior de Goiás), centro que leva o nome da principal entidade recebida pelo médium. Até a notável atriz Shirley McLaine teria se submetido a uma cirurgia, há cerca de 6 anos.

O antrópolo Sidney Greenfield, Prof. na Universidade de Wisconsin, EUA, pesquisou, detalhadamente, as cirurgias espirituais, no Brasil, sendo interessante suas conclusões constantes no livro "Cirurgias do Além":

“Em conclusão, portanto, os fenômenos aqui examinados, ainda que excepcionais ou paranormais, não são mais anômalos. Com os novos conhecimentos antropológicos sobre os rituais religiosos, os alterados estados de consciência e as realidades alternativas, o modelo psicológico e psicofisiológico baseado em estudos sobre o uso da hipnose aplicada na imunologia e em outros campos da ciência médica que reestrutura o problema mente-corpo, podemos seguir uma direção diferente da sugerida pela parapsicologia. O modelo apresentado é a hipótese que combina fatores culturais, psicológicos e fisiológicos na tradição da ciência que podem ser testados (i.e., falsificados), revistos ou rejeitados”. (523)

O FENÔMENO DR. FRITZ

O médico espiritual mais operoso e ilustre do Brasil é, sem dúvida, o Dr. Fritz, em razão de ter utilizado diferentes médiuns ao longo das últimas décadas, com a mesma eficiência; consoante matéria publicada na “Revista Curas Espirituais”:

“O primeiro médium a realizar curas psíquicas, através do espírito do doutor Adolf Fritz, foi o mineiro José Pedro de Freitas, conhecido como Zé Arigó. Nas suas cirurgias, usava, além de facas de cozinha instrumentos cirúrgicos sem qualquer assepsia. Mas os cortes não sangravam e cicatrizavam sem suturas e infecções pós-operatórias.

Depois da morte de Arigó, ocorrida em janeiro de 1971, num acidente de carro que ele mesmo previu, o espírito do Dr. Fritz passou a se manifestar no médium Oscar Wilde - irmão de Edvaldo Oliveira, que também teria incorporado o espírito do médico alemão. Nascido em Vitória da Conquista, Bahia, Wilde operava ao som da Ave-Maria e, assim como seu antecessor, usava como instrumento cirúrgico qualquer objeto cortante, que poderia ser um canivete enferrujado ou uma faca de cozinha. Consta que no consultório que mantinha dentro de um centro espírita, ele operou mais de 400 mil doentes. Antes de morrer, Wilde foi perseguido e acusado de charlatanice pela própria Associação Espiritualista da Bahia.

Assim como Arigó e Edvaldo, Wilde também morreu num desastre de carro antevisto por ele. Dr. Fritz, então, passou a utilizar o corpo do pernambucano Edson Cavalcante Queiroz, um médico especializado em ginecologia. A exemplo de Arigó e Wilde, Edson também sofreu perseguições, especialmente do CREMEPE (Conselho Regional de Medicina de Pernambuco), que o processou

por infringir o Código de Ética Profissional. Julgado, foi condenado e teve sua carteira de médico cassada. Dois anos depois, em 1985, o Conselho Federal de Medicina o absolveu da acusação, anulando a decisão anterior. Hoje, o encarregado de continuar o trabalho do Dr. Fritz na terra é o engenheiro paulista Rubens de Farias Júnior, que mora no Rio.” (524)

A exceção do Dr. Rubens de Farias Junior, todos os médicos citados acima, que trabalhavam com o Dr. Fritz, tiveram mortes violentas, sendo esclarecido pelo próprio médico espiritual, a motivação destes fatos; em entrevista ao escritor Masao Maki, transcrita no livro “O Fenômeno Dr. Fritz”:

“A maneira que todos têm de morrer precisa ser repentina, porque nenhum deles pode esperar a morte deitado numa cama, pensando que ajudei a tantos outros. Eles têm que morrer de repente. Nenhum deles ficou doente, morrendo pouco a pouco. Conforme os médiuns evoluem, crescem cada vez mais em espírito. Então se caíssem doentes e deteriorassem durante um longo período, começariam a reclamar. Mas não quero que o nível da alma desça, quando eles reclamam que estão sofrendo na cama. Eis por que precisam morrer de repente, e dessa forma posso salvar suas almas para se juntar a nós.

Agora eu curo, fazendo com que voltem duas, três ou quatro vezes. Poderiam ser curados na primeira vez, mas digo para voltar quatro vezes. A fé acompanha, a fé estimula. Ele passa para ela, para ela, para ela, aumentando a fé. Como temos tão pouco tempo afora - e a missão não é minha, mas de todos - a questão da fé precisa ser levantada. Então, a maneira de trabalhar pode ser mais rápida, menos dolorosa, menos teatral, mas com o mesmo efeito e com um efeito maior de distribuir a fé e preparar todos os espíritos.” (525)

Há cerca de 7 anos, quando o engenheiro Rubens de Farias Junior estava com 36, começou a receber o Dr. Fritz, como resultado de um acordo, pelo qual o médico espiritual tinha salvo a vida da sua filha Beatriz, que tinha apenas 11 dias de existência, com um dos pulmões atrofiado. Entretanto, no início de 1999, a imprensa publicou uma série de reportagens acusando o citado médium de ser uma fraude e de ter enriquecido ilicitamente, com base em declarações prestadas por sua rancorosa ex-mulher, Sr^a Rita.

Sinceramente, pelas pesquisas efetuadas em diversos livros e matérias sobre

o trabalho do Dr. Rubens Farias, acrescida de informações da espiritualidade, acreditamos que as cirurgias espirituais realizadas foram legítimas. Entretanto, a prática espiritual do médium começou a ser desviada do seu caminho, através da cobrança pelos serviços, contaminando o seu trabalho, que deveria estar baseado no amor incondicional ao próximo, com a energia monetária; além do ego e vaidade, que foram se exarcebando no médium, daí a sua visível decadência e suspensão das atividades.

EXERCÍCIO ILEGAL DA MEDICINA ?

O Código Penal Brasileiro, tipifica como crime o “Exercício Ilegal da Medicina”, no seu artigo 282, objetivando a defesa da saúde pública; tendo o jurista Magalhães Noronha, assim comentado:

“É o que nosso Código faz no art. 282: “Exercer, ainda que a título gratuito, a profissão de médico, dentista ou farmacêutico, sem autorização legal ou excedendo-lhe os limites.”

Em regra, a definição deste crime não está nos Códigos, mas em leis especiais, como acontece na França, Suíça, Itália, etc. Nosso estatuto seguiu o exemplo do anterior, definindo o delito, sem que vejamos motivos de censura. Também o capitulam outros Códigos latino-americanos: argentino (art. 208), uruguaios (art. 167) e cubano (art. 383).” (425)

Outrossim, o criminalista Damásio de Jesus, também analisa o tema:

“É elemento objetivo do tipo o exercício, ainda que a título gratuito, de profissão, que significa praticar, reiteradamente, atos próprios da ocupação especializada. O delito é habitual: exige-se a reiteração de atos, de forma a constituir um estilo ou hábito de vida...”

Eficiência do tratamento ministrado ao paciente - Não aproveita ao agente, uma vez que dele o legislador presume a ocorrência de uma situação perigosa à coletividade. Tipo qualificado (parágrafo único) - Não é necessário que o sujeito aufera, efetivamente, o lucro visado. Basta que pratique, reiteradamente, atos privativos das profissões de médico, dentista ou farmacêutico, visando lucro, para que incida a qualificadora.” (526)

Já o especialista em Direito Penal, Celso Delmanto, lembra que este crime só

existe na forma dolosa, ou seja, a vontade de exercer a profissão, com consciência da falta de autorização legal; inclusive, distinguindo do crime de curandeirismo:

“Distingue-se o delito do art. 282 do crime do art. 284 porque, no curandeirismo, o agente é pessoa ignorante e rude, que se dedica à cura de moléstias por meios grosseiros, enquanto no exercício ilegal da medicina o agente demonstra aptidões e conhecimentos médicos, embora não esteja autorizado a exercer a medicina.”
(527)

Eu entendo que as cirurgias espirituais, típicas, ou seja, aquelas praticadas em Centros Espíritas ou similares, mediante a incorporação do médium inconsciente e de forma gratuita; não poderiam ser enquadradas como exercício ilegal da medicina; em razão da inexistência de dolo, da falta de intenção consciente de exercer a medicina, além de ser um ato de fé religiosa, cuja liberdade de crença está garantida pela Constituição Federal.

O famoso escritor espírita Carlos Imbassahy, teceu seus comentários sobre esta matéria, defendendo a mediunidade de cura de qualquer enquadramento como crime; no seu livro “A Mediunidade e a Lei”:

“A lei contra os curadores, como os doutos que a defendem, partem de vários pontos falsos, e um deles é a infalibilidade do tratamento oficial. Nessa infalibilidade se inspiraram os nossos legisladores penais, como se a Medicina não estivesse inçada de dúvidas, como se os médicos estivessem a coberto de falhas. Ora, os motivos de engano na arte de curar são de tal porte, as causas que podem induzir o médico a erro são de tal vulto, a falta de perícia ou a falta de prática assumem tais proporções, que toca às raias do absurdo impor-se ao indivíduo que abandone uma terapêutica que o pode curar, mormente se é gratuita, por uma que não se sabe quando cura, mormente se é dispendiosa.

Abramos, por exemplo, o compêndio de um mestre, entre os grandes mestres, o professor Miguel Couto. Escreve ele:

“Os erros são contingentes e ninguém, está livre de os cometer... Casos deparam-se, em verdade excepcionais, em que, a despeito de tudo, é impossível definir o mal: não há, não haverá nunca, medicina matemática, que consinta, no problema clínico, complexo como a vida, de que ele é apenas uma expressão fragmentária e

fugitiva, o rigor das equações na simplicidade dos sinais algébricos. Nos casos de tal ordem são inevitáveis os erros, onde há-de tropeçar a análise dos fenômenos biológicos, na moléstia como na saúde. A impossibilidade de saber é, por esta parte, definitiva: há aí, digamos assim, um lastro de ignorância necessária e permanente”.
(528)

O médico baiano Afrânio Peixoto, grande inspirador da minha amiga psicóloga, Rose Marie Grando, no seu discurso por ocasião da posse na cadeira de Higiene, na Faculdade do Rio, afirmou:

*“A gente não se cura, mas fica bem informada, de que morreu.”
Depois explica: “Aliás, esse cepticismo necessário à Medicina, como ciência, isto é, verdade incerta em trânsito para outra verdade menos incerta, é muito das nossas tradições médicas de todos os tempos.”* (528)

Por fim, o pesquisador espírita Carlos Imbassay, com fina ironia, demonstra que a atividade mediúnica é exercida na maioria das vezes de forma inconsciente, comparando-a ao mesmo nível de inconsciência dos objetos inanimados; logo nunca poderia haver o “dolo”, ou seja, a vontade de praticar o suposto delito de curar ou receitar, sem ser médico:

“Nem se poderá afirmar que o “delinquente”, quando se prepara para dar receitas ou passes, está cômico do mal que vai praticar, porquanto muitos médiuns são tomados de supetão, vêem-se impulsionados por forças estranhas e superiores à sua vontade, e fornecem prescrições, mau grado seus desejos, suas idéias, seus princípios religiosos.

A responsabilidade do médium, nesse caso, é igual à da mesinha de três pés, quando nos fala por pancadas, ou a da parede, móvel ou imóvel, no qual não saberíamos onde encontrar a cabeça, ou a memória, ou a vontade, ou o nefando ânimo curativo, ou mesmo o subconsciente, para quem os doutos costumam lançar as vistas, quando já não têm onde levá-las, ou elas não sabem onde cair.

Entretanto, os corpos inanimados podem dar consultas, fazer diagnósticos, estabelecer prognósticos, ensinar remédios, prescrever regimes, sem que valha contra eles a autoridade do Código, ou os fulmine a competência dos eminentes codificadores.

Notar-se-á, ainda, que ao voltar a si do transe o médium nada sabe do disse ou do que fez. Plena inconsciência no caso.” (528)

PERSONALIDADES DEFENDEM **AS CIRURGIAS ESPIRITUAIS**

Diversas personalidades, dentre jornalistas, cantores, esportistas, atores, etc.; defendem a legitimidade das curas advindas das cirurgias espirituais, transcrevendo abaixo alguns depoimentos:

Domingos Meireles (Jornalista da TV Globo, hoje, no SBT)

“Sou parado constantemente na rua por pessoas idosas, que me pedem orientação. Abro, então, um caderno que carrego sempre, com uma lista de telefones de médiuns. Faço quase um trabalho de evangelização, digo que é preciso ter fé e até hoje querem saber se me convenci da autenticidade das cirurgias espirituais. Digo que sim.

E se tivesse que recorrer a algum médium?

- Iria primeiro a um médico comum. Depois, se fosse o caso, não teria constrangimento nenhum em procurar um médium. Eles não são mais um mistério para mim. Descobri que o que afasta as pessoas do espiritismo é a desinformação e o desconhecimento que elas têm sobre a doutrina.”

Rejane Schumann (Jornalista - TV Manchete)

“ - Fiquei impressionada com o que vi. Não houve hipnose coletiva e os pacientes operados não expressaram nenhuma sensação de sofrimento ou de dor. O que posso dizer é que, realmente, existe uma força que se sobrepõe ao explicável.

Para que ela acreditasse no que estava vendo, o médium enfiou uma agulha no pescoço do câmara Paulo Cardoso, que afirmou não ter sentido nada. Em seguida, percebeu que a repórter sentia uma dor de barriga e, enquanto perguntava a ela se doía, a curou:

- Quando disse que estava com uma dor, ele já estava tirando uma seringa da minha barriga. Ele tinha me dado uma injeção e nem vi. Saiu sem me falar nada e a dor parou.”

Joana (cantora)

“Sou amiga do Ditinho, mais conhecido como Dito de Jacarepaguá, bairro do Rio onde, há muitos anos, ele recebe seus clientes. Ele me operou de uma hérnia de disco, logo quando comecei a frequentar seu centro. Essa hérnia me martirizava com dores horríveis. Durante a cirurgia, ele descobriu que eu tinha um cisto no ovário e tratou do caso, dando fim às dores que eu sentia do lado direito. Fiquei totalmente curada dos dois problemas e, como forma de agradecimento, me tornei assistente dele nas intervenções, pois também sou médium.”

Alcione (cantora)

“Fui apresentada ao dr. Edson Queiroz pelo meu saudoso amigo Augusto César Vannucci. Estava com um edema do tamanho de uma cabeça de alfinete nas cordas vocais, que me impedia de cantar, e fui até a sua Fundação, em meados de 86. Lá, fiquei umas cinco horas assistindo à várias operações. Ele disse que minhas vibrações eram boas, ajudavam nas outras cirurgias. Então fui chamada, ele enfiou uma agulha descartável na minha garganta e pediu que eu pensasse em Deus. Ela saiu torta e ele mandou que eu ficasse três dias sem abrir a boca. Obedeci e fiquei curada. Nunca mais tive problemas.”

Carlos Vereza (ator)

“Devido a uma crise fortíssima de depressão, passei dois anos e meio tomando remédios. Recorri a vários médicos, que me passavam um número cada vez maior de medicamentos. Vivia dopado. Passei a frequentar o Lar de Frei Luiz, fui operado espiritualmente pelo dr. Frederick Von Stein e fiquei curado em sete meses de tratamento.”

Paula (jogadora de basquete)

“Fiz duas cirurgias espirituais, uma deu certo e a outra não. A primeira foi no joelho esquerdo. Eu tinha um problema nos ligamentos laterais e não queria fazer a cirurgia convencional porque sabia que ficaria muito tempo afastada das quadras. Isso foi em 1984. Me indicaram o Santuário Espiritual Ramatís, em Leme, São Paulo, e o médium que me operou foi Waldemar Coelho. A cirurgia foi um sucesso. Mas quatro anos depois, quando tive um problema de ligamento cruzados no joelho direito, não tive a mesma sorte. Talvez não tenha merecido essa segunda cura e sido obrigada a passar pelas dificuldades da operação convencional.”

Minha formação é católica, mas depois da primeira cirurgia passei a acreditar no espiritismo. Hoje, se tiver algum problema, primeiro vou procurar a cura espiritual”.

Para concluir este capítulo, vamos trazer uma advertência do escritor Carlos Imbassay relativa à “Justiça Divina”, para os juízes, ao analisarem leis ultrapassadas pelo tempo:

“Já dizia Ruy Barbosa que a justiça deve estar acima da lei. E muito bem o disse. Esta foi feita para servir aquela e não aquela é que deve ficar na dependência desta. A lei é estabelecida pelos homens, a justiça é de origem divina. Uma é falível, a outra nunca o poderá ser. Uma traduz muitas vezes a severidade, os erros, os preconceitos, a ignorância de uma época; a outra reflete a sabedoria de todos os tempos.

Grave e grandiosa missão é a do Juiz - dizia-nos uma dessas mensagens que vem à Terra para elevar os homens. E aqueles que cumprem a sua missão superior, fugindo a cânones mesquinhos, abandonando regras desajustadas para dar a cada um aquilo que lhe é devido, tanto material como espiritualmente; aquele que decide de acordo com o que é verdadeiro, certo, direito, justo: aquele que vive no espírito da retidão e da equidade; um tal julgador é que vence na vida e consegue na morte o hino da vitória.” (528)

CAPÍTULO XX

AS FORÇAS OCULTAS

“Algum dia faremos a mágica de dominar os ventos, as ondas, a maré e a gravidade, e chegaremos a Deus”. (529)

Teilhard de Chardin

Neste capítulo, analisaremos as influências maléficas das “Forças Ocultas” e como evitá-las, destacando os fenômenos da obsessão e da magia; que interferem na nossa vida adulta, obedecendo os mecanismos da “Justiça Divina”.

Basicamente, a Lei do Carma ou Lei de Causa e Efeito determina que as consequências das nossas ações negativas ou positivas do passado, sejam resgatadas ou recompensadas no presente. No caso das ações negativas, nossas vítimas espirituais do passado, hoje, buscam a reparação do seu sofrimento e são denominadas de espíritos obsessores.

Outros tipos de perseguidores espirituais são aqueles que, ainda, estão necessitados das energias mais densas como a do álcool, tóxico ou nicotina do cigarro, saciando sua sede através de processos de vampirização de seus hospedeiros encarnados, muitas vezes estimulando o consumo contínuo destas substâncias, como já exemplificado, no capítulo específico sobre as drogas.

Às vezes, podem também ser pessoas encarnadas, altamente negativas, ou com comportamentos maníaco-depressivos, que costumam nos tocar enquanto falam, segurando nosso braço, ombro ou repousando a mão na coxa da vítima, geralmente, com o olhar perdido, mirando um ponto fixo, localizado no corpo da sua “fonte de energia”. Também é utilizada, pelo vampirizador energético, consciente ou inconsciente, a técnica de falar demais até cansar a vítima, como se quisesse hipnotizá-la, facilitando a absorção de suas energias, preferencialmente, pelo plexo solar, na região abdominal.

No meu primeiro livro já citado, analisei as técnicas de defesa energética mais

eficazes, com ilustração explicativa, podendo ser lembrada a da “circulação fechada de energia”. Visualizando ao seu redor um campo de força na luz dourada, que vai circulando o seu corpo físico, como se fosse uma “concha energética” ou a mentalização das energias se movimentando no sentido da cabeça aos pés e vice-versa, até a instalação do “estado vibracional”, ou seja, você se sentirá mais vitalizado e desperto; sendo, ainda, recomendável que mantenha os braços cruzados, para proteger seu plexo solar, enquanto estiver com o suposto “vampiro baixo astral”, postura que você pode assumir até inconscientemente, ante um sentimento de mal estar, que lhe causará a vampirização de outrem.

É comum sentirmos a presença desses sugadores energéticos ao entrarmos num ambiente: bocejos constantes, apatia e distração injustificadas são sinais claros de que estamos sendo vampirizados. Acontece a todo instante, em qualquer lugar: no metrô, no escritório, numa loja e até mesmo em nosso próprio lar, quando um de nossos entes queridos requer atenção especial - o marido cansado, o filho doente, a esposa superatarefada, etc.

ESTUDANDO A OBSESSÃO

O escritor espírita Richard Simonetti, no seu livro “Quem tem medo da Obsessão”, explica o fenômeno da obsessão simples ou “encosto”:

“Assimilando as sugestões do obsessor relacionadas com a saúde, os negócios, os sentimentos ou envolvendo problemas existenciais, o obsidiado passa agir sob forte tensão, perdendo energias como se sofresse uma insidiosa hemorragia espiritual. Por outro lado, há Espíritos presos às impressões da vida material que literalmente sugam as energias de suas vítimas com o propósito de se revitalizarem, lembrando a fantasia do vampiro bebedor de sangue popularizada pelo cinema. Resultado: Esgotamento nervoso, caracterizado por palpitações, angústia, dificuldade de concentração, desânimo. O obsidiado experimenta a sensação de carregar sobre os ombros os males do mundo...A obsessão simples origina-se, não raro, na influência exercida por Espíritos que não intentam prejudicar. Perplexos no Além, recém-chegados das lides humanas, agarram-se às pessoas com as quais tenham afinidade, particularmente familiares, impondo-lhes o reflexo de seus desajustes”. (530)

O espírito Emmanuel, através da mediunidade de Chico Xavier, dá seu parecer sobre o tema, no livro “O Consolador”:

“393 - Como entender a obsessão? É prova inevitável, ou acidente que se possa afastar facilmente, anulando-lhe os efeitos?

- A obsessão é sempre uma prova, nunca um acontecimento eventual. No seu exame, contudo, precisamos considerar os méritos da vítima e a dispensa da misericórdia divina a todos os que sofrem.

Para atenuar ou afastar os seus efeitos, é imprescindível o sentimento do amor universal no coração daquele que fala em nome de Jesus. Não bastarão as fórmulas doutrinárias. É indispensável a dedicação, pela fraternidade mais pura. Os que se entregam à tarefa da cura das obsessões precisam ponderar, antes de tudo, a necessidade de iluminação interior do médium perturbado, porquanto na sua educação espiritual reside a própria cura. Se a execução desse esforço não se efetua, tende cuidado, porque, então, os efeitos serão extensivos a todos os centros de força orgânica e psíquica. O obsidiado que entrega o corpo, sem resistência moral, às entidades ignorantes e perturbadas, é como o artista que entregasse seu violino precioso a um malfeitor, o qual, um dia, poderá renunciar à posse do instrumento que lhe não pertence, deixando-o esfacelado, sem que o legítimo, mas imprevidente dono, possa utilizá-lo nas finalidades sagradas da vida.

394 - Será sempre útil, para a cura de um obsidiado, a doutrinação do Espírito perturbado, por parte de um spiritista convicto?

- A cooperação do companheiro vale muito e faz sempre grande bem, principalmente ao desencarnado; mas a cura completa do médium não depende tão-só desse recurso, porque, se é fácil, às vezes, o esclarecimento da entidade infeliz e sofredora, a doutrinação do encarnado é a mais difícil de todas, visto requisitar os valores do seu sentimento e da sua boa-vontade, sem o que a cura psíquica se torna inexecutável.

395 - Pode a obsessão transformar-se em loucura?

- Qualquer obsessão pode transformar-se em loucura, não só quando a lei das provações assim o exige, como também na hipótese de o obsidiado entregar-se voluntariamente ao assédio das forças nocivas que o cercam, preferindo esse gênero de experiências”. (446)

O espírito Manoel P. de Miranda, psicografado pelo sensitivo Divaldo Franco, produziu a obra “Painéis da Obsessão”, de onde retiro uma breve descrição dos sintomas, seguida de um caso prático, que levou a vítima até a morte:

“De início, é uma vaga idéia que assoma, depois, que se repete com insistência, até insculpir no receptor o clichê perturbante que dá início ao desajuste grave.

Em razão disso, não existe obsessão apenas causada por um dos litigantes, se não houver sintonia perfeita do outro.

Quanto maior for a permanência do intercâmbio com o hospedeiro domiciliado no corpo - e entre encarnados o fenômeno é equivalente - mais profunda se tornará a indução obsessiva, levando à alucinação total.

É nessa fase, em que a vítima se rende às idéias infelizes que recebe, a elas se convertendo, que se originam os simultâneos desequilíbrios orgânicos e psíquicos de variada classificação.

A mente, viciada e aturdida pelas ondas perturbadoras que capta do obsessor, perde o controle harmônico, automático sobre as células, facultando que as bactérias patológicas proliferem, dominadoras. Tal inarmonia propicia a degenerescência celular em forma de cânceres, tuberculose, hanseníase e outras doenças de etiopatogenias complexas, que a Ciência vem estudando.

Só a radical mudança de comportamento do obsidiado resolve, em definitivo, o problema da obsessão...

-As suas dores não se encerrarão, no entanto, quando lhe cessarem os movimentos físicos... como vemos, as presenças espirituais que aqui se movimentam, são de péssima procedência e têm motivos para o fazer. Alguns são adversários pessoais do nosso Marcondes, que os tem desde vivências anteriores; outros foram adquiridos na atual reencarnação e outros, ainda, procedem de simpatizantes e amigos daqueles a quem ele prejudicou mais recentemente, que aderiram às mágoas dos seus amigos e se resolveram por cooperar no extermínio da personagem odiada. Dispondo de meios valiosos para gerar simpatia e bem-estar, desenvolver a prosperidade própria pelo enriquecimento de muitos, preferiu a caminhada solitária do egoísmo, calcando sob os pés as oportunidades que tem negado ao seu próximo. O pobre amigo tem sido um semeador de males, estando a colher os primeiros frutos amargos da sua plantação, a fim de penetrar nas urdiduras da maldade que cultivou, quando experimentará os espinhos mais ferintes que se lhe cravarão n’alma com mais intensas dores. Note o irmão Miranda que, apesar das preces das religiosas que o cercam de carinho desinteressado, em

lhe conhecendo as fraquezas e mazelas, aqui não luz a paz nem se encontra a esperança... A alucinação que dele se apossou, fê-lo afastar-se de Deus, de qualquer sentimento religioso, divorciando-se das bênçãos da fé, que é lenitivo seguro nestes momentos. Sempre estremunhado, cultiva formas-pensamento que nutre os seus adversários desencarnados, recebendo, com incidência poderosa, a resposta deles transformada em energia deletéria, que terminou por arruinar-lhe a vida física e a mental já seriamente abalada. Temos, no companheiro duplamente afetado, no corpo e na alma, um exemplo típico da ação do petardo mental disparado pelo ódio contra alguém que o recebe, em sintonia de faixa psíquica equivalente”. (531)

O escritor espiritualista Wagner Borges, divide em quatro os tipos básicos de obsessão ou assédio espiritual:

“1. Desencarnado X Encarnado: esse é o assédio clássico. Suas motivações são muito variadas, desde brigas oriundas de vidas passadas até o puro e simples vampirismo energético, verdadeiro assalto espiritual. 2. Desencarnado X Desencarnado: esse é o assédio de um espírito sobre outro no próprio plano extrafísico denso (umbral - espíritas; Gehena - judeus; Hades - gregos; inferno - católicos; plano astral inferior - Teosofia; planoextrafísico atrasado - Projeciologia). Muitas vezes, quando um dos desafetos reencarna e o outro permanece no plano extrafísico, essa obsessão passa para o nível 1 (desencarnado X encarnado).3. Encarnado X Encarnado: esse é o assédio parapsíquico de um ser humano sobre o outro. Na minha opinião, esse é o pior tipo de ataque espiritual. *No caso de um espírito, você pode exteriorizar energia e acabar com o problema. Mas, no caso de uma pessoa encarnada próxima (muitas vezes, é um parente, um colega de trabalho, ou pior, seu parceiro), não dá para afastá-la com um passe, por exemplo, ou fazendo uma prece.* 4. Encarnado X Desencarnado: esse tipo é mais raro. *É quando uma pessoa encarnada emana pensamentos e emoções, que tomam formas ideoplásticas (formas-pensamento), e seguem na direção da aura do corpo espiritual do desencarnado. Se este, por sua vez, não estiver bem no plano extrafísico, será afetado pelas ondas de energia do emitente encarnado. Obviamente que poderão ocorrer interações entre esses quatro tipos. Por exemplo, uma pessoa encarnada atacando para psiquicamente uma outra pessoa encarnada, mas contando com a ajuda de espíritos desencarnados densos. E daí por diante. Esse assunto é muito*

complexo e exige muito tempo para sua explicação adequada”.

Outrossim, a mesma dupla Manoel Philomeno e Divaldo, produziram outro livro sobre esta matéria, “Nos Bastidores da Obsessão”:

“O problema da obsessão, sob qualquer aspecto considerado, é também do próprio obsidiado.

Atormentada por evocações fixadas nas telas sensíveis do pretérito, a mente encarnada se encontra ligada à desencarnada, sofrendo, a princípio, sutis desequilíbrios que depois se assenhoreiam da organização cerebral, gerando deplorável estágio de vampirização, qual a vítima e verdugo se completam em conjugação dolorosa e prolongada.

A etiologia das obsessões é complexa e profunda, pois que se origina nos processos morais lamentáveis, em que ambos os comparsas da aflição dementante se deixaram consumir pela vibrações degenerescentes da criminalidade que passou, invariavelmente, ignorada da coletividade onde viveram como protagonistas do drama ou da tragicomédia em que se consumiram.

Reencontrando-se, porém, sob o impositivo da Lei inexorável da Divina Justiça, que estabelece esteja o verdugo jugulado à vítima, pouco importando o tempo e a indumentária que os distancia ou caracteriza, tem início o comércio mental, às vezes aos primeiros dias da concepção fetal, para crescer em comunhão acérrima no dia-a-dia da caminhada carnal, quando não precede à própria concepção.

Justapondo-se sutilmente cérebro a cérebro, mente a mente, vontade dominante sobre vontade que se deixa dominar, órgão a órgão, através do perispírito pelo qual se identifica com o encarnado, a cada cessão feita pelo hospedeiro, mais coercitiva se faz a presença do hóspede, que se transforma em parasita insidioso, estabelecendo, depois, e muitas vezes em definitivo enquanto na luta carnal, a simbiose esdrúxula, em que o poder da fixação da vontade dominadora consegue extinguir a lucidez do dominado, que se deixa apagar...

Em toda obsessão, mesmo nos casos mais simples, o encarnado conduz em si mesmo os fatores predisponentes e preponderantes - os débitos morais a resgatar - que facultam a alienação”. (532)

O espírito Joana de Ângelis, ainda pela notável mediunidade de Divaldo Franco, apresenta-nos suas observações sobre a temática:

“Paralelamente, em razão de condutas extravagantes, no campo da ética e da moral, das ações mentais e comportamentais, aqueles que se lhes fizeram vítimas, embora vivendo em outra dimensão, na esfera espiritual, sintonizam com o responsável pela sua desdita e dão curso a perseguições, ora sutis, ora violentas, no campo psíquico, e se instalam outros tipos de obsessão, essas portanto, de origem espiritual, face à presença de faculdades mediúnicas no paciente, que passa a sofrer constrangimentos mais diversos, até derrapar nos abismos da alucinação, do exotismo, das alienações mentais. Ninguém foge da própria consciência, que é o campo de batalha onde se travam as lutas da reabilitação ou os enfrentamentos da regularização de atitudes malsãs. Por isso, ainda são o controle mental e a educação do pensamento, que podem representar a eficiente terapia de prevenção de distúrbios, como a curadora para os processos de ordem espiritual, desde que alterando a faixa vibratória por onde transitam as idéias, se superiores, eleva-se, ficando indene à sintonia com os seres atrasados, e, se negativas, passando a frequentar os níveis onde se encontram e se degladiam as energias e sentimentos em constante litígio, vinculando-se a essas emissões deletérias, que terminam por afetar o organismo físico e os complexos mecanismos mentais, responsáveis pelo conjunto produtor da saúde”. (533)

Ademais, a expressão “possessão espiritual” pode nos fazer pensar em um evento incomum e excepcional. Nada mais errado: a possessão ou, como se diz mais frequentemente no Brasil, a “obsessão” é um fato até certo ponto corriqueiro. Segundo a psicóloga americana Edith Fiore, que estuda o assunto há vários anos, 70% de seus pacientes tinham algum problema ligado à possessão.

Mas não é só Edith Fiore que chegou ao índice de 70% de pacientes possessos: o escritor William Peter Blatty, autor do best seller “O Exorcista”, considera que 70% dos registros de possessão deste século, têm como origem o espírito de alguém que viveu e que agora está morto. A partir desses dados, Blatty arrebatou o Oscar de roteiro, em 1975, pela versão cinematográfica de “O Exorcista”.

O espírito André Luiz, através da psicografia de Chico Xavier, explica-nos a maneira de doutrinar um espírito obsessivo, no seu livro “Desobsessão”:

“A conversação será vazada em termos claros e lógicos, mas na base da edificação, sem qualquer toque de impaciência ou despreço ao comunicante, mesmo que haja motivos de indução ao azedume ou à hilaridade. O esclarecimento não será, todavia, longo em demasia, compreendendo-se que há determinações de horário e que outros casos requisitam atendimento. A palestra reeducativa, ressalvadas as situações excepcionais, não perdurará, assim, além de dez minutos.

Se o comunicante perturbado procura fixar-se no braseiro da revolta ou na sombra da queixa, indiferente ou recalcitrante, o diretor ou o auxiliar em serviço solicitará a cooperação dos benfeitores espirituais presentes para que o necessitado rebelde seja confiado à assistência de organizações espirituais adequadas a isso. Nesse caso, a hipnose benéfica será utilizada a fim de que o magnetismo balsamizante asserene o companheiro perturbado, amparando-se-lhe o afastamento da cela mediúnica, à maneira do enfermo desesperado da Terra a quem se administra a dose calmante, para que se ponha mais facilmente sob o tratamento preciso”. (534)

A obra mais completa sobre esta matéria, ora estudada, foi organizada pelo pesquisador espírita Adilton Pugliese, reunindo diversos textos de livros sobre o tema, num único livro “A Obsessão: Instalação e Cura”:

“Conforme o quadro da alienação, variam os recursos terapêuticos. Simultaneamente, educar-se à luz do Evangelho o paciente, insistindo junto a ele com afabilidade, pela transformação moral e criando em torno de si condições psíquicas harmônicas... Estimular-lhe o hábito da oração e da leitura edificante, ao mesmo tempo trabalhando-lhe o caráter, que se deve tornar maleável ao bem e refratário ao vício”. (535)

Na realidade, a oração sincera é a melhor defesa contra qualquer ataque obsessivo ou magia negra, porquanto eleva nossas vibrações à patamares inatingíveis pelas forças trevosas, não sendo permitida a sintonia vibratória.

O escritor espírita Djalma Argollo, pesquisou diversas técnicas de prece no seu livro “Ensina-nos a Orar”:

“Na Antiguidade, tanto oriental quanto clássica, havia o hábito de rezar em voz alta para que os deuses pudessem escutar. Além disso, utilizava-se a repetição constante, como forma de fazer chegar a oração à divindade a que se destinava, pois o deus poderia estar dormindo ou distraído com alguma coisa .

Jesus condena essa maneira de orar, pois sabe que Deus possui Onisciência, ou seja, conhecimento de tudo o que acontece no Cosmo. Inclusive no coração e na mente das pessoas.

É na mente que se dá o encontro do ser com o seu Criador. É o lugar secreto onde os dois podem permutar vibrações sublimes, e o indivíduo expõe suas necessidades e se prepara para receber o que solicitou. É na mente que se processa a transmutação da vibração usual, cotidiana, em vibração superior, de alta frequência, capaz de atingir as regiões mais sutis dos Universos Espirituais.

Deve ser óbvio o entendimento de que não se pode estar, enquanto orando, pensando em várias coisas, ao mesmo tempo, como habitualmente se faz, na costumeira indisciplina mental. A oração deve ser, enquanto está sendo proferida, a preocupação exclusiva. Toda atenção deverá estar centrada nela, para se executá-la contritamente”. (536)

Já, o mestre hindu Paramahansa Yogananda recomenda a oração em forma de “amorosas demandas”, através do livro “No Santuário da Alma”:

“Deus não é um Ser nulo e insensível. Ele é o próprio amor. Se você souber meditar para entrar em contato com Ele, ele responderá a suas amorosas demandas. Você não tem de implorar; pode exigir, como filho Dele. Prefiro a palavra “demanda” à palavra “prece”, porque a primeira não traz consigo o conceito primitivo e medieval de Deus como um rei tirano a quem nós, como mendigos, temos de adular e suplicar. A oração é a demanda da alma. Deus não nos fez mendigos; criou-nos à imagem Dele. A Bíblia e as escrituras hindus assim afirmam”. (537)

Por estar analisando orações, gostaria de esclarecer o leitor que a famosa “Oração de São Francisco”, transcrita no início da Parte - II deste livro, na realidade não foi de sua autoria, como bem explica o “teólogo da libertação”, Leonardo Boff:

“A Oração de São Francisco se universalizou a partir de sua publicação no “Observatore Romano”, órgão officioso do Vaticano,

no dia 20 de janeiro de 1916. No dia 28 de janeiro do mesmo ano foi publicada no conhecido diário católico francês *La Croix*. Era o tempo da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e por todas as partes faziam-se orações pela paz.

Por que essa Oração pela Paz passou a ser chamada de “Oração de São Francisco”? Por uma simples casualidade histórica que, no entanto, encerra um significado revelador. Pois há entre as características do Coração de Jesus e as características de São Francisco uma conaturalidade surpreendente. Não sem razão São Francisco é chamado de “O Primeiro depois do Único” ou o *Alter Christus*, o outro Cristo. Essa conaturalidade aparece, por exemplo, nos escritos de São Francisco chamados *Admoestações*, em especial na de número 27. Aí encontramos nítido o espírito da Oração pela Paz:

“Onde há amor e sabedoria não há medo nem ignorância.

Onde há paciência e humildade não há ira nem perturbação.

Onde há pobreza e alegria não há cobiça nem avareza.

Onde há paz e meditação não há desassossego nem dissipação.

Onde o temor de Deus guarda a casa, o inimigo não encontra portas.

Onde há misericórdia e discricção não há excesso nem dureza de coração”.

Aparece também na oração de um dos discípulos mais místicos e profundos de São Francisco, o beato Egídio de Assis:

“Se amares, serás amado;

Se venerares, serás venerado;

Se servires, serás servido;

Se tratares bem os outros, serás também tratado. Entretanto, Bem-aventurado aquele que ama sem ser amado,

Bem-aventurado aquele que serve sem ser servido,

Bem-aventurado aquele que trata bem a todos sem ser bem tratado”.

Eis espelhada aqui a força do amor incondicional. Ama por amar, pelo valor intrínseco do ato de amar, sem esperar qualquer retribuição. Esse é o amor que Deus tem para com seus filhos e filhas, mesmo ingratos e maus. Esse, o amor do Sagrado Coração de Jesus. Esse, o amor que incandesceu São Francisco. Esse, o amor que consome todos os místicos como São João da Cruz ou o sufi Rumi. Esse, o amor que salva eternamente qualquer pessoa, funda a paz, redime o mundo e constitui o sentido secreto do universo”. (538)

ORIGENS DA MAGIA

A magia surgiu com a tentativa dos primeiros homens em controlar as forças da natureza. As culturas antigas não faziam distinção entre magia e outras formas de entender e dominar o universo, seja ciência, religião, filosofia, poesia ou arte. A alta magia, especialmente, era um mundo independente e se baseava na crença de que o homem é um microcosmo que reflete o macrocosmo. Dessa forma, todos os elementos do mundo, pedras, plantas, planetas, metais, estrelas, estão intimamente ligados aos medos, desejos, à saúde e ao físico humano. A distinção moderna entre magia negra e branca não era conhecida no ocultismo primitivo, que tentava conhecer, sintetizar e mesmo controlar o universo. O Cristianismo medieval, por seu lado, acreditava que a magia, por envolver espíritos desconhecidos, desafiar Deus e tentar controlar o universo é sempre perigosa e má. A magia teve em sua base o conhecimento astrológico e numerológico dos babilônios, as especulações filosóficas de Pitágoras e dos primeiros pensadores gregos e as tradições persas. Mais tarde, a isso se juntaram as tradições judaico-cristãs.

Segundo a teosofista Helena P. Blawatsky, no seu livro “Síntese da Doutrina Secreta”, a sublime profundidade dos preceitos mágicos é, transcendentalmente, superior às modernas idéias materialistas:

“As coisas mudaram; os campos de investigação se dilataram muito nos últimos anos. As religiões antigas são melhor compreendidas, graças às descobertas arqueológicas que vieram iluminar muitos recantos escuros da história. Na primeira década do século XIX, a Igreja e a Ciência estudaram a filosofia hermética sob dois aspectos completamente opostos. A igreja disse que era pecaminosa e diabólica; a Ciência negou-as em absoluto, não obstante as provas evidentes apresentadas pelos sábios de todas as épocas, inclusive a atual. Nem sequer deram atenção ao erudito P. Kircher, e riram da afirmação de que os fragmentos das obras chamadas de Hermes Trismegisto, Beroso, Ferécides de Siros, etc., eram pergaminhos salvos do incêndio da grande Biblioteca de Alexandria, fundada por Ptolomeu Filadelfo e, na qual, segundo Josefo e Estrabão, havia 100.000 volumes, sem contar outras tantas cópias de manuscritos de antigos pergaminhos caldeus, fenícios e persas. Temos a evidência adicional de Clemente de Alexandria, que devia merecer algum crédito, o qual cita os 42 livros sagrados dos egípcios existentes em sua época e que eram uma parte dos livros

de Hermes.

No entanto, nenhum arqueólogo duvida da antiguidade quase incrível dos livros herméticos; Champollion de sua autenticidade e veracidade, corroborados por monumentos antiquíssimos, e Bunsen, dão provas irrefutáveis da época em que se compuseram. Agora se vão descobrindo os textos de vários livros antigos, inclusive o de Enoch, nos mais recônditos santuários da Caldéia, Índia, Fenícia, Egito e Ásia Central. Tais provas não bastaram para convencer a maior parte dos materialistas modernos, pela simples e evidente razão de que estes venerandos textos da antiguidade, descobertos nas bibliotecas secretas dos grandes templos e estudados por estadistas, juriconsultos, filósofos, sábios, eram pura e simplesmente, livros de magia e ocultismo, ou seja, a caluniada e escarnecida Teosofia. Daí ostracismo.

Tão mentecaptos eram os milhões de habitantes da Assíria, Egito, Índia e Grécia, com seus grandes sábios à frente que, durante os períodos da civilização e cultura anteriores ao ano um de nossa era, dedicaram a sua vida à ilusória superstição chamada magia? Qual a origem das Ciências Ocultas e da magia?

Quais foram seus Mestres? Que sabemos deles?

Segundo Clemente de Alexandria, “Se há Doutrina, devemos buscar o Mestre.” Acrescenta que Cleanto foi discípulo de Zenon; Teofrasto, de Aristóteles; Metrodoro, de Epicuro; Platão, de Sócrates etc., e Pitágoras, Ferécides e Tales tiveram seus mestres respectivos. O mesmo deve supor-se dos povos antigos que devem ter tido seus Instrutores. Porém, Clemente vai além, dizendo: “ao chegar à altura do anjos em suas diversas hierarquias, cabe repetir a mesma pergunta: ‘quem foi seu Mestre?’” (Stromateis).

Por fim, Clemente acaba por assinalar os dois primitivos Mestres que, como podia presumir-se, são, segundo ele, Deus e seu adversário, o Diabo, tratando de relacionar isto com o aspecto dual da filosofia hermética.

O testemunho de Clemente é precioso, porque assinala um número enorme de obras de Ocultismo existentes em seu tempo e, além disso, os pasmosos poderes que, por meio das ciências ocultas, chegaram a possuir certos homens”. (539)

A magia sempre existiu. Ela foi a primeira manifestação da razão humana, da qual todas as outras atividades de cultura, religião, técnica, ciência e arte são em grande parte originárias. A magia é, assim, essencialmente antropocêntrica e não cosmocêntrica. A frase “O homem é a medida de todas as coisas” resume esta realidade. O seu objeto precípua, ou mesmo

exclusivo, é o conhecimento do homem integral.

O escritor João Ribeiro Júnior, analisando os livros herméticos conclui que o homem faz parte do todo, pois se sente em união com todas as coisas, quando despertado pela magia:

“Ensina o misterioso livro Corpus Hermeticum: “Eleva-te acima de qualquer altura; desce mais fundo que qualquer profundidade; concentra em ti todas as sensações das coisas criadas: da Água, do Fogo, do Seco e do Úmido. Pensa que te encontras simultaneamente em toda a parte: na Terra, no mar e no céu. Pensa que não nascestes nunca, que és ainda embrião, jovem e velho, morto e para além da morte. Compreende tudo ao mesmo tempo - os tempos, os lugares, as coisas, as qualidades e as quantidades”. O Corpus Hermeticum, que reúne os textos atribuídos a Hermes Trismegisto, deve ser enquadrado no seguinte contexto: o homem não é um indivíduo solitário, mas parte dum todo, tal como a sua estrela própria não é mais que um elo do grande mecanismo celeste”. (540)

A magia, de acordo com Papus, difere da ciência oculta porque é uma ciência prática, enquanto o ocultismo é apenas teórico. Papus lembra, no entanto, que praticar magia sem conhecer ocultismo é o mesmo que tentar dirigir uma locomotiva sem antes passar por um rigoroso treinamento, consoante o seu “Tratado Elementar de Magia Prática:

“Um dos grandes méritos da ciência oculta é justamente de ter determinado e fixado este ponto: que o espírito não pode agir sobre a matéria diretamente; ele age sobre um intermediário, o qual, por sua vez, reage sobre a matéria. O operador deverá, pois, aplicar sua vontade não diretamente à matéria, porém ao que a modifica incessantemente, ao que, em ciência oculta, chama-se o plano de formação do mundo material, o plano astral. A Magia é a aplicação da vontade humana dinamizada, à evolução rápida das forças vivas da Natureza”. (541)

Assim, o famoso mago Eliphas Levi, explica o método de enfeitiçamento cerimonial, no seu livro “Dogma e Ritual de Alta Magia”:

“O método dos enfeitiçamentos cerimoniais varia conforme os tempos e as pessoas, e todos os homens artificiosos e dominadores

acham em si mesmos seus segredos e sua prática, sem mesmo os calcular exatamente e raciocinar sobre a sua continuidade. Seguem, nesse ponto, as inspirações instintivas do grande agente, que se assimila maravilhosamente, como já dissemos, aos nossos vícios e às nossas virtudes; mas pode-se dizer que, geralmente, estamos submetidos às vontades dos outros pelas analogias das nossas inclinações e, principalmente, dos nossos defeitos. Acariciar as fraquezas de uma individualidade é apoderar-se dela e fazer um instrumento na ordem dos mesmos erros e das mesmas depravações. Ora, quando duas naturezas análogas em defeito se subordinam uma à outra, opera-se uma espécie de substituição do mais forte ao mais fraco; é uma verdadeira obsessão de um espírito por outro. Muitas vezes, o fraco se debate e quereria revoltar-se, depois cai mais embaixo na escravidão”. (542)

O cientista Albert de Rochas constatou que a “feitiçaria” é uma prática ancestral, praticada por todos os povos, exemplificando alguns casos no seu livro “A Feitiçaria”:

“O Padre Charlevoix visitou a América Central no começo do século XVIII. Conta que os Illinois fazem pequenas figurinhas para representar aqueles cujos dias querem abreviar, e que lhes atravessam o coração. Um outro missionário, o Padre Garcia, achou um costume análogo nas Ilhas Marquesas. O feiticeiro toma a vossa saliva e, envolvendo-a numa folha de árvore, que conserva consigo, torna-se senhor de vosso corpo e de vosso espírito.

O Padre Léon-Marie Guerrin, sub-procurador da Grande Chartreuse, respondendo a uma pergunta que eu havia apresentado à Intermediarie des Cherceurs et des Curieux, escreve isto:

Durante os três anos (1864 a 1867) que passei na China, em Kouai-thao, província de Cantão, muitas vezes ouvi velhos cristãos falar em processos consistentes em fazer morrer pessoas à distância, por meio de figurinhas de barro, de pequeníssimas dimensões (ordinariamente representando porcos), que são colocadas nos túmulos ou nas casas, depois que as figurinhas receberam uma espécie de bênção da parte dos bonzos.

O Sr. Leclère, num artigo da Revue Scientifique sobre a Feitiçaria entre os Cambodjanos (2 de fevereiro de 1895), assim se exprime: “Dizem que há feiticeiros que sabem fabricar rups, ou estatuetas de cera, que chamam pelo nome da pessoa que querem ferir ou matar, desde que a atravessam com uma faca, pronunciando palavras mágicas. Então, contaram-me, a pessoa representada pela estátua é ferida ou morta, no próprio instante em que a estatueta é atravessada pelo feiticeiro.

Outros fazem uma estatueta de cera, dão-lhe nome, depois a colocam num lugar atingido pelos raios de sol. Então, à medida que se alteram os traços da estátua, altera-se a saúde da pessoa por ela representada e da qual recebeu o nome. Quando a estátua se extingue, a pessoa morre.”

O Sr. Errington de la Croiz contou-me que costumes idênticos existiam na Malásia. Eis ainda alguns fatos relatados por outros viajantes.

*Entre os polinésios, para fazer mal a um inimigo, obtinham qualquer coisa que lhe tivesse pertencido, uma mecha de cabelos, um pedaço da roupa, um pouco de seus alimentos, etc.; sobre tais objetos recitavam certas fórmulas, depois os enterravam. (Tylor, *New Zealand and its inhabitants*).*

Para o australiano é coisa séria dar parte de sua cabeleira. Ele crê que todo homem que possua uma mecha de seus cabelos tem o poder de o matar; e citam-se casos em que a pessoa, que se julgava enfeitiçada por esse meio, durante meses perseguiu o seu imaginário perseguidor, até atingi-lo e matá-lo. (Tour du Monde. 1889, T. 92)” (543)

Também, no Antigo Testamento há referências a bruxas e bruxarias. A bruxaria é a utilização de supostos poderes mágicos, tanto para prejudicar pessoas quanto para tirá-las de situações indesejáveis. É engano se imaginar que as bruxarias são típicas de sociedades tribais, porque entre os séculos XV e XVIII os especialistas no assunto já olhavam a bruxaria como um extremamente antigo culto religioso, remontando a tempos pré-cristãos, em muitas partes da Europa. As tentativas da Igreja de erradicar a bruxaria se revelaram inúteis. No entanto, a perseguição, a caça às bruxas pela Igreja, aconteceu na França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Escócia e Espanha.

Consoante alguns historiadores, de 1484 a 1782, a Igreja Católica condenou à morte 300 mil mulheres acusadas de praticarem bruxarias. As vítimas eram torturadas de modo tão cruel que muitas confessavam logo serem bruxas, a fim de se livrarem, através da morte, das atrocidades.

Inclusive, para os norte-americanos, que vivem a sociedade mais avançada do ponto de vista tecnológico, a bruxaria não se constitui em nenhuma novidade. A crença nas bruxas foi levada da Inglaterra para o Novo Mundo, por colonos, e as perseguições aconteceram em Connecticut, Massachusetts e Virginia.

A mais famosa caça às bruxas da história norte-americana ocorreu em Salem, Massachusetts. Um pregador colonial, Cotton Mather, instigou o povo contra as bruxas e, em 1692, os colonos de Massachusetts executaram 20 pessoas como bruxas e prenderam outras 150. Como podemos constatar, nos EUA as bruxarias não se limitam aos índios *hopis* e *navajos* do Sudoeste. E, no mundo atual, não se circunscrevem aos *maoris* da Nova Zelândia e muitas outras tribos do Sul da África.

Nas Antilhas, as bruxarias se manifestam em forma de “vudu”. Hoje, em plena virada do milênio, a bruxaria é amplamente popular tanto na Europa quanto na América do Norte.

A peça de Arthur Miller, fazendo a analogia desse episódio com a histeria anticomunista, que havia assolado os Estados Unidos, na década de 40, estreou em Nova Iorque, em janeiro de 1953, tendo recebido vários prêmios.

Segundo estudo do pesquisador Edward Knappman, no seu livro “Great American Trials” (Julgamentos Americanos Famosos):

“Única “caça às bruxas” americana, assemelha-se às ocorridas na Europa durante os séculos anteriores, deu-se em um tempo de desconforto político. Mas foi atípica por ser localizada e comparativamente breve. Contudo, a “caça às bruxas” permanece singular na imaginação dos americanos no seu efeito de ter contribuído como tentativa histórica de desvendar as razões desse assustador exemplo de insegurança pelo medo e histeria.” (544)

O Prof. John Gilissen situou o início destes julgamentos eclesiásticos da “Santa Inquisição”, no seu livro “Introdução Histórica ao Direito”:

“Na luta contra a heresia albigense, o Papa Gregório IX criou em 1232 um tribunal de exceção, o Santo Ofício, confiado aos Dominicanos. Chamado em geral - injustamente - a Inquisição, este tribunal desempenhou um papel importante - nefasto - durante vários séculos. Os tribunais eclesiásticos aplicaram em matéria civil um processo escrito, amplamente inspirado pelo processo em direito romano.” (545)

Temos notícia de que as Inquisições mais cruéis foram as da França e da Espanha, nas quais os acusados não tinham direito a julgamento. Nessas regiões, se o Estado não aplicasse os castigos apropriados, os responsáveis pelas punições tinham que enfrentar a ira da Inquisição.

OS CAMINHOS DO MAGO

As forças ocultas vivem um momento de transformação, no sentido de serem descobertas e acessíveis a todos, tendo a imprensa divulgado, recentemente, que: A mãe-de-santo Ilka da Silva, baiana, de Nazaré das Farinhas, porém com um terreiro em Belo Horizonte e, hoje, vivendo na mais famosa cidade dos Estados Unidos, Nova Iorque, foi contratada por um diretor da Bolsa de Valores para fazer “um trabalho” em pleno pregão, onde lançou uma poção mágica destinada a melhorar os negócios. Mas sua ação não se limita a atender aos norte-americanos. Entre os seus clientes está um magnata japonês e dizem que o seu banco melhorou na captação de clientes depois que a mãe-de-santo baiana fez um trabalho destinado a afugentar os azares.

O mago Paulo Coelho narrou suas aventuras iniciáticas no “Diário de um Mago”, percorrendo o “Caminho de Santiago”, considerado o caminho do poder, como forma de resgatar os seus sonhos:

“O Bom Combate é aquele que é travado em nome de nossos sonhos. Quando eles explodem em nós com todo o seu vigor - na juventude - nós temos muita coragem mais ainda não aprendemos a lutar. Depois de muito esforço, terminamos aprendendo a lutar, e então já não temos a mesma coragem para combater. Por causa disto, nos voltamos contra nós e combatemos a nós mesmos, e passamos a ser nosso pior inimigo...”

O primeiro sintoma de que estamos matando nossos sonhos é a falta de tempo - continuou Petrus. - As pessoas mais ocupadas que conheci na minha vida sempre tinham tempo para tudo. As que nada faziam estavam sempre cansadas, não davam conta do pouco trabalho que precisavam realizar, e se queixavam constantemente que o dia era curto demais. Na verdade, elas tinham medo de combater o Bom Combate.” (106)

Anna Sharp, no seu livro “A Magia do Caminho Real”, nos descreve-nos suas descobertas mágicas no mesmo caminho de Santiago:

“Estudei o mapa e vi que faltavam setecentos quilômetros até Santiago; a próxima cidade se chamava Fromista, onde pretendia chegar e ficar incógnita uns quinze dias.

Me senti presa, dentro de uma armadilha criada por mim mesma. O desejo era de voltar para casa tranquilamente, mas a vaidade e o orgulho não permitiam... Chorei rendida. Fui vencida... ninguém precisa saber, mas EU sei que fui vencida, não só pelo Caminho, mas principalmente pela vaidade que não me permite fazer o que quero: voltar para casa.

De repente me lembrei de Paulo, de sua conversa ridícula sobre encontros com demônios e anjos pelo Caminho...

Olhei receosa à minha volta sentindo uma tênue presença, talvez criada pela minha imaginação...

Ao colocar o chapéu de abas largas, observei um passarinho que dava voltas no ar... Olhei extasiada para o primeiro sinal de vida que via em muitas horas. Subitamente, aproximou-se e pousou na mochila vermelha já em meus ombros. Parei de respirar, estarrecida. Fiquei imóvel durante o que me pareceu uma eternidade. Muito lentamente, fui virando a cabeça para não assustá-lo, enquanto o ouvia cantar; a cada segundo que passava, uma certeza louca penetrava em meu coração: é o sinal... é o Universo me respondendo e falando comigo, é meu Amigo que finalmente me ouviu...!

O planeta emanava sacralidade. Me senti plena e integrada ao Todo... parte incontestável do Todo!” (546)

O famoso escritor Carlos Castaneda também trilhou o caminho dos índios feiticeiros mexicanos, ao lado de Don Juan:

“E é o brujo Don Juan quem afirma categoricamente que existe mais coisas que o olho pode perceber. Não necessitamos de ninguém para ensinar-nos feitiçaria, porque realmente não há nada a aprender. O que necessitamos é de um professor para nos convencer de que há um poder incalculável ao alcance de nossos dedos. Que paradoxo estranho! Cada guerreiro na trilha do conhecimento pensa, num momento ou outro, que está aprendendo feitiçaria, mas tudo que está fazendo é permitir a si mesmo ser convencido do poder oculto em seu ser, e que pode alcançá-lo.” (547)

Da mesma forma, o escritor Deepak Chopra recomenda trilharmos “O Caminho do Mago”, para criarmos a vida que desejamos:

“Os buscadores nunca se perdem, porque o espírito está sempre acenando para eles. Os buscadores recebem continuamente pistas do mundo do espírito. As pessoas comuns chamam essas pistas de coincidências. Não existem coincidências para o mago. Cada evento existe para expor outra camada da alma. O espírito deseja conhecê-lo. Para aceitar esse convite, você precisa deixar cair suas defesas.

Comece a procurar em seu coração.

A gruta do coração é o lar da verdade.” (548)

Os livros mais modernos de magia ressaltam a força de vontade, como elemento básico de materialização dos nossos sonhos ou desejos; sendo este mecanismo denominado de “Magia Mental” por Vernom Howard, que recomenda a prática em grupo para dinamizar o processo:

“O leitor pode tornar-se valioso na comunidade, promovendo a Reunião de Magia Mental própria. Organizá-la, representa papel proveitoso, como um dos seus membros... Comece informando aos amigos, conhecidos e associados a respeito da Reunião de Magia Mental. Pode formar o grupo em torno de membros do clube, da igreja ou da organização da comunidade. Qualquer maneira de começar serve. Lembre-se, acima de tudo, que todos se interessam pelo melhoramento próprio! Um grupo de estudos pode reunir-se na residência de qualquer dos membros, em anexos de igrejas, em qualquer lugar onde for mais conveniente para a situação em causa. No trabalho do autor, em Los Angeles verificamos que os melhores resultados provêm de grupos de mais ou menos doze pessoas, que se encontram uma vez por semana, na casa de cada um. Começando a aparecer resultado no grupo, o entusiasmo crescente pode conduzir à escolha de acomodações mais amplas!”
(549)

Para atrairmos energias e vibrações positivas, devemos também, pensar positivo, com uma completa recomposição do tipo de pensamento negativo até então empregado. Conforme o notável filósofo William James sugeriu: “A maior descoberta da minha geração é a de que os seres humanos podem alterar suas vidas alterando suas atitudes mentais.” Assim, o princípio do

pensamento positivo é o processo vital de alteração mental e espiritual pelo qual o indivíduo muda de um conceito de autolimitação para o de automelhoramento, da deterioração para o crescimento, do fracasso para a realização.

O pesquisador Richard Moss analisou o poder mágico destas visualizações e emanações de energias superiores:

“Hoje em dia há muita experiência envolvendo energias grupais focalizadas surgindo pelo planeta. Em um ashram que visitei na Índia, o guru transfere energia para um indivíduo num ritual aberto, enquanto centenas de discípulos focalizam, simultaneamente, suas atenções sobre ele. O efeito sobre aquele que recebe a energia pode ser bem dramático. A imposição de mãos por círculos que catalisam sua platéia e convidam as pessoas a se curarem, também estão se valendo do processo de energia superior.

Em todas essas formas, as pessoas atribuem poder mágico ao indivíduo que focaliza o processo, e muitos acreditam que tiveram um pequeno contato com Deus, o qual, de algum modo, acaba sendo deles em particular.” (550)

A MAGIA NO CANDOMBLÉ E NA UMBANDA

A influência do Candomblé, fundado na Bahia por negros africanos Gêges e Nagôs (Sudaneses), fez-se sentir no Rio de Janeiro, principalmente, após a libertação dos escravos, em 1888, quando aumentou a migração de nordestinos para a antiga capital do País. Na Bahia, observamos uma hegemonia dos grupos sudaneses sobre os bantos (Kikongo-Angola). Mas, no Rio, as duas tradições se amalgamaram. O encontro harmônico das duas religiões de diferentes grupos - Candomblé (sudanês) e Macumba (banto) - aparece claramente na Umbanda, que surgiu como uma religião brasileira e ecumênica.

Salientamos, que, na Umbanda, existe tanto o ponto cantado como o ponto riscado. Os pontos podem ser entendidos como formas de invocação: musicais (pontos cantados) e gráficas (pontos riscados). O ponto cantado e o ponto riscado são uma tradição da cultura Kikongo/Angola, trazida pelos negros bantos. No Rio de Janeiro, no começo do século, os diversos rituais dos grupos bantos foram chamados, genericamente de Macumba.

Ademais, o trabalho ou “ebó” oferecido para Exu é uma prática comum tanto no Candomblé como na Umbanda, onde é popularmente conhecido como “despacho”. De acordo com a Umbanda, a encruzilhada em forma de “X” ou de cruz é considerada Encruzilhada Macho e portanto é de Exu; já a em forma de “T” é fêmea e pertence à Pomba Gira.

O trabalho de Exu verdadeiro, não de espíritos zombeteiros que usam o nome de Exu - é estabelecer a ordem e disciplina guiado pelos “Guardiões da Lei”. É uma espécie de polícia do plano astral, responsável por impedir que o bando de espíritos zombeteiros dominem os lugares públicos e avancem contra as instituições, que fazem o bem e a caridade. Ele é responsável por impedir que, os lugares das moradas dos homens, sejam infestados pelos salteadores e irresponsáveis.

O pesquisador José Beniste explica a magia do “Àse” do Candomblé, no seu livro “Orum Ayé”:

“Todo culto até aqui citado tem sua significação pela crença nas forças divinas e na capacidade de elas darem o Àse, elemento essencial para a existência de um Candomblé e de tudo que nele existe e venha a existir. Para que o Àse se produza, é feita uma série de preceitos, que se utilizam de símbolos e palavras que expressam o desejo a ser obtido. No culto ao órisa, tanto a religião - ésin - quanto a magia - idan - são empregadas para atingir este objetivo. São tão interligadas que se torna difícil dizer quando uma invade o domínio da outra. Na realidade, uma iyálórisà é uma espécie de cientista, na medida em que procura descobrir (jogo de búzios) e aplicar (ebó) as leis do universo.” (51)

Por outro lado, o especialista em Umbanda, Rubens Saraceni analisa a prática da magia, no seu livro “O Código de Umbanda”:

“Comentar os poderes mágicos individuais, é mostrar a todos em geral e a cada um em particular, que todos nós somos portadores de “dons”, que nos tornarão aptos a ativar processos mágicos positivos em favor dos nossos semelhantes, bastando para tanto, que nos coloquemos em uma vibração e grau consciencial afim com os regentes dos dons. Um médium ao colocar o nome de alguém

junto à imagem simbólica de um orixá sagrado, já está realizando a ativação dos poderes daquele orixá, pois sua fé o moveu. Este é o princípio da magia!

Mas quando, sob a proteção de algum dos seus guias espirituais, realiza uma descarga à base da queima de pólvora, um ato mágico também está sendo realizado. Quando vai à beira-mar, ao cemitério ou a uma cachoeira, locais mágicos por excelência, onde, fazendo uma oferenda invocatória a um orixá, pede o auxílio dele para “descarregar” um consulente perturbado por seres negativos, também está realizando um ato de ativação de um processo mágico, pois os orixás são processos mágicos em si mesmos, por excelência e atribuições divinas.” (392)

Em entrevista que fiz com o Babalorixá baiano, Roland Pacheco dos Santos, com experiência de mais de 20 anos nesta função, tendo fundado a “Colônia dos Pretos Velhos”, obtive alguns esclarecimentos importantes sobre magia.

A magia branca é somente praticada na Umbanda (utilizando-se animais brancos e pomba branca), ao passo que a magia negra é feita na Quimbanda (usando galos ou bodes pretos, cachaça, azeite de dendê, etc.). É através do jogo do ifá (búzios), que o Babalorixá (pai-de-santo) recebe a orientação dos seus mentores espirituais de como fazer a “limpeza de Egum”, ou seja, o afastamento do obsessor da sua vítima.

Às vezes, o despacho, com as oferendas, é deixado na corrente do rio, outras vezes, no mar; podendo serem utilizadas ervas especiais para um banho de “descarrego” ou “defumador”, como se fosse incenso, enquanto “reza a pessoa”.

Entretanto, em casos mais graves, quando é um espírito obsessor que deseja o sangue da vítima, geralmente, “contratado” para matá-la por magia negra, o contra-ataque deve ser mais pesado, utilizando rituais também com sangue de bode, além de “espíritos guerreiros”, invocados para neutralizar o trabalho contra o seu cliente.

Ainda, segundo Roland, o verdadeiro Babalorixá não faz nada de mal, inclusive não cobra o serviço, apenas deixando o cliente levar o material para o despacho; lembrando que o

mago negro ao desencarnar irá responder por suas atividades maléficas, devendo ser “assentado” ou aprisionado como Exu de algum terreiro de magia negra ou no umbral. Outrossim, o escritor Lourenço Braga esclarece outros métodos de limpeza no seu livro “Umbanda e Quimbanda”:

“Muito embora o espírito não seja mosquito para ser afastado com fumaça, admite-se o uso de defumador pelo aroma que desprendem as ervas queimadas, cujo cheiro exerce grande ação sobre os sentidos das pessoas. Os banhos de mar e de cachoeira são usados como descarga de fluídos, que se acharem impregnados nas criaturas; servem, também, para fortalecer os médiuns e as pessoas que se acharem obsediadas e para fortalecer as guias, colares ou rosários. O banho de ervas é sabido que tem ação terapêutica, sendo que arruda, o guiné, o sal grosso e o fumo, além disso, exercem ação desimpregnatizante sobre o paciente. Usam-se o “paratí”, os “charutos” e os “cachimbos” com fumo de rôlo, como presentes nas encruzilhadas, ao povo delas, para que não mais atormentem determinada criatura a quem eles se achavam atormentando ou mesmo nos trabalhos que se fazem utilizando-se desses espíritos (exus) para a prática do bem.” (551)

Segundo a pesquisadora Maria Helena Farelei, os banhos de defesa e de proteção, para casos de demanda, de desmanchar feitiços, podem ser tomados por todos, sem qualquer perigo:

“Indicarei um banho comum aos candomblés, que servirá para ajudar aos que estiverem em dificuldades: alho macho (raiz e folhas); salsão, guiné-pipi, abre caminho, arruda macho e fêmea, espada de São Jorge, sal grosso... Esta receita colhi no “Gantois” e transmito a todos amorosamente.” (552)

Apenas como uma curiosidade extraída de uma “Almanaque Mágico”, vamos transcrever abaixo a receita de um tônico mágico revigorante:

“Este tônico originário da Europa Ocidental é usado para aumentar a vitalidade e o vigor físico. Acredita-se que é oriundo da sabedoria antiga, misturando práticas pagãs e conhecimentos populares. Resulta da mistura de vinagre de maçã (associado aos conceitos de purificação) e do mel de abelhas (aumento da imunidade, da sexualidade e do vigor físico)

Receita-se tomar 1/2 de xícara desta mistura, diariamente, puro ou misturado com água ou chá. (553)

MAGIA NEGRA É CRIME?

Praticada desde os tempos medievais, a magia negra usa um conhecimento sobrenatural para chegar a fins maléficis. É a invocação de poderes infernais obedientes à vontade do homem, a perversão da ciência mística do iniciado. Em muitos sentidos, a magia negra é a perpetuação de rituais pagãos. Na Idade Média, antigos deuses foram transformados em demônios e seus adoradores considerados seguidores do mal. A magia negra é considerada crime, desde o “Código de Hamurabi”, da antiga Babilônia:

“§ 2 - Se um awilum lançou contra um (outro) awilum (uma acusação de) feitiçaria mas não pode comprovar: aquele contra quem foi lançada (a acusação de) feitiçaria irá ao rio e mergulhará no rio. Se o rio o dominar, seu acusador tomará para si sua casa. Se o rio purificar aquele awilum e ele sai ileso: aquele que lançou sobre ele (a acusação de) feitiçaria será morto e o que mergulhou no rio tomará para si a casa de seu acusador. (Este parágrafo trata de uma acusação de feitiçaria. A magia negra era temida, pois o homem do Oriente antigo atribuía-lhe forças capazes de prejudicar suas vítimas)” (420)

Inclusive, o Livro V das Ordenações Filipinas, do Reino de Felipe II, de Portugal, em 11.01.1603, estatuto que vigorou no Brasil-Colônia, por mais de 200 anos, dedica todo o seu título Terceiro a enquadrar como crime, certas práticas utilizadas como “magia negra”, para prejudicar ou causar malefícios aos seus súditos; sendo punidas essas feitiçarias com a pena de execução, açoite público ou degredo, acrescido da multa pecuniária, a depender do mal alcançado. Examinando o texto das “Ordenações - Título V”, escrito em português arcaico, verifica-se, facilmente, que é uma lei explicativa, cuja principal preocupação é punir a feitiçaria:

“Stabelecemos que toda pessoa, de qualquer qualidade e condição que seja, quer de Lugar Sagrado ou não sagrado, tomar pedra de Ara, ou Corporaes, cada huma destas cousas, ou qualquer outra cousa Sagrada, para fazer com ella alguma feitiçaria, morra morte natural.

“1. É isso mesmo, qualquer pessoa, que em círculo, ou fóra delle, ou em encruzilhada invocar spiritos diabolicos, ou der a

alguma pessoa a comer, ou a beber qualquer coisa para querer bem, ou mal a outrem a elle, morra por isso morte natural. Porém em estes dous casos, primeiro que se faça execução, no-lo farão saber, para vermos a qualidade da pessoa, e modo, em que taes cousas, fizerão, e sobre isso mandarmos o que se deve fazer.

“2. Outrossi não seja alguma pessoa ousada, que para advinhar lance sortes, nem varas para achar thesouro, nem veja em agoa, crystal, spelho, spada, ou em outra qualquer coisa luzente, nem em spadoa de carneiro, nem faça para advinhar figuras, nem trabalhe de advinhar em cabeça de homem morto, ou de qualquer alimaria, nem traga consigo dente, nem baraço de enforcado, nem membro de homem morto, nem faça com cada huma das ditas cousas, nem com outra (posto que aqui não seja nomeada) specie alguma de feitiçaria, ou para advinhar, ou para fazer dano a alguma pessoa, ou fazenda, nem faça cousa, per que huma pessoa queira bem, ou mal a outra, nem para legar homem, nem mulher para não poderem haver ajuntamento carnal. E qualquer, que as ditas cousas, ou cada huma dellas fizer, seja publicamente açoutado com baraço e pregão pela Villa, ou lugar, onde tal crime acontecer, e mais seja degradado para sempre para o Brasil, e pagará três mil réis para quem o acusar.

“3. E por quanto entre a gente rustica se usão muitas abusões, assi como passarem doentes por silvão, ou machieiro, ou lameira virgem, e assi usão benzer com spada, que matou homem, ou que passe o Douro e Minho tres vezes...”

A Prof^a. de Direito Penal da Faculdade de Direito da Bahia, Izadora Durval Peixoto, no seu livro “Superstição e Crime no Brasil”, teceu sua análise sobre esta matéria:

“Nessa legislação, um título inteiro é dedicado a uma superstição, calcada na filosofia mística do próprio código. É o título terceiro em epígrafe: “Dos feiticeiros”. A crença na eficácia das práticas mágicas, aliada à intolerância religiosa, levou o legislador avoengo a incluir várias dessas práticas entre os ilícitos nela previstos e a puni-las severamente.

Na verdade, as Ordenações refletiam o pensamento de uma época, em que ainda se acreditava na possibilidade de existir pessoas capazes de manipular o destino de outras, de modificar-lhes os sentimentos, de acarretar-lhes benefícios ou prejuízos, produzir-lhes danos às coisas, enfim, de forjar sua felicidade ou infelicidade. Por causa dessas crenças, puniam-se as criaturas julgadas sabedoras de tal arte, pensando-se, com isso, paralisar malefícios delas advindos, protegendo-se, assim, os súditos de El-Rey...

Para a arte da feitiçaria, propriamente dita, o legislador atribuiu duas penas: a morte natural ou o açoite público mais o degredo e a multa.

Punia com a morte natural, as feitiçarias que envolviam objetos sagrados e aquelas servidas como alimento às pretendidas vítimas. O respeito e veneração que se devora às coisas religiosas e a maior nocividade dos feitiços diretos, a empregar, muitas vezes, substâncias venenosas, justificava, a severidade dessa sanção... No diploma legal de 16.12.1830, não percebemos manifestações supersticiosas, em que pese, no plano místico entre as ofensas contra a religião, incriminasse o culto público de religião que não a católica, a oficial do Estado...

Em 10.11.1927, O Diário Oficial publicou a parte Geral e Exposição de Motivos do Projeto de Virgílio Sá Pereira, revisto e complementado pelo autor em 23 de dezembro do ano seguinte. Esse projeto, apreciado em 1930 por comissões da Câmara dos Deputados, e por elas revisto em 1935, estabelecia entre as contravenções em espécie, no art. 527: “Aquele que, como profissão ou meio de vida ou para fazer jus a recompensa, explorar a credulidade pública:

- 1. com sortilégios, feitiços, bruxarias e práticas da chamada magia negra;*
- 2. com filtros ou elixires misteriosos;*
- 3. com a revelação do passado, a predição do futuro, a exploração dos sonhos, a localização de tesouros ocultos, ou evocando os espíritos, ou tirando cartas: será punido com multa, e na reincidência com detenção até 20 dias e multa.*

Nas mesmas penas estará incurso aquele que publicamente se oferecer a, mediante paga, direta ou indireta, prestar-se a tais práticas.” (554)

Como vemos o legislador tentou reintroduzir no Código Penal os dispositivos contra a prática da magia negra, que não foram adotados na atual lei criminal, que ainda é de 1940; entretanto, entendo ser procedente esta idéia, em razão dos inúmeros malefícios causados à saúde da população em geral, esta prática da magia negra; fato este que tenho comprovado, pessoalmente, no atendimento de diversas pessoas no “Santuário Luz e Vida”, bem como ratificado pelos mestres espirituais, nas entrevistas do “Apêndice” deste livro, sendo narrado a seguir um caso prático.

CASO PRÁTICO - COMO COMBATER O FEITIÇO

O caso, a seguir, narrado é totalmente verídico e, aconteceu em meados de agosto de 1997, apenas os nomes das pessoas envolvidas foram modificados. Tudo começou com uma consulta, no meu escritório, à Sr^a Maria que desejava se separar do marido João, após 19 anos de casamento, e gostaria de saber sobre seus direitos à meação de bens, o percentual de pensão alimentícia dos dois filhos e os aspectos do processo judicial.

O motivo da separação seria sua descoberta que o marido tinha uma amante, de nome Rita, há mais de um ano, estando abalada emocionalmente, pois tinha discutido com o marido e ele não abandonaria a amante, nem aceitaria a separação.

Após orientá-la, juridicamente, ensinei algumas técnicas de relaxamento para que, através da serenidade, pudesse encontrar um meio de dialogar com seu marido, buscando uma separação consensual.

Depois de uma semana, no dia 19.08.97, ela retornou ao meu escritório, visivelmente abalada e angustiada, relatando-me que seus problemas se agravaram, de forma incontornável, durante o período em que João abandonou o lar, e com a confirmação que tinha se mudado para a casa da sua amante Rita, que através de uma ligação telefônica, para a sua empresa, informou-lhe que estaria grávida do seu marido (o que era mentira) .

Ainda abalada com a notícia recebida, tendo como testemunha do referido telefonema o seu próprio marido, que se encontrava na sua microempresa, deixou o trabalho, por volta das 18 horas, em direção ao seu lar, quando recebeu, pelo telefone celular, uma estranha ligação do seu marido, perguntando onde ela estaria e pedindo-lhe que parasse o carro numa determinada farmácia, para comprar-lhe dois coletores para exame. Ao retornar da referida farmácia, e adentrar o seu veículo, ali estacionado, foi surpreendida com a invasão do seu carro, por uma mulher mascarada e portando um facão, ameaçando-lhe a vida e fazendo-lhe cheirar e ingerir uma droga, espancando-a de forma violenta, dentro do carro. Meio atordoada com a substância aspirada, e com o espancamento, foi jogada para o lado do carona, assumindo a direção a mulher mascarada, que logo se identificou como Rita, a amante do seu marido, informando-lhe que iria

levá-la para Feira de Santana, cidade próxima a Salvador, para conhecer a miséria em que vivia, antes de conhecer seu marido João, que passou a sustentá-la num apartamento e levá-la a viagens de negócios para o sul do País, etc.

Dirigindo em alta velocidade e ameaçando-a de matá-la, rapidamente, chegaram à residência da mãe de Rita, que tomou conhecimento da loucura que a filha estava praticando e, por isso, pediu que o filho, irmão de Rita, acompanhasse as duas de volta a Salvador. Chegando a Salvador, levou-a a um caixa eletrônico e fez Maria sacar o seu limite de cartão, o valor de R\$ 300,00 (trezentos reais). Logo após, mostrou-lhe, fotografias das viagens amorosas do seu marido e da amante. Já era meia noite e meia, quando Maria, finalmente, foi levada para seu lar, onde se encontravam preocupados: o marido, os filhos e alguns parentes, e Rita interfonou ao apartamento, mandando o marido descer para receber “o que sobrou da mulher dele”.

Logo depois, Maria foi para a 7ª Delegacia de Polícia, no bairro do Rio Vermelho, e em seguida ao Instituto Médico Legal para exame de corpo de delito, chegando em casa, por volta das 4 horas da manhã. No final da manhã, tentou retornar à 7ª Delegacia para prestar a queixa, mas logo foi impedida, pelo marido, dizendo querer evitar escândalo, já demonstrando a tentativa de distorcer os fatos para beneficiar a sua amante.

Mesmo pressionada pelo marido para não ir depor, dirigiu-se, à 7ª DP, e, ao relatar os fatos o Delegado mandou dois soldados conduzirem o marido do seu trabalho à delegacia, onde ficaria preso, até que a amante aparecesse para depor, pois era suspeito de cumplicidade na tentativa de homicídio. Com a prisão da amante, Rita, esta assumiu toda a culpa no episódio, tendo o delegado liberado João, que contratou um advogado criminalista para soltá-la (o que só levou mais uma semana).

Após ouvir a narrativa da minha cliente, percebi que em razão da gravidade do problema, seria necessário um apoio espiritual e, por sincronicidade, era terça-feira, dia de reunião mediúnica e harmonização no “Santuário”.

Chegando ao Santuário, apresentei-a minha amiga Susane, que era médium de incorporação e expliquei os procedimentos da harmonização coletiva, conduzida por um

dos colaboradores da casa. Durante a sessão mediúnica, Susane visualizou Maria e identificou a existência de um bloqueio energético escuro, nas regiões do chacra umbilical (barriga) e cardíaco (coração), sendo que, nesta última região, havia uma “adaga etérica” enfiada. Através da visualização, enviamos para Maria, energia de dispersão dos bloqueios energéticos e da adaga; quando, de repente, um espírito incorporou na médium, para reclamar que estávamos desfazendo o seu trabalho. Aproveitei a oportunidade para tentar doutriná-lo, tendo o mesmo confirmado que tinha sido “contratado” pela amante Rita, mediante um ritual de magia negra, com cachaça e sangue de galinha preta, para desfazer o casamento de Maria e se possível matá-la; após o que a entidade foi sendo anestesiada e conduzida, pelos mentores espirituais, para um hospital, no plano espiritual, aonde seria tratada.

No dia seguinte, Maria me telefonou para agradecer o convite da harmonização, pois estava se sentindo muito aliviada e tranquila, desde a noite anterior. Com o passar das semanas, Maria confirmou que seu marido João, não estava mais se encontrando com Rita, a antiga amante; tendo ela aceitado o seu pedido de reconciliação, segundo a mesma para o bem de seus filhos. Fato este que tive o prazer de ver resolvido, quando recebi seu telefonema desejando votos de “Feliz Natal/99”.

PARTE V

JUSTIÇA DIVINA X JUSTIÇA DOS HOMENS NO MOMENTO DA PASSAGEM

*“Javé é o meu pastor
Nada me falta.
Em verdes pastagens
me faz repousar;
para fontes tranquilas
me conduz,
e restaura minhas forças.
Ele me guia por
bons caminhos,
por causa do seu nome.
Embora eu caminhe por
um vale tenebroso,
nenhum mal temerei,
pois junto a mim estás;
teu bastão e teu cajado
me deixam tranquilo.
Diante de mim preparas a
mesa, à frente dos meus opressores;
unges minha cabeça com óleo,
e minha taça transborda.
Sim, felicidade e amor me
acompanham todos os
dias da minha vida.
Minha morada é a casa
de Javé, por dias sem fim”. (577) Salmo 23*

*“Querido Pai, que enviastes vosso filho Jesus,
Para nos ensinar o amor e o perdão,
Colocai sobre mim, agora, a infinita proteção
Do nome de Jesus Cristo: Jesus me guarda,
Jesus me ampara, Jesus me guia,
Jesus me defende, Jesus me salva,
Jesus me protege, Jesus me eleva
Com Jesus tenho paz, verdade, justiça e fé.” (555)*

*“Quando pratico o bem, sinto-me bem;
quando pratico o mal, sinto-me mal;
eis a minha religião. “ (556)*

Abraham Lincoln

CAPÍTULO XXI

DOAÇÃO DE ÓRGÃOS

*“Muitos morrem muito tarde,
outros mais cedo, quem satisfaz
sua missão, morre vitorioso.”*

Nietzsche

*“Morte - breve passo entre duas
vidas.” (208)*

Hurtado de Toledo

Nesta parte final do livro, analisaremos diversos aspectos legais e espirituais aplicáveis ao momento em que o espírito abandona o seu invólucro carnal, “passando” para a dimensão extra-física; denominados por muitos de “projeção final” ou “morte”.

Efetivamente, após tantos exemplos e estudos, espero que possa ter chegado à conclusão da imortalidade do espírito, propiciando ao meu amigo leitor o despertar da sua consciência, que irá alavancar seu processo evolutivo e ampliará suas chances de desenvolver sua jornada.

Na realidade, o corpo físico é apenas o nosso veículo de manifestação nesta dimensão mais densa e quando acaba seu combustível (carga energética ou fluido vital), temos de abandoná-lo e voltarmos à dimensão espiritual de onde viemos. Assim, fica claro que somente o corpo é terrestre (filho da Terra), pois ele nasce, cresce e morre, ao passo que o espírito que o anima (filho de Deus), vai acumulando as experiências e vivências necessárias ao seu processo evolutivo. Este capítulo é especialmente dedicado ao estudo das “Doações de Órgãos” e todas as suas implicações.

Ao longo da história humana, existem registros de transplantes, inclusive, na Alexandria, Egito e Índia; entretanto este assunto tomou vulto, a partir de 1967, com o primeiro transplante de coração entre humanos, realizado na África do Sul, pelo médico Christian Bernard, que transplantou o coração de uma mulher negra para um homem branco. Já no Brasil, o primeiro transplante de coração foi realizado em 1968, em São Paulo, pelo Prof. Euryclides Zerbini; entretanto,

ocorreram muitas rejeições pelos organismos dos receptores, levando-os à morte. Posteriormente, com a evolução dos medicamentos foram desenvolvidos certos remédios, que chegam quase a anular este processo natural de rejeição.

Como constatou o pesquisador Aureliano Alves Netto, no seu livro “Extraordinários Fenômenos Espíritas”, desde 1963, que a ciência vem transplantando rins de macaco “Rhesus” para seres humanos, sendo o primeiro caso efetuado pelos cirurgiões da Universidade de Tulane-EUA, refletindo a tecnologia daquela época:

“O fato, por inabitual, causou estranheza. Mas, melhor considerando o assunto, veremos não haver motivos para estupefação. Sabemos que são substancialmente idênticos os elementos componentes dos tecidos de todos os seres vivos. Inexiste distinção essencial entre a nossa carne e a de qualquer animal.

Em A Evolução Anímica, Gabriel Delanne argumenta que “...poder-se-ia conceber viver um homem com um coração de cavalo ou de cachorro. A circulação sanguínea se faria em um, como em outro. Poderíamos atribuir ao homem um pulmão de vitelo, a respirar com a mesma facilidade peculiar ao seu pulmão. O sangue, que nos parece elemento capital da vida, apresenta a mesma identidade no boi, no carneiro, no homem, e os médicos legistas ainda não encontraram método seguro que lhes permita dizer com certeza se a nódoa sanguínea de um pano é de origem humana ou animal.” (557)

O médico espírita Jorge Andréa também pesquisou o transplante de órgãos de animais para humanos, destacando a evolução destas técnicas, através da Engenharia Genética:

“Isso está fazendo com que pesquisadores da genética estejam inserindo genes humanos, nas estruturas cromossômicas de certos animais (no caso específico do porco), a fim de obterem proteínas de defesa nas novas reproduções animais, possibilitando, destarte, condições mais favoráveis de aceitação de transplante em face às rejeições. Nesse procedimento, conhecido como transgênico (substituição de genes), há quem acentue que dentro de 5 anos os porcos transgênicos, tecnicamente preparados, estejam em condições de doação de órgãos, especificamente o fígado, para as

necessidades humanas.”

LEGISLAÇÃO E SUA PRÁTICA

Consoante pesquisas realizadas pelo Ministério da Saúde, cerca de 70% dos brasileiros são favoráveis à doação de órgãos; entretanto, isto não se refletia, efetivamente, porquanto o processo para autorização era muito complicado e demorado, já que o doador tinha que registrar sua vontade e comunicar a sua família este desejo. Assim, com a promulgação da Lei nº 9.434, de 04.02.97, o Brasil passou a ter uma legislação de doação de órgãos, semelhante aos países da Espanha, Bélgica e Áustria, ou seja, caso você não desejasse doar seus órgãos, deveria pedir para ser inserida a observação “não doador” na sua carteira de identidade ou de habilitação. Vale ressaltar, que o Decreto nº 2.268, de 30.06.97, regulamentou a lei supracitada, definindo os aspectos básicos da doação, que resumimos abaixo.

Quem não tiver um documento de identidade não pode doar órgãos; evitando, assim, que pessoas não identificadas e indigentes sejam considerados doadores contra a sua vontade. As atuais técnicas médicas permitem o aproveitamento de alguns órgãos e tecidos como o coração, pulmão, rim, fígado, pâncreas, córnea, ossos, pele e medula óssea. Salientando que, apesar da extração do órgão, o corpo físico deve manter-se esteticamente normal, aliás, a lei é clara quanto a isso: os hospitais autorizados a retirar os órgãos doados têm que recuperar a mesma aparência que o doador tinha antes da doação.

O doador não pode escolher quem receberá seus órgãos, pois o receptor do órgão será indicado pela Central de Transplantes, obedecendo a lista de espera. Se o primeiro da lista tiver condições de saúde ideais para receber o órgão, vai para ele. Caso contrário, vai para o próximo da lista. Esse processo é realizado pelas Secretarias Estaduais de Saúde e acompanhado e fiscalizado pelo Ministério da Saúde; evitando que aconteça qualquer tipo de desvio ou comercialização dos órgãos doados.

Somente após a constatação da “morte encefálica”, com a paralisação das funções cerebrais, é que poderá ocorrer a doação. Ademais faz-se necessário o diagnóstico de, no mínimo, dois médicos, sendo um deles neurologista e que não sejam integrantes da equipe de transplante. Inclusive, são realizados exames clínicos e complementares, como o eletroencefalograma e arteriografia cerebral, procedimentos mundiais para esta constatação. Depois de seis horas, esses exames são repetidos, e só aí a morte encefálica é confirmada.

O Prof. Antonio Chaves nos lembra que é alto o número de transplantes mediante doação, entre pessoas vivas; quando o ideal seria a doação de órgãos, no momento da morte do doador, o que possibilitaria um aumento no número de transplante:

“O maior obstáculo que sofre o transplante de órgãos, no Brasil, consiste em que a grande maioria dessas operações é realizada mediante doações de pessoas vivas, o que, além de reduzir enormemente sua possibilidade, ainda mutila os doadores, prejudicando conseqüentemente sua integridade e suas próprias condições integrais de sobrevivência... De todos os tipos de transplantes realizados no Brasil, 80% são de rins. Destes, 80% são feitos entre pessoas vivas - uma proporção inversa à da Europa, onde apenas 5% das cirurgias do gênero são realizadas entre vivos.” (558)

CRÍTICAS MÉDICAS E ESTATÍSTICAS

No início da vigência da lei, o presidente do Conselho Federal de Medicina (CFM), Waldir Paiva Mesquita, pregou a desobediência civil, como divulgado na imprensa e, em nome da entidade, recomendou aos médicos que descumprissem a lei, sem abrir mão da ética. Mesquita disse que, apesar da Lei 9.434, ser compulsória, o médico só deve realizar o transplante com autorização de parentes. Mesquita até mandou preparar uma Ação Direta de Inconstitucionalidade contra a nova lei, afirmando: “Em nome da ética médica, vamos até descumprir a lei. A lei pode ser legal, mas é ilegítima.”

Do mesmo modo o diretor da Federação Nacional dos Médicos, Dr. Jorge Darze, criticou a lei, em artigo publicado na imprensa:

“A verdade é que nos países do Primeiro Mundo, onde legislação similar existe, se houve aumento do número de transplantes, não foi devido à lei, e sim em consequência dos investimentos no setor, como programa permanente organizado, associado a grandes campanhas de estímulo a doação de órgãos. Falta no Brasil uma política de saúde comprometida com os transplantes, envolvendo financiamento do sistema, formação de recursos humanos especializados, estruturas que garantam a captação e a rápida transferência dos órgãos, laboratórios preparados para os testes de compatibilidade entre doadores e receptores, unidades hospitalares com equipamentos necessários para as cirurgias dos transplantes e uma rigorosa fiscalização da sociedade civil, supervisionando as filas do setor, que devem ser únicas e transparentes.”

O médico Antônio Carlos Aleixo Sepúlveda, presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado da Bahia - CREMEB, teve a mesma opinião e citou o artigo 28 do Código de Ética Médica como orientação para estes casos: “Recusar a realização de atos médicos que, embora permitidos por lei, sejam contrários aos ditames de sua consciência”. Para Sepúlveda, a lei que torna compulsória a doação para todos os que não registrarem, em algum documento de identificação, a opção de não doar, é arbitrária, porque não respeita o direito da família sobre o parente morto.

Na realidade, o que prevalece, na maioria dos estados americanos e dos países europeus, é o sistema do consentimento não presumido, ou seja, a família daria a última palavra sobre a doação.

Na reportagem da jornalista Regina Azevedo, publicada na Revista Planeta de março/98, foi constatado um efeito contrário do desejado pelos legisladores, com a diminuição no número percentual de pessoas que doariam seus órgãos, após sua morte, como constatou a pesquisa “Data Folha” de 75% para 63%:

“Existem apenas 115 hospitais autorizados a realizar transplantes, 64% dos quais na região Sudeste. Somente no Estado de São Paulo são realizados 43% de todos os transplantes do Brasil, e cada unidade médica que realiza a captação costuma reivindicar para si um ou dois órgãos a fim de atender seus pacientes, o que faz

com que a fila ande mais rapidamente nesta região, enquanto em outros pontos do País há quem espere por anos a fio.

Há também o fator econômico: quem pode pagar pela operação, é atendido mais rapidamente. Porém, nem sempre o órgão à disposição é compatível com o paciente economicamente privilegiado, por questões de tipo sanguíneo e/ou perfil genético. Dessa forma, a natureza cuida de fazer justiça. Também não é possível aos familiares escolher para quem o órgão será doado, mesmo tendo algum parente que necessite de transplante.” (559)

No início de 1999, ficou comprovado que o número de transplantes, no Brasil, não aumentou significativamente, apesar de um ano da vigência da nova lei. De acordo com dados da Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos (ABTO), foram realizadas 580 cirurgias no terceiro trimestre de 1995, contra 638 no mesmo período do ano de 1999. Para cada grupo de um milhão de habitantes, apenas oito são doadores no Brasil. Ao passo que nos Estados Unidos, são 20 doadores e, na Espanha, 29. Os doadores brasileiros não atendem nem a 20% da demanda de órgãos no País.

ENFOQUES RELIGIOSOS

Na reportagem supracitada da Revista Planeta, o rabino Henry Sobel se mostra favorável à doação para salvar vidas; “pois este é um dever que constitui o mandamento supremo do Judaísmo; doar um órgão é um ato nobre”; da mesma forma se posicionando a “Igreja Católica”, consoante opinião do padre Léo Camiliano, vice-reitor do Centro Universitário São Camilo. Ainda, a matéria cita que seguidores da doutrina “Testemunhas de Jeová” autorizam a doação de órgãos, apesar de manterem a proibição de transfusão de sangue.

Na opinião do escritor Sogyal Rynpoche, a doação de órgãos cria um bom carma, segundo o Budismo Tibetano:

“Devemos doar nossos órgãos quando morremos? E se eles tiverem que ser removidos ainda enquanto o sangue está circulando, ou antes que se complete o processo da morte? Isso não perturba ou danifica a consciência no momento anterior à morte?

Mestres a quem fiz essa pergunta concordam que a doação de

órgãos é uma ação extremamente positiva, desde que tenha surgido de um genuíno desejo compassivo de beneficiar outras pessoas. Assim, se essa for a vontade da pessoa que morre, não haverá nenhuma espécie de mal para a sua consciência que deixa o corpo. Ao contrário, essa ação final de generosidade acumula um bom carma. Outro mestre disse que todo sofrimento e dor que a pessoa possa padecer no processo de doar seus órgãos, e cada momento de perturbação, revertem para um bom carma. Dilgo Khyentse Rinpoche explica: “Se a pessoa que definitivamente vai morrer dentro de alguns momentos expressou o desejo de doar seus órgãos, e sua mente está plena de compaixão, é bom para ela que seus órgãos sejam removidos, mesmo antes que o coração cesse de bater.” (65)

O pesquisador Philip Kapleau, no seu livro “A Roda da Vida e da Morte” foi questionado por um sociólogo (pág. 147), se ele não poderia manter seu corpo morto intacto por três dias, como recomendado pelo Budismo caso desejasse doar seus órgãos:

“Eis uma pergunta instigante. Sim, acredito que um verdadeiro bodhisattva estaria disposto a ceder seu corpo ou parte dele, mesmo durante a vida, pelo bem dos outros, se pudesse ter certeza de que seus órgãos seriam usados de maneira apropriada e não-comercial.” (46)

O Espiritismo, em geral, por seus principais representantes, manifestou-se favorável à doação de órgãos, como constatou a “Revista Espírita Allan Kardec”, nº 38, de junho/98; transcrevendo abaixo, respectivamente, as opiniões da médica Marlene Nobre, presidente das Associações Médico-Espíritas do Brasil e do famoso escritor espírita Chico Xavier:

“Dentro dessa visão de complexidade, seria uma recomendação espírita incentivar as pessoas a doarem seus órgãos?

Eu creio que é um gesto de amor, doar os órgãos. Assim, está perfeitamente enquadrado no Espiritismo.

Em que condições? Alguém que teve seu órgão extirpado sem a sua permissão não gostou disso, pode perseguir a pessoa que recebeu?

Pode ser, mas não seria tanto a pessoa que doou, mas alguém que estaria ligado àquele processo de doença do receptor reencarnado e que já atuaria no sentido negativo. Veja, por exemplo, o caso de transplante renal, que é um transplante mais simples. Em geral um insuficiente renal é alguém que usou tóxicos em vida anterior

e esses tóxicos foram ingeridos e passaram a atuar no sangue, e como o sangue é filtrado nos rins, acabam lesando esses órgãos. Então, eu creio que, ou são suicidas por tóxicos, ou foram toxicômanos mesmo, caso em que são suicidas indiretos. Pode haver um companheiro suicida que não deseje que ele continue vivendo. Mas o importante é que ele queira viver.” (560)

“Os espíritos acreditam que o transplante de órgãos seja contrário às leis naturais?

Não. Eles dizem que, assim como nós aproveitamos uma peça de roupa, que não tem utilidade para determinado amigo, e esse amigo, considerando a nossa penúria material, nos cede essa peça de roupa, é muito natural, ao nos desvencilharmos do corpo físico, venhamos a doar os órgãos sãos, a companheiros necessitados deles, que possam utilizá-los com segurança e proveito.” (560)

O pesquisador espírita Humberto Pazian, também ratifica este entendimento no seu livro “A Doação de Órgãos - por uma Visão Espírita”:

“Agora, no caso da doação de órgãos, devemos observar que não há mais aquela ligação entre o corpo espiritual e o corpo físico, o fluido vital já abandonou o corpo físico e o cordão fluídico foi rompido; não há mais relacionamento entre ambos, portanto, nada acontece com o perispírito.” (561)

O renomado escritor e palestrante espírita Divaldo Franco no seu livro “Seara de Luz”, expõe seu ponto de vista:

“O que você pensa a respeito da doação de órgãos físicos após o desenlace da vida material?

Perfeitamente válida. Se a misericórdia divina nos confere uma organização física sadia, é justo e válido, depois de nos havermos utilizado desse patrimônio divino, oferecê-lo, graças às conquistas valiosas da ciência e da tecnologia, aos que vieram em carência, a fim de continuarem a jornada.” (465)

O advogado e escritor espírita Wladimir Lisso, na sua obra “Doação de Órgãos e Transplantes”, também se filia à corrente acima:

“Conforme esclarece a Doutrina Espírita, “a morte é apenas a

destruição do corpo, e não desse envoltório que se separa do corpo quando cessa a vida orgânica”, o que permite a conclusão de que no ato de retirada de órgão para transplante, a perda se verifica, exclusivamente, em uma das dimensões - corpo físico - do ser encarnado...Observa-se, ainda, de acordo com a orientação dos Espíritos, que “no instante da morte o desprendimento do Espírito não se completa subitamente; ele se opera gradualmente, com lentidão variável, segundo os indivíduos”, significando que não se pode afirmar categoricamente que a retirada do órgão, antecipando a cessação de todas as funções vitais, antecipe da mesma forma a desencarnação, pois nesse momento o Espírito já pode ter-se desligado da matéria, ou manter a ligação mesmo após a retirada dos órgãos.” (562)

Outrossim, o escritor espírita Edson de Jesus Sardano, lembra-nos que a doação preserva a vitalidade do órgão doado, evitando a sua decomposição junto com o cadáver:

“Será que as pessoas contrárias à doação desconhecem o que se passa com um corpo após o sepultamento?

O bisturi da solidariedade, apenas preserva em outrem, os órgãos que seriam inexoravelmente, consumidos pelos agentes da própria natureza.

Thánatos, o deus grego da morte, empresta seu nome a um segmento da medicina forense, a tanatologia, que mostra como a morte biológica é implacável com o corpo humano, transformando-o minuto a minuto, até chegar à decomposição total, inclusive dos órgãos que poderiam estar propiciando vida, alegria, solidariedade e acima de tudo, eterna gratidão.” (563)

O notável pesquisador e escritor espírita, Carlos Bernardo Loureiro, na sua marcante obra “A Visão Espírita da Morte”, alerta para alguns riscos espirituais no processo de doação:

“Sabe-se, realmente, que os órgãos destinados aos transplantes são estirpados do doador ainda “vivo”, ou pelo menos, com o perispírito ainda ligado ao corpo físico. Alguns Espíritos já se referiram às dificuldades encontradas no atendimento e socorro de recém-desencarnados, cujos corpos físicos foram utilizados como doadores de peças vitais para transplantes. É possível, por exemplo, que o chamado “doador” renasça com perturbação nos órgãos que, da vez

anterior, lhe foram retirados para transplante. Haverá, também, com toda certeza, resíduos de desequilíbrio mentais, estados de angústia indefiníveis, sensação de perda iminente de órgãos vitais, etc.

Dessas disfunções orgânicas e psíquicas por certo não escapará também aquele que recebe o órgão. Ao ser transplantado, ele estará impregnado de fluido vital e energia perispiritual estranhos à sua economia. Esse choque de vibração perdura e se transborda na vida subsequente, acarretando imprevistos e sempre dolorosas repercussões.” (217)

Por fim, gostaria de registrar que sou favorável à doação de órgãos, acreditando que não causaria nenhum problema ao espírito do doador, desde que ele não tivesse apego ao seu corpo físico.

DEPOIMENTOS ESPIRITUAIS

Efetivamente, como o amigo leitor poderá constatar no “Apêndice” deste livro, os depoimentos de espíritos desencarnados, ao responder esta pergunta sobre doação de órgãos, são unânimes em atestar que depende do nível de consciência espiritual do doador, isto é, caso ele já tenha opinado de forma favorável, não haverá nenhuma repercussão dolorosa no seu perispírito; caso contrário, se ele não tivesse autorizado, previamente, a doação dos seus órgãos, viria a sofrer as tenebrosas dores da cirurgia.

Aliás, já tive oportunidade de atender a um caso prático, exatamente nesta situação, de extremo apego do espírito desencarnado ao seu corpo físico, quando tive de acalmá-lo e doutriná-lo, numa reunião mediúnica do “Santuário”; apesar dos seus gritos implorando para que os médicos não retirassem seus órgãos, pois acreditava ainda estar vivo. Felizmente, ele conseguiu entender sua real situação, sendo conduzido pelos mentores espirituais, para o respectivo tratamento numa colônia espiritual.

Antes de transcrever alguns depoimentos de espíritos, que tiveram seus órgãos doados, gostaríamos de registrar que, em 03.02.2000, atendendo às pressões da classe médica e da sociedade civil politizada, foi divulgada na imprensa a edição da Medida Provisória nº 1.959, que introduziu mais o § 6º no art. 4º, da Lei 9.434/97, dispondo que; “Na ausência de manifestação de

vontade do potencial doador, o pai, a mãe, o filho ou o cônjuge poderá manifestar-se contrariamente à doação, o que será obrigatoriamente acatado pelas equipes de transplante e remoção”; ou seja, terminou acabando, de forma velada, com a doação presumida. Logo, os candidatos a doador precisam se cadastrar e, ainda assim, a família tem de autorizar a doação de órgãos, após a sua morte cerebral. O escritor espírita Celso Martins elencou alguns testemunhos psicografados por Chico Xavier, constantes no seu livro “Doação de Órgãos - O Espiritismo Esclarece”:

“Encontraremos a mensagem psicográfica através de Chico Xavier do jovem Roberto Igor Porto Silva, cujo coração foi transplantado para o peito de Ari Vacari Zagar. Foi a primeira cirurgia de transplante cardíaco realizado no Rio Grande do Sul, justamente em Porto Alegre.

“Mãe, deixei o meu corpo, como quem se afastava de uma roupa que se fizera imprestável e logo de saída, conquanto me sentisse privado da visão senti uma dor muito grande no tórax. Os amigos de meu pai solicitaram esquecesse o vigor daquela agulhada que me transformara todo o ser; no entanto, eles se apressaram em me auxiliar com magnetismo curativo e a dor desapareceu. Soube mais tarde que naquele momento eu tivera o coração do corpo físico arrancado para servir ao transplante que favoreceria um homem que se avizinhava da morte... Estou Mãezinha Izar, satisfeito por ter tido a oportunidade de doar o coração...”

“...diversos Espíritos deram comunicação através do mesmo médium Chico Xavier. Nas páginas 48 e seguinte encontramos o depoimento da senhora Regina Helena Freitas Kerr Amaral, residente em Santos, Estados de São Paulo. Seu filho Christian, falecido aos 15 anos de idade, quando sua motocicleta foi atingida em cheio por um caminhão em alta velocidade, enviou-lhe mensagem psicográfica... - O menino está aqui, é muita luz, ele está feliz por ter uma mãezinha que o auxiliou a ajudar duas pessoas que agora estão enxergando. Por sua vontade, doe as córneas.” (564)

Um outro jovem, Wladimir Cezar Ranieri, testemunhou, também, a favor da doação. Conta-nos Rubens S. Germinhasi, co-autor do livros “Amor e Saudade”:

“Wladimir deixou a terra num gesto de infelicidade. Disparou um tiro de revólver contra o peito. Reconheceu, no seu gesto infeliz, estar envolvido, em hipnose, por parte de criaturas espirituais e entende a sua responsabilidade, considerada pelo livre-arbítrio.

Por este gesto nefasto, reconhece-se, na mesma posição de tantos outros irmãos em situação análoga, como um encarcerado sem algemas e sem prisão real, porque ninguém consegue fugir de si mesmo.

Desencarnado em 12/05/81, aos 25 anos, enviou carta aos seus pais, Dalva e Francisco, através de Chico Xavier, em reunião do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba. Desta carta, vamos destacar um trecho: “Sei que entrei num pesadelo em que via o meu próprio sangue a rolar do peito como se aquele filete rubro não tivesse recurso de terminar. Despertei num hospital, onde me encontro até agora, em tratamento e sou trazido pela vovó Verônica que se compadeceu de mim, que me ajoelho em espírito diante da Mãezinha Dalva para rogar-lhe o perdão que não mereço. (...) Graças a Deus, melhorei da hemorragia incessante que me enlouquecia. Depois de algumas semanas de aflição, um médico apareceu com uma boa nova. Ele me disse que as preces de uma pessoa que se beneficiara com a córnea, que doei ao Banco de Olhos se haviam transformado para mim num pequeno tampão que, colocado sobre o meu peito no lugar que o projétil atingira, fez cessar o fluxo do sangue, imediatamente. Eu, que não fizera o bem aos outros, que me omiti, sempre, na hora de servir, compreendi que o bem, mesmo feito, involuntariamente, é capaz de revigorar-nos as forças da existência. Com essas lições vou seguindo à frente e com a proteção de Deus e a bênção dos pais queridos, espero vencer-me, vencendo as dificuldades que me cercam, para ser o filho e o irmão, o amigo e o companheiro que devo ser.”

CAPÍTULO XXII

EUTANÁSIA: DELITO OU DIREITO

“Quando, primeiramente, procuramos o espírito de Deus em nosso íntimo e aprendemos a seguir a sua divina orientação, toda a felicidade e paz virão ao nosso encontro.” (565) E m i l y Cady

“Fica sempre de mente aberta para mudança. Acolhe-a. Corteja-a. Somente examinando e reexaminando as tuas opiniões, é que tu podes progredir.” (566)

Dale Carnegie

Eutanásia significa “boa morte” (*eu* = bem, *thanatos* = morte), podendo, também, ser traduzida como “morte doce, sem dor nem sofrimento”; ao contrário da “distanásia”, isto é morte dolorosa. O conceito mais claro e conciso de eutanásia é o de “prática, sem amparo legal, pela qual se busca abreviar, sem dor ou sofrimento, a vida de um doente reconhecidamente incurável.” (567)

Fica claro que o objetivo básico da eutanásia é adiantar o processo de desencarne de um doente terminal, ou seja, portador de uma moléstia incurável; sendo citados como agentes químicos mais utilizados o cloreto de etila, morfina e protóxido de azoto.

Ademais, este ato de antecipar a morte, por motivo de compaixão e diante de um sofrimento insuportável, sempre foi objeto de reflexão por parte da sociedade. Entretanto, na atualidade, essa discussão tornou-se ainda mais presente, quando se discute os direitos individuais, resultantes de uma ampla mobilização do pensamento dos setores organizados da sociedade, em face da popularização do conceito de cidadania. Outrossim, com os avanços da Medicina, surgem cada vez mais tratamentos e recursos capazes de prolongar, por muito tempo, a vida dos pacientes em coma. O que, de fato, pode levar a um demorado processo de desencarne.

Este “direito de morrer” sempre teve, em todas as épocas, seus mais extremados defensores. No Antigo Egito, era considerado um método neutro de encontrar as divindades; já, na Índia, os incuráveis eram jogados no Rio Ganges, depois de se lhes vedar a boca e as narinas

com a lama sagrada. Os espartanos, segundo Plutarco em “Vidas Paralelas”, do alto do monte Taijeto, lançavam os recém-nascidos deformados e até anciãos, pois só viam em seus filhos futuros guerreiros que, para cumprirem seu mister deveriam apresentar as máximas condições de robustez e força. Os Brâmanes eliminavam os velhos enfermos e os recém-nascidos defeituosos, por considerá-los imprestáveis aos interesses do grupo. Várias tribos indígenas levavam seus idosos para o alto das montanhas, onde eram deixados para se encontrar com os deuses, através da inanição.

Na Holanda, onde a eutanásia e o suicídio assistido são tecnicamente ilegais, mas tolerados sob certos parâmetros, a demanda pelo serviço está aumentando. Um estudo recente mostrou que os pedidos de pacientes por ajuda para morrer cresceu 37%, nos últimos cinco anos, atingindo o número de 34.500 requisições deste tipo. Os pedidos para eutanásia imediata aumentaram 9%, chegando a 9.700 solicitações.

Enquanto isso, o distante Território do Norte da Austrália se tornou o primeiro lugar do planeta a legalizar totalmente o suicídio assistido, quando suas leis de eutanásia voluntária entraram em vigor, em julho/96, em meio a muita controvérsia, a primeira e única pessoa a se “beneficiar” da lei até agora foi Bob Dent, um ex-carpinteiro de 66 anos, que sofria de câncer. Ele foi ex-missionário cristão, morreu silenciosamente em sua casa, na capital do Estado, Darwin, em 22 de setembro de 1996, na presença de seu médico. Mesmo assim, apesar das pesquisas de opinião pública mostrarem que 75% dos australianos apoiam a medida, ela foi fortemente condenada por religiosos, líderes políticos e aborígenes.

Na Itália, já existe informalmente o cartão ‘biocard’, que trata-se de um consentimento, assinado pelo cidadão, em pleno gozo de suas faculdade mentais, que autoriza a prática da eutanásia se vier a se tornar um doente terminal, já tendo acordado com o médico de sua confiança, para não esbarrar na vontade divergente de sua família ou na autonomia de algum profissional contrário à prática, contendo todas as especificações necessárias. Hoje, nos EUA, um milhão de pessoas já usa legalmente um cartão similar.

Outrossim, é oportuna a transcrição de fato narrado pelo escritor Pedro Soares Correia, em seu livro, “Da Eutanásia” (Livraria Três Poderes, 1991, págs. 40/41), que é o seguinte:

“É por demais convincente o exemplo daquele médico parisiense, citado por Estácio de Lima: “Adoece, de uma feita a vários quilômetros de Paris, formosa criancinha. Seu pai, médico, desvela-se em cuidados. Era porém temerosa a moléstia, difteria. Ascendiam os óbitos naquela época, da terrível doença, à cifra espantosa de 99%. O pai valeu-se de tudo que possível para salvar a filha. Vieram os fenômenos asfíxicos. A cianose de face era, então, o sinal precursor da morte! Consultara, em desespero de causa, os colegas de Paris. Nenhuma resposta. Doía-lhe ao infinito, o espetáculo da ansiedade sem cura da pobrezinha. Pensa, nesse instante, em abreviar o desfecho. Uma injeção de ópio muito forte que aliviasse tudo... Pensou e fez! Não falhou o tóxico. Veio, cedo, a serenidade definitiva...”

Depois, o enterro, a volta do cemitério, o pranto, a saudade imensa e a sensação de um cruel dever cumprido... É quando, de súbito, lhe anunciaram um telegrama que dizia assim: “Roux acaba de descobrir o soro antidiftérico, aplicando-o com êxito. Aguarde a remessa..” O exemplo é de uma realidade flagrante.”

QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS PENAIS?

Na lei brasileira, a eutanásia é vedada por aplicação do disposto no artigo 5º da Constituição Federal, que estabelece a inviolabilidade do direito à vida; salientando que os códigos de ética médica, que foram aprovados por organizações nacionais e internacionais, reiteradamente incluíram dispositivos que vedam a eutanásia.

Como nós sabemos, as leis humanas são mutáveis e sempre evoluíram acompanhando os avanços da sociedade, refinando-se os costumes, fortalecendo-se os direitos básicos do cidadão, tornando-se o primordial o direito à vida.

Ademais, o Código Penal Brasileiro não se utiliza do vocábulo eutanásia, embora fique clara e inquestionável a sua proibição, vez que temos crime tipificado pelo seu artigo 121, parágrafo primeiro, abaixo transcrito:

*“Art. 121 - Matar alguém. Pena - reclusão de seis a vinte anos.
Parágrafo 1º - Se o agente comete o crime impelido por motivo de relevante valor social ou moral, - (...) o juiz pode reduzir a pena de*

um sexto a um terço.”

Fica cristalino entender que matar alguém, impulsionado por sentimento de piedade, é interpretado como o valor moral a que se refere a Lei e, portanto, perfeitamente aplicável à eutanásia, sendo considerada o que juridicamente se rotula como homicídio privilegiado, por haver a atenuação da pena. Mesmo assim, caso os jurados considerem o caso como homicídio privilegiado e o juiz optar por reduzir a pena, esta poderá ser de um a sete anos de reclusão.

Salienta-se que o C.P., atualmente pune, também, o agente humano facilitador ou indutor da tentativa de suicídio de alguém, quer a morte venha a ocorrer, ou permaneçam graves sequelas corporais em sua decorrência:

“Art. 122 - Induzir ou instigar alguém a suicidar-se ou prestar-lhe auxílio para que o faça. Pena - reclusão de dois a seis anos, se o suicídio se consuma, ou reclusão de um a três anos, se da tentativa de suicídio resulta lesão corporal de natureza grave.”

Com efeito, quer seja direta ou indireta a ação, participe-se ativa ou passivamente da eutanásia existirá sempre o crime, inclusive, não é incomum existirem os interessados na morte dessa ou daquela pessoa, motivados por interesses econômicos ou vingança e com a legalização da eutanásia, mais facilmente agiriam nesse sentido, para usufruto de herança, dentre outras vantagens pessoais. O desembargador e escritor criminalista, prof. Nelson Hungria, dá seu parecer sobre o tema, no livro “Direito de Matar” de Evandro Corrêa de Menezes:

“O homicida eutanásico não teria por móvel, segundo se proclama, a piedade ou compaixão, mas o propósito, mórbido ou anormalmente egoístico, de poupar-se ao pungente drama da dor alheia. A verdadeira, a autêntica piedade, sentimento de equilibrado altruísmo, não mata jamais! O que arma o braço do executor da ‘boa morte’ é o seu psiquismo anômalo... Somente os indivíduos sujeitos a estados superagudos de angústia são capazes do gosto eutanásico, que os alivia do próprio sofrimento em face do sofrimento alheio Objeta-se que a eutanásia limitar-se-ia aos casos de doentes incuráveis, ou seja, de vidas socialmente inúteis. Ora, à parte outros raciocínios, a incurabilidade é um critério perigoso, pois ninguém ignora a alarmante porcentagem dos erros de diagnósticos. É da experiência comum que, não raro,

‘agonizantes de vela na mão’ readquirem a saúde, sobrevivendo aos próprios médicos”.

Por fim, como forma de atualizar nosso ultrapassado Código Penal de 1940, está em tramitação no Congresso Nacional, um novo anteprojeto propondo que a “eutanásia” seja incluída na legislação criminal, deixando de ter o mesmo tratamento dado aos casos de homicídio.

A eutanásia é classificada, na nova proposta, como crime contra a vida, mas com penas abrandadas. O projeto admite a possibilidade de não ser considerado crime, deixar de manter a vida de alguém em estado terminal. O novo projeto faz a distinção entre dois tipos de abreviação da vida, a ativa e a passiva. “A ativa é quando uma pessoa promove a morte de um doente, para cessar seu sofrimento”, disse o presidente da comissão, o ministro do STJ - Superior Tribunal de Justiça, Luiz Vicente Cernicchiaro. Nesse caso, a pena pode ser de dois a cinco anos de prisão. É menor do que a pena prevista hoje: de seis a 20 anos, a mesma de homicídio.

Entretanto, a eutanásia chamada de passiva é aquela em que um familiar ou conhecido de doente terminal, que sobrevive por meio de aparelhos, deixa de manter a sua vida artificial. “Não constitui crime deixar de manter a vida de alguém por meio artificial, se previamente atestada, por dois médicos, a morte como iminente e inevitável”, diz o texto proposto.

Como exemplo da controvérsia que existe, ainda, em torno da eutanásia, podemos citar o caso do conhecido “Dr. Morte”, o médico patologista Jack Kervokian, que se tornou popular desde 1989, quando inventou a primeira máquina de “suicídio assistido”, que ele batizou de “Tanatron”, ou seja, depois de um treinamento obrigatório, em que o paciente aprende a operar a máquina, ele orienta o mesmo a ter uma morte rápida e indolor, graças a um coquetel de anestésicos, seguido de relaxante muscular e cloreto de potássio, que interrompe o funcionamento do sistema cardiorespiratório.

O Dr. Kervokian afirma ter acompanhado 130 suicidas, desde 1990. Os primeiros casos foram em pacientes terminais, que enfrentaram não somente uma vida de dor mas também de total incapacidade. Ele foi absolvido em três julgamentos, que cobriam cinco mortes. Recentemente, ele estava em julgamento em Ionia Court, no Estado de Michigan, EUA, acusado de ajudar no suicídio de Loretta Peabody, uma senhora de 54 anos, que possuía esclerose múltipla.

Ele expandira essa prática ao incluir pacientes debilitados e não, apenas, os terminais.

Kervokian, muitas vezes comparado com o carrasco nazista, Josef Mengele, parece que já se encontra preso, desde o final de 1998, quando transmitiu pela rede de televisão CBS, para todos os Estados Unidos, uma cerimônia de eutanásia do paciente Thomas Youk, de 52 anos; sendo ele imediatamente, acusado de homicídio, podendo ser condenado à prisão perpétua.

ABORDAGENS RELIGIOSAS

A opinião de Dom Luciano Mendes de Almeida, então presidente da CNBB, foi expressa em entrevista ao Jornal do Cremesp (ano XIV, nº 87, junho/1994, p. 3).

“A posição da Igreja quanto à eutanásia direta é também uma atitude de fé (...) A eutanásia direta, que consiste em dar fim à vida (por ação ou omissão de ação de vida) de pessoas doentes, moribundas ou disformes, sejam quais forem os motivos invocados, inclusive a pedido livre destas, é pois um homicídio moralmente inaceitável (...) A lógica da eutanásia é, pois, em seus prolongamentos, monstruosa.”

No livro do escritor Marciano Vidal, analisando a encíclica “Evangelium Vitae” do Papa João Paulo II, encontramos uma condenação formal de qualquer forma de suicídio, incluindo a eutanásia:

“Suicidar-se é absolutamente ilícito, por tríplice razão. Primeiro, porque naturalmente todas as coisas se amam a si mesmas; por isso todas naturalmente conservam o próprio ser e resistem, o mais que podem, ao que procura destruí-las. Portanto, quem se suicida vai contra a inclinação natural e contra a caridade que todos devem a si mesmos. Logo, suicidar-se é sempre pecado mortal, por ser um ato contrário tanto à lei natural como à caridade.

Segundo, porque qualquer parte, pelo que é, pertence ao todo. Ora, cada ser humano é parte da comunidade e, portanto, tudo o que ele é pertence à comunidade. Logo, quando uma pessoa se suicida, comete uma justiça contra a comunidade, como está claro no Filósofo (Aristóteles).

Terceiro, porque a vida é um dom divino oferecido ao ser humano e dependente do poder de Deus, que mata e faz viver. Logo, quem

se priva a si mesmo da vida, peca contra Deus; assim como quem mata um escravo alheio peca contra o dono deste, e como também peca quem se arroga o direito de julgar uma causa que não lhe foi confiada. Pois só a Deus pertence julgar uma causa que não lhe foi confiada. Pois só a Deus pertence julgar da morte e da vida, conforme a Escritura: Eu matarei e eu farei viver.” (412)

O pesquisador Philip Kapleau também analisou as visões religiosas da eutanásia, na sua obra já citada:

“A Igreja católica não exige que seus membros aceitem qualquer tratamento para manutenção da vida, caso este prolongue o processo da morte... Contudo, ela afirma que os cuidados precisam continuar, incluindo-se aí água e comida. Assim,... se um paciente estiver em coma permanente, o respirador pode ser desligado, não se permite retirar a alimentação.

O judaísmo... também condena qualquer forma de eutanásia ativa, mas permite recusar os tratamentos de manutenção da vida, se estes apenas retardam a morte.

A Igreja luterana considera a eutanásia um homicídio ou suicídio, mas permite que os cristãos “deixem a natureza tomar seu próprio curso” quando estão morrendo. Em outras palavras, luteranos terminais podem recusar os métodos de ressurreição ou de vida artificial...

O budismo afirma que, se a morte não é o fim, o sofrimento não termina aí, mas continua até o carma gerador do sofrimento chegar ao fim; assim, de nada adianta matar-se - ou ajudar outra pessoa a fazê-lo - para escapar.” (46)

O escritor Sogyal Rinpoche apresenta sua opinião, contrária à eutanásia, citando até ensinamentos da Dr^a Kubler-Ross e do Dalai Lama:

“Muitos dos que trabalham com os que estão morrendo, acham que a resposta aos pedidos de eutanásia é um padrão mais exigente de assistência ao paciente terminal. Quando interrogada a respeito de uma possível legislação sobre a eutanásia, Elisabeth Kubler-Ross respondeu: “Acho triste que tenhamos de ter leis sobre questões como essas. Penso que deveríamos usar nosso julgamento, e entrar em acordo com nosso próprio medo da morte. Poderíamos então respeitar a vontade dos pacientes e ouvi-los, e não teríamos problemas desse tipo.”

As pessoas receiam que morrer seja insuportável, receiam ser dominadas pela paralisia, por doenças que as deixam mentalmente perturbadas ou por um tipo de dor intolerável e sem sentido. Os ensinamentos budistas nos propõem uma atitude diferente em relação ao sofrimento, que lhe dá um significado. O Dalai Lama considera que:

O seu sofrimento é devido ao seu próprio carma e de qualquer modo você tem que aguentar o fruto desse carma, nesta vida ou em outra, a menos que encontre algum modo de purificá-lo. Naquele caso, acredita-se que é melhor experimentar o carma nesta vida humana, onde você tem mais condições e capacidades para suportá-lo de maneira melhor do que, por exemplo, um animal, que não pode ser ajudado e por isso pode sofrer ainda mais.” (65)

O Espiritismo também é contrário à eutanásia, trazendo, inicialmente a opinião do médium e escritor Divaldo Franco:

“Quando alguém toma sua última decisão, a de se tirar a vida, cai sob as sanções naturais que sua atitude propicia, desencadeando sofrimentos que pioram sua situação ao invés de solucioná-la...

Não sendo o corpo a vida em si mesmo, senão a indumentária transitória do Espírito, os atentados contra si produzem dano na estrutura perispiritual, que incorpora a violência a esse mundo energético que irá constituir, em outra existência, o veículo material para o resgate inevitável de tal crime.

A vida tem uma finalidade muito bem definida em todos seus atributos. Interromper suas funções orgânicas, significa lesar seus campos vibratórios encarregados das expressões fisio-psíquicas... é, portanto, um ato de aberração, o mais grave atentado contra a Consciência Divina encarregada do equilíbrio universal.

Deste modo, o transgressor da ordem se transfere de um a outro estado energético, sem que saia de si mesmo, adicionando, às suas antigas penas, as novas adquiridas por sua própria vontade.” (568)

O escritor Charles Hampton, nos lembra através do seu livro “A Transição Chamada Morte”, alguns aspectos relevantes desta passagem:

“A pessoa recentemente morta não se encontra nem no céu nem no inferno. Descubra que todo o mundo físico é duplicado em matéria mas fina, em substância mais etérea. Os parentes olham para o

corpo morto. Toda a atenção está centralizada nele. Para o morto recente esse corpo se assemelha a uma moradia abandonada, caindo aos pedaços. Parece-lhe absurdo que se concentre tanta atenção naquilo, enquanto ele está de pé, sentindo-se bem. Mas os outros, não tendo percepção extra-sensorial, não podem ver, sentir ou ouvi-lo. Quando ele fala, é como se um duplo vidro à prova de som estivesse a separá-los. Quando estende a mão para tocá-los, essa mão atravessa-lhes o corpo, como se fosse uma névoa aquecida. Para nós, uma pessoa em corpo astral nada mais é senão uma nuvem transparente, embora suas feições sejam claramente reconhecíveis. Para os mortos, o corpo físico se parece a uma névoa úmida e pegajosa.

Quando o morto recente percebe que os vivos não o entendem e que, em relação a isso, nada pode ser feito, volta sua atenção para o mundo astral e, normalmente, ali encontra amigos e parentes prontos para darem-lhe as boas vindas.” (569)

O espírito Emmanuel, através da mediunidade de Chico Xavier, na sua obra “O Consolador”, manifestou sua posição contrária à eutanásia:

“O homem não tem o direito de praticar a eutanásia, em caso nenhum, ainda que a mesma seja a demonstração aparente de medida benfazeja.

A agonia prolongada pode ter finalidade preciosa para a alma, e a moléstia incurável pode ser um bem, como a única válvula de escoamento para a sublime aquisição de seus patrimônios de vida imortal. Além do mais os desígnios divinos são insondáveis e a ciência precária dos homens não pode decidir quanto aos problemas transcendentes do Espírito.” (446)

O pesquisador espírita Francisco Cajazeira, no seu livro “Eutanásia à Luz do Espírito”, faz uma análise minuciosa do assunto:

“Na Eutanásia Voluntária - Neste caso há verdadeiro suicídio, variando apenas no que concerne ao agente e ao motivo pelo qual se dá. As repercussões são, portanto, similares àquelas descritas pelos Espíritos suicidas, através da farta documentação mediúnica existente, variando, naturalmente, às expensas de parâmetros relacionados com a maior ou menor consciência do próprio ato, podendo ocorrer perturbação espiritual demorada, monodéismo e sentimento de culpa alucinantes, calcados no modus operandi

do processo letal e, até mesmo, sintonia com o corpo em decomposição, fazendo-se sentir, por esta razão, os horrores da destruição cadavérica pela fauna apropriada. Estes são horrores fundamentados na identificação com o corpo carnal e não por seu processo natural.

Na Eutanásia Involuntária - Nesta situação, acontece também uma intensificação do estado de perturbação pós-desencarnação, por conta ainda dos laços fluídicos que atrelam o Espírito ao corpo somático, muito embora as razões predisponentes de sua vulnerabilidade a esta vivência dolorosa devam - caso não possam ser encontradas nesta última reencarnação - situar-se em outra instância palingenésica.” (570)

Ainda na obra supracitada, vamos buscar a opinião de Allan Kardec:

A respeito da eutanásia, Allan Kardec indaga ao Espírito São Luís, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, em seu capítulo quinto, item 28:

“Um homem agoniza, presa de cruéis sofrimentos. Sabe-se que o seu estado é sem esperanças. É permitido poupar-lhe alguns instantes de agonia, abreviando-lhe o fim?

- Mas quem vos daria o direito de prejudicar os desígnios de Deus? Não pode Ele conduzir um homem até à beira da sepultura, para em seguida retirá-lo, com o fim de fazê-lo examinar-se a si mesmo e modificar-lhe o pensamento?”

A primeira frase da resposta do Espírito, em estilo maiêutico, sugere-nos refletir a respeito da perfectibilidade das leis e da ação divina presente e constante em todos os acontecimentos da nossa existência. O que sabemos em profundidade sobre a vida e a morte, ao ponto de nos colocarmos na condição de juízes das necessidades alheias e até pessoais, mormente no que diz respeito aos planos divinos para cada um? O Pai amoroso, que é Deus, abandonaria, então, um de seus filhos, deixando-o à morte das dores que para ele nada acrescentassem? Jesus já nos ensinava que não existe uma folha sequer, tombada de uma árvore, que não seja pela vontade do Criador, quer dizer, sem que seja mediada por suas leis eternas.

A segunda frase da mesma resposta do Espírito São Luís, retrata a necessidade que ostentam muitas pessoas de terem revolvidas as suas estruturas mais íntimas, a fim de fazê-las refletir e modificar sua visão e compreensão da vida espiritual, o que sói acontecer com a antevisão da própria morte. Constitui uma espécie de

“tratamento de choque”.” (570)

No seu livro “Enfoques Científicos na Doutrina Espírita”, o médico espírita Jorge Andréa analisa a eutanásia:

“O processo chamado de eutanásia cria superlativas reações, que comprometem os dispositivos das leis de ação e reação. As coisas se passam de tal ordem, quando a eutanásia é aplicada, que o processo desencarnatório muda de curso, refletindo reações bastantes destoantes, numa mecânica de difícil compreensão, devido a nossa avaliação científica estar diretamente relacionada com o corpo físico. As reações espirituais estão muito além das nossas percepções comuns; valorizamos o que mais nos toca os sentidos.

Aquele que deixa a vida ceifado pela eutanásia sofrerá, de modo intenso, no seu próximo processo reencarnatório. Se a eutanásia desajusta a desencarnação, será quase certo termos equivalentes respostas no próximo processo reencarnatório, como condição de equilíbrio na mecânica da vida.

Devemos respeitar a hora ajustada da desencarnação; não podemos intervir, sob qualquer pretexto, no processo que a vida comanda; jamais devemos isolar ou transferir sofrimentos e dores; não temos o direito de abreviar a vida de quem quer que seja. As reações do processo desencarnatório obedecem a leis que fazem parte da essência da vida; tudo isso irá propiciar uma transferência das propostas de libertação do Espírito.” (88)

A escritora espírita Yvonne A. Pereira no seu elogiado livro “Memórias de um Suicida”, elenca algumas consequências deste ato similar à eutanásia:

“- Renascendo em novo corpo carnal, remontará o suicida à programação de trabalhos e prélios diversos aos quais imaginou erradamente poder escapar pelos atalhos do suicídio;

- O suicida é um Espírito criminoso, falido nos compromissos que tinha para com as Leis sábias, justas e imutáveis estabelecidas pelo Criador, e que se vê obrigado a repetir a experiência na Terra, tomando corpo novo, uma vez que destruiu aquele que a Lei lhe confiara para instrumento de auxílio na conquista do próprio aperfeiçoamento - depósito sagrado que ele antes deveria estimar e respeitar do que destruir, visto que lhe não assistiam direitos de faltar aos grandes compromissos da vida planetária tomados

antes do nascimento, em presença da própria consciência e ante a Paternidade Divina, que lhe fornecera Vida e meios para tanto;
- O Espírito de um suicida voltará a novo corpo terreno, em condições muito penosas de sofrimento, agravadas pelas resultantes do grande desequilíbrio, que o desesperado gesto provocou no seu corpo astral, isto é, no perispírito;
- A volta de um suicida a um novo corpo carnal é a lei. É lei inevitável, irrevogável! É expiação irremediável, à qual terá de se submeter, voluntariamente ou não, porque a seu próprio benefício outro recurso não haverá, senão a repetição do programa terreno que deixou de executar;
- Sucumbindo ao suicídio o homem rejeita e destrói ensejo sagrado, facultado por lei, para a conquista de situações honrosas e dignificantes para a própria consciência, pois os sofrimentos, quando heroicamente suportados, dominados pela vontade soberana de vencer, são como esponja mágica a expungir da consciência culposa a caligem infamante, muitas vezes, de um passado criminoso, em anteriores etapas terrenas.” (571)

TESTEMUNHOS DA ESPIRITUALIDADE

O leitor pode constatar que a eutanásia é um erro enorme; pois seus resultados são muito piores do que qualquer situação que os tenha originado. Os que cometem eutanásia continuam a reviver a tragédia que experimentaram, na companhia de outros espíritos suicidas nas regiões do Umbral, conhecida como “Vale dos Suicidas”, plasmadas pelas suas mentes atormentadas.

O suicida é um ser que ficou no meio do caminho, tendo de aguardar, em agonia, até transcorrer o tempo da vida natural, que lhe faltava passar na Terra. Os testemunhos espirituais de alguns casos deste espíritos sofredores oferece-nos uma idéia, das consequências cármicas deste ato.

Para facilitar, gostaria de lembrar ao leitor a última versão da novela “A Viagem”, de Ivani Ribeiro, exibida pela Rede Globo de Televisão, onde o ator Guilherme Fontes interpretava um espírito suicida, que ficou confinado, bastante tempo, num vale tenebroso, confirmando o relato de diversos espíritos, através da mediunidade de Yvonne Pereira:

“Era eu, pois, presidiário dessa cova ominosa do horror! Não

habitava, porém, ali sozinho. Acompanhava-me uma coletividade, falange extensa de delinquentes, como eu...

Dotado de grande sensibilidade, para maior mal tinha-a agora como superexcitada, o que me levava a experimentar também os sofrimentos dos outros mártires meus compares, fenômeno esse ocasionado pelas correntes mentais que se despejavam sobre toda a falange e oriundas dela própria, que assim realizava impressionante afinidade de classe, o que é mesmo que asseverar que sofríamos também as sugestões dos sofrimentos...

Às vezes, conflitos brutais se verificavam pelos becos lamacentos, onde se enfileiravam as cavernas que nos serviam de domicílio. Invariavelmente irritados, por motivos insignificantes nos atirávamos uns contra os outros em lutas corporais violentas, nas quais, tal como sucede nas baixas camadas sociais terrenas, levaria sempre a melhor aquele que maior destreza e truculência apresentasse. Frequentemente fui ali insultado, ridicularizado nos meus sentimentos mais caros e delicados com chistes e sarcasmos que me revoltavam até o âmago; apedrejado e espancado até que, excitado por fobia idêntica, eu me atirava a represálias selvagens, ombreando com os agressores e com eles refocilando na lama da mesma ceva espiritual!

A fome, a sede, o frio enregelador, a fadiga, a insônia; exigências físicas martirizantes, fáceis de o leitor entrever; a natureza como que aguçada em todos os seus desejos e apetites, qual se ainda trouxéssemos o envoltório carnal; a promiscuidade, muito vexatória, de Espíritos que foram homens e dos que animaram corpos femininos; tempestades constantes, inundações mesmo, a lama, o fétido, as sombras perenes, a desesperança de nos vermos livres de tantos martírios sobrepostos, o supremo desconforto físico e moral - eis o panorama por assim dizer "material", que emoldurava os nossos ainda mais pungentes padecimentos morais!

A tão deploráveis sequências sucediam-se outras não menos dramáticas e rescaldantes: - atos incorretos por nós praticados durante a encarnação, nossos erros, nossas quedas pecaminosas, nossos crimes mesmo, corporificavam-se à frente de nossas consciências, como outras visões acusadoras, intransigentes na condenação perene a que nos submetiam. As vítimas do nosso egoísmo reapareciam agora, em reminiscências vergonhosas e contumazes, indo e vindo ao nosso lado em atropelos pertinazes, infundindo em nossa já tão combalida organização espiritual, o mais angustioso desequilíbrio nervoso forjado pelo remorso." (571)

O escritor espírita Almerindo Martins de Castro, no seu livro “O Martírio dos Suicidas”, narra a história de uma jovem crente que ficou encantada pelas promessas de bem-aventurança do céu e pensou, através do suicídio, alcançar o convívio dos deuses:

“E, cada vez mais empolgada pela idéia de ir para junto da Virgem Maria, chegou ao lar, foi para um aposento, e suicidou-se. Narra o Espírito da jovem:

“Minha desventura, agora, não é feita de dores (que o meu corpo não teve), nem de remorsos, porque jamais pratiquei mal contra o próximo; mas da contemplação dos sofrimentos de minha infeliz mãe.

Fugindo da vida, eu lhe causei a maior dor de toda a sua existência, e por mim ela chorou todas as lágrimas dos seus olhos. Cada soluço, cada lamento dos seus lábios feriam-me a alma, qual se fossem punhais de fogo. Depois, quando pude ver, aos meus olhares surgiram os quadros da miséria, da fome e do frio que minha pobre mãezinha tem curtido - depois que lhe faltou o sustento, que eu lhe proporcionava com o fruto do meu trabalho.

Rolando, em casa de estranhos, por esmola, comendo do que sobra, mesmo contra o seu paladar; vestindo restos de roupas, às vezes insuficientes para atenuar o frio; olhada com indiferença por todos, ninguém lhe faz um carinho, nem lhe diz palavras de consolo; ninguém lhe zela pela saúde, e muitas vezes ela se tem sentido morrer, sem o socorro de qualquer medicação.

Tal é a minha tortura de todos os instantes: o quadro dos sofrimentos de minha mãe não se afasta de diante de mim. Dir-se-ia que em todo horizonte da minha visão não existe outra perspectiva. O meu suplício espiritual lembra o da gota de água, caindo sobre a cabeça do condenado - até perfurá-la - à força de bater ininterruptamente. Coisa terrível o suicídio! Horrível mentira, a promessa do Céu aos pobres pecadores, indignos até do olhar de Jesus!”. (572)

O escritor espírita Divaldo Franco relata o depoimento de um médico desencarnado, que praticava a eutanásia nos seus pacientes:

“Sou médico e, na minha condição de discípulo de Esculápio, segui a consciência. Quando os dados são falsos, o jogo é sempre desleal. Diante das conjunturas que não permitem uma visão global dos acontecimentos, qualquer técnica de julgamento é arbitrária. Muito difícil, portanto, avaliar a situação de um suicida, de um assassinado ou de alguém que recebeu a eutanásia.

Advoguei sempre a eutanásia como paliativo para as aflições dos irrecuperáveis.

Sempre defendi a eutanásia e a pratiquei. Chamar-me de homicida é crime, e reprocho a acusação, embora saiba que são os fantasmas da consciência que me povoam os arcanos da mente, graças ao atavismo das religiões infames, de que me tentei libertar, mas, por uma hereditariedade psicológica ainda me atanzam a razão...

Mais tarde, na minha clínica, com a anuência dos próprios pacientes e de alguns familiares que me recorriam aos serviços, pude manter a piedade e facilitar processos de embolia, dando morte respeitável àqueles que se decompunham, misturados aos dejetos, sob escaras lancinantes e dores selvagens que lhe exigiam uma demorada sedação.

Acusam-me agora de homicida; aturdem-me; ameaçando-me cortar os tendões para deixar-me na imobilidade, arrancando-me também a língua, para que a mente apenas acompanhe a minha desgraça e o deteriorar da minha consciência.

Acusam-me, dizendo que o soro antidiftérico chegou à humanidade minutos depois que um médico matou a filha, para a qual não tinha possibilidades de esperança, e dizem-me que a função da ciência é aguardar, mantendo a esperança.” (397)

Para encerrar estes depoimentos espirituais, gostaria de recomendar ao leitor, para entender melhor a transição do espírito para as dimensões mais sutis, que assistam o excelente filme norte-americano “Amor Além da Vida”. O filme é uma adaptação, que o roteirista Ron Bass fez para o cinema, do livro que Richard Matheson (autor de Em Algum Lugar do Passado) escreveu para sua esposa; onde o médico Chris Nielsen, interpretado por Robin Williams, consegue casar com sua alma gêmea, Annie, vivida por Annabela Sciorra e, após dois filhos e muita felicidade, ocorre a morte repentina do médico, que vai para o paraíso, segue-se o suicídio da esposa, o que a leva a zonas tenebrosas inferiores. Quando fica sabendo que a esposa jamais poderá unir-se a ele no seu paraíso, Chris jura encontrá-la onde estiver, embarcando então em uma odisséia épica por diversas regiões espirituais, contando apenas com a ajuda de um rastreador (papel do excelente Max Von Sydow) e o seu amor incondicional pela companheira, a quem tentará livrar dos tormentos infinitos.

COMO CUIDAR DO PACIENTE TERMINAL?

A medicina mais conservadora mantém-se afastada do paciente como pessoa, dificultando o momento da sua passagem para o plano espiritual; ao contrário da “Medicina Holística”, já analisada, que trata do doente como um todo.

O doente, hoje chamado terminal, morria cercado de toda a parafernália da medicina contemporânea, mas longe do apoio, carinho e conforto de parentes e amigos, reduzido, praticamente, a um caso clínico, meticulosamente, anotado no prontuário.

Entretanto, a tendência para o Terceiro Milênio é de se resgatar a visão humanista da Medicina. Podendo indicar ao leitor o filme “Patch Adams”, também com Robin Williams, que conta a história de um médico “new age”.

Uma das maiores especialistas em Tanatologia do mundo, ciência que estuda a morte, a médica suíça Elisabeth Kubler-Ross, foi objeto de um artigo de Hermínio Miranda, que narra o início da sua carreira, cuidando de doentes terminais nos EUA:

*“Foi aí por volta de 1965, já nos Estados Unidos, para onde emigrara com o marido, o dr. Emmanuel Ross, que Kubler-Ross entrevistou, pela primeira vez, diante de um grupo de estudantes, um jovem paciente terminal, algo impensável para a época. Diz ela, no prefácio de seu livro **Death - The Final Stage of Growth**, que a entrevista não fora “planejada nem preconcebida” e que ninguém poderia imaginar, aquela época, que estava surgindo ali uma longa e impactante série de seminários sobre a morte e a inevitável rotina de morrer. A própria doutora, já formada também em psiquiatria, não pensava senão em dar uma boa aula prática sobre sua mais recente especialização profissional. Confessava-se, a essa altura, “impressionada pela ausência de compreensão e de uma real avaliação da psiquiatria pelos estudantes de medicina”. Afinal de contas, mais cedo ou mais tarde, e muitas vezes, todos eles teriam de vivenciar situações terminais, cara-a-cara com a morte. Kubler-Ross estava determinada a mergulhar mais fundo no problema que esse confronto suscitava para todos, médicos, paramédicos, sacerdotes, parentes, amigos e até estranhos.” (573)*

A Dr^a Kubler-Ross narrou o nascimento da Tanatologia, no seu livro “A Roda da Vida”, transcrevendo este episódio abaixo:

“Naqueles primeiros dias do que seria conhecido como o nascimento da tanatologia, ou do estudo da morte, a melhor professora que tive foi uma faxineira negra. Não me lembro de seu nome, mas sempre a encontrava nos corredores, de dia ou à noite, dependendo de nossos plantões. O que chamou minha atenção, no entanto, foi o efeito que sua presença causava em muitos dos pacientes mais graves. Cada vez que ela saía dos seus quartos, eu notava uma diferença palpável nas atitudes deles.

Quando ficamos sozinhas, onde ninguém nos podia ouvir, ela revelou-me a história trágica de sua vida, abrindo-me seu coração e sua alma de uma maneira que estava acima de minha compreensão.

Do sul de Chicago, ela cresceu na pobreza e na miséria. Sua casa era um cortiço, onde não havia água quente nem aquecimento e as crianças estavam sempre desnutridas e doentes. Como a maioria das pessoas pobres, não sabia como se defender das doenças ou da fome. As crianças enchiam com aveia barata suas barrigas que doíam e médicos eram algo que só existia para outro tipo de pessoas. Um dia, seu menino de três anos de idade ficou muito doente, com pneumonia. Ela o levou para o setor de emergência de um hospital próximo, mas não foi atendida porque estava devendo dez dólares ali. Desesperada, andou até o Hospital Cook, onde eram obrigados a aceitar indigentes.

Lá, infelizmente, entrou numa sala cheia de gente como ela, com grave necessidade de atendimento médico. Disseram-lhe que esperasse. Depois de três horas sentada aguardando a vez de ser atendida, viu seu filho arquejar, sufocar e morrer, enquanto ela o embalava em seus braços...

- Sabe , a morte não é uma estranha para mim. É uma velha conhecida, de muito tempo.

E transformei-me na aluna diante da professora.

- Não tenho mais medo dela - continuou, com sua voz mansa, calma e objetiva - Às vezes, quando entro no quarto desses doentes, vejo que estão simplesmente petrificados de medo e não têm ninguém com quem falar. Então, chego perto deles. E muitas vezes até seguro suas mãos e digo a eles que não se preocupem, que não é tão horrível assim. E não disse mais nada. Pouco tempo depois, promovi-a de faxineira a minha principal assistente. Ela me proporcionou o apoio de que eu precisava, quando ninguém o estava dando. Isso também se tornou uma lição que tentei passar adiante. Não precisamos de gurus especiais ou conselheiros para crescer. Há mestres sob todas as formas e disfarces. Crianças, os

doentes terminais, uma faxineira. Nenhuma teoria ou ciência do mundo ajuda tanto uma pessoa quanto um outro ser humano que não tem medo de abrir o coração para seu semelhante.” (228)

A Dr^a Kubler-Ross no seu livro “Sobre a Morte e o Morrer”, responde perguntas específicas sobre a eutanásia nos pacientes terminais, demonstrando a sua opinião, radicalmente, contra este ato:

“Como transmitir a “vontade de viver” a alguém que deseja a morte? Por exemplo, a um paciente suicida ou a alguém que esteja abusando de drogas ou do álcool, de maneira que volte a querer viver e gozar uma vida útil?

A primeira coisa é não julgar este tipo de paciente. Temos que aceitá-los como são e tentar descobrir porque estão abusando de drogas ou do álcool ou porque perderam a vontade de viver. Só depois disso é que podemos ajudá-los de fato. É lógico que estes pacientes requerem ajuda profissional.

Você acredita que uma pessoa tem o direito de tirar a própria vida durante uma moléstia fatal? Temos o direito de evitar este ato?

Nossa meta não deve ser tirar vidas, mas ajudar a que as pessoas vivam até morrerem naturalmente. Se um paciente estiver muito deprimido e quiser terminar com sua vida, precisamos primeiro tentar arrancá-lo desta depressão. Se um paciente desenganado aceitar sua própria finitude, puser a casa em ordem e quiser acabar com a vida, não podemos evitar que isso aconteça nem devemos julgar sua decisão. Mas, enquanto estiver sob nossos cuidados, devemos fazer de tudo para tornar sua vida suportável, senão plena de sentido, de modo que possa aguardar sua morte natural. Como ajudar a família e os amigos de alguém que se suicidou, a aceitarem a morte?

Depois que a morte se deu, essas famílias precisam passar por todos os estágios do morrer. Em geral, graças à natureza da morte da pessoa querida, há muitos arrependimentos e sentimentos de culpa adicionais. Não raro, a família necessita de ajuda profissional para alcançar o estágio de paz a aceitação. Naturalmente, este pesar dura muito mais do que se a pessoa tivesse morrido de causas naturais.

O que dizer a um paciente que implora morte de misericórdia à equipe médica, ou ameaça suicidar-se, recusando tomar sua medicação?

Não acho que se possa forçar um paciente a tomar remédio. Se ele recusar diálise, tratamento posterior, medicamentos, temos que

aceitar o direito dele de dispor de seu próprio corpo, se estiver mentalmente são. Se sofrer de depressão psicótica, considero um dever ajudá-lo a vencer este estado. Se ainda assim, recusar o tratamento ou os remédios, aceitarei sua decisão. Gostaria de saber porque um paciente pede morte de misericórdia. Se toma analgésico para a dor, e recebe ajuda física, emocional e espiritual satisfatória, só pediria a morte de misericórdia em casos extremamente raros, talvez um caso em mil. Nossa função não é matar, mas sim ajudar os outros a viverem até que morram. Sou totalmente contra qualquer forma de morte de misericórdia e de maneira nenhuma tomaria parte disso.” (233)

Alguns conselhos que daria a um paciente terminal: é fundamental conservar o carinho e as relações íntimas com amigos e membros da família, pois é indispensável um amigo confiável, com quem possa compartilhar seus medos e esperanças. É certo que os relacionamentos calorosos ajudam a afugentar a sensação de isolamento, sentida em momentos como este; bem como a estabelecer uma atmosfera carinhosa apropriada, esteja você em casa ou num hospital. Ademais, seria bom fazer uma breve revisão da vida e se arrepender sinceramente, do mal que foi praticado a outrem e se possível remediá-lo, enquanto tiver tempo.

Assim, através do arrependimento você pode esvaziar sua mente de sentimentos de culpa, que costumam aflorar com todo ímpeto nesse período, e desta forma atenuar suas preocupações e medos, e encontrar sua paz de espírito.

O terapeuta americano Bruce Goldberg, no seu livro “Uma Tranquila Transição”, ensina o paciente a se manter consciente no momento da “passagem”:

“Você vai descobrir em si, neste momento, a tendência a dar prioridade ao que você acha importante fazer e às pessoas que você quer ver. Não se surpreenda ao descobrir o que denominei “ironia da transição”. Isso indica simplesmente que quanto mais nos aproximamos da nossa transição, tanto mais aprendemos a viver. Pense nessa época como o ensaio de uma peça. Os últimos três meses de sua vida física exigem que toda a fé, todo o conhecimento e todo o apoio que você adquiriu durante toda a sua encarnação se unam para permitir que o seu desempenho seja indiscutivelmente melhor, a morte consciente.

A filosofia de viver cada dia entra em ação aqui. Planeje todos os

dias de manhã as metas que você mais deseja alcançar. Essa agenda não pode ser sobrecarregada e precisa estar estruturada de modo a incluir eventos que ofereçam boas recompensas. Isso pode envolver a realização de tarefas pequenas, mas importantes, ou a partilha de intimidades com entes queridos.

As técnicas mais relevantes para você são as meditações de antes e de depois da morte e a experiência fora do corpo consciente. Os outros podem ser feitos com menor frequência... Não comprometa seus direitos essenciais só porque breve deixará este mundo. Você tem direito à privacidade, a pedir informações sobre a sua doença e os tratamentos possíveis, bem como a obter tudo o que for necessário para o seu bem-estar. Você tem direito a dormir em paz e a ser confortado, a controlar o máximo possível as questões cotidianas de sua existência: o que comer, que remédios tomar, visitantes e o modo de ocupar seu tempo. Você pode sentir e expressar sentimentos, por maior que seja o desagrado que causem nos outros. Você tem o direito de desenvolver a espiritualidade na direção que quiser. Eis aqui uns poucos daqueles que denomino “direitos kármicos de transmissão”.

É responsabilidade sua afirmar-se e informar a família que quer ser parte do lar na forma que escolher. Não se proíba participar das atividades dos seus entes queridos; peça-lhes que o incluam em seus planos, mesmo que às vezes isso lhes traga dificuldades ou inconvenientes.” (574)

A escritora Gislaïne D’Assunção lembra que não devemos negar a morte, pois ela faz parte da vida:

“Assim como viver, morrer é um exercício diário. Na chama da vida está a chance da morte... A escolha é só minha: posso cultivar a dor de morrer a cada instante ou o prazer de renascer no momento seguinte. A tristeza de se sentir as coisas terminando ou a alegria de ver começar algo novo.” (575)

O escritor e médico holístico Deepak Chopra, também analisando o corpo sem idade, receita o amor como melhor meio de transcendência:

“Use o amor como o espelho de sua intemporalidade; permita que ele alimente a convicção de que você transcende a mudança, assim também como a lembrança de ontem e o sonho de amanhã. Há um número infinito de maneiras para descobrir o seu verdadeiro

ser, mas a luz mais brilhante é a do amor. Seguindo-a, você será levado para além dos limites da velhice e da morte. Saia do círculo do tempo e descubra-se no círculo do amor.” (576)

Para finalizar este capítulo, transcrevo um poema de Nestor Vitor dos Santos, psicografado por Waldo Vieira, com o título “Eutanásia”, constante no livro “Antologia dos Imortais”:

*“Ofega o corpo a sós... Oculta, a morte espia...
- Invisível chacal na tocaia da presa.
Na máscara do rosto, a ansiedade retesa
Aparenta velar a dor do último dia.
Choras ao ver prostrada a criatura indefesa
Cujo olhar sem consolo a lágrima embacia,
E intentas ministrar-lhe a branda anestesia
Que apresse o longo fim e ajude a Natureza.
Susta, porém, teu gesto! A vida é sábia em tudo!...
A alma jungida à carne, em pranto amargo e mudo,
Roga-te, embora gema e fale de outra esfera:
- “Aguardo a mão da Lei, sempre doce e benvinda!
Dá-me silêncio e paz! Não me expulses ainda!...”
E, por trás da alma em luta, a Lei exclama: - Espera!” (180)*

CAPÍTULO XXIII

SEPULTAMENTO, CREMAÇÃO OU CONGELAMENTO?

*“Se tu queres viver a minha vida plenamente, é preciso morrer a ti mesmo... Mas se tu não fazes nada para dissolver o véu que nos separa, nenhuma morte te livrará dessa decepcionante ilusão.”
(578) Pierre Weil*

*“A morte não é uma coisa aterradora, algo a ser evitado, algo a ser postergado; em vez disso, é algo com se estar todos os dias. E daí surge uma extraordinária sensação de imensidão.” (579)
Krishnamurti*

Ainda analisando o momento de transição ou passagem do espírito, para o plano extra-físico, cabe-nos tecer alguns comentários, sobre opções para dar uma melhor destinação ao cadáver.

A tradição da Igreja Católica recomenda o sepultamento ou inumação do corpo, como a melhor forma de aguardar o dia do “Juízo Final”, quando os corpos seriam ressuscitados. Na verdade, o corpo físico é um elemento da dimensão terrena, ou seja, o corpo que jaz no cemitério é um composto orgânico que irá decompor suas partículas, até que sejam reaproveitadas pela natureza, dentro da “Lei de Lavoisier”, de que “na natureza, nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”.

A tendência futura é do sepultamento perder a sua hegemonia para a cremação, que tem um custo 30% mais barato, além de ser mais higiênica, evitando a disseminação de doenças; bem como de não ocupar espaços nos cemitérios. É oportuno lembrar que existem diversas orientações espirituais, no sentido de recomendar uma espera de 72 horas da morte, antes de sepultar ou cremar o cadáver, a fim de que a “força vital” possa se desprender totalmente do corpo físico. Com efeito, o corpo poderá ser conservado, por três dias em câmara frigorífica ou em um “container” de metal, até seu sepultamento ou cremação.

CREMAÇÃO DE CADÁVERES

O Catolicismo, o Protestantismo, o Judaísmo e o Islamismo preferem o sepultamento do cadáver, que seria uma forma mais respeitosa de defendê-lo da profanação; ao passo que o Budismo e o Hinduísmo adotam a cremação.

O escritor Sogyal Rinpoche irá nos descrever o processo de cremação, segundo o Budismo Tibetano:

“Em várias tradições orientais, geralmente a cremação é o modo de dar fim no cadáver. No budismo tibetano há também práticas específicas para a cremação. O crematório ou pira funeral é visualizada como o mandala de vajrasattva, ou as Cem Deidades Pacíficas e Iradas; as deidades são visualizadas com intensidade e invoca-se a sua presença. O cadáver da pessoa que morre é visto como a representação real de todo seu carma negativo e seus obscurecimentos. Queimando o corpo, estes são consumidos pelas deidades numa grande festa, e transmutados e transformados por elas na sua natureza de sabedoria. Imagina-se raios de luz das deidades; visualiza-se o corpo dissolvendo-se por completo na luz, e toda as máculas das pessoas morta sendo purificadas nas chamas ardentes da sabedoria. À medida que você faz essa visualização, pode recitar o mantra de vajrasattva de cem ou de seis sílabas. Essa prática simples para a cremação foi transmitida e inspirada por Dudjom Rinpoche e Dilgo Khyentse Rinpoche. As cinzas do corpo e o tsenjang podem então ser misturados com barro para fazer pequenas imagens chamadas tsatsa. Recebendo bênçãos, elas são dedicadas à pessoa que morreu, criando assim condições auspiciosas para um bom renascimento futuro.” (65)

Vale lembrar que o próprio cadáver do mestre Buda foi cremado e que este método é praticado na Índia, desde o segundo milênio antes de Cristo. Na religião e na filosofia hindu acredita-se que o fogo decompõe o corpo em seus elementos básicos, quais sejam fogo, água, terra e ar, ao mesmo tempo purificando o espírito para a sua reencarnação.

Apesquisadora e escritora Sukie Miller, resume os rituais de cremação praticados, respectivamente, na Índia e em Bali:

“Quando um crente indiano morre, ou parece estar próximo da morte, a família que pode arcar com essa despesa empreende uma viagem a Varanasi, onde corre o sagrado rio Ganges. Chegando

lá, essa família contrata um Mahapatra para que este cuide do cadáver de seu ente querido, e realize os rituais e as tarefas necessárias à transformação. O Mahapatra segue uma série de rituais antigos: deve, por exemplo, ungir o cadáver e envolvê-lo em tecido, entrelaçados com fios de ouro ao redor do cadáver e que ostentam cores brilhantes; depois, na presença de seus entes queridos, que ali se apresentam como peregrinos, queimam o cadáver em uma pira que deve arder em fogo lento. Dão início, em seguida, a pequenos rituais destinados a purificar, educar e agradar ao espírito, ao longo de seu caminho para além do Lugar de Espera...”

“Em seguida, constrói-se a torre de cremação. Esta representa o universo balinês, o qual tem em sua base a tartaruga, que simboliza o universo, ladeada por dois dragões em forma de serpentes. As onze divisões da torre representam os onze níveis do Céu e da Terra e a montanha do mundo.

Até o dia da cremação mantém-se acesa uma lâmpada que deverá guiar a alma de volta a seu lar e é comum que se monte um boneco em tamanho natural, feito de antigas moedas chinesas, que são cosidas ao espaço central com fios de linha branca.

No dia aprazado, tudo isso é queimado. Uma orquestra especial de percussão e músicos vestidos a caráter que imitam soldados em batalha, simbolicamente guardam o espírito contra influências maléficas. Com uma energia incontida os sarcófagos são conduzidos para o cemitério. O objetivo do entrevero é confundir o espírito e fazer com que ele perca o caminho - de forma a que não volte para perturbar sua família. As pessoas galgam a torre e, por vezes, deixam voar em liberdade sobre ela umas galinhas novas, que simbolizam a alma que voa livre para longe.” (298)

No século passado, a cremação era uma questão de higiene pública, atendendo as recomendações da ciência, que segundo Pasteur, já comprovava a possibilidade de transmissão de certas moléstias, através dos cadáveres em decomposição. O espírito Emmanuel, na obra mediúnica “O Consolador”, psicografada por Chico Xavier, responde a respeito deste tema:

“Na cremação, faz-se mister exercer a piedade com os cadáveres, procrastinando, por mais horas, o ato de destruição das vísceras materiais, pois, de certo modo, existem sempre muitos ecos de sensibilidade entre o Espírito desencarnado e o corpo onde se extinguiu o “tonus vital”, nas primeiras horas seguintes ao desenlace, em vista dos fluidos orgânicos que ainda solicitam a

alma para as sensações da existência material.” (446)

Conforme entendimento dos Drs. Charles Lancelin e Carlos Bernardo Loureiro é preferível o sepultamento, pois a cremação para o:

“Dr. Lancelin, é um ato de violência que, dissolvendo, instantaneamente, o corpo físico, inflige uma sensação de dor atroz ao Espírito, cujo perispírito, depositário da sensibilidade da vida física, ainda está saturado de fluidos vitais. Rompe-se, brutalmente, o laço fluídico que liga o Espírito ao cadáver, consumido pela chamas.”

No início de abril/98, foi aprovada a Lei nº 5.364, que instituiu, em Salvador, Bahia, a prática da cremação, dispondo o seu artigo 2º:

“Art. 2º - será cremado o cadáver:

- a) daquele que em vida, houver demonstrado este desejo, por instrumento público ou particular, exigidos, neste último caso, a intervenção de três testemunhas e o registro do documento;*
- b) se ocorrida morte natural, e a família do morto assim o desejar e sempre que, em vida o “de cujus” não haja feito declaração em contrário por uma das formas a que se refere a alínea anterior.”*

Na minha opinião pessoal, é preferível a cremação, que tive a oportunidade de testemunhar em Kathmandu, no Nepal: “Porque tu és pó e ao pó retornarás” (Gênesis 3 : 9); após o aproveitamento dos órgãos para doação; vez que temos consciência da nossa condição de espíritos imortais e não sentiremos nenhum apego ao corpo físico, no momento da passagem. Aliás este é o consenso, nas respostas a esta questão específica, constantes no “Apêndice” deste livro, transcrevendo abaixo parte da resposta do ilustre médium Divaldo Franco:

“Quando o Espírito se conscientizou de que deveria ser cremado, atitude tomada antes da desencarnação, liberta-se dos despojos materiais sem experimentar no ato da destruição física, sensação alguma, seja através das labaredas ou mesmo da inumação. Quando, no entanto, é egoísta, sensualista e gozador, apegado aos prazeres materiais, sofre as aflições compreensíveis que disso se derivam, em razão de não se considerarem mortos... Não obstante, em relação à cremação, os Bons Espíritos recomendam que se deve aguardar um período aproximado de 72 horas, após o que o corpo estará liberado totalmente dos vínculos que atam o Espírito à matéria e que se desfazem só lentamente.”

CRIOGÊNESE - A MUMIFICAÇÃO DO FUTURO

O termo suspensão criogênica (do grego kyros, gelado) refere-se a prática de manter o corpo em estado de hipotermia com temperatura de 160° centígrados negativos, por um longo período de tempo, para depois trazê-lo de volta à vida. Esse fenômeno, também chamado de hipotermia de estado sólido, é considerado um meio de sobrepujar a morte. Sendo o principal criador desta idéia o Prof. de Física, da Universidade de Michigan - EUA, Robert C. W. Ettinger, autor do discutido livro “The Prospect of Immortality” (A Perspectiva da Imortalidade), 1964, onde constam suas teses.

É defendida, com ardor, a crença de que se congelássemos os mortos, conseguiríamos “burlar” as leis da Natureza; vez que uma vítima de mal incurável, se congelada, teria apenas que aguardar o dia em que pudesse ser descongelada para obter a cura.

Ademais, entre as objeções mais importantes à suspensão criogênica estão as que envolvem sua credibilidade científica; porquanto a comunidade científica está dividida com relação à rapidez e à extensão dos desenvolvimentos da suspensão criogênica. Os críticos dessa prática sustentam que é impossível ressuscitar um corpo, a partir de seu estado solidamente congelado, pois é muito provável ocorrer danos pelo congelamento, já que um método seguro ainda não foi encontrado. Os críticos asseveram ainda que não há como evitar a perda letal de células, e que alguns tipos de células, principalmente no cérebro, não sobrevivem ao congelamento.

Nesta técnica o congelamento se faz pelo azoto líquido a - 160°C; evidentemente, o ideal seria submeter-se ao congelamento momentos antes da morte. Isso acontecerá um dia, afirma o cientista Ettinger, cujo otimismo quanto aos progressos da ciência não tem limites. Seu argumento de choque é irreparável: já que você está morto, não tem nada a perder; então, tente viver um pouquinho mais...

As primeiras experiências crionistas tiveram lugar em 1967. O professor de psicologia James Bedford, morto de câncer aos 73 anos de idade, foi depositado numa cápsula a - 160°C e transportado a Phoenix, no Arizona, onde fica o estabelecimento crionista. Uma criança de seis anos, morta de uma leucemia, foi a segunda pessoa congelada. Estima-se que já houve, até os nossos dias, mais de trinta experiências desse tipo.

O budista Sogyal Rinpoche não aceita esta possibilidade de congelamento do cadáver, para um despertar futuro:

“Dilgo Khyentse Rinpoche disse que isso é completamente sem sentido. A nossa consciência não pode entrar de novo no nosso corpo depois de estarmos verdadeiramente mortos. A crença no fato de que o cadáver de alguém possa ser conservado para um ressuscitamento futuro, pode levar a um aprisionamento da consciência da pessoa, num trágico e crescente apego ao corpo, agravando imensamente o sofrimento e bloqueando o processo de renascimento. Um mestre compara o congelamento do corpo, a baixas temperaturas a ir diretamente para um inferno gelado, sem nem mesmo passar pelo estado de bardo.” (65)

O renomado escritor espírita Carlos B. Loureiro, na sua obra “A Visão Espírita da Morte”, analisa os comentários de Chico Xavier sobre esta temática:

“A propósito, é válido citar a opinião do esclarecido espírito Emmanuel, transmitida através do médium Francisco C. Xavier e noticiada pela Folha Espírita, de São Paulo (1974):

‘(...) congelamento do corpo ocupado pelo Espírito, em processo de desencarnação, pode retê-lo, por algum tempo, junto à forma física, ocasionando para ele dificuldade e perturbações. Isso, de algum modo, já sucedia no Egito Antigo, quando o embalsamento nos retinha, por tempo indeterminado, aos pés das formas que

teimávamos em conservar. Semelhante retenção, porém, só se verifica na pauta da Lei de causa e efeito. E, quanto ao congelamento, se alguns dos interessados - por força da provação deles mesmos - retornarem ao corpo frio a fim de reaquecê-lo, a ciência não pode assegurar-lhes um equipamento orgânico claramente ideal, como seria de desejar, especialmente no tocante ao cérebro, que o congelamento indeterminado deixará em condições imprevisíveis.’ Pelas afirmações do Espírito Emmanuel, compreende-se que, em verdade, ocorre a prisão do Espírito pelo corpo congelado e que o processo só verifica na pauta da Lei de causa e efeito, o que evidencia, mais uma vez, a precisão e a justiça que transbordam da lei. Em outras palavras, isto significa que o tempo de permanência do Espírito próximo ao corpo congelado dependerá de seus compromissos conscienciais com a legislação divina, podendo haver, até, indivíduos que peçam a passagem por este tipo de prova, o que é sugerido no trecho: se alguns dos interessados - por força da provação deles mesmos - retornarem ao corpo...

É notável a referência ao embalsamento praticado no Antigo Egito, pois a semelhança do velho processo com o atual nos transporta para a estratificação da consciência e seus mecanismos. É possível que os atuais defensores do congelamento de cadáveres sejam antigos egípcios reencarnados, com profunda sedimentação psicológica dos momentos vividos outrora e que experimentam verdadeiras emersões do subconsciente, levando-os a participarem o embalsamento, utilizando-se de moderna tecnologia. Por fim, recorda o Espírito Emmanuel, que a parte relativa ao cérebro é que é, realmente, “o calcanhar-de-aquiles” da criogenização.

Ainda nos finais da década de 70, a Associação Médica Americana emitiu comunicado publicado na imprensa mundial, condenando o congelamento de cadáveres, rotulando-o de “procedimento pseudocientífico” e recusando-se a reconhecer, oficialmente, qualquer conduta similarmente conduzida.” (217)

Com efeito, certos cientistas de visão materialista estreita, ainda tentam negar a existência do componente espiritual do ser humano, desejando vencer o natural processo de envelhecimento das células, tecidos e órgãos, do corpo físico; sendo impossível vencer a morte biológica; salientando a sábia posição neste sentido do espírito Joanna de Ângelis, pela psicografia de Divaldo:

“O envelhecimento e a decadência das células com a sua

conseqüente decomposição e substituição por outras é impositivo inevitável a que está sujeito o corpo, até o momento em que essa renovação se torna irrealizável, e, por efeito, advém a desestruturação do invólucro geral. Pode-se postergar um pouco esse instante, mediante salutar conduta moral e mental, atividades de equilíbrio íntimo, nunca porém impedir o processo irreversível do nascer-morrer nos padrões orgânicos.

No momento em que os cientistas estudam a possibilidade de aplicar a criogenia, nos indivíduos portadores de enfermidades, para as quais não se conhecem recursos que possam atenuar-lhes os sofrimentos, nem impedir-lhes a morte, o esforço, mesmo respeitável, carece de qualquer possibilidade de êxito.

A morte do ser humano não é propiciada, somente, pela falta de resistência do organismo para mantê-lo vivo, ou resultado da ruptura dos equipamentos em processos degenerativos ou violentamente arrebatados, mas também, do deslindamento do Espírito dos seu núcleos de preservação da energia que mantém a matéria ou da sua expulsão por circunstância violenta e traumática. Sucedendo essa quebra de liames, é totalmente impossível o restabelecimento da vida, porque logo se inicia o processo de desorganização celular e, sem esse agente vital a massa se decompõe e se transforma de imediato, dando curso à sua fatalidade biológica.” (277)

OS PREPARATIVOS FINAIS

Como foi orientado por todos os mentores espirituais, no “Apêndice” desta obra, é imprescindível que o leitor, ao longo da sua vida, vá se preparando para a sua inevitável morte, aliás este é um dos principais ensinamentos do notável filósofo indiano Krishnamurti:

“Por que os seres humanos morrem tão miseravelmente, tão infelizes, com doenças, velhice, senilidade, o corpo encolhido, feio? Por que não podem morrer naturalmente e de forma tão bela quanto uma folha? O que há de errado conosco? Apesar de todos os médicos, remédios e hospitais, operações e toda a agonia da vida, e prazeres também, não parecemos capazes de morrer com dignidade, simplicidade e com um sorriso... Assim como se ensina matemática, a escrever, a ler e toda a parafernália da aquisição de conhecimento às crianças, também se deveria ensinar-lhes a grande dignidade da morte, não como uma coisa infeliz e mórbida que temos de encarar finalmente, mas como algo da vida diária.” (579)

Como forma de facilitar a nossa transição, de maneira mais serena e consciente para o plano espiritual, é recomendável que certas decisões sejam tomadas, antecipadamente.

Por exemplo, existem diversas formas de dizer adeus a um familiar querido ou a um amigo íntimo. A depender das tradições da família são comuns os velórios, nos quais parentes e amigos permanecem acordados a maior parte da noite, comendo, bebendo e lembrando do falecido ou pode-se optar, pelo velório com o terço, no qual a família e os amigos passam a noite toda recitando o terço e rezando.

Ademais, um número cada vez maior de pessoas vem optando pelo pagamento antecipado do próprio funeral, evitando este tipo de escolha em um momento traumático e difícil, que traz enorme comoção. Decisões como sepultamento ou cremação, estilo e preço do caixão, embalsamar ou não o corpo e todos os demais detalhes, no que se refere ao cadáver não deveriam ser tomadas, no momento mais doloroso, o período subsequente à morte, a não ser que todas as providências já houvessem sido tomadas antes. Às vezes, parentes mais próximos podem não saber se você queria ser enterrado ou cremado, se preferiria um caixão caro ou de pinho simples. Inclusive, saber que você cuidou de todos esses detalhes e não os deixou à cargo dos parentes ou amigos, pode ser motivo de uma maior serenidade, num momento de perda.

Para fechar este capítulo, demonstrando que podemos levar a vida com mais leveza, até no momento da morte, gostaria de contar uma estória “zen” verídica:

“Quando o mestre zen Taji (1889-1953) aproximou-se da morte, seus discípulos mais antigos se reuniram à sua cabeceira. Um deles, lembrando que o mestre apreciava um certo tipo de torta, passara metade do dia vasculhando as confeitarias de Tóquio em busca da torta, com a qual presenteou-lhe. O mestre agonizante aceitou um pedaço do doce, com um sorriso débil, e lentamente começou a mastigar. Taji foi enfraquecendo mais, e os discípulos perguntaram se teria algumas palavras finais a lhes dizer.

“Sim, tenho”, replicou o mestre.

Os discípulos se inclinaram ansiosos para não perder uma única palavra. “Por favor, fale!”

“Meu Deus, esta torta está deliciosa!” E com isso ele fechou os olhos.”

CAPÍTULO XXIV

PENA DE MORTE

“A essência da religião é a sacralidade..., de uma mente dotada de clareza em seu auto conhecimento. Não existe sacralidade sem amor e sem o entendimento da morte.” (580)

Krishnamurti

“Tem fé no futuro e trabalha por alcançá-lo, mediante as realizações de enobrecimento.” (581)

Divaldo Franco

Sempre que a imprensa divulga a ocorrência de algum crime bárbaro, noticiado em detalhes pelos jornais, automaticamente, volta o debate sobre a adoção da “Pena de Morte”, como forma de inibir a criminalidade e acalmar a opinião pública, que cada vez exige meios mais severos de punição dos crimes hediondos.

Pessoalmente, sou contra a instituição da pena de morte, elencando de forma resumida, as minhas razões: 1) inicialmente, por ser anticosmoética, ou seja, a sociedade estaria infringindo uma lei divina: “Não Matarás”, além de impedir o arrependimento e a conscientização do criminoso; 2) a falibilidade do julgamento poderia exterminar a vida de um inocente; bem como poderia ser utilizada, politicamente; o que impediria a reabilitação do criminoso para a sociedade, pois além do caráter punitivo, a sanção tem por fim a reeducação do delinquente, através do seu reaproveitamento social, pelo ensino de uma profissão, durante o período do seu encarceramento; 3) por fim, argumento a sua inutilidade, porque as estatísticas demonstraram que a permanência ou suspensão da pena de morte não influi, proporcionalmente, nos delitos cometidos.

Ademais, os estudos científicos realizados em todo mundo, em torno do assunto, apontaram justamente na direção contrária, demonstrando que não é o tamanho, nem a gravidade da sanção imposta que afasta o homem do crime, não havendo relação entre a diminuição da taxa de criminalidade, com o aumento da taxa de encarceramento ou do nível de gravidade da punição. Efetivamente, a conclusão é que a certeza de ser punido, não a mera possibilidade mas a certeza, é que tem influência como fator inibidor. Esta convicção vincula-se, geralmente, ao tipo de pena aplicada, como as de curta e média duração, mais capazes de serem efetivadas, além de permitir

ao criminoso sentir o “castigo” e aproveitar a sua reabilitação social.

O eminente jurista Evandro Lins e Silva, ex-membro do Supremo Tribunal Federal, prefaciando o livro “Fera de Macabu”, expõe sua vigorosa oposição à pena de morte:

“Assassinar os assassinos, reproduzir a bestialidade do talião, sempre foi um meio de proteger os interesses dos poderosos e aplacar a revolta dos párias; através do mundo, a pena de morte serviu para enforcar, fuzilar e degolar miseráveis...

O caldo de cultura da delinquência está na miséria, na fome, no desemprego, na injustiça social; sua potencialização continuada forja-se na omissão e na ausência do Estado, como provedor eficaz de benefícios sociais. Assim, a pena de morte não é solução para a criminalidade; é, isto sim, ausência de solução. A própria pena de prisão já é hoje considerada, nos congressos internacionais, como ineficaz método para a ressocialização do criminoso, só devendo ser aplicada aqueles que possam pôr em risco a incolumidade alheia. A segregação apenas para os perigosos; para a quase totalidade dos casos, as penas alternativas de prestação de serviços à comunidade, multa, interdição de direitos.” (582)

Do mesmo modo o “Instituto dos Advogados Brasileiros”, entidade fundada em 1843, também se posicionou condenando a adoção da pena de morte, quando do debate sobre a alteração do Código Penal, no final de 1998; atendendo uma proposição do Dr. Augusto Haddock Lobo:

“Com efeito, a presente proposição tem como escopo marcar posição contrária deste Instituto quanto a instituição da pena de morte em nosso estatuto Penal, mormente tendo-se em mira que a legalização do chamado homicídio legal, praticado com autorização do Estado, em nada contribui para a solução do problema criminógeno em nosso País, razão pela qual requer o proponente, concessa venia, que seja cientificada oficialmente a Douta Comissão de juristas que elaboram a reforma do Código Penal Brasileiro, até porque a tendência mundial, nesse campo, se dirige para a descriminalização dos pequenos delitos, assim como atribuições de penas alternativas de caráter pecuniário e de prestação de serviços para crimes de média repercussão social, reservando-se o isolamento social como última alternativa.” (583)

Na realidade, estamos assistindo na mídia em geral, estimulada pela audiência, o sensacionalismo e a banalização da violência, o que leva à inversão de valores, ao invés de se investir na prevenção do crime, a sociedade instigada e indignada, exige uma forte repressão, como forma de vingança e intimidação.

É fácil de entender que a imprensa focaliza mais os efeitos da violência em face da criminalidade, que é apenas seu reflexo mais visível, quando sua causa é mais ampla, de origem social, pela falta de educação, salário digno, assistência médica, etc., à disposição da população mais carente.

EVOLUÇÃO HISTÓRICA

A história do crime confunde-se com a história do próprio homem, ao longo de toda a sua evolução na ocupação da Terra, sendo reprimido por força das mais variadas penas, desde leves flagelos físicos até a pena de morte. Esta idéia de delito está ligada à transgressão de normas de conduta, criadas visando permitir a vida em sociedade, surgindo a pena como uma punição das pessoas, que não obedecem àquelas normas de convivência.

A pena de morte já existia entre os povos primitivos e, originariamente, restringia-se à prática da vingança privada; pois a família constituía uma unidade social e o pai, como chefe absoluto, exercia o “direito” de punir os seus familiares, podendo ordenar até a morte, por qualquer motivo. Fora do ambiente familiar, imperava o princípio da vingança. Se alguém era assassinado, os parentes da vítima se apressavam em tirar a vida do assassino.

O Código de Hamurabi, promulgado por volta do ano 2000 antes de Cristo (o mais remoto documento legislativo de que se tem notícia), já consignava a pena de morte. Prescreviam-na também as Leis Assírias (1500 a.C.), o Código dos Hititas (meados do século XIV a.C.) e o Código de Manu, datado provavelmente de 1300 ou 800 a.C.

O escritor espírita Celso Martins, lembra-nos que a Revolução Francesa foi um marco histórico na condenação da pena de morte, ao cristalizar seu lema de “Igualdade, Liberdade e Fraternidade”:

“Pois muito bem, em setembro deste mesmo ano de 1789, a Assembléia Nacional, que dirigia os destinos da França... inspirando-se na pregação de Voltaire, de Montesquieu e de Rousseau, proclamou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Assim, a propriedade, a liberdade, a segurança, a resistência à opressão foram declaradas direitos naturais. Da mesma forma, pessoa alguma poderia se presa ou punida senão em virtude de competente processo judicial onde teria direito a defender-se. Enfim, a liberdade de pensamento, a tolerância religiosa, a liberdade de imprensa foram consideradas invioláveis, conquistas estas que muito influíram na vida dos homens a partir de então. Devo recordar que já no ano de 1764 César Beccaria publicou o famoso tratado “Dos Delitos e das Penas”, no qual condenava as teorias vigentes, segundo as quais as penalidades deveriam ser tão duras quanto possível a fim de refrear os criminosos em potencial. Textualmente este jurista de Milão (Itália) escreveu estas palavras: A pena de morte não se apoia em nenhum direito. Os países e os séculos em que os suplícios mais atrozes foram postos em prática são também aqueles em que se viram os crimes mais horríveis. A experiência de todos os séculos (ainda nas palavras de Beccaria), prova que a pena de morte nunca deteve celerados determinados a fazer o mal.” (584)

TIPOS DE PENAS CAPITAIS E ESTATÍSTICAS

Ao longo da história da humanidade, os diferentes governos, dos diversos países aplicaram inúmeros tipos de penas capitais, sendo oportuna iniciarmos nossa análise com a classificação do Prof. Martin Monestier:

“A pena de morte foi, ao longo dos séculos, uma procura continuada dos procedimentos os mais atrozes que a imaginação pode engendrar. Se considerarmos a pena de morte sob todos os ângulos da metodologia e da legislação, pode-se classificar aos diferentes tipos de dar a morte em três grupos. O primeiro diz respeito às execuções de natureza ancestral abandonadas; o segundo, às execuções de natureza ancestral ainda em vigor; e o terceiro, às execuções nascidas do progresso da ciência e das técnicas.” (585)

A mais antiga técnica, utilizada como “pena de morte”, foi o ato de “jogar o condenado às feras”, sejam leões, crocodilos (antigo Egito), serpentes (Incas), tigres de Bengala (Índia), etc. Outro tipo era a “degola”; consistindo em cortar a garganta do condenado; “precipitação” atirar o criminoso de algum lugar elevado, como um monte ou penhasco (muito aplicada em Esparta - Grécia); “inanição” consistia em deixar o condenado preso sem alimentação; a “fogueira” é um dos tipos mais conhecidos, por ser largamente utilizada na época da “Inquisição”; o “afogamento” é uma modalidade bastante usada na Idade Média, podendo o condenado ser amarrado e atirado no mar, rio, ou pântano, etc.; a “lapidação” era muito praticada pelos hebreus e consistia no apedrejamento do criminoso, até a sua morte; a “crucificação” era uma pena muito praticada contra os cristãos e consistia na fixação do condenado, com pregos, na madeira em forma de cruz, em T, X ou Y; a “guilhotina” era um tipo de decapitação, onde ao invés da espada ou machado, era usada uma máquina para decepar a cabeça dos condenados, marca registrada da “Revolução Francesa”, aliás só foi desativada na França, em 1981, com a abolição da pena de morte; o “fuzilamento”, com a utilização de um pelotão de soldados, atirando no condenado, com armas de fogo, sendo, ainda, utilizado em 86 países, do total de 102, que praticam a pena capital; e, finalmente, os mais modernos “cadeira elétrica”, “câmara de gás” e “injeção letal”, muito utilizados nos estados norte-americanos.

É evidente que tal tipo de pena, não tem conseguido inibir a ação dos criminosos nos Estados Unidos, cujos índices de criminalidade continuam aumentando, a cada ano. Sendo oportuna a transcrição de alguns dados estatísticos sobre a pena de morte, coletados pelo Dr. Celso Bubeneck, no seu artigo publicado na Revista Consulex, de dezembro/98:

“ - 47 países a aboliram, quaisquer que sejam os crimes. 16 países a aboliram unicamente para os crimes de direito comum e a mantiveram para os crimes excepcionais, como a traição em tempo de guerra; 126 a mantêm para um grande número de delitos nomeados no código civil e justiça militar. As nações praticantes representam só 9/10 da humanidade. A China é o país que mais procede anualmente em grande número de execuções: 4.357 em 1996...

- Os EUA são a única nação onde cinco modalidades legais de execução estão em vigor: eletrocução, câmara de gás, enforcamento, fuzilamento e injeção letal. Atualmente, 3.364 condenados, sendo 48 mulheres, estão aguardando suas execuções. A espera média nos EUA entre a condenação e a

execução de um condenado era de oito meses em 1920 e de sete anos em 1985. Computados todos os procedimentos de apelação possíveis, essa espera, atualmente, pode chegar a dez ou onze anos. Uma pena de morte nos EUA implica num conjunto de procedimentos (processo) que ultrapassa facilmente as 50.000 páginas. O conjunto de uma ação judiciária que leva à pena capital é avaliado, conforme os Estados americanos, entre 1,5 e 6 milhões de dólares, ou seja, de 3 a 9 vezes o custo de quarenta anos de encarceramento.

Em nosso País, a condenação à morte foi usual enquanto éramos colônia de Portugal.” (586)

ASPECTOS RELIGIOSOS

A Igreja Católica condena a pena de morte, como foi recomendado até na Encíclica “Evangelium Vitae” do Papa João Paulo II:

“A Encíclica coloca entre os “sinais de esperança” a favor da vida a nova sensibilidade contra a pena de morte: “No mesmo horizonte, se coloca igualmente a aversão cada vez mais difusa na opinião pública à pena de morte - mesmo vista só como instrumento de ‘legítima defesa’ social - tendo em consideração as possibilidades que uma sociedade moderna dispõe para reprimir eficazmente o crime, de forma que, enquanto torna inofensivo aquele que o cometeu, não lhe tira definitivamente a possibilidade de se redimir” (EV 27)”. (412)

No “livro dos Espíritos”, Allan Kardec apresenta a questão nº 761, para a resposta da espiritualidade, condenando a “pena de morte”:

*“761: A lei de conservação dá ao homem o direito de preservar a sua própria vida. Não usará ele deste direito, quando elimina da sociedade um membro perigoso?
Há outros meios de ele se preservar do perigo, que não matando. Demais, é preciso abrir e não fechar ao criminoso a porta do arrependimento”. (2)*

O espírito Joana de Ângelis, através da mediunidade de Divaldo Franco, tece seus comentários sobre o tema:

“A vida é patrimônio por demais precioso para ser ceifada seja por quem seja. A ninguém, individual ou representativamente pelo Estado, cabe o direito de eliminar o homem, mesmo quando este delinqui da forma mais grotesca ou vil. Se o Estado o fizer, torna-se igual ao delinquente que roubou à vítima sua vida...

A morte não destrói a vida. Libertando-se o criminoso do domicílio carnal, intoxicado pelo ódio dos instantes finais, vincula-se psiquicamente, àqueles que lhe infligiram tal punição, mantendo comunhão mental de rebeldia por meio da qual mais torpes e sombrias faz as paisagens humanas...

Processo bárbaro, a pena de morte é tratamento da impiedade e do primitivismo que aniquila a esperança por antecipação, marcando a data da punição destruidora, fora de qualquer possibilidade redentora, que há de desaparecer da legislação terrena.

O criminoso não fugirá à consciência nem à injunção reparadora pelas Supremas Leis da Vida. Justo, portanto, facultar ao revel ensancha de recompor-se e reparar quanto possível os males perpetrados”. (423)

O escritor Eliseu Mota Junior, analisou a aplicação da “Justiça Divina”, mesmo ocorrendo um erro judiciário:

“Também para o erro judiciário o Espiritismo tem explicação. É que, sendo Deus soberanamente justo e bom, não iria jamais permitir que uma de suas criaturas fosse escolhida para morrer injustamente. Pode acontecer que, no tocante à acusação específica que resultou na sua execução, o criminoso fosse inocente. Mas, com absoluta certeza, ele era culpado por um ou mais crimes que ficaram impunes e que agora receberam a devida punição, pois calcula-se que geralmente são descobertos apenas 30% dos crimes praticados pelos criminosos reincidentes, já que os outros 70% somente eles, as vítimas e Deus sabem. Isso não exime a responsabilidade das pessoas, eventualmente envolvidas em uma condenação injusta, porque elas, embora servindo de instrumentos para a justiça divina, deverão arcar com as próprias consequências”. (587)

O escritor Gerson Simões Monteiro, também entende que esta doutrina espírita condena a pena capital:

“Com base nas revelações da lei de Deus nós, espíritas, alicerçamos

nossa convicção frontalmente contrária à pena de morte.

A primeira delas recebida por Moisés, dos planos superiores, enfatiza no quinto mandamento - “Não matarás”.

A segunda, feita pelo próprio Cristo, ao proclamar o “amai-vos uns aos outros, como eu vos amei”...

O criminoso é um enfermo e, como tal, deve ser tratado, a fim de recuperar-se diante da Lei de Justiça, Amor e Caridade”. (588)

Por fim, o pesquisador espírita Celso Martins descreve com precisão a situação espiritual do condenado, após a aplicação da pena de morte, visão esta ratificada pelas respostas espirituais a esta questão, objeto do “Apêndice”:

“Conforme podemos observar através da mediunidade bem conduzida, quer dizer, o fato mediúnico direcionado para o consolo e o esclarecimento de encarnados e de desencarnados, após a morte, o Espírito, isto é, a essência de todos nós, continua na mesma condição em que se encontrava antes de passar para o outro lado da Vida. Assim, se na vida orgânica era raivoso, violento, vingativo, os mesmos sentimentos serão por ele alimentados e poderá transformar-se em um tremendo obsessivo atormentando as criaturas, influenciando sobre o temperamento daqueles encarnados que também estão na mesma faixa de vibração de raiva, de violência, de agressividade.

Isto quer dizer, mais precisamente o seguinte: A sociedade pensa que, com a força, com a cadeira elétrica, com o pelotão de fuzilamento, com qualquer outra eliminação do criminoso, dele estaria livre. Ledo engano! Sem maiores dificuldades ele poderá voltar a tirar a paz e o sossego da sociedade mediante uma ação invisível e, por isso mesmo, muito mais pernicioso e subreptício!” (589)

PENAS ALTERNATIVAS

Existe um clamor geral entre os especialistas na área criminal, de que sejam utilizadas mais as chamadas “penas alternativas” aplicáveis aos delitos de menor risco para a sociedade; associadas à primariedade e ausência de reincidência criminal do delinquente. Isto implica em não ser necessário o cumprimento de pena em regime fechado, nas já super-lotadas penitenciárias, passando o mesmo a prestar serviço gratuito para as instituições de caridade, a serem definidas, na sentença pelo seu julgador. Sendo que os criminalistas Arnaldo Palma, Ivonete

Rogério e Lair Neves, confirmam este entendimento na sua obra sobre “A Questão Penitenciária”:

“A política de se construir mais e mais penitenciárias, ao invés de equacionar, agrava, sobremaneira, o problema carcerário. Penitenciárias para quinhentos ou mil detentos, dentro de pouco tempo - e os fatos que aí estão o demonstram - passam a abrigar número duas, três ou quatro vezes maior, donde advém a perda de poder das respectivas administrações, que passam às mãos dos grupos mais decididos e perigosos. Daí, sem dúvida, o estopim que detona as rebeliões, com consequências sempre lamentáveis, determinantes de eliminações, como sempre acabam por acontecer, malgrado esforços em sentido contrário.

Por outro lado, desconhecem-se as penas alternativas e pelas dificuldades impostas pela burocracia dos tribunais mantêm-se no interior das prisões não só aqueles que já cumpriram suas penas, mas tantos outros que já alcançaram estágios permissivos do afrouxamento do sistema e nele permanecem”. (590)

Em entrevista que concedi aos jornalistas Eduardo Araia e Fátima Afonso, publicada na elogiada “Revista Planeta - Nova Era”, nº 15, em setembro/99, sob o título “Direito do Futuro - O Nascimento do Advogado Holístico” tive a oportunidade de expor minhas sugestões para a melhoria do Sistema Penitenciário Brasileiro, transcritas abaixo:

“Nova Era - O sistema penitenciário no Brasil pode ser considerado caótico: há superpopulação nas cadeias, mistura de réus primários com criminosos perigosos e total falta de infra-estrutura para se tentar a recuperação dos presos. Como seria, para o senhor, a penitenciária-modelo?”

Sérgio - O sistema penitenciário brasileiro está inteiramente despreparado para o atendimento de suas finalidades precípua de reeducação e reinserção do detento na comunidade, sendo premente a necessidade de reformas, já que a perenização de um modelo retrógrado e ineficiente, só poderá contribuir para a intensificação do nível de maldade do criminoso, pelo excesso de população carcerária, pela falta de treinamentos profissionalizantes, etc.. Numa penitenciária-modelo deveria haver espaço suficiente nas celas, proporcionando ao detento o mínimo de dignidade; um plano de classificação do seu perfil criminológico, a fim de agrupá-lo adequadamente e acompanhar sua evolução no caminho da sua ressocialização, através de atividades de assistência médica, social, educacional, religiosa e jurídica, vez que muitos já

cumpriram suas penas, mas permanecem detidos em face da burocracia do sistema. É importante enaltecer a tendência do Direito Penal moderno de adotar, cada vez mais, as chamadas “penas alternativas”, como forma de sanção menos aviltante e menos dispendiosa para os cofres públicos, geralmente, com relevante alcance social; como a prestação de serviços gratuitos em entidades assistenciais, a pena de prestação pecuniária como a doação de cestas básicas; permanecendo as penas de prisão reservadas para os delitos mais graves, como homicídio, sequestro, estupro, etc...

Nova Era - Existe no mundo algum sistema penitenciário que já esteja caminhando na direção do presídio-modelo?

Sérgio - A UNESCO divulgou em Paris, no final do ano passado, um Relatório de Avaliação Mundial sobre a Crise nas Prisões, destacando os programas de tratamento do condenado junto à comunidade realizados em Los Angeles-EUA e em Estocolmo-Suécia, como modelos de execução da pena bem-sucedida, com controle, assistência e trabalho educativo, sem a perda dos laços familiares e do convívio social. A grande novidade lançada nos EUA em 1994 é a substituição da prisão pelo monitoramento eletrônico dos passos do condenado, tendo sido a Suécia o primeiro país europeu a adotar esta medida, baseada na colocação de uma pulseira no pulso ou tornozelo do criminoso para captar sinais de um transmissor acoplado ao telefone instalado na sua casa, que é acionado por uma central de vigilância ao telefonar para o número respectivo. Se o condenado retira a pulseira ou ultrapassa o limite de captação dos sinais, a central vai receber um alarme e o juiz, constatando a violação do regulamento, poderá impor o cumprimento da pena em uma penitenciária. Outra tendência em progresso em algumas penitenciárias dos EUA, França, Inglaterra e Austrália é a “privatização das prisões”, sendo seu ponto mais favorável, a garantia da ocupação do tempo do condenado, com educação e trabalho remunerado”. (591)

Entendo ser oportuno destacar, que, no final de 1998, foi realizado em Salvador, o XIV Encontro Nacional de Corregedores Gerais da Justiça do Brasil, tendo sido destacada a relevância da adoção de penas alternativas, vez que gera um reflexo positivo imediato no sistema penitenciário; tendo afirmado o Desembargador Oto Luiz Sponholz, sobre a prática da justiça criminal do Paraná:

“Os beneficiados estão desenvolvendo trabalhos como: participação na construção de casas populares, alfabetização de adultos em escolas comunitárias ou doação de cestas básicas para instituições carentes. A pena alternativa tem o valor de transformar

o condenado não mais em objeto, mas sim em sujeito da sua própria reintegração à sociedade.”

Para concluir este estudo, em que defendo a maior aplicação das penas alternativas, cito o respaldo estatístico, em recente pesquisa feita pela ONU - Organização das Nações Unidas. De acordo com essa instituição, 45% dos presos brasileiros que cumpriram pena em cadeia tornaram-se reincidentes; ao passo que apenas 12%, dos que pagaram penas alternativas voltaram ao mundo do crime. Assim, fica constatada a tendência de harmonização das penitenciárias brasileiras, com a adoção desta nova sistemática.

CAPÍTULO XXV

CONCLUSÃO

*“Tudo está ligado e unido em um mesmo todo...
ao ponto em que é fácil ver que tudo é um”. (592)*

Zohar

*“Amada Presença do EU SOU
tão deslumbrante,
Cercai-me do vosso tubo de luz
Da chama dos Mestres Ascensos
Agora invocada em nome de Deus.
Fazei com que mantenha o meu templo ao abrigo
De toda a discórdia que me enviarem.
Eu invoco agora o fogo violeta
Para que penetre e transmute qualquer desejo.
E continue a arder em nome da liberdade
Até que eu seja um com a chama violeta”. (593)*

Saint Germain

Ao final desta longa jornada, agradeço ao amigo leitor por sua atenção e interesse, em mergulhar na essência das “Leis Divinas” e assimilar a sua aplicação prática, desde o momento da nossa reencarnação até o último suspiro do corpo físico, na hora da “passagem”.

Nesta conclusão, gostaria de ratificar alguns conceitos e idéias, que analisamos e vivenciamos juntos; dentro do estilo construtivista de conhecimento, estimulando o leitor a utilizar o seu pensamento crítico; através da apresentação de inúmeras facetas de cada assunto abordado, embora fizesse questão de registrar, sempre, a minha opinião pessoal.

Por exemplo, na citação acima eu coloquei uma prece do Mestre Saint Germain visando a transmutação dos pontos obscuros ou energias negativas, que por ventura estejam nos rondando, em “Luz” através da alquimia da “chama violeta”; ao passo que o leitor poderá encontrar outros tipos de preces semelhantes neste livro, no estilo cristão, hinduísta, taoista, budista, etc.

Isto porque, tenho a intenção de demonstrar que “Tudo é Um”, como já diziam os

filósofos gregos pré-socráticos, utilizando a palavra “physis”, e da mesma forma pensava um dos maiores gênios do século XX, Albert Einstein:

“Todas as religiões, todas as artes e todas as ciências são os ramos de uma mesma árvore. Todas estas aspirações visam ao enobrecimento da vida humana, elevando-a acima da esfera da existência puramente material e conduzindo o indivíduo para a liberdade”. (592)

Lembramos que estamos no limiar do Terceiro Milênio, um momento de grandes transformações em todas as áreas do conhecimento humano, com um principal enfoque no resgate da nossa dimensão espiritual; podendo ser ilustrado pelo hexagrama do “I Ching”, milenar oráculo chinês, representado pelo “Ponto de Retorno ou de Transformação”, em chinês “Fu”:

“Após uma época de decadência vem o ponto de transição. A luz poderosa que tinha sido banida retorna. Porém, este movimento não é provocado pela força. Como a característica do trigramma superior K'un é a devoção, o movimento é natural e surge espontaneamente. Por isso a transformação do antigo também torna-se fácil. O velho é descartado e o novo, introduzido. Ambos os movimentos estão de acordo com as exigências do tempo e, portanto, não causam prejuízos. Formam-se associações de pessoas que têm os mesmos ideais. Como tal grupo se une em público e está em harmonia com o tempo, os propósitos particulares e egoístas estão ausentes, e assim erros são evitados. A idéia de retorno baseia-se no curso da natureza. O movimento é cíclico e o caminho se completa em si mesmo. Por isso não é necessário precipitá-lo artificialmente. Tudo vem de modo espontâneo e no tempo devido. Esse é o sentido do céu e da terra”. (594)

Como o leitor pode constatar, este oráculo nos abre um caminho de transformação, em que deveremos abrir nossos coração e mente para uma “Nova Era” de amor, paz, evolução e espiritualidade; como resultado da mudança de paradigma. Estamos dando o último passo da nossa viagem evolutiva, neste livro, e tenho confiança que as lições aprendidas serão colocadas em prática na sua vida, criando uma nova perspectiva mais otimista e positiva de se ver no espelho, de interagir com o próximo e com a natureza; harmonizando nossa realidade física com a espiritual. Sendo oportuna a lembrança dos ensinamentos da psicoterapeuta Shakti Gawain:

“Abraçando amorosamente a gama completa de nossa experiência,

tanto humana quanto divina, podemos curar a ruptura que tem existido entre espírito e forma, tanto em nós como indivíduos, como no mundo todo. Podemos trazer o poder e consciência que temos, como seres espirituais, para nossa vida e atividades mundanas. Só então começaremos a descobrir a força criativa e realização que são possíveis na forma física e conhecer qual é o verdadeiro significado da vida na Terra”. (595)

Este é o momento da busca da síntese, da integração destes novos valores, a fim de que possamos dar um salto quântico para uma “Nova Era”; aproveitando os sábios conselhos da mestra do autoconhecimento, a austríaca Eva Pierrakos, constantes no seu “Caminho da Autotransformação”, mundialmente conhecido como “pathwork”:

“Este caminho exige de você o que a maioria das pessoas não tem a menor disponibilidade de dar: lealdade para com o eu, revelação do que existe agora, eliminação de máscaras e dissimulações e a experiência da própria vulnerabilidade. É uma exigência rigorosa, mas é a única que leva à paz e à plenitude autênticas. Uma vez comprometido com ela, porém, não é mais uma exigência rigorosa, mas sim um processo orgânico e natural...

Quando você assume o compromisso de ser verdadeiro com o eu, a dificuldade se dissipa. E o que inicialmente parecia uma dificuldade, agora passa a tornar-se um desafio, uma jornada excitante, um processo que torna a vida tão intensamente real e plena, tão segura e plenificadora, que você não desejará renunciar a ela por nada neste mundo...

Esse caminho dispõe de instrumentos para encontrar o seu centro, a realidade espiritual interior, profunda, e não uma fuga religiosa ilusória. Bem ao contrário, esse caminho é enormemente pragmático, porque a verdadeira vida espiritual nunca está em contradição com a vida prática na Terra. Deve haver harmonia entre esses dois aspectos do todo. Renunciar ao viver diário não é espiritualidade verdadeira. Na maioria dos casos, é simplesmente outro tipo de fuga.” (596)

EM BUSCA DA SÍNTESE

Quando estamos desenvolvendo e expressando este enorme potencial espiritual em nossa vida cotidiana, o nosso modo de perceber a realidade também vai se modificando, a ponto de afetar o mundo à nossa volta; pois ele também refletirá, para nós, esta nova frequência

energética, mais vibrante e positiva, que passamos a vivenciar.

Isto tudo como resultado prático da aplicação das “Leis Divinas”: da evolução, reencarnação, carma e cosmoética; porquanto este conhecimento espiritual nos dá a confiança e serenidade necessárias, para transpor quaisquer obstáculos, no cumprimento da nossa programação existencial.

Para alcançar este objetivo ou propósito mais elevado, deveremos explorar nossos dons, talentos e potenciais latentes, verdadeiras ferramentas evolutivas, que serão aprimoradas mediante a nossa intuição; que no conceito dos filósofos Henri Bergson, francês, e Guilherme de Ockham, inglês, era imprescindível na percepção direta da nossa verdade, citando abaixo um pensamento de Ockham:

“Nada pode ser conhecido em si mesmo de forma natural, a não ser que isso seja intuitivo”. (597)

Se isto parece estranho ao leitor, é porque fomos, sempre, educados para usar somente o pensamento lógico-racional, ou seja, o “hemisfério cerebral esquerdo”; por isso que os cientistas afirmam que o ser humano, em geral, só utiliza 10% da sua capacidade cerebral.

As pesquisas científicas no campo da neurologia, já provaram que nossa capacidade intuitiva é uma função localizada no “hemisfério cerebral direito” e podemos retrainar esta capacidade, através da prática da meditação e passando a dar atenção a essas “impressões” ou “sentimentos”, que percebemos em relação a fatos, lugares ou pessoas. Quando elevarmos a frequência das nossas ondas cerebrais, como na intuição ou meditação, poderemos sintonizar uma energia superior ou “campo unificado da consciência”, que interage com todo o universo, dentro do conceito advindo da física quântica de modelo holográfico, explicado abaixo pelo neurocirurgião Francisco Di Biase:

“Nesta concepção, todas as frequências de ondas existentes no universo formam um padrão universal de interferência, que inclui todas as consciências. Quando pensamos, nossos cérebros emitem ondas elétricas que com seus componentes magnéticos disseminam-se pelo espaço à velocidade da luz. Os sons e ondas elétricas produzidas por nossos corações e nossas células apresentam o mesmo comportamento. Conseqüentemente,

todas as ondas, de todos os seres vivos, misturam-se formando um grande padrão de interferência que espalha-se para fora de nosso planeta. O mesmo ocorre em todos os lugares do universo onde existam outras formas de vida e consciência. A interferência de todos estes padrões de ondas gera um imenso holograma universal que podemos perfeitamente denominar mente universal, pois contém todas as informações existentes sobre a estrutura inteira, ou seja, sobre todo o universo ; sobre tudo o que se passa, ou se passou, em todo o cosmo. Como em qualquer holograma, a informação completa está distribuída em todas as partes desta mente ou holograma universal. Isso permite a qualquer consciência do universo o acesso ao conhecimento completo estocado neste holograma universal, pois cada consciência é parte desse holograma, estando a totalidade do universo contida em cada indivíduo. A ressonância de cada consciência com esta mente universal só ocorre em estados intensificados de percepção, nos quais se aquieta o funcionamento cerebral como ocorre, por exemplo, na meditação”. (598)

Através do domínio das técnicas da intuição e meditação, iremos treinando nossa força de vontade e concentração, que é a base vitalizante da “magia”, como já estudamos anteriormente e dos exercícios de “visualização criativa”; que os religiosos podem denominar de “fé”, operando muitos milagres que a ciência médica convencional não consegue explicar.

Nesta linha de raciocínio também trabalha o mestre japonês Masaharu Taniguchi, um dos fundadores da Seicho-No-Ie:

“Orar corresponde a concentrar os raios solares através de uma lente convergente. Os raios assim concentrados passam a ter força suficiente para queimar um papel. Da mesma forma, se criarmos uma “lente mental convergente” e nos concentrarmos mentalmente em Deus, será convergida para nós a força onipresente que comumente passa despercebida, e poderemos receber o auxílio dessa força misteriosa”. (599)

O escritor Patrick Glynn, também comprovou a eficácia da oração:

“Existe outro elemento de pesquisa bem menos conclusivo sobre a oração e a enfermidade, que tentou medir os efeitos da assim chamada oração “intercessora”. Trata-se de uma empresa ainda mais ousada: a tentativa de medir o efeito de uma oração, não simplesmente sobre a saúde de quem faz a prece, mas também

sobre a saúde de outros”. (610)

No capítulo onde analisamos a “Medicina Holística”, constatamos que a tendência para o Terceiro Milênio é o estudo da saúde humana como um todo, nos níveis físico, energético, emocional, mental e espiritual; podendo ser lembrado, um livro marco deste novo paradigma, que provou a ligação das emoções negativas com a formação das doenças, o “best seller” mundial da psicoterapeuta americana Louise Hay, “Você Pode Curar Sua Vida”:

“Úlceras - não passam de medo, um medo terrível de não ser bom o bastante. Não conseguimos engolir o que somos. Temos medo do que vão descobrir de nós...

O coração, claro, representa o amor. O sangue representa a alegria. Quando nos negamos amor e alegria, o coração se encolhe e torna-se frio. Como resultado, a circulação torna-se vagarosa e começamos a nos arrastar para a anemia, angina e enfartos...

O câncer - é uma doença causada por um ressentimento profundo, abrigado por tanto tempo, que ele começa literalmente a comer o corpo... Para mim, a base da cura do câncer é aprender a amar e aceitar o eu”. (600)

Assim, pensa o famoso psicanalista e médico, criador do conceito de Bioenergética, Alexander Lowen, no seu livro “A Espiritualidade do Corpo”, abordando os efeitos da emoção no equilíbrio do corpo:

“As experiências de vida de uma pessoa influenciam o seu corpo, o qual, por sua vez, molda a personalidade.. Achamos o máximo atingir metas, ter sucesso e triunfar, nunca percebendo que a única coisa que temos de superar nesta vida é o nosso medo da própria vida. Quanto mais medo temos, mais rígido nos tornamos... Embora o pão sozinho possa sustentar o corpo, o animal humano precisa de uma outra espécie de alimento para o seu espírito. Esse alimento espiritual é o amor... Quando uma pessoa se abre para a vida (por extensão, para o amor), o nível de energia de seu corpo sempre aumenta e, portanto, há sempre um efeito positivo.” (601)

Da mesma forma, neste capítulo sobre a cura, constatamos a importância e a expansão da denominada “Medicina Vibracional”, fundamentada na manipulação das energias, sendo oportuno lembrarmos outra obra clássica nesta área, da Dr^a Bárbara Ann Brennan, famosa

psicoterapeuta e americana, pesquisadora da NASA, com Mestrado em Física Atmosférica, que narra no seu livro “Mãos de Luz”, algumas das suas observações sobre os campos de energia:

“A maneira mais fácil de começarmos a observar o campo de energia do universo, é, simplesmente, deitar-nos de costas, relaxados, na grama, num bonito dia de sol, e olhar para o céu azul. Parecem minúsculas bolinhas onduladas contra o céu azul. Parecem minúsculas bolinhas brancas, às vezes com um ponto preto, que surgem um segundo ou dois, deixam um ligeiro traço e tornam a desaparecer. Se você persistir na observação e expandir a visão, começará a ver que todo o campo pulsa num ritmo sincronizado...”
(602)

Este campo energético que envolve as pessoas é comumente chamado de “aura”, palavra de origem grega significando brisa, valendo transcrever opinião do Dr. John Pierrakos, autor do livro “Energética da Essência”:

“A história integral da vida da pessoa, assim como a presente condição do organismo, pode ser observada na aura. Ela pode indicar, por exemplo, um sofrimento sistêmico e duradouro, como um trauma de rejeição na infância, ou uma dor localizada...” (603)

No livro “Luz Emergente”, também da Dr^a. Barbara Ann Brennan, já citada anteriormente, são analisadas as energias de forma ampla, incluindo os seus mecanismos de defesa, bem como a melhor maneira para projetar nossas energias positivas ou canalizar energias da natureza e lançá-las, através da nossa vontade, para pessoas que necessitem da nossa assistência ou para limpar, energeticamente, algum ambiente, em especial o local em que residimos ou trabalhamos; sendo útil conhecer a seguinte transcrição:

“Na comunicação desarmoniosa as correntes de energia relacional são pontiagudas, denteadas e escuras, penetrando no campo da outra pessoa como lanças ou flechas. A raiva, por exemplo, é pontiaguda, penetrante, agressiva e vermelho-escura. A inveja é escura, verde-acizentada, viscosa e grudenta. Se uma pessoa estiver tentando dissimuladamente obter alguma coisa de outra, as correntes serão densas, viscosas e em forma de tentáculos. Elas vão tentar alcançar o campo de outra pessoa para sugar energia, como uma ventosa. Ou, então, elas poderão ser frágeis e penetrantes, enganchando-se no campo da outra pessoa e se

prendendo a ele de uma forma desesperada.” (604)

Alvim Tofler, no seu famoso livro “A Terceira Onda”, escrito em 1980, desde aquela época, identificou um movimento mundial na Medicina, que tentava evitar que o mundo fosse “despedaçado em lascas cartesianas, pois era uma unidade”:

“Em medicina, um movimento de ‘saúde holística’ surgiu baseado na idéia de que o bem-estar do indivíduo depende de uma integração do físico, do espiritual e do mental.

‘Há alguns anos’, informa science, ‘teria sido inaudito para o governo federal conceder seu patrocínio a uma conferência sobre saúde, que destacava tópicos tais como saúde pela fé, iridologia, acupuntura, meditação budística e eletromedicina’. Desde então tem havido uma verdadeira explosão de interesse em métodos e sistemas alternativos de cura, todos os quais se colocam sob o nome de saúde holística.” (605)

Tudo isto demonstra a necessidade do ser humano não só buscar o seu bem-estar material, mas também o espiritual e, para isto, não precisamos nos isolar num retiro espiritual ou nos esconder numa caverna, como faziam os iogues da antiga Índia; como assevera o mestre Mouni Sadhu:

“Como nos disse o Maharishi em relação à realização, não há diferença se um homem está em seu apartamento em Londres ou em um solitário retiro na selva. Além disso, o Mestre acrescentou que nenhuma mudança da vida exterior terá validade - porque é a mente do aspirante que deve ser transformada, dominada e depois transcendida (no Samadhi), e não os rótulos que gostamos de dar a nós mesmos, tais como eremita, monge, iogue, etc.; o que vale é a mudança dos processos evolutivos interiores. Portanto, se o problema da realização despertar em você, é irrelevante o local em que você está e a raça ou nacionalidade a que pertence. Sua maturidade é o fator decisivo.” (606)

O mestre Krishnamurti palestrando para os membros da Sociedade Teosófica, esclarece que Deus é o “Meu Amado”, que habita todas as coisas e seres:

“Eu nunca disse: sou o Mestre Universal; mas agora que me sinto muito unido ao meu Amado, digo-o, não para imprimir minha autoridade sobre vocês, nem para convencê-los da minha grandeza, nem da grandeza do Mestre Universal, nem mesmo da

beleza da vida, mas tão-somente para despertar em seus corações e em suas mentes o desejo de buscar a Verdade. Se digo, e o direi, que o Amado e eu somos um só, a razão é porque o sinto e o sei. Encontrei o que anelava, uni-me a Ele, de modo que doravante não haverá separação, pois meus pensamentos, meus desejos, meus anseios - os do eu individual - foram destruídos ... Sou a flor que perfuma o ar matinal. De que serve a explicação? Vocês só compreenderão o Amado quando forem capazes de vê-l'O em cada animal, em cada haste de relva, em cada pessoa que está sofrendo, em cada indivíduo.” (607)

O renomado mestre chinês Lao Tsé, fundador do Taoísmo, legou para os seus discípulos o caminho da prática evolutiva, destinada a atingir a “verdade do universo”:

“Aqueles que querem saber a verdade do universo devem praticar as quatro virtudes cardeais.

A primeira é a reverência por tudo o que vive; ela se manifesta como amor incondicional e respeito por si mesmo e por todos os outros seres.

A segunda é a sinceridade natural; ela se manifesta como honestidade, simplicidade e lealdade.

A terceira é a delicadeza; ela se manifesta como bondade, consideração pelos outros e sensibilidade em relação à verdade espiritual.

A quarta é o apoio; ele se manifesta na colaboração, na ajuda aos outros sem expectativa de recompensa.

As quatro virtudes não são um dogma exterior, mas uma parte de sua natureza original.

Quando praticadas, elas geram sabedoria e evocam as cinco bênçãos: saúde, riqueza, felicidade, longevidade e paz.” (608)

Ainda dentro do conceito espiritual do Oriente, vamos destacar um ensinamento “Zen”, relativo a vivência do momento presente:

“Quando se temos olhos sempre no amanhã, o hoje vai escorregando imperceptivelmente. Para um Ocidente que está preocupado em renovar céus e terra, há o perigo de deixar que a atualidade da vida - a única vida que na realidade temos - escorra pelos dedos. O Zen chega como um lembrete de que, se não aprendemos a perceber o mistério e a beleza de nossa vida presente, de nosso momento presente, não perceberemos o valor de qualquer vida, de qualquer

momento.” (609)

Por outro lado, a linha espiritual do Hinduísmo, praticada na Índia, entende que só existe um Deus, que é o início, o meio e o fim, a origem e a substância de tudo; transcrevendo abaixo a essência das lições védicas:

“Os Vedas contêm, na essência de seus ensinamentos, uma exposição das leis cósmicas divinas, que governam a forma como funciona o universo e se mantém o equilíbrio. Estas leis foram estabelecidas pela onipotência divina no início da criação e foram transmitidas através das eras por intermédio de sábios inspirados que as reformularam vezes sem conta para torná-las acessíveis, de uma nova maneira ao estilo de vida e pensamento predominante contemporaneamente. Os temas principais da filosofia de vida hindu são: libertação do sofrimento, liberdade durante o período de vida na terra e alcance da imortalidade além desta vida.” (611)

No Budismo, temos outro ensinamento que deveremos inscrever no nosso coração, evitando assim a “violência consciencial” de obrigar outra pessoa a concordar com os seus dogmas ou crenças religiosas, no estilo “lavagem cerebral”:

“A hesitação de Buda em ensinar, até que lhe pediram com sinceridade para fazê-lo, enfatiza uma importante característica disseminada em seus ensinamentos. Eles nunca são impostos aos outros, contra a sua vontade. Estes ensinamentos são fantásticos! Porque vocês não vêm juntar-se a nós? Também não havia discípulos às ruas para convencer as pessoas de que são infelizes, oferecendo a salvação às que quiserem juntar-se a eles. Os ensinamentos de Buda nunca foram apresentados dessa maneira e a tradição tibetana ainda segue o costume de esperar até que alguém peça para receber os ensinamentos.” (612)

Como o leitor pode observar, existe muita vantagem em cultivar a espiritualidade, sem necessitar se filiar a um único caminho religioso; porquanto todos eles, no final, nos levarão a Deus, como ratifica o pesquisador Lynn Underwood:

“Podemos aprender diferentes religiões sem a elas pertencermos, lendo sobre as suas origens, a sua história e a fé dos seus adeptos. E, enquanto as estudamos, aperceber-nos-emos dos elos de

ligação e das semelhanças entre muitas delas...” (613)

Assim, como já estudamos nesta obra, ainda, buscando a síntese desse pensamento espiritual, praticamente todas as religiões tinham um embasamento ético-moral muito rígido e acreditavam num julgamento divino após a morte, como no antigo Egito:

“Vários dos livros de sabedoria encorajavam os seus leitores, a viverem de acordo com um código moral e ético de piedade pessoal, em parte porque essa era a maneira de obter o respeito dos seus iguais e em parte porque agradava aos deuses.” (614)

Caso o leitor já tenha filho(a) adolescente, gostaria de recomendar a leitura do livro “A Viagem de Théo” de Catherine Clement, uma divertida viagem ao redor das mais importantes religiões do mundo, narrada na forma de romance, destacando abaixo, um pequeno trecho, no qual os protagonistas estão visitando um terreiro de Candomblé em Salvador-Bahia; quando um deles é incorporado, de surpresa, por um Orixá:

“As duas mulheres giravam em torno do poste do meio, ante o olhar penetrante do pai-de-santo, atento ao menor indício de transe entre os fiéis. O terceiro cavalo foi Brutus. Agitado por violentos arrepios, desapareceu por sua vez. Quando reapareceu, trazia um machado na mão e um colar vermelho e branco em volta do pescoço. Seria mesmo o professor Carneiro da Silva? Seu olhar brilhava, seus ombros estavam eretos, sua boca se espichava num muxoxo altaneiro, ele dançava com autoridade brandindo seu machado de dois gumes... Brutus tinha se tornado Xangô.” (615)

Também, estudamos as provas científicas da imortalidade do espírito, através das experiências de quase-morte, projeção da consciência, terapia de vidas passadas e mediunidade, como no exemplo acima, de incorporação.

Posteriormente, fomos colocando em prática o nosso aprendizado espiritual, desde o momento da concepção até a morte do corpo físico, à luz da “Justiça Divina x Justiça dos Homens”, destacando o processo educativo da criança a nível emocional e espiritual, segundo recomendações e conselhos do Dr. Wayne Dyer:

“Crianças motivadas pelo crescimento se aceitam como seres humanos valiosos, significativos, que têm valor porque existem e são motivados a crescerem e se familiarizarem com outras áreas

da vida. Estas necessidades de “meta” são relevantes para o desenvolvimento de um firme sentido de propósito para seu filho. Incluem (sem ordem determinada de importância) as necessidades de liberdade, justiça, determinação, individualidade, significância, auto-suficiência, simplicidade, alegria e vivacidade. Cada uma destas palavras simboliza uma necessidade específica, que as crianças têm à medida que seu amor-próprio cresce, contanto que as necessidades básicas de segurança e garantia, e as necessidades puramente fisiológicas de ar, água, abrigo e sono, tenham sido satisfeitas.

Quando começarem a ter suas necessidades estéticas e espirituais satisfeitas, terão dominado a objetividade que falta em quase todas as vidas humanas. É nestas categorias de necessidades mais sublimes que se resolvem os verdadeiros dilemas enfrentados pela maioria das pessoas. Sempre que as pessoas me dizem que ignoram qual é seu propósito ou por que estão aqui, ou que ainda estão procurando uma finalidade, compreendo que ainda buscam porque estão fixas nas categorias de necessidades mais básicas, descritas nas seções anteriores. Assim que tal pessoa é capaz de esquecer de si mesma, e começa a ver a necessidade da verdade, espiritualismo, bondade e apreciação da beleza em nosso planeta, cada coisa que vê ou faz se torna parte dessa missão. Quando se quer fazer do mundo um lugar melhor e mais bonito para todos, não há preocupação com as necessidades inferiores; elas são satisfeitas automaticamente. A pessoa se torna um exemplo dessa beleza, e, em vez de procurar como fazê-la, vive-a literalmente. Quando se conhece a importância da verdade não se tenta divulgá-la ou encontrá-la; a pessoa é a verdade. Sim, a pessoa pode parar de procurar tudo, e, em vez disso, ser tudo.” (616)

Posteriormente, verificamos os fatos mais marcantes na vida adulta do ser humano, comparando seus aspectos legais e espirituais; como no casamento; encontro de almas gêmeas, divórcio; até a abordagem dos direitos humanos e política, destacando grandes mitos nesta área, como o inextinguível jurista e humanista Rui Barbosa, que declarou, após sua participação brilhante, na assembléia diplomática de Haia, na Holanda:

“Vi todas as nações do mundo reunidas, e aprendi a não me envergonhar da minha.

Medindo de perto os grandes e os fortes, achei-os menores e mais fracos do que a justiça e o direito.” (617)

PONTO DE MUTAÇÃO NA JUSTIÇA

Neste tópico propomos uma maior aproximação entre a “Justiça dos Homens”, atualmente, tão criticada e distante dos anseios da sociedade, e a “Justiça Divina”; visando inspirar os legisladores e os operadores do direito a lutarem pela implantação de uma “Nova Ordem Jurídica”, mais ética e humana. Pois, como já dizia São Tomás de Aquino:

Toda lei estabelecida pelo homem tem natureza de lei, na medida que deriva da lei da natureza. Se pois, discordar de alguma coisa, da lei natural, já não será lei, mas corrupção dela”. (618)

Como estudamos nesta obra, existem comportamentos humanos nocivos a nós mesmos e à sociedade, que não são tipificados como delitos perante as leis terrenas; entretanto seriam enquadrados como crimes hediondos diante do “Tribunal Divino”, inserido na própria consciência dos homens.

Vimos que nós próprios nos julgamos e, quando nos condenamos, aplicamos a pena de “reparação cármica” compatível com o ato maléfico praticado. Assim, a plena assimilação das leis divinas exige o concurso do tempo, a fim de que possamos despertar para as responsabilidades inerentes à nossa jornada evolutiva. Mas esta trilha de aprendizado é longa, pois desde milênios antes de Jesus Cristo, já estava inserido, no já citado “Código de Hamurabi,” um preceito contra a corrupção na justiça:

“Se um juiz julgou uma causa, deu uma sentença e mandou exarar um documento selado e depois alterou o seu julgamento: comprovarão contra esse juiz a alteração do julgamento feito e ele pagará até doze vezes a quantia que estava em questão nesse processo; além disso fá-lo-ão levantar-se de seu trono de juiz na assembléia e não tornará a sentar-se com os juizes em um processo”. (420)

O parágrafo acima trata, sem dúvida, de um caso de venalidade judicial, porque após ter decidido a causa e “selado a sentença”, foi “convencido” a modificá-la para atender os interesses de alguma parte litigante.

O notável mestre processualista baiano, Prof. José Joaquim Calmon de Passos, em sua mais recente obra “Direito, Poder, Justiça e Processo: Julgando o que nos Julgam”, tece suas críticas ao deficiente funcionamento do Judiciário:

“Os juízes de primeiro grau, ou primeira instância, justamente aqueles que em toda democracia são os mais importantes em termos de boa prestação da atividade jurisdicional, foram transformados em fetos de magistrado, como costume denominá-los. Explico porquê. Aos tribunais foram alocadas as atribuições de recrutamento, seleção, nomeação, aperfeiçoamento, apuração de merecimento dos magistrados de primeira instância, inclusive poder disciplinar sobre eles e até orientação coercitiva de natureza técnica. Nenhuma independência ou autoridade tem o juiz de primeiro grau em face de seus superiores, os eminentes desembargadores que integram os tribunais de apelação nos Estados e os juízes dos tribunais regionais, na área da Justiça Federal e do Trabalho, para só aludirmos aos principais. São os tribunais que realizam os concursos para ingresso na carreira constituindo as comissões julgadoras (com maioria de membros dos tribunais) e definindo o conteúdo programático que entendem desejável. São eles que detêm o poder de investidura dos magistrados nos cargos e decidem sobre sua carreira, atendendo a critérios jamais revelados, mediante deliberação secreta, desmotivada e totalmente arbitrária, em que pese o mandamento constitucional no sentido da necessidade de motivação de todo e qualquer ato, inclusive administrativo. Destarte, a carreira de um juiz depende de sua subserviência aos tribunais e qualquer manifestação de independência soa como rebeldia. Deixa ela de revestir-se do caráter de estímulo pessoal e reconhecimento de mérito aferido por critérios objetivos, tornando-se, comumente, mero conchavo alinhavado no recinto fechado dos colegiados superiores. Os males que tal sistema inconstitucional e moralmente inaceitável tem causado nós estamos colhendo com a crescente crise que desgasta e desmoraliza o Judiciário...

Consequência desta insensatez foi termos transformado o desempenho da função jurisdicional numa tarefa que envolve altos custos e convida à ostentação e à suntuosidade, com prioridade precisamente no segmento menos fundamental, vale dizer, os tribunais. Eles são casas que se assemelham a palácios, mas há juizados que bem poderemos aproximar de cafuas, e sempre planejados de modo a que jamais exista espaço para o público, e tudo se possa desenrolar sob a proteção de tabiques e paredes. Inexistem critérios objetivos, que disciplinem a criação e

classificação das Comarcas, donde temos em nosso país o triste espetáculo de existirem Comarcas paupérrimas, desprovidas de movimento sequer incipiente, servidas por mais de um juiz de Direito que nem mesmo nelas podem ou precisam morar, tão deficientes são seus equipamentos urbanos ou tão próximas se encontram de centros urbanos desenvolvidos. São as Comarcas reservadas para o que a ironia dos impotentes chama de quinto consanguíneo... Acredito que o quanto mencionado basta, visto como se um sistema possibilita alguma distorção grave é porque algo nele deixa a desejar e só isso bastaria para justificar a reflexão sobre como evitá-la. Sem receio de errar afirmo que estou ainda longe de cobrir tudo o que de disfuncional hoje esclerosada e asfixia a atuação do Judiciário entre nós e que é impossível de ser sanado sem uma radical reforma constitucional. O dito, entretanto, já se me afigura suficiente". (619)

Igualmente, o ilustre jurista, o Prof. Dalmo de Abreu Dallari, enfoca suas sugestões de melhoria do Judiciário, mediante a racionalização dos processos judiciais, que devem ser menos formalistas e burocráticos; bem como através da humanização da justiça, nas relações entre as pessoas e os grupos sociais:

No caso do Judiciário existem enormes inadequações, muitas das quais incorporadas como tradições intocáveis. Por isso o Poder Judiciário brasileiro está fora do tempo e mesmo trabalhando muito produz pouco, se considerarmos que no seu caso o que se espera teoricamente é que ele produza justiça, garantindo os direitos de todas as pessoas do povo e resolvendo rapidamente e com equidade os conflitos de direitos. Desde as insuficiências na formação dos juizes, que devem ser debitadas aos cursos jurídicos mas são agravadas pela acomodação dos próprios juizes e por seu método de trabalho, até os vícios institucionais que lhe dão a imagem de lento, formalista, elitista e distante da realidade social, tudo isso compõe um quadro desfavorável ao prestígio da magistratura...

A primeira grande reforma que deve ocorrer no Judiciário, e sem dúvida a mais importante de todas, é a mudança de mentalidade. Embora se tenha tornado habitual, na linguagem comum do povo, a referência ao judiciário como sendo "a Justiça", o fato é que na grande maioria das decisões judiciais, sobretudo dos tribunais superiores dos Estados e do país, fica evidente que existe

preocupação bem maior com a legalidade do que com a justiça. Extensas e minuciosas discussões teóricas, farta citação de autores e de jurisprudência, acolhimento ou refutação dos argumentos dos promotores e advogados, tudo isso gira em torno da escolha da lei aplicável e da melhor forma de interpretar um artigo, um parágrafo ou mesmo uma palavra. São frequentes as sentenças e os acórdãos dos tribunais recheados de citações eruditas, escritos em linguagem rebuscada e centrados na discussão de formalidades processuais, dando pouca ou nenhuma importância à questão da justiça.

Não se percebe preocupação com os interesses e as angústias das pessoas que dependem das decisões e que muitas vezes já não têm mais condições para gozar dos benefícios de uma decisão favorável, porque esta chegou quando os interessados já tinham sido forçados a abrir mão de seus direitos, arrastados pelas circunstâncias da vida ou da morte.

Ainda é comum ouvir-se um juiz afirmar, com orgulho vizinho da arrogância, que é “escravo da lei”. E com isso fica em paz com sua consciência, como se tivesse atingido o cume da perfeição, e não assume responsabilidade pelas injustiças e pelos conflitos humanos e sociais que muitas vezes decorrem de suas decisões. Com alguma consciência esse juiz perceberia a contradição de um juiz-escravo e saberia que um julgador só poderá ser justo se for independente. Um juiz não pode ser escravo de ninguém nem de nada, nem mesmo da lei...

Como bem expressou Jean Paul Sartre, “o Racionalismo expulsou Deus da terra”, devendo-se acrescentar que a subordinação das relações humanas exclusivamente à razão significou também a expulsão dos imperativos éticos. Entretanto, nem mesmo a subordinação à razão prevaleceu, tendo ocorrido durante o século dezenove uma deformação dessas concepções que, de algum modo, sujeitavam todos os seres humanos a regras objetivas, iguais para todos.

A expressão mais degenerada dessa deformação, que esconde o arbítrio de alguns homens atrás da máscara só aparentemente neutra das leis, é a corrupção grosseira de legisladores, que em troca de dinheiro e de vantagens pessoais vendem seu apoio a um projeto de lei. A ocorrência frequente desse vício ficou amplamente demonstrada durante as investigações realizadas no Brasil sobre a corrupção no governo Collor, que acabaram revelando a existência de ativas ramificações no Senado e na Câmara de deputados. Grandes empresários, que frequentemente aparecem na imprensa criticando o governo e fingindo-se indignados com a

corrupção no setor público, costumam contribuir para a formação de fundos destinados a comprar o apoio de parlamentares para a aprovação de certos projetos de lei. E inúmeros registros na imprensa ou em obras de teoria e divulgação, baseados em fatos ocorridos em diferentes países, mostram que práticas semelhantes são adotadas em muitas partes do mundo. Como fica evidente, o juiz escravo da lei tem grandes possibilidades de ser, na realidade, escravo dos compradores de leis...

Desse modo a procura do justo foi eliminada e o que sobrou foi um apanhado de normas técnico-formais, que, sob a aparência de rigor científico, reduzem o direito a uma superficialidade mesquinha. Essa concepção do direito é conveniente para quem prefere ter a consciência anestesiada e não se angustiar com a questão da justiça, ou então para o profissional do direito que não quer assumir responsabilidade política. Os normativistas não precisam ser justos, embora muitos deles sejam juízes. Aí está a primeira grande reforma que se faz necessária, pois de fato, a adesão ao positivismo jurídico significa a eliminação da ética, como pressuposto do direito ou integrante dele. E a partir daí a assunção da condição de juiz, a ascensão na carreira judiciária, a indiferença perante as injustiças sociais, a acomodação no relacionamento com os poderosos de qualquer espécie, o gozo de privilégios, a busca de prestígio social através do aparato, a participação no jogo político-partidário mascarada de respeitável neutralidade, tudo isso fica livre de barreiras éticas e de responsabilidade social. É por esse caminho que os Tribunais de Justiça se reduzem a Tribunais de Legalidade e a magistratura perde a grandeza que lhe seria inerente se os juízes realmente dedicassem sua vida a promover justiça.

É indispensável essa reforma de mentalidade para que o sistema judiciário não seja, como denunciou Marcel Camus, “uma forma legal de promover injustiças”. O excesso de apego à legalidade formal pretende, consciente ou inconscientemente, que as pessoas sirvam à lei, invertendo a proposição razoável e lógica, segundo a qual as leis são instrumentos da humanidade e como tais devem basear-se na realidade social e serem conformes a esta.

Um dado muito positivo é que de dentro do próprio quadro de juízes vem tomando corpo uma reação cada vez mais vigorosa, procurando fazer com que se justifiquem na prática o prestígio teórico e a condição de Poder constitucional, de que goza o Judiciário. Juízes mais conscientes de seu papel social e de sua responsabilidade estão assumindo a liderança de um processo

de reformas, tendo por objetivo dar ao Judiciário a organização e a postura necessárias para que ele cumpra a função de garantidor de direitos e distribuidor de Justiça.

Esse movimento renovador e democratizante teve início na França e na Itália na década de setenta, tendo seguidores ativos na magistratura européia, como ocorreu na Espanha, e atingindo depois outros países, inclusive o Brasil”. (620)

O jurista Luiz Fernando Cabeda, também atribui ao excesso de burocracia e formalismo a crise na justiça, chegando até a criar o termo “juriscida”, como um verdadeiro “serial killer” (assassino em série) das esperanças do Direito:

“A palavra juriscida se impõe para reconhecimento daquele que opera essa morte do Direito, daquele que o mata a cada dia, sistematicamente, porque não sabe reconhecê-lo, nem dele extrai nenhum valor, e também o banaliza com outras formas fatais, que já não suscitam revolta e dor a quem assiste. O jurista entupiu o Judiciário com ações despropositadas, transformando-o numa grande catedral de papel, onde as palavras que sempre tiveram sentido, e foram inspiradoras da difícil construção de um poder político independente incumbido dos julgamentos, ficaram ocas, e hoje sentimento de justiça, lealdade processual, lógica normativa e outras expressões fundamentais para entendimento e aplicação do Direito são palavras ao vento. Palavras, palavras, palavras... que os juriscidas assassinaram com a vulgaridade de seu trabalho, aquém e além dos cancelos judiciais, sob togas, batas, becas, arminhos debruados... Eis aí praticado, sem piedade, o crime com pompa, o crime arrogante.

Hoje, a pretexto de reparar situações supostamente iníquas, os juriscidas jogam a rodo ações, denúncias, reclamações aonde quer que exista um protocolo judiciário e, por sua vez, obtêm a resposta necessariamente tardia na forma de julgados disparatados, oriundos de processos treslidos. A justiça assim praticada mata todo o esforço para elevá-la ao sentido próprio do termo. Pedir qualquer coisa, repetir fórmulas pré-impressas em computador, tenham elas ou não pertinência com o caso em exame, é a prática que se mostra eficiente para assassinar o Direito”. (621)

No capítulo VIII, onde abordamos a “Terapia de Vidas Passadas”, em seus mais

diversos aspectos, elencamos alguns estudos espirituais envolvendo advogados inescrupulosos, que tiveram sérios problemas cármicos, pela sua postura anti-ética e mercantilista, em que o fim lucrativo justificava os meios desonestos. Agora, vamos transcrever abaixo os resultados de um questionamento, envolvendo esta temática, feito diretamente por mim e respondido por duas entidades espirituais distintas, sejam elas Dr. Homero e o caboclo Tangará, através de um médium, no “Santuário Luz e Vida”:

“No caso de um criminoso, assassino e estuprador que esteja preso e um advogado sabendo da condição dessa pessoa, faz a sua defesa no tribunal de juri e consegue soltá-lo, devolvendo-o à sociedade, e esse criminoso repete um estupro seguido de assassinato. Qual seria a consequência cármica para esse advogado?”

Resposta do Dr. Homero - “Essa questão envolve uma complexidade talvez muito maior, porque trata da programação reencarnatória, e não está nem deve estar absolutamente clara para a humanidade encarnada, assim como muitas vezes não se apresenta, também, muito transparente para nós. Um irmão encarnado que, a despeito de toda a sua experiência e todo aprendizado que lhe foi proporcionado em suas inúmeras existências anteriores e nos períodos interencarnatórios, que ainda assim se dedique ao crime, se dedique a praticar o mal contra um irmão, muitas vezes indefeso, muitas vezes dependente de si, no caso, de pais que acabam cometendo infames contra sua própria prole, através do sexo doentio, através da violência, violência essa que não pode aplicar aos seus desafetos na rua, que aplica dentro de casa contra aqueles que mais dependem de si. Se a despeito de todo conhecimento, de toda bagagem reencarnatória existencial, ele ainda assim decide e quando dizemos decide, somos literais, porque a despeito de condições difíceis em que possa ter renascido por injunções reencarnatórias. Se ainda assim, ele promove esses atos, ele está agindo por conta do seu livre arbítrio. Mesmo no caso dos dementes, com demências muito mais ligadas a processos negramente obsessivos, como se tem verificado ultimamente, ainda assim, existe dentro dele uma semente de racionalidade, que poderia vencer sua vontade mais forte, e obstar todo processo obsessivo. Ora, se um profissional do direito que se dispõe, passando por cima de conceitos éticos e outros, a defender este tipo de criminoso, ele poderá alegar estar exercendo um dever profissional. O limite entre uma atividade legítima e a atividade que se exerce apenas e tão somente, visando auferição do lucro é muito tênue, não queremos emitir julgamentos, cada qual sabe dos atos e das consequências que esses

atos acarretam para si, porém o profissional do direito, assim como todos os outros profissionais, do mais humilde, à atividade mais complexa deve se ater a princípios morais e éticos, que não são meus, mas da sociedade; trouxe-nos eles o nosso mestre Jesus Cristo, no seu evangelho de ensinamento mora, e outros mestres trouxeram antes dele”.

Resposta do Caboclo Tangará - “A situação do advogado que liberta estuprador ou assassino e ele reincide no crime é semelhante à do carasco, que também tem o seu dever de ofício, estaria ele isento de responsabilidade cármica? Jamais, pois tudo obedece à lei da ética e da moral crística, mesmo lembrando que nosso irmão é passível de perdão, ele age como um criminoso se usa de recursos torpes ou mentiras para libertar o bandido; porém sabemos que nem uma falha cai da árvore sem permissão do pai, alguns vagam na escuridão, outros na luz; enfim, existe débito cármico neste caso”.

Buscando esse ponto de mutação na justiça, várias correntes jurídicas estão se disseminando no mundo moderno, tentando resgatar a ética e a humanização na aplicação da justiça, como é objetivado na “Abordagem Holística do Direito”, visão que venho introduzindo no Brasil, desde 1997, com o lançamento do meu primeiro livro; sendo oportuno citar a corrente do “Direito Alternativo”, como outra vigorosa opção para o resgate dos direitos básicos das camadas mais sofridas da sociedade, como definido pelas Dr^{as} Eliane Botelho Junqueira e Wanda Capeller, em artigo publicado no livro “Sociologia e Direito”:

“Às vésperas do século XXI a América Latina está ainda longe de permitir o exercício de uma plena cidadania, em relação a todos os indivíduos, pois as camadas desfavorecidas das sociedades latino-americanas sempre estiveram à margem dos direitos civis, sem acesso ao direito e à justiça. Nesse continente, em consequência da marginalização social, econômica e política, as alternativas ao direito e à justiça se traduzem por uma luta em favor de uma nova ordem social e jurídica em oposição ao sistema jurídico do Estado. Aqui, o termo “alternativo” adquiriu, em suas diversas concepções, sentidos distintos daqueles que foram consagrados pelos movimentos alternativos dos países centrais. As experiências alternativas nos campos da justiça - se bem que submetidas atualmente a críticas cada vez mais vigorosas - traduzem uma tendência à descentralização e à informatização da justiça com o objetivo de reduzir a esfera de ação do estado.

Nos países pós-industrializados, a sociedade civil é capaz de assumir a gestão dos conflitos sociais. Na América Latina, pelo contrário, as formas alternativas de solução de conflitos aparecem como uma consequência da ausência do Estado ou de sua incapacidade de incorporar as camadas desfavorecidas naquilo que é chamado, ali, de “espaço público”, isto é, o espaço onde são repartidos os bens políticos e sociais. Em consequência, o que chamamos de “alternativo” no continente latino-americano diz respeito, prioritariamente, à valorização da própria sociedade civil em si mesma e à implantação de um “outro direito” ou de uma “outra justiça”, que permitiria entrever um “outro Estado”, mais democrático”. (622)

A necessidade desta visão social é imperiosa no Direito, pois este foi criado, originalmente, para regular e atender os anseios da sociedade, como lecionado pelo Prof. Machado Neto:

“O direito, centro de nossa atenção nesse trabalho, é, pois, o modo mais formal do controle social formal. Sua função é a de socializador em última instância, pois sua presença e sua atenção só se fazem necessárias quando as anteriores barreiras que a sociedade ergue contra a conduta anti-social já foram ultrapassadas, quando a conduta anti-social já se apartou da tradição cultural aprendida pela educação para, superando as condições de mera descortesia, simples imoralidade ou, mesmo, pecado, alcançar o nível mais grave do ilícito ou, tanto pior, do crime”. (623)

A jornada evolutiva dos operadores do Direito, em direção à elevação do patamar da Justiça, passa pelo entendimento da mudança de paradigma, no limiar do Terceiro Milênio, objeto de reflexão do douto advogado Ademir Buitoni, no seu livro “O Direito na Balança da Estabilização Econômica”:

“Acreditamos, na perspectiva de Khun, que “paradigmas são realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (Khun, 1991, 13). Quando as soluções já não são mais aceitas, os paradigmas entram em crise. Há necessidade de elaborar novos paradigmas. A implantação de novos paradigmas implica não só a descoberta de novas respostas, como também o convencimento da comunidade sobre a validade e a necessidade desses novos paradigmas. No

campo do Direito, a própria criação de novos paradigmas é muito difícil, de vez que a interferência do poder, das ideologias e dos interesses econômicos é muito forte. Além disso, muitos ramos do Direito positivo tendem a manter suas instituições tradicionais, resistindo a mudanças rápidas, como se fossem auto-suficientes. Para criar e introduzir novos paradigmas em Direito, os operadores jurídicos precisam convencer-se de sua utilidade, já que não se pretende demonstrar em Direito o verdadeiro e o falso. As novidades em Direito, e nas ciências também, não raro acontecem primeiro sob a forma de intuições”. (624)

Este novo paradigma passa pela prática da “compaixão”, na aplicação da justiça, como nos lembra o Papa Paulo VI ao receber, em audiência especial, os membros do “Conselho da União Internacional dos Advogados”, tendo assim se expressado:

“O advogado é o homem que defende e - tanto quanto pode - faz triunfar a justiça. E não somente a justiça pelos homens inscrita no texto das leis. Serve-lhe esta de ponto de partida, por certo; mas é para permitir-lhe elevar-se à justiça gravada por Deus no coração do homem. E, depois que lhe sondou as profundezas, volta à justiça dos códigos, para temperar-lhe e vivificar-lhe a rigidez por um grande sopro de compaixão humana”. (625)

Não poderíamos olvidar uma das obras clássicas da literatura jurídica, descrita pelo ilustre jurista italiano Piero Calamandrei, “Eles, os Juízes, Vistos por um Advogado”:

“Para encontrar a justiça, é necessário ser-lhe fiel. Ela, como todas as divindades, só se manifesta a quem nela crê... Todo advogado vive no seu patrocínio certos momentos em que, esquecendo as sutilezas dos códigos, os artifícios da eloquência, as astúcias do debate, não sente mais a beca com a qual se vestiu, não vê mais as togas com que se vestem os juízes, e dirige-se a eles, fitando-os nos olhos de igual para igual, com aquelas palavras simples com que a consciência do homem se dirige fraternamente à consciência do seu semelhante, para convencê-lo da verdade. Nesses momentos, a palavra “justiça” volta a ser fresca e nova, como se fosse dita então pela primeira vez. E quem a pronuncia sente passar em sua voz um frêmito discreto e suplicante, como aquele que passa nas palavras do crente que ora. Bastam esses momentos de humilde e solene sinceridade humana para resgatar

E esta capacidade de sentir o frescor e se emocionar, preconizada por Calamandrei, no exercício da justiça, é um dos fundamentos da “Visão Holística do Direito”, título do meu primeiro livro, já traduzido para o inglês e espanhol; praticando Direito Holístico, eu e Tânia fazemos parte da “International Alliance of Holistic Lawyers” (Aliança Internacional de Juristas Holísticos), com cerca de 700 membros, representando mais de 10 países, dentre eles os Estados Unidos, local da sua sede em Vermont; Canadá, Espanha, Inglaterra, Suíça, Itália, Austrália, Costa Rica, Holanda, Taiwan, África do Sul, etc. No Brasil, represento a IAHL, enquanto Tânia compõe a sua Diretoria, como Coordenadora do Comitê Internacional. Participamos como palestrantes das suas Conferências Anuais, quando divulgamos com entusiasmo a nossa Advocacia Holística no Brasil, momento em que trocamos informações e experiências, com outros advogados, professores, promotores e juízes de todo mundo, inclusive com o ilustre embaixador americano, John McDonald (fundador e presidente do Instituto de Formação de Diplomatas, com sede em Washigton-EUA), objetivando uma prática mais eficiente e humana da justiça.

A força deste movimento no Direito é tão forte quanto o da “Medicina Holística”, analisada anteriormente, tanto é assim que já está sendo difundido em diversas Faculdades de Direito americanas; inclusive tendo sido objeto de painel específico, durante a última “Conferência Nacional dos Advogados”, realizada em setembro/99, no Rio de Janeiro, com a participação de cerca de 5 mil advogados de todo o País; numa promoção vitoriosa do “Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil”, presidido pelo Dr. Reginaldo de Castro, que teve a sensibilidade e visão suficientes, para atender uma proposição do Conselheiro Federal Ivan Ramos e patrocinar este “Painel Holístico”, com a minha participação, além do Prof. Pierre Weil, reitor da Unipaz, do advogado americano Dr. William van Zyverden, presidente da IAHL e da mestre em Reiki, Prof^a. Sônia Ramos.

Sabemos que existe uma necessidade de acelerarmos o processo de humanização da justiça, tendência que vem se propagando com desenvoltura, nos principais centros jurídicos. Como acompanhei em Vancouver, Canadá, no ano de 1998, ao lançar a versão inglesa do meu livro “Uma Visão Holística do Direito”, ao discutirmos com conferencistas internacionais “Como Levar a Alegria ao Exercício do Direito”, resgatando o amor, a motivação e a dedicação no exercício das

nossas atividades jurídicas, na solução dos conflitos da sociedade; da mesma forma que, no mês de novembro/99, estivemos reunidos com 150 juristas holísticos, em Miami-EUA, para debater “O Direito Como uma Profissão de Cura”, ou seja, como evitamos que as partes envolvidas em litígios judiciais somatizem seus sentimentos de raiva, vingança ou depressão, causando males para sua saúde; lições estas que já estão sendo ensinadas, efetivamente, nas principais faculdades de direito americanas, preocupadas em dar maior ênfase na função social, do que na visão mercantilista do futuro profissional. Estas tendências do direito moderno visam evitar a manutenção do nível de estresse dos seus profissionais, consoante pesquisa apresentada por psicólogos, que constataram um padrão constante, ano após ano, de cerca de 20% destes operadores do direito, com graves problemas de depressão, estresse, alcoolismo e tentativas de suicídio, a exemplo daquela narrada, pelo próprio presidente da OAB do Texas, EUA, de quando chegou a sacar seu revólver e descarregar suas balas, no seu aparelho de fax, por não suportar mais a pressão dos seus clientes. O leitor pode até pensar que este nível de desequilíbrio emocional, não comprometeria a serenidade típica do brasileiro, mas temos um caso prático ocorrido, há poucos meses, no Juizado Especial dos Barris, em Salvador, quando um consumidor, que aguardava sua audiência de conciliação, de tão ansioso e enraivecido com seu problema jurídico, chegou a sofrer um ataque cardíaco e falecer, caindo no ombro da minha esposa Tânia, também advogada holística (que aguardava sua audiência sentada na cadeira junto à dele), e que pode constatar, posteriormente, estar o falecido desacompanhado de advogado. Certamente, o consultor jurídico do terceiro milênio, além de dar mais tranquilidade e segurança a seu cliente na solução dos seus problemas, saberá atuar com a sensatez de um terapeuta, ao dissuadi-lo da mera tentativa de se vingar da outra parte em litígio, não aceitando o tradicional papel de gladiador, ou seja, não manifestando a raiva que seu cliente gostaria de explodir contra o seu adversário, mas sim explicando os riscos de transformar essas emoções destrutivas em doenças e viabilizando uma conciliação dos seus interesses. Os juízes também devem investir na sua sensibilidade, como forma de entender e respeitar os anseios da sociedade, como recomenda a Ministra Eliana Calmon, primeira mulher a ingressar no Superior Tribunal de Justiça, ao lembrar que, na Espanha, a Escola Nacional de Magistratura obriga os juízes a assistirem peças de teatro, dança e música erudita, como forma de desenvolverem o seu “feeling”, ou seja, a sua intuição e sensibilidade.

Para concluir esta breve exposição sobre o momento de transição na “Justiça dos Homens”, desejando que esta obra possa servir de inspiração para aproximá-la dos ideais da

“Justiça Divina”, gostaria de apresentar ao leitor, mais um caso prático, ocorrido comigo no exercício da advocacia holística, que serve como uma luva, para ilustrar a necessidade da mudança de paradigma na justiça brasileira.

No início do mês de junho de 1998, recebi, no meu escritório, uma amiga da Universidade Holística Internacional, “Campus” de Salvador; que já tinha assistido a um dos meus seminários, ministrados na UNIPAZ-BA. Ela narrou o problema do seu irmão, de 28 anos, que era portador de uma doença denominada “Leucemia Mielóide Crônica”, pertencendo ao gênero conhecido como “câncer”, que levaria à total degeneração das células até a sua morte. Esclarecendo que, não surtiram efeitos os tratamentos de radioterapia e quimioterapia, somente restando a possibilidade de um transplante de medula óssea de “doador não aparentado”, vez que não foi possível encontrar um doador compatível, na sua própria família; salientando que este tipo de cirurgia não tinha cobertura do SUS- Sistema Único de Saúde e estava orçada em R\$ 115.000,00 (cento e quinze mil reais), à época.

Assim, prontifiquei-me a patrocinar uma Medida Cautelar, gratuitamente, que foi ajuizada contra o “Estado da Bahia”, no final de junho/98; sendo a primeira ação deste tipo a tramitar na justiça baiana; fundamentando-a no “Dever Constitucional” imputado ao Estado de garantir a saúde, disposto no artigo 196 da Constituição Federal, bem como no art. 233, II, da Constituição Estadual e no art. 2º, § 1º da Lei nº 8.142/90. Entretanto, esclareci a minha cliente, que era bom ela e seu irmão rezarem bastante, pedindo o auxílio das bençãos divinas, mentalizando que seu processo pudesse ultrapassar todas as barreiras jurídicas e políticas, que seriam interpostas em seu caminho, como é natural acontecer em qualquer ação movida contra os governos federal, estadual ou municipal.

Com o andamento da ação, o juiz da Vara da Fazenda Pública citou o Estado da Bahia para contestá-la, tendo uma das suas ilustres procuradoras utilizado como principal argumento da defesa estatal o “Princípio da Isonomia”; ou seja, o autor da ação não poderia ser “agraciado”, vez que ele estaria sendo beneficiado, com um tratamento mais oneroso, em detrimento dos outros cidadãos, pois o orçamento com a saúde não era suficiente para atender às necessidades de todos.

Em outras palavras, estava alegando que a manutenção de uma vida não teria

tanto valor, se ela afetasse os investimentos preventivos na saúde dos demais, fato este que me lembra uma lição do filósofo baiano Germano Machado:

“Na matemática divina é diferente. Todos dizem que, em face de 1 bilhão de pessoas, não importa 1 pessoa. Qual o quê. Uma pessoa só, como ser, porque ser, ente que é e pensa, vale tanto quanto um bilhão de pessoas. Porque o que vale é o ser... uma única morte, o desvio de um só, um ser somente vale o Reino dos Céus. O Reino de tudo, aqui e além. Por isso, o peso da alma é o amor. O Amor que como Ser origina, fundamenta e explica o valor de indivíduo apenas. Na matemática divina é diferente: porque Deus contabiliza o valor absoluto, o do ser como tal, que, como tal, tem algo d’Ele.”
(627)

Finalmente, em dezembro de 1998, o juiz deferiu o nosso pedido, determinando que o Estado custeasse o transplante de medula, junto ao Hospital das Clínicas da Universidade Federal do Paraná; tendo a Procuradoria Geral do Estado frustradas as duas tentativas recursais de cassar a liminar, a primeira através do reexame pelo próprio juiz, a segunda mediante “Agravo de Instrumento” dirigido à “Câmara Especializada do Tribunal de Justiça”, também sem sucesso.

Logo, agilizamos o cumprimento da liminar, inclusive porque o Hospital das Clínicas já tinha informado, que o citado transplante somente poderia ser realizado nos dias 5 ou 12 de fevereiro/99, devendo o dinheiro estar depositado até o dia 25.01.99. No dia 22.01.99, sexta-feira, conseguimos bloquear no BANEBA o valor do transplante de R\$ 115.000,00 e enviá-lo para a conta do Hospital, em Curitiba-PR, o que foi motivo de comemoração de toda a família do meu cliente. Afinal, o mais improvável a família já havia conseguido: um doador compatível, no banco de medula óssea americano.

Contudo, no dia 25.01.99, segunda-feira, pude ler no “Diário do Poder Judiciário”, que o Presidente do Tribunal de Justiça tinha suspenso a execução da liminar, determinando a consequente devolução do dinheiro para o BANEBA; atendendo a um pedido da Procuradoria do Estado, com base no art. 45, da Lei nº 8.437/92; vez que envolvia “manifesto interesse público”, podendo gerar uma “grave lesão à ordem, à saúde, à segurança e à economia públicas”. Na mesma hora, informei a minha cliente, que iria interpor um “Agravo”, para que fosse modificada a decisão ou encaminhada para posterior deliberação do “Tribunal Pleno”, tendo a mesma se dirigido, com seu irmão, ao “Gabinete da Presidência do Tribunal de Justiça”, para implorar pela sua vida. Entendo ser relevante, para um melhor entendimento deste caso verídico, transcrever um trecho do citado

“Agravo”:

“Com efeito, o embasamento legal da pretensão do Agravante é robusta, consubstanciada no art. 196 da Constituição Federal; art. 233,II, da Constituição Estadual; art. 2º, parágrafo 1º, da Lei nº 8080/90 e art. 3º, da Lei nº 8142/90, tendo farta jurisprudência acostada aos autos, destacando o voto do Ministro Celso de Mello, presidente do Supremo Tribunal Federal, em processo idêntico:

“Entre proteger a inviolabilidade do direito à vida, que se qualifica como direito subjetivo inalienável assegurado pela própria Constituição da República (art. 5º, caput), ou fazer prevalecer, contra esta prerrogativa fundamental, um interesse financeiro secundário do estado, entendo-vez configurado este dilema - que razões de ordem ético-jurídica impõe ao julgado uma só e possível opção: o respeito indeclinável à vida”. (Grifamos)

Ressalte-se a postura inflexível e inclemente do Agravado no episódio fático, ao demonstrar que os cidadãos estão cada vez mais relegados a um simples número nas estatísticas de morte, originadas das deficiências do sistema estatal de promoção da saúde pública, como se observa, diariamente, na imprensa, como nos casos da hemodiálise de Caruaru; dos velhinhos do Asilo Genoveva, no Rio de Janeiro; das greves intermináveis dos hospitais públicos, por falta de condições de atendimento à população; das falsificações constantes dos remédios, etc.

Somente o Poder Judiciário, dentro da situação sócio-econômica caótica que estamos vivenciando, pode frear o arbítrio e a insensibilidade estatal, que vem causando tanta dor e sofrimento no seio da sociedade, obedecendo aos limites de crescimento e regime monetário impostos pelo FMI - Fundo Monetário Internacional, ao custo do desemprego do povo e falta de investimentos em saúde e educação.

Além disso, a interpretação teleológica da Lei nº 8437/92 mostra que essa foi criada para evitar grandes perdas financeiras para a União e Estados, em questões de matéria tributária, envolvendo enormes somas de dinheiro e em questões nas quais, se o contribuinte ganhasse, poderia “abrir a cancela” para outros. O que não é o caso, devido ao alto grau de especificidade do transplante de medula, que só é necessário quando há uma doença rara, bem como, a importância envolvida, R\$ 115.000,00 (cento e quinze mil reais), não tem qualquer materialidade no orçamento do Estado da Bahia, que possa prejudicar a “ordem econômica ou pública”.

Diante do exposto, continuo confiando na sensibilidade e sabedoria jurídica de V. Ex^a, que saberá honrar os ideais do inesquecível Rui Barbosa, ao reconsiderar, em juízo de retratação, a suspensão da execução da Medida Cautelar em tela, para que essa medida salvadora possa ter os seus efeitos concretizados. Porquanto, a decisão “prima facie” do Ilustre Presidente do Tribunal precisa ser reconsiderada, pois esse Egrégio órgão foi induzido à equívoco, pelos

ilustres procuradores do Estado da Bahia, que apresentaram elementos meramente superficiais. Certamente, V. Ex^a. não gostaria de ter em sua consciência a decretação da “pena de morte” do Agravante, um jovem pai de família de 29 (vinte e nove) anos, sabendo-se, inclusive, que a importância destinada ao transplante já estava em poder do Hospital; tendo, por decisão pessoal de V.Ex^a, “sem entrar no mérito da decisão a quo”, determinado o estorno do dinheiro para os cofres do Estado da Bahia. Logo, faz-se imprescindível que V.Ex^a, entre no mérito da questão e à luz da “Justiça Divina” possa salvar a vida do Agravante.

Em não havendo reconsideração, pede seja o presente Agravo encaminhado, com urgência, para deliberação do Tribunal Pleno ou das Câmaras Cíveis Reunidas, com base na Lei nº 8437/92. Por fim, requer não seja decretada a sentença de morte do Agravante, vez que além de ser uma questão de humanidade, é uma questão de Legalidade e Justiça”.

Apesar de todos os nossos esforços, nada foi alterado pela “Justiça dos Homens”, todavia, a sincronidade divina, mais uma vez, funcionou, pois na mesma semana, minha cliente conseguiu junto a uma Diretora do Hospital, de Curitiba, ser enquadrada numa portaria recente do SUS, que custearia o transplante do seu irmão; tendo o mesmo sido internado de urgência, em 05.02.99 e se submetido ao transplante de medula, em 12.02.99, sem nenhum tipo de rejeição. Vale ressaltar que, atualmente, com cerca de um ano depois, continua saudável por força do seu merecimento e pela “Justiça Divina”; vez que ainda não foi analisado o seu “Agravo”, acima citado...

Este quadro da justiça não é específico da Bahia, pois podemos acompanhar pelos jornais o intenso “jogo político” a pressionar os Tribunais Superiores a não contrariarem os interesses do Governo Federal, como foi o exemplo do “bloqueio da poupança” dos cidadãos brasileiros, no início do “Governo Collor”, quando esta flagrante inconstitucionalidade não foi barrada pelo Judiciário; sendo oportuna a transcrição parcial de um artigo, publicado em fevereiro/2000, no jornal baiano “A Tarde”, escrito pelo juiz aposentado baiano, Dr. Joaquim Coutinho, diagnosticando as principais mazelas da justiça, com seu testemunho de quem sofreu as citadas pressões:

“Não se pode negar que o Poder Judiciário goza de uma autonomia relativa, pois, sujeito a uma forte e indesejável influência do Executivo e o Legislativo em suas atividades. A intromissão desses outros poderes vai desde a definição do orçamento, passando por liberação de verbas, realização de concursos, criação de comarcas, nomeação de servidores, designação e promoção de magistrados. No Estado da Bahia a dependência chegou a tal ponto, que muito raramente, as ações contra a Fazenda Pública têm andamento regular. Se um magistrado da primeira instância reconhece o direito,

na segunda, os processos são mortalmente atingidos por cassação de liminares ou pela existência dos conhecidos “embargos de gaveta”, que destinam os processos ao esquecimento. A intervenção indevida de outros poderes nas atividades do Judiciário coloca-o numa posição de dependência, que, ao final, compromete o seu desempenho e sua finalidade maior, que é distribuir justiça com imparcialidade.

O juiz não pode ter medo. Na sua função de julgador, ele não pode e nem deve temer os poderosos. Não pode recuar diante de ameaças e represálias por estarem cumprindo com dignidade o dever quase sagrado de julgar. Não pode confundir a harmonia dos poderes com submissão e servilismo. O magistrado não tem chefe. As suas decisões devem ser ditadas única e exclusivamente pela sua consciência de acordo com a lei. Nada mais e nada menos.

A independência e o fortalecimento do Judiciário são objetivos que devem ser alcançados para que os magistrados julguem os efeitos que lhes são apresentados, com isenção e imparcialidade sem outros interesses, senão o de fazer justiça. Não se pode admitir que, na Bahia, ações contra a Fazenda Pública, arrastem-se por anos, permanecendo esquecidas nas estantes empoeiradas dos cartórios, pelo simples fato de que o julgamento desfavorável ao estado, poderia provocar repercussões negativas na arrecadação de tributos ou aumento nas despesas do erário público. Por isso, aí estão parados inúmeros processos relacionados à taxa de iluminação pública, contribuições previdenciária de aposentados, URV, indenizações e restituição de impostos indevidos, apenas para citar alguns.

Muito terá de ser feito para romper a dependência do Judiciário aos demais poderes. É deverás triste constatar que, juízes estaduais, corajosos e independentes, quando decidem contra a Fazenda Pública, reconhecendo arbitrariedades e ilegalidades, passem a constar de uma “lista negra” de juízes rebeldes, por não atenderem ao “interesse público”. Estes, coitados, sofrem o “pão que o diabo amassou”. Mesmo julgando com acerto, pagam pela “rebeldia”, sendo preteridos em promoções, mesmo que possuam inegáveis méritos. Perdem ou não recebem gratificações por substituição ou exercício da função eleitoral. Sofrem retaliações de todo o tipo, que criam situações constrangedoras e não podem continuar... a sociedade exige independência do Judiciário e conduta ética dos seus magistrados”.

IRRADIANDO LUZ PARA O TERCEIRO MILÊNIO

Prezado leitor, amigo e companheiro de jornada evolutiva, chegou o momento da conclusão deste livro, assim deixo, ao final, meus dados para contato e esclarecimentos adicionais. Entendo, que poderemos concluir estes estudos com algumas proposições e análises otimistas e positivas em relação ao desabrochar deste maravilhoso Terceiro Milênio, que temos o prazer de testemunhar.

Inicialmente, vamos trazer a mensagem do Mestre Espiritual Ramatís, através do médium Hercílio Maes, publicada no livro “Elucidações do Além”, prevendo um futuro fulgurante para o Brasil:

“São ainda raros os países em que se empreendem campanhas tão singulares quanto as que se fazem no Brasil, onde os ricos e mesmo os pobres, antecipando-se às próprias obrigações dos administradores públicos, conjugam seus esforços para obter o alimento, o agasalho, o leite, a veste e também proporcionar assistência aos tuberculosos, lázaros, favelados, órfãos, às crianças e velhos desamparados e ainda levar a palavra doutrinária de esclarecimento e resignação aos que se encontram presos nas penitenciárias.

Desaparecem também os estigmas do caudilhismo sangrento das lutas fratricidas e os ensaios do tiranismo no Brasil, para surgirem, pouco a pouco, os espíritos benfazejos e regrados, que ingressam no seu comando e passam a agir de modo mais humano. Através de roteiros pacíficos, a vossa comunidade encaminha-se para a socialização benfeitora, mas isso, como já o dissemos, vai ser realizado sem a violência própria dos povos belicosos.

A Nação brasileira há de ajustar-se social, econômica e politicamente, atendendo aos anseios materiais e psicológicos de todos os povos da Terra, porquanto ela significa um dos mais preciosos laboratórios de experimentações fraternas do alto. Há de ser um clima sem violência, sem tiranismo ou extremismos ideológicos, com um padrão ético-político distante dos dogmas ou das imposições religiosas, embora intimamente inspirado pelo Evangelho de Jesus...

Estou autorizado a informar-vos que os sociólogos siderais já traçaram um roteiro específico e coerente para essa importante

realização fraterna, moral e social do vosso país; mas isso não quer dizer que sejais um Povo superior ou completamente livre de quaisquer reparações cármicas dolorosas do passado. É a característica espiritual que cimenta a formação etnológica brasileira, a sua peculiar índole fraterna, caritativa e tolerante, aliada ainda a uma natureza intuitiva incomum, o que justifica tal prognóstico. Esses elementos fundamentais afetivos é que predizem o êxito futuro dos empreendimentos espirituais de confraternização terrena, os quais seriam difíceis e mesmo impraticáveis num povo racista, avaro ou materialista". (628)

O famoso escritor americano James Redfield, na série de livros sobre "A Profecia Celestina", mapeou os pontos básicos a serem apreendidos pelo homem, no seu processo evolutivo, a fim de despertar e cumprir sua missão na Terra:

"Podemos perceber agora, todo o impacto que as informações sobre o Além estão tendo em nossa vida terrena. A consciência espiritual emergente está baseada na percepção da sincronicidade, e cada nível dessa consciência nos dá uma compreensão melhor do que é essa sincronicidade e de como utilizá-la todos os dias. A vida após a morte nos dá a perspectiva mais elevada desse processo: estamos aqui em missão, e a sincronicidade que podemos vivenciar nos orienta para o cumprimento da nossa missão.

Agora fica clara a verdadeira importância de nos ligarmos interiormente, anularmos os nossos mecanismos de controle e encontrarmos a nossa verdade a ser transmitida. É o processo de despertarmos para quem realmente somos. O fato é que a vida terrena serve para nos tornarmos mais conscientes da nossa natureza espiritual. Quando encontrarmos a verdade que temos a transmitir, ela nos levará para a nossa carreira e o nosso lugar na sociedade... Somos, em nossa essência, campos de intenção conscientes, e o que pensamos saber, o que acreditamos, é irradiado para fora, para todas as outras pessoas e para o cosmo, que quase sempre nos dá o futuro que imaginamos. À medida que aumenta a nossa consciência dessa capacidade, o nosso poder aumentará também, e as nossas decisões éticas terão mais força. Antes de sairmos de casa, devemos encontrar o espaço, a postura espiritual, em que vivenciamos aquilo que conhecemos. O poder da fé é real; cada pensamento é uma oração, e se a visão da nova consciência espiritual residir no fundo da nossa mente todos os dias, a cada minuto, enquanto interagimos com o mundo, a magia

da sincronicidade será acelerada para todos, e o destino que intuímos em nosso coração se tornará realidade”. (629)

O Frei Leonardo Boff nos dá a sua valiosa contribuição, para nossa reflexão final, no sentido de levar a ética humana para a “ditadura do modo-de-ser-trabalho”, ou seja, no seu livro “Saber Cuidar”, ele propõe o resgate do sentimento e do cuidado, nas relações com o ser humano, e com a natureza:

“A reflexão contemporânea resgatou a centralidade do sentimento, a importância da ternura, da compaixão e do cuidado, especialmente a partir da psicologia profunda de Freud, Jung, Adler, Rogers e Hillman, e hodiernamente a partir da biologia genética e das implicações antropológicas da física quântica à la Niels Bohr (1885-1962) e à la Werner Heisenberg (1901-1976). Mais do que o cartesiano cogito ergo sum: penso, logo existo, vale o sentio ergo sum: sinto, logo existo. O livro de Daniel Goleman, Inteligência Emocional, transformou-se num best-seller mundial porque, à base de investigações empíricas sobre o cérebro e a neurologia, mostrou aquilo que já Platão (427-347 a.C.), Santo Agostinho (354-430), a escola franciscana medieval com S. Boaventura e Duns Scotus no século XIII, Pascal (1623-1662), Schleiermacher (1768-1834) e Heidegger (1889-1976) ensinaram há muito tempo: a dinâmica básica do ser humano é o pathos, é o sentimento, é o cuidado, é a lógica do coração. “A mente racional”- conclui Goleman - “leva um ou dois momentos mais para registrar e reagir do que a mente emocional; o primeiro impulso ... é do coração, não da cabeça”. Dar centralidade ao cuidado não significa deixar de trabalhar e de intervir no mundo. Significa renunciar à vontade de poder que reduz tudo a objetos, desconectados da subjetividade humana. Significa recusar-se a todo despotismo e a toda dominação. Significa impor limites à obsessão pela eficácia a qualquer custo. Significa derrubar a ditadura da racionalidade fria e abstrata para dar lugar ao cuidado. Significa organizar o trabalho em sintonia com a natureza, seus ritmos e suas indicações. Significa respeitar a comunhão que todas as coisas entretêm entre si e conosco. Significa colocar o interesse coletivo da sociedade, da comunidade biótica e terrenal acima dos interesses exclusivamente humanos. Significa colocar-se junto e ao pé de cada coisa que queremos transformar para que ela não sofra, não seja desenraizada de seu habitat e possa manter as condições de desenvolver-se e co-evoluir junto com seus ecossistemas e com a própria Terra. Significa captar a presença do Espírito para além de

nossos limites humanos, no universo, nas plantas, nos organismos vivos, nos grandes símios gorilas, chimpanzés e orangotangos, portadores também de sentimentos, de linguagem e de hábitos culturais semelhantes aos nossos”. (630)

Este excesso de competição e produção, no mundo globalizado, criticado por Boff, está exaurindo os recursos naturais do planeta, que não são renováveis; sendo necessária a busca de um novo modelo econômico baseado na satisfação das necessidades reais do homem e no respeito à ecologia da natureza, que no conceito do Prof. Pierre Weil, seria uma “Economia Holística”:

“Ela estimula a cooperação e evita a competição e a agressividade, através da atividade da não-violência. Evita a manipulação das consciências em vista de uma consumação compulsiva e da criação de necessidades imaginárias... O trabalho tem como objetivo o pleno desabrochar do potencial criativo humano e a expressão dos valores holísticos.” (631)

Nessa mesma linha filosófica, de forma direta e objetiva, a escritora americana Elaine St. James traça o programa básico, para uma Economia baseada no conforto essencial, no seu livro “Simplifique sua Vida”:

“A primeira coisa que fizemos foi nos livrar de tudo que não usávamos mais (nº 1). Demos um passo gigantesco e mudamo-nos para o outro lado do país, de modo a podermos trabalhar onde queríamos morar (nº 51) e fazer o que realmente queríamos fazer (nº 52). Além disso, mudamos para uma casa menor (nº 19). Nos anos seguintes passamos a simplificar os nossos hábitos alimentares (nº 57), unificamos nossos investimentos (nº 46), vendemos o maldito barco (nº 21), repensamos nossos hábitos de compra (nº 40) e reduzimos drasticamente a aquisição de bens e serviços (nº 42). Passo a passo, fomos implementando gradualmente a maior parte das idéias que estão expostas neste livro.” (632)

Este modelo de economia sustentável, sem os excessos do consumismo e uma melhor distribuição de renda, não é uma visão utópica, mas, simplesmente, uma necessidade imperiosa para a sobrevivência da espécie humana, como demonstra o cientista social americano Duane Elgin, na sua obra “A Dinâmica da Evolução Humana”:

“No final do século XX - época em que as visões e valores da era industrial ainda se impõem nas nações economicamente desenvolvidas - é quase impossível imaginar que o uso dos recursos mundiais vá se voltar para a equidade e a justiça. Nas nações economicamente desenvolvidas, as pessoas continuam tão ocupadas em salvaguardar suas conquistas materiais que praticar uma nova ética global de justiça e distribuição econômica exigirá primeiro uma experiência transformadora de proporções globais. Dadas as persistentes tendências que agora oprimem o planeta, não há dúvida de que logo teremos a dura experiência, que nos despertará para a necessidade de novas abordagens ao desenvolvimento econômico global. A alternativa é desoladora: se as nações ricas conquistarem seu bem-estar à custa das nações pobres, eclodirão guerras crônicas pelos recursos, migrações maciças de povos em busca de comida e trabalho e devastadoras catástrofes ecológicas.

Com a janela da televisão global cada vez mais escancarada, as diferenças em riqueza e bem-estar à volta do mundo, logo se tornarão mais que evidentes para todos. Estamos entrando em um mundo superaquecido e sobrecarregado em que os problemas de justiça econômica serão preeminentes. A reconciliação global exige que as necessidades materiais básicas de toda a família humana sejam atendidas - e alcançar esse objetivo irá exigir uma profunda mudança nos níveis e padrões de consumo dos países desenvolvidos. Pequenos ajustes não bastarão. Com equidade, simplicidade e eficiência, o mundo possui recursos suficientes para sustentar a humanidade num futuro previsível. Segundo Gandhi, “Temos o bastante para a necessidade de todos, mas não para a ganância de todos.” Não poderemos alcançar nossa maturidade, se a humanidade permanecer dividida numa minoria riquíssima e numa maioria condenada à prisão da pobreza absoluta. Toda pessoa tem seu direito básico a uma parte razoável dos recursos do mundo. Fazer essa revolução, com probidade, exigirá um aumento sem precedentes da comunicação e reconciliação humana. Temos de trabalhar por um futuro de “desenvolvimento mutuamente assegurado” ou progresso econômico que não deixe ninguém para trás, mas fortaleça a humanidade inteira e o ecossistema do qual depende nosso futuro comum. Se todos os povos e nações trabalharem para promover o desenvolvimento dos demais, o mundo saltará além da coexistência passiva para a assistência mútua ativa.

A adoção de uma “regra de ouro de consumo” - consumir, como

você gostaria que os outros consumissem se estivesse na situação deles - ganhará crescente importância à medida que a comunicação global revelar as vastas desigualdades no bem-estar material. A justiça econômica não coexiste em reproduzir o estilo de vida da era industrial por todo o mundo; coexiste, isso sim, em que cada pessoa tenha direito a uma parte da riqueza mundial suficiente para assegurar-lhe um padrão de vida “decente” - alimentação, moradia, educação e saúde dentro dos padrões razoáveis da dignidade humana. Dentro de uma certa moderação e simplicidade, o padrão e o estilo de vida decentes podem variar, significativamente, dependendo dos costumes locais, ecologia, recursos disponíveis e clima.” (633)

Atendendo a esta tendência econômica atual, de maior cooperação entre as pessoas em sociedade, é que se multiplicam, rapidamente, as ONGs - Organizações Não Governamentais, que complementam a ação do Estado, no sentido de dar assistência social, educacional, médico-psicológica às comunidades mais carentes, em segmentos marginalizados ou excluídos; sendo relevante trazer o conceito do Prof. Fernando Tenório, extraído do seu livro “Gestão de ONGs”:

“Essas organizações não fazem parte do Estado, nem a ele estão vinculadas, mas se revestem de caráter público na medida em que se dedicam a causas e problemas sociais e em que, apesar de serem sociedades civis privadas, não tem como objetivo o lucro, e sim o atendimento das necessidades da sociedade. “ (634)

A famosa psicoterapeuta americana Louise Hay, recomenda a todos nós que façamos, sempre, afirmações positivas para atrair a saúde, a felicidade, o sucesso, o amor e a paz para nossas vidas, pois: “Nós irradiamos sucesso e prosperamos onde quer que estejamos, o ano 2000 é um período de maravilhosos recomeços”; logo, vamos sintonizar esta energia positiva e confiar na força de nossas visualizações e pensamentos, na criação de um mundo melhor, como nos sugere Louise Hay:

“Portanto, isso deixa mais evidente que temos a escolha quanto ao caminho a seguir. Podemos optar por manter pensamentos de medo ou por alinhar nosso pensamento com as gloriosas possibilidades que a Vida tem guardado para nós. O futuro depende de nós. Temos o poder de estabelecer a paz em todo o planeta. Temos o poder de curar a natureza e de acalmar os tremores da Terra. Temos o poder de curar nossas crianças e de tornar a Vida mais

segura para todas elas. Temos o poder de fazer da guerra uma coisa obsoleta e perdida no passado. Temos o poder de alimentar, agasalhar, abrigar e educar todo mundo em todos os lugares. O novo milênio será um reflexo daquilo que temos em nossos corações e em nossas mentes. Junte-se a mim e aos milhões de pessoas, que estão se unindo para criar uma atmosfera mental, que traga ao planeta apenas o bem e experiências de crescimento para todos nós.” (635)

Para encerrar estas reflexões positivas, que nos farão “Irradiar Luz para o Terceiro Milênio”, vamos presentear o leitor com um belíssimo poema do espírito Amélia Rodrigues, psicografado pelo notável médium Divaldo Franco, denominado “Poema da Gratidão”, que nos lembra a importância de valorizar os aspectos positivos da nossa vida e aceitar, sem revoltas, os negativos, como recomenda o médico holístico Deepak Chopra, até conseguir transmutá-los:

*“Senhor Jesus, muito obrigada!
Pelo ar que nos dás,
pelo pão que nos deste,
pela roupa que nos veste,
pela alegria que possuímos,
por tudo de que nos nutrimos.
Muito obrigada, pela beleza da paisagem,
pelas aves que voam no céu anil,
pelas Tuas dádivas mil!
Muito obrigada, Senhor!
Pelos olhos que temos...
olhos que vêem o céu, que vêem a terra e o mar,
que contemplam toda beleza!
Olhos que se iluminam de amor
ante o majestoso festival de cor
da generosa Natureza!
E os que perderam a visão?
Deixa-me rogar por eles
Ao Teu nobre Coração!
Eu sei que depois desta vida,
além da morte,
voltarão a ver com alegria incontida...

Muito obrigada pelos ouvidos meus,
pelos ouvidos que me foram dados por Deus.
Obrigada, Senhor, porque posso escutar
o Teu nome sublime, e, assim, posso amar.*

*Obrigada pelos ouvidos que registram:
a sinfonia da vida,
no trabalho, na dor, na lida...
o gemido e o canto do vento nos galhos do olmeiro,
as lágrimas doridas do mundo inteiro
e a voz longínqua do cancioneiro...*

*E os que perderam a faculdade de escutar?
Deixa-me por eles rogar...
Eu sei que no teu reino voltarão a sonhar.*

*Obrigada, Senhor, pela minha voz.
Mas também pela voz que ama,
pela voz que canta,
pela voz que ajuda,
pela voz que socorre,
pela voz que ilumina...
E pela voz que fala de amor,
obrigada, Senhor!*

*Recordo-me, sofrendo, daqueles
que perderam o dom de falar
e o teu nome sequer podem pronunciar!...
Os que vivem atormentados na afasia
e não podem cantar nem à noite, nem ao dia...
eu suplico por eles
sabendo que mais tarde,
no Teu Reino, voltarão a falar.*

*Obrigada, Senhor, por estas mãos, que são minhas
alavancas da ação, do progresso, da redenção.
Agradeço pelas mãos que acenam adeuses,
pelas mãos que fazem ternura,
e que socorrem na amargura;
pelas mãos que acarinham,
pelas mãos que elaboram as leis
e pelas que as feridas cicatrizam
retificando as carnes partidas,
a fim de diminuírem as dores de muitas vidas!
Pelas mãos que trabalham o solo,
que amparam o sofrimento e estancam lágrimas,
pelas mãos que ajudam os que sofrem,
os que padecem...
Pelas mãos que brilham nestes traços,
como estrelas sublimes fulgindo nos meus braços!*

*... e pelos pés que me levam a marchar,
erecto, firme a caminhar,
pés da renúncia que seguem
humildes e nobres sem reclamar.*

*E os que estão amputados, os aleijados,
os feridos e os deformados,
Os que estão retidos na expiação
Por crimes praticados noutra encarnação
eu rogo por eles e possa afirmar
que no Teu Reino, após a lida
desta dolorosa vida,
poderão bailar
e em transportes sublimes com os seus braços também afagar.*

*Sei que lá tudo é possível
quando Tu queres ofertar,
mesmo o que na Terra parece incrível!*

*Obrigada, Senhor, pelo meu lar,
o recanto de paz ou escola de amor,
a mansão de glória
ou pequeno quartinho,
o palácio ou tapera, o tugúrio ou a casa de miséria!
Obrigada, Senhor, pelo amor que eu tenho e
pelo lar que é meu...
Mas, se eu sequer
nem um lar tiver
ou teto amigo para me abrigar
nem outra coisa para me confortar,
se eu não possuir nada,
senão as estradas e as estrelas do céu,
como sendo o leito de repouso e o suave lençol,
e ao meu lado ninguém existir, vivendo e chorando sozinho, ao
léu...*

*Sem um alguém para me consolar
Direi, cantarei, ainda:
Obrigada, Senhor,
porque Te amo e sei que me amas,
porque me deste a vida
jovial, alegre, por Teu amor favorecida...*

*Obrigada, Senhor, porque nasci,
Obrigada, porque creio em Ti.
... E porque me socorres com amor,
Hoje e sempre,
Obrigada, Senhor!*

Obrigado, também, amigo leitor, por me acompanhar, até o final desta jornada, quando podemos compartilhar, não só meus pensamentos, mais idéias e ideais de tantos outros escritores e seres humanos maravilhosos, que dignificam a Humanidade e nos faz confiar num mundo mais justo e fraterno, na certeza de, acessando nossa luz interior, poderemos alcançar a “JUSTIÇA DIVINA”!

Muita Paz e Luz !

APÊNDICE - QUESTIONÁRIO PARA O PLANO ESPIRITUAL

Esta seção do livro, complementa as nossas pesquisas sobre a “Justiça Divina”, pois transcrevemos abaixo quatro entrevistas feitas com renomados escritores espiritualistas e com os mentores espirituais do “Santuário Luz e Vida”, que apesar das suas linhas filosóficas diferentes, colheram respostas, em essência semelhantes, do plano espiritual, respondendo a um questionário padrão, respostas estas que servem para ratificar o conteúdo e o objetivo desta obra.

ENTREVISTA COM DIVALDO FRANCO

1) Como é efetivada a Justiça na vida rotineira dos desencarnados em suas comunidades no plano espiritual?

Todos os seres vivemos, no corpo ou fora dele, emitindo e captando ondas que decorrem do nosso estado moral-espiritual. De acordo com as emoções vivenciadas em ações na indumentária carnal, são construídos campos vibratórios que geram sintonia com faixas espirituais do mesmo teor.

Ao lado disso, a justiça divina encontra-se insita na consciência, conforme responderam os Espíritos a Allan Kardec, na questão 621 de **O Livro dos Espíritos**, informando que as Leis de Deus estão inscritas na consciência.

Dessa forma, os calcetas, infratores e criminosos, em geral, são atraídos a regiões nas quais experimentam os sofrimentos reparadores compatíveis com a gravidade do mal praticado, sendo, oportunamente recambiados à reencarnação.

2) Como são criadas as normas de condutas (leis) em cada comunidade extrafísica? E como assegurar o seu cumprimento (polícia)?

O amor é a Lei natural que vige em todo o Universo. Dele se derivam as leis de conservação, de destruição, de trabalho, de ordem e justiça, etc. Encontram-se na consciência individual e na coletiva, herdeiras da Cósmica.

Quando alguém se compromete com o erro, sintoniza com Entidades equivalentes que se lhes transformam em verdadeiros algozes, passando a cobrar-lhes reparação, infligindo-lhes sofrimentos, às vezes, inenarráveis, o que motiva obsessões lamentáveis na Terra e fora dela.

Não existe, portanto, uma organização policial conforme os moldes terrenos.

3) Quais as consequências espirituais negativas do aborto, para a mãe, o pai e o feto? Esclarecendo o momento exato da ligação espiritual com o óvulo fecundado ou com o feto?

Quando o espermatozóide dispara na trompa de Falópio e fecunda o óvulo, já se encontra magnetizado pelo psiquismo do Espírito que deverá reencarnar-se, mediante o perispírito. A partir desse momento, qualquer interrupção dessa vida em formação é considerada pelo Espiritismo como abortiva, exceção feita à preservação da existência física da gestante.

Muitas vezes, o Espírito vendo frustrada a oportunidade de renascimento, por meio do qual poderia evoluir, refazer caminhos e recuperar-se de erros anteriormente cometidos, rebela-se e tenta vingarse, passando a perseguir aqueles que foram instrumentos do seu insucesso reencarnatório.

Os genitores responsáveis pelo delito adquirem débitos de graves consequências perante as leis cósmicas, particularmente a de amor, que é Lei da Vida.

No futuro, renascerão sob injunções físicas, morais, espirituais lamentáveis, por haverem interrompido o fenômeno da vida, que somente Deus tem o direito de fazê-lo.

4) Quando uma viúva por duas vezes, desencarna e vai para a mesma cidade extrafísica do seu último marido, e lá encontra o seu primeiro esposo, qual dos dois seria tratado como tal? Como solucionar esse conflito, dentro da cosmoética?

Depende dos liames afetivos profundos. Marido e mulher são circunstâncias existenciais do processo evolutivo. Não poucas vezes, os laços da consanguinidade têm por meta favorecer o desenvolvimento das emoções humanas, ensejando experiências diferentes, a fim de preparar o sentimento em favor da família universal. Dessa forma, os compromissos conjugais nem sempre continuam além do túmulo, porquanto, não somente o reencontro com o consorte recente bem como com alguns outros que passaram antes pela afetividade, não impõe o prosseguimento da mesma ligação. Normalmente, porém, a lei das afinidades conduz aqueles que muito se amam ao reencontro afetivo, ficando o outro ser em condição fraternal, perfeitamente compreensível, qual ocorre em alguns processos de divórcio, nos quais, após a separação os ex-cônjuges continuam amigos, sem ressentimentos nem ódios, antes congratulando-se pelo acerto da decisão, que ora lhes proporciona relacionamentos felizes.

5) Quais as consequências espirituais para o Espírito do doador após o transplante de seus

órgãos?

Caso ele esteja conscientizado da ocorrência, face a uma opção antes da desencarnação, tudo lhe resulta favorável. Quando não consultado, pode experimentar algumas aflições - se viveu egoisticamente, vinculado com vigor às sensações, em atitudes hedonistas - sofrendo abalos emocionais muito graves. Não apenas em razão do transplante de algum dos seus órgãos, mas em razão da sua estrutura pouco evolutiva, responsável pela sua materialidade.

O fenômeno igualmente tem lugar nos sepultamentos convencionais, mesmo quando não houve qualquer transplante, porquanto o fenômeno da morte não significa necessariamente desencarnação, já que muitos Espíritos permanecem vinculados aos despojos físicos após degenerados e desaparecidos, em razão das suas paixões e rebeldias...

Recordamo-nos dos cadáveres anônimos recambiados às salas de pesquisas anatômicas, que tanto têm ajudado aos estudantes de Medicina e esculápios, para averiguações e análises que resultam positivas para a humanidade. São, de alguma forma, poupados a qualquer tipo de sofrimento pelos Guias espirituais, tornando-se, em consequência, benfeitores da humanidade.

No caso dos suicidas, diretos ou indiretos, o problema é diverso, porque, buscando a morte, não logram despojar-se da roupagem física, experimentando as sensações que lhes eram comuns ao corpo, embora a morte orgânica.

A doação de órgãos, desde que constatada a morte do tronco encefálico, constitui grandiosa contribuição do indivíduo em favor do seu próximo, auxiliando-o, atenuando-lhe ou ampliando-lhe a existência física na Terra, quando cessado o seu **carma**, ou merecendo uma ampliação de tempo na jornada.

6) Se um paciente em estado terminal decide fazer a eutanásia e com ajuda de um amigo médico antecipa a sua morte, qual a consequência espiritual para ambos?

A eutanásia, para nós, espíritas, é crime hediondo, porque ninguém tem o direito de interromper a existência física de outrem sob a justificativa de compaixão, de morte digna, ou de morte sem dor... O sofrimento resulta dos atos morais do indivíduo, que se lapida e cresce no rumo da liberdade plena. Fugir dele é postergar a data do reencontro, porque ninguém derroga as Divinas Leis impunemente.

Outrossim, a função da ciência médica é prolongar a oportunidade de vida do paciente, a fim de que aguarde as conquistas que diariamente estão alterando a paisagem do problema da enfermidade. Quantos pacientes terminais recuperam-se, enquanto pessoas saudáveis são vítimas de morte

súbita? Como ter a certeza absoluta de quem vai sobreviver ou morrer, quando, a cada instante, pacientes com morte cerebral retornam lúcidos? É certo que a ciência médica tem parâmetros para avaliar os casos desesperadores e terminais, no entanto, os minutos finais, nos quais alguém se encontra na doença ou na ausência de lucidez, o Espírito permanece adquirindo experiências e reparando faltas pretéritas.

O médico que anui em matar a pedido do paciente, comete homicídio, já que ele não dispõe de meios para facultar a vida, nem mesmo de liberá-la das injunções desse porte.

Aquele que solicita a eutanásia é tido como suicida, porque está antecipando o que lhe vai acontecer inevitavelmente...

7) Qual a origem, o conceito e finalidade corretas, para as almas gêmeas ou duplas evolutivas? Em **O Livro dos Espíritos**, obra básica da Doutrina Espírita, Allan Kardec é muito claro ao afirmar que não existem as almas em condição de metades eternas, conhecidas como almas gêmeas. Certamente existem almas muito vinculadas, porém, por mais que evoluam nunca se fundem em uma única individualidade. A individualidade é eterna, embora as personalidades se alterem, se modifiquem em cada reencarnação.

O conceito é antigo e ignoro quando, por primeira vez, apareceu na área da filosofia religiosa ou da teologia dos povos orientais.

8) Como os Mentores Espirituais avaliam a aplicação da pena de morte pela Justiça? Qual a sua consequência para a vítima?

A função primacial do Estado é cuidar do cidadão, respeitando-lhe os direitos humanos a serviço do grupo social feliz. Quando esse delinqui - e cabe ao Estado a função educativa por excelência - muitos fatores fazem parte da gênese do seu crime. À justiça cabe o dever de examinar-lhe o grau de responsabilidade, aplicando-lhe a pena que o reedue, a fim de que possa ressarcir o delito, contribuindo de maneira eficaz para o progresso da sociedade.

Matá-lo, legalmente, é reconhecer a própria falência, vingando-se naquele que já é vítima de si mesmo, face à infelicidade em que se movimenta.

Para o infrator a punição máxima, quando o mesmo tem consciência de si, representa uma forma de recuperação moral perante as Leis Cósmicas. A grande maioria, porém, enlouquece de dor, em razão de preservar em alta escala os instintos primários, voltando-se, vivo que se encontra fora da carne, contra quem se fez responsável pela sua cruel punição.

9) Como os mestres espirituais analisam o atual processo de clonagem para a reprodução humana?

Inicialmente, como uma inspiração de Deus que, no momento, deve esperar pela elaboração de uma bioética, a fim de que o sonho da construção de um ser humano reproduzido em laboratório não se transforme em terrível pesadelo para a sociedade. À Ciência sempre cabe a tarefa de proceder a novos investimentos na área das descobertas, nunca porém, em tentativas de ameaçar a vida ou dar surgimento a novos deuses enlouquecidos em busca de fama e glória transitórias.

10) Qual a forma mais eficaz para podermos humanizar, agilizar e moralizar a nossa justiça (Juízes e Tribunais)?

Quando desejarmos ao próximo aquilo que aspiramos para nós próprios, agindo em relação às criaturas como gostaríamos que o fizessem em relação a nós, conforme preceituou Jesus.

Quando os Meritíssimos juízes e tribunais se conscientizarem de que os seus cargos são encargos de altíssima responsabilidade, que a Vida lhes confere transitoriamente, e de que terão que dar conta à Consciência Cósmica, agirão conforme todos esperamos modelarmente das suas condutas.

11) De que forma a magia negra, a macumba, os despachos prejudicam as energias e a saúde da vítima? E como provar que a doença ou morte da vítima foi causada por um ataque extrafísico? À luz da Doutrina Espírita somente nos acontece aquilo que tem por objetivo tornar-nos espiritual e moralmente melhores. Ao mesmo tempo, considerando a Lei de Causa e Efeito, colhemos conforme semeamos.

Eis porque o decantado poder da magia negra, da macumba e quejandos, em realidade não é tão legítimo quanto fazem crer, porquanto, se assim o fora, afetaria terrivelmente o Código da Soberana Justiça, permitindo que o ser humano pudesse modificar o destino das criaturas que lhe sejam antipáticas ou adversárias...

Naturalmente, quando o indivíduo, em razão do seu comportamento ético-moral, se encontra em faixas vibratórias inferiores, facilmente sintoniza com as energias deletérias que se movimentam nesses campos, podendo sofrer a perseguição decorrente de pessoas ou Espíritos atrasados, vingativos e perturbadores...

Quanto, porém, a constatar-se a *causa-mortis*, como de natureza extrafísica, acredito ser totalmente inexecutável, pelo menos, em nosso momento cultural.

12) Como os mestres espirituais analisam o problema dos direitos autorais, nas obras psicografadas por escritores famosos já desencarnados?

Esses direitos autorais pertencem, do ponto de vista espírita, àqueles que ditaram as Obras. Como porém, não têm necessidade de qualquer remuneração, sempre induzem os seus médiuns a oferecê-los - na sua condição de co-autores - a Instituições de beneficência e caridade. Assim, se cumpre o mandamento evangélico: Dar de graça o que de graça se recebe.

13) Como os mestres analisam o aumento das cirurgias espirituais no Brasil e das terapias alternativas ou energéticas, em confronto com a medicina ortodoxa-tradicional?

Os Espíritos nobres são unânimes em esclarecer que o seu objetivo não é o de remendar corpos, mas de curar almas. Quando o Espírito é saudável, naturalmente o corpo corresponde a essa circunstância, com raríssimas exceções, quando se trata de missionários do amor e da caridade, que abraçam a cruz dos sofrimentos, a fim de ensinar-nos coragem e fé...

As cirurgias espirituais têm por objetivo chamar a atenção dos estudiosos para os fenômenos da imortalidade. No caso, para o corte sem dor, a cicatrização imediata, a falta de contaminação, a hemóstase automática, etc. Isto quando deparamos com fenômenos verdadeiros, porque não podemos ignorar que a astúcia e a sagacidade de pessoas inescrupulosas, utilizando-se da ignorância popular e de outros fatores, se apresentam como médiuns de ectoplasmia ou efeitos físicos com possibilidades para esse mister.

Quanto às terapias alternativas, especialmente as energéticas, dia chegará em que se tornarão acadêmicas, qual ocorre hoje com aquelas que ora se comprazem com o título e, no entanto, há pouco tempo não passavam de atrevimento, aventura, sofrendo suspeição dos médicos de então. Tenhamos em mente, a assepsia e Ignácio Semelweis, a cirurgia e as primeiras exigências sem dor, no Hospital Geral de Boston no ano de 1846... para sermos breves.

14) Como os mentores espirituais se posicionam quanto ao depoimento do Espírito desencarnado através de médium com idoneidade comprovada, para elucidar a sua própria morte (ex-PC Farias)?

Face ao perigo de mistificações espirituais, conforme nos advertem Allan Kardec e os Espíritos Superiores que nos falaram depois dele, essa não é a função da mediunidade dignificada: atuar como solucionadora de problemas que cumpre ao ser humano resolver.

Houve casos, por exemplo, através do mediunato de Francisco Cândido Xavier, nos quais, alguns Espíritos retornaram pela psicografia para elucidarem a ocorrência da sua desencarnação,

objetivando sobretudo fazerem justiça, liberando aqueles que foram considerados culpados. Da tal forma a evidência das confirmações e a autenticidade das mesmas se fez comprovar, que foram reconhecidas como verdadeiras, inocentando os que permaneciam como suspeitos.

15) Quais as consequências para o Espírito desencarnado a respeito da cremação do seu cadáver?

Quando o Espírito se conscientizou de que deveria ser cremado, atitude tomada antes da desencarnação, liberta-se dos despojos materiais sem experimentar no ato da destruição física, sensação alguma, seja através das labaredas ou mesmo da inumação. Quando, no entanto, é egoísta, sensualista e gozador, apegado aos prazeres materiais, sofre as aflições compreensíveis que disso se derivam, em razão de não se considerarem mortos... Não obstante, em relação à cremação, os Bons Espíritos recomendam que se deve aguardar um período aproximado de 72 horas, após o que o corpo estará liberado totalmente dos vínculos que atam o Espírito à matéria e que se desfazem só lentamente.

16) Qual a consequência cármica para uma mãe que acusa um homem de ser pai do seu filho e ele é condenado na Justiça a pagar pensão, injustamente?

Se ela o faz conscientemente, como capricho, vingança ou extorsão, não fugirá da própria consciência, adquirindo um fardo de dores muito pesado de que não se libertará senão através de amarga expiação na Terra, nesta ou em próxima reencarnação.

Todo mal que se pratica é para si mesmo, assim como todo o bem que se realiza, faz-se a si mesmo um grande bem.

Obs.: Esta questão nº 16, é uma pergunta extraordinária ao questionário padrão.

RESPOSTAS DE GANDHI

O escritor Roberto Epifânio Silva, através da sua esposa e médium, Ilza Andrade Silva, conseguiu colher as respostas de um mentor espiritual, que se apresentou como sendo o Mahatma Gandhi, que trabalhou como advogado na sua última encarnação, transcrevendo abaixo apenas suas

respostas, pois as perguntas o leitor sabe serem as mesmas:

1. Na colônia que frequento, não precisamos mais de punição ou corretivo como aí, na Terra. Mas em colônias menos evoluídas, às vezes é preciso que se aplique alguns corretivos, por exemplo, quando um espírito em tratamento tenta fugir, o corretivo é deixar que ele consiga para que se conscientize da necessidade do tratamento. Um espírito em tratamento às vezes tem recaídas. Deixamos para que perceba a diferença de um estado para outro. A justiça aqui é muito diferente da do plano físico. Aí às vezes entra a vingança, no qual chama de justiça; aqui, é só o amor. O dia em que se amarem verdadeiramente, não haverá mais justiça por que tudo será amor.

2. Aqui, em qualquer colônia da mais evoluída e menos evoluída, as leis são as mesmas e como disse na resposta anterior, não existe punição, a não ser a que o ser sente pelos danos que causou.

Existem alguns irmãos que têm mais conhecimento, acompanhando os que não têm muito. Mas eles não interferem nas decisões do assistido. Não existe castigo maior do que o do arrependimento. As leis aqui são baseadas no amor, respeito e disciplina. Quando atingirem esse ponto de equilíbrio, tanto encarnados quanto desencarnados, serão livres.

3. O fato é que o aborto é um crime, pois no momento da fecundação, já existe vida, sendo que, em determinadas ocorrências, é amenizada a responsabilidade da mãe, em caso de aborto, em decorrência da sua imaturidade (física).

Geralmente, nesses casos, são espíritos que necessitam passar por essa experiência e já são preparados anteriormente. Tanto o pai quanto a mãe têm total responsabilidade quando é praticado o aborto. As mulheres que abortam por vaidade causam danos muito sério em seu perísprito, ou seja, não querem deformar o corpo, mas deformam a alma. Os únicos prejudicados são os que praticam o ato.

4. Se um dos dois fosse o seu amor verdadeiro este seria. Ou seja, o que tivesse mais afinidade energética com ela.

5. Isso só dependerá do seu nível evolutivo, pois se ele tiver ainda muito apegado ao corpo físico pode sentir como se tivesse faltando aquele órgão doado. Do contrário, seria indiferente, pois saberia que aquilo não lhe pertence de fato e sim, à Terra.

6. Eles são considerados, perante a Lei Cósmica, como suicidas e assassinos, pois nem a pessoa que quer morrer sabe se está na sua hora, nem quem o ajuda também. Digamos que um parente que você ama muito seja considerado em estado terminal pelos médicos, que são humanos e não têm condições de avaliar o momento que termina a vida de um outro ser humano, a não ser através da parada do cérebro e do coração; e se seu parente, por pena de si mesmo e medo lhe pede para ajudá-lo na eutanásia e por fraqueza e egoísmo você ajuda; ao desencarnar, após tomar consciência de si como ser eterno, essa pessoa descubra que ainda não era sua hora, como ficaria? E se resolvesse culpar alguém, quem seria a primeira pessoa? O que ele seria perante a sua consciência, senão suicida? Ninguém o culparia, mas ele mesmo iria se considerar um suicida e a pessoa que o ajudou também iria se sentir muito mal e teria a certeza de ter tirado os últimos momentos de chance daquele ser.

Esse é um tema muito polêmico, mas tenham certeza de que enquanto há vida, há esperança.

7. Na verdade esse não seria o termo ideal, pois nem mesmo os gêmeos idênticos, fisicamente, o são espiritualmente. Por mais afinidade que se tenha, nunca serão almas gêmeas, pois não serão iguais. O termo ideal seria almas afins, que têm objetivos semelhantes, caminhos semelhantes, histórias semelhantes e, muitas vezes, vidas semelhantes, mas nunca iguais. A finalidade dessas almas é de se sustentarem, para que sua caminhada para a evolução seja mais rápida. Por isso, existem muitas almas afins.

8. A pena de morte é uma brutalidade contra a consciência maior. Não se pode corrigir um erro cometendo um outro ainda pior. Pessoas que se dizem conhecedoras das leis, leis essas que foram criadas para ajudar na evolução dos seres se reúnem para decidir sobre o fim da vida física de outros seres, nada mais são do que assassinos frios e cruéis. Às vezes um ser comete um crime no momento de desequilíbrio e de fraqueza e depois se arrepende, e os que, de ato pensado, assinam um papel e se comprometem a decidir se seu irmão vive ou não, será que eles têm mesmo esse poder? Por quem foi lhes dado? Será que esses mesmos que estão julgando, não podem ser julgados por outros tão cruéis quanto eles?

Quanto à vítima, às vezes, pode ser bom, pois se ele tem uma consciência com um pouco de lucidez, vai aceitar com tranquilidade, se não, pode trazer grandes transtornos e dificultar muito o processo evolutivo do mesmo.

9. Nós da espiritualidade nada temos contra a clonagem dos seres humanos. Vocês têm que

lembrar que na clonagem envolveria espíritos. Portanto, teria a clonagem do corpo humano e não do ser que seria distinto em sua essência. O homem é muito imaturo no que diz respeito a ética cósmica. Por isso, ainda não é chegado a hora de se trabalhar com coisas que só deixaria o homem mais prepotente do que já é. Tudo tem sua hora e nós da espiritualidade faremos o que for melhor para o crescimento espiritual do ser encarnado.

10. Seguindo a Lei do Amor. Esse é o único meio, pois só assim buscarão a verdade. Não a verdade que lhes interessam, mas a verdade universal.

11. A magia negra, geralmente, prejudica mais às pessoas que fazem do que suas vítimas, propriamente ditas. As vítimas, às vezes são atingidas devido aos seus sentimentos de medo, raiva, etc. Acredito ser muito difícil, para alguém deste plano físico, provar que outro tenha desencarnado devido à magia negra.

12. Nesta dimensão são poucos os espíritos que são considerados mestres ou se considerem mestres. Aqui procuramos nos manter distantes dos títulos que são dados quando encarnados. Todos aqui somos aprendizes e mestres de nós mesmos. Não temos preocupações com os direitos autorais, por isso não tem importância. É importante quando estamos encarnados, mas aqui, neste plano, não.

13. Acreditamos que os encarnados estão buscando mais o conhecimento, achamos também que se os “médicos” encarnados procurassem unir as duas ciências, encontrariam respostas para muitas perguntas.

Um dia será uma única ciência.

14. Nós desencarnados, não interferimos nas atitudes dos médiuns. Eles são seres livres e podem fazer o que quiserem com sua mediunidade.

15. Isso será determinado pelo grau de esclarecimento do espírito, do seu desapego ou apego ao seu corpo físico. Pode ser que para uns não signifique nada e ele nem veja e para outros um tormento e ele até sinta como se estivesse dentro do fogo; isso só depende do ser. Quanto mais evoluído, menos apegado à matéria física.

RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO, PELO PROF. WAGNER BORGES

1. Tudo no Universo é uma questão de sintonia, justiça também é sintonia. O conceito humano de carma, de causa e efeito é muito limitado e sujeito a parâmetros religiosos antiquados. No plano espiritual, a coisa processa-se de maneira direta, profunda, consciência a consciência. O agressor reconhece o erro, se não reconhece estaciona em regiões umbralescas, tensas, barônticas, até reconhecer onde errou. Sem esse reconhecimento não há como prosseguir, galgando grau a grau as outras dimensões. Existe, no plano extra-físico, dependendo da dimensão em que a consciência está, grupos que se reúnem e que tratam como pauta, do comportamento equivocado de algum irmão. Esses grupos se reúnem sempre baseados nos preceitos da ética superior, sem nenhuma espécie de condenação, porém funcionando como uma junta corretiva que visa a plena educação, que visa ressarcimento das dores provocadas a outrem. A justiça no plano espiritual é limpa sem corrupção, sem manipulações, pois todos percebem o que cada consciência pensa, o que cada consciência mantém em seu íntimo. Justiça, repetimos é sintonia, onde cada um assemelha-se, energeticamente ao que pensa, ao que sente, ao que busca, ao que faz, ao que elabora, ao que deseja, e a cada um é dado segundo a suas obras pelas leis de causa e efeito naturais, pura matemática divina. Repetindo, dependendo das dimensões, existem juntas apropriadas que determinam a ascensão de algumas consciências e que determinam as correções necessárias em cada caso.

2. Fica difícil explicar as normas de condutas extra-físicas porque elas não têm paralelos com as normas de condutas utilizadas na crosta da Terra. Essas normas estão baseadas na cosmoética, como não poderia deixar de ser. O cumprimento dessas normas é através das energias. Existem barreiras dimensionais que obstaculam passagens de consciência que não tem nível apropriado para galgar a dimensão seguinte. Existe em cada dimensão grupos de consciências encarregados de manter as frequências energéticas na sintonia adequada. Essas consciências mantêm essas barreiras energéticas e sabem trabalhar muito bem e aqueles que têm a passagem para outra dimensão e que desperdiçam tal oportunidade, são relocados, sua vibração é desconectada da sua frequência e eles retornam a frequência anterior, muitos passam por benevolência e mesmo assim não aproveitam a chance, por isso retornam a dimensão anterior e ficam estagnados até novas oportunidades, até que manifestem intenções nobres de ressarcimento, de recomeço e de

progresso. Polícia é energia, e essa energia é utilizada apropriadamente, seja por instrumentos extra-físicos preparados para esta finalidade, ou seja, pela própria manipulação inteligente das energias a favor da coletividade.

3. O aborto provoca sérios bloqueios energéticos nos chacras sacro (sexual) e básico da mulher (e, por vezes, até em seu companheiro), podendo acarretar no futuro vários problemas como: falta de vitalidade sexual, predisposição para sérias doenças na área genito-urinária e diversos problemas de natureza psicológica ou espiritual.

Às vezes, o bloqueio energético desce para a aura das pernas e acarreta distúrbios vibratórios nos chacras dos joelhos. Isso explica porque várias mulheres (e até seus companheiros) apresentam problemas em algum dos joelhos após o aborto.

O profissional aborteiro e seus assistentes são autênticos médiuns das trevas, vertendo no mundo os raios de insanidade e destruição.

Quem faz um aborto, além de se predispor a ajustes cármicos futuros com o aborteiro e com seus asseclas, ainda se submete à ação deletéria de espíritos obsessores (às vezes, por longo tempo) em sua vida.

4. Essa é uma questão que demanda grande maturidade, em 1º lugar as pessoas devem ter a nítida noção de que seus parceiros de vivência carnal são parceiros temporários e que elas já tiveram outros parceiros em outras existências. O que acontece é que muitas vezes uma ligação foi cortada pela morte de um dos cônjuges e a pessoa que ficou encarnada entabula uma nova relação, na verdade esta questão ainda é da mesma sintonia. Qual é a sintonia? Com quem? Como? E isso depende de vários fatores. Uma coisa é certa todos nós somos parceiros uns dos outros, dependendo das circunstâncias podemos ser irmãos, pais, mães, filhos, cônjuges ou, simplesmente, amigos e companheiros de jornada. Essas questões são solucionadas entre os envolvidos nessas tramas conjugais, aí entra em ação ajudas extra-físicas que determinam o melhor para todos, mas aí como em tudo, repetimos a questão é de sintonia.

5. Isso depende do espírito, porém podemos dizer que desde que o espírito esteja desligado do vaso

carnal não há mais nenhuma ligação sensorial dele com o seu veículo de manifestação abandonado. As pessoas devem deixar de preocupar-se com isto, o corpo não lhes pertence, pertence ao mundo, ao plano físico, a terra que o gerou. Desde que o espírito abandonou o vaso carnal, este não tem mais utilidade para ele mesmo, portanto pode ser aproveitado para outras funções, para outros irmãos que necessitam do auxílio dos órgãos em questão. O espírito do doador nada sente, a não ser naqueles casos de grande condicionamento psíquico, em que o espírito acha que o órgão transplantado é seu, daí decorrendo os processos de demência espiritual que nada tem haver com a doação, mas com o baixo nível da consciência extra-física em questão que não percebe que o corpo nunca foi seu, foi apenas um veículo de manifestação na terra, emprestado a ele apenas por uma vivência. Parece duro colocar estas questões assim, mas a realidade é essa, o corpo físico é um vaso carnal apropriado para uma vida, desde que o espírito desgrudou-se do vaso carnal não lhe compete saber aonde seus órgãos foram parar. Deve o espírito ascender, passar para as dimensões correspondentes ao que sua consciência lhe diz. É assim que deve ser.

6. Em quaisquer circunstâncias, é sempre bom prezar as leis da natureza, é sempre bom deixar a natureza seguir o seu curso e agir com correção e ética, as consequências dos atos seguirão a correspondência exata daqueles que gerarem as suas forças pertinentes. Cada ato gera um efeito, cada escolha gera repercussões, nessa questão, cada caso é um caso e depende muito da situação, mas aconselhamos a todos, deixem a natureza seguir o seu curso da melhor maneira possível, a não ser em casos de escolha, onde o profissional de saúde tem que escolher o caso mais viável para manutenção da vida, em detrimento da vida de um outro sem condições, mas isso vai da ocasião, da responsabilidade e da consciência do profissional de saúde, que nunca, em nenhuma circunstância, deve dar ouvidos ao paciente terminal, que passa pela prova necessária ao burilamento da sua consciência.

7. A definição é simples, todos são gêmeos de todos, cada espírito é filho do mesmo Deus, todos são irmãos, todos são gêmeos em essência. O que vocês chamam de almas gêmeas não passa de pura afinidade espiritual, em que consciências que já viveram juntas em outras etapas com grande afinidade, quando encontram-se mantêm essa mesma afinidade, que renovada surge com toda força, parecendo então que aquela alma foi feita para outra, quando em verdade é afinidade que se manifesta, plenamente, nas energias que se atraem.

8. Todos os mentores espirituais são contra a pena de morte, porque ela não mata o delinquente, pelo contrário projeta-o para fora do vaso físico e o mantém agregado a dimensão terrestre por revolta, muitos ficam aderidos aos promotores, juízes, carrascos correspondentes. Em todas as circunstâncias deve se batalhar, veementemente, contra a idéia da pena de morte, que é uma aberração perante os olhos da espiritualidade. Que eduquem os agressores, que trabalhem para a melhoria dos infratores das leis, mesmo aqueles que são doentes de consciência e que cometem atos terríveis, eduquem-nos, coloquem-nos para trabalhos beneficentes, levem-nos para trabalhar perante a natureza, que com suas energias benfazejas poderão melhorá-los de maneira incrível, sadia, benigna, de maneira que o ser humano não pode sequer conceder, que levem esses marginais, esses tráfugas para a natureza e que eles trabalhem, plantem, cuidem de vegetais e assim lentamente consertem a própria consciência, não é matando seus corpos que suas consciências serão educadas, é colocando-os para trabalhar, desenvolvendo métodos seguros, tranquilos, onde eles possam ser retirados do convívio social sadio, mas que eles também recebam ajuda para recuperarem-se, em áreas apropriadas para isso.

9. As consciências extra-físicas vêem a clonagem humana como um avanço da ciência humana, mas vêem isso com preocupação, devido ainda, à imaturidade dos homens da Terra perante essas questões. Essa é uma questão que, ainda, suscita debates até mesmo no plano espiritual, até mesmo entre as consciências extra-físicas e é uma questão que avançará à medida que o homem for evoluindo.

10. Essa é uma pergunta de difícil solução e só mesmo os profissionais, que trabalham na área da justiça, é que poderão desenvolver recursos melhores na aplicação das leis e nos julgamentos. Uma coisa é certa, os advogados, juízes, promotores nunca devem colocar suas emoções no processo, devem julgar devido, segundo as leis estatuídas e apropriadas pelos próprios homens e devem, na medida do possível, modernizar os códigos penais sempre buscando enfoque em cima da consciência, nunca em cima das emoções do momento, nem em cima dos dramas colocados a público, cruamente, nos tribunais. O envolvimento emocional nestas questões é pernicioso, deve haver aí a dinâmica da inteligência com a mente aberta, buscando sempre soluções baseadas no discernimento.

11. Essa é uma questão de difícil solução, e de difícil explicação no momento, não é possível ainda

mensurar a ação das energias na aura humana e no corpo, por isso ainda demorará o tempo em que as marcas energéticas serão provas de crimes na Terra e ainda levará tempo para o ser humano deixar de lado essas abominações, levadas a cabo sob a ação da magia para o mal. As pessoas devem precaver-se dessas coisas, devem precaver-se com a liberação de energias nefastas, pois essas energias retornarão com toda força sobre elas próprias, que libertarem esses monstros energéticos no mundo. Cuidado, meus irmãos, mexer com estas energias requer cuidado, consciência e só o amor é capaz de dissolver as grossas camadas da maldade, projetadas em forma de magia.

12. Na verdade, os direitos autorais pertencem a Deus, o criador de tudo, não dá para comparar a medida extra-física com os direitos autorais do plano físico, pois todos nós consideramos que tudo pertence a Deus e que a divina inspiração pode tocar a mente e o coração dos homens, intuindo-os, inspirando-os a produzirem obras beneficentes, obras dignas que elevem o caráter humano.

13. Essa questão depende de cada consciência que responder. Do nosso ponto de vista, as operações espirituais com cortes e fenômenos ostensivos são desnecessárias, pode-se operar a cura através das energias ou das medicinas alternativas, notadamente a acupuntura e a homeopatia, que são métodos suaves, lentos, mas eficazes e plenamente úteis ao gênero humano.

14. Essa é uma questão também bastante complicada e que merece vários aprofundamentos. Na verdade se a própria consciência envolvida no processo pudesse depor, através de um médium perfeito, isso seria de grande valia para elucidação, no plano físico, dessa questão; que no plano extra-físico, não há dúvida, tudo é percebido na mente da própria pessoa, daí não ser necessário buscar provas, pois as provas estão marcadas na própria consciência, que idealizou e realizou os fatos pertinentes àquela ação. É difícil encontrar um médium nessas condições, que possa estar totalmente integrado com o espírito, para passar todos os detalhes, mas sem dúvida que este seria um ótimo método, para elucidação de vários casos difíceis aí na Terra.

15. Nenhuma, a não ser naqueles casos em que aquela consciência espiritual está apegada ao corpo, psiquicamente, e levando em consideração que sua mente plasma as formas mentais correspondentes ao que ela pensa e elabora o seu clima mental, ela pode propagar formas mentais em torno dela mesma, simbolizando fogo e sentindo as devidas repercussões como se estivesse

sendo queimada. Entretanto esses casos são minoria e depende muito do nível da consciência. Para uma consciência em boas condições, nada irá lhe afetar, a doação de órgãos ou a cremação, pois ela sabe que aquele corpo não é dela, tudo depende do nível de consciência de cada um, mas a cremação, é o processo mais higiênico para a dissolução do cadáver.

Obs.: Pela clarividência, Wagner Borges descreveu o mentor espiritual, que respondeu o questionário, como se fosse um advogado, de terno e gravata, da década de 1960, com expressão bastante austera.

RESPOSTAS DO SANTUÁRIO LUZ E VIDA: Através do seu atual mentor, o médico espiritual Dr. Antônio, entrevistado pelo autor.

1. Nós temos um código perfeito que é o código da “amorosidade”, portanto, ao chegar à colônia espiritual o espírito recém-desencarnado, principalmente, vai ter registrado em todo o seu perfil espiritual as mazelas, as discordâncias e as confusões do plano material. Em chegando no plano espiritual, ele quer fazer valer a voz ou a experiência que é adquirida no plano material. E quando ele chega e se apercebe que a norma é outra, é a norma da amorosidade, em que todos são responsáveis por si mesmos e pelo conjunto, ou seja, cada um de nós não está somente preocupado consigo, mas na nossa participação na coletividade. Isso quer dizer que se nós recebemos um recém-desencarnado e ele está passando pela dor do desencarne, que é muito comum quando se perde o corpo físico, você ainda tem as dores do processo que levou ao desencarne. Então, nós ministramos o atendimento adequado, não apenas nos hospitais, mas a própria recepção. E toda a força que emana de nossos corações, que isso entenda-se os espíritos que lá estão há algum tempo, faz com que caia como um bálsamo sobre as dores daquele recém-chegado. E, quando esse espírito chega com os registros de uma sociedade humana, ele muitas vezes quer

trazer a discórdia, quer exigir direitos que porventura pense ter, nós, através da disciplina, porque a disciplina faz parte do amor ao próximo, nós mostramos para ele que não mais é necessário estes códigos rígidos, porque aqui na espiritualidade ninguém está querendo levar proveito sobre o outro. Ao contrário, a razão da nossa sobrevivência é tão somente o aprendizado que é adquirido através da interação.

Portanto, a pergunta é: temos um código? Não, temos um sistema. E esse sistema onde a lei maior, a regra precípua é o amor. Obviamente que, dentro dessas interpretações, convém registrar que existe uma hierarquia, mas a hierarquia do AMOR. Aqui temos presidentes, juízes e tantos outros superiores? Não, nós temos os superiores em amorosidade. Obviamente que são espíritos que já viveram muito mais, com mais experiência e podem transmitir essas experiências sedimentadas.

2. Não, essas nomenclaturas não são utilizadas (guardião, polícia, etc...). Vamos voltar à resposta anterior: o recém-desencarnado passa por um período de adaptação, até que ele compreenda a sutileza daquela vibração, ele deverá levar um tempo adequando-se. Como é feita essa adequação? Essa adequação será feita da seguinte forma: Espíritos que chegaram anteriores à esses recém-chegados, que já estão adequados (ou semi-adequados), eles recepcionam esses outros espíritos e a partir da convivência, como se formasse uma grande comunidade (família), vamos pensar dessa forma: pai, mãe, filhos e irmãos. O pai e a mãe são os coordenadores daquela equipe, os irmãos a própria equipe. E temos irmãos mais velhos, irmãos intermediários, irmãos mais novos. Os irmãos menores, recém-chegados; os irmãos intermediários recém-adaptados; os irmãos maiores, totalmente adaptados. Então, quando você chega à colônia espiritual, você tem um papel a desempenhar. Após essa passagem, que é a adequação, você já passa a desempenhar o seu papel, que é o de transmitir a sua experiência, o seu conhecimento e a importância da sedimentação desse aprendizado que seria um novo código de conduta onde a amorosidade é a lei maior e tudo que está de acordo com o outro está bem para nós e vice-versa.

Portanto, não precisamos de polícia, nessa acepção terrena, porque não estamos, ali, para vigiar e sim, para educar, para conduzir, para ensinar. E as dúvidas existentes nesse processo são dirimidas assim, como nós estamos aqui conversando, onde o espírito liberto do seu corpo denso, ele tem uma visão muito mais abrilhantada do seu desenvolvimento. Convém ressaltar que algumas escolas, ou algumas colônias de adaptação, onde alguns espíritos estão ainda muito humanizados,

inclusive com uma correlação ainda muito grande com a Terra, nós temos leis mais coercitivas como, por exemplo, tempo maior nas nossas escolas. Mas não temos nenhum sistema punitivo nas nossas escolas porque não precisamos. A punição é feita pelo próprio espírito e não precisamos sobrecarregar a autopunição. Nós estamos ali para dissolver esse sentimento de erraticidade, que muitas vezes vem impregnado no corpo espiritual do recém-desencarnado.

Não, nós não temos cobradores de KARMA. Karma é uma aceção muito sutil de ação. Se eu estou agindo em desacordo com as leis universais, eu estou agindo contra mim mesmo. Então se eu estou agindo contra mim mesmo eu vou ter uma reação. O que ocorre nessas regiões mais densas? Digamos que uma banca de credores e devedores se encontrem, o que acontecerá? Um estará sempre cobrando do outro. Então, todo o tempo estará absorvido nesses direitos que uns pensam ter sobre o outro. Uns pensam que estão ali para cobrar do outro e vice-versa. Nessas colônias a coordenação é feita de uma forma “não-indutiva” e sim estrutural. Digamos que temos conhecimento de cada espírito que está ali e a sua história de vida, então, toda relação de interatividade entre os espíritos estará sedimentada no aprendizado que eles terão. Então, não precisaremos de nenhum guardião porque eles mesmos serão os guardiões. Um será o guardião do outro, até que tenham exaurido completamente essa idéia, esse comportamento.

Dessa forma, não é necessário que guardiões estejam a postos, e sim, orientadores, porque nesse momento em que ele percebeu que está desconectado pode entrar ali e orientá-los. E nesse momento é muito importante que o orientador tenha alguma relação espiritual sobre aquele ser (pode ser o pai, ou mãe, vivenciado alguma reencarnação que tenha alguma projeção de orientação).

3. “Livre Arbítrio”. Resumo a palavra aborto em livre arbítrio, pois, normalmente, quando o espírito reencarna ele tem um consentimento anterior, um contrato anterior, vamos chamar assim dentro da lei humana para melhor compreensão, de resgate simultâneo. Você pode chegar na sua reencarnação e dizer que você não quer mais cumprir esse contrato. É um direito vosso, ainda que não seja o caminho correto é o exercício do seu livre arbítrio.

Bom, toda ação gera uma reação. Portanto, devemos estar prontos para o que vem em função dessa ação. Quando o espírito é abortado, ele é violentado na sua vontade, o seu direito de expressão é totalmente interrompido. Então, você gerou uma reação. O que ocorre? Poderá ser que esse espírito violentado em seu direito de expressão, ou seja o direito de ganhar um corpo nessa casa terrena, desenvolva sentimentos negativos por você.

Nós temos um contrato em que você se compromete a me dar alguma coisa que eu preciso muito, e você sabe que eu preciso, porém, quando chega a data que acordamos fechar esse contrato, você rompe esse contrato dizendo não ser mais da sua vontade, sem a menor preocupação com as minhas necessidades. Obviamente que isso poderá gerar uma reação negativa. Porém, se o espírito que teve o seu direito de expressão interrompido estiver numa esfera diferenciada, pode ser que não haja como esse espírito em débito. Mas ocorre que o universo é regido por leis, onde cada ação tem uma reação (lei do magnetismo). Então, não foi cumprido por esse espírito. Mas a reencarnação é uma lei universal. Então, existe um débito para com o universo. E você, assim como teve o livre arbítrio de escolher não cumprir o contrato, poderá também ter o livre arbítrio de fazer, ou de contrapor, conceder, não sabemos a palavra... compensar o ato com outro ato mais nobre. Isso quer dizer que, no seu registro cromossômico, no seu corpo físico, estará registrado aquela mancha. Isso quer dizer que você terá que fazer um tratamento até se equilibrar definitivamente com o universo.

E esse tratamento será feito através das suas atitudes. Porém, não é determinista. Quem abortou deverá ser abortado. Deverá queimar sob o fogo do inferno. Nós exercitamos apenas o livre arbítrio. O livre arbítrio nos dá o direito de agir como queremos, mas nos dá o dever de assumirmos as consequências.

4. Nenhum dos dois, pois ao desencarnar ela estaria liberta destes relacionamentos. O espírito encarnado visa o aprendizado, os corpos são passageiros. O espírito guarda para si somente as lições saudáveis à sua evolução espiritual. Entretanto, sabemos que os espíritos ficam aprisionados em relações efêmeras e não conseguem se desprender para absorver os verdadeiros objetivos da troca de sexo, masculino e feminino. Quando ela desencarna, ela permanece com a forma da sua última experiência corpórea e a depender do seu grau de conscientização numa “catarse espiritual”, revivendo, mentalmente, como *flashes* de todas as experiências da sua última encarnação. Às vezes quando a pessoa morre, não consegue ter esta “Visão Panorâmica” da vida, pois se cristaliza em uma única cena, vivência ou trauma. Se esta viúva se fixou pelo apego a este último marido, naturalmente, ela será atraída, magneticamente, à colônia espiritual aonde ele estiver residindo, caso ele também esteja pensando nela e deseje este encontro, por força da sintonia vibratória.

5. O espírito está num corpo material, que é um veículo de manifestação nesta dimensão terrena, logo, ao deixar este plano, não necessitaria mais do corpo físico. Entretanto, vale esclarecer que o corpo físico, tem como se fosse uma ressonância magnética com o corpo astral ou perispiritual,

inclusive para cada órgão físico, temos um órgão espiritual. Logo, no momento do desencarne, é preciso que o espírito já esteja, psicologicamente, despreendido do seu corpo físico; caso contrário, você ficará com uma sensação de falta de algo que você não doou, pois se tivesse doado não sentiria falta, portanto é a relação psíquica que você estabelece com o seu corpo físico que dirá se terá consequências danosas ou não. Assim, o trabalho de doação não deverá ser deixado apenas para a hora da morte, mas é um trabalho que deve ser feito conscientemente, durante a vida, para que não exista nenhuma consequência negativa para o espírito do doador.

6. Eutanásia é a abreviação do sofrimento, que tem uma finalidade de aprendizado sobre si mesmo, pois terá mais paciência para refletir suas experiências. O corpo doente fica inerte, então irá pensar sobre as oportunidades que teve durante a vida e esse aprendizado é efetivo. Muitas vezes, quando a pessoa sai do coma, tem atitudes bastante diferentes daquelas que praticava, como resultado desta reflexão, do momento da morte, tendo lhe sido dado uma oportunidade de completar suas experiências. Às vezes, você é levado a compreender em questão de dias o que não compreendeu em milênios, sobre os desígnios do universo, que você é o operador de si mesmo, que gerou tudo ao redor de si, a autoconstrução ou a autodestruição, pois nós construímos a nossa caminhada. Às vezes, não é o paciente em coma que pede a eutanásia, mas a própria família, que não aguenta o sofrimento de ver o paciente inerte na cama do hospital, evitando esta reflexão familiar conjunta, pois o espírito dele está aproveitando este momento de aprendizado, mas a família fica vibrando emoções de piedade e dor, que prejudicou o espírito do doente. Deveríamos sim, dar nossa solidariedade a ele, por estar proporcionando este momento de reflexão. Assim quem tomou a decisão da eutanásia o paciente ou a família, terá a responsabilidade de transferir este aprendizado para a próxima vida.

7. Almas gêmeas é um conceito moderno para espíritos afins, mas sua alma gêmea pode ser seu pai, mãe ou filho; assim, vamos desvincular este conceito de apenas sendo entre marido e mulher, que parece ter sentido meramente comercial, pois o espírito vivencia experiências em corpos masculinos e femininos, mas sua essência é indefinida. O que chamamos de espíritos afins não são espíritos que foram criados juntos, pois todos somos individualidades, mas são aqueles que tiveram grandes vivências juntos, em diversas vidas, por isso capazes de se reconhecerem a si mesmo pelo amor incondicional. A tendência natural da humanidade é de amarmos a todos, incondicionalmente, mas enquanto não temos esta capacidade, vamos procurar aqueles espíritos que têm, uma afinidade

amorosa quase automática, pois nos faz reviver momentos de grande felicidade de outras vidas juntos. As almas gêmeas não necessitam dessa outra para desenvolver-se, não somos metades, masculina ou feminina, incompletas, mas, sim individualidades independentes.

8. A pena de morte não leva a sociedade a pensar, a considerar o ato do condenado. A pena de morte é um alívio temporário daquele problema. O que se diz no campo espiritual de um espírito que desencarna sob a pena de morte? Diz-se que esse espírito teve a sua encarnação abreviada. Porque nenhum espírito está programado para morrer de pena de morte. A pena de morte não é uma “Lei Divina”, é uma lei humana. O homem cria os seus códigos penais e dentro desses códigos penais, acreditam eles estar criando a justiça do homem. Essa justiça, tão somente é a perda do direito de expressão. A pena de morte é a pena máxima onde o sujeito é totalmente coibido no seu direito de expressão que é a VIDA. Quando ele está na prisão perpétua ele perde esse direito de expressão, o direito de ir e vir, o direito de expressar seu pensamento... E o que o espírito que desencarna sob pena de morte, tem como vivência do outro lado?

Em primeiro lugar, um espírito que enreda pelo mal é um espírito que não tem a crença da sobrevivência do espírito. Então, pensa ele que aquele corpo em que ele está naquele momento é o único universo que ele dispõe e a única perspectiva de ação. O que ocorre quando ele desencarna, em que essa percepção é totalmente acordada, absorvida? Em primeiro lugar, ele desencarna com muito ódio. Porque tem sua mente desviada. O direito dele praticar o mal jamais poderia ser interrompido pelo direito do outro em se preservar do mal. Na maioria das vezes, eles se transformam em algozes daqueles que o penitenciaram e se fortalecem nesse sentimento de vingança de maneira que ele se perde em sua caminhada. E a consequência? Uma vez interrompida essa encarnação ele voltará para o final da fila, para novamente ter o direito de reencarnar. E você sabe quantos espíritos estão precisando ou querendo reencarnar? Milhares.

Esse espírito tomará muito tempo para voltar a ter um corpo. Então, passa a se aperceber do corpo do outro. Esse espírito, como consequência desse ato humano, porque a pena de morte não é divina, e nós que conhecemos os aspectos espirituais sabemos que a pena de morte não dá o aprendizado, ao contrário, interrompe. Tira o espírito da sua caminhada, porque ainda que errônea, ainda que desviado, é o caminho dele. Portanto, esse espírito como consequência, e aí respaldam-se as devidas limitações, se transformará num transgressor. Em raríssimas vezes, esses espíritos que desencarnam sob a pena de morte relevam o desejo interrompido de vivenciar a sua encarnação, e aí então vivencia toda a sua experiência passada e absorve o perdão, a redenção.

9. Em primeiro lugar, o corpo que você ocupa pertence a que parte da esfera espiritual? à parte física. Então, ele retorna à parte física. E o espírito não se decompõe, ele não pode estar preso ao corpo. E o fio de prata que ilumina naquele momento em que o corpo é mantido vivo ele sobrevive por uma coisa chamada ectoplasma. Esse mesmo ectoplasma que os espíritos vão buscar no cemitério. Quando você desliga-se do corpo o ectoplasma, que pertence ao corpo físico, não se dissolve momentaneamente. Demora um tempo até reintegrar-se à natureza.

O que ocorre na clonagem? Na clonagem você isola um gen. Nós temos determinados genes, ou cromossomos que se duplicam. Vamos dizer que cada célula do nosso corpo é uma célula par, ou seja, para cada imagem existe um reflexo. Se a ciência soubesse isolar poderia reconstruir ou clonar o corpo humano, só que as características necessariamente não seriam as mesmas. Como por exemplo, todo espírito que passa por um processo de morte retorna diferente. E seria apenas uma reflexão no corpo emocional? Ou uma desaceleração do corpo físico onde uma nova linguagem, ou uma nova leitura expressa nos seus cromossomos. Então, nós encaramos a clonagem humana como previsível, mas necessariamente não o mesmo espírito ocupará aquele corpo. Poderá ser qualquer outro espírito que seja dado o direito de ocupar aquele corpo e cumprir a sua jornada, ainda que ele tenha registradas as mensagens daquele corpo físico.

10. Nós teríamos que humanizar a justiça dos homens, e isso é perfeitamente possível, quando o homem for homem. Quando o homem compreender o que é ser humano. O homem é a imagem e semelhança do Pai, temos o poder de criar, e criar para o bem estar, para o prazer, para a felicidade. Porém, esse mesmo homem que cria tem o poder de destruir. A sugestão nossa para o homem humanizar-se seria conhecer os seus poderes, conhecer a si mesmo, conhecer o seu potencial, saber que é a semelhança divina e tudo que ele cria é possível que dê certo, desde que seus objetivos sejam objetivos divinos. Quando o homem cria a arma o homem quer destruir. Quando um homem cria um remédio ele quer salvar. Ele está utilizando o mesmo potencial na bomba e na medicina. Como o homem consegue usar ao mesmo tempo esses dois potenciais? No momento de uma fusão. Confundindo o bem com o mal sairá um produto que não será bem nem mal. Será tão somente aquele produto, sem rótulos. Porque o bem e o mal são faces de uma mesma moeda. Nós costumamos nos nortear dentro do que entendemos ser humano. Quando o homem conhecer a si mesmo ele estará construindo uma sociedade melhor. Quando nos conhecemos não precisamos ir

até o outro porque nos enxergamos. Enquanto não nos conhecemos lançamos ao outro o desespero de não nos conhecer. Então nos agredimos. Então qualquer pessoa que não esteja do “seu lado” é uma ameaça ao seu equilíbrio. Quando você se conhecer o outro estará em ti, assim como Deus está em nós. Porque tudo mais faz parte de Deus.

11. A simbologia é um instrumento que outras pessoas condensadas, pessoas que estão num grau de conhecimento elementar, necessitam manipular porque essa simbologia é para essa pessoa a arma, ou o instrumento que ela utiliza para materializar uma coisa chamada pensamento. Existem pessoas que não precisam desse tipo de artifício, simplesmente pensam e o outro absorve se estiver na mesma sintonia. Não costumamos dizer que se está na “mesma sintonia”, porque você pode estar pensando em outra onda, você ter em outros corpos ou em outra parte fraquezas. Você não está integralmente ajustado.

Ou a pessoa tem muita raiva, muita inveja, muita vingança. Essa pessoa tem isso e se choca com você; não está pensando nessa mesma coisa, mas você tem um abdômen problemático, você tem um coração problemático. Essa energia atinge você. Para que você esteja bem, seu corpo deve estar bem. Corpo perfeito é a somatização do espírito. Isso quer dizer que você hoje pode estar com a mente equilibrada, mas ainda não eliminou totalmente as mazelas do seu espírito. Um espírito caridoso, mas com o corpo debilitado. É um espírito evoluído, pratica caridade, mas o corpo é debilitado. A alma, sim, é grande. Por que tem o corpo debilitado?

O universo tem leis inexoráveis, uma vez atingidas elas precisam recompor-se. É automático, não existe esse sentido de justiça, bem e mal; existe um sintoma que precisa ser curado. Portanto, a magia negra não atinge pessoa que está fora daquele sintoma. Aquela pessoa que está sem vibrar no mesmo tom, mas está necessitando daquela produção, é uma outra visão de você encarar o mal. O desequilíbrio atrai o desequilíbrio. Entende essa perspectiva? Se não existisse a magia negra não existiria a possibilidade desse espírito recuperar-se. É um médico às avessas. Isso não justifica a existência do mal. Porque quem pratica o mal, faz o mal a si mesmo. Você está atrasando sua caminhada mas está auxiliando, inexoravelmente, a outros companheiros. O universo tem leis perfeitas. Por que a magia negra atinge o outro? Porque está nessa sintonia que nós explicamos. Não é que está com o pensamento vibrando. Pode estar em perfeito equilíbrio mental, mas poderá sofrer as consequências daquilo.

12. Não são deles. O autor não existe mais porque o autor foi uma personalidade. O espírito existe, porém o autor da obra não. Foi uma produção literária vivida e experimentada por uma personalidade que não existe mais. Portanto, não existem direitos autorais. Possivelmente esse espírito não pensa mais do mesmo jeito. Se fosse dizer as mesmas coisas, não diria do mesmo jeito. Logo, a obra literária é um momento de reflexão. O que você produz, você produz para o universo. Os direitos autorais são mercantilistas. Então, se diz direitos autorais porque o que você ganha é dinheiro, e o conhecimento não é comprável. A produção literária não é pagável. Porque o espírito, em seu exercício pleno ele não é de cobrar. Porque é o resultado de sua vivência e do seu experimento. E todos contribuíram para isso porque conviveram com ele no passado e no futuro. Assim, o que ele diz é resultado de todas as suas experiências conjuntas. Essa é a nossa posição acerca dos direitos autorais. Direitos Autorais é mercantilismo. Se você condensar o pensamento e vender o intelecto, intelecto não se vende, intelecto se utiliza, não? É uma dádiva utilizada para a criação. A partir desse exercício teremos condições de criar coisas maravilhosas.

Exemplo de Victor Hugo: As pessoas estão ligadas à uma herança terrena, o nome dá "status". No mundo espiritual não existe isso... Quando esses espíritos desencarnam, eles caminham a maioria das vezes e muitas vezes não estão mais na mesma esfera. Às vezes, aquele é um personagem importante naquela experiência. Porém o espírito caminha, o espírito é dinâmico. Os terrenos estão presos à essas personalidades e atraem naquele momento aquele personagem. Nem sempre quer dizer que a psicografia do espírito é o espírito que se comunica.

13. Isso é mercantilismo. O espírito é alternativo. O espírito não é enquadrado. Não devemos desprezar a medicina ortodoxa; a medicina ortodoxa tem o conhecimento científico. O conhecimento científico quer dizer exaustão, pesquisa, descoberta, o que está faltando à medicina alternativa. Porque, hoje, há uma busca frenética do espírito. Todos querem ver o espírito, querem descobrir onde está o espírito. Por que não? Isso é um direito do espírito. Isso permite que haja equívocos.

Quando o espírito desencarnado se apresenta, ele se apresenta nu, porque ele não tem corpo, então o espírito se apresenta visível nas suas mazelas. Ele não tem um corpo físico, não tem um corpo astral, e não tem um corpo material. Logo, o espírito é nu. O espírito encarnado se esconde num corpo, e para ele descobrir-se atrás desse corpo é necessário quebrar muitas barreiras, muitos

tabus, muitos conceitos que foram construídos ao longo da existência da humanidade. Daqui a pouco, completaremos 2000 anos. Existe toda uma comoção generalizada porque o desespero com a produção humana é muito grande. O homem não suporta o que ele produziu; não suporta a violência, o egoísmo exacerbado, não suporta tudo o que ele construiu. Então o caos está instalado, porque todos perderam o referencial. Portanto, nós vamos buscar referencial novo. O novo é o espírito. Mas não é novo; é velho. Mas, para a humanidade é descoberta nova.

Surge assim as técnicas exotéricas do conhecimento. Qual o significado dessa palavra? Você vai buscar fora de si. Esse você busca fora de você, você traz tudo. Tudo que está do lado de fora. Coloca numa panela e começa a mexer, a receita tem um final. E o que sai da receita pode ser digerido ou não a depender do sabor. Então temos doutrinas para cada sabor. Se você acredita em duende, tem a doutrina do duende. Se você acredita em ET temos a doutrina de ET, etc... Não criticamos. Fazemos um apelo para que o homem, mais rapidamente, tenha uma síntese. A síntese é muito mais próxima do espírito do que o que está fora. Então se estamos buscando o que está fora estamos distantes do que está no espírito. E o centro é a busca das origens. E basta nos avaliarmos que saberemos o nosso potencial. Logo, em relação à pergunta, respondemos que a medicina ortodoxa briga com a medicina alternativa por puro mercantilismo. Existe um detalhe grave: falta de seriedade na busca alternativa. Os mesmos parâmetros científicos ortodoxos podem e devem ser usados na medicina alternativa.

14. Dificilmente esse espírito estaria em condição de dar seu depoimento à essa médium através da incorporação. O que pode ter acontecido é: primeiro, o médium ter o potencial de visitar esse ambiente espiritual onde o espírito provavelmente está (praticava o mal). Portanto, deve estar ligado a pessoas que o alimentavam. Esse médium pode ter ido a esse ambiente e captado as vibrações, possivelmente de ódio, de rancor, de vingança e trazido para o plano terreno. Outra possibilidade é dedução, que é uma faculdade anímica. A partir da análise dos dados, você tem o conhecimento do que aconteceu. É diferente de psicometria. Estamos em um planeta livre em que há emanções dos espíritos, não existe controle sobre elas. Seria ferir o direito de expressão. Esse direito é coibido quando fere-se o direito do outro de se expressar.

15. Nenhuma. A única consequência é se ele ainda estiver apegado ao corpo e sentir todas as etapas da cremação. Mas se não estiver no corpo, nenhuma. O espírito tem um corpo individualizado. O

corpo físico é uma morada temporária. Esse corpo não carregamos, é absorvido pelo planeta. Esse corpo não vai para a espiritualidade porque não faz parte dela.

Portanto, terá consequência, apenas, se o espírito ainda estiver apegado ao corpo. Pois, o espírito está ali vibrando, alimentando-se do ectoplasma e sentirá sim, se está próximo ao corpo.